

Meu Marido

MAFIOSO

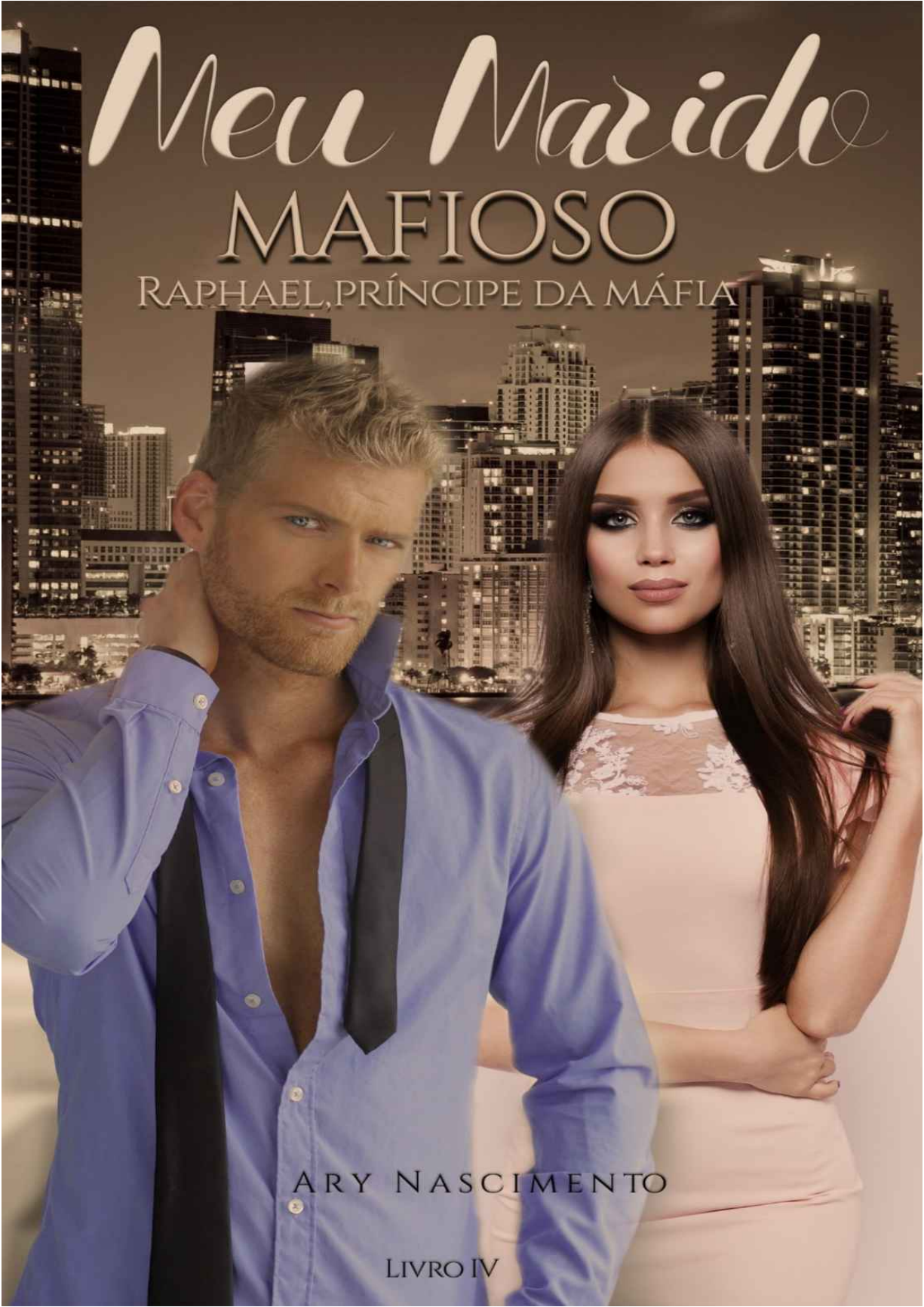
RAPHAEL, PRÍNCIPE DA MÁFIA



ARY NASCIMENTO

LIVRO IV





Meu Marido MAFIOSO

RAPHAEL, PRÍNCIPE DA MÁFIA

ARY NASCIMENTO

LIVRO IV

Meu Marido Mafioso

RAPHAEL, PRÍNCIPE DA MÁFIA

UM ROMANCE DE
ARY NASCIMENTO

SÉRIE CHIEFES DA MÁFIA
LIVRO 4

Publicado independente por Ary Nascimento
Capa: Jota.Capas
Revisão: Jéssica Moura *Ana Terra Bourbon* Christiane Calixto Diagramação digital: E. A.
Capas & Diagramação

Meu marido mafioso
Chefes da máfia - 4
2021
Brasil

Todos os direitos reservados.
São proibidos o armazenamento e/ou a reprodução de qualquer parte dessa obra, através
de quaisquer meios — tangível ou intangível — sem o consentimento escrito da autora.
Criado no Brasil.

A violação dos direitos autorais é crime previsto na lei n°. 9.610/98 e punido pelo artigo 184
do Código Penal.

Aviso da Autora

Esta obra contém situações perturbadoras,
violência, linguagem de baixo calão, conteúdo
impróprio e gatilhos.

Não recomendada para menores de 18 anos.

Esta é uma obra de ficção.

Nomes, personagens, lugares e acontecimentos
descritos são produtos da imaginação da autora.
Qualquer semelhança com nomes e fatos reais é
mera coincidência.

Esta obra segue as regras da nova ortografia da
língua portuguesa.

"Mas chegará o instante em que me darás a mão,
não mais por solidão, mas como eu agora:
por amor."

Clarice Lispector

Sumário [Meu marido mafioso](#)

[Agradecimentos](#)

[Prólogo](#)

[Maria Eduarda](#)

[Capítulo 1](#)

[Maria Eduarda](#)

[Capítulo 2](#)

[Dois meses depois](#)

[Maria Eduarda](#)

[Capítulo 3](#)

[Raphael](#)

[Capítulo 4](#)

[Raphael](#)

[Maria Eduarda](#)

[Capítulo 5](#)

[Raphael](#)

[Maria Eduarda](#)

[Capítulo 6](#)

[Raphael](#)

[Maria Eduarda](#)

[Capítulo 7](#)

[Raphael](#)

[Capítulo 8](#)

[Raphael](#)

[Maria Eduarda](#)

[Raphael](#)

[Capítulo 9](#)

[Maria Eduarda](#)

[Capítulo 10](#)

[Uma semana depois](#)

[Raphael](#)

[Maria Eduarda](#)

[Capítulo 11](#)

[Raphael](#)

[Maria Eduarda](#)

[Capítulo 12](#)

[Raphael](#)

[Maria Eduarda](#)

[Capítulo 13](#)

[Raphael](#)

[Maria Eduarda](#)

[Capítulo 14](#)

[Maria Eduarda](#)

[Raphael](#)

[Maria Eduarda](#)

[Capítulo 15](#)

[Raphael](#)

[Maria Eduarda](#)

[Raphael](#)

[Maria Eduarda](#)

[Raphael](#)

[Maria Eduarda](#)

[Capítulo 16](#)

[Raphael](#)

[Maria Eduarda](#)

[Capítulo 17](#)

[Maria Eduarda](#)

[Raphael](#)

[Maria Eduarda](#)

[Capítulo 18](#)

[Raphael](#)

[Maria Eduarda](#)

[Raphael](#)

[Maria Eduarda](#)

[Capítulo 19](#)

[Raphael](#)

[Capítulo 20](#)

[Raphael](#)

[Maria Eduarda](#)

[Capítulo 21](#)

[Maria Eduarda](#)

[Raphael](#)

[Maria Eduarda](#)

[Raphael](#)

[Capítulo 22](#)

[Raphael](#)

[Bônus Matheo](#)

[Capítulo 23](#)

[Raphael](#)

[Maria Eduarda](#)

Capítulo 24

Raphael

Um mês depois

Maria Eduarda

Raphael

Capítulo 25

Raphael

Maria Eduarda

Raphael

Capítulo 26

Maria Eduarda

Raphael

Capítulo 27

Raphael

Um mês depois

Maria Eduarda

Raphael

Maria Eduarda

Capítulo 28

Maria Eduarda

Raphael

Maria Eduarda

Raphael

Maria Eduarda

Capítulo 29

Raphael

Um mês antes

Momento atual

Capítulo 30

Raphael

Bônus Inácio

Maria Eduarda

Capítulo 31

Raphael

Maria Eduarda

Raphael

Capítulo 32

Raphael

Seis meses depois

Maria Eduarda

Raphael

[Capítulo 33](#)

[Raphael](#)

[Bônus Nina](#)

[Na madrugada](#)

[Bônus Inácio](#)

[Bônus Nina](#)

[Capítulo 34](#)

[Capítulo 35](#)

[Raphael](#)

[Maria Eduarda](#)

[Raphael](#)

[Capítulo 36](#)

[Raphael](#)

[Uma semana depois](#)

[Bônus Lili](#)

[Bônus Nina](#)

[Capítulo 37](#)

[Raphael](#)

[Bônus Lili](#)

[Nina](#)

[Bônus Enzo](#)

[Capítulo 38](#)

[Raphael](#)

[Bônus Inácio](#)

[Bônus Enzo](#)

[Capítulo 39](#)

[Raphael](#)

[Maria Eduarda](#)

[Bônus Inácio](#)

[Raphael](#)

[Bônus Nina](#)

[Capítulo 40](#)

[Maria Eduarda](#)

[Um mês depois](#)

[Raphael](#)

[Maria Eduarda](#)

[Raphael](#)

[Uma semana depois](#)

[Bônus Pietro](#)

[Capítulo 41](#)

[Raphael](#)

[Maria Eduarda](#)

[Raphael](#)

[Maria Eduarda](#)

[Raphael](#)

[Capítulo 42](#)

[Maria Eduarda](#)

[Raphael](#)

[Maria Eduarda](#)

[Raphael](#)

[Capítulo 43](#)

[Raphael](#)

[Algum tempo depois](#)

[Maria Eduarda](#)

[Raphael](#)

[Epílogo](#)

[Maria Eduarda](#)

[Três anos depois](#)

[Raphael](#)

[Naquela mesma noite...](#)

Agradecimentos

Mais uma vez, agradeço a Deus em primeiro lugar.

Agradeço aos meus parceiros que, carinhosamente, estão comigo nessa caminhada. E à minha linda beta Ana Vizentim.

Obrigada às minhas revisoras Chris Calixto e Ana Terra Bourbon que fazem muito mais do que posso agradecer.

Por último, mas não menos importante, agradeço aos meus leitores que são, entre outras coisas, minha fonte de inspiração. Obrigada por cada dia. Obrigada por tudo e por tanto.

Boa leitura
Ary Nascimento

Prólogo

Maria Eduarda

Eu trabalhava como assistente em uma editora e gostava do meu trabalho. O salário não era muito e eu não podia ter luxos, mas ganhava o suficiente para manter minha pequena casinha e me alimentar.

Minha melhor amiga era a Manuella, eu a conheci no orfanato em que fomos criadas. Quando eu fui deixada lá, aos 5 anos, Manu já estava nesse abrigo, ela foi deixada lá ainda bebê e nunca conheceu nenhum familiar. Eu, por outro lado, tive uma mãe, que era incrível por sinal. Apesar de muito pequena, lembro-me bastante dela e de muitos detalhes do nosso curto tempo juntas, inclusive guardo com todo meu amor as duas únicas fotos dela — uma delas com o homem que ela dizia ser meu pai. Na foto, ela o olhava como se ele fosse um rei.

Eu nunca o conheci. Minha mãe dizia que ele era um homem bom e me amava, mas que infelizmente foi tirado de nós quando eu ainda era um bebê. Eu tinha apenas 3 meses de vida quando ele foi assassinado em um assalto.

Na outra foto, minha mãe estava sorrindo tão linda quanto eu podia me lembrar. Uma coisa bem característica de minha mãe é que ela sempre sorria. Mesmo quando estava doente, ela tinha sempre um sorriso e nunca se queixava de nada, era a mulher mais forte que eu já conheci.

Quando ela morreu, apesar de eu ainda ser uma criança, queria morrer também, pois eu não tinha mais ninguém no mundo. Eu estava completamente sozinha, porque minha mãe não tinha nenhum parente vivo e meu pai também não. A dor que eu sentia era tão profunda que a morte me parecia atraente; eu poderia descansar e a dor, enfim, sumiria.

A melhor amiga de minha mãe, que era nossa vizinha, havia prometido que me acolheria e cuidaria de mim após sua morte, e minha mãe deixou-me uma poupança que foi feita para nós pelo meu pai antes de morrer. Era uma quantidade muito boa de dinheiro, que minha mãe sempre guardou pensando no meu futuro.

Essa poupança me sustentaria até eu completar a maioridade e conseguir trabalhar, no entanto, alguns meses depois da morte de minha mãe, a mulher que se dizia sua melhor amiga e que tinha minha guarda e controle da minha poupança, engravidou. A gravidez era de risco, então ela alegou que não poderia mais cuidar de mim e me levou para o orfanato em que me deixou, com a promessa de me visitar toda semana e me buscar quando o seu bebê nascesse.

As visitas nunca aconteceram, e ela muito menos voltou para me buscar. Fiquei no orfanato até completar 18 anos e, quando saí, não sabia o que fazer. Manuella saiu dois anos antes de mim e já tinha arrumado um emprego e se estabelecido, mas sempre ia me visitar no orfanato e dizia que, quando eu saísse, moraríamos juntas até eu também conseguir me estabelecer. E assim eu o fiz.

Com sacrifício, contratamos um advogado para tentar reaver alguma coisa do meu dinheiro, porém a poupança já não existia, e minha tutora tinha morrido. Consegui reaver apenas a casa em que morei. Era um imóvel antigo, necessitado de muitas reformas e que não valia muita coisa, além disso eu não queria mais morar ali, com tantas lembranças. Consegui vendê-la e, com o dinheiro, comprei minha pequena casa, a qual reformei e mobiliei aos poucos.

Quando comecei a trabalhar na editora, Manuella insistiu para que eu permanecesse com ela até que tudo estivesse pronto, mas depois de um ano ela começou a namorar o Hugo, e eu sentia que estava atrapalhando, então me mudei de vez, mesmo antes da minha casa estar completamente mobiliada.

Eu não podia reclamar de nada. Embora existisse um vazio aparentemente infinito em mim, por saber que não existia mais ninguém da minha família nesse mundo, eu tinha uma casa, um

emprego e uma amiga fiel que era como uma irmã para mim. Eu era abençoada, sim.

Capítulo 1

Maria Eduarda

— Duda, me empresta aquela sua jaqueta de couro preta? —
Manuella, minha única e melhor amiga, perguntou.

— É claro que te empresto, você nem precisa pedir.

— Preciso sim — ela falou e piscou para mim, sorrindo.

Nós estávamos nos arrumando para ir ao aniversário do Hugo, namorado dela, que seria em uma das boates mais badaladas da cidade de Nova Iorque. Eu não era uma menina que gostava de baladas, porque o som muito alto e o tumulto de pessoas normalmente me irritava bastante, mas eu sabia que dessa vez não conseguiria escapar de Manu, então cedi e resolvi tentar me divertir um pouco, afinal fazia tempo que eu não saía.

— E aí, como estou? — Manu me perguntou entusiasmada.

— Linda como sempre — respondi e, logo em seguida, também perguntei. — E eu, estou bem? Esse vestido não está curto demais?

— Nada de curto, você está indo para uma balada e não para a igreja. Você está linda, simplesmente maravilhosa. Eu sabia que esse vestido ficaria perfeito em você quando te dei. Foi caro, mas valeu muito a pena, porque hoje você desencalha, garota.

— Não estou interessada nisso. Minha pouca experiência me diz para ficar longe de qualquer homem pelo resto da vida.

— Esquece isso, Duda! O babaca do Brad não pode ser considerado homem, e você não deve se fechar por causa do que ele fez com você, afinal existem muitos caras legais por aí. Pelo amor de Deus, já está criando teia de aranha aí! Faz um ano que você não sai com ninguém e tenho certeza que o sexo que o babaca do Brad te deu foi péssimo, então você precisa de uma nova experiência. Vai dizer que não sente vontade?

É claro que eu sentia vontade de ter alguém. Não necessariamente de sexo, mas de ter alguém para mim, um cara que me amasse e pudesse me dar uma grande família, já que tinha sido sempre somente eu e minha mãe. Até achei que Brad seria esse cara.

Eu o conheci na cafeteria em que Manu trabalhava. Ele era lindo, engraçado e romântico, e eu achava que tinha encontrado o amor da minha vida. Em pouco tempo começamos a namorar. Eu era virgem e ele respeitava a minha decisão, não me forçava a nada, embora eu sentisse o quanto ele queria. Então, eu resolvi transar com ele no dia do seu aniversário e, dali por diante, as coisas começaram a mudar.

Brad ficou menos carinhoso, mais impaciente e começou a criticar tudo o que eu fazia, até que um dia eu saí cedo do trabalho e fui até sua casa fazer uma surpresa, mas por obra do destino a surpresa, na verdade, foi minha ao chegar e encontrar ele transando com uma garota, na cama em que dormimos juntos tantas vezes.

Eu não disse uma palavra, apenas corri dali. Ele tentou de tudo para me convencer a perdoá-lo, mas eu nunca poderia. Até hoje ele não desistiu e, embora eu jamais vá dar a ele uma chance, também nunca mais tive ninguém. Sofri tanto que decidi que eu não queria passar por aquilo nunca mais na minha vida e, quanto mais ele insistia, mais ranço dele eu tinha.

— Vamos, Duda. Hugo já está aqui. Você está meio aérea hoje, hein?! Acorda, menina!

— Vamos, vamos.

Chegamos à boate quase às 10h da noite. O estabelecimento estava lotado e tinha uma fila enorme na porta, mas ao contrário do que pensei, não ficamos na fila, porque Hugo foi até o segurança que estava na entrada, falou alguma coisa com ele e nossa entrada imediatamente foi liberada.

— Quais foram as palavras mágicas que Hugo disse ao segurança? — perguntei no ouvido de Manu.

— Ele é amigo de um dos donos, eu não o conheço ainda. O cara não é daqui, acho que é italiano, mas eles se conheceram em

uma das vindas do Hugo aqui antes de me conhecer e ficaram amigos. Parece que o cara cedeu hoje um camarote com bebida liberada, como presente de aniversário para ele.

— Que legal, pelo menos não seremos amassadas na pista como eu achei. Como diz o ditado: “Quem tem amigos, tem tudo.”

Entramos na boate e Hugo nos levou diretamente para um camarote que ainda estava relativamente vazio, havia apenas três caras e duas meninas. Os rapazes eram amigos de Hugo e não me eram estranhos, então logo que nos viram, vieram nos cumprimentar. Manuella já conhecia todo mundo e logo ficou à vontade com todos.

— Meninas, o que vocês querem beber? Hoje é tudo por conta da casa — Hugo nos perguntou, com um sorriso gigante no rosto. Como sempre, ele estava muito animado.

— Traz duas tequilas para a gente — Manu pediu, empolgada.

— É pra já.

Hugo saiu saltitante e, pouco tempo depois, voltou com os shots de tequila, sal e limão em uma bandeja.

— Duda, vem cá que eu vou te ensinar — Manu chamou.

— O quê? Você pediu essa tequila pra mim? Você sabe que não tenho hábito de beber.

— Por isso mesmo. Você é sempre muito responsável e caretona. Às vezes, só às vezes, é bom extravasar um pouco. Vamos, garota, só hoje!

— Tá bom, só essa, porque eu não estou acostumada.

Fiz como ela me ensinou: coloquei o sal no dorso da mão, bebi o shot de vez e chupei o limão — a bebida desceu rasgando. *Meu Deus, parece álcool puro, como as pessoas gostam disso?*

— Gostou? — minha amiga perguntou.

— Horrível! Deus me livre, nunca mais bebo isso.

— Para de exagerar, Duda, vamos tentar outra coisa então — ela me disse e, em seguida, se virou para o namorado. — Hugo pega uma piña colada para a gente.

Ele trouxe a bebida e, dessa vez, eu gostei, mas não deveria ter deixado Manuella saber disso, porque meu copo não parou mais vazio depois disso.

Eu já estava me sentindo tonta e, apesar do ar-condicionado e do clima que não estava nada quente lá fora, eu suava. Sentei e fiquei distraída, enquanto Manuella ria, escandalosamente, de alguma coisa que Hugo falou no seu ouvido. Eu achei que talvez fosse melhor ir embora, pois certamente Manuella e Hugo seriam os últimos a sair daquela boate, e eu não teria pique para acompanhá-los.

Instantes depois, um pequeno alvoroço na entrada do camarote me chamou a atenção, e vi dois casais entrando. Os caras eram muito bonitos, ambos altos e fortes, com um porte imponente. Um deles tinha a cara mais fechada e, agarrada nele, estava uma mulher que parecia minúscula, mas que era igualmente linda, com longos cabelos castanhos, cara de boneca e um corpão cheio de curvas; era realmente um casal muito lindo. Aquele homem a segurava possessivamente, como se estivesse pronto para atacar qualquer um que ousasse entrar no caminho deles.

O outro tinha uma expressão mais leve e sorridente, e a mulher que estava com ele também era lindíssima, com um cabelo liso preto e um sorriso meigo no rosto. De longe não dava para ver se usavam aliança, mas provavelmente eram casados.

Eu estava distraída, observando os casais, quando meu olhar foi puxado para o cara que estava ao lado da mulher morena. Ele me olhava intensamente, de tal forma que senti meu corpo arrepiar. Ele era tão lindo quanto os outros, mas parecia bem mais novo, também era alto e forte, mas tinha uma expressão mais descontraída e tranquila. Não consegui desviar o olhar e nem ele desviou.

Minha respiração ficou irregular quando percebi que ele vinha andando, decididamente, na minha direção. Ele parecia um cara obstinado, daqueles que, quando quer alguma coisa, pega para si. Meu coração disparou, senti aquele nervoso gostoso no estômago

e, quando ele chegou muito perto, sem tirar o olhar do meu, Hugo nos interrompeu:

— Até que enfim você chegou, cara. Achei que ia me dar um bolo no dia do meu aniversário.

— E aí, cara, parabéns! Claro que eu vim, vocês estão sendo bem tratados?

Ele falava com Hugo, mas olhava furtivamente para mim. *Com certeza esse é o tal amigo que deu o camarote de presente para Hugo comemorar o aniversário.*

— Não vai me apresentar sua namorada e a amiga dela? — o rapaz falou.

— Claro! — Hugo então se virou para nós. — Amor, esse aqui é o Raphael, o grande responsável por essa noite maravilhosa. Raphael, essa é Manu, minha garota.

O cara segurou a mão de Manuella e beijou o rosto dela, em seguida me olhou, dando a deixa para Hugo nos apresentar.

— Essa é Duda, melhor amiga da minha namorada e minha amiga também. Duda, esse é Raphael.

— Muito prazer, Duda — ele falou, estendendo a mão.

Quando senti seu toque, meu coração disparou ainda mais. Tenho certeza de que, se não fosse o barulho da música, todos poderiam ouvi-lo bater.

Que merda de sensação gostosa é essa?

Ele beijou meu rosto, e eu senti seu perfume gostoso, um cheiro forte de homem poderoso. Minha situação só piorava, porque nunca um cara me atraiu tão rápido, nem mesmo Brad provocou isso em mim, assim logo de cara.

— O que vocês estão bebendo? — ele perguntou.

— As meninas, piña colada — Hugo se antecipou em responder.

— Ótimo!

Raphael fez um sinal e, em um segundo, o garçom veio cuidar dos nossos pedidos.

Durante a hora seguinte, Hugo prendeu o amigo em uma conversa, e eu fiquei só olhando tudo. Depois de um tempo, Manu se aproximou de mim e disse:

— Que homem é esse, amiga! Lindo, cheiroso e gostou de você.

— Deixa o Hugo ouvir você falando assim.

— Ele não vai ouvir, e você não pode negar que esse cara é um gostoso.

— Não achei nada demais. Muito loiro, com olhos muito azuis ou verdes, nem sei... Muito forte, alto e cheiroso, com a voz muito grossa e um olhar que dá vontade de tirar a calcinha. Enfim, não me emocionou — falei debochada, tentando parecer indiferente à beleza daquela criatura que parecia ter saído diretamente do céu, ou do inferno, para atentar a vida de todas as mulheres.

Manu deu uma gargalhada gostosa antes de falar:

— Sonsa! Ninguém fica imune a esse cara. Ninguém solteira, pelo menos.

— Tá bom, eu não posso negar, ainda mais quando estou meio alta, mas eu não devo cair na tentação, porque caras muito perfeitos são problema na certa e eu estou fugindo de problemas. Além do mais, não tenho essa certeza de que ele gostou de mim como você diz.

— É claro que gostou, ele não para de te olhar.

Fomos interrompidas pela voz de Hugo nos chamando.

— Ei, meninas, vamos dançar.

Antes de qualquer pensamento meu, Manuella me puxou pela mão e saiu me levando para a parte do camarote onde tinham várias pessoas dançando. Não demorou muito, Raphael se aproximou de mim e nós começamos a dançar.

— Você é daqui? — ele puxou assunto enquanto se mexia, deliciosamente, no ritmo da música.

— Sim e você?

— Sou da Itália. Meus avós maternos moram aqui e ontem foi aniversário da minha avó, então aproveitei que viemos para

comemorar com ela e vim para o aniversário do Hugo.

— Conhece Hugo há muito tempo? — perguntei.

— Bastante tempo, mas depois que ele começou a namorar, deu uma sumida. E você, tem muito tempo que os conhece?

— Conheço Manuella da vida toda e Hugo, faz oito anos, o tempo que ele namora com a minha amiga.

— Entendi. E o seu namorado?

— Não tenho.

— Eu também não — ele falou antes mesmo de eu perguntar.

— Então tudo bem se eu te beijar agora? Porque eu quero muito beijar você, Eduarda — ele falou direto e decidido, com a voz grossa e gostosa.

Ele era um homem cheio de atitude e ficou me olhando, esperando meu consentimento. Eu já estava bêbada, e ele parecia um pouco também, então isso poderia não dar certo, mas, pela primeira vez depois de Brad, eu estava sentindo vontade de beijar um cara. *Por que não?*

Não respondi, apenas puxei-o e começamos a nos beijar.

Raphael tinha um beijo forte e urgente, mas nunca deixando de ser delicado. Nossos lábios se tocavam ávidos, num beijo de tirar o fôlego, e meu corpo todo estava pegando fogo. Eu podia sentir a ereção dele na minha barriga, e eu estava gostando de saber que ele me queria, porque eu também o queria.

O beijo ficava cada vez mais urgente, mas só paramos quando uma voz grossa, se sobrepondo à música, nos interrompeu.

— Raphael, nós já vamos embora, imagino que você vá ficar — falou um dos homens que chegou com ele.

Olhei para eles com o rosto queimando de vergonha, e a menina ao seu lado, parecendo perceber meu constrangimento, sorriu para mim docemente.

— Eu vou ficar, Pietro.

— *Okay*, estamos indo, então.

— Mia e Romeu também vão?

— Na verdade, eles já foram — o tal Pietro respondeu.

Eles já estavam saindo, mas a mulher nos surpreendeu perguntando ao Raphael:

— Cunhado, não vai nos apresentar a sua amiga?

— Ah, claro. Duda, esse é Pietro, meu irmão. E essa é Amanda, esposa dele.

— Prazer, Amanda e Pietro.

A moça abriu um lindo e meigo sorriso, apertou minha mão e me deu dois beijinhos. *Gostei dela*. O marido era mais contido, apenas apertou a minha mão, mas não chegou a sorrir.

— O prazer é nosso, Duda — Amanda disse pelos dois.

— Bom, nós já vamos, Noah deve estar sentindo nossa falta — Pietro falou.

— Tudo bem, até mais — Raphael respondeu, e o casal sumiu no meio da multidão.

— Sua cunhada é muito simpática e bonita.

— Ela é, e meu irmão morre de ciúmes dela. Você precisa conhecer o bebê deles, meu sobrinho Noah, ele está em casa com a minha avó. Vou te mostrar uma foto.

Raphael pegou o celular e me mostrou a foto de um garotinho.

— Nossa, muito lindo! Qual a idade dele?

— 3 anos. É um carinha muito especial. E tem também o meu outro sobrinho Chase, muito lindo também, olha.

— Os dois são lindos mesmo.

Eu sorri e, de repente, ele me olhou com o semblante mais sério.

— Seu sorriso é lindo e eu quero muito sair daqui com você. Vamos?

— Para onde? — perguntei.

— Eu tenho um apartamento aqui perto, nós podíamos ir pra lá, teríamos mais privacidade e poderíamos nos conhecer melhor.

— Não sei. E se você for um psicopata?

— Bom, eu posso ser muitas coisas, mas psicopata não é uma delas. Essa noite você estará segura comigo. Então, o que me

diz? Prometo que vai valer a pena.

Sem pensar muito, movida pela química irresistível que eu senti por ele e, claro, pelo álcool nas veias, aceitei. Eu não era de fazer essas loucuras, mas hoje eu estava me permitindo.

— Vamos, só preciso avisar a Manuella.

— Tudo bem.

Fomos até onde minha amiga estava e Raphael foi falar diretamente com Hugo, enquanto eu puxei Manu mais para um canto.

— Vou para o apartamento dele, você acha que sou louca?

— Claro que não, ele não é um desconhecido. Hugo falou que ele é de confiança e de uma família muito rica na Itália. O pai dele é um empresário muito influente por lá, então acho que você encontrou seu príncipe encantado. Aproveita, amiga, você merece.

— Para de viajar, Manu. Raphael é rico e bonito, deve ter todas as garotas aos seus pés. Ele me quer só por essa noite, mas mesmo assim vou aproveitar, e me permitir, mesmo que amanhã, quando o efeito do álcool passar, eu me arrependa.

— É assim que se fala, garota! Me liga amanhã, quero saber de tudo.

— Tá bom.

Dei um abraço em Manu e saí de mãos dadas com Raphael. Quando chegamos nos fundos da boate, um homem rapidamente trouxe um carro para ele, e eu fiquei grata porque, ao contrário do clima lá dentro, aqui fora estava um frio congelante. Eu achei que o cara que trouxe o carro era o manobrista, mas ele não desceu do veículo quando parou, e Raphael abriu a porta de trás para mim e entrou ao meu lado. O cara era, na verdade, seu motorista. Para meu espanto, havia outro homem sentado no banco do passageiro. *Ele deve mesmo ser muito rico para precisar de tanta segurança.*

Rapidamente chegamos a um edifício luxuoso e entramos na garagem. O motorista desceu do carro primeiro e, em seguida, abriu a porta de Raphael e nós saímos. O cara que estava no carona também desceu imediatamente.

Raphael segurou minha mão e me conduziu até o elevador. Os dois seguranças iam entrar junto, mas Raphael os advertiu.

— Vocês vão no próximo.

Eles acenaram no momento em que a porta do elevador se fechou. Tudo aquilo era muito exagerado para mim, afinal nós estávamos em um bairro tranquilo, não havia necessidade de tanta segurança ali.

De repente, Raphael me puxou para bem perto de si e não parou de me beijar e me agarrar. Dava para perceber que ele era bem safado e gostoso também. Suas mãos eram enormes e eu adorava homens com mãos grandes, isso me deixava louca.

Entramos nos agarrando em seu apartamento, derrubando tudo ao nosso redor e tirando nossas roupas também. Nosso beijo foi ficando mais intenso, quase doloroso de tanto desejo que eu sentia por ele. Pulei no seu colo, enroscando minhas pernas em sua cintura, e Raphael me segurou com facilidade. Ele foi andando agarrado comigo e entrou em um quarto.

Eu já estava pegando fogo quando ele me deitou na cama, ficando por cima de mim, sem interromper nosso beijo. Depois de um tempo, ele largou minha boca apenas para beijar meu pescoço, e isso me deixou toda arrepiada. Ele era, sem dúvida, um cara muito experiente.

Raphael parou para tirar meu sutiã, e eu não me senti envergonhada com o olhar que ele me deu, pois era como se eu pertencesse a ele, como se esse direito fosse dele. Depois de alguns segundos me admirando, ele desceu os lábios quentes e macios até meus seios e, enquanto chupava um, massageava com a mão o outro. Eu arqueava o corpo de prazer, querendo muito mais, e ele me deu.

Depois de dedicar um tempo aos meus seios, Raphael foi descendo os beijos pela minha barriga, depois beijou minhas coxas e, então, abriu totalmente minhas pernas. Eu fiquei completamente arreganhada e exposta para ele, mas não me importei, porque naquele momento eu ansiava pelo seu toque mais do que tudo.

Quando eu senti sua boca na minha vagina, pensei que ia morrer de prazer e soltei um gemido doloroso. Aquele era um prazer intenso, como eu jamais tinha sentido. Eu nunca tinha visto Raphael, mas era como se não fosse a primeira vez que estávamos ali, naquela situação. Era como se nos conhecêssemos da vida inteira.

Ele segurava fortemente nas minhas coxas, enterrava a língua dentro de mim, e eu arqueava o corpo fazendo esforço para não gritar de prazer. De repente, uma sensação poderosa foi se construindo, uma sensação forte e latente que apertava tudo dentro de mim, e meu corpo explodiu em um orgasmo intenso e delicioso. Nesse momento, foi impossível controlar meus gemidos de prazer, eu não tinha mais qualquer controle sobre mim.

Depois de me sugar até a última gota, Raphael subiu o corpo e sussurrou no meu ouvido:

— Eu não aguento mais, preciso me enterrar em você, agora.

Eu assenti ainda ofegante, e ele guiou seu membro para minha entrada. Eu estava encharcada, mas ainda assim senti sua cabeça forçando para entrar. Tentei relaxar para que ele pudesse me invadir, então senti seu pau me penetrando e a sensação foi tão maravilhosa que fechei os olhos.

— Olha pra mim enquanto eu fodo você — ele falou, bruto, deixando-me ainda mais molhada.

Eu abri os olhos, dando de cara com um olhar intenso me encarando. Seus olhos pareciam meio verdes, meio azuis, eu ainda não tinha conseguido decifrar.

— Você é quente e apertada pra caralho, parece o paraíso, porra.

Quando já estava completamente dentro de mim, ele se mexeu suavemente, em um vai e vem torturante e delicioso. Eu queria fechar os olhos para aproveitar ao máximo aquela sensação, mas a intensidade daqueles olhos nublados de prazer me olhando não permitiam. Eu estava vidrada nas reações dele.

Os movimentos foram ficando mais e mais intensos, fortes e brutos, nossas respirações mais ofegantes e nossos corpos se

perderam um no outro. Ele segurou minhas pernas embaixo dos joelhos, abrindo-me mais para ele, e meteu mais forte. Eu gemia descontroladamente e tremia querendo gozar outra vez.

— Goza pra mim, Eduarda, goza no meu pau — ele falou assim que percebeu.

E eu gozei sem nenhum pudor. Nunca senti tanto prazer na minha vida. Fiquei completamente louca e perdida de tanto prazer, com meu corpo todo tremendo e gemidos altos escapando de mim sem que eu pudesse ter qualquer controle. Minha vagina apertava o pau de Raphael, e ele estava perdendo o controle também, porque sua respiração ficou mais ofegante e os gemidos saíram de sua boca. Ele estava gozando também.

Seu corpo caiu relaxado em cima do meu e, apesar de pesado, era a melhor sensação do mundo. Naquele momento, eu me senti protegida e completa e, sem que eu percebesse, adormeci.



Antes mesmo de abrir os olhos ao acordar, imagens da noite anterior vieram à minha cabeça. Eu não estava na minha cama, estava na do Raphael. Como se não bastasse a vergonha, uma dor de cabeça já estava me matando. *Pior que a ressaca física, é a ressaca moral.*

Abri os olhos devagar e me deparei com um quarto vazio. No mesmo instante, sentei-me na cama, rápido demais, e me arrependi, pois minha cabeça martelou ainda mais forte e, por um momento, sentime um pouco zozna.

Levantei rápido, aproveitando para escapulir dali, e saí do quarto enrolada com o lençol. Andei pelo apartamento tentando fazer o mínimo de barulho possível e fui à procura do meu vestido. Quando cheguei à sala, vi que Raphael estava me observando da sacada, tomando um café.

— Oi, bom dia! — ele me cumprimentou, com a fisionomia mais séria do que no dia anterior.

— Bom dia! — respondi, disfarçando a intenção de sair sem ser vista.

Eu estava mortalmente envergonhada, porque transei com um único cara na vida e, de repente, amanheci na cama de um quase estranho. *Nunca mais eu vou beber!* Eu não era esse tipo de garota, não servia para o casual, mas para ser honesta comigo mesma, não foi a bebida que me levou até ali.

Eu sabia exatamente o que estava fazendo e sabia que não era certo, mas simplesmente não resisti. Ainda assim, eu precisava ir embora dali. Eu tinha consciência de que aquilo tudo só duraria uma noite, porém me sentia estranha em ter que me despedir dele, então achei melhor acabar com aquilo de uma vez.

Enquanto eu pensava em dezenas de formas para agir, Raphael colocou a xícara na mesa, andou na minha direção e, quando segurou no meu braço, eu me assustei.

— Calma, eu não mordo. Quer dizer, não assim, do nada — ele falou, fazendo piada e me deixando vermelha.

— Eu... Eu... Onde é o banheiro? — perguntei.

— Aquela porta ali. Fica à vontade e relaxa, Eduarda.

— Obrigada.

Saí correndo em direção à porta que ele me indicou e, no meio do caminho, o lençol caiu e eu fiquei completamente nua. Imediatamente, peguei o lençol do chão, segui para o banheiro e, ao entrar, respirei aliviada. Eu precisava voltar para minha casa e tentar esquecer tudo isso, embora minha loucura tivesse valido a pena. Não me arrependo, porque foi maravilhoso e, certamente, inesquecível, mas agora eu estava morrendo de vergonha.

Tomei um banho rápido, escovei meus dentes com a escova dele e saí do banheiro enrolada na toalha para buscar minha roupa. Quando cheguei na sala, Raphael estava com outra xícara na mão e me ofereceu. Ao invés de pegar a xícara da sua mão, eu fiquei babando nele igual a uma faminta e pensando o quanto ele era ainda mais lindo durante o dia.

— Aqui, toma um café. Não tem muita coisa aqui pra te oferecer, porque só eu e meu primo usamos este apartamento, não

tem quase nada na dispensa.

Segurei a xícara e bebi o café rápido, quase queimando a boca, em seguida devolvi a xícara para ele e falei:

— Vou colocar a roupa para ir embora.

— Calma, Eduarda. Você está elétrica, por que isso agora?

— Não estou acostumada com essas coisas.

— Que coisas?

— Dormir na casa de um cara que eu conheci há poucas horas. Eu nunca tinha feito isso antes.

— Nunca? Isso é comum para muitas meninas, então relaxa que eu não vou te julgar por isso. Você está arrependida?

— Não, só com vergonha.

— Não precisa ter vergonha de mim. E que bom que não está arrependida, porque eu não posso levar você pra casa antes de te sentir outra vez, ainda não matei totalmente a minha vontade de você. Sinto muito, gatinha, mas eu ainda te quero.

Putá merda!

Depois de falar isso, ele veio até mim e me beijou. Eu me derreti nos braços dele outra vez e, em um minuto, estava completamente nua na sua cama, outra vez. Dessa vez, muito consciente de tudo e absorvendo cada minuto.

Raphael era gentil e bruto ao mesmo tempo, o que me levou à loucura. Eu não tinha muito com quem comparar, mas ele sem dúvida era um homem delicioso. Dificilmente outro homem me faria sentir o que eu estava sentindo com ele.

Quando terminamos, ele deitou ofegante ao meu lado, e eu não tive forças nem para abrir os olhos.

— Você é ainda mais deliciosa do que eu me lembrava — ele disse.

— Você também.

— Vem, vamos tomar banho — ele falou e levantou completamente nu.

Conduziu-me até o banheiro, e eu fui de boa vontade. Ele tirou a camisinha, deu um nó e jogou na lixeira do banheiro, depois

tomamos um longo banho.

Raphael insistiu em me levar para casa e quando saímos na porta do apartamento, os seguranças já estavam esperando.

— Tantos seguranças sempre te acompanhando, estou me sentindo no filme *Um príncipe em Nova Iorque*.

— Acredito que eu não tenha nada de príncipe — Raphael falou brincando e riu —, talvez o príncipe da máfia e só.

— Engraçadinho.

No caminho, ele mandou o motorista parar em uma cafeteria e nela tomamos um farto café da manhã. Enquanto comíamos, percebi que ele estava mais pensativo e menos brincalhão do que no dia anterior. Raphael me olhava muito, falava pouco, e apesar de eu também não saber o que falar, não desviava o olhar.

Minutos depois, voltamos para o carro e, quando chegamos em frente à minha casa, ele desceu para se despedir.

— Estou voltando daqui a pouco para a Itália, mas quando eu vier a Nova Iorque, gostaria de te ver novamente. Você me dá seu número?

— Tudo bem.

Passei meu contato, mas ele não me deu o dele e eu também não pedi.

— Foi uma noite ótima. Obrigado por tudo e até qualquer dia, princesa Maria Eduarda. Eu vou te ligar, me aguarde.

— Eu também adorei, Raphael. Obrigada.

Ele sorriu, piscou e me deu um beijinho rápido, depois entrou no carro e foi embora. Meu coração bobo apertou no peito. *Será que eu o verei outra vez?*

Capítulo 2

Dois meses depois

Maria Eduarda

O som do despertador me acordou. Eu me arrastei da minha caminha quente e aconchegante e levantei para mais um dia de trabalho. Tomei banho, depois um café e saí de casa.

Assim que cheguei ao trabalho, percebi que o local estava quase vazio e com um clima estranho, alguma coisa estava acontecendo.

— Eduarda, que bom que você chegou. Venha até minha sala, preciso falar com você.

— Claro.

Anna, minha chefe, foi andando para a sala dela e eu a segui.

— Sente-se por favor — ela falou, indicando uma cadeira à sua frente, e se sentou na dela.

Nesse momento, comecei a ficar apreensiva.

— Quero que saiba que estou muito satisfeita com o seu trabalho, você aprendeu tudo muito rápido e, apesar da sua falta de experiência, sempre foi muito dedicada, inteligente e responsável com seus horários e obrigações, mas, infelizmente, as notícias não são boas. A editora está fechando as portas e não poderei mantê-la aqui. Eu terei o maior prazer em recomendá-la a quem quer que seja, Eduarda.

— O quê? Como assim? Eu achei que estava tudo bem.

— Nós estamos lutando contra uma crise financeira já faz tempo. Tentamos de tudo para manter nossas atividades, mas não foi possível, eu sinto muito. Vou te dar uma carta de referência e, por causa da falência, não poderemos te pagar mais do que o salário desse mês. Eu realmente sinto muito.

Eu fiquei sem palavras. *O que eu farei agora? Sem um trabalho, como irei me sustentar, meu Deus?*

Eu precisava arrumar outro emprego rápido, mas não tinha muita experiência, afinal só tinha trabalhado nessa editora. Eu fiz

um curso de maquiagem profissional há algum tempo e até fiz alguns trabalhos aleatórios, mas não o suficiente para viver disso.

Como nada na minha vida foi fácil, eu sabia que poderia demorar, mas eu sairia daquela situação. O importante era não me desesperar, pois ficar ali me lamentando não adiantaria.

— Tudo bem, Anna. Eu agradeço muito a oportunidade que você me deu, porque aprendi muito com você no tempo em que estive aqui. Eu não sabia nada quando entrei e você foi muito generosa em me ensinar. Obrigada por tudo.

Minha chefe levantou da cadeira, encerrando o assunto, e eu também levantei. Ela me deu um rápido abraço e disse para eu ir no RH acertar as contas.

Uma hora depois, eu saí da empresa, desnorteada e sem saber o que fazer. Fui andando, meio sem rumo, até chegar ao café em que Manuella trabalhava.

— Oi — falei, aproximando-me do balcão onde Manu estava, e sentei desanimada.

— Ei, menina, que cara é essa? Você está bem?

— Estou desempregada, Manu. A editora faliu.

— Ah, Duda, sinto muito. Talvez eu consiga alguma coisa aqui pra você, vou falar com a Lucy — Manu falou. Ela sempre tentava me ajudar.

— Tudo bem, obrigada. Estou aceitando qualquer coisa, não posso me dar ao luxo de ficar sem trabalhar.

— Toma, bebe esse chocolate quente. Está muito frio hoje, vai ajudar a te aquecer.

Minha amiga me entregou uma caneca e saiu para atender alguns clientes. Tomei um gole do chocolate e, na mesma hora, senti meu estômago se revirar completamente e uma náusea forte que me deixou até zozza. Olhei para o lado em que ficava o banheiro e, rapidamente, avaliei minhas opções. Eu teria que atravessar todo o salão da cafeteria — que estava cheio — ou eu poderia correr para a rua. A segunda opção seria muito mais rápida e foi o que eu fiz.

Corri em direção à porta de entrada e só tive tempo de chegar à calçada até vomitar tudo o que eu tinha no estômago. Quando terminei, olhei ao redor e vi algumas pessoas torcendo o nariz, com nojo, e outras com cara de pena. Não voltei para me despedir de Manu, apenas fui andando para casa o mais rápido que pude.

O vento gelado cortava meu rosto, mas ao mesmo tempo trazia um certo alívio ao meu estômago agitado. Uns trinta minutos depois, entrei em casa, tomei banho e deitei na cama. Eu me sentia perdida, sem saber o que fazer, então me permiti chorar até pegar no sono.

Acordei, muito tempo depois, com meu celular tocando.

— Oi — falei.

— *Onde você se meteu, Maria Eduarda? Eu estava preocupada aqui. Você saiu correndo e não falou nada, garota.*

— Desculpa, Manu. Eu não estava muito bem, então vim para casa e acabei dormindo.

— *Não fica assim, amiga. Acho que tenho uma notícia que pode te animar* — ela falou e esperou minha reação, mas eu não tive curiosidade alguma. — *Raphael está vindo pra cá na sexta-feira.*

— Eu não quero vê-lo, Manu. Tenho coisas mais importantes para pensar agora, como arrumar um emprego, por exemplo. Raphael foi um momento de insanidade que não vai se repetir, porque eu não tenho tempo para isso agora. Ele nunca me ligou, como disse que faria, então provavelmente também não quer me ver.

— *Calma, Duda. Ele mora muito longe, mas é um cara legal e eu sei que você gostou dele e que se deram bem. Que mal tem em repetir a dose?*

— Eu não quero e isso não agrega em nada na minha vida. Além do mais, depois ele vai embora e eu vou continuar aqui, desempregada e sozinha. Essa é a minha realidade agora, Manuella, e eu preciso focar nisso, não posso gastar tempo e nem energia pensando em homem.

— *Tudo bem, você quem sabe. Eu tenho que desligar porque tem clientes aqui, depois a gente conversa melhor.*

— Okay.

Desliguei o telefone e fiquei deitada na cama, pensando. Raphael nunca me ligou e eu não tinha o telefone dele, mas, mesmo que eu tivesse, também não teria ligado, não era uma oferecida. Ele poderia ter a mulher que quisesse, então é claro que não ligaria, ele falou aquilo porque não tinha o que dizer.

Eu não podia ter raiva dele, afinal sabia que seria só uma noite, entretanto ele não saiu da minha cabeça desde então. Deitada sozinha na minha cama, eu o desejei todas as noites. Não pude esquecer a sensação daquela boca e daquelas mãos em mim, mas não era só isso, aquele olhar verde-azulado também não saía da minha cabeça, tampouco eu era capaz de esquecer seu cheiro.

Raphael foi embora, mas a lembrança dele ficou em mim e tudo o que eu não precisava agora era nutrir esse sentimento encontrando-o outra vez. Nós transaríamos novamente, depois ele iria embora deixando um pouco mais dele em mim, e eu ficaria aqui, sentindo sua falta e do que ainda poderíamos viver. *Não! Eu não preciso disso.* Eu precisava me concentrar e seguir em frente, arrumar um emprego e esquecer Raphael, por mais tentador que fosse revê-lo, depois seria pior.

Levantei da cama, tomei banho e fui preparar meu almoço. Mal coloquei a primeira garfada de comida na boca e precisei correr até o banheiro para vomitar o pouco que tinha no meu estômago.

Que merda está acontecendo comigo? Só falta mesmo eu ficar doente agora.

Desisti de comer e voltei para a cama. Liguei a televisão, mas não consegui me concentrar em nada que passava. Acabei cochilando novamente, talvez dormir fosse minha fuga.



A semana passou e foi péssima para mim. Eu não conseguia comer, porque tudo me enjoava, e provavelmente tinha emagrecido.

Eu estava pálida e abatida, se continuasse assim precisaria ir a um médico.

Eu tinha saído a semana toda, espalhando currículos em várias empresas, na esperança de que alguém me chamasse e, quando isso acontecesse, eu precisaria estar com saúde.

À noite, minha campainha tocou, era Manu.

— Nossa, você está com uma cara péssima. Ainda se sente mal?

— Os enjoos vêm e vão e não tenho conseguido comer praticamente nada, acho que é devido ao estresse.

— Eduarda, você já pensou na possibilidade de estar grávida?

— O quê? Claro que não, está maluca? Eu nem transo.

— Mas você transou com Raphael. Já menstruou depois disso?

— Não, mas minha menstruação é desregulada, nunca veio certinha.

— Vocês usaram camisinha, Duda?

— Na segunda vez, de manhã, eu me lembro dele tirando a camisinha para jogar fora. Na primeira vez, nós estávamos muito bêbados, eu realmente não lembro, mas se ele usou uma vez, provavelmente usou na outra também.

— Isso não quer dizer nada. Você precisa fazer um exame de sangue.

— Eu não estou grávida, Manuella.

— Isso é o que nós vamos ver, Maria Eduarda. Eu vou dormir aqui e amanhã vamos juntas ao laboratório.

Fui dormir com uma sensação de estrangulamento no meu peito, puro medo. *Eu não posso estar grávida.* Era só o que me faltava acontecer, não podia ser.

Acordei de manhã, mais uma vez enjoada, e vomitei antes mesmo de tomar banho. Enquanto isso, Manu preparou um café para mim e, felizmente, ele parou no meu estômago.

Saímos de casa e fomos direto para o laboratório. Após alguns minutos de espera, colheram meu sangue e a enfermeira me avisou que o resultado estaria disponível em duas horas.

Manuella precisava trabalhar, e a cafeteria era perto do laboratório, então fomos para lá, fazer hora até o exame ficar pronto. Duas horas depois, eu retornei ao laboratório para pegar o resultado, mas não tive coragem de abri-lo. Fui para casa, tomei banho e me vesti tranquilamente, depois sentei na minha cama e abri o exame.

Logo abaixo do meu nome a palavra "positivo" parecia gritar comigo. *Meu Deus, estou perdida! Que merda eu fiz com a minha vida?* Eu não sabia o que eu faria, grávida de um quase desconhecido e, ainda por cima, desempregada. Deus estava me castigando pela minha falta de responsabilidade e por ter sido tão fácil naquela noite.

Chorei, deitada na cama, desesperada com os últimos acontecimentos e sentindo falta da minha mãe. Queria que ela estivesse aqui comigo, para me abraçar e me dizer que ficaria tudo bem, mas ela não estava. Ninguém estava ali comigo, afinal eu sempre fui sozinha. Manuella era uma grande amiga, mas tinha a própria vida para se preocupar, e eu não tinha ninguém, mas nesse momento tinha um bebezinho em quem eu precisaria pensar.

Chorei, chorei e chorei. Passei o dia todo na cama chorando. Manuella me ligou algumas vezes, porém não a atendi. Eu sabia que era maldade fazer isso com minha amiga, mas eu não queria falar com ninguém, só queria continuar chorando até lavar minha alma.

Minutos depois, caí no sono, exaurida e sem forças, de tanto chorar.



No dia seguinte, acordei com a campainha tocando insistentemente. Já imaginava quem seria, então do jeito que estava — descabelada e de pijama —, fui atender.

Manuella entrou com uma cara brava, que suavizou assim que ela me olhou.

— Pela cara inchada e vermelha, não preciso nem perguntar sobre o resultado do exame. Você está grávida!

Eu não consegui responder, apenas chorei novamente. Minha amiga me abraçou e me levou até a minha cama, onde nos deitamos e eu pude me desmanchar em lágrimas no seu ombro.

Quando eu já estava mais calma, Manu falou:

— Raphael está aqui, em Nova Iorque. Hugo o encontrou ontem e ele perguntou por você, disse que ia te ligar hoje.

— Eu não quero falar com ele.

— O quê? Você está louca, Duda? Ele precisa saber que vai ser pai, você não fez esse filho sozinha.

— Não sei se quero contar. Ele vai achar que sou uma aproveitadora, além disso, tenho certeza de que ele não quer ser pai.

— Ele não pode pensar assim. Se não quizesse ser pai que colocasse a porra da camisinha. A responsabilidade é mais dele do que sua, então não é justo você arcar com isso sozinha. De qualquer forma, ele tem o direito de saber. Você não conheceu seu pai e sabe como é ruim. Acha certo fazer isso com seu filho?

— Você está certa sobre o bebê ter o direito de saber quem é o pai, mas a culpa é nossa, igualmente. Eu preciso de um tempo, pois ainda não digeri a ideia, mas assim que eu criar coragem vou procurá-lo.

— Duda, aproveita que ele está aqui e fala pessoalmente. Raphael vai embora amanhã à noite, então o ideal é você falar logo. Quando ele te ligar, marque alguma coisa e conte tudo de uma vez.

— Eu vou tentar.

— Você precisa me prometer que vai fazer isso.

— Manu, desculpa, mas você pode me deixar sozinha, por favor?

— Eu vou, mas não se esqueça, você precisa contar pelo bem do bebê.

Manuella foi embora, e eu continuei deitada, pensando na vida. *Como eu contarei isso ao Raphael?* Ele nem me conhecia, com certeza pensaria as piores coisas de mim e, ainda por cima, eu estava desempregada. *Como vou sustentar a mim e a essa criança?*

Eu não conseguiria um trabalho, afinal ninguém contrataria uma grávida, e mesmo que eu não dissesse essa informação, a omissão duraria pouco, porque a barriga logo cresceria e seria impossível esconder.

Com muito sacrifício, me levantei da cama para tomar banho e tentar comer alguma coisa. Eu estava muito fraca, mas não podia ficar assim. Felizmente consegui comer um sanduíche de frango sem vomitar e, quando terminei, aproveitei para lavar a louça.

Meu telefone tocou com um número desconhecido, e eu gelei. Enxuguei as mãos enquanto controlava minha respiração e, só depois de alguns toques, atendi.

— Alô.

— *Eduarda, sou eu, Raphael. Tudo bem, princesa?* — ele me cumprimentou alegremente, mas se soubesse a bomba que eu tinha para contar, certamente não estaria sendo tão gentil.

— Oi, Raphael. Tudo bem e você? — respondi com a voz e as mãos trêmulas, mas tentando demonstrar uma calma que eu não tinha.

— *Estou bem melhor agora. Eu queria te ver, o que você acha?*

— Tudo bem, eu queria mesmo falar com você.

— *Se você estiver em casa, eu posso te buscar.*

— Pode chegar em uma hora, então.

— *Combinado, até mais.*

Desliguei o telefone e todo meu corpo tremeu de nervoso. Eu já tinha tomado banho há pouco tempo, mas tomei outro porque precisava relaxar. Coloquei uma roupa confortável, fiz uma maquiagem leve, pois estava com uma cara péssima, e sentei na cama para esperar. Pouco tempo depois, a campainha tocou e fui abrir a porta.

Lá estava ele, encostado no carro, usando óculos escuros e sorrindo suavemente para mim. Ele estava ainda mais lindo do que eu me lembrava. *Esse é o homem mais lindo que eu já vi na vida e é o pai do meu filho, porra.*

— Oi, Raphael — falei, com o coração batendo muito forte.

— Oi, Eduarda! Você está ainda mais linda do que da última vez.

Sorri para ele e, de repente, me senti muito tímida. Parecendo não notar, ele se aproximou para me cumprimentar com um abraço e um beijo no rosto.

— Vamos, princesa? — ele falou, abrindo a porta do carro para mim.

Quando eu entrei, ele deu a volta no carro e entrou no lado do motorista.

— Você está sem os seguranças hoje?

— Eles estão logo atrás, em outro carro. Hoje preferi ficar sozinho com você. Já comeu ou quer jantar em algum lugar?

— Podemos ir direto para o seu apartamento?

— Claro! Lá não tem nada para comer, mas podemos pedir alguma coisa. O que você tem? Parece nervosa.

— Está tudo bem, quando chegar lá nós conversamos.

Raphael estranhou meu comportamento, mas não falou mais nada até chegarmos ao seu prédio.

Enfim, entramos naquele apartamento onde minha vida virou pelo avesso. Ele colocou a chave do carro e a carteira em cima da mesa, depois foi até o quarto, mas voltou rapidamente, já sem camisa. Aquilo me deixou incomodada, porque seria difícil me concentrar em alguma coisa, olhando para aquele peitoral musculoso.

Antes que eu pudesse dar um passo em sua direção, ele me olhou muito sério e falou:

— Você está me deixando preocupado e não gosto dessa sensação. Estamos sozinhos, pode falar.

— Raphael, não sei como te dizer isso, eu... Eu não sei mesmo o que dizer.

Eu fitava aqueles lindos olhos verde-azulados, mas que agora estavam sisudos. Ele estava sério, querendo respostas, e eu não conseguia falar absolutamente nada.

— Apenas diga. Você tem namorado, é isso? Tem outro cara na parada? — ele perguntou, parecendo um pouco irritado.

— Não! — Apressei-me em responder. — Não é nada disso, eu não tenho ninguém.

— Então qual é o problema? Já sei, você está chateada porque eu não te liguei antes.

— Eu não achei realmente que você ligaria — falei, com um tom de mágoa na voz que eu não queria ter deixado transparecer.

— Não me interprete mal, Duda, não foi por falta de interesse. Eu só achei que não adiantaria te ligar, estando tão longe... — ele falou, tentando se justificar, mas era perda de tempo.

Eu não queria parecer a menina carente e emocionada, que sabia que o cara só queria sexo e, mesmo assim, fazia drama quando se encontravam, então achei melhor não enrolar mais e acabar com esse constrangimento para nós dois. Respirei fundo e soltei a bomba.

— Não é nada disso, Raphael, a verdade é que eu estou grávida.

Raphael calou suas justificativas na mesma hora e olhou para mim, sem piscar, por alguns instantes. Sua expressão não demonstrava nada além de choque, mas depois de um tempo, ele ficou pálido e me olhou aterrorizado.

A primeira pergunta que ele fez já me mostrou que eu estava certa em não querer dizer nada.

— É meu?

— Claro que é, seu imbecil.

— Como você tem tanta certeza?

— Eu já não transava há um bom tempo e não transei com mais ninguém depois de você.

— Você só pode estar brincando comigo. Para com isso, Eduarda.

— Eu pareço estar brincando, Raphael? Porque não estou!

— Você não pode estar grávida, eu nunca deixo de usar preservativo.

— Você se lembra de ter usado na primeira vez? Porque eu não lembro!

Ao ouvir o meu questionamento, Raphael empalideceu, deu dois passos para trás e caiu sentado em uma cadeira. Pelo visto, ele tinha se dado conta de que realmente não usou camisinha.

— Eu transei com você uma única vez sem preservativo e você ficou grávida? GRÁVIDA, PORRA! — ele falou alto e bastante alterado. — Isso não podia ter acontecido, eu não posso ser pai agora.

— E quem está te cobrando alguma coisa? Vai pro inferno, seu idiota! — gritei.

As feições dele endureceram mais, mas eu odiava ser tratada assim e não aceitaria ser maltratada. Se ele não queria o bebê, eu assumiria sozinha.

— Você não sabe de nada e não imagina a merda em que está se metendo. Não é só uma questão de me cobrar ou não, envolve muita coisa das quais você não faz ideia. Eu não posso ser pai, não agora e não assim.

— O que você está querendo dizer?

— Eu não posso ser pai e você não pode ser mãe de um filho meu.

— Você é casado? — perguntei horrorizada.

— Não, Deus me livre, mas tem muita coisa que você não sabe sobre a minha vida. Estou falando sério, nós não podemos ter esse bebê.

— Você está pensando em aborto? Quer que eu mate nosso bebê?

— Não fale assim, faz parecer ainda pior. Eu sei que parece horrível, mas acredite em mim, é o melhor para você e para essa

criança. Eu levo você a um lugar seguro e arco com tudo, é claro, aí a gente resolve essa situação.

— Você é louco! Eu não vou tirar a vida do meu bebê, ele é inocente. Como você pode falar isso? Eu não te conheço, Raphael, mas vejo que me enganei muito com você. Você não presta! Além disso, nós não precisamos de você, eu vou dar um jeito. Não me procure nunca mais e esqueça tudo o que eu te falei sobre essa gravidez. Essa criança só vai ter mãe, você está livre pra continuar sua vida como se nada tivesse acontecido, porque é melhor uma criança crescer sem conhecer o pai, do que ter um que não a quer — falei.

Saí andando em direção à porta, já chorando, mas ele me alcançou e puxou meu braço.

— Você não vai sair assim, ainda não resolvemos nada.

— Me larga, Raphael! — eu disse e puxei meu braço. — Você já disse que não quer o bebê, então eu vou embora e você vai esquecer o que ouviu aqui. Esse bebê vai ser só meu.

— Eduarda, não é tão simples assim. Você não imagina tudo o que envolve ter um filho meu.

— Não se preocupe, você não precisa fazer isso, já falei que a criança é só minha.

— Isso não é uma coisa que dá pra ignorar, porra! Não posso voltar pra Itália e fingir que nada aconteceu. Você não pode ter esse filho aqui em Nova Iorque, sozinha.

— Não só posso, como vou. A vida toda eu me virei sozinha, agora não será diferente.

— Você não entende...

— Não, eu não entendo, me explica? — falei em tom de deboche.

— Eu não quero ser pai, porque não estou nem perto de estar preparado para isso. Nós mal nos conhecemos, eu não sei nada de você e você muito menos de mim. Eu vou te levar a uma clínica segura, você não precisa ter medo. Vou pagar o melhor lugar e você

vai ficar bem, não tem nem dois meses que transamos, a gravidez está muito no início ainda. Vai ficar tudo bem, confie em mim.

Antes que eu pudesse pensar no que estava fazendo, dei um tapa na cara de Raphael com toda força que eu tinha. Ele arregalou os olhos, chocado com minha reação. Nem eu esperava fazer isso, mas um instinto protetor já se apoderava de mim em relação ao meu bebê, então eu não poderia me arrepender.

— Que porra é essa de você me bater? — ele falou, com a mão no rosto, totalmente chocado.

Seus olhos ficaram estreitos e ameaçadores, de tal forma que, por um momento, me deu medo. Eu não o conhecia, não sabia do seu verdadeiro caráter, mas não me deixei intimidar.

— Some da minha vida, esquece que um dia me conheceu e esquece esse bebê. Volta lá para a sua vidinha na Itália, que eu não quero nunca mais ver você na minha frente. Fica longe de mim e do meu bebê, seu assassino.

Antes que ele pudesse ter qualquer reação, eu saí do apartamento dele, mas não antes de ouvi-lo xingar.

— Cacete de mulher difícil. Puta que o pariu!

Capítulo 3

Raphael

Eu não podia acreditar que aquela porra estava acontecendo. *Estou muito fodido*. Eu tinha azar na vida, tudo de ruim acontecia comigo. *Impressionante!* Como dizia meu pai e Pietro, eu só atraía as merdas.

Eduarda me bateu, depois me chamou de assassino e foi embora. *Mulher tinhosa do caralho!* Mas ela não podia estar mais certa, então achei melhor deixar ela ir. Por enquanto, eu precisava pensar e ela também.

Como eu pude esquecer a porra da camisinha? Eu já transei muito mais bêbado do que estava naquele dia e nunca esqueci a porra do preservativo. *Que merda eu fiz!* Em um acesso de raiva, soquei a porra da parede e quase quebrei meus dedos, por fim resolvi tomar um banho para tentar clarear as ideias.

Ela não queria tirar o bebê e tinha toda razão, eu nem deveria ter proposto isso, mas porra, que futuro essa criança iria ter? *Afinal, filho de mafioso, mafioso é*. E eu nem queria pensar na praga do tio Enzo. *Se vier uma menina, que Deus me ajude*.

Eu sabia que um dia eu teria um filho de qualquer maneira, mas seria com uma mulher que soubesse onde estava se metendo, que conhecesse minha vida e, mesmo assim, quisesse ficar. Eduarda não sabia nada sobre mim e nem sobre o tipo de vida que eu levava. Ela nem imaginava o quanto tinha razão quando me chamou de assassino, porque eu era a porra de um mafioso, não o príncipe que ela pensava ter conhecido naquela boate. Por isso nós preferimos constituir família com mulheres da máfia.

Eu não tinha a responsabilidade de casar para firmar uma aliança pelo bem da família, como no caso de Pietro, que era o próximo no comando, mas de qualquer maneira os casamentos aconteciam sempre com mulheres que já estavam nesse mundo de

uma forma ou outra, não queríamos arrastar mais ninguém para nossa merda. Isso não era uma regra para mim, mas era o mais seguro a se fazer.

Eu nem pensava em casar, porra, muito menos ser pai. Eu não saberia ser pai, não estava pronto para isso. *Meu pai vai ficar muito puto, dessa vez ele me deserda!*

Saí do banheiro e vesti uma roupa pensando em sair para beber, mas desisti e resolvi ficar em casa, antes que eu fizesse mais alguma merda. Deitei na cama, liguei para o investigador da nossa família e pedi que ele levantasse a ficha da Eduarda para mim. Isso seria brincadeira de criança para ele, então o cara me disse que em meia hora me mandaria todas as informações. Eu não sabia o que fazer, mas era por onde eu iria começar.

Menos de meia hora depois, meu celular apitou com a chegada de um e-mail do investigador, contendo os dados de Eduarda. Sentei na cama e comecei a ler as informações.

Nome: Maria Eduarda Smith

Idade: 27 anos

Estado civil: solteira

Filhos: Não

Filiação: Lúcia Helena Smith / Pai desconhecido

Endereço: Rua Washington Street, nº 1259, Brooklyn. Nova Iorque-NY

Naturalidade: Nova Iorque

Informações adicionais: Perdeu a mãe aos 5 anos e, sem nenhum parente vivo, ficou sob os cuidados de uma vizinha. Pouco tempo depois, foi encaminhada para Reveil Matinal Orphanage Foundation, um orfanato no Queens, onde morou até os 18 anos. Ao sair da instituição, foi morar com a amiga Manuella Taylor, criada no mesmo orfanato. Um ano depois, Eduarda comprou sua própria casa com o dinheiro da venda da casa em que morou com a mãe. Seu único trabalho foi na Editora Rizzoni, em Nova Iorque, onde permaneceu até a empresa decretar falência, uns dias atrás. No

momento, encontra-se desempregada. Teve um curto relacionamento com Brad Peterson, mas está solteira há seis meses, sem outros relacionamentos até o momento.

Carvalho, a menina não tinha ninguém e ainda por cima estava desempregada. *O que foi que eu fiz?! Ferrei com a minha vida e com a dela.*

Eu não sabia o que fazer, mas precisava procurar por ela logo no dia seguinte, antes de ir embora, para tentar resolver aquela merda toda.



Durante aquela noite, não dormi quase nada e tive uma porrada de pesadelos que envolviam um bebê chorando, fraldas, mamadeiras e eu sem saber o que fazer.

Acordei suando, desesperado. Levantei da cama e, decidido, peguei meu celular, eu precisava ligar para ela. Nas duas primeiras ligações, chamou até cair na caixa postal, mas eu não desisti e, na terceira chamada, ela atendeu de má vontade.

— *O que é, Raphael? Eu disse pra você não me procurar mais, então por que está me ligando?*

— Será que é porque você está com um bebê meu na sua barriga? Não é simples assim, Maria Eduarda.

— *É muito simples, você vai esquecer essa história e seguir sua vida.*

Eu tive que rir. Seria cômico se não fosse trágico.

— Isso não é o tipo de coisa que se esquece. Precisamos conversar com mais calma.

— *Eu não tenho mais nada pra falar com você, Raphael. Pode continuar com sua vida perfeitinha e me deixar em paz. Não vou te encontrar pra você tentar me convencer a tirar o MEU BEBÊ.*

Não passou despercebido por mim que ela deu ênfase que o filho era dela. No entanto, eu não podia culpá-la por isso, eu fui um

escroto.

— Não quero te convencer a nada, eu prometo.

Ela ficou muda.

— Por favor, Duda — eu insisti, mesmo não sendo do meu feitio.

— *Tudo bem, Raphael.*

— Eu vou te buscar em meia hora, esteja pronta.

— *Okay.*

E antes que eu falasse mais alguma coisa, ela desligou o telefone na minha cara. *Oh, mulher rebelde!*

Eduarda já estava do lado de fora, me esperando, quando cheguei na casa dela, então nem desci do carro, apenas abri a porta e esperei ela entrar. Ela era muito linda, não tinha como negar a atração que eu sentia.

— Oi — ela me cumprimentou, seca.

— Oi, princesa — respondi, de forma a tentar amenizar o clima ruim, depois saí com o carro.

— Para onde você está me levando? — ela questionou.

— Vamos tomar café da manhã. Eu ainda não comi nada, você já comeu?

— Não, mas eu não tenho comido quase nada, de qualquer forma.

Eu engoli seco. *Porra, será que ela não tem o que comer em casa? A situação está tão ruim assim?*

— Você... Você não tem o que comer? — perguntei, despretensiosamente.

— Não é isso, graças a Deus não cheguei a esse ponto. É que tenho enjoado muito e nada para no meu estômago por causa da gravidez, mas é normal.

— Ah, menos mal.

Paramos em um café no Central Park e entramos, mas estava muito cheio e percebi que Eduarda se sentiu muito incomodada.

— O que foi? — perguntei.

— Você se incomoda de pegarmos o seu café e sairmos daqui? Esse cheiro forte de café, chocolate e tudo mais está me enjoando muito, vou acabar vomitando.

— Tudo bem, então espera ali fora com o Carlos, eu já saio.

— Carlos?

— Sim, o soldado. Quer dizer, o meu segurança, ele está no carro atrás de nós.

— *Tá bom.*

Eduarda saiu correndo, eu pedi meu café e saí logo atrás. Seguimos para o Central Park e nos sentamos em um dos bancos para comer. Estava um dia muito frio, o tempo mudou bruscamente, mas felizmente não chovia e nem nevava, até então.

Por um momento, me distraí admirando Maria Eduarda. Ela era uma morena deliciosa, linda e geniosa. A maioria das mulheres eram loiras artificiais, mas ela não, ela era uma morena de tirar o fôlego e tinha um jeito inocente, que sem dúvida era muito atraente.

Durante o tempo em que fiquei na Itália sem vê-la — depois que nós transamos —, eu pensei nela muitas vezes. Essa mulher realmente me impressionou na cama, não por ser experiente ou qualquer coisa assim, mas pela sua receptividade. Ela se entregou completamente ao nosso sexo, com tanta sede, que me deixou louco, de tal forma que eu quis muito repetir a dose. Pensei em ligar algumas vezes, mas desisti, afinal eu estava na Itália e não poderia vê-la, não faria sentido ligar.

Assim que retornei para Nova Iorque e o avião pousou, eu pensei nela. Queria muito me enterrar nela outra vez, entretanto aquela notícia sobre a gravidez me desestabilizou totalmente.

— Por que você está me olhando assim? — ela perguntou.

— Não é nada.

— Então, sobre o que você quer falar?

— Em primeiro lugar, eu queria te pedir perdão pelo mau jeito de ontem. Eu fiquei muito nervoso, porque aquela era a última coisa que eu esperava ouvir de você. Um filho não estava nos meus

planos agora, aliás eu acho que nunca esteve, mas eu não deveria ter pedido para você tirar o bebê. Eu sinto muito, fui um idiota.

— Ainda bem que você sabe. Você foi um escroto, insensível.

— Eu dormi muito mal essa noite, Duda. Tive uma porrada de pesadelos e minha consciência me incomodou muito.

— Bem feito! Tomara que carregue esse peso até seu último dia de vida.

— Malcriada! — falei e ela me lançou um olhar feio. — Maria Eduarda, estou tentando resolver as coisas, será que você pode dar uma trégua?

— Tudo bem, Raphael — ela respondeu, depois de respirar fundo. — Eu entendo o seu susto, até porque eu chorei mais de um dia até me acostumar com a ideia. Eu também não pensava em ser mãe nem tão cedo. Estou muito assustada, provavelmente muito mais do que você, porque é dentro de mim que essa criança está crescendo. Sinceramente, não sei o que fazer nesse momento, mas sei que vou levar essa gravidez adiante, com ou sem você. O bebê não tem culpa da nossa irresponsabilidade, e eu não vou machucá-lo. Se você não quiser assumir sua parte como pai, tudo bem, eu prefiro criar um filho sem pai do que com um pai que não o quer.

— Maria Eduarda, eu... — tentei falar, mas ela me interrompeu.

— Eu fui criada sem pai e mãe e não morri. No momento, eu estou desempregada, mas eu tenho umas economias guardadas que devem durar até o bebê nascer e eu arrumar um emprego.

— Maria Eduarda, dá pra você me escutar? — falei e ela parou para me ouvir, ainda com uma tromba de elefante no lugar da boca. — A última coisa com que você precisa se preocupar é dinheiro. Se todo o problema fosse esse, estaria tudo ótimo, mas vai muito além disso.

— Então qual é o problema, Raphael? Eu entendo que somos muito jovens para sermos pais, mas aconteceu e você não tem que casar comigo, nem nada assim, você só vai ser o pai do bebê.

— Acontece que, sendo um filho meu, muda tudo, Maria Eduarda.

— Do que você está falando?

— Você não vê como eu ando? Estou sempre com seguranças atrás de mim. É muito complicado, minha família é muito visada. Mas esse é um assunto para conversarmos, com calma, em uma outra hora.

— Você está me assustando.

— Fica calma. Quem mais sabe dessa gravidez?

— Só a Manuella.

— Certo, então peça a ela que não conte a ninguém, nem mesmo ao Hugo.

— Eu não preciso pedir, Raphael. Manu é da minha inteira confiança, ela não contaria a ninguém.

— Tudo bem. Eu vou assumir essa criança, não vou te deixar sozinha, mas preciso voltar para a Itália hoje, para conversar com meu pai e meu irmão antes de decidir como serão as coisas. Não vou fugir da responsabilidade, eu prometo.

— Não sei se posso confiar em você depois de tudo que me disse.

— Pode confiar, eu resolverei tudo. Por agora, vou depositar um dinheiro na sua conta para cobrir suas despesas.

— Não precisa, eu tenho minhas economias, não vai nos faltar nada.

— Não discuta comigo, Maria Eduarda, é para o bebê. Dinheiro nunca me fez falta. Agora, vou levar você para casa, porque preciso passar na casa dos meus avós antes de voltar para a Itália.

— Tudo bem, mas não pense que vou esquecer tudo o que você me disse ontem, você feriu meus sentimentos e não perdoo fácil assim. Por enquanto, farei isso pelo meu filho.

Deixei Maria Eduarda em casa e fui direto visitar meus avós. Nem liguei antes para avisar, afinal era domingo, e eu sabia que eles estariam em casa.

Quando cheguei, minha entrada foi liberada e eles me receberam na porta. Minha avó, como sempre, ficou toda contente

ao me ver.

— Meu amor, finalmente veio ver a vovó.

— Oi, vó! Oi, vô — falei, beijando-os e abraçando-os..

— Vamos entrar, você vai almoçar com a gente. Meu neto está tão magrinho, aposto que não anda comendo direito.

— Estou ótimo, vó, mas se deixar por sua conta, eu fico obeso.

— Nada disso, você ia ficar fortinho.

Fomos direto para a mesa, almoçar, porque eu não podia perder tempo, o jato sairia em duas horas.

— Vô, eu preciso da sua ajuda em um assunto muito importante.

— Em que você se meteu, Raphael? Boa coisa não deve ser para você pedir minha ajuda e não a do seu pai.

— Na verdade, eu vou conversar com meu pai também e ele vai arrancar meu couro, certamente, mas eu preciso que você me ajude aqui, em Nova Iorque.

— Ah, meu Deus! Raphael, o que você fez? — minha avó perguntou assustada, colocando a mão no peito.

— Calma, vó, acho que a senhora vai até gostar.

— Fala logo, Raphael — meu avô disse.

— Vô, eu preciso que você coloque alguns homens para proteger uma pessoa. O nome dela é Maria Eduarda Smith, ela mora no Brooklyn.

— E posso saber por quê você quer proteger essa menina?

— Porque ela não tem mais ninguém, mora sozinha e está esperando um filho meu — falei, sem rodeio, afinal a merda já estava feita, não tinha mais jeito.

Meu avô parou com o garfo a caminho da boca e me olhou, chocado. Ele colocou o garfo de volta no prato e me encarou por alguns segundos antes de falar:

— Puta merda, Raphael! O que foi que você fez? Você tem noção da gravidade que é ter um filho sem estar casado, com uma mulher que nem é do nosso ciclo? Eu não conheço nenhuma família

com o sobrenome Smith, essa menina nem deve saber quem você é!

— Ela não faz mesmo ideia de quem eu sou, vô.

— Típico de você falar isso com essa calma. Você entende que está arrastando essa menina para o nosso mundo, Raphael? Há quanto tempo vocês estão namorando?

— Não estamos namorando, vô.

— É só sexo casual?

— Na verdade, nós transamos um único dia, há quase dois meses, e ela acabou engravidando. Eu tenho azar na vida, fazer o quê?

— Usar preservativo, tenho certeza que seu pai te ensinou isso. O que você tem na cabeça, garoto? Aposto que estava muito bêbado, e isso não é ser azarado, é ser irresponsável.

— Eu estava bêbado sim, mas mesmo assim eu nunca tinha esquecido o preservativo antes. É claro que meu pai ensinou para mim e para o Pietro a não dar mole com isso, mas não sei o que deu em mim nesse dia, realmente não sei.

— Seu pai vai arrancar o seu couro dessa vez, e com razão. E agora, você vai casar com essa garota?

— Não, mas eu vou assumir o bebê.

— É claro que vai, mas você sabe que agora é perigoso para essa menina ficar sozinha. Você vai levá-la para a Itália?

— Provavelmente, mas preciso conversar com meu pai primeiro.

— E os pais dela já sabem?

— Ela não tem pais, foi criada em um orfanato.

— Ah, tadinha — minha avó logo falou, compadecida. — Você precisa ajudá-la, Raphael, ela é mãe do seu filho. Meu Deus, eu sou tão nova ainda para já estar indo para o terceiro bisneto, mas uma criança é sempre uma benção.

— Eu sei, vó. Ainda estou zozinho com tudo isso, porque a última coisa que eu queria era ser pai. Além disso, eu acabei ficando nervoso e fiz a besteira de sugerir que ela tirasse o bebê, mas ela,

mesmo assustada, foi corajosa e defendeu com unhas e dentes a gravidez. Aquela malcriada deu até um tapa na minha cara, disse para eu sumir da vida dela e esquecer ela e a criança, mas hoje nós conversamos novamente e eu já deixei claro que vou assumir a criança.

— O tapa na cara foi bem feito. A cada vez que você abre a boca, fica mais difícil te defender, Raphael. Você pensou em matar seu próprio filho!

— Eu fiquei nervoso, vó. Na verdade, eu nem pensei direito, mas não teria coragem de ir até o fim, falei da boca pra fora. Eu não queria colocar a Maria Eduarda e o bebê nessa situação — falei, envergonhado por ter cogitado essa possibilidade.

— Nunca mais repita uma besteira dessa, meu filho. Quando a criança nascer, você vai morrer de remorso.

— Eu já pedi desculpas a ela e estou tentando consertar as coisas, vó.

— Ainda bem — minha avó falou. — Ela pode ficar aqui em casa enquanto você não resolve o que fazer. Eu cuido dela.

— Isso vai chamar mais atenção e é melhor esconder essa gravidez o máximo possível. — meu avô logo respondeu. — Cada vez que um de vocês vai ser pai acontece uma merda — ele completou.

— A Duda nem imagina o perigo que está correndo, mas agora já é tarde. Eu não queria ser pai, mas também não posso deixar um filho por aí correndo perigo, isso seria contra os princípios da máfia e contra os meus também. Vou pra Itália conversar com meu pai, arranjar tudo e, provavelmente, volto para buscá-la — falei decidido.

Terminamos de almoçar e meu avô me garantiu que enviaria alguns soldados para fazer a segurança de Duda. Poucos minutos depois, corri para o aeroporto, pois eu precisava voltar para a Itália o mais rápido possível.

Antes de entrar no avião, enviei uma mensagem para a Eduarda, pedindo o número da sua conta, e assim que ela me

respondeu, eu transferi uma boa quantia. Instantes depois, embarquei de volta para a Itália com outra missão: encarar meu pai.

Deitei a cabeça no encosto da poltrona do avião e fechei os olhos para tentar, enfim, descansar um pouco, pois tinha acontecido muita coisa nas últimas 24h. Entretanto, eu não conseguia pensar em outra coisa a não ser que eu ia ser pai.

Porra, aquilo era assustador pra caralho, e eu me perguntei como o Pietro conseguiu encarar tudo com tanta naturalidade, pois a ideia de ter um bebê me parecia apavorante.

Consciente de que não conseguiria dormir, coloquei uma música para tocar no meu celular e continuei de olhos fechados, apenas tentando relaxar.

Capítulo 4

Raphael

Quando cheguei ao complexo já era tarde da noite, então fui direto para minha casa dormir. Eu estava exausto e apaguei. No dia seguinte, antes mesmo do celular despertar, acordei ansioso. Tomei banho, me arrumei e fui tomar café na casa da minha mãe como de costume.

— Bom dia, pai e mãe — cumprimentei os dois que já estavam à mesa.

— Bom dia, meu amor! Já ia te ligar, você chegou e nem veio falar com a mamãe!

— Estava muito tarde, mãe, você já estava dormindo.

— Mesmo assim, poderia ter me acordado para avisar que chegou, você sabe que eu só durmo tranquila quando todos vocês estão em casa.

Eu ri, sem realmente estar com vontade. Dei um beijo carinhoso na cabeça dela e sentei para tomar café com eles. A campainha tocou e, segundos depois, Pietro entrou na sala com Noah no colo. Meu irmão colocou o moleque no chão e ele correu, desajeitado, até minha mãe, que logo o pegou no colo e o encheu de beijos. Enquanto isso, meu pai e Pietro olhavam a cena, sorrindo.

Fiquei observando tudo e imaginando como seria quando o meu filho nascesse. Pietro tirou de letra a paternidade, mas normalmente nada abalava meu irmão, ele parecia estar sempre pronto para qualquer coisa, já eu não era tão sagaz assim.

Eu estava tão distraído com meus pensamentos que não vi Noah se aproximar de mim.

— Tio Fael, *óia* meu *codão* novo.

— Oi, carinha! Que cordão bonito. Foi seu pai que te deu?

— Foi vovó.

— A vovó te mima muito. O tio estava com saudades de você.

— *Toche pesente?*

— Não, porque o tio teve um imprevisto, mas na próxima viagem prometo que não vou esquecer.

— *Tá bem.*

Peguei Noah no colo para dar um beijo, mas inquieto como era, ele logo se contorceu para descer dos meus braços.

Pietro pegou o filho, sentou-o na cadeirinha e arrumou um pratinho com frutas e um suco para ele comer. Enquanto meu irmão dava a comida para Noah, eu observava tudo por uma ótica totalmente diferente agora.

— Raphael, você está bem, meu filho? — minha mãe me perguntou.

— Estou bem, mãe, só cansado da viagem.

Mãe é mãe, não temos como enganá-las.

— Tem certeza? Porque você me parece muito estranho.

— O Raphael é estranho! — Pietro falou zombando de mim.

— Cadê a Amanda, Pietro? — minha mãe perguntou e eu agradei mentalmente a mudança de assunto.

— Ela não acordou muito bem hoje, já Noah acordou com a corda toda, então eu o trouxe para Amanda poder descansar, se não ele fica em cima dela o tempo todo.

— Mamãe, dodói — Noah falou para a avó.

— Não vai me dizer que vou ser avó novamente — minha mãe brincou com Pietro.

Na mesma hora, eu engasguei com o suco de laranja que estava tomando e, por pouco, não o cuspi na mesa. Comecei uma crise de tosse e a mesa toda ficou me encarando em silêncio.

— Não sei se você vai ser avó novamente, mas não será de um filho meu, pelo menos nem tão cedo — Pietro foi o primeiro a quebrar o silêncio. — Amanda está com cólicas menstruais. Como Mia acabou de ter um bebê, não acredito que venha dela também.

Minha mãe dava tapas nas minhas costas, assustada com o meu engasgo, já meu pai direcionou um olhar afiado para mim,

como se estivesse me analisando. Eu podia apostar que ele já sabia ou pelo menos desconfiava.

— Melhorou, Raphael? — ele perguntou com aquele tom de quem diz “*é melhor me contar logo ou eu vou descobrir.*”

— Melhorei.

— Então vamos ao meu escritório, quero falar com você.

Fomos para o escritório e, assim que entramos, meu pai falou sem rodeios:

— Eu arrumei um casamento para você.

Eu esperava ouvir qualquer coisa naquele momento, menos aquilo. *Só pode ser brincadeira, logo agora?* O meu azar era infinito mesmo.

Eu abaixei a cabeça e suspirei. Eu não poderia esconder a gravidez e, de qualquer forma, precisava da ajuda dele, então decidi que era melhor falar logo. Eu sempre fui de fazer merda, mas também sempre assumi tudo o que fiz, e naquela situação não seria diferente. Ergui a cabeça e soltei a bomba.

— Eu não posso me casar agora, pai.

— Sim, você pode. Já está mais do que na hora. A menina é de boa família, pelo menos a conheça, não a descarte antes de vê-la, tenho certeza de que você pode mudar de ideia.

— Infelizmente, aconteceu um imprevisto.

— Que imprevisto, Raphael? — Meu pai mudou automaticamente seu tom de voz, mas não me assustou.

Eu fiz a merda e não tinha orgulho disso, mas ia assumir de cabeça erguida.

— Tem uma mulher esperando um filho meu em Nova Iorque, eu vou ser pai.

— Você o quê? — meu pai perguntou, visivelmente transtornado e incrédulo.

— É isso mesmo que o senhor ouviu, pai.

— Você só pode estar de brincadeira comigo! Dessa vez você se superou. Eu não posso acreditar em uma porra dessa. Quem é a

mãe dessa criança, Raphael? — meu pai perguntou, tentando controlar a raiva.

Eu o conhecia muito bem, ele estava prestes a explodir.

— Ela não é do nosso ciclo, pai. Ela se chama Maria Eduarda e mora em Nova Iorque, eu a conheci lá há quase dois meses. Pietro chegou a vê-la uma vez.

— Vocês se conhecem há dois meses e você já engravidou a garota?

— Nós estivemos juntos um único dia, na verdade. Eu soube no sábado que ela está grávida.

Poucas vezes na vida eu vi meu pai se descontrolar, aquela foi uma dessas vezes. Ele deu um soco na mesa e se levantou atormentado, em poucos instantes a porta do escritório abriu e Pietro entrou alarmado. Meu pai ignorou a presença dele e continuou falando:

— O que eu vou dizer para o pai da garota agora? Que meu filho é um irresponsável e que não sabe colocar a porra de um preservativo no pau antes de foder por aí? Você tem certeza de que esse filho é seu, Raphael? — meu pai perguntou e eu vi Pietro arregalar os olhos, dando-se conta do motivo da nossa discussão.

— Eu levantei a ficha dela, e um amigo meu a conhece há bastante tempo, ela não é esse tipo de garota, pai. De fato, nós transamos uma vez sem camisinha, então suponho que esse filho seja mesmo meu. Por enquanto, tudo o que eu tenho é a palavra dela, mas claro que depois podemos fazer um DNA, se for necessário.

— Como você pôde ser tão inconsequente, Raphael? Eu me pergunto onde errei na sua criação. Nunca deixamos te faltar nada, muito menos amor. Te demos a melhor educação e eu tenho certeza de que te ensinei que, para foder por aí com mulheres aleatórias, tem que usar a porra da camisinha. No entanto, você vive fazendo besteira e não sabe controlar onde enfia a porra do pau. Você transou sem camisinha com uma desconhecida! — ele esbravejou, me olhando irado. — E se fosse uma doença, Raphael? Você sabe o que causou na vida dessa menina, não sabe?

— Você tem razão, pai. Eu ultrapassei todos os limites e estou aqui te contando isso porque não sei o que fazer. Eu estou perdido! — admiti. — Gostaria de ser como Pietro, mas não sou. Agora eu estou colhendo o fruto da minha irresponsabilidade e não sei como agir. Porra, ser pai... — lamentei e esfreguei os olhos de repente, sentindo-me muito cansado.

— Eu não comparei você ao seu irmão. Nunca disse que ele é melhor do que você. Eu nem sei o que te dizer, essa notícia me pegou desprevenido — ele falou um pouco mais calmo, mas visivelmente insatisfeito.

— Essa notícia também me pegou desprevenido. Estou tão confuso que fiz a merda de sugerir a ela que abortasse a criança.

— Você sugeriu matar seu próprio filho?

— Eu fiquei desesperado.

— Pelo amor de Deus, Raphael! Na hora de enfiar o pau nela sem proteção, você não pensou, porra! O que você tem nessa cabeça? — ele falou, encostando o dedo indicador na minha têmpora. — Essa criança não tem culpa e é seu sangue, Raphael, nosso sangue. Nem conta uma merda dessa para sua mãe, ela não merece esse desgosto.

— Eu sei — falei baixando a cabeça, envergonhado. — Eu me arrependi, pai. Já pedi desculpas a ela e estou tentando resolver as coisas.

— Eu não preciso te dizer que você vai assumir essa criança, preciso?

— Não, eu já me comprometi com ela, vou assumir o bebê.

— E os pais dela, já sabem?

— Ela não tem pais, foi criada em um orfanato e não tem ninguém além de uma amiga que conheceu lá. Eduarda nem sabe o que eu sou, e eu não sei qual será a reação dela quando souber, mas não posso deixar ela lá, sozinha, esperando um filho meu.

— Você deveria se casar com ela, mas primeiro eu preciso resolver a situação com o Nicolo, pois o casamento com a filha dele

já estava praticamente certo. De qualquer maneira, você precisa contar a essa menina quem nós somos.

— Você aceitou o noivado sem me consultar, pai?

— Você não está em posição de me questionar, não é, Raphael? Eu não achava que você iria se opor quando visse a garota, ela é linda. Além disso, você sabia que eu estava vendo um casamento para você, não se faça de desentendido.

— Mesmo assim, você deveria me perguntar...

— Raphael, não testa a porra da minha paciência agora. Você engravidou uma desconhecida, sugeriu que ela matasse seu filho e agora está aqui me questionando?

— Esquece isso, é irrelevante diante da situação. Eu realmente não sei o que fazer agora. Você concorda que não é seguro ela ficar sozinha lá em Nova Iorque?

— É claro que não é seguro.

— Não sei como ela reagirá a tudo isso, mas prevejo uma enorme dor de cabeça, porque ela é geniosa pra caralho.

— Bem feito — meu pai disse. — Enquanto você não a trazer para cá, peça ao seu avô para colocar uns homens protegendo-a lá.

— Eu já fiz isso.

— Ótimo. Agora eu preciso trabalhar. Decida onde você vai colocá-la e como vai contar tudo a ela, você tem uma responsabilidade enorme nas costas a partir de agora e, mesmo tendo meu apoio, não vou facilitar nada para você — meu pai falou.

Meu pai levantou da mesa, saiu do escritório e nós fomos atrás. Ele deu um beijo na minha mãe, outro em Noah e foi embora, sem sequer me olhar novamente. Ele ficou muito decepcionado comigo.

— Filho, o que está acontecendo? — minha mãe perguntou.

Contei tudo a ela, deixando de fora apenas a parte do aborto.

— De quanto tempo ela está?

— Quase dois meses.

— Ela já foi ao médico? Precisa começar o pré-natal o quanto antes.

— Eu não sei, mãe, não faço ideia.

— Procure saber e, se precisar de alguma ajuda, fale comigo. Tenho certeza de que mamãe conhece um excelente obstetra em Nova Iorque.

— Tá bom — respondi meio aéreo.

— Mãe, olha o Noah até a Amanda vir buscá-lo, por favor — Pietro pediu.

— Claro, meu filho, deixa ele aqui.

— Raphael, você não vai trabalhar? — Pietro me perguntou.

— Já estou indo.

— Vamos, eu te dou uma carona.

Meu irmão se despediu do filho e minha mãe levou-o para o quarto para não chorar. Noah não podia ver Pietro sair.

Aceitei a carona do meu irmão, pois seria bom conversar com ele, mas quando entramos no carro ele não falou nada.

— Vai ficar calado? — perguntei.

— O que você quer que eu diga? Estou te dando a oportunidade de você falar, caso queira.

— Está na cara que você também está decepcionado comigo.

— Confesso que o fato de você engravidar alguém fora do casamento não me espantou tanto quanto você sugerir um aborto.

— Eu não tenho mais o que dizer, não tenho mais defesa. Falei merda, sem pensar.

— Esqueça isso e, de agora em diante, faça a coisa certa.

— Estou tentando, Pietro, mas nem sei por onde começar.

— Você pode contar comigo, cara. Eu sei que não é fácil descobrir que vai ser pai e, apesar de só fazer merda, você é meu irmão.

— Eu sei que posso, Pietro, mas dessa vez você não pode fazer muito por mim.

— Quem é a mulher, Raphael?

— Aquela morena deliciosa que estava no aniversário do Hugo, você a conheceu na boate.

— Ela parece ser uma menina legal. Amanda gostou dela.

— Amanda gosta de todo mundo — falei, forçando um sorriso. — Mas ela parece mesmo legal.

— Vocês estão juntos?

— Não. Eu cheguei em Nova Iorque na sexta, doido pra transar com ela, mas quando a encontrei no sábado, ela já me deu a notícia da gravidez. Porra, acho que brochei na hora, vai ser difícil meu pau subir depois dessa.

Pietro caiu na gargalhada.

— Se você queria repetir a dose, é porque te agradou, já é alguma coisa.

— Eu queria transar com ela, Pietro, não casar. Ela é gostosa pra caralho, de olhar e de sentir, é claro que eu ia querer comê-la novamente.

— Por que você não usou camisinha, cara?

— Eu não sei. Simplesmente esqueci, isso nunca aconteceu.

— Isso não é o tipo de coisa que se possa esquecer, Raphael. Amanda esqueceu o anticoncepcional e aí está Noah. Esse tipo de esquecimento sempre tem consequências.

— E você gostaria que fosse diferente?

— O quê?

— Seu filho. Você gostaria que ele não tivesse vindo?

— De jeito nenhum. Eu amo meu filho. Não foi planejado, mas eu o amo de um jeito que nem sei te explicar. Não tem como perguntar isso a um pai.

— Será que eu também vou amar o meu um dia?

— Claro que vai, Raphael, não tem como não amar. É um amor que a gente não pensa e não vê chegando, a gente apenas sente.

— Mas você teve um filho com a mulher que você ama, eu mal conheço a Maria Eduarda.

— Eu realmente acho que isso não influencia em nada, em relação ao amor pelo seu filho, mas é óbvio que é muito melhor quando você e a mãe da criança se amam.

— Você acha que nosso pai está muito decepcionado comigo?

— Eu acho que, acima de tudo, ele está preocupado com você, mas você sabe que ele odeia voltar atrás com a palavra dele. Estivemos com Nicolo ontem e ele parecia muito empolgado com o casamento. Além disso, a filha dele já sabe da intenção do pai e aceitou, na boa, casar com você.

— Eu nunca nem vi essa garota, pelo menos não que eu me lembre.

— Mas ela parece saber exatamente quem é você.

— Não tem mais como ela se casar comigo.

— Depende. A mãe do seu filho não é da máfia, você não é obrigado a casar com ela. Se o Nicolo não se importar, o casamento ainda pode acontecer.

— Está louco, Pietro? Isso não vai acontecer, porque eu não quero casar com ninguém agora. Preciso colocar minha cabeça no lugar antes de tudo.

— Relaxa, cara, você sabe que nosso pai nunca vai te virar as costas. Logo você vai entender que filho é filho, não importa o que ele faça, a gente sempre vai amar e proteger.

Não falei mais nada, apenas fiquei pensando em tudo o que Pietro falou e torcendo para que ele estivesse certo, em tudo.



Maria Eduarda

Fazia uma semana que Raphael tinha ido embora e não me procurou mais. Era domingo à tarde e eu estava completamente entediada, pois passei meus dias em casa, saindo apenas para ir ao mercado. Manuella passava na minha casa quase todos os dias para ver como eu estava.

Eu não parava de pensar em Raphael. *Será que ele mudou de ideia e não vai mais assumir o bebê?*

Em uma das idas ao mercado, passei em um caixa eletrônico para verificar meu saldo e levei um susto com a quantia generosa de dinheiro que tinha sido depositada, na minha conta, pelo Raphael. Eu não recusaria, afinal ele era o pai da criança, mas eu não iria gastar naquele momento, guardaria para as necessidades futuras do bebê.

Por mais que quisesse negar, eu queria muito que o Raphael estivesse comigo nisso e que fosse presente na gravidez. Eu não queria passar pela gestação sozinha, mas não cobraria isso a ele.

Eu continuei sentindo muitos enjoos e vomitando todos os dias, quase não conseguia comer e me sentia fraca. Manuella vivia dizendo que eu precisava ir ao médico para começar o pré-natal, e ela estava certa, mas eu ainda não tinha marcado uma consulta. Precisava me consultar logo, pois completaria dois meses que estive com Raphael pela primeira vez e era o tempo da gestação.

Terminei de tomar banho e estranhei quando a campainha tocou, pois eu não estava esperando visitas. Pelo olho mágico, vi uma senhora muito elegante, acompanhada de seguranças — um ao lado dela na porta e dois, em pé encostados no carro. *Será que era parente de Raphael?*

Abri a porta, meio insegura, e ela deu um enorme sorriso para mim, foi impossível não retribuir.

— Olá, meu bem! Eu me chamo Elisabete. Você não me conhece, mas eu sou a avó de Raphael. Podemos conversar?

— Olá! Claro que sim. Entre, dona Elisabete.

— Por favor, não me chame de dona, eu ainda sou jovem. Pode me chamar de Elisabete ou, quem sabe, vovó, eu vou adorar.

Eu sorri, já gostando dela. Dei passagem, ela entrou, e o segurança fez menção de entrar junto, mas ela o olhou feio e ele ficou na porta.

— Sente-se, por favor. A senhora aceita um café?

— Senhora não, Maria Eduarda, você.

— Claro, me desculpe. Você aceita um café?

— Não, minha querida, obrigada. Eu vim apenas saber como você está. Raphael nos contou sobre a gravidez.

— Ah, ele contou? Eu estou bem, apenas enjoando muito.

— Isso é normal. Melissa, a mãe do Raphael, também enjoava muito. Aliás eu também enjoei na gravidez dela, e minha outra neta Amanda enjoou do meu mousse de chocolate, tadinha. Minha neta Mia enjoou até os seis meses de gravidez.

— Eu não posso nem sentir o cheiro de café.

— Ah, mas isso é até bom, porque cafeína faz mal para o bebê.

— Ah, é? Eu não sabia.

— Você já foi ao médico, Maria Eduarda?

— Não, eu preciso ir ao hospital marcar uma consulta.

— Se você me permitir, eu gostaria de te levar à obstetra da família, ela é a melhor de Nova Iorque. Você tem plano de saúde?

— Não, quando eu preciso vou ao hospital público.

— Posso marcar uma consulta com a minha médica, então? Não se preocupe com dinheiro, o Raphael paga. Ele fez o filho, agora tem que arcar! — Ela sorriu e piscou para mim.

— Não acho uma boa ideia, faz uma semana que seu neto não fala comigo.

— Ah, mas ele está informado sobre tudo o que você está fazendo, inclusive vou contar a ele que estive aqui.

— Como assim?

— Ele pediu ao meu marido, avô dele, que cuidasse da sua segurança.

— Como?

— Tem dois seguranças, o tempo todo, do lado de fora da sua casa. Quando você sai, eles vão atrás, mas são discretos.

— Tem? Eu realmente não reparei.

— Tem sim. — ela respondeu. — E aí, posso marcar a consulta?

Ela era insistente, não ia sossegar, e eu realmente precisava começar o pré-natal, então cedi.

— Pode. De qualquer forma, Raphael depositou um dinheiro em minha conta, eu vou usá-lo para pagar a consulta.

— Ótimo, vamos fazer ele gastar.

Na mesma hora, a simpática e falante senhora pegou seu celular sorrindo e fez uma ligação. Alguns minutos depois, ela desligou e me falou:

— Tudo certo. Sua consulta está marcada para quarta-feira às 2h da tarde. Você se incomoda que eu vá com você?

— Claro que não. A senhora, quer dizer, você pode ir comigo. Vou gostar de ter uma companhia, já que Manu, minha melhor amiga, estará trabalhando.

— Ótimo, estou ansiosa. Você já comeu alguma coisa agora à tarde?

— Ainda não.

— Gostaria de sair um pouco?

— Pode ser.

Calcei um tênis, peguei minha bolsa e saímos de casa. Entramos no carro dela, cercadas por seguranças, e fomos para uma confeitaria que tinha no centro.

Passamos um bom tempo juntas. A avó de Raphael era um doce. Ela me deixou à vontade e eu me senti muito acolhida. Elisabete era realmente uma companhia muito agradável.

Elisabete me contou um pouco sobre a infância de Raphael, sobre o quanto ele deixava os pais de cabelo em pé e até falou para

eu rezar para que, ao invés de puxar ao pai, o nosso bebê puxasse aos tios, que eram bem mais calmos. Eu ri o tempo todo e passamos momentos adoráveis.

Quando ela me deixou em casa, bem mais tarde, meu coração estava mais leve.

— Oi, Duda! Como vocês estão? — Manuella me perguntou. Depois do trabalho ela passou para me ver.

— Estamos bem. Sabe quem veio aqui hoje?

— Raphael?

— Não, a avó dele.

— Sério? Então, a família dele já sabe.

— O restante da família na Itália eu não sei, mas os avós aqui de Nova Iorque sabem. Ela me contou que Raphael colocou dois seguranças aí fora para me vigiar.

Na mesma hora, Manuella se levantou e olhou pela janela.

— Não vejo ninguém.

— Eu também não, mas me senti mais segura em saber disso.

— E aí, como ela é? Tratou você bem?

— MUITÍSSIMO bem. Ela é muito bonita, simpática, sorridente e falante. Eu gostei muito dela, se eu tivesse uma avó, gostaria que fosse assim. Dá para ver que ela ama muito o Raphael — falei. — Ela também marcou consulta com um obstetra para quarta-feira e pediu para ir comigo.

— É muito bom saber que você não está sozinha nisso, Duda, fico aliviada.

— Pena que o pai da criança não está muito feliz.

— Dê um tempo a ele, amiga. As coisas vão se ajeitar, você vai ver.

— Eu sei, não vou pressioná-lo. Por mim, está tudo bem.

Capítulo 5

Raphael

Uma semana havia se passado desde que falei com Maria Eduarda pela última vez. Mesmo os soldados do meu avô me mantendo informado sobre a segurança dela, eu sempre pensava em ligar, mas a verdade é que eu precisava de um tempo para digerir tudo o que estava acontecendo na minha vida.

Minha mãe e Mia estavam felizes com a gravidez. Como já era de se esperar, elas queriam conhecer Maria Eduarda e já faziam planos para o bebê. Em contrapartida, meu pai parecia apenas conformado com a situação, mas eu percebia que ele ainda estava puto comigo. Eu nem sabia se ele já tinha conversado com Nicolo, porque naquela semana não tivemos muito tempo para tocar no assunto, devido à grande quantidade de trabalho.

Depois que Noah nasceu, Pietro assumiu o comando, resolvendo mais assuntos internos, então eu ficava na rua com tio Enzo e Lorenzo e não me importava, pois gostava da ação e da adrenalina, e chegava em casa cansado e apagava. No dia seguinte, passei o dia em casa com a minha família e o tempo todo eu só pensava em como as coisas mudariam na minha vida dali por diante.

Depois do jantar, fui para casa descansar e peguei um livro para ler, mas não consegui ler porra nenhuma. Mais uma vez, pensei em ligar para Maria Eduarda, mas ao invés disso fui tomar banho. Quando saí do banheiro, vi que meu telefone estava tocando.

— Oi, mulher da minha vida.

— *Oi, coisa linda da vovó! Se sua mãe te ouvir me chamando assim, vai ficar com ciúmes. Como você está?*

— Estou bem, vó. E você e o vô?

— *Estamos ótimos. Estou ligando para te contar que conheci a mãe do seu filho.*

— O quê? Onde você a encontrou?

— *Eu fui à casa dela. Gostei muito daquela menina, ela é tão linda, Raphael. Vocês formam um casal de cinema, esse bebê vai ser lindo demais.*

— Nós não somos um casal, vó, apenas vamos ser pais.

— *A minha experiência me diz que isso vai mudar.*

— Isso é porque a sua experiência não viu como ela é geniosa e arisca.

— *E você é fácil, né, Raphael?*

— Sei que eu não sou, mas ela consegue me tirar do sério numa rapidez incrível.

— *Bom, se você a engravidou, agora terá que ser paciente. Ela está carregando seu bebê, então sua obrigação é ser bom para ela.*

— Eu sei, vó, estou trabalhando no meu gênio também.

— *Que bom, meu amor. Tivemos uma tarde muito agradável, mas eu fiquei preocupada.*

— Com o quê?

— *O lugar me parece meio perigoso para ela viver sozinha e não tem nenhum conforto, Raphael.*

— Eu não cheguei a entrar na casa dela, mas parece bem simples mesmo. Não precisa se preocupar, vó, eu vou resolver tudo o quanto antes. As coisas estão muito recentes, ainda estou me organizando, mas ela não vai morar lá por muito mais tempo. Eduarda virá morar na Itália comigo, isso já está decidido. É para o bem dela e principalmente da minha criança.

— *Eu sei que você vai fazer tudo certo. Marquei uma consulta para ela quarta-feira, às 14h, com a minha obstetra e vou acompanhá-la. Nós iremos ver o bebê, achei que você gostaria de saber.*

— Obrigado, vó, você é maravilhosa.

— *Talvez te ajudasse, no processo de aceitação, conhecer o seu bebê Rapha. Por que você não vem para a consulta?*

— Eu não posso, vó. Como você já deve imaginar, meu pai não está nada feliz com essa situação, e nós estamos atolados de trabalho, então não posso largar tudo aqui e ir para Nova Iorque.

— *Acho que a Maria Eduarda ficaria muito feliz com a sua presença, afinal ela não fez esse filho sozinha, Raphael. Ela me disse que você não falou mais com ela depois de domingo.*

— Eu estive ocupado.

— *Acho que você consegue um tempinho, Raphael. Aposto que se a gravidez não tivesse acontecido e vocês ainda estivessem nessa coisa de casual, como gostam de chamar, e ela te ligasse para você vir a Nova Iorque namorar, você daria um jeito rapidinho. Não existe falta de tempo para quem está interessado.*

— Vó, eu realmente não posso ir, mas prometo que vou ligar para ela depois da consulta para saber do bebê.

— *Para saber do seu bebê, do seu filho. Existem momentos que não se repetem, Rapha, e mais tarde você pode se arrepender do que está negligenciando agora. Esses momentos não voltam mais, é a primeira consulta do seu filho.*

— Eu não posso ir, vó, mas nas próximas eu vou, prometo!

— *Promete que vai ser mais atencioso com ela?*

— Prometo.

— *E que vai se comprometer mais com a gravidez?*

— Prometo.

— *Promete que vai tirar logo ela daquela casa solitária?*

— Prometo, vó.

— *Promete que vai se casar com ela?*

— Prome... O quê? Oh, não, isso eu não prometo. Você está trapaceando, vó.

— *Aprendi com você.*

— Velhinha espertinha.

— *Eu não sou velha, Raphael.*

— Não, você não é, mas é muito esperta e também é a minha avó lindona, enxuta e cheia de vida que eu amo muito. Deusa do meu avô.

— *Não adianta me bajular. Eu quero que você tome atitudes. Pelo menos liga pra ela, Raphael. A mulher fica muito sensível nessa fase da gravidez, não custa nada dar atenção a ela. Você pode não estar apaixonado, mas ela é a mãe do seu filho.*

— Tudo bem, vó. Agora preciso dormir, depois nos falamos. Beijo!

— *Eu sei muito bem que você quer desligar pra se livrar do assunto, mas não adianta, meu querido. Você não tem mais para onde correr, porque agora é um pai, mas outra hora falamos mais. Boa noite, meu bem, dorme com Deus e pensa em tudo o que eu te disse.*

— Tudo bem, vou pensar. Te amo, *nona!*

— *Também te amo, amor.*

Desliguei o telefone, mais exausto emocionalmente do que fisicamente. Naquele momento eu não queria mais pensar em nada, só queria dormir e foi isso o que eu fiz.



Maria Eduarda

A primeira coisa que fiz quando acordei, como de costume, foi vomitar. Meu estômago estava ainda mais agitado naquele dia, pois eu estava bastante ansiosa pela consulta em que, finalmente, veria meu bebê.

Eu nunca me imaginei grávida assim, sozinha. Claro que eu queria ser mãe um dia, mas não estava nos meus planos ser mãe solteira e nem que o pai do meu filho fosse um cara que conheci em uma boate e com quem fiz sexo casual. Entretanto, o bebê já estava crescendo dentro de mim e eu não conseguia me arrepender.

A avó de Raphael combinou de passar para me buscar às 13h, então resolvi usar a parte da manhã para organizar minha

casa. Eu ando muito preguiçosa ultimamente, não tenho ânimo para fazer nada.

Levantei-me, coloquei uma música e comecei minha faxina pelo quarto. Arrumei o guarda-roupas, troquei os lençóis e as fronhas da cama, tirei a poeira dos móveis e, por fim, varri e passei um pano no chão. Minutos depois, fui para a cozinha onde lavei a louça, arrumei os armários e lavei o chão.

Comi uma fruta antes de dar um jeito na minha pequena sala, que só cabe um pequeno sofá com as almofadas que eu adoro e minha pequena TV. Por último, lavei o banheiro e coloquei algumas roupas na máquina para lavar. Quando olhei o relógio, já era meio-dia, então fui direto tomar banho; saí do banheiro de roupão e com uma toalha enrolada na cabeça. Não daria tempo de almoçar, por isso fiz uma vitamina de morango com leite e tomei rápido, depois fui me vestir, sequei o cabelo, fiz uma maquiagem leve e estava pronta.

Pontualmente às 13h, minha campainha tocou e eu já sabia quem era. Peguei minha bolsa e saí. A avó de Raphael me recebeu sorrindo, deu-me um abraço e um beijo e nós seguimos para o carro. A caminho da clínica ela puxou conversa.

— Como tem se sentido, meu bem?

— Estou na mesma. Os enjoos não me deixam, essa é a pior parte.

— Na volta, vamos comprar uma caixa de picolé de limão pra você, ajuda muito com os enjoos.

— Obrigada, eu não sabia.

— Tenho passado essa tática de geração em geração — ela falou e nós rimos. — Meu neto te ligou?

— Não, mas está tudo bem. Nós mal nos conhecemos, não vou exigir nada dele.

— Raphael tem uma responsabilidade maior agora, Maria Eduarda. Ele vai ser pai e terá que aceitar, mais cedo ou mais tarde. Você não tem que enfrentar tudo sozinha quando foram os dois que fizeram esse bebezinho.

— Podemos não falar nisso hoje? Estou tão feliz que vou ver o bebê, não quero estragar esse momento.

— Claro, meu bem. Vamos esquecer esse assunto... Por enquanto.

Chegamos à clínica um pouco adiantadas, fomos até o balcão que tinha logo na entrada e a recepcionista me deu uma ficha para preencher e informou que logo eu seria chamada. Quando entreguei a ficha preenchida, perguntei qual o valor da consulta e ela respondeu que já tinha sido paga. A clínica era muito luxuosa, então imaginei que uma consulta ali devia custar uma fortuna.

A recepcionista nos encaminhou para uma sala de espera e disse que, em breve, uma enfermeira me chamaria para fazer uma triagem e depois a médica chamaria para a consulta. Na sala de espera havia muitas grávidas, a maioria com barrigas imensas e com os maridos ao lado. Foi inevitável me sentir triste. *Será que na minha vida as coisas sempre serão assim? Meu destino é estar sempre só?* Claro que a companhia da avó de Raphael era muito bem-vinda, mas eu não podia negar que queria um pai presente para o meu filho.

Depois de algum tempo, fomos encaminhadas para uma sala onde a enfermeira me pesou, aferiu minha pressão, colheu meu sangue e me fez algumas perguntas. Em seguida, ela nos liberou para a sala de espera novamente.

Peguei uma revista para passar o tempo. Estava lendo um artigo sobre a importância da amamentação na vida do bebê quando Elisabete segurou minha mão e apertou. Olhei para ela, sem entender aquele gesto repentino, e ela estava sorrindo enquanto olhava para a porta atrás de mim. Quando me virei, meu coração bobo acelerou e meu estômago se agitou.

Raphael estava lá, parado, nos olhando, e parecia mais lindo cada vez que eu o via. Eu não consegui evitar, meu coração bateu tão forte dentro do meu peito que eu tive medo de desmaiar a qualquer momento.

Ele andou até nós, e sua avó levantou para abraçá-lo. Ele a abraçou apertado e ela beijou o rosto dele com amor. Eu não sabia

muito bem como agir, minhas mãos começaram a suar, mas acabei me levantando também. Ele me olhou e beijou meu rosto antes de falar:

— Oi, Maria.

— Você veio.

— É, eu vim.

Ficamos nos olhando em silêncio. Nosso momento foi interrompido quando uma mulher, que devia ser a médica, apareceu na porta do consultório e chamou meu nome.

Fui andando até o consultório, e Raphael e sua avó foram atrás de mim. A doutora deu passagem e nós entramos. Ela mandou que sentássemos e puxou mais uma cadeira para que todos pudéssemos nos acomodar. Eu sentei na ponta e Elisabete sentou na outra ponta, fazendo sinal para Raphael sentar ao meu lado.

— Boa tarde a todos! Para quem ainda não me conhece, eu sou a doutora Amber. Elisabete já é uma amiga de longa data — as duas sorriram uma para a outra. — Você é a Maria Eduarda, e você é Raphael, neto da Elisabete, estou certa?

— Isso mesmo — Raphael respondeu.

— Vocês vieram aqui para dar início ao pré-natal do bebê de vocês, certo?

— Sim — dessa vez, eu respondi.

— Vocês sabem a data da concepção?

Eu sabia, é claro. Nunca esqueceria a noite que mudou minha vida completamente para sempre. Falei a data e a médica anotou.

— Ótimo. Nós vamos fazer um exame para ter a confirmação exata do tempo de gestação e para saber como está o bebê, mas baseada nesta data, você está com aproximadamente 9 semanas. A sua pressão está boa, seu peso também, e eu já recebi o resultado dos exames de sangue colhidos mais cedo. Temos uma tecnologia avançada, que nos permite um resultado seguro em trinta minutos. Pelo resultado, vejo que está tudo certo, a não ser por uma anemia. Vou prescrever umas vitaminas, solicitar mais alguns exames e te

encaminhar para a nossa nutricionista, para que você possa ter uma alimentação adequada, tanto por causa da anemia quanto por causa da gravidez. Agora podemos fazer a ultrassonografia transvaginal. Vocês têm alguma dúvida?

— Não — eu respondi.

Raphael apenas acenou negativamente. Ele estava tenso, sério e isso estava me deixando nervosa.

A médica levantou e nos encaminhou para outro ambiente, onde havia uma maca e um monitor.

— Maria Eduarda, tire toda sua roupa e vista essa aqui, por favor. O banheiro é ali.

Peguei a roupa de hospital que ela me deu, troquei-me e voltei para o consultório, morrendo de vergonha por estar quase nua na frente do Raphael e da avó dele. Eu devia estar vermelha de tanta vergonha.

— Deite-se, por favor, e coloque as pernas nesse suporte. O exame vai ser endovaginal por causa do pouco tempo de gestação.

Meu rosto queimou, mais uma vez, de tanta vergonha. *Tudo bem que Raphael já me viu nua, mas nessa situação é bem diferente.* Deitei na cama e fiquei na posição que ela pediu.

— Vovó e papai, fiquem aqui, ao lado da maca, assim terão uma boa visão do monitor.

Raphael e Elisabete se posicionaram, um de cada lado meu. A doutora Amber pegou o aparelho, colocou uma camisinha nele, em seguida melecou-o com gel e me olhou pedindo permissão. Eu acenei nervosa, e ela começou a introduzir o aparelho em mim. O exame era muito incômodo e me fez suar ainda mais.

— Estão prontos?

— Sim — nós três respondemos.

A médica ligou o aparelho e, depois de alguns minutos mexendo-o, disse:

— Uau, olha só o que temos aqui.

— Está tudo bem com o bebê, doutora? — perguntei alarmada por causa da cara de espanto que ela fez.

— Tudo bem, sim, Maria Eduarda. Mas não é o bebê, são os bebês. Parabéns, vocês terão gêmeos! Vejam, são dois — ela falou, animada, nos mostrando no monitor.

— O quê?! — Raphael e eu falamos ao mesmo tempo.

Quando olhei para ele, vi que estava pálido e chocado. Se antes eu estava assustada, naquele momento fiquei apavorada. *Como eu vou cuidar de dois bebês?*

A única pessoa que ficou completamente feliz, com uma expressão tranquila e um sorriso enorme no rosto foi Elisabete. Ela olhava satisfeita para o monitor e seus olhos brilhavam de emoção. Sua expressão só mudou um pouco quando ela olhou para o neto.

— Rapha, você está pálido. Está se sentindo bem, meu filho?

— Eu estou passando mal, vó, não estou nada bem. Dois? Porra!

Elisabete riu e foi para o lado do neto.

— Senta aqui, meu bem. — Elisabete pegou uma cadeira e deu para o neto sentar. — Como pode um homem desse tamanho estar assustado com dois bebezinhos? Não é de se estranhar, está na genética de vocês, já que sua mãe teve gêmeos logo de primeira.

Raphael ainda estava sentado e atordoado.

— Agora vamos ouvir os corações — a médica falou, sem se preocupar com o estado de Raphael. Ela já devia estar acostumada com esse tipo de reação dos pais de primeira viagem.

De repente, um som alto e misturado ecoou pela sala, e ela disse:

— Estão perfeitos, batimentos normais.

Era o som mais gostoso que eu já ouvi na vida, era perfeito. Apesar do susto pela notícia da gravidez gemelar, eu fiquei feliz por saber que eles estavam com saúde. Enquanto eu desfrutava daquele momento, Raphael permaneceu sentado e pálido até terminar a consulta.

Quando saímos do consultório, Raphael ainda estava calado, mas seu semblante estava melhor, a cor já tinha voltado para o

rosto. Paramos na recepção e marcamos a consulta com a nutricionista e mais alguns exames que foram solicitados.

— Vó, pode ir com seu motorista, eu levo a Maria Eduarda.

— Tudo bem, meu amor.

A avó dele se despediu de nós com abraços e beijos, depois foi embora. Nós seguimos para o local onde o carro dele estava parado e o segurança abriu a porta para nós. Raphael deu passagem para mim e entrou em seguida.

— Carlos, pare na primeira farmácia, por favor — ele ordenou ao segurança.

— Sim, senhor.

Enquanto o carro andava, nenhum de nós falou nada. Alguns minutos depois, o veículo parou e um dos seguranças abriu a porta do lado do Raphael.

— Espera aqui — ele falou e desceu, seguindo para dentro da farmácia com o segurança atrás. Quando retornou para o carro, me deu uma bolsa. — São seus medicamentos. Você precisa começar a tomar logo para tratar a anemia.

— Ah, obrigada.

Ele estava muito sério, bem diferente do Raphael extrovertido que eu conheci há alguns meses. Ele estava com um comportamento tenso, até meio rude, e eu me senti muito mal com essa situação. Éramos dois estranhos tendo que lidar com uma grande responsabilidade, um vínculo eterno.

O carro parou em frente ao meu portão, nós descemos e eu me despedi, apressada, de Raphael. Estava louca para fugir de toda aquela tensão.

— Bom, eu vou indo. Obrigada pelos medicamentos e por ter ido à consulta, sua presença é importante para o bebê, quer dizer, para os bebês. Dizem que, mesmo na barriga, eles já sentem.

— Eu gostaria de entrar para conversarmos. — Ele me surpreendeu totalmente com aquelas palavras.

— Ah sim, claro — respondi, tentando agir de forma natural. Abri a porta da minha casa e dei passagem para ele entrar primeiro.

— Entre, fique à vontade.

— Obrigado.

Minha casa parecia minúscula diante da imponente de Raphael. Ele olhava para tudo, observando cada detalhe, e meu nervosismo só aumentava, então fui direto ao ponto.

— Então, Raphael, sobre o que você quer falar?

O mundo pareceu ficar em câmera lenta quando ele tornou a me olhar.

Capítulo 6

Raphael

A primeira coisa que notei quando entrei na casa de Maria Eduarda foi o quanto ela era gelada e minúscula. Era realmente uma casa muito simples, muito limpa e bem organizada.

— Você não tem aquecedor? — perguntei.

— Não. Eu pensei em colocar, mas essas coisas são caras, então ainda não tive a oportunidade.

Ouvir isso me incomodou pra caralho. Ninguém deveria ter que passar por isso. Eu nasci em uma família financeiramente privilegiada, afinal entre todos os nossos problemas, dinheiro nunca foi um deles. Meus irmãos e eu crescemos tendo tudo de melhor que o dinheiro poderia comprar, nunca soubemos o que é viver em condições precárias, mas apesar de nunca ter experimentado essa sensação, eu sabia que o frio e a fome deveriam ser erradicados do mundo.

— O inverno de Nova Iorque é rigoroso, Eduarda. Hoje, especialmente, está começando a nevar e você pode ficar doente.

— Eu já estou acostumada, Raphael — ela respondeu, sem graça.

Eu senti uma pontada no peito ao me dar conta que, infelizmente, as pessoas se acostumam até com o que é ruim. Minha mãe sempre ajudou muitas pessoas necessitadas na Itália e eu achava nobre da parte dela; meu pai também sempre apoiou, na realidade, a máfia patrocinava essa ajuda financeiramente, mas nós nunca nos envolvemos. Eu nunca conversei com alguém que vivesse essa realidade. Naquele momento, decidi que nunca mais a mãe dos meus filhos passaria por aquilo.

Não insisti no assunto, para não constrangê-la, e de qualquer forma ela não moraria mais ali.

— Eu contei à minha família sobre a gravidez.

— E como foi a reação deles?

— Meu pai ficou bastante chateado, como eu já previa. Acredito que mais por eu ter sugerido o aborto do que, propriamente, por ter engravidado você. E minha mãe está preocupada com você.

— Você parece ter uma família muito boa e acolhedora, deve ser bom — ela respondeu, mais uma vez sem graça.

— Eduarda, eu não posso vir toda hora a Nova Iorque para acompanhar sua gravidez — preferi mudar logo de assunto. — Meu pai precisa de mim lá no trabalho e, mesmo de jato, é uma distância considerável.

Eu estava procurando a melhor forma de abordar aquele assunto com ela, sabia que aquela mulher geniosa não se dobraria facilmente às minhas decisões.

— Por vários motivos, já não era seguro você ficar aqui sozinha, agora que sabemos que está grávida de gêmeos, piorou. A médica disse que gravidez gemelar é mais delicada, e eu sempre ouvi minha mãe falar que realmente é. Meus irmãos mais velhos, aqueles que você viu na boate, são gêmeos. Você vai precisar de muitos cuidados, então eu acho que o melhor agora é você ir para a Itália comigo.

— O quê? Não! Eu não posso, minha vida é aqui.

— Que vida? Você não tem família nenhuma que te prenda aqui, Eduarda, e agora você precisa pensar no que é melhor para os bebês.

— Raphael, isso é loucura. Eu não conheço nada além de Nova Iorque, como vou viver em outro país?

— Você vai viver na minha casa, no condomínio da minha família, sob os meus cuidados.

— Eu não quero deixar Nova Iorque. Entenda de uma vez por todas, eu mal conheço você. Sei que estou esperando seus bebês, mas você tem que concordar que somos praticamente estranhos um para o outro — ela falou, começando a se alterar.

— Acontece que, assim como eu, você não tem a porra de uma escolha.

Não era minha intenção, mas acabei sendo um pouco rude com ela. Eu estava nervoso pra caralho, muito tenso com toda a situação e com os nervos à flor da pele, e isso só me deixava ainda mais enrolado.

— É da minha vida que estamos falando, é claro que tenho escolha. E fala direito comigo, ou você acha que me provoca medo quando engrossa a voz? Ficou louco agora?

— Embora você me leve sempre ao limite da sanidade, eu não estou louco, sei exatamente do que estou falando. Não se trata mais só da sua vida. Você teve uma escolha antes, sobre tirar o bebê, mas você não quis e estava muita certa. Eu perdi a cabeça quando te falei aquilo, mas eu também os quero. Aquele foi um momento ruim que eu tive, porque estava de cabeça quente e me arrependo todos os dias, principalmente depois de ouvir aqueles coraçõezinhos tão acelerados, tão vivos.

— Devia ter pensado um pouco antes de falar aquela merda.

— Eu sei, mas hoje a realidade me bateu e eu vi o quanto eles já são reais. Meu Deus, são dois! Eu levei um susto quando a doutora falou, e Deus sabe como me arrependo das merdas que te falei, afinal esses bebês não têm culpa da nossa falta de responsabilidade. Eles estão aí e precisam de proteção, então não tem a menor chance de eu deixar você continuar vivendo sozinha nessas condições.

— Eu estou muito bem aqui. Vivi assim até hoje e sempre soube me cuidar, então vou aprender a cuidar dos bebês também. Tenho tudo o que preciso aqui, nunca precisei de luxo para viver, sempre soube me virar com pouco. Não vou sair daqui, e você não pode me obrigar — ela falou ainda mais alterada, enfrentando-me com o queixo erguido.

Ela estava me deixando mais nervoso, mas respirei fundo tentando controlar meu instinto de ir até ela, jogá-la no meu ombro e levá-la embora dali, mesmo contra sua vontade.

— É aí que você se engana. Você não sabe nada sobre mim, Maria Eduarda. Eu sei o que estou fazendo, e se eu estou dizendo que você vai comigo para a Itália, você vai, querendo ou não.

— Você é inacreditável, Raphael. Está muito iludido se acha que pode me obrigar a alguma coisa. Você nem queria o bebê, agora quer me arrastar para a Itália porque se preocupa com a gente. O que foi, virou o pai do ano? — ela falou, debochada e turrona.

— Pode jogar na minha cara o quanto quiser, porque eu mereço, mas só o que me importa agora é a sua segurança e a deles.

Eu estava completamente no limite. Ela não era culpada de nada, na verdade, a responsabilidade maior era minha. Se eu não tivesse esquecido a porra do preservativo, nada disso teria acontecido, mas não podíamos mudar o que estava feito e eu não ficaria me lamentando, precisava agir. Eu não sabia ser pai nem de um e vieram logo dois, era muito assustador. *Eu que não costumo ter medo de nada, estou morrendo de medo.*

Eu não queria obrigar Maria Eduarda a nada, então primeiro tentei convencê-la, mas consciente de que se fosse preciso eu o faria.

— Não é seguro você ficar aqui sozinha, e eu não vou jogar essa responsabilidade no colo dos meus avós, então, o melhor é você ir comigo para a Itália. Você não tem nada a perder aqui, precisa pensar no que é melhor para os bebês.

— Eu tenho a Manuella e até o Hugo, eles estão sempre comigo.

— A Manuella tem a vida dela. Ela não é sua mãe, tenho certeza de que vai entender que é o melhor para você. Além disso, ela pode te visitar de vez em quando. E o Hugo não é o pai dos seus bebês, eu sou. Quem tem que cuidar de você e deles sou eu e mais ninguém — falei da maneira mais delicada que pude, pois era melhor conseguir as coisas na paz.

— Raphael, não é tão simples como você faz parecer. Eu preciso pensar com calma, isso tudo é muito novo para mim. Não

pense que só você está sofrendo com a mudança, eu também estou completamente perdida.

— Eu sei. Eu te disse que essa gravidez ia mudar muita coisa, mas na Itália você estará segura. Na Itália, inclusive, você terá os melhores médicos à sua disposição.

— Eu não disse que ia.

— E eu disse que você não tem uma escolha.

— Baixa a bola, Raphael, você não é meu dono! — ela gritou na minha cara, novamente enfurecida.

— Maria Eduarda, não me atente! Eu não sou seu dono, mas sou o pai dessas crianças que você está carregando e eu vou fazer o que é mais seguro para elas.

— Chega, Raphael! Estou cansada e não vou ficar aqui gastando energia com você. Eu vou tomar banho, ainda estou melada do exame. Se quiser, fique à vontade, eu já volto — ela falou e saiu andando...

Porra, precisava falar que estava melada do exame? Repreendi-me por ainda pensar em sexo em uma situação dessas. Ela estava resistente e não sabia a metade da história, eu imaginava o inferno que seria quando ela soubesse de tudo. Eu sentia muito por ela, mas era tarde, não tinha como voltar atrás. Na Itália, eu contaria tudo a ela e que Deus me ajudasse com essa mulher brava do caralho.

Levantei do sofá, fui até a cozinha e abri a geladeira onde praticamente só tinha água; olhei os armários e também estavam praticamente vazios. Cada vez eu estava mais certo da minha decisão. Minha pretensão não era me casar com ela, afinal eu tinha certeza de que essa era a última coisa que ela queria e eu não a forçaria a nada além do necessário. Eu não estava apaixonado, e ela mal me aturava, como poderíamos casar? Era para ter sido só uma noite, a gente só queria transar, mas não dava mais para ignorar as consequências.

Quando ela saiu do banheiro, parecia mais tranquila.

— Arrume umas roupas, vamos para o meu apartamento, aqui não tem nada para você comer. Lá também não tem, mas é

próximo ao centro e podemos parar para comprar alguma coisa. Daqui a pouco a neve vai deixar a cidade um caos, e você vai acabar presa aqui sem comida e, ainda por cima, congelada, sem o aquecedor.

Ela me olhou e eu, mesmo conhecendo-a tão pouco, sabia que ela ia me desafiar.

— Eu vou se eu quiser!

— Maria Eduarda — falei entre dentes.

Ela parecia querer me desafiar outra vez e dizer que não, mas pensou melhor e respondeu:

— Eu vou, mas só porque estou com fome.

— Que seja, arrume suas coisas — falei sério, mas minha vontade mesmo era de rir, porque além de birrenta, ela era orgulhosa.

Duda saiu da sala e voltou uns minutos depois carregando uma bolsa de viagem nas mãos e uma menor no ombro. Peguei a bolsa de suas mãos e saímos da casa. Entreguei a bagagem ao Carlos, ele abriu a porta para entrarmos e foi colocar a bolsa na mala.

Pedi que ele parasse em um restaurante italiano que eu gostava e pegasse o de sempre para viagem, o suficiente para todos nós. Nem desci do carro, estava nevando muito e fazendo um frio absurdo. Quando chegamos ao meu apartamento, ajustei o aquecedor e coloquei a comida na mesa.

— Eu vou tomar banho, mas você já pode comer se quiser.

— Eu te espero.

— Tudo bem.

Fui para o banheiro e tomei um banho rápido, pois não queria deixá-la me esperando com fome.

— Vai ficar sem camisa? — ela falou assim que voltei.

— Eu não uso camisa dentro de casa, o aquecedor deixa um clima confortável.

— Mas eu estou aqui, você poderia ser menos inconveniente e vestir uma camisa.

— Não, eu não poderia e não faz o menor sentido. Você já viu até meu pau, então não precisa fazer cerimônia.

Ela me olhou chocada e eu quis rir novamente, mas não o fiz.

— Foi em outra situação, Raphael.

— São situações diferentes e é justamente por isso que agora estou só sem camisa, e não pelado e enfiado no meio das suas pernas.

Eduarda arregalou os olhos e ficou vermelha, mas logo se recompôs e falou:

— Você é irritante, às vezes, garoto.

— Você também, quase sempre.

Ela me olhou de cara feia, mas não contestou, apenas sentou à mesa para comer. Ficamos em silêncio por um tempo, até que ela resolveu falar:

— Essa lasanha está deliciosa.

— É porque você não comeu as que minhas avós e minha mãe fazem.

— Eu adoro cozinhar e comer massa.

— Eu gosto muito de comer e odeio cozinhar.

Ela me olhou, mas não respondeu, estava com a boca muito cheia para isso. Eduarda comia com tanta vontade que dava gosto de ver. Fiquei olhando-a durante algum tempo, até que ela percebeu e me olhou de volta, com as bochechas enormes e cheias de lasanha. Foi uma cena engraçada. Eu ri, enquanto ela mastigou mais rápido e engoliu a comida para me confrontar.

— Para de rir, seu idiota. Você não imagina a fome que eu sinto depois que você me engravidou. Eu nunca paro de ter fome.

E, de repente, os olhos dela ficaram marejados.

— Por que você está chorando?

— Eu vou ficar obesa. Minha bunda já está bem maior e até o final dessa gravidez, eu explodo — ela falou se lamentando.

— Desculpe ter rido de você, mas foi engraçado pra caramba — falei, com pena dos lamentos dela.

— Não vi nenhuma graça.

— Eu vi. E a propósito, não tem nada de errado com a sua bunda, ela me parece ainda melhor do que antes, assim como os seus seios. — Ri e dei uma piscadinha para ela, tentando deixar o clima mais leve.

— Seus pais sabem dessa sua ideia de querer me levar pra Itália? — ela mudou de assunto.

— Claro que sabem, inclusive, meu pai também acha que é a melhor opção.

— Você mora sozinho lá?

— Eu tenho minha casa dentro do complexo, mas além dela tem outras. Tem a casa dos meus pais, dos meus irmãos, aqueles que você viu na boate; a casa do tio Enzo, irmão do meu pai e a do Lorenzo, meu primo. Ah, também tem a casa da Nina, minha prima, mas está vazia porque ela ainda mora com os pais.

— Seu irmão tem um gêmeo, então? É aquele outro que também estava na boate quando nos conhecemos?!

— Uma gêmea, Mia. Aquele cara da boate é o marido dela, Romeu.

— E quem é Nina?

— Filha do tio Enzo, irmã do Lorenzo.

— Nossa, sua família é enorme. Deve ser ótimo ter uma família grande, lá em casa sempre fomos só eu e minha mãe.

— Você não conheceu seu pai?

— Não. Ele foi assassinado quando eu ainda era um bebê de três meses.

— Assassinado? Você sabe por quê?

— Minha mãe falou que foi durante um assalto.

— Qual era o nome do seu pai?

— Não lembro. Minha mãe uma vez falou, mas agora não recordo. Ela sempre evitou falar dele, era muito doloroso pra ela. Quando a mamãe morreu, eu tinha cinco anos, e ela me deixou com uma vizinha, que era sua melhor amiga, também deixou uma poupança para ajudar na minha criação. Pouco tempo depois, essa mulher engravidou, me levou para um orfanato e nunca mais voltou.

Foi lá que conheci a Manuella. Quando saí de lá, aos 18 anos, Manu já tinha saído. Morei com ela por um ano até comprar minha casinha.

— Você é uma menina muito forte — falei com verdadeira admiração.

Ao olhar para ela, percebi que tinham lágrimas em seus olhos, involuntariamente eu as limpei e ficamos nos olhando por um momento.

Maria Eduarda era realmente muito bonita, uma morena de deixar qualquer homem louco. Eu me sentia quente perto dela e quando lembrava de tudo o que fizemos naquela noite. Ela também não era imune a mim, eu sentia.

Meu celular tocou antes que falássemos mais alguma coisa.

— Oi, *mama*.

— *Filho, tudo bem? Como foi o exame? Sua avó disse que você tinha uma surpresa para mim.*

— Mãe, se eu te falar, você nem acredita.

— *O que foi, Raphael? Não me deixe nervosa!*

— São dois, mãe. Vou ter gêmeos!

— *Ah, meu Deus, não acredito! Que alegria* — minha mãe gritou do outro lado da linha. — *Matheo, o Raphael vai ter gêmeos!*

Eu consegui ouvir, baixinho, quando ele respondeu rindo:

— *Não sei porque você está tão surpresa, Mel. Tudo acontece com Raphael, seria estranho se fosse um só.*

— *Filho, você está aí?* — Minha mãe voltou a falar comigo, rindo.

— Estou, mãe, e ouvi o que meu pai falou. Ele tem razão, como sempre.

— *Acho que, depois dessa, não precisa fazer exame de DNA, né Raphael?!*

— Pra ser honesto, nem mesmo antes eu pensei nisso, mãe.

— *Filho, você precisa trazer essa menina para cá o quanto antes. Ela não pode ficar aí sozinha, com dois filhos seus na barriga.*

— Eu sei, mãe, já estou cuidando disso.

— *Tudo bem. Liga pra mamãe quando tiver tudo resolvido.*

— Certo, mãe.

— *Beijo, meu filho, Deus te abençoe.*

— Beijo, mãe.

Voltei para a sala e Maria Eduarda já tinha tirado as coisas da mesa.

— Minha mãe ficou feliz em saber dos gêmeos.

— Que bom. Confesso que eu ainda estou me acostumando com a ideia.

— Eu também. Vou te mostrar aonde você vai dormir, venha.

Levei-a para o quarto de hóspedes e ela olhou tudo com curiosidade.

— Se você precisar, tem mais roupas de cama nos armários e toalhas no banheiro também.

— *Tá bom, obrigada.*

— Você já vai dormir? — ela perguntou.

— Não, mas achei que você poderia estar cansada.

— Estou bem, tenho o costume de dormir tarde.

— Podemos assistir alguma coisa na TV, então.

— Ótimo. Vou me trocar primeiro.

— Tudo bem, te espero na sala.



Maria Eduarda

Eu estava mais que confusa com Raphael. Em alguns momentos, ele era extremamente gentil e engraçado, mas em outros, era arrogante, frio e mandão. Eu também estava muito confusa sobre a minha vida. Realmente não tinha ninguém em Nova Iorque, além de Manuela e, na Itália, os bebês ficariam perto do pai. Certamente, eu me sentiria mais amparada, mas era uma mudança muito grande e eu mal conhecia Raphael, embora sentisse uma forte atração por ele desde o momento em que o vi pela primeira vez.

Era verdade que apenas teríamos que conviver por causa dos bebês, mas eu não conseguia deixar de reparar em como ele era lindo. *Às vezes, eu tenho vontade de pular em cima dele.* Já tinha mais de dois meses que eu não fazia sexo e, talvez porque era proibido, eu nunca senti tanta vontade.

Troquei minha roupa por uma mais confortável e voltei para a sala, onde Raphael estava bem distraído, deitado no sofá. *Putá merda, ele é gostoso demais, que Deus me ajude.*

Quando sentiu minha presença, ele me olhou e, rapidamente, sentou-se no sofá abrindo espaço para mim.

— Senta aqui, Maria Eduarda, eu preciso falar com você.

Fui até o sofá e me sentei a uma distância segura, pois tive medo de ficar perto demais e acabar me jogando em cima dele.

— Eu preciso voltar para a Itália amanhã, e você vai comigo.

— Nós já conversamos, Raphael. Eu não posso ir assim, tão de repente, e você não pode me obrigar, eu já te falei isso.

— Volto para casa amanhã, Eduarda, e preciso levar meus bebês. Não é seguro deixá-los aqui, então você vai ter que ir, sinto muito.

— E se eu não quiser ir, você vai me levar à força?

— Vou.

— Você só pode estar de brincadeira comigo — falei rindo.

— Não, eu não estou — ele respondeu, sério.

— Quem você pensa que é, Raphael?

— Em breve você saberá.

— Você sempre fala isso. Por que não me diz logo? Você é algum psicopata, por acaso? Se o Hugo não te conhecesse há bastante tempo, eu acharia que era.

Ele não me respondeu, apenas riu.

— Dá licença, Raphael, eu vou para cama.

— Achei que estivesse sem sono.

— Estou sem sono, mas não quero ficar perto de você.

— Bom, então, boa noite.

Saí da sala direto para o quarto, peguei meu celular e liguei para Manuella.

— *Ei, garotinha, como você está?*

— Tanta coisa aconteceu, Manu. Para começar, estou grávida de gêmeos.

O grito que Manu deu ao telefone quase me deixou surda.

— *Putá merda, Duda! Raphael não brinca em serviço.*

— E agora ele cismou de me levar para a Itália.

— *E é claro que você vai, não é?! O cara é cheio de atitude, gosto assim.*

— Achei que você diria para eu ficar. Você percebe que, se eu for, não vamos mais nos ver?

— *Duda, você não tem mais um futuro aqui. Você está desempregada e grávida, de gêmeos ainda por cima. Amiga, você não tem nenhuma família aqui, além de mim. Sou sua melhor amiga e irmã, e eu quero, acima de tudo, te ver bem. Acredite, eu vou te amar do mesmo jeito, independente de onde você estiver, mas agora você tem que pensar nos seus bebês também. O pai deles mora na Itália, a família dele é toda de lá, então nada mais natural do que você ir com ele. Além disso, o cara é podre de rico, vai te dar tudo o que você merece.*

— Não estamos juntos, Manu. É só pelos bebês, ele já deixou isso claro.

— *Bom, os bebês também são seus e estão dentro de você, então você faz parte do pacote. Ele tem que te tratar como a princesa que você é, não aceite menos do que isso. Ele não precisa te amar, mas tem que te respeitar.*

— Eu não sei, Manu.

— *Duda, vai ser bom para você e para os bebês, porque você terá uma qualidade de vida muito melhor lá. Ele vai dar tudo para essas crianças e, quem sabe, até se apaixonar por você.*

— Não viaja! O cara é um poço de arrogância na maior parte do tempo.

— *Mas bem que você gostou dessa arrogância toda dentro de você quando o conheceu. Lembro bem de você me dizendo o quanto ele era gostoso.*

— Ele é e muito, mas foi bem diferente quando queria transar comigo. Não existe criatura no mundo mais gentil do que um homem quando quer transar, mas depois que consegue o que quer, tudo muda.

— *Bom, talvez ele queira repetir a dose qualquer dia desses.*

— Eu não quero mais saber dele.

— *Tá bom, vou fingir que acredito. Quando você vai?*

— Ele disse que precisava voltar amanhã.

— *Cacete, já? Então vê direito isso que eu peço ao Hugo para me levar até você para me despedir.*

— *Tá bom, amiga, a gente vai se falando. Beijo.*

— *Tudo bem, se cuida. Beijo.*

Desliguei o telefone e deitei na cama, desanimada. Como minha vida mudou tanto e tão rápido? Meu Deus, uma noite foi capaz de mudar tudo. Coloquei a mão na minha barriga, ainda plana e acariciei.

— É, bebezinhos, vocês nem nasceram ainda, mas já viraram o mundo da mamãe de cabeça para baixo, já estão me deixando de cabelo em pé. E parece que o pai de vocês é um tanto mandão.

Suspirei, levantei da cama e fui até a sala onde Raphael estava, mas não o encontrei. Fui até seu quarto e ele estava lá,

sentado na cama com aquela barriga sarada e aqueles braços fortes, aqueles ombros largos, aqueles olhos intensos, meio verdes, meio azuis... Eu não conseguia nem piscar. *Precisava ser tão gostoso? Que inferno.*

— Quer falar comigo, Eduarda, ou veio apenas para admirar minha beleza?

Levei um susto com a sua voz grossa me chamando. Puta merda, eu estava babando no cara e fui pega no flagra.

— Não seja convencido, Raphael. Se quer saber, você nem faz meu tipo.

— Oh, eu acho que eu faço sim, e muito.

— Pois saiba que está enganado.

— Não estou enganado. Lembro bem de você embaixo de mim, aqui nessa cama, se contorcendo e gemendo, deliciosamente, no meu ouvido.

Olhei para a cama e lembranças deliciosas vieram à minha mente. Na mesma hora, todo o meu corpo esquentou. Antes que eu pulasse em cima dele, resolvi focar no assunto que me levou até ali.

— Não seja convencido, garoto. Eu vim apenas avisar que eu vou com você, mas preciso ir em casa arrumar minhas coisas.

— Ótimo! Partiremos amanhã de manhã e, antes de irmos, passamos na sua casa e você pega o que precisar.

— Okay. Vou dormir. Boa noite.

— Boa noite, Maria Eduarda.

Saí de lá o mais rápido que eu pude e corri para o outro quarto antes de perder o controle.

Capítulo 7

Raphael

Saímos de Nova Iorque pela manhã e, antes, passamos na casa da Eduarda para ela buscar algumas coisas. Ela foi da casa dela até o aeroporto chorando e isso acabou comigo.

Antes de embarcarmos, vi quando Manuella e Hugo entraram no saguão do aeroporto, alguns metros de onde estávamos. Manu olhava para todos os lados com os olhos cerrados, com certeza à procura da amiga. Acenei para que nos vissem e a garota correu em nossa direção, chorando.

Eu senti um aperto no peito ao ver aquela cena. Seria uma separação difícil para elas, pois durante muito tempo as duas tiveram apenas uma à outra.

— Duda! — Manuella chamou a amiga.

Maria Eduarda se virou em direção a ela e as duas se aproximaram. Num primeiro momento, elas apenas se abraçaram, com apenas os soluços de choro quebrando o silêncio. Hugo e eu apenas observamos as duas, depois de nos cumprimentarmos.

— Por favor, se cuide direitinho, cuide dos nossos bebês e nunca deixe de me ligar. Vou esperar sempre suas visitas — Manuella pediu.

— Eu prometo que vou me cuidar — Eduarda respondeu, fungando. — Vai ser muito difícil sem você, amiga.

— Você terá o Raphael. Tenho certeza de que ele vai cuidar de você lá, mas se ele não fizer isso, você me liga que eu vou te buscar correndo — Manu falou para a amiga, mas fez questão de dar uma olhada de esguelha para mim. — Vai ser feliz, meu amor. Você agora terá sua família e nunca mais estará sozinha, mas se precisar de mim, é só gritar.

— Obrigada por tudo, irmã.

As duas se abraçaram mais uma vez e tornaram a chorar. Instantes depois, Eduarda abraçou Hugo, eu me despedi de Manu, e eles foram embora.

Ficamos observando os dois sumirem e eu me aproximei para abraçar Maria Eduarda. Ela não me rejeitou, pelo contrário, abraçou-me forte e chorou no meu peito. Quando ela se acalmou um pouco, eu segurei seu rosto e, olhando em seus lindos olhos verdes, prometi:

— Você nunca mais vai estar sozinha, não precisa ter medo. Eu sei que mudanças assustam e que você está saindo da sua zona de conforto para o desconhecido, mas eu prometo fazer o possível para tornar sua vida melhor do que antes. Sei que você está acostumada a ser independente, mas permita-me cuidar de vocês a partir de agora.

Ela assentiu devagar e, para o meu espanto, aproximou o rosto do meu, fechou os olhos e colou a boca na minha. Inicialmente eu fiquei paralisado, mas logo fechei os olhos também e apreciei a sensação gostosa da sua boca quente e macia.

Alguns segundos depois, Eduarda se afastou e, sem olhar para trás, entrou no jato. Eu ainda fiquei parado, tentando entender o que foi aquilo, mas desisti de pensar e embarquei também. Quando entrei na aeronave, ela já estava acomodada em uma poltrona na janela, então apenas sentei ao seu lado e nós partimos.

Quando chegamos à Itália, nenhum de nós dois tocou no assunto do beijo. Minha família sabia que chegaríamos naquele horário, e minha mãe e Mia estavam loucas para conhecer a Eduarda, mas avisei que iríamos direto para casa e pedi que ninguém fosse nos visitar hoje. Eu queria, ou melhor, precisava contar a ela sobre a minha vida antes de qualquer coisa.

Maria Eduarda passou mal a viagem toda, enjoada e vomitando toda hora. Eu não sabia o que fazer e perguntei se poderia ajudar em alguma coisa, mas ela gritou na minha cara que eu ajudaria muito se não tivesse feito um filho nela.

Resolvi me afastar e deixá-la quieta, porém quando ela ia para o banheiro eu corria logo atrás para segurar seu cabelo. Ela

me olhava com cara de possuída, mas pelo menos não me batia.

Em uma dessas vezes, eu realmente achei que ela fosse me bater. Eu vi quando ela caminhou rápido em direção ao banheiro e fui logo atrás para ajudá-la, mas assim que ela percebeu minha aproximação, gritou:

— Puta merda, Raphael, será que eu não posso nem fazer xixi em paz.

— Desculpa, eu achei que...

Ela fechou a porta na minha cara, antes que eu pudesse completar o que ia dizer.



Quanto mais Maria Eduarda se dava conta de sua nova realidade, mais ela queria distância de mim. Entretanto, quando chegamos ao complexo, mesmo assustada e arisca comigo, ela perguntou:

— Isso tudo aqui é da sua família? Parece um bairro.

— Quase isso. São 7 casas e mais uma menor para hóspedes.

— Meu Deus, tudo aqui exala riqueza. O que vocês fazem da vida para ter tanto dinheiro assim?

— Muitas coisas, mas falaremos sobre isso depois. Vamos?

Chamei quando chegamos em frente à minha casa e o segurança abriu a porta do carro. Ela desceu logo depois de mim e me acompanhou, observando tudo ao seu redor.

— Essa é a sua casa? — ela perguntou com os olhos arregalados.

— É.

Nós entramos em casa, e os soldados vieram logo em seguida com nossas bagagens.

— Minha mãe deixou um quarto pronto para você, vou te levar até lá.

Subimos as escadas e, quando Eduarda entrou no quarto, parecia chocada.

— Raphael, é muito luxo! Meu Deus, nunca me imaginei em um quarto lindo desse.

— Fique à vontade. Vou tomar banho, depois comeremos alguma coisa e conversaremos.

— Tá bom, vou tomar banho também.



Desci depois do banho e Maria Eduarda ainda não tinha voltado. Minha mãe avisou que deixou uma lasanha no forno, no aquecimento, então eu tirei a travessa e coloquei na mesa, arrumei os pratos e os talheres. Quando terminei, Eduarda estava descendo as escadas.

— Com fome? — perguntei.

— Muita.

— Então vamos comer.

— Sério, isso está gostoso demais — Maria Eduarda não parou de elogiar a comida. — Bem que você falou que a lasanha da sua mãe era a melhor. Não consigo parar de comer. Estou até fazendo falta de educação, mas não posso me controlar.

Ela falava sorrindo, entusiasmada, como se aquela fosse a coisa mais incrível do mundo. Eu já tinha terminado meu prato e fiquei admirando a vontade com que ela comia. *Ela é tão bonitinha*. Acabei rindo também. Percebi que o bom humor dela tinha voltado com a comida, então era mais seguro mantê-la bem alimentada sempre.

— Acho que já estou satisfeita — ela disse, depois de comer quase metade da lasanha.

— Sério? Acho que você comeu pouco. — falei debochando.

— Me deixa! — ela falou e me olhou, fingindo estar ofendida.
— Estou comendo por três e depois do tanto que vomitei no avião, acho que mereço comer sem culpa.

— Você está certa. Você vomita assim todo dia?

— Não assim, mas vomito todos os dias.

— Deus me livre! Deve ser como estar de ressaca todos os dias.

— É tipo isso, mas tenho certeza de que vou sobreviver. Agora me fala... sobre o que você queria conversar?

— Vem, vamos para a sala.

Nós levantamos e fomos para o outro cômodo, onde eu imaginei que ficaríamos mais à vontade para conversar.

— Essa sala é surreal, aliás, toda sua casa. Foi você quem decorou?

— Não tenho paciência para isso. Contratamos uma decoradora e minha mãe escolheu tudo. No início, eu nem queria essa casa, mas agora tenho que agradecer ao meu pai por isso.

— Por que não queria? — ela perguntou e se acomodou no sofá.

Não pude deixar de notar o quanto ela era linda. Maria Eduarda estava usando um short curto, e suas coxas grossas atraíram meus olhos como imãs. Saí do transe de observá-la e respondi:

— Eu achava que não tinha necessidade de ter uma casa inteira para mim, já que não pretendia me casar, mas agora com os bebês, é bom ter o meu lugar.

— Ah, entendi — ela disse. — Com o que você trabalha, Raphael?

— Em primeiro lugar, Maria Eduarda, eu quero que saiba que tudo o que eu vou te contar agora é totalmente sigiloso e, por uma questão de segurança, você não pode contar a ninguém, nem mesmo para a Manuella, você entendeu?

— Por quê?

— Responda se entendeu.

— Tudo bem, entendi.

— Também quero te pedir que não me julgue pelo que você já ouviu falar por aí ou pelo que já leu na *internet*, pois existe muita mentira e fantasia em todos os lugares. O que você quiser saber,

basta me perguntar, prometo que vou responder com toda sinceridade.

— Você está me assustando, Raphael.

— Você vai se assustar, Maria Eduarda, e eu não posso fazer nada em relação a isso, mas fique tranquila, eu nunca vou fazer mal nenhum a você.

— Fala logo, estou ficando nervosa.

— Por favor, mantenha a calma — pedi, tentando pensar na melhor maneira de conversar com ela sobre isso. — Deixe eu falar até o final e tente manter a mente aberta.

Ela assentiu, e eu respirei fundo, pois sabia que seria uma conversa difícil. Não tendo mais como fugir, falei:

— Nós somos uma família de mafiosos, Maria Eduarda. Nós fazemos parte da Cosa Nostra, que é a Máfia napolitana, mas há mafiosos presentes não só aqui, como também em outros países. Eu não sei se você já ouviu falar alguma coisa sobre máfia, mas é um tipo de crime organizado, não somente para coisas ilegais, é mais um "estilo de vida". Muitos sicilianos não nos consideram como criminosos, mas como protetores, uma vez que o Estado foi incapaz de oferecer proteção aos menos favorecidos. Pietro está no topo da hierarquia, é o *Don*, e por ele passam todas as decisões da família. Ele substituiu meu pai, que hoje é o *consiglieri*, tipo um conselheiro, e somente ele pode questionar as decisões do Pietro.

Ela arregalou os olhos e empalideceu, mas eu queria falar tudo antes que ela soltasse os cachorros em cima de mim, então continuei:

— Nossa máfia nem sempre é criminosa. Minha mãe e algumas mulheres das famílias, por exemplo, fazem parte de projetos que ajudam os mais necessitados e é a Cosa Nostra que financia tudo. Para nós, ser da máfia é uma atitude, algo relacionado a orgulho e honra. É isso que eu e minha família fazemos para viver, respondendo à sua pergunta.

Ela se mantinha estática, ereta e muda. Eu continuei:

— Eu não escolhi essa vida, mas nasci nela e, sendo muito honesto com você, isso não me incomoda. Eu cresci assim, para

mim é natural. Eu sei que é muita coisa para você assimilar e que não é a vida que você sonhou. E, acredite, eu não queria te envolver nisso. A intenção era a gente se divertir, transar, dar prazer um ao outro e só. Eu não queria te arrastar para a minha vida.

Eu fiquei preocupado com a forma como ela estava me olhando, mas precisava fazer com que ela compreendesse o que eu falava e, principalmente, os perigos que envolviam a sua vida e a vida dos nossos bebês.

— Você entende, agora, porque eu fiquei tão desesperado quando soube da sua gravidez e cheguei ao ponto de te sugerir um aborto? Nós temos muitos inimigos, Maria Eduarda, e os filhos são nossas maiores fraquezas, por isso eu não podia deixá-la sozinha em Nova Iorque.

Eu fiquei em silêncio, esperando que dessa vez ela falasse alguma coisa, mas Eduarda apenas me olhava como se estivesse em choque. Ela ficou pálida, como se estivesse prestes a desmaiar.

— Maria Eduarda, você está bem? Fala alguma coisa.

Levantei-me para me aproximar dela e, nesse momento, ela reagiu, saindo do sofá rapidamente e ficando de pé.

— Não me toque, por favor! Fique longe de mim — ela falou e deu uns passos para trás.

Eduarda me olhava com os olhos arregalados, brilhantes e assustados, enquanto tocava, protetoramente, a barriga.

— Eu não vou te machucar. Não sou um monstro, caralho! Eu não seria capaz de fazer mal a você, muito menos aos bebês que são meus também, porra. Tudo o que eu quero agora é proteger vocês.

— Você... Você... mata pessoas.

— Eu não vou entrar em detalhes sobre esse assunto com você, não quero te assustar mais.

— Por que você fez isso comigo? Por que não usou a droga da camisinha, Raphael? Você fez de propósito?

— Claro que não! — respondi, enfaticamente. — Você está falando merda. Eu não queria essa gravidez tanto quanto você.

— E agora, o que vai ser de mim?

— Você vai ficar aqui comigo, e eu vou proteger vocês, essa é a minha função.

— Eu não quero ficar perto de você! — ela gritou na minha cara. — Eu quero voltar para Nova Iorque. Eu e os bebês vamos ficar mais seguros longe de você.

Ouvir isso foi como um soco na cara, mas eu controlei meu ímpeto e tentei falar com ela o mais calmo que eu pude, pois não queria deixá-la ainda mais nervosa.

— Depois de tudo que eu te contei, você acha que isso é uma opção?

Eduarda ficou completamente alterada, tremendo e chorando. Eu queria me aproximar dela para confortá-la, mas seu semblante era de muito medo. *Medo de mim, caralho!* Isso me destruiu.

— Eu volto para Nova Iorque e fico dentro de casa, ninguém vai saber que estou grávida de você.

— Não é assim que funciona, Duda. Infelizmente, não tem mais volta.

— Tem sim! Eu não posso viver assim, meus filhos ainda nem nasceram e já estão condenados. Eu não quero nada de você nem da sua família, porque isso tudo está sujo de sangue. Por favor, só quero ir para casa, seguir com a minha vida e esquecer que um dia eu te conheci. Meus filhos não precisam de um pai criminoso.

Embora ela tivesse razão, ouvir aquilo foi muito ruim. Um sentimento diferente de tudo o que eu estava acostumado se apoderou do meu peito. Mágoa e raiva cresceram dentro de mim e, pela primeira vez, um julgamento me incomodou.

— Não fala assim, porra. Esses bebês têm meu sangue e não há nada que você possa fazer sobre isso. Você não pode afastá-los de mim, porque eu sou o pai deles e tenho meus direitos.

— Você nem queria esses bebês e, de repente, virou um paizão amoroso? Deixa de ser hipócrita!

— Eu não queria ter um filho agora, caralho, muito menos com uma mulher que eu sabia que ia me julgar e odiar quando

soubesse a verdade. Era por isso que eu não queria continuar com a gravidez, mas agora não tem mais volta, eles estão aí e eu quero *meus filhos* perto de mim, você não vai me tirar esse direito.

— Eu não quero *meus filhos* perto de você. Eu vou embora daqui.

— Você não tem esse querer, porque eles também são *meus* — falei, mesmo me esforçando para manter a calma. — Não tem a menor chance de você ir a lugar algum e me afastar deles. Não me teste, Maria Eduarda.

— Eu sabia que você não era tão bom quanto estava fazendo parecer. Vai me manter prisioneira aqui, seu... mafioso?

Eu quase ri da maneira como ela falou, como se quisesse me atingir, mas mantive a seriedade e respondi:

— Se for preciso, para a sua segurança e dos bebês, eu vou.

Virei as costas para sair, pois não queria piorar aquela discussão, mas ela começou a chorar copiosamente. Eu não sabia o que fazer, estava nervoso porque nunca fui julgado dessa forma. Aquela mulher geniosa fez eu me sentir pior do que eu realmente era. *Eu não sou um monstro, caralho!*

— Para de chorar, desse jeito você vai acabar passando mal — falei, tentando ao máximo ser gentil e compreensivo. — Eu sinto muito ter te arrastado para essa situação, mas eu não planejei. Era para ser só sexo, mas aconteceu e agora estou fazendo o que eu posso, o que é melhor para vocês.

— Se você realmente se importasse com esses bebês, me deixaria ir.

— Justamente por me importar é que eu não posso deixar você ir. Vocês não teriam a menor chance de sobreviver longe daqui.

— Isso não pode estar acontecendo comigo — ela lamentou. — Eu nunca tive uma família, e quando acho que as coisas estão começando a melhorar, simplesmente descubro que elas nunca estiveram pior.

— Não é tão ruim assim. Meu irmão tem um filho de 3 anos. Ele é louco pelo menino e o menino por ele. Existe amor na nossa família, Maria Eduarda, não é como você pensa. Minha irmã acabou de ter um bebê e meu cunhado também é da máfia, o pai dele é o capo de Las Vegas.

— Não quero mais saber de nada que envolva *Don*, Capo ou qualquer outra coisa relacionada a isso que vocês chamam de vida. Eu não quero viver todos os dias com medo.

— Você se acostuma.

— Eu não quero me acostumar com isso e não quero meus bebês no meio dessa gente.

— Essa gente é a minha família e esses bebês farão parte dela, você querendo ou não. Então, o melhor que você tem a fazer agora é aceitar. Ah, e nem tente fugir, porque você não conseguiria nem chegar ao portão.

— Grrrrr — ela fez um som estranho, como uma leoa feroz, mas não me intimidou.

— Sugiro que você vá para o seu quarto, descanse sua mente e, quando você quiser conversar civilizadamente, me procure, que estou disposto a responder todas as suas perguntas. Eu realmente sinto muito por tudo isso, mas esse é quem eu sou e isso é o que eu faço. Se você não consegue compreender, tente apenas aceitar e, acima de tudo, respeitar.

— Eu odeio você, Raphael. Você acabou com a minha vida — ela gritou e veio com tudo para cima de mim, querendo me bater.

Eu segurei suas mãos, mas ela ainda conseguiu arranhar meu rosto. Eduarda esperneava e se debatia tentando se soltar.

— Para com isso, porra. — Tive que agarrá-la para que seus braços e suas pernas não fizessem mais estragos. — Vai machucar os bebês, sossega, mulher. Surtar não vai te ajudar em nada e você está me tirando do sério, Maria Eduarda.

— Vai fazer o quê, me matar?

— Para de falar merda, caralho! Eu nunca machucaria você.

— Me solta! Eu quero ir para o quarto.

Soltei seu corpo devagar, e ela me olhou com ódio, mas não falou mais nada, apenas virou as costas para mim e, chorando, subiu as escadas correndo em direção ao quarto, deixando-me sozinho na sala. Eu me senti um filho da puta e, pela primeira vez na vida, desejei ser um cara normal. Essa foi a única vez que a vida que eu levava me incomodou. *Nunca vou esquecer o olhar de desprezo de Maria Eduarda.*

Fui para o meu quarto e, poucos minutos depois, meu telefone tocou.

— Oi, mãe.

— *Filho, está podendo falar?*

— Posso.

— *Já conversou com a Eduarda?*

— Já, mãe, e foi um inferno. Ela reagiu muito mal, me xingou, quis me bater, ficou descontrolada. Aquela ogra me falou um monte de merda e agora está trancada no quarto, chorando.

— *Ah, meu filho, fico tão triste em saber disso. Eu posso ir aí e conversar com ela.*

— Melhor não, mãe. Vamos deixar ela em paz para assimilar tudo, quando estiver pronta ela vai me procurar.

— *Você está bem?*

— Estou, eu já esperava uma reação ruim.

— *Tudo bem. Se precisar de mim, estou aqui.*

— Eu sei, mãe. Obrigado.

— *Nada, meu filho. Te amo!*

— Eu também.

Não adiantava remoer toda essa merda, então desci para pegar um copo com água. Quando passei em frente à porta do quarto de Eduarda, consegui escutá-la chorando. Eu queria entrar e confortá-la, mas minha presença só ia piorar a situação. Apenas ignorei e fui para o meu quarto tentar dormir.

Capítulo 8

Raphael

No dia seguinte, acordei com uma dor de cabeça dos infernos e com o pior dos humores. Tomei banho, me vesti e passei pelo quarto da Maria Eduarda, mas estava tudo silencioso e achei melhor deixá-la dormir. Fui para a casa da minha mãe e, quando cheguei lá, ela e meu pai estavam tomando café.

— Bom dia pra vocês.

— Bom dia, filho — minha mãe respondeu com o mesmo carinho de sempre.

— Pelo visto, para você o dia não está tão bom assim — meu pai falou e ficou me observando.

— E então, Rapha, como foi ontem?

— Como eu te disse, foi difícil, mãe. A Eduarda reagiu muito mal e agora ela me odeia. Eu sabia que ela não ia aceitar facilmente, mas não esperava tanto desprezo e, muito menos, medo. Eu vi nos olhos dela o medo que sentiu de mim, e isso pra mim foi o mais fodido.

Contei aos meus pais todos os detalhes da minha conversa com Eduarda. Minha mãe parecia que ia chorar a qualquer momento, mas meu pai manteve uma expressão neutra, como sempre.

— Deve ser mesmo muito difícil para ela. São muitas informações de uma vez só. Primeiro a gravidez indesejada e agora ela descobre o que o pai dos filhos dela faz, é complicado de compreender. Eu, que nasci nesse meio, tive medo de tudo quando casei com seu pai, inclusive dele. Eu me sentia sozinha e assustada, imagina para ela que é tudo novidade.

— Eu sei, mãe, mas não estou acostumado a ser julgado e desprezado dessa forma, porra. Você precisava ver a cara de horror com que ela me olhou.

— É por isso que nenhum de nós se casa com mulheres de fora do nosso ciclo, meu filho. Há sempre um motivo para as regras que você adora não cumprir.

— Você tem razão, pai. Eu não a pedi em casamento nem nada, nunca quis essa situação, mas eu sou o pai das crianças, ela querendo ou não, e não dá para voltar atrás.

— O que é bem pior. Se você tivesse apenas pedido essa menina em casamento e ela não estivesse grávida, ao menos ela teria a opção de não aceitar, mas você fez logo um filho nela e, quanto a isso, nada mais pode ser feito.

— Você tem que ter paciência, meu bebê, aos poucos ela vai conhecer você e nossa família melhor e vai ver que não é tão terrível como parece. Apenas dê tempo ao tempo.

— Vocês têm razão, vou dar a ela o tempo que precisa e, quando ela estiver pronta, acredito que vai entender, ou pelo menos aceitar — falei meio cabisbaixo. — Mãe, ela ainda está dormindo, pede a Gorete para fazer um café da manhã para ela, por favor.

— Claro, filho, pode deixar.

— Pai, quem você acha melhor deixar lá em casa de olho na Maria Eduarda? Provavelmente ela vai tentar fugir, eu não confio nela.

— Deixa o Taylor, ele é confiável.

— Tudo bem, vou falar com ele.

Terminei de tomar o café da manhã e, antes de ir trabalhar, fui procurar o Taylor para designar sua função.

— Taylor, estou com uma hóspede em casa, e você será responsável pela segurança dela. Não precisa ir lá dentro, mas fica bem atento à porta de casa. Ela não tem autorização para sair do complexo, mas pode tentar te enganar para conseguir fugir. Ela está sob sua responsabilidade, então qualquer coisa você me liga, está entendendo?

— Entendido, senhor.

— Ela não pode chegar nem perto desse portão, mas caso você precise impedi-la, não a machuque. Você não tem permissão

para tocar em nenhum fio de cabelo dela.

— Sim, senhor.

Deixei Taylor na entrada da minha casa e fui trabalhar, pois precisava de uma distração para esquecer a noite fodida que eu tive.



Maria Eduarda

Antes mesmo de me sentir acordada, eu já estava com a cara no vaso colocando até minha alma para fora. Além do enjoo, uma dor de cabeça insuportável me atormentava, consequência de uma péssima noite de sono, onde cochilei poucas vezes só para ter pesadelos. Voltei para a cama, completamente desanimada, me deitei novamente e fiquei pensando nos últimos acontecimentos.

Mais uma vez, quando minha vida pareceu estar tomando um rumo certo, aconteceu algo que puxou meu tapete. No dia anterior, antes de embarcarmos, Raphael me pediu para permitir que ele cuidasse de mim e dos bebês, isso fez meu coração se aquecer. Pensei que, pela primeira vez na vida, eu teria realmente alguém para cuidar de mim.

Apesar da forma inusitada como começamos, eu imaginei que a gente poderia dar certo, então tomada por um sentimento de gratidão e carinho, eu o beijei. Naquele momento, eu tive paz, acreditei que ele iria cuidar de mim e que eu nunca mais estaria sozinha. Depois disso, entrei decidida naquele jato, rumo a uma nova vida.

No entanto, agora eu me sentia zozza com tantas informações. Tudo o que Raphael me contou pareceu surreal. Eu já tinha ouvido falar sobre máfia, mas nunca imaginei, nem de longe, que um dia ficaria grávida de um mafioso. Era difícil de acreditar. Minha vida daria um livro, com uma pitada de comédia, muito drama e, com certeza, um *plot* atrás do outro.

Era enlouquecedor pensar que o homem pelo qual eu estava, inegavelmente, atraída matava pessoas. Eu não podia acreditar que o pai dos meus filhos era um criminoso. *A vida é mesmo uma cadela comigo.*

Antes eu achava minha vida vazia e parada, mas depois de tudo o que vivi e ouvi do Raphael, ela ficou totalmente preenchida com medos, dúvidas e inseguranças.

Minha vontade, naquele momento, era de voltar para Nova Iorque, me esconder debaixo da cama e nunca mais sair, mas como Raphael disse, eu não chegaria nem no portão e tinha noção disso. Todo o condomínio era cercado por homens — tantos que não pude nem contar. Homens assustadores, inclusive.

Se Raphael, lindo daquele jeito, me assustou, eu não queria nem conhecer o pai dele, o chefe da porra toda. Devia ser um velho barrigudo e carrancudo, cheio de cicatrizes e tatuagens, frequentemente com um charuto na boca.

Olhei o relógio e já eram 09h da manhã. Vi amanhecer o dia entre rápidos cochilos e pesquisas na internet sobre a máfia. Eu queria tentar entender com o que eu realmente teria que lidar, ao menos nos próximos dias, até conseguir ir embora dali.

Levantei novamente e, dessa vez, tomei banho para tentar me animar, vesti uma roupa confortável e descii. A casa estava em absoluto silêncio, imaginei que Raphael já tinha saído para trabalhar. *Será que ele matará alguém hoje para descontar a raiva que está sentindo de mim?*

Eu me perguntava onde tinha me metido e se ele seria capaz de me machucar ou fazer algum mal aos meus bebês. Então, antes que eu enlouquecesse com todas aquelas perguntas que rondavam minha mente, decidi encarar minha situação.

Quando cheguei à cozinha, tinha uma linda mesa de café da manhã arrumada. *Quem será que fez isso? Raphael tenho certeza que não foi.*

— Raphael, você está em casa? — chamei, mas não obtive resposta.

Fui até a porta de entrada da casa e vi um segurança parado, um pouco mais à frente. *Será que ele fala inglês?* Arrisquei, já que Raphael falava inglês perfeitamente.

— Senhor, bom dia. Sabe onde Raphael está?

— Bom dia, senhora. O chefe já foi trabalhar, a senhora está precisando de alguma coisa?

— Não, só queria saber.

— Qualquer coisa é só me chamar, estarei à sua disposição.

— Obrigada.

Entrei novamente e tranquei a porta. Resolvi tomar café da manhã, estava morrendo de fome e aquela mesa farta me deu água na boca. Quando terminei de comer, arrumei a cozinha e voltei para o quarto.

Deitei na cama e liguei a TV para tentar me distrair e parar de pensar no que não tinha solução. Em algum momento, sem perceber, cochilei. Acordei — nem sei quanto tempo depois — com a campainha tocando. Ainda meio desorientada, olhei no olho mágico e vi três cabeças sorridentes, três mulheres. Eu reconheci que uma era a cunhada de Raphael, outra a irmã que vi na boate, mas a terceira, não sabia quem era.

Abri a porta, reticente, e ao me verem, aqueles sorrisos se ampliaram. Todas elas eram, impressionantemente, bonitas. Além das três, tinha um pequeno e lindo garotinho de olhos azuis segurando a mão da cunhada de Raphael. Reconheci que era Noah, o sobrinho que Raphael tinha me falado e mostrado a foto. Pessoalmente ele era ainda mais fofo.

— Oi! Eu sou a Nina, e essas são Amanda e Mia — a garota de cabelo escuro falou sorridente, apontando para as outras duas. — Raphael nos mandou deixar você em paz, mas a versão dele de "deixar alguém em paz" não é a mesma que a nossa, então viemos te conhecer.

Fiquei um pouco assustada e minha primeira reação foi ficar parada em frente à porta, sem saber se eu as convidava para entrar ou não. De alguma forma, sem saber o porquê, eu simpatizei com elas logo de cara e senti que podia confiar nelas, talvez até nos tornássemos amigas.

— Entrem, meninas. — falei e fomos entrando e nos acomodando na sala. — Que bom que vieram, porque estou totalmente perdida e me sentindo sozinha aqui nessa casa enorme. Vi vocês duas na boate, na verdade, vocês e seus esposos. Não sei se vocês lembram.

— Claro que lembro, Duda. Esse rapazinho aqui é meu filho, Noah. Dá oi para a tia, filho.

O menininho mais lindo que já vi na vida me deu um oi, tímido, e correu para sentar na poltrona à minha frente.

— Oi, bebê. Tudo bem com você? — falei, mas ele não me respondeu.

— Noah, responde à tia — Amanda repreendeu o filho.

— Eu não sô bebê, sô rapazinho — ele disse, e nós rimos. Ele era uma graça.

— Não liga, Duda, meu filho é meio arisco igual ao pai — Amanda se desculpou.

— Ah, mas ele está certo. Ele já é um rapaz e muito lindo, por sinal — falei e, dessa vez, ganhei um sorriso dele.

— Viemos te dar as boas-vindas. Como você está? — Amanda perguntou.

— Querem a sinceridade?

— Sempre — Mia respondeu.

— Assustada, nervosa, revoltada e com muito medo. Estou completamente sem saber o que fazer.

— Duda, não fique com raiva do meu irmão. Raphael é um cara bom, ele nunca traria você para nossa vida se tivesse escolha.

— Pode até ser, Mia, mas está sendo difícil assimilar tudo isso. Estou com medo por mim e pelos bebês. Tenho medo de que alguém faça mal a eles.

— Raphael não vai deixar isso acontecer, você só precisa ter um pouco de fé nele. Eu também sou casada com um mafioso e nós temos um bebê, ele é o melhor marido que eu poderia ter. Amanda também é muito feliz com Pietro.

— Eu mal o conheço, meninas. E não é só isso. Só de pensar no que ele faz, eu fico muito assustada, porque sempre odiei e tive pavor de violência. É assustador demais, para mim, pensar no Raphael matando uma pessoa. Esse é um pecado muito grande e eu tenho medo do castigo, das consequências. Como vocês fazem para conviver com isso?

— A gente simplesmente não pensa nisso. Focamos no que vivemos aqui, no complexo, com nossa família. Nós nunca os vimos em ação — Mia disse. — Aqui dentro eles são totalmente diferentes do que são lá fora. Aqui somos apenas uma família normal. Eu sei que parece estranho, mas existe muito amor entre nós, com o tempo você vai ver.

— E você, Amanda, como se sente? Pelo que Raphael me falou por alto, sempre o filho mais velho ocupa o lugar do pai, então você já sabe que Noah vai ficar no lugar do Pietro um dia. O que você faz para não surtar com a possibilidade desse futuro?

— Desde sempre eu soube que minha vida seria essa, porque assim como Mia e Nina, eu também sou filha de mafioso. Quando me casei com Pietro, não planejei ter um filho tão rápido, acho que, inconscientemente, eu queria adiar essa situação, mas acabei ficando grávida de Noah sem querer e, desde então, todos os dias eu peço a Deus para proteger meu filho. Certamente essa não é a vida que eu queria para ele, afinal nenhuma mãe quer isso, mas a gente se acostuma. Eu apenas vivo um dia de cada vez, sem ficar pensando no futuro dele. Além disso, felizmente ou infelizmente, eles são muito bem treinados antes de assumir qualquer posição.

— Não sei nem o que dizer — falei.

— Então vamos mudar de assunto — Mia disse. — São dois né?! — ela perguntou, apontando para minha barriga.

— Sim. Foi uma baita surpresa e um susto enorme quando recebemos a notícia. Eu não sabia que Raphael tinha irmãos gêmeos.

— Pois é, eu não imagino Raphael pai de um, imagina de dois — Nina falou rindo e percebi que Mia e Amanda a fitaram com um olhar de repreensão.

— Vamos almoçar lá na casa da minha mãe, Duda? Ela está doida para te conhecer. Meu filho está lá com ela e eu quero que você conheça meu bebê também — Mia me convidou.

— Não sei, Mia, fico sem graça.

— Para de ser boba, garota, você agora faz parte da família. Vamos lá, só estamos nós em casa, todos os homens estão trabalhando.

— Tudo bem, então eu vou.

Fui arrastada e, poucos minutos depois, estava em frente a uma outra casa, tão linda quanto a de Raphael. Logo que entramos, Mia gritou:

— Mãe, vem ver quem está aqui.

Minutos depois, uma jovem senhora loira apareceu. Ela era muito bonita e segurava um bebê fofo. *Será que nessa família tem alguém feio?*

— Olá, minha querida! Eu sou Melissa, mãe de Raphael. Seja bem-vinda à nossa casa — a mulher falou com um sorriso alegre no rosto, entregou o bebê para Mia e me abraçou.

— Muito obrigada, dona Melissa. Prazer em conhecê-la.

— Dona Melissa nada, me chame de Mel. Vamos para a sala.

Depois que nos acomodamos no sofá, a mãe de Raphael perguntou:

— Você já está tomando as vitaminas que o médico receitou? Raphael me falou que você está com anemia.

— Já sim, ele comprou no mesmo dia e já comecei a tomar.

— Que bom. Você não pode descuidar da saúde, porque gravidez de gêmeos não é mole não. Eu sei muito bem.

— Eu sinto fome o tempo todo e muito sono, é normal?

— É assim mesmo. Sem contar os enjoos. Nossa, como sofri com os enjoos.

— Eu também tenho muitos, mas a avó do Raphael me ensinou a chupar picolé de limão para aliviar.

— Essa dica da mamãe me salvou em muitos momentos também.

A conversa rendeu muito e, depois de algum tempo, confesso que eu já me sentia muito à vontade e feliz por poder falar abertamente sobre os meus medos e dúvidas, não apenas

relacionadas à gravidez, mas também sobre aquele universo no qual eu fui recém — e forçadamente — inserida.



Almocei na casa da Melissa e acabei passando a tarde com elas. As meninas eram muito agradáveis e, apesar de ainda ser tudo muito estranho e eu não me sentir completamente segura, o clima entre elas era bem leve, pareciam realmente uma família normal.

Naquela tarde, a professora do Noah chegou, fez algumas atividades com ele, e nós ficamos acompanhando de longe. Depois chegou a professora de natação. Ele era muito fofo, e Chase também era uma graça, ria o tempo todo. Mia disse que ele era espontâneo igual ao pai. Pela primeira vez, fiquei imaginando como seriam os meus filhos. *Será que se parecerão comigo ou com o pai?*

No fim da tarde, voltei para a casa de Raphael. Tomei banho, liguei a TV no meu quarto e fiquei deitada na cama. Algum tempo depois, ouvi um barulho e saí do meu quarto. Quando cheguei ao corredor, notei que a porta do quarto ao lado estava aberta. Aproximei-me e vi Raphael de costas tirando a blusa.

Por um momento me distraí admirando suas costas perfeitas e bem definidas, seus braços fortes, suas mãos grandes e aquela bunda durinha. Ele era de tirar o fôlego.

Continuei olhando-o, incapaz de sair dali como eu deveria. Instantes depois, ele tirou a carteira do bolso e, em seguida, uma arma. Raphael colocou os objetos na mesa de cabeceira e eu fiquei olhando aquela cena, estática. Quando ele se virou de frente, deu de cara comigo, mas agiu tranquilamente como se já tivesse notado que eu estava ali.

— Oi, está tudo bem?

Eu não respondi, apenas desviei meu olhar do dele e o fixei na arma. Ao perceber meu olhar, Raphael sentou na cama e guardou-a na gaveta.

— Ficou muda? — ele perguntou.

Virei as costas, corri para meu quarto e tranquei a porta. Quando eu sentei na cama, estava tremendo. Raphael era um cara perigoso, no entanto e para meu horror, tanto quanto ele me assustava, também me excitava. Eu conseguia sentir medo e desejo ao mesmo tempo, e enquanto meus instintos me diziam para correr para longe dali, meu corpo reagia de maneira diferente.

Era quase doloroso não poder senti-lo me tocar outra vez, talvez porque a semente dele já estivesse crescendo em mim. Eu não sabia o que era aquilo, mas sabia que me sentia fortemente atraída por ele.

Eu não podia ficar perto dele, não podia me arriscar a cair na tentação de me jogar em seus braços. Algum tempo depois, ouvi uma batida à porta e, em seguida, ele tentou abri-la.

— Maria Eduarda, você vai ficar trancada nesse quarto a vida inteira ou vai agir como uma adulta e encarar a realidade? Você tem que comer, espero que eu não precise ficar te lembrando isso. Você está grávida, precisa se alimentar.

— Eu não estou com fome.

— Dá pra você abrir a porra da porta e falar direito comigo?

— Me deixa quieta, Raphael, eu não quero falar com você agora.

— Estou ficando de saco cheio dessa porra. Deixa de ser infantil! — ele esbravejou. — Você não vai poder me ignorar para sempre, e eu odeio ser ignorado.

— Só pra você saber, eu odeio ser feita de boba, odeio que mintam para mim e odeio que me forcem a estar em uma situação que eu não quero. Eu não sou infantil, seu imbecil.

— Você acha que eu queria estar nessa porra de situação? Preso a uma mulher que me odeia, que despreza quem eu sou, que sequer tem coragem de falar comigo cara a cara e, o pior, uma mulher que acha que eu sou capaz de machucar ela e os meus próprios filhos.

— Raphael, vai embora e me deixa em paz. Só me deixa aqui quieta. Eu estou sem fome e não quero conversar agora.

— Você quem sabe. Não vou ficar atrás de você igual a um idiota, porque não sou sua babá. Espero que você saiba o que está fazendo e, se acontecer alguma coisa com os bebês, a responsabilidade será inteiramente sua. Não estou pedindo para você me amar, estou querendo apenas que você se cuide para que, assim, esses bebês sejam cuidados também. Ficar trancada nesse quarto não vai mudar a realidade das coisas, então você pode encará-las da forma mais fácil, cooperando, ou pode ficar de birrinha, prejudicando a saúde dessas crianças e tornando nossa convivência muito mais difícil.

Enquanto ele falava, uma forte tontura me atingiu e eu precisei me segurar para não cair. Quando me apoiei na cômoda, derrubei o abajur, que ao cair no chão fez um estardalhaço.

— Maria Eduarda, o que foi isso?

Respirei fundo e fechei os olhos, tentando me recompor, mas uma forte náusea me atingiu e eu corri para o banheiro, mesmo sem firmeza nas pernas.

— Eu vou arrombar a porra da porta se você não me disser que está bem.

Eu até queria responder, mas não pude, porque estava vomitando e parecia que não ia parar mais. Escutei um estrondo e, em seguida, Raphael entrou no banheiro, assustado. Ao me ver jogada no chão, perto do vaso, ele arregalou os olhos e correu até mim.

— O que aconteceu, você está bem?

— Não, eu não estou nada bem — respondi.

Sem ter mais forças para lutar, simplesmente desabei a chorar. Eu estava cansada, assustada, tonta e enjoada. Eu me sentia fraca e meu corpo todo tremia. Vendo meu estado, Raphael sentou ao meu lado no chão e me abraçou.

Não lutei contra o desejo de me sentir acolhida, então deitei minha cabeça em seu peito e descansei. O cheiro do seu perfume me acalmou.

— Está tudo bem. Estou aqui, e você vai ficar bem — ele falou baixinho, apertou meu corpo ao seu peito e alisou meu cabelo.

— O que você está sentindo? Por favor, conversa comigo.

— A sensação que eu tenho é de que se eu me levantar, vou desmaiar.

— Posso ajudar você a se levantar? — ele perguntou com cuidado e eu assenti.

Raphael segurou, delicadamente, nos meus braços e me colocou em pé. *A mão dele é tão quente e reconfortante.* Não era para ser tão boa a sensação de estar perto dele, mas era.

— Eu preciso escovar os dentes.

— Tudo bem, então se apoia em mim, eu te seguro.

Apoiei-me em seus ombros, e ele segurou na minha cintura, dando-me suporte. Fechei os olhos por um momento, absorvendo a sensação das suas mãos protetoras em meu corpo. Nós estávamos na pia, em frente ao espelho, e quando eu abri os olhos, ele estava me olhando intensamente. Encaramos-nos por alguns segundos, até que eu desviei o olhar para escovar meus dentes.

— Terminei, vou me deitar.

— Você consegue andar? Eu posso te carregar.

— Eu consigo ir sozinha — respondi e dei um passo, mas foi só me afastar um pouquinho dele que a tontura voltou, e o segurei novamente.

— Eu vou pegar você agora, tudo bem?

Assenti e ele me carregou no colo. Cansada, eu descansei a cabeça em seu ombro, e ele me deitou suavemente na cama. Raphael sentou ao meu lado e me olhou.

— Posso ficar aqui um pouquinho com você, até ter certeza que você está bem? Talvez seja melhor eu levá-la ao hospital.

— Não preciso de hospital. Eu já vou melhorar, essas coisas acontecem na gravidez. Estou muito nervosa e isso é consequência da minha agitação.

— Me perdoe por ser o motivo disso. Eu não queria que fosse assim, realmente sinto muito.

— Não vamos falar nisso agora, por favor. Eu e os bebês estamos bem, obrigada por se importar.

— É claro que eu me importo, sou o pai deles e também me preocupo com você.

— Nós estamos bem — repeti para acalmá-lo, porque percebi que sua preocupação era realmente genuína.

De repente, me senti estranhamente carente. Estiquei minha mão e segurei a dele, em busca de algum conforto. Ele apertou-a, em seguida levou-a aos lábios e beijou-a.

— Está se sentindo melhor?

— Sim, obrigada.

— Não precisa me agradecer.

— Sempre que eu vomito alivia o enjoo, mas ainda me sinto tonta.

— Tem certeza de que não precisa de um médico?

— Tenho — falei e fechei os olhos, segurando sua mão.

Sentime segura assim, e isso me assustou. *Esse sentimento é tão contraditório.* Eu não conseguia me entender, mas naquele momento não estava preocupada com isso. Relaxei e aproveitei a segurança que a presença dele me trazia. Quando menos esperei, dormi.



Raphael

Depois de alguns minutos segurando a minha mão, Maria Eduarda dormiu tranquilamente. Ela parecia tão serena, quem a visse assim não imaginaria que, acordada, aquela mulher parecia estar possuída. Na maioria das vezes, aquela baixinha era uma das poucas pessoas que me enfrentava e me tirava do sério, sem nenhuma reserva.

A respiração dela ficou pesada, o que significava que dormia profundamente, então soltei sua mão devagar e me levantei da cama com cuidado para não acordá-la. Fui para meu quarto tomar banho, depois vesti um short e voltei ao quarto dela.

Maria Eduarda ainda dormia, então eu a cobri e senti uma vontade absurda de passar os dedos em seu cabelo novamente, mas não me atrevi, pois não queria que ela acordasse e ficasse nervosa. *O cheiro dos seus cabelos me inebria, e eles são tão macios.*

Por algum motivo desconhecido, senti meu coração pesar quando saí do quarto dela e retornei para o meu. Deitei na cama, mas percebi que estava longe de conseguir dormir, pois fiquei preocupado com a Eduarda. *E se ela se sentir mal durante a noite? E se ela desmaiar antes de conseguir me chamar?* Tantas coisas ruins passaram pela minha cabeça... Não tive paz enquanto não levantei e fui para o quarto dela.

Peguei alguns cobertores nos armários do quarto, forrei o chão ao lado da sua cama e joguei em cima meu travesseiro e meu edredom. Encostei a porta como deu, pois não fechava mais. Olhei para ela dormindo e me deitei. Ali eu acordaria a qualquer momento, caso ela se mexesse na cama. *Comigo por perto, ela está segura.*

Finalmente eu consegui fechar os olhos e dormir em paz.

Capítulo 9

Maria Eduarda

Acordei sentindo uma pressão na bexiga, precisava fazer xixi urgente. Quando coloquei as pernas para fora da cama, toquei em algo que eu tinha certeza que não estava ali na noite anterior. Puxei as pernas de volta para a cama e levei um susto ao ver que Raphael estava dormindo no chão. Fiquei confusa por alguns segundos, mas depois entendi que ele dormiu ali com medo de que eu passasse mal outra vez, e isso aqueceu meu coração, demonstrava que ele realmente se preocupava comigo e com os bebês.

Desci pelo outro lado da cama e caminhei até o banheiro na ponta dos pés. Fiz xixi e aproveitei para tomar logo banho, então tirei o pijama e, quando ia tirar o sutiã, assustei-me com a porta se abrindo.

— Você está bem? Está passando mal outra vez? — Raphael perguntou afoito e, só em seguida, se deu conta de que eu estava quase nua.

Eu não me mexi, e ele também não, mas nós ficamos nos olhando por algum tempo, até que eu me dei conta da situação e recuei dois passos.

— Eu estou bem, só quero tomar banho. Você pode sair, por favor?

— Claro. Me desculpe, eu achei que você estivesse passando mal.

— Não estou, só preciso de um banho — falei rude, mas ele não recuou, continuou me olhando descaradamente.

— Vai ficar aí babando ou tem alguma coisa para falar comigo? — eu disse, provocando-o e me lembrando do dia em que ele ficou com o ego inflado por me pegar admirando-o.

— Na verdade, eu tenho algo a mais para dizer. Eu acho que você ainda está muito debilitada e é perigoso ficar aqui sozinha,

então é melhor eu dar banho em você — ele respondeu, já com sua habitual cara de sem vergonha.

— Ha ha ha, engraçadinho! Sai logo daqui, Raphael.

— Pedindo assim, com tanto carinho, eu vou — ele falou e saiu rindo. — Ogra.

— Do que você me chamou, Raphael? — perguntei. Ele falou quase como um sussurro, mas eu escutei muito bem.

— Não chamei de nada, só falei “Oh, garota”.

Eu acabei rindo também, mas só quando ele virou as costas, para não dar ousadia.



O tempo passou e eu já estava há trinta dias na Itália. Meus dias eram todos iguais naquela época: Raphael saía para trabalhar, eu me levantava para tomar café e, na maioria das vezes, passava o dia com as meninas; antes de Raphael chegar, eu voltava para o meu quarto, evitando esbarrar com ele o quanto eu podia.

Sei que isso era irracional, afinal eu não conseguiria fugir dele para sempre, principalmente porque estávamos morando na mesma casa, mas eu tinha medo de ficar muito perto e sucumbir ao desejo que eu sentia. Na minha mente, era muito errado sentir essa atração, porque meu pai foi assassinado por alguém como ele. Minha vida poderia ter sido totalmente diferente se um criminoso não tivesse tirado a vida dele.

Quantos pais de família Raphael, provavelmente, já matou? Eu não podia aceitar os meus sentimentos. Ele era o pai dos meus bebês e isso eu não tinha como mudar, entretanto eu jamais me entregaria a ele novamente. Não que eu achasse que ele quisesse, mas o problema não era ele, era eu.

Era sexta-feira e, novamente, eu estava trancada em meu quarto. Raphael ainda não tinha chegado e estava demorando mais do que o normal. Depois daquele dia em que eu passei mal e ele dormiu no chão do meu quarto, nosso relacionamento melhorou um pouco. Quase sempre, quando ele chegava, vinha ao meu quarto

ver como eu estava me sentindo e nós trocávamos algumas palavras e ele ia para o quarto dele.

Eu senti que não era só eu que tentava evitar uma aproximação, ele também parecia preferir manter certa distância.

Já eram 23h e eu não ouvi nenhum barulho. *Será que ele ainda não chegou?* Era impossível não me preocupar. Saí do meu quarto, silenciosamente, e me deparei com a porta do quarto dele aberta, mas não o vi. Entrei no quarto devagar e o vi no banheiro. Fiquei parada, olhando para ele, lindo como sempre.

Raphael começou a tirar a camisa e, só então, eu percebi um corte nas costas dele que parecia grave. Antes que eu pudesse dar conta do que estava fazendo, entrei no banheiro e cheguei bem perto dele para olhar o machucado. Fiquei realmente preocupada.

— O que foi isso, você se machucou no trabalho?

Ele me olhou completamente surpreso, pois na maioria das vezes, nós falávamos apenas o necessário.

— Você está bem? Está doendo? Quem machucou você? — perguntei tudo ao mesmo tempo, nervosa.

— Calma! Está tudo bem. Isso não foi nada, já estive pior.

— Você foi ao médico? Esse corte precisa de um curativo, talvez pontos.

— Eu não preciso de médico, Maria Eduarda. Eu mesmo vou cuidar, estou acostumado, não foi nada.

— E se precisar de pontos?

— Não precisa.

— Posso ver? — pedi e ele assentiu.

Raphael ficou parado, e eu me aproximei. Quando toquei a pele dele, senti que ele ficou tenso. Olhei o corte de perto e, realmente, não parecia fundo o suficiente para precisar de pontos. Ele virou de frente para mim, perto demais, a ponto de eu conseguir sentir o cheiro de menta que saía da sua boca.

Nós não conseguimos desviar nossos olhares. De repente, senti uma das mãos dele segurar, firme, minha cintura. Prendi a

respiração, no exato momento em que sua outra mão me puxou para mais perto. Raphael tinha uma pegada forte.

Consegui ouvir o som do meu próprio coração batendo enlouquecidamente dentro do meu peito. Estávamos tão perto que, se eu me mexesse um pouquinho, minha boca colaria na dele. Meus olhos se fecharam automaticamente e eu não consegui mais resistir. Eu *precisava* que ele me beijasse. Eu *queria* aquele beijo. Então, nesse exato momento, um som alto me fez dar um pulo e me afastar, era o telefone dele tocando.

— Merda! — ele esbravejou antes de atender. — Oi, mãe, fala. Estou bem, não foi nada. Mia é uma linguaruda, ela tem que cuidar da vida do marido dela, não da minha.

Percebi que ele ficou irritado, porque o que quer que fosse acontecer entre nós foi interrompido.

— É sério, mãe, está tudo bem. Não, não precisa vir aqui. Boa noite!

Ele jogou o telefone na cama e falou:

— Era minha mãe. Romeu contou para Mia o que aconteceu e ela disse a minha mãe que eu estava machucado. Dona Melissa ficou toda preocupada.

— Ah, tá. Bom, já que você está bem, eu vou para meu quarto, estou com sono. Só vim ver se você já tinha chegado — falei.

Saí correndo dali, sem dar tempo para ele responder, entrei no meu quarto e tranquei a porta. *Foi por pouco!* Eu quase o beijei, e pior ainda, eu quis muito beijá-lo. *Deus, eu quero ele todo! Não tenho mesmo nenhum senso de autopreservação, estou ficando louca.*

Tomei outro banho, dessa vez deixando a água levar todo aquele fogo que tinha tomado conta do meu corpo, e me forcei a deitar na cama para dormir. Depois de rolar muito, de um lado para o outro, o sono chegou.

Capítulo 10

Uma semana depois

Depois do dia em que eu quase beijei Raphael, não o vi mais, entretanto eu ouvia todos os dias ele chegar em casa e me sentia aliviada, pois não conseguia dormir antes de saber que ele estava seguro.

No dia anterior, como ele não chegou tarde, eu fui dormir cedo. Acordei, horas depois, com vontade de ir ao banheiro e, quando fui fazer xixi, senti um incômodo que logo se transformou em uma dor mais forte. *Meu Deus, o que é isso?* Parecia que algo estava me rasgando por dentro, eu não conseguia nem respirar direito. Saí do banheiro com dificuldade, fui até a porta do meu quarto e a abri.

— Raphael! — gritei, chorando.

Eu não tinha forças, por causa da dor, e não tive esperança de ele escutar meu chamado, já que a porta do seu quarto estava fechada. Não consegui me manter em pé por muito mais tempo, então deitei no corredor em posição fetal, juntando forças para chamá-lo mais um vez, entretanto em segundos a porta dele se abriu. Ele apareceu no corredor com cara de sono e arregalou os olhos quando viu meu estado.

— O que foi, Maria Eduarda? O que você tem?

— Eu não sei, mas estou sentindo muita dor. Tem alguma coisa errada, Raphael.

— Merda! — ele falou e andou de um lado para o outro por alguns segundos. — Não se mexa.

Ele saiu correndo para o quarto, voltou com o telefone apoiado entre o ombro e a orelha falando com alguém, enquanto vestia uma calça. Depois que desligou, ele vestiu um casaco e me pegou no colo.

— Fica calma, vou te levar para o hospital. Olha pra mim, Maria Eduarda — ele falou segurando meu rosto delicadamente e olhando nos meus olhos. — Você vai ficar bem, eu estou aqui com você.

Quando chegamos do lado de fora da casa, já havia um carro esperando. Um dos seguranças abriu a porta de trás e Raphael entrou comigo no colo. Eu só sabia chorar de dor e medo.

— Calma, Duda, vai ficar tudo bem. — Ele tentava me acalmar, mas dava para ver que estava tão ou mais nervoso do que eu.

— Estou com medo, Raphael. Não quero perder nossos bebês.

— Você não vai perder os bebês, eu prometo. Eu estou aqui com você — ele falou e deu um beijo na minha cabeça.

Eu me agarrei a ele, tentando me acalmar, deitei a cabeça em seu peito e senti o seu perfume. Meu corpo não parou de tremer e eu não consegui parar chorar.

— Vai mais rápido, porra! Acelera esse caralho — Raphael gritou com o motorista, impaciente.

O carro acelerou, e os braços dele se apertaram ainda mais em volta de mim. Eu estava apavorada, mas saber que ele estava comigo, naquele momento, me confortava.



Raphael

Eu estava nervoso pra caralho, porque Maria Eduarda chorava e se contorcia de dor, e eu não podia fazer nada para aliviar seu sofrimento. Era uma sensação horrível de impotência. Nunca me senti tão pequeno e insignificante em toda a minha vida.

Chegamos ao hospital, eu corri com ela no colo e, rapidamente, a equipe médica veio socorrê-la. Eles a colocaram em uma maca e a levaram.

— O senhor precisa ficar aqui, agora, mas nós vamos cuidar dela.

— Cuidado, ela está grávida e sentindo muita dor.

— Pode deixar, faremos tudo o que for possível, senhor.

Eles levaram Maria Eduarda para dentro e a recepcionista me chamou para fazer a ficha dela. Depois de responder a inúmeras perguntas, fui para a sala de espera, onde fiquei sozinho e aflito.

Algum tempo depois, meu pai me ligou. Ele queria ir até o hospital, mas eu disse que não precisava e que, assim que tivesse notícias, avisaria.

Para mim, parecia que uma eternidade já tinha se passado sem que eles me dessem notícias. Quando eu já estava disposto a invadir a porra da área restrita para funcionários, uma médica veio falar comigo.

— Senhor, nós conseguimos estabilizar a paciente, ela está sem dor.

— E os bebês?

— Eles estão bem. As dores não estavam relacionadas, diretamente, à gravidez, e sim a uma forte infecção urinária. É comum algumas grávidas apresentarem essas infecções, então não é nada para se preocupar. Ela está no soro, fazendo uso de antibióticos, e já administramos os analgésicos para aplacar a dor.

Desabei, sentado no sofá da sala de espera, com uma grande sensação de alívio.

— Ela quer ver o senhor, por favor, me acompanhe.

No caminho, mandei uma mensagem para o meu pai. Quando entrei no quarto, Eduarda estava encolhidinha na cama, com os olhos vermelhos e, ao me ver, chorou novamente. Fui até ela, segurei sua mão e falei:

— Shii, não chora mais. Os bebês estão bem e você vai ficar bem, vai passar. Você ainda está sentindo dor?

— Não, a dor já passou.

— Então por que você está chorando?

— Eu nunca senti tanto medo em toda minha vida! Eu não ia aguentar se algo tivesse acontecido aos meus bebês, porque mesmo ainda sendo muito pequenos, eu já os amo em uma intensidade que eu não sei explicar. Peço perdão a Deus por todas as vezes que eu lamentei o quanto minha vida mudaria com a chegada deles e pelas vezes que eu chorei depois que descobri a gravidez. Eu não me importo mais com todas essas mudanças e tempestades que eles trouxeram para a minha vida, agora eu só quero acalmar meu coração para dar a eles todo amor que eu tenho nesse mundo. E eu fui tão má com você, disse coisas ruins e, mesmo assim, você cuidou de mim. Me desculpe, Raphael.

— É claro que eu cuidei, é a minha obrigação, você está carregando meus bebês. Agora pare de pensar nisso. Eu mereci as coisas que você falou, afinal a única inocente dessa história é você. Não te engravidei de propósito, mas fui muito irresponsável ao não usar camisinha. Eu que te devo um pedido de desculpas.

— Estou feliz que você não tenha usado, porque eu já amo esses bebezinhos aqui. E eu quero muito que a minha barriga cresça logo e cresça muito para que todos vejam que eu não sou mais sozinha.

— Eu acho que também os amo — falei, tentando entender o que eu estava sentindo.

— Acha? — ela perguntou, sorrindo.

— Eu acho que sim. É um sentimento novo para mim — respondi, totalmente honesto. — Eu não queria te deixar mais nervosa e disse que ia ficar tudo bem, mas eu senti um medo insano

de que você... quer dizer, de que nós os perdêssemos. Eu só consegui respirar aliviado quando a médica me disse, agora há pouco, que vocês estavam bem.

Duda sorriu e entrelaçou sua mão à minha. Instantes depois eu a soltei e espalmei minha mão naquela barriga, que já estava bem aparente. Como nos víamos muito pouco, apesar de morarmos na mesma casa, eu ainda não tinha reparado.

Mesmo tocando-a por cima da roupa do hospital, eu podia sentir o calor da sua pele. *O que está acontecendo comigo?* Fomos interrompidos por uma leve batida à porta.

— Oi, Maria Eduarda, sente alguma dor? — a enfermeira entrou e perguntou.

— Não, está tudo bem agora.

— Ótimo! Assim que o soro terminar, a médica deve te dar alta.

— Obrigada.

— Paizinho, aqui está a receita da sua esposa. Ela vai precisar tomar esse antibiótico por sete dias e beber muita água, vai ficar tudo bem. Caso ela tenha febre, pode dar esse antitérmico aqui, de 6 em 6h.

Não sabia se eu lembraria as recomendações da enfermeira, porque as únicas coisas que martelaram na minha cabeça foram “paizinho” e “esposa”. Saí do meu transe quando ouvi a voz de Maria Eduarda.

— Terei alguma restrição? — ela perguntou.

— Não, apenas tomar o antibiótico certinho e beber bastante água.

— Tudo bem, obrigado.



Maria Eduarda teve alta às 5h da manhã. Antes disso, liguei para explicar direito ao meu pai o que tinha acontecido, e ele tranquilizou minha mãe.

O dia já estava claro quando chegamos ao complexo. Maria Eduarda foi direto para o quarto dela tomar um banho e eu, para o meu. Quando saí do banho, fui ver como ela estava e, quando entrei no quarto, ela estava deitada. Sentei na beirada da cama e perguntei:

— Tudo bem? Não está com sono?

— Tudo sim, mas acho que ainda estou agitada com tudo o que aconteceu. Já já vai passar.

— Se você precisar de alguma coisa, me chame.

Dei um beijo na mão dela e levantei da cama, mas antes que eu saísse, ela falou:

— Raphael, será que você pode ficar aqui comigo até eu dormir?

— Tudo bem, eu fico.

Ela levantou o edredom do lado dela, e eu deitei na cama. Tentei nem encostar nela para não assustá-la, mas, para minha surpresa, Maria Eduarda se aconchegou no meu corpo, colocou o braço por cima do meu peito e a perna por cima da minha. Como o filho da puta pervertido que eu era, imediatamente fiquei excitado.

Felizmente, não passou muito tempo até eu sentir a respiração dela ficando mais tranquila. Quando percebi que ela dormiu, fiz um carinho em seu braço e, involuntariamente, ela se aconchegou mais em mim. Naquele momento, a perna dela roçou no meu pau e... *Porra, desse jeito fica difícil!*

Devagarinho, empurrei a perna dela mais para baixo, caso contrário, enquanto ela ainda estivesse encostada no meu pau, eu continuaria duro e não conseguiria dormir.

Aos poucos, o cansaço me venceu e acabei dormindo também.



Maria Eduarda

Acordei sentindo calor e com a bexiga explodindo. Demorei alguns segundos para me situar, até que senti o corpo grande de Raphael enroscado no meu. Ele estava me abraçando por trás, com os braços em volta da minha cintura e o pau duro encostado na minha bunda.

Na tentativa de me soltar do abraço dele, eu me mexi devagarinho e ele gemeu. Eu parei na mesma hora, pois não queria acordá-lo, mas assim que sua respiração se estabilizou novamente, consegui sair do aperto dele.

Fui direto para o sanitário, esvaziar minha bexiga, e tomei banho para acalmar meu corpo. Quando saí do banheiro, Raphael já estava acordado e de pé.

— Não sente mais nada? — ele perguntou.

— Só fome.

— Eu também. Você quer ir na casa da minha mãe? Ela nos convidou para almoçar e está todo mundo lá.

— Todo mundo?

— Sim, é bom que você conhece logo o restante da família.

— Tudo bem, então deixa só eu trocar de roupa.

— Também vou me trocar, te encontro lá embaixo.

Vesti uma roupa confortável e, quando descí, Raphael já estava me esperando na sala. Fomos caminhando até a casa de seus pais. Eu estava nervosa, pois nunca tinha visto o pai dele nem o tio.

Raphael não tocou a campainha e nem bateu na porta, simplesmente entrou. Estavam todos na sala. Os primeiros que vi foram Amanda, sentada no colo de Pietro no sofá, e Noah que estava brincando no chão. Ele foi o único que nos viu.

No outro sofá, havia um casal mais velho, que eu imaginei que eram os tios de Raphael; em outro canto, estava Mia com o

marido que segurava o bebê deles nos braços, e, próximo deles, Nina e um outro homem, que eu imaginei ser o Lorenzo.

Num primeiro momento, não vi a mãe de Raphael em lugar algum, porém quando corri os olhos pelo restante da sala avistei um homem que só podia ser o pai de Raphael. Ele era muito jovem e, apesar da aparência fechada, era muito bonito. *Putá merda, ele não é velho e muito menos barrigudo como imaginei.* Na mesma hora, seu olhar feroz e analisador encontrou o meu e eu me senti intimidada. Ele me olhava como se tentasse decifrar alguma coisa, como se por algum motivo desconfiasse de mim. Instintivamente, procurei pela mão de Raphael e, quando a encontrei, segurei e apertei. Ele apertou de volta para me confortar e se fez notar.

— Bom dia, família. Chegamos! Para quem ainda não conhece, essa é Maria Eduarda, minha... Mãe dos meus bebês.

Todos me deram um oi e eu respondi, encabulada.

— Oi.

— Maria Eduarda, esse é Matheo, meu pai. Aqueles ali são o tio Enzo, tia Lili e o feioso do Lorenzo — Raphael falou.

— Bom dia, Maria Eduarda! Seja bem-vinda à minha casa — Matheo falou, com a voz tão imponente quanto ele mesmo.

— Obrigada — respondi.

Em seguida, a mãe de Nina se levantou, aproximou-se de mim e me cumprimentou.

— Seja bem-vinda, minha querida. Pode me chamar de tia Lili e não fique tímida, porque aqui ninguém morde, exceto o Matheo, às vezes.

— Muito engraçada você, Liliane.

A mulher começou a rir e seu sorriso era contagiante, então eu sorri também. Em seguida, ouvi uma voz familiar atrás de mim.

— Minha querida, que bom que você veio — Melissa falou e me abraçou. — Venha, sente-se.

A mãe de Raphael me levou para a sala, sentou-se em um dos sofás e me puxou para sentar ao seu lado.

— Imagino que você esteja com fome, o almoço já vai ser servido. Você está bem? Raphael nos contou o que aconteceu essa noite.

— Agora estou bem sim, obrigada.

— Que bom. Tem que beber muita água, não se esqueça.

Eu assenti. A todo tempo eu sentia o olhar do senhor Matheo em mim e, em uma dessas vezes, quando o olhei, ele não desviou. Seu olhar era atento, e ele parecia analisar se eu seria boa o bastante para carregar seus netos. Era um olhar do tipo que prendia e dava medo.

Fui salva por Noah. Ele correu para o colo do avô, que na mesma hora acolheu o menino com um olhar paternal e carinhoso, muito diferente do que ele me deu há poucos segundos. Ele se distraiu com o neto e, enfim, eu respirei aliviada.

Voltamos para a casa de Raphael às 21h, porque não nos deixaram sair antes. Eu me sentia exausta, afinal dormimos pouco depois que chegamos do hospital. Naquele momento, eu só queria cama.



Raphael e eu tivemos um dia tranquilo, pois minhas paranóias deram uma trégua diante de todo o carinho e cuidado que ele teve comigo quando passei mal. Ele realmente me surpreendeu, e eu pude ver em seus olhos que sua preocupação era genuína. Isso, sem dúvidas, derrubou um pouco das minhas barreiras, mas a realidade da vida que ele leva ainda grita nos meus pensamentos. As aparências enganam, pois quem os visse reunidos, nunca diria se tratar de uma família de mafiosos.

O pai dele, por exemplo, não tinha nada da aparência que eu imaginava, entretanto seu olhar deixava claro que havia uma alma escura ali. Sem dúvida, ele ama a família, mas com certeza é um homem frio e sem coração.

Era nítido o quanto Raphael venerava o pai e o irmão, mas eu também via seu olhar letal e assustador em alguns momentos, e era algo que me assustava muito.

Eu já não tinha dúvidas de que Raphael seria um bom pai, pois vi como ele ficou aliviado no hospital quando o risco passou — e ele mesmo admitiu —, mas eu seria obrigada a conviver com o seu lado obscuro também e isso era assustador. Meus bebês tinham um laço com ele e, quanto a isso, eu não poderia fazer mais nada, mas eu precisaria me manter afastada, ao menos emocionalmente, para o meu próprio bem.

É claro que eu estava dando uma trégua, afinal Raphael foi muito bom para mim e eu seria sempre grata a ele por isso. E, embora a razão me dissesse para me afastar, meu coração, ultimamente tão tumultuado, só ficava em paz quando ele estava por perto, sem contar o esforço que eu precisava fazer para lutar contra o tesão que sentia por ele.

Meu corpo queimava pelo dele, dia após dia, e minha libido, depois que eu engravidei, estava enlouquecida. Bastava aqueles olhos azul-esverdeados encontrarem os meus para eu ficar quente e incomodada. Minha vagina pulsava e se apertava cada vez que ele chegava perto de mim.

Fazia muito tempo que eu não o sentia dentro de mim, mas eu lembrava da sensação como se fosse muito atual. Se eu fechasse os olhos, sentia o toque daquelas mãos enormes no meu corpo... *Filho da puta, prostituto, precisava ser tão gostoso?*

Capítulo 11

Raphael

Retornamos da casa dos meus pais e cada um foi para o seu quarto tomar banho. Quando eu terminei, bati à porta do quarto dela para saber se continuava tudo bem, mas Eduarda não respondeu. Fiquei preocupado e entrei. Ela estava no banheiro, de costas para a porta, e porra... Eu tive que respirar fundo porque a vontade de tocá-la era tão intensa que doía. *Que bunda maravilhosa!*

Eu estava vidrado, secando sua bunda, quando percebi que ela me observava pelo espelho.

— Desculpe. Eu bati à porta, mas você não me respondeu, então fiquei com medo que estivesse passando mal e entrei.

— Tudo bem. Espero que não esteja usando essa desculpa para me ver sem roupa, descarado — ela falou, rindo.

— Você está completamente certa, como sempre — falei, entrando na brincadeira. — Está muito cansada?

— Um pouco, não dormimos quase nada essa noite — ela respondeu e eu percebi o cansaço no seu rosto. — Raphael, seu pai me olhou de uma maneira estranha, acho que ele não gostou de mim. Será que ele desconfia de mim?

— Não é nada disso, Duda. Meu pai é fechado mesmo. Ele não confia em ninguém e é muito observador, só isso, mas não é nada pessoal com você, fica tranquila — falei, tentando tranquilizá-la. — Quer assistir a um filme? Eu posso ficar aqui com você, se quiser.

— Acho que vou preferir dormir um pouco. Obrigada por ter cuidado de mim, Raphael, mas agora eu estou bem.

Eduarda me dispensou, educadamente. Ela não queria mais minha companhia, porque ainda desprezava quem eu era, e isso me deixou puto pra caralho.

Eu sabia que não era nenhum exemplo a ser seguido, mas também não era o pior dos caras. Muitas garotas da máfia dariam tudo para estar comigo ou apenas passar uma noite em minha cama, então era irônico que a única pessoa que me olhava com desprezo era ninguém menos que a mãe dos meus filhos.

Apesar de não estar apaixonado, tentei me aproximar e construir um bom relacionamento com ela porque seria bom para os bebês, mas Maria Eduarda não me queria por perto, e eu não ficaria rastejando. *Foda-se o que ela pensa de mim, sou o que sou e não preciso da aprovação dela.*

— Bom, já que você não precisa de mim, estou saindo.

— Saindo?

— Sim. É sábado à noite, e se você está bem e não precisa da minha companhia, não vejo porque ficar em casa.

Percebi que ela ficou desapontada, mas foda-se, eu também estava. Nunca fui desprezado antes e não iria me humilhar por nenhuma mulher agora, mesmo que fosse a mãe dos meus filhos.

— Não pedi para você sair de casa, só disse que estava cansada e ia dormir.

— Eu me ofereci para ficar e você me dispensou. Eu costumava sair todos os sábados e ficaria em casa por você, mas já que não precisa de mim, estou indo.

— Eu não dispensei você, Raphael, mas vejo que você estava só esperando a desculpa certa para sair. Vá se divertir, então!

— Pense o que você quiser, garota. E se precisar de alguma coisa, o Taylor está lá fora.

— *Okay.*

Fui para o meu quarto trocar de roupa, peguei minha carteira, minha arma e saí de casa sem peso na consciência. Quando cheguei do lado de fora, encontrei Taylor e Lucco.

— Taylor, eu vou sair, mas Maria Eduarda está em casa, se acontecer qualquer coisa, me ligue imediatamente. Lucco, você vem comigo.

Fui pegar meu carro na garagem e segui para a boate da família onde eu sabia que encontraria o Lorenzo. Ao chegar lá, acessei o camarote e, como eu imaginei, Lorenzo estava lá com uma loira pendurada em seu pescoço e ficou animado quando me viu.

— Que bom te ver, primo, achei que tínhamos perdido mais um soldado. Não ficou em casa com a sua mulher?

— Ela não é minha mulher, caralho. Você sabe o motivo de ela estar na minha casa.

— Vocês me pareciam bem próximos hoje.

Nem respondi, apenas olhei para ele muito sério, deixando claro que não queria mais falar sobre isso.

— Bom, eu vou beber — falei, depois de alguns instantes de silêncio.

Caminhei até o bar para pegar uma bebida. Pedi um uísque e bebi a primeira dose de uma vez só; depois peguei uma garrafa inteira e me sentei em uma das mesas que havia na parte externa, uma área mais calma.

Não demorou muito, Lorenzo apareceu e sentou de frente para mim.

— Cadê sua loira? — perguntei.

— Dispensei, preferi vir falar com você. Além disso, ela é muito grudenta, não estou com paciência pra isso. Você não deveria ter escolhido uma mesa aqui fora, vai chover.

— Eu sei, mas não vou demorar.

— Qual o seu problema, cara? Por que esse mau humor todo?

— Problema nenhum. Estou ótimo, não estou mal-humorado.

— Não precisa mentir para mim, Rapha, eu sei que você não está legal.

— Por que não estaria?

— Me diz você, irmão. Eu sei que tem esse lance de ser pai, que aliás preciso te dar os parabéns, pois você está reagindo muito melhor do que eu esperava, mas eu sinto que tem mais coisa aí.

— Eu estou conformado, não vou ficar me desgastando por uma situação que não tem volta. Os bebês estão aí, não tem mais nada que eu possa fazer e eu já estou me apaixonando por eles.

— E...? — ele insinuou que haveria mais alguma coisa.

— E, o quê, Lorenzo? Não tem mais nada.

— Se você não quer falar, tudo bem, mas achei que você me contasse tudo.

— Eu simplesmente não sei o que te dizer, cara. Estou irritado porque ela me despreza desde que contei quem eu sou e não estou sabendo lidar com isso, está tudo misturado dentro de mim. Quero alguém que me entenda e depois me explique, porque eu sinceramente já não sei de mais nada.

— Entendi. Você não está acostumado a ser ignorado e isso está te irritando. Você está apaixonado por ela?

— Não! — respondi, enfaticamente. — Claro que não, mas já que ela está grávida dos meus filhos, eu ia pelo menos tentar criar um relacionamento amigável. Se isso incluísse o sexo, por mim tudo bem, mas ela sempre me afasta. Eu sinto que ela tem medo de mim e isso me incomoda pra caralho.

— Bom, você precisa compreender que ela não foi criada na máfia como nós, tudo é novidade para ela, cara. A garota não teve nenhuma preparação psicológica pra lidar com nada disso, ela simplesmente caiu de paraquedas nessa vida.

— Eu entendo isso, Lorenzo, e não quero que ela ache bonito o que eu faço, mas também não precisa ter medo de mim, porque eu nunca a machucaria. Eu jamais fui violento com ela, pelo contrário, nunca fui tão paciente com alguém. Aceito que ela não aprove e não entenda o que eu faço, mas não tem porque ela ser indiferente comigo quando eu estou fazendo tudo o que posso para que ela se sinta bem. Estou fazendo o melhor que posso, porra, eu nem estou comendo ninguém.

— Raphael, eu acho que ela gosta de você.

— Gosta porra nenhuma! Ela me odeia pelo que eu faço.

— Lá na casa do meu tio, ela não saiu de perto de você nem um minuto e, em vários momentos, ela segurou sua mão como se precisasse de apoio. Acho que ela não sente realmente medo de você, pelo contrário, se sente protegida, talvez seja até inconsciente. Parece que ela está assustada e não quer aceitar o que sente porque acha isso errado, mas nessas coisas a gente não tem escolha e, mais cedo ou mais tarde, ela vai entender isso.

— Desde quando você entende de relacionamentos, Lorenzo?

— Na teoria eu entendo de tudo um pouco, difícil é na prática.

— Eu não acho que ela me queira, ela odeia essa situação, cara. Não sei se eu te contei, quando meu pai contou a Nicolo sobre essa situação, ele falou para o meu pai que, se eu não pretendia me casar com a Eduarda, eu poderia me casar com a filha dele, que não tinha porquê cancelar o noivado. Dá pra acreditar nesse cara?

— Eu soube, mas isso é porque a filha dele te quer, irmão. Já que a Eduarda não é da máfia e você não é obrigado a casar com ela, se quiser casar com a filha do Nicolo...

— Eu não quero casar com ninguém, porra! Vou ser apenas o pai, até porque a mãe deles me odeia.

— Ninguém odeia ninguém nessa história, Raphael. Na minha vasta experiência em relacionamentos, eu te digo que vocês dois estão apaixonados e não aceitam, é uma briga inútil, na realidade.

— Vasta experiência?

Antes que falássemos mais alguma coisa, a loira que estava com Lorenzo chegou perto de nós com uma outra garota e ambas sentaram à nossa mesa, sem serem convidadas.

— Oi, Raphael, tudo bem? Eu sou a Milena, lembra de mim?

— Claro, lembro sim — respondi.

Na verdade, eu não lembrei de imediato, porque não me ligava muito em rostos e nomes, mas depois recordei que eu e Lorenzo já tínhamos ficado com ela umas três vezes.

— Acho que hoje poderíamos ser só nós dois, já que Lorenzo tem companhia.

— Hoje não é o melhor dia para mim.

Eu estava bêbado e sem paciência.

— Tenho certeza de que posso tornar seu dia melhor.

Continuei bebendo e não respondi. A garota era até gostosinha, mas eu não estava afim essa noite.

Ela continuou falando sem parar ao meu lado e eu já não estava ouvindo mais porra nenhuma. Nesse momento, me arrependi de ter saído de casa, então me levantei decidido a ir embora. A garota levantou junto, rapidamente.

— Espera, você já vai?

— Estou cansado, preciso ir.

— Ah, não, fica um pouquinho mais, a noite ainda nem começou — ela falou, se pendurou em mim e deu um beijo no meu pescoço. Delicadamente, afastei sua mão de mim e falei:

— Fica para a próxima. Lorenzo, estou indo.

— Valeu, cara.

Saí rápido, antes que a maluca viesse atrás de mim e, ao chegar ao estacionamento, Lucco estava encostado no carro esperando. Entrei no veículo a tempo de fugir do temporal que começou e fomos para casa.



Maria Eduarda

Não consegui dormir depois que Raphael saiu. Eu não parava de pensar onde ele estaria e me arrependi de ter negado sua companhia. A quem eu queria enganar? *Agora é tarde, ele saiu e eu estou aqui, sentindo falta dele.* Puta merda, eu realmente não devia ter rejeitado a companhia dele. *Será que ele foi encontrar outra mulher?*

Uma chuva torrencial e com muitos raios começou a cair lá fora, e eu odiava chuva e raios. Desisti de rolar na cama, peguei um cobertor e fui deitar no sofá da sala para esperar. Depois de algum tempo, cochilei e acordei assustada com um barulho. Sentei no sofá e, naquele momento, um clarão iluminou a sala escura, então vi Raphael entrando em casa e o alívio tomou conta de mim.

— O que você está fazendo acordada?

— Eu não consegui dormir, porque não gosto de chuva e, muito menos, de raios. Que horas são?

— Já passou das duas da manhã, Maria Eduarda, e pelo que eu me lembro, você disse que estava cansada e ia dormir.

Percebi pelo seu tom de voz que ele estava meio embriagado. Raphael andou em minha direção, sentou ao meu lado no sofá, deitou a cabeça no encosto e fechou os olhos. Instantes depois, acendi a luz do abajur.

— Apaga, porra — ele reclamou.

— Raphael, você bebeu. Vá tomar banho e dormir, eu também vou subir.

— Você vai tomar banho e dormir comigo? — ele perguntou.

— Não, cada um vai dormir em sua cama.

— Então me deixa em paz.

— Deixa de ser malcriado, garoto.

— Por que eu deveria? Você me odeia, não me quer perto dos bebês e, se pudesse, estaria longe daqui. Então dá um tempo, me deixa em paz e vai dormir.

— Deixa de ser idiota, só estou preocupada com você.

— Não deveria. Aliás, você nem deveria estar aqui, falando com um assassino. Eu sou perigoso, esqueceu? Cansei de tentar consertar as coisas entre a gente e ver você fugir de mim, Maria Eduarda. Cansei de você fazer pouco caso dos meus cuidados. Você só se lembra, o tempo todo, que eu sou um mafioso — ele falou, furioso.

Raphael cheirava a bebida, segurava meu cotovelo e me encarava, esperando que eu o respondesse, mas eu fiquei quieta. Ele só desviou o olhar do meu, algum tempo depois, para olhar para minha boca. Meu coração disparou. *Ele vai me beijar e eu não vou conseguir resistir.*

Ele olhou novamente para os meus olhos e depois para minha boca, soltou meu cotovelo e enlaçou seu braço na minha cintura. Seu toque era firme e arrepiava minha pele; lá fora a chuva aumentava e os raios ecoavam, um atrás do outro, clareando o rosto dele. *Lindo!* Eu fiquei hipnotizada, porque ele estava perto, muito perto, quando inclinou o pescoço para finalmente me beijar.

Nesse momento eu vi. *Cafajeste! Prostituto!* Afastei-me do seu toque, como se tivesse levado um choque, e ele ficou confuso, olhando-me assustado.

— O que foi? — ele perguntou.

— Você estava com outra mulher e agora quer me beijar, seu filho da puta!

— Eu não estava com outra mulher.

— Não? E essa mancha de batom no seu pescoço?

Raphael arregalou os olhos, levou os dedos ao pescoço, esfregando-o, depois conferiu-os e viu o batom vermelho.

— Eu não estava com outra mulher. Fui em uma boate da família e Lorenzo estava lá com uma mulher e a amiga dela. Aquela louca me abraçou e deve ter me sujado de batom, mas eu sequer a beijei.

— Eu não quero saber de conversinhas, Raphael. Eu sabia que isso ia acontecer e, tudo bem, não posso te cobrar nada,

porque nós não somos nada. Eu sou apenas a mulher que está carregando seus filhos, então você não me deve explicações.

— Para de drama, porra! Já disse que não aconteceu nada.

— Não é da minha conta, eu não sou nada sua.

Eu não queria demonstrar meu incômodo, mas acho que não consegui.

— É isso mesmo! Você como sempre tem a porra da razão, então eu fodo quem eu quiser. E elas gostam muito, inclusive a maioria daria tudo para estar carregando um filho meu. Corta essa, Eduarda, você não pode reclamar, afinal nós não temos nada mesmo e você me odeia e me despreza. Tenho certeza de que, se você pudesse escolher, eu não seria o pai dos seus filhos. Então, foda-se! Eu vou sair quando eu quiser, vou comer quem eu quiser e quantas vezes eu quiser. Você não pode me impedir, porque enquanto você me despreza, tem uma mulher querendo casar comigo mesmo sabendo que eu serei pai — ele falou, totalmente alterado, e saiu andando.

Eu fiquei sozinha e estática na sala escura, meus olhos ardendo com a vontade de chorar. Raphael estava certo sobre eu não ter o direito de reclamar, estava errado sobre eu odiá-lo.

Quase deixei ele me beijar, e ele estava com alguma puta minutos antes. *Como eu sou idiota, nunca mais vou deixar esse canalha tocar em mim.* A partir daquele momento, só falaríamos quando fosse algo relacionado aos bebês.

— Ele que agarre as putas dele e me deixe em paz. E se quiser, case com essa trouxa — falei baixinho.

Um trovão rasgou o céu, fazendo-me pular de susto, e eu corri para o meu quarto. Tranquei a porta, entrei debaixo das cobertas e fechei os olhos. A vontade de chorar veio forte e eu não segurei, chorei até não ter mais forças para manter os olhos abertos e dormi.



Acordei no dia seguinte e a chuva não tinha dado trégua. Depois de fazer minha higiene matinal e tomar banho, desci para comer e a mesa ainda estava posta, mas não tinha nenhum sinal de Raphael pela casa. Tomei meu café da manhã, voltei para meu quarto e liguei para Manu.

Conversamos sobre vários assuntos e contei algumas coisas para minha amiga. Minutos depois, quando desliguei o telefone, acabei cochilando. Acordei com uma batida leve na porta e temi que fosse Raphael, mas aquela era a casa dele e eu não podia deixá-lo à porta. Mandeí entrar.

— Bom dia, minha querida! Você e meus netos estão bem?

— Bom dia, Melissa. Sim, está tudo bem com a gente.

— Que bom. Você não vai lá pra casa almoçar? Estão todos lá.

— Obrigada, mas eu não estou com fome, prefiro ficar aqui e comer alguma coisa depois.

— Duda, eu sei que você e meu filho não estão nada bem. Você está com cara de choro, e Raphael chegou lá em casa hoje super calado e mal-humorado. Meus filhos são bons em esconder emoções na rua, mas dentro da minha casa eu conheço a carinha de cada um deles. Sei que são muitas coisas para você lidar, porque nosso mundo é assustador, mas Duda, meu filho é um bom homem e ele está se esforçando para ser bom para você.

— Saindo com outras mulheres? — Eu não deveria ter falado nada, mas não aguentei.

Eu estava completamente sozinha na Itália, precisava externar a minha situação triste com alguém.

— O quê?

— Ele chegou ontem de uma boate e ia me beijar, mas eu vi uma mancha de batom no pescoço dele e a gente discutiu. Você acha mesmo que isso é se esforçar? — falei de uma forma que Melissa não merecia, a raiva me descontrolou. — Me desculpe, não queria ser rude com você.

— Eu entendo, você está chateada. Você o questionou sobre a outra mulher?

— Sim e ele disse que não esteve com mulher alguma, mas é claro que eu não acreditei.

— Pois se ele disse que não a tocou, eu acredito. Raphael sempre me deu muito trabalho, quando criança era muito bagunceiro e agitado. Quando mais velho, só queria saber de festas e bebedeira, mas se tem uma coisa que meu filho não faz é mentir. Raphael sempre assume quando tem culpa, ele nunca nega o que fez. Sempre que eu ou meu marido perguntávamos sobre algo que ele, supostamente, tinha feito, ele assumia. Meu filho é honesto e honrado. Então, se ele disse que não tocou na mulher, ele não o fez.

Eu assenti, compreendendo tudo o que ela disse.

— Você está apaixonada pelo meu filho, Duda?

— O quê? Não... Eu... Eu... não sei, é tudo muito confuso — admiti. — Eu sinto algo diferente pelo Raphael, mas não consigo aceitar o que ele faz para viver. Além disso, ele não sente nada por mim, ele até jogou na minha cara que tem uma mulher querendo casar com ele mesmo sabendo da minha gravidez. Então, eu posso até estar sentindo alguma coisa por ele, mas eu não quero sentir nada.

Melissa riu antes de falar:

— Duda, os sentimentos acontecem independente da nossa vontade. Eu nunca pensei que amaria tanto o Mattheo, no entanto, já estava apaixonada depois que me casei. Em relação ao que ele faz para viver, tenta não focar em quem ele é lá fora, foca no homem que ele é dentro de casa e no pai que ele será para seus filhos. Se você ficar o tempo todo pensando nas coisas, vai enlouquecer.

— Eu sei, Melissa. Raphael me confunde muito, às vezes ele está preocupado comigo e me trata com carinho, outras ele é frio e me diz coisas ruins. Eu não o entendo.

— Ele está reagindo mal à sua rejeição, porque ele nunca precisou lidar com isso. Raphael nunca teve uma mulher fixa na vida, muito menos uma que soubesse o que ele faz e o rejeitasse. É tudo novo para ele também, tenta entender.

— Prometo que vou pensar, Melissa.

— Ótimo! Então... vamos lá para casa almoçar?

— Não, obrigada, é melhor eu ficar por aqui e pensar nas coisas.

— Tudo bem, eu vou mandar seu almoço. Não esqueça que amanhã você tem consulta com o nutricionista, Raphael vai levar você.

— Tá bom, obrigada.

Naquele domingo eu não vi mais nenhum deles. Quando desci, horas depois, minha comida estava na cozinha esperando por mim. Eu comi, subi novamente e passei o dia assistindo TV antes de dormir.

Capítulo 12

Raphael

Acordei antes do celular despertar. Eu andava inquieto, demorava a dormir e acordava bem antes do habitual.

Naquele dia, Maria Eduarda tinha consulta com o nutricionista, e eu iria levá-la antes de ir trabalhar.

Ela já estava tomando café da manhã quando eu me arrumei e desci. Dei bom dia, ela respondeu sem me olhar, e eu me sentei para comer também. Não trocamos nem uma palavra e, logo em seguida, ela já havia terminado de comer.

No dia anterior, eu sequer a vi, porque preferi passar o dia na casa dos meus pais e, mesmo minha mãe fazendo questão de chamá-la, ela não foi. Eu já esperava por isso, porque Maria Eduarda só se sentia à vontade na casa deles quando estavam só as mulheres. Quando meu pai e os outros também estavam lá, ela ficava agarrada em mim como se a qualquer momento alguém pudesse atacá-la e eu, protegê-la. Isso era meio contraditório, já que ela não confiava em mim em nenhum sentido.

— Vou esperar lá fora enquanto você termina o seu café, estou um pouco enjoada, preciso de ar puro — ela falou, já se levantando da mesa.

— Tudo bem, te encontro lá fora.

Minutos depois, peguei minha arma, escovei os dentes e, quando saí de casa, eu a vi parada perto do carro, de costas para mim, distraída mexendo no celular.

Foi impossível não reparar que ela tinha a bunda mais perfeita que já vi, e toquei, na vida. E eu tinha uma coisa com bundas, no instante em que a olhei, lembrei do dia em que transamos. Nas minhas lembranças, Maria Eduarda estava de quatro à minha frente, foi uma visão para nunca esquecer.

Meu pau começou a ficar duro, então achei melhor desviar os pensamentos. Olhei um pouco mais à frente e vi Apolo, um dos soldados, vidrado na bunda dela. O filho da puta estava tão vidrado que nem me viu chegar. Eu me aproximei dele e falei baixo para que ela não ouvisse, mas para que ele entendesse o recado.

— Se você continuar olhando assim para ela, aliás, se olhar para ela outra vez, eu vou te machucar. Muito.

O homem deu um pulo de susto assim que ouviu minha voz. Eu teria achado graça, se não tivesse tão puto.

— Não estou olhando com maldade, chefe — ele tentou se defender.

— Corta essa, seu merda, não tenta me fazer de idiota.

Dei um olhar mortal para ele e saí andando para onde Eduarda estava, antes que eu perdesse a paciência.

— Maria Eduarda, já podemos ir.

Ela me olhou, em silêncio, e guardou o celular na bolsa. Eu dei espaço para ela entrar no carro, entrei logo atrás e saímos.

A consulta foi tranquila. A nutricionista passou uma lista com milhares de coisas saudáveis para a gravidez e indicou alguns suplementos. Quando saímos do hospital, levei Eduarda para o complexo, entreguei a lista para minha mãe providenciar a compra de tudo e pedi que ela contratasse uma cozinheira e uma arrumadeira para ficar à nossa disposição.

Eduarda continuava calada, me ignorando, e eu estava a cada dia mais sem paciência com isso. Deixei-a dentro de casa e fui trabalhar, sem nem me despedir.



Maria Eduarda

Melissa me apresentou uma senhora que cuidaria da casa e uma outra que ia cozinhar — ambas muito simpáticas —, depois conversou um pouco comigo e foi embora. Assim que ela saiu, subi para tomar banho e, quando fui me vestir, tive dificuldade de achar alguma roupa confortável, já estava tudo muito apertado no meu corpo. Eu estava com quase 4 meses de gravidez e minha barriga já aparecia bastante. A calça que vesti para ir ao nutricionista quase não me deixou respirar.

Peguei uma calça *jeans*, mas ela não fechou; os vestidos estavam justos. Nada servia e aquilo me irritou. Depois de revirar tudo, encontrei um único vestido que estava um pouco menos apertado. Naquele momento, resolvi que precisava comprar roupas, então calcei uma sapatilha, peguei minha bolsa e descí. Quando saí de casa, dei de cara com um segurança que logo veio ao meu encontro.

— A senhora precisa de alguma coisa?

— Sim, preciso sair para comprar roupas, mas você não precisa me levar, basta chamar um táxi.

— Senhora, eu não posso deixá-la sair. Vou ligar para o chefe e perguntar como podemos resolver isso.

— Qual é o seu nome?

— Taylor, senhora.

— Taylor, não tem nada o que resolver. É tudo simples, eu vou comprar as roupas e volto, seu patrão não precisa nem saber.

Eu nem tinha terminado de falar e ele já estava se afastando com o celular na orelha. Logo depois, se reaproximou e me entregou o telefone.

— Ele quer falar com a senhora.

Olhei para ele de cara feia e atendi a ligação de má vontade.

— Fala, Raphael.

— *O que você está pensando em aprontar, Eduarda?*

— Não estou aprontando nada. Ao contrário de você, minha vida é bem pacata e não posso me dar ao luxo de sair aproveitando por aí, já que estou grávida de você e presa na sua casa. Acontece que eu não tenho uma roupa que me sirva, está tudo apertado, então preciso sair para comprar, ou você prefere que eu comece a andar pelada por aqui?

— *Pare de falar essas merdas, ainda mais perto do meu soldado* — ele respondeu sem paciência.

— Ninguém mandou ele te ligar. Eu já teria ido, voltado, e você nem ia saber.

— *Não é assim que funciona, Maria Eduarda. Eu sempre vou saber, e você jamais sairá do complexo sozinha, ainda não entendeu?*

— Mas você pode sair sozinho para encontrar putas, não é?!

— *Eu não vou me defender mais, garota, você acredite se quiser. Já te falei que não estive com nenhuma mulher e pare de falar da nossa intimidade perto dos soldados.*

— Eu só quero uma roupa que me sirva, Raphael, é pedir muito? Não estou com disposição para discussão.

— *Tudo bem, Maria Eduarda.* — Ele suspirou. — *Você tem dinheiro?*

— Tenho algum, e você depositou uma boa quantia na minha conta.

— *Okay, então vá, mas não saia de perto dos seguranças. Passe o telefone para ele novamente.*

Dei o telefone para o tal Taylor e esperei. Ele ouviu Raphael por alguns instantes, concordou e desligou.

— Espere um momento, senhora, já pedi o carro.

— Obrigada.

Além de Taylor, um motorista que eu não conhecia e mais dois soldados me acompanharam até o shopping. *Quatro brutamontes para ir ali fazer compras? Que exagero!*

Quando chegamos ao shopping, eu entrei em todas as lojas de roupas para gestantes, só para implicar com os seguranças, até

nas que eu não queria comprar nada. O tempo todo eles andavam atrás de mim.

Depois de muita caminhada, passei em frente a uma loja de bebês e me encantei. Meus bebês ainda não tinham nada, porque a mãe de Raphael queria saber o sexo primeiro para fazer o enxoval, e na ultrassom anterior não deu para ver, pois eles estavam com as perninhas fechadas.

Entrei na loja, e uma vendedora logo veio me atender. Expliquei para ela que ainda não sabia o sexo, e ela me mostrou opções neutras. As roupinhas eram perfeitas e minúsculas, tudo muito lindo. Eram muitas opções, então eu escolhi duas de cada, que às vezes só diferiam pela cor. Peguei roupinhas brancas, amarelas e algumas marfim, todas lindas.

Eu me empolguei tanto que, no final, a conta ficou bem cara, mas não me importei, afinal era o dinheiro que Raphael havia depositado para necessidades dos bebês mesmo. Saí da loja satisfeita, dei minhas compras como encerradas e, logo, os soldados vieram pegar minhas bolsas e me levaram para casa.

Quando entrei em casa, fui direto organizar minhas roupas novas no guarda-roupas; as dos bebês eu deixei separadas nas bolsas mesmo, porque não sabia onde colocar.

Por causa dessa distração, almocei bem depois do horário. De barriga cheia e com o coração feliz, tomei banho e deitei para dormir um pouco. Acordei bem mais tarde do que previ e resolvi olhar novamente as roupinhas dos bebês. Espalhei tudo em cima da cama e, quando estava olhando tudo encantada, alguém bateu à porta e eu mandei entrar. Raphael parou na porta e perguntou:

— Resolveu seu problema?

— Sim, acho que agora tenho roupas suficientes até o final da gestação, comprei algumas grandes já pensando no futuro. Não sou fã de shopping, então achei melhor comprar o suficiente para não precisar voltar lá.

Quando olhei para Raphael, percebi que ele olhava as roupas de bebê que estavam espalhadas em cima da cama.

— Comprei algumas roupinhas para eles também.

— Estou vendo. São tão pequenas que é difícil imaginar um ser humano aí dentro. Parecem pequenas demais até mesmo para um bebê.

— A vendedora disse que eles nascem desse tamanho. Você gostou?

Ele deu um pequeno sorriso e, hesitante, entrou no quarto e andou até a cama. Ele sentou bem na beirada, pegou um macacãozinho e ficou olhando-o por alguns minutos.

— Eu gostei, mas acho que vou gostar mais quando eles estiverem usando.

— Eu também — falei e sorri para ele.

Ele sorriu para mim. Foi um sorriso lindo e sincero. Eu estava emotiva demais e essa atitude dele me deu vontade de chorar, mas de repente senti algo que me deixou alerta. Parei de rir e fiquei espantada. Raphael percebeu e perguntou:

— O que foi? Está sentindo alguma dor?

— Eu senti mexer.

— Mexer, onde?

— Aqui — respondi, pegando sua mão e colocando sobre a minha barriga.

Nós ficamos parados em completo silêncio, até que novamente eles mexeram.

— Sentiu? — perguntei, sorrindo para ele.

— Sim, eu senti. Oh, meu Deus, eles mexeram para mim — ele respondeu e, imediatamente, os bebês mexeram ainda mais.

O sorriso de Raphael era tão grande e genuíno como o meu, porque aquela era uma sensação maravilhosa. Naquele momento, eu senti um elo forte com o pai dos meus bebês. Era a metade de cada um de nós que eu estava carregando dentro de mim.



Uma semana se passou desde que os bebês mexeram pela primeira vez e, desde então, eles não pararam mais. Era o dia da

minha consulta de 4 meses, descobriríamos o sexo dos bebês, e Raphael e Melissa iriam comigo.

Acordei cedo, tomei banho e coloquei um dos meus vestidos de grávida. Minha barriga já estava bem grande, talvez por ser uma gravidez gemelar eu estivesse com mais barriga que as outras grávidas no quarto mês. Quando desci para tomar café, Raphael já estava à mesa. Assim que entrei na cozinha, ele olhou para minha barriga.

— Já está bem grande — ele falou e apontou para ela.

— Está sim, e esse vestido também a deixa mais evidente.

— É, hoje ela está bem evidente.

Eu ri para ele e me sentei para tomar café. Comemos em silêncio e, assim que terminamos, a mãe dele chegou para irmos para a clínica.

Melissa e eu conversamos amenidades durante todo o percurso, enquanto Raphael resolvia assuntos de trabalho ao telefone. Chegamos à clínica e, depois de poucos minutos na sala de espera, eu fui chamada. Raphael e Melissa me acompanharam.

A médica analisou o resultado dos últimos exames que eu havia feito e constatou que estava tudo bem, inclusive a anemia tinha melhorado. Depois de conversarmos um pouco sobre como foram minhas últimas semanas, fomos fazer a ultrassonografia. Troquei de roupa, deitei na cama, a médica passou o gel na minha barriga e começou o exame. Estávamos todos com os olhos vidrados na tela quando ouvimos os corações dos bebês. *Graças a Deus, está tudo bem!*

— Vocês querem saber o sexo? Agora está bem visível — a doutora perguntou.

— Nós queremos, né, Raphael? — perguntei, olhando para ele.

Eu não queria decidir tudo sozinha, afinal ele era o pai e estava sendo presente.

— Sim, nós queremos — ele respondeu, sorrindo de leve para mim.

A obstetra mexeu mais um pouquinho com o aparelho na minha barriga e sorriu.

— Vocês fizeram duas menininhas. Parabéns, papai, e boa sorte! — ela falou, brincando.

— *Per l'amor di Dio, sono fottuto* — Raphael falou em italiano com os olhos arregalados, e eu não entendi uma só palavra.

— O quê? — perguntei.

— “Pelo amor de Deus, estou ferrado!” — Melissa traduziu para mim e riu.

— Ferrado por quê? Você preferia que fosse menino?

— Não é isso, Maria Eduarda. Na verdade, eu só queria transar. Meu Deus, eu só queria transar, não ter dois bebês de uma vez! — ele respondeu, choramingando. — Juro que estou feliz que elas estão vindo, mas espero que elas puxem a você na tranquilidade e comportamento. Não no gênio, claro, porque eu não aguento três mulheres geniosas na minha vida. Bem que o tio Enzo falou, aliás, isso é praga dele — Raphael falou tudo de uma vez, rápido e agitado.

Tive vontade de rir, mas me segurei o quanto pude, até a mãe dele começar a rir.

— Também espero, Raphael, porque se puxar a você, só Jesus.

— Não estou falando em fazer arte, mãe, minha preocupação é outra — ele disse de imediato.

Melissa riu mais ainda, só então eu entendi o que ele quis dizer.

— Pelo amor de Deus, Raphael! Elas nem nasceram e você já está pensando em namorados?

— Não, Maria Eduarda! Não estou pensando e nem quero pensar nisso. Não pronuncia mais essa palavra.

Eu, Melissa e a doutora rimos, mas ele continuou sério. Raphael não estava brincando, ele ficou realmente aterrorizado.

Quando saímos da clínica, Raphael foi trabalhar, mas Melissa me arrastou para comprar muitas coisas rosas e fofas no shopping.

A mãe de Raphael falou que ia mandar a decoradora começar a fazer o quartinho delas, mas eu disse que não precisava, pois mais para frente eu mesma queria fazer isso.

Continuamos conversando sobre isso durante algum tempo e Melissa me perguntou:

— Você prefere deixá-las em um único quarto ou separadas?

— Acho que será melhor para mim deixá-las juntas e mais tarde, quando estiverem maiores, cada uma poderá ter seu próprio quarto.

— É uma boa escolha. Os primeiros anos são muito cansativos, mas gratificantes. Estou ansiosa pela chegada das minhas netinhas.

Depois de falar, pensei na minha situação. Raphael e eu mal nos conhecíamos e eu já estava pensando em, mais tarde, cada uma das meninas ter seu próprio quarto ali, mas não parei para pensar no quanto meu futuro era incerto.

Dei-me conta de que eu precisava conversar com Raphael. Embora eu estivesse com medo das respostas dele, era essencial saber quais eram seus planos.



Mais tarde, naquele mesmo dia, escutei Raphael chegar. Ele tomou banho e bateu à porta do meu quarto, entrou e eu mostrei todas as roupas que comprei junto com Melissa. Ele aprovou tudo, mas principalmente os *body's* com as frases: "*Sou a princesa do papai.*"

— Raphael, eu gostaria de conversar com você — falei.

— Estou ouvindo.

— O que você pretende fazer quando elas nasceram?

— Como assim?

— Nós vamos morar aqui?

— Claro que sim.

— Nós não somos um casal, Raphael. Eu não posso ficar morando com você a vida toda. E se você se apaixonar por outra

mulher e quiser casar? Aliás, você até me disse que tem uma mulher querendo casar com você.

Morri de medo da resposta dele, porque eu não queria nem pensar na existência de outra mulher. Apesar de ter horror das coisas que ele faz quando está trabalhando e contra todo o meu bom senso, eu me vi completamente apaixonada por ele. Não sei como aconteceu e não vi quando esse sentimento chegou, mas quando me dei conta, mesmo mantendo o máximo de distância, me apaixonei.

— Maria Eduarda, eu já te expliquei que aqui é tudo diferente. Eu não vou me casar com outra mulher. Antes de saber de você, meu pai arrumou esse casamento para mim, mas quando eu contei que ia ser pai, ele desfez o acordo com o pai da menina.

— Um casamento arranjado? — perguntei, incrédula.

— Exatamente. O pai dela não se importou com a minha situação e sugeriu que casássemos mesmo assim, já que eu não iria me casar com você, mas eu não posso fazer isso com as minhas filhas. Na máfia, filhos fora dos casamentos não são bem vistos. Se fosse antigamente, eu seria obrigado a casar com você, entretanto, as coisas são mais leves hoje em dia. Ainda assim, não quero que minhas filhas sejam bastardas.

— Nossa, falando assim parece ainda pior do que realmente é.

— É a realidade, Eduarda. Então, sobre nós dois, eu realmente não sei. Não vou te obrigar a casar comigo, porque não quero te impor mais uma condição, já basta a gravidez e sua mudança para a Itália. Mas em relação à convivência com as minhas filhas, eu não abro mão. Elas serão criadas por nós dois, nessa casa, onde é o lugar mais seguro.

— Você se casaria comigo sem me amar, só porque sou a mãe das suas filhas?

— Não foi isso que eu quis dizer, mas casamentos sem amor acontecem o tempo todo na máfia. Minha mãe casou com meu pai e os dois mal se conheciam. Pietro viu a Amanda uma vez antes de casar. Isso não é incomum para nós.

Essa não era a resposta que eu queria ouvir e isso me irritou. Não deveria, mas me irritou. Eu não esperava uma declaração de amor, mas precisava ser tão sincero e admitir que eu não era nada para ele, além de uma conveniência, porra?

— E se eu me apaixonar e quiser me casar com outro homem? — falei só para pirraçar, porque eu estava com raiva.

— Nunca! — ele respondeu, categórico.

Raphael levantou e, subitamente, mudou o tom de voz, que antes estava ameno. Eu gostei de vê-lo com raiva e quis provocar mais.

— Algum cara pode gostar de mim, Raphael, e eu tenho o direito de me apaixonar também, porque nós não temos nada, somos apenas os pais das meninas.

— Se algum cara gostar de você, se aproximar ou, ainda pior, ousar te tocar, eu o mato — ele falou, olhando-me nos olhos.

Raphael estava enfurecido, deixando claro que não estava blefando, como se aquilo fosse algo totalmente normal. Seu semblante estava sombrio e seu olhar raivoso. Eu me assustei, pois nunca tinha visto esse lado dele, mas um outro lado meu comemorou, porque ele estava com ciúmes. *Eu não estou louca, só pode ser ciúmes.*

— Você não faria isso — desafiei.

— Eu faria sem nenhum remorso, você não me conhece.

— Então, a partir de agora, tudo o que eu vou ser na vida é mãe? Eu também sou mulher e tenho minhas necessidades, Raphael. Eu sinto desejo e preciso ser desejada por um homem...

Antes que eu terminasse meu discurso, ele já estava me encurralando na parede, com a mão na minha nuca e olhando dentro dos meus olhos. Seus olhos estavam estreitos e eu cheguei a sentir certo medo, embora não achasse mais que ele pudesse me machucar.

— É pau que você quer? — ele perguntou grosseiramente, visivelmente alterado.

Raphael estava com a respiração alterada e o rosto vermelho. Eu não respondi, também não desviei o olhar. A única coisa que o impedia de me pressionar mais era minha barriga, mas apesar de tudo, ele não estava me machucando.

— Eu te proíbo de estar com outro homem, entendeu?! — ele rosnou, olhando-me enfurecido.

Eu estava hipnotizada, sentindo um misto de tesão e saudade, então não respondi.

— Responde, Maria Eduarda! Você está sentindo falta de pau? Se é isso que você quer, basta pedir, porque tesão por você é o que não me falta.

Meu lado masoquista e apaixonado gostou de ouvir aquilo e, embora eu quisesse dele mais do que pau, eu não podia negar que meu corpo queimou de desejo. Ele nem tinha me tocado, e eu já me sentia toda melada e pulsante. Era quase doloroso o desejo que eu sentia, então sem poder mais evitar e colocando meu orgulho de lado, eu o beijei.

Capítulo 13

Raphael

Quando Maria Eduarda mencionou a possibilidade de estar com outro homem, eu fui tomado por uma fúria assassina. Se outro cara a tocasse como eu já toquei, isso me destruiria. *Nenhum filho da puta vai encostar nela, antes estará morto.*

— É pau que você quer? — perguntei, possuído pelo veneno da porra do ciúme.

Meu pau já estava completamente duro, então se era isso que ela queria, eu poderia dar a ela a noite toda. Ela não respondeu, só me olhava com desejo.

— Eu te proíbo de estar com outro homem, entendeu?! — falei sem me importar com o orgulho que sempre prezei, sem me preocupar de esconder meu ciúme descontrolado. — Responde, Maria Eduarda! Você está sentindo falta de pau? Se é isso que você quer, basta pedir, porque tesão por você é o que não me falta.

Novamente ela não me respondeu, mas me beijou. Nossas bocas se encontraram apaixonadas. A princípio, foi lento e gostoso, estávamos contemplando aquele reencontro que eu pensei que nunca mais teria. Eu chupei a língua dela devagar, saboreando a sensação, coloquei minhas mãos na sua cintura e a puxei para mais perto de mim, até sentir sua barriga me encostar.

Maria Eduarda arfou, deslizou as mãos pelos meus ombros e arranhou minhas costas. Senti sua excitação aumentando aos poucos, e o nosso beijo ficou mais exigente e faminto. Desci minha mão, agarrei sua bunda deliciosa e a puxei mais um pouco para mim. Naquele momento, ela afastou a boca da minha e me olhou.

— Estou me entregando novamente a você, Raphael — ela falou sem desviar os olhos dos meus. — Por favor, não me decepcione outra vez, porque a vida já me castigou demais.

— Nunca, Maria Eduarda. Por favor, acredite em mim. — Foi tudo o que eu consegui dizer, louco de tanto tesão.

Livre-me rapidamente do sutiã dela, admirei seus seios fartos e pesados por causa da gravidez e desci a calça e a calcinha, lentamente, pelas suas pernas. Seus olhos brilharam quando eu subi a mão por suas coxas, passei pelo ventre onde minhas filhas estavam morando e cheguei aos seus seios, amassando-os. Ela gemeu alto, entregue a mim.

Subi minhas mãos pelo seu pescoço e segurei seu cabelo da nuca, aproximando nossas bocas outra vez.

— Já faz tanto tempo — falei com a boca colada na dela. — Não toquei em outra mulher depois que você veio pra Itália, ninguém me interessou. Eu não conseguia tirar você da minha cabeça, Maria Eduarda.

— Eu acredito em você — ela falou.

Finalmente eu senti que ela realmente confiava em mim. De todas as coisas que ela poderia ter dito, nada me excitaria mais do que isso.

Ela tirou minha calça, se agachou e segurou meu pau. Eu joguei a cabeça para trás, louco só com o toque de sua mão.

— Não faça isso ou eu vou acabar gozando antes de entrar na sua boceta perfeita.

Meu corpo todo se arrepiou quando ela ignorou meu aviso e lambeu a cabeça do meu pau. De início, percebi que ela ficou me provocando e brincando comigo, o que me deixou insano, mas depois, com um rápido movimento, ela colocou todo o meu pau em sua boca quente e macia... *Porra!* Ela me chupou com firmeza, me deixando zozinho, dopado de prazer...

Durante os últimos meses, eu vivi esperando pelo momento de tê-la, entregue nos meus braços, outra vez.

— Ah, caralho! — balbuciei, segurando sua cabeça e incentivando-a nos movimentos. — Gostosa pra caralho!

Ao ouvir aquilo, ela me sugou com mais força, depois passou a ponta da língua na cabeça, fazendo-me pulsar, enquanto uma de

suas mãos foi para as minhas bolas, deixando-me louco. Ela me chupou e massageou, levando-me ao limite.

Quando senti que não ia mais aguentar, levantei-a e voltei a beijá-la. Em seguida, peguei-a no colo e a levei para o meu quarto, já que a cama dela estava cheia com as roupinhas das meninas. Quando entrei no meu quarto, deitei-a na cama e foi a minha vez de explorar sua boceta deliciosa, toda encharcada e escorregadia. Eu a chubei até perceber que ela estava prestes a gozar, então parei e ela reclamou:

— Raphael, por favor.

— Você vai gozar, mas vai ser no meu pau.

Abri suas pernas e, em um único movimento, enterrei-me nela. Maria Eduarda gritou e eu gemi satisfeito. Ela era linda de todas as maneiras, mas o auge da sua beleza era quando estava sentindo prazer, toda entregue a mim e me fitando sedenta com aqueles olhos lindos, hoje mais verdes e brilhantes que o normal.

— Porra, sua boceta está mais apertada. Você vai me matar!

Ela parecia fora de si, tão esfomeada por mim, quanto eu por ela. Então estoquei forte e fundo na sua boceta e, em poucos minutos, ela gritou e gozou escandalosamente, tão perfeita como eu me lembrava.

Sua boca colou na minha, em um beijo urgente, cheio de saudades, e nos devoramos famintos.

— Abra mais as pernas para mim.

Ela se arreganhou toda e se segurou em meus ombros, ainda tremendo do orgasmo; e eu estava morrendo para sentir de novo a sensação perfeita da sua boceta apertando meu pau enquanto gozava. Eu empurrei tudo, até o fim, porque estava sedento demais para ser delicado; ela gritou alto, mais uma vez, depois gemeu gostoso. *Mulher gostosa do caralho!*

Suas mãos seguraram meu rosto e ela me enlaçou com as pernas, puxando-me mais para si. Eu meti ainda mais rápido e fundo por um tempo, mas quando estava quase sem ar, interrompemos o beijo, com nossas respirações ofegantes, e eu

puxei quase tudo e meti de novo, lentamente, torturando a nós dois. Fiz isso várias vezes, comendo-a sem pressa.

Ao mesmo tempo em que eu metia, esfregava meu corpo no dela, e ela arqueava as costas, seus calcanhares me puxando pela bunda, estimulando-me a fodê-la mais forte e mais fundo. Eu ri do seu desespero, que só não era maior do que o meu, e meti mais rápido, acabando com a nossa agonia. Comecei a comê-la com força e desespero, entrando nela sem dó. Eduarda ficou tão louca quanto eu...

Por um minuto, no meio daquela febre toda, lembrei-me das meninas, então fiquei tenso e interrompi os movimentos.

— Será que estou machucando elas?

Duda me olhou, a princípio sem entender, mas depois me puxou pela bunda novamente antes de responder:

— Elas estão bem. Agora me fode, Raphael!

Eu quase enlouqueci com a intensidade das suas palavras. Voltei a meter fundo novamente e me arrepiei todo quando ela passou a língua no meu ouvido.

— Toma meu pau, não era isso que você queria? — sussurrei.

Desesperados, nós nos agarramos como se quiséssemos nos fundir, e gememos juntos, enquanto meu pau entrava e saía dela, sem dar trégua, fazendo um barulho alto. Eu estava fora de mim, totalmente descontrolado, fazendo o impossível para não gozar. Nunca me senti assim com nenhuma mulher.

Meu pau foi apertado pela boceta quente e deliciosa dela, minha respiração ficou mais forte enquanto eu a fodia e meu corpo todo começou a sofrer espasmos. Eu não aguentava mais, precisava gozar. Senti o corpo dela tremer também, e esse foi o meu fim. Meu gozo explodiu dentro dela, eu me derramei como nunca antes, e ela gemeu, descontrolada, gozando junto comigo.

Nós estávamos suados, mesmo com o ar-condicionado ligado, e meu corpo estava arrepiado pelo orgasmo prolongado e saudoso. Nós nos abraçamos, porque ambos precisávamos disso. *Que delícia sentir o cheiro dela. Quanto tempo perdido, quanta*

saudade. Nossa respiração ainda estava irregular quando nos viramos de lado e eu escorreguei devagar para fora dela. Meu pau ainda estava duro, e ela sorriu, mas não disse nada.

Ficamos assim, grudadinhos, por algum tempo, depois nos beijamos enquanto minhas mãos acariciavam levemente suas costas. Senti que toda sua pele se arrepiou, reagindo ao meu toque.

— Você está bem, sentiu alguma dor? Espero não ter sido muito bruto.

— Eu não senti nenhuma dor, muito pelo contrário, estou muito bem e relaxada.

— Eu senti elas mexerem em alguns momentos, será que essa movimentação toda as incomoda?

— Elas mexeram o tempo todo, mas acho que isso é sinal de felicidade. Eu li sobre isso e descobri que se eu estou feliz, elas também estão.

— Vou manter essas meninas felizes então — falei.

Ela sorriu de olhos fechados, depois respondeu:

— Safado! Acho que você está pensando só em você.

— Nada disso. Um bom pai sempre pensa primeiro nos filhos. Ela riu com vontade, e eu fiquei hipnotizado.

— O que está olhando?

— Você é muito linda — respondi, sem cerimônia.

— Você também é, lindo demais até. Eu achava que os mafiosos eram sempre barrigudos, cheios de tatuagens e fumavam charutos. Nunca pensei que seriam tão bonitos como você e toda sua família. Confesso que achei que pelo menos seu pai, que é mais velho, seria como na minha imaginação, levei um susto quando o vi pela primeira vez.

— Ai ai, Maria Eduarda. — Dessa vez fui eu que ri com vontade. — Acho que meu pai é mais sarado do que eu, inclusive algumas pessoas acham que Pietro e eu somos seus irmãos mais novos.

— Ele realmente é muito conservado, e sua mãe também.

— Eles se cuidam muito.

De repente, ouvi um ronco alto, era a barriga da Eduarda.

— Acho que essas menininhas estão com fome.

— Elas estão com *muita* fome, na verdade, mas eu preciso de um banho primeiro, só estou sem forças para levantar.

— Fica aqui, já volto.

Fui até o banheiro, coloquei a banheira para encher e voltei para o quarto.

— Espera só uns minutos, vou dar banho em vocês.

— Isso vai ser bom — ela falou e sorriu.

— Com certeza, vai — respondi, retribuindo o sorriso.

Quando a banheira encheu, carreguei-a no colo até o banheiro.

— Que chique, uma banheira no quarto.

— Quase nunca uso, sozinho não tem graça.

— Você nunca trouxe uma mulher aqui?

— Nunca. Eu não podia trazer qualquer mulher para perto da minha família, porque nem todas as mulheres são honestas como você.

— Que honra, então.

Coloquei, cuidadosamente, Eduarda na banheira, e ela deixou um espaço para eu sentar atrás dela. Eu me acomodei, enquanto observava ela fazer um nó no cabelo para, só então, se encostar em mim. Lavei todo o seu corpo, suavemente, e por último, descansei minhas mãos em sua barriguinha.

— Elas estão felizes agora?

Antes que Eduarda respondesse, minhas filhas interagiram comigo, mexendo na minha mão.

— Acho que já teve sua resposta — Duda falou, e nós rimos um para o outro.

Ficamos relaxando um tempo na banheira, até que a barriga da Maria Eduarda roncou novamente e eu dei o banho por encerrado. Nós nos secamos, ela foi até seu quarto trocar de roupa e, em seguida, descemos para jantar. A cozinheira já tinha ido embora, mas deixou tudo organizado para nós.

Comemos em paz, depois transamos outra vez e, quando terminamos, tomamos outro banho e caímos exaustos na minha cama. Eu ainda estava com os olhos fechados, relaxando, quando Eduarda chamou minha atenção.

— Você já se machucou muito? O que de pior já te aconteceu?

— Tem certeza de que quer falar sobre isso agora e estragar esse momento de paz, Maria Eduarda?

— Eu nunca tenho paz pensando nessas coisas, Raphael, é mais forte do que eu — ela disse, sincera. — Quero saber por você, quem sabe não é tão ruim como eu imagino que seja.

— Não vou entrar em detalhes, mas eu já levei um tiro de raspão, sofri um acidente de carro que, na verdade, foi um atentado e muitos, muitos arranhões como aquele que você viu nas minhas costas. Merdas acontecem, Duda, mas nós somos muito bem treinados. Nós também temos longos tempos de paz, não é sempre adrenalina nas alturas. Normalmente, essas merdas acontecem quando alianças são quebradas ou quando algum invejoso se torna um traidor. Enfim, nós vamos sempre tentando levar na paz, afinal todos nós temos família, mas é inevitável, às vezes.

— O que é ser treinado?

— Eu fui treinado para me defender. Aprendi vários tipos de lutas para autodefesa e aprendi a suportar a dor, criei resistência de todas as formas.

— Quem treinou você?

— Na maior parte do tempo, meu pai e tio Enzo, mas às vezes eles tinham apoio de algum especialista em luta. Meu pai sempre supervisionava tudo, porque não queria que ninguém pegasse pesado demais com a gente.

— Seu pai... batia em você? — ela perguntou, num misto de incredulidade e vergonha.

— Não é bem assim, Eduarda, eram lutas justas, exercícios de resistência. Não era bom, mas meu pai não era meu inimigo, então... É difícil explicar, mas eu sei que existem métodos muito

piores por aí, então tive sorte por meu pai e tio Enzo terem feito tudo da melhor maneira, sem nos traumatizar.

— Eu vejo a professora do seu sobrinho vir aqui, é sempre assim? Ele não vai na escolinha?

— O Pietro é muito cuidadoso com o Noah, beirando a neurose, e ele sabia que precisava iniciar a educação escolar do garoto, mas achava-o muito novinho para ficar na escola, mesmo com soldados lá, então começou com ele em casa. Eu acredito que, mais tarde, ele começará na escola, com toda segurança é claro, como aconteceu com a gente e com meus primos. Depende muito da época também, quando estamos em trégua dá pra se levar uma vida quase normal.

— Nem consigo imaginar como deve ser viver nessa tensão o tempo todo.

— Nós já estamos acostumados. Meu pai e Pietro são muito invejados, mas também são muito respeitados, então não é sempre que aparece um corajoso pra se meter com eles. Todos que tentaram acabaram...você sabe... — falei, passando a mão no meu pescoço, simulando a morte.

Maria Eduarda arregalou os olhos e vi que ela engoliu em seco ao me ver falando isso de forma tão natural.

— Desculpa, eu estava só brincando, tentando tornar esse assunto mais leve pra você.

— Com as nossas meninas não tem isso de assumir o lugar, né?! — ela perguntou, aflita.

— Não, mas elas vão ter que casar...

— Sim, um dia vão — ela me interrompeu.

— Elas vão ter que casar com homens da máfia, Eduarda, provavelmente casamentos arranjados.

— Mas a Nina não é casada.

— Ainda. Ela já deveria estar casada há muito tempo, porque normalmente as meninas se casam logo após completarem 18 anos, mas Tio Enzo tocou o foda-se para a tradição. Minha mãe, por exemplo, casou com 19 anos, mas Mia se casou bem mais velha

porque meu pai deu liberdade para ela escolher o momento certo. Acho até que Tio Enzo já está vendo um casamento para a Nina.

— E ela já sabe disso?

— Ainda não. Provavelmente, ela o conhece sem saber que é um pretendente, e meu tio vai observar se ela demonstrará alguma simpatia. Eu odeio essa porra toda.

— Por quê?

— Nunca quis pensar na minha irmã ou na Nina nas mãos de um cara qualquer... Acho arcaico demais as meninas se casarem por obrigação. Na minha família, as coisas acontecem de forma mais suave, mas por aí, a maioria não teve escolha. Amanda foi uma que não teve escolha, mas por sorte eles se amam muito.

— Eu também não tive escolha. Você me quis, me pegou e, ainda por cima, me engravidou. Confessa que foi tudo armado, Raphael, você me deu o golpe da barriga porque não resistiu ao meu charme — ela falou rindo, e eu ri também, pois adorava quando ela estava bem-humorada.

— Culpado, confesso.

— Se as meninas encontrarem homens como vocês, elas podem ser felizes. Mafiosos não são como eu pensava.

— Não se iluda, Eduarda, não somos bonzinhos. Na minha família, nós respeitamos as mulheres, temos nossa honra, nos protegemos e, principalmente, protegemos os que amamos, mas não confie em mais ninguém, porque nosso mundo é bem cruel. Eu sou bom para você, mas lá fora eu não sou e nem posso ser.

Por um breve momento eu vi aquele olhar de medo em seu rosto, mais uma vez.

— Não quero te assustar, mas também não quero te iludir.

Ela assentiu e notei que tinha algo para perguntar.

— O que foi? Diz aí o que você quer saber.

— Seu pai já tinha escolhido uma mulher para você e, certamente, se me conhecesse não me escolheria, não é?.

— Não, ele não escolheria, mas não por você não ser boa o suficiente, simplesmente porque você não é da máfia.

— E o que ele acha dessa situação toda?

— Ele acha que o certo seria eu me casar com você.

— E como é que fica agora, Raphael?

— Está me pedindo em casamento? Quer ser a senhora Esposito, mafiosa? — brinquei.

— Deus me defenda! — ela falou e riu. — Não, não estou, mas o que isso que está acontecendo entre a gente é para você?

— Eu não tenho um nome para dar. Vamos nos conhecer devagar, viver em paz e ver no que vai dar. As coisas com a gente acontecerão de trás para frente, então que tal apenas deixar rolar?

— Tudo bem, acho que não será tão difícil aturar você, no final das contas — ela disse e depois deu uma piscadela para mim. — Posso dormir aqui com você?

— Você ia dormir até se não quisesse. Eu vou te comer todo dia, então é melhor você começar a dormir aqui para facilitar.

— Safado, você não presta.

— E você adora.

— Talvez... Na verdade, acho que os hormônios estão falando por mim. Agora vamos dormir, estou morrendo de sono.

— São os hormônios da sacanagem, como diz tio Enzo.

— O quê?

— Tio Enzo fala que o período de gravidez da mulher é o melhor para fazer sexo, porque elas ficam cheias do hormônio da sacanagem.

— Seu tio Enzo é outro safado, igual a você.

— Dizem mesmo que eu sou mais parecido com ele do que o Lorenzo, que é filho.

Logo depois do interrogatório, ela dormiu, mas eu continuei acordado durante um tempo, pensando. *Que loucura está acontecendo na minha vida, até outro dia eu estava por aí, cada dia com uma mulher diferente, agora eu vou ser pai e estou dormindo abraçado com uma mulher.* O pior, ou melhor, de tudo isso era que eu não me sentia incomodado. Decidi não pensar mais e relaxar até ver no que ia dar.



Maria Eduarda

Acordei para fazer xixi e Raphael ainda estava abraçado comigo, então fiquei na cama pensando por alguns minutos. *Eu não vou mais lutar contra os meus sentimentos, vou deixar rolar, afinal não dá mais para voltar atrás.* Cansei de resistir quando tudo o que eu queria era estar nos braços dele.

Levantei devagarinho para ir ao banheiro, fiz xixi e quando voltei para o quarto, ele já estava acordado na cama, delicioso, olhando-me.

— Achei que ia te encontrar dormindo.

— Acordei assim que você se mexeu pela primeira vez, meu sono é muito leve.

— Isso fez parte do seu treinamento?

— Sim, precisamos estar sempre alertas. Você nunca vai conseguir sair da cama sem que eu veja.

— Eu durmo igual a uma pedra, estou ferrada.

— Sempre vou proteger você, então poderá dormir em paz, princesa.

Ouvir aquilo aqueceu meu coração e eu me senti realmente protegida pela primeira vez, desde que pisei na Itália.

— Hoje é aniversário de um conhecido e ele vai comemorar em uma das boates da nossa família, você quer ir comigo?

— Assim, grávida?

— Sim, qual é o problema? Ainda não temos como deixar as meninas em casa, então teremos que levá-las.

— Seus amigos vão saber que você vai ser pai.

— Eu não me preocupo com a opinião de ninguém, Eduarda. Não vou esconder você, não dos caras por quem tenho alguma consideração. E meus únicos amigos são meu pai, meu irmão, tio Enzo e Lorenzo.

— Eles sabem o que você faz para viver?

— Não. Eu os encontro, ocasionalmente, em uma das boates, a maioria são caras que conheci na faculdade.

— Bom, se não é um problema para você, então eu vou.

— Beleza, vamos sair de casa por volta de 21h30.

— Vai mais alguém da sua família?

— Só o Lorenzo. Nina é mais presa, e os casados são velhos, raramente saem assim.

— Tudo bem, mas você promete que não vai me deixar lá sozinha.

— É claro que não vou deixar. De qualquer maneira, estará cheio de soldados lá, porque eu não levaria você em uma boate que não fosse da família.

— Tudo bem, então. Estou animada.

— Vamos descer para tomar café?

— Vou só tomar um banho rapidinho.

— Vou descendo, te espero lá.

— Tá bem.

Raphael saiu e eu fui para o meu quarto tomar banho, porque todas as minhas coisas estavam lá. Quando terminei de me vestir, desci para a cozinha e encontrei Raphael, todo gostoso e sem camisa.

Evitei babar e sentei à mesa para tomarmos nosso café em paz, depois de meses. Todo o restante daquele dia também foi muito tranquilo, e eu estava gostando muito dessa convivência com Raphael.

Depois do almoço, ele foi malhar, enquanto eu tirei um cochilo. Acordei, algum tempo depois, com ele me chupando e nós transamos deliciosamente. O homem era insaciável e eu, claro, não iria reclamar.

À noite, como combinado, jantamos e às 21h30 saímos de casa para a boate. Eu estava animada. Raphael estava lindo, vestido informalmente, me lembrava a noite em que o conheci. Eu optei por uma bata branca de mangas, calça *legging* e botas de cano alto até o joelho. Minha barriga estava bem evidente, mas eu

fiquei bonita. Coloquei um brinco grande que Manuella me deu, fiz uma maquiagem e um penteado simples no cabelo.

— Você está linda — ele disse, pertinho do meu ouvido, quando estávamos no carro.

— Obrigada. Você também está um gato.

Meu coração bobo se aqueceu mais uma vez.

Capítulo 14

Maria Eduarda

Chegamos à boate por volta das 22h, entramos por uma área vip e fomos direto para o camarote do aniversariante. Assim que Raphael chegou, várias pessoas vieram cumprimentá-lo. Deu para perceber que ele era um cara muito querido.

Estávamos de mãos dadas e ele me apresentou aos rapazes como sua mulher. Nenhum deles comentou nada sobre a minha barriga, provavelmente porque as luzes eram fracas ali ou eles não prestaram muita atenção nisso. Quando conseguimos avançar um pouco para dentro do camarote, avistamos Lorenzo sentado em um dos sofás, rodeado por vários homens e mulheres. Raphael puxou minha mão nos levando para lá.

— Pessoal, essa é a Maria Eduarda. Eduarda, esses são Alessandro, Giovani, Dante, Antonella, Paola, Kiara, Milena e o Lorenzo, que você já conhece.

— Oi, pessoal! — cumprimentei a todos, e eles sorriram para mim de maneira simpática.

Todos pareciam curiosos a meu respeito, mas foram educados e receptivos, exceto uma das meninas, que me olhava com desgosto. Era uma tal de Milena, talvez alguma ex de Raphael. Resolvi ignorar, pois se eu fosse me incomodar com cada mulher com quem ele já ficou, eu não teria paz.

Lorenzo pediu uma rodada de bebidas, e Raphael o interrompeu, falando com o garçom.

— Traz também um suco de laranja, por favor.

— Claro, senhor.

— Você não bebe? — a tal Milena me perguntou.

— No momento, não.

— Por quê?

— Minha mulher está grávida, Milena — Raphael se meteu, antes que eu respondesse.

A garota arregalou os olhos, parecia chocada.

— O filho é seu, Raphael? — ela perguntou sem a menor cerimônia.

— Que pergunta óbvia. Elas são, sim, totalmente minhas, tanto a mãe quanto as filhas. São gêmeas.

A garota continuou de boca aberta, e os rapazes fizeram uma algazarra, parabenizando Raphael e fazendo piadinhas sobre sua virilidade ao fazer logo duas de uma vez. *Os homens são uns bobos.*

A tal da Milena, aparentemente, se conformou com a situação e ficou quieta no lugar dela, conversando com o grupo. A noite avançou e já passava das 3h da manhã, mas eu continuava animada, porque o pessoal era muito agradável e alguns dos meninos eram engraçados demais e nos faziam rir o tempo todo.

Raphael ficou o tempo todo segurando a minha mão ou com a mão na minha coxa, e eu gostei dessa nossa interação. Depois de um longo tempo, não aguentei mais segurar a vontade de fazer xixi e falei no ouvido de Raphael que precisava ir ao banheiro.

Ele me indicou o banheiro do camarote e se ofereceu para ir comigo, mas eu disse que não precisava, afinal tinha um soldado ao lado da porta do banheiro feminino. Raphael concordou, e eu fui. Esvaziei minha bexiga e, no momento em que fui lavar as mãos, Milena entrou para retocar o batom. Tentei não dar muito ibope para ela, mas percebi que a garota queria me falar alguma coisa. Eu estava certa.

— Você também gosta de brincar?

— Brincar? Como assim?

— Brincar com o Raphael e o Lorenzo, *juntos*. — Ela deu bastante ênfase à última palavra.

Demorei alguns segundos até entender o que ela quis dizer e, quando entendi, respirei fundo e respondi fria:

— Então, a questão é que Raphael nunca aceitaria me dividir com qualquer outro homem, ele é muito possessivo comigo, sabe? — respondi, irônica.

— Deixa de ser boba, menina, não sabe o que está perdendo. Se mudar de ideia e não quiser o Lorenzo na história, eu posso fazer companhia a vocês.

— Ah, que pena, mas não tem espaço para você — falei e fui andando em direção a porta. — É que quando Raphael e eu estamos juntos, não sobra espaço para mais ninguém. A gente tem tanta fome um do outro que temos um relacionamento totalmente monogâmico. Nós nos bastamos.

— Monogâmico?! Raphael nunca me pareceu se satisfazer com esse tipo de relacionamento. O homem é insaciável que dá calor só de lembrar.

— Pois então não lembre e vá sentir calor no inferno. Raphael está fora da jogada para você, se quiser se contente com o Lorenzo, pois se antes Raphael não se satisfazia em estar com apenas uma mulher, era porque não havia encontrado uma que o deixasse louco de verdade.

— Nossa, que gracinha, já estão nesse nível de possessividade.

— Qual parte você não entendeu, garota? Eu estou grávida dele, não sou uma foda aleatória como você foi.

— Engraçado, ele não comentou nada sobre você da última vez que estivemos juntos aqui, e faz pouco tempo.

— Foi no dia em que eu o rejeitei. Sabe como é, foi difícil para ele me conquistar. Eu não o quis, aí ele veio para cá chorar as mágoas e encontrou com você, mas mesmo você oferecendo seus serviços, ele preferiu voltar para casa e implorar um pouco mais. Eu acabei cedendo, é difícil resistir o tempo todo a um homem que faz o impossível para te conquistar. Acho que você não vai entender como é se sentir assim.

Eu parecia um poço de segurança e arrogância, mas por dentro, me corroí pelo medo de estar bancando a iludida. *Não vou abaixar a cabeça para essa piranha.*

Ela abriu e fechou a boca várias vezes, mas saiu calada. *Vagabunda!* Ele me garantiu que não aconteceu nada entre eles naquele dia, mas se eu descobrisse que ele estava mentindo, eu nunca mais o perdoaria.

Depois disso, eu quis ir embora. Além da raiva que a puta me fez passar, eu estava cansada. Saí do banheiro, depois de me recompor, e quando voltei para perto de Raphael, ele logo notou que havia algo errado.

— Você está bem? Está vermelha.

— Tudo bem, só estou um pouco cansada.

— Está passando mal?

— Não, só cansada.

— Maria Eduarda, você está estranha. O que aconteceu naquele banheiro?

— Eu que deveria te perguntar o que aconteceu da última vez que você veio aqui, mas não quero falar sobre isso agora. Conversamos em casa.

Raphael me olhou por alguns segundos, avaliando a situação, em seguida se levantou e anunciou.

— Pessoal, já vamos indo.

— Mas já? Ainda nem partimos o bolo do Dante.

— Fica para a próxima, preciso colocar minhas filhas para dormir — ele falou em um tom brincalhão, mas eu sabia que por dentro ele estava puto por eu não ter falado nada.

— Senhores, meu primo agora é um homem de família — Lorenzo zoou e todos riram.

Saímos da boate e, assim que entramos no carro, Raphael perguntou:

— Vai me dizer agora o que aconteceu ou vai continuar calada e de bico?

— Não estou a fim de conversar sobre nada de ruim agora, Raphael. Não quero estragar a nossa noite.

— Se você ficar assim, estranha, vai estragar de qualquer maneira.

— Eu espero, honestamente, que você não tenha mentido para mim sobre aquela noite em que chegou em casa sujo de batom.

— Eu nunca menti para você. Posso ser muitas coisas, mas não sou mentiroso, Eduarda. Qual é a porra da acusação agora?

— A sua amiguinha Milena me encurralou no banheiro e deixou bem claro que você, ela e Lorenzo gostavam de brincar em trio e que não faz muito tempo que estive com você.

— Eu não menti para você, Maria Eduarda. Não aconteceu nada naquele dia. Ela me deu um beijo de despedida e acabou ficando a marca do batom no meu pescoço. Eu mal conheço aquela garota.

— Conhece o suficiente para fazer sanduíche com seu primo. E as mulheres agora se despedem dando beijos no pescoço?

— Eduarda, eu nem me lembrava dessa garota. Ela se ofereceu no dia em que me sujou de batom, e mesmo sem ter nada com você, eu não a quis. Aquela louca se pendurou em mim, querendo me impedir de ir embora e beijou meu pescoço, mas eu a tirei e saí. De que estou sendo acusado, exatamente?

— De nada, Raphael. Eu só estou com ódio dessa piranha oferecida — falei. — Se eu não estivesse com essa barriga, eu a deixaria careca. Puta!

— Eu quero que ela se foda. Estou dizendo que não rolou nada naquele dia e é a verdade, espero que você confie em mim!

Eu não respondi, pois não queria ser precipitada, nem fazer ceninha. Fiquei no meu canto e esperei o turbilhão de sentimentos que tomou conta de mim passar.

Fizemos o restante do percurso calados e, quando chegamos em casa, eu fui para o meu quarto e ele para o dele. Tomei banho, vesti uma camisola confortável e deitei na minha cama, consciente de que, com certeza, toda aquela agitação não me deixaria dormir. Eu estava olhando para o teto, pensando em tudo, quando Raphael entrou no meu quarto, sem bater.

— Vai ficar de birra e dormir aqui?

— Não estou de birra, só não quero deitar do seu lado, imaginando a cena de vocês três na cama.

— Para de falar besteira, Maria Eduarda. Isso foi antes de você, não seja infantil.

— Você gosta disso, Raphael?

— Eu gosto de sexo, Maria Eduarda, e muito. Eu sempre saí bastante com o Lorenzo, então quando alguma mulher queria nós dois, não nos incomodávamos com isso.

— Vocês também se tocavam?

— O quê? Está maluca, porra? É cada merda que passa na sua cabeça. Eu só gosto de mulher, não fala mais uma merda dessa.

— Sei lá, não sei como essas coisas funcionam. Você gostaria de me dividir, por acaso?

— Porra, você quer me deixar maluco, é isso? — ele falou com uma expressão que me deu medo.

— Não sei de mais nada, Raphael. Se você gosta de dividir mulheres com ele, por que não eu?

Ele me lançou um olhar letal, que até me arrepiou. Raphael tinha fúria nos olhos e, quando me respondeu, sua voz era uma pedra de gelo.

— Você quer ser fodida por nós dois, caralho? É isso que você quer?

— Claro que não! Nunca vi prazer nessas coisas, só perguntei porque parece que você gosta disso.

— É muito diferente, porra. Eu não me importava com as mulheres que a gente dividia, a maioria delas eu nem lembro o nome e se passar por elas na rua nem reconheço. Você está fora dos limites, garota.

— Por que, Raphael?

— Porque você é a mãe das minhas filhas e mora na minha casa, não é uma mulher qualquer.

— Ah, só por isso — falei, sem disfarçar meu descontentamento com aquela resposta.

— O que você quer ouvir, Maria Eduarda? Basta me perguntar.

— O que você sente em relação a mim?

— Eu me importo com você e não quero outro cara chegando perto de você, muito menos te tocando. Vou matar qualquer um que tentar.

— Eu também não quero você com outras mulheres. E aí, como é que a gente fica?

— Eu não estive com outra mulher desde que você veio para a Itália.

— Por quê?

— Você tem muitas perguntas e eu não tenho respostas para todas. Minha cabeça estava quente demais com a gravidez e tantas mudanças, então não senti vontade de estar com nenhuma mulher ou, pelo menos, nenhuma que não fosse você. Respondi todas as suas perguntas?

— Sim, obrigada.

— Você vai dormir comigo, agora?

— Vou, mas é só porque eu acho que vai chover e eu tenho medo de raios.

— Engraçado, quando chegamos o céu estava cheio de estrelas — ele falou, zombando de mim.

— Cala a boca, idiota — falei e acabei rindo também.



Raphael

Maria Eduarda e eu mal nos entendemos, e a porra da Milena já lançou seu veneno. Não tinha necessidade da Eduarda saber daqueles detalhes da minha vida, até porque aquilo ficou no passado. Eu poderia, inclusive, ser considerado um santo se comparássemos com a vida que eu tinha antes de engravidá-la. *Eu sou um cara cheio de defeitos, mas estou tentando de tudo para ser melhor para ela.*

Acordei e deixei Duda dormindo, toda espalhada na cama. Tomei banho e fui tomar café na casa da minha mãe, pois não quis incomodar a Eduarda, já que dormimos quase de manhã; e aos domingos a cozinheira não vinha.

Conversei um pouco com meus pais enquanto tomava café e minha mãe, depois de perguntar pela Eduarda, nos chamou para almoçar com ela. Eu tinha vestido uma roupa de treino, já pensando em ir até a academia depois de comer e, ao chegar lá, encontrei Lorenzo e tio Enzo.

— Bom dia! — cumprimentei os dois.

— Bom dia! — eles responderam, concentrados em seus exercícios.

Tio Enzo se afastou para fazer outros exercícios e eu aproveitei para conversar com meu primo.

— Achei que ainda estaria dormindo, Lorenzo.

— Estou virado, cara. Cheguei em casa agora há pouco, tomei banho e, como meu pai estava vindo malhar, vim com ele.

— E você, não está dormindo por quê?

— Não consegui ficar na cama até tarde e, ultimamente, não tenho malhado muito. Pensei em correr atrás do prejuízo.

— É assim mesmo, depois que casa, relaxa. Daqui a pouco está barrigudo.

— Vai se foder, caralho — falei rindo.

— Sua mulher ainda está dormindo?

— Está.

— Gostei de ver vocês juntos, não sabia que tinham se entendido.

— Nos entendemos ontem e a Milena já quase fodeu essa reconciliação.

— Como assim?

— A filha da puta foi falar que já fizemos trio, aí Eduarda ficou puta.

— Milena é foda. Ela é invejosa e rancorosa, ficou me sondando depois que vocês saíram, querendo saber onde você conheceu a Eduarda e como aconteceu tudo.

— E o que você falou?

— Falei para ela perguntar a você, se estava tão preocupada com a sua vida.

— O pior de tudo é que quase levei a fama sem proveito, porque não comi mais ninguém depois que trouxe Eduarda para a Itália.

— Qual é seu lance com ela, Raphael, está apaixonado?

— Ela uma menina legal e doce, mas ao mesmo tempo é birrenta e me desafia o tempo todo, acho que eu gosto disso. Uma hora ela quer me bater, gritar comigo e me xingar e, no minuto seguinte, está preocupada se estou machucado. Além disso, gosto da companhia dela e me preocupo com o bem estar dela e das meninas. Eu tô fodido, cara! Nunca vou me casar com outra mulher, porque não quero que minhas filhas sejam bastardas, mas não quero obrigar Maria Eduarda a se casar, até mesmo porque eu também não quero casar. Eu não sei o que é tudo isso, mas eu quero ela na minha cama, na minha casa, na minha vida.

— Eu acho que você está gostando dela.

— Não vou negar, sou homem o suficiente para admitir, mas não vou pensar muito nisso, quero deixar rolar.

— Tenta ficar em paz com ela, cara. Semana que vem, quando você for pra Nova Iorque, por que não a leva? Isso pode aproximar vocês.

— É, talvez seja uma boa, vou falar com ela hoje. Agora, chega de conversinha e vamos puxar ferro.

Minutos depois, tio Enzo voltou para perto de nós e puxou assunto:

— Parabéns, sobrinho! Que Deus te ajude, duas meninas!

— Eu sabia que você ia me zoar.

— Cara, você só se fode. Se cuidar de uma dá trabalho, com duas você está muito fodido, prepara a pistola.

— Isso foi praga sua, tio.

— Praga minha? Isso é teu karma, é a lei do retorno. Lorenzo é outro que, com certeza, terá uma menina.

— Qual é, pai, não pretendo pensar nisso nem tão cedo — Lorenzo falou rindo.

— Raphael também não queria, agora está aí, prestes a pagar por todos os pecados.

— Porra, tio, vira essa boca pra lá.

Larguei o ferro, puto, e resolvi voltar para casa.

— Vai aonde, sobrinho querido? — tio Enzo perguntou, rindo.

— Perdi o tesão de malhar, fiquei até com dor de cabeça — falei e saí, não sem antes ouvir a piadinha do meu tio.

— Vai ser fornecedor!

— Filho da puta! — sussurrei, fodido de raiva enquanto caminhava até em casa



Maria Eduarda

Acordei me sentindo mais tranquila, levantei para tomar banho e não encontrei Raphael em lugar nenhum da casa. Eu estava morrendo de fome, mas a cozinheira não trabalhava naquele dia, então eu mesma fazia meu café da manhã. Fritei ovos, fiz uma vitamina e comi lentamente. Minutos depois, quando saí da cozinha satisfeita, escutei o barulho da porta.

Raphael surgiu na sala, como uma visão do paraíso, tirando a camisa

— Bom dia! — eu o cumprimentei.

— Bom dia! Dormiu bem?

— Sim, acabei de acordar e tomar café.

— Minha mãe chamou a gente para almoçar lá, você quer ir?

— Pode ser.

— *Okay.* Vou tomar banho, estou todo suado do treino na academia — ele falou isso e virou as costas para mim.

Eu senti muito calor ao observá-lo. *Precisa ser tão gostoso?* Voltei para o quarto e vi meu celular tocando. Corri e me joguei na cama para atender.

— Oi, Manu! Que saudade, amiga.

— *Oi, Duda, também estou morrendo de saudades. Como estão minhas meninas?*

— Estamos ótimas!

— *Que bom, amiga. Estou te ligando pra contar que o Brad me procurou.*

— O quê? Não acredito! O que ele queria?

— *Seu número de telefone, diz ele que precisa falar com você.*

— Você não deu, né?! Eu não quero falar com ele, não temos nada pra conversar.

— *Não, é claro que eu não dei, mas ele voltou com a ladainha de que se arrependeu muito do que fez e que, se você desse outra chance, ele jamais erraria novamente e blá blá blá.*

— Não existe isso. Não tem mais volta, até porque estou grávida do Raphael e nós estamos nos entendendo. Ele precisa desistir, Manu, não quero que isso me traga problemas.

— *Eu sei, amiga. Ele não vai te achar, fica tranquila. Você está longe, mas eu só queria te avisar.*

— Tudo bem, obrigada. E o Hugo, está bem?

— *Sim, está ótimo.*

— Que bom. Depois a gente se fala melhor, deixa eu desligar que vou trocar de roupa para almoçar na casa da mãe do Raphael.

— *Tá bom, vai lá. Bom almoço! Beijo.*

— Beijo, Manu.

Quando desliguei a chamada e me virei, levei um susto. Raphael estava parado à porta do banheiro, olhando-me de braços cruzados.

— Que susto, garoto!

— Está assustada por quê? Com quem você não quer falar para não te trazer problemas comigo?

— Estava ouvindo minha conversa, Raphael?

— Estava.

— E ainda fala assim, naturalmente, seu cara de pau.

— De quem você estava falando, Eduarda? — ele perguntou sem paciência.

— Relaxa, não é ninguém com quem eu tenha feito trio — respondi, aproveitando a oportunidade de pirraçar.

— Você pode parar com essa merda?

— Não acho que vou esquecer isso tão cedo.

— Maria Eduarda, você vai falar ou eu vou ter que descobrir?

— Era a Manuella no telefone, seu insuportável. O meu ex pediu meu telefone para ela, mas eu falei para não dar.

— O que ele quer com você? Morrer, só pode!

— Para de falar desse jeito. Eu não sei e não quero saber o que o Brad quer. Ele me traiu e isso não tem perdão.

— Ele sabe que você está na Itália e que está grávida?

— Não, ele não tem que saber nada da minha vida.

— Para o bem dele, é melhor ele saber que precisa ficar longe de você.

— Não nos veremos mais, não faz diferença.

— Espero que não, porque se ele tentar se aproximar de você, eu vou machucá-lo.

— Para com isso, detesto violência.

— E eu detesto que tentem roubar o que é meu. E você é minha!

— Tão possessivo. Para de bobeira que eu não nasci pra ser domínio de ninguém. E me ajuda a colocar essa sandália, a barriga está me atrapalhando — falei com ar mandão.

— Eu não vou te ajudar a colocar nada, porque quero te ajudar a tirar. Tudo!

Raphael entrou no quarto, caminhou na minha direção, e eu nem me mexi, mas meu coração começou a bater descompassadamente.

— Vamos esquecer o passado, eu quero foder você agora.

Na mesma hora ele me beijou e foi me levando para a cama. Naquele momento, ninguém mais existia entre nós no mundo, éramos só eu e ele.

Capítulo 15

Raphael

Eu estava deitado na cama, com Eduarda enroscada em mim, quando meu telefone tocou. Minha mãe ligou para avisar que já ia servir o almoço e pediu para nos apressarmos.

— Ainda vamos almoçar na minha mãe ou você quer ficar na cama o dia todo? Por mim tudo bem, não me oponho — falei brincando.

— É muito tentador, mas suas filhas estão morrendo de fome, então vamos almoçar. Deixa só eu tomar um banho rápido, porque você me melou toda.

— É exatamente assim que gosto de você, pelada e melada.

Maria Eduarda riu, levantou-se da cama e seguiu para o banheiro, mas eu a chamei.

— Duda, vou pra Nova Iorque semana que vem resolver algumas coisas com meu avô, você quer ir comigo? Nós ficaríamos na casa dele.

— Sério? Claro que eu quero, eu vou amar voltar lá e rever a Manu.

— Espero que essa empolgação toda seja mesmo pela sua amiga.

— Claro que é, Raphael, por quem mais seria?

— Talvez um ex arrependido, sem amor à vida, que está atrás de você.

— Esquece ele, não existe mais a menor chance entre nós dois.

— Que bom, espero que ele entenda isso sem que eu precise me aborrecer.

Ela revirou os olhos e continuou indo em direção ao banheiro. Levantei-me e fui atrás dela para aproveitar um pouco mais.

Depois de algum tempo, no caminho para a casa da minha mãe, encontramos Romeu chegando com Chase e seguimos juntos. Quando chegamos, o almoço já estava sendo servido.

Além dos meus pais, estavam Pietro, Amanda, Noah e Mia, que foi antes de Romeu para ajudar minha mãe. Tivemos um almoço tranquilo e depois fomos confraternizar na sala. Não havia nenhum motivo especial, mas sempre que estávamos todos juntos era um momento feliz.

Romeu foi jogar videogame com Chase e Noah, enquanto nós sentamos para conversar.

— Daqui a pouco teremos duas menininhas aqui também. Serei avó de dois casais, dá pra acreditar? — Minha mãe comentou, admirando as crianças.

— Bem que tio Enzo falou que Raphael ia ser pai de menina — Pietro falou.

Eu já não aguentava mais esse assunto.

— E foram logo duas de uma vez, vai pagar todos os pecados — Romeu falou, contente.

— Falou o santo Romeu. Não sei como o seu veio homem. Certamente a Mia ainda vai ter uma menina, porque me lembro bem de você na época da faculdade — falei.

— Mentira, amor, não acredita nele. Sempre fui um rapaz comportado e se tivermos uma menina, ela vai ser perfeita igual a você — meu cunhado falou, mandando um beijo para minha irmã.

— Deixa de ser sonso, Romeu. Eu sei que você não prestava, mas se não andar na linha agora, meu paizinho te capa — Mia disse, debochada e mandou também um beijo para ele.

Ninguém aguentou aquela cena, todos nós rimos.

Antes que pudéssemos falar mais alguma coisa, fomos interrompidos por um soldado, pedindo licença.

— Chefe, desculpa interromper, mas o senhor tem visitas — ele falou diretamente ao meu pai.

— Que visitas? Não estou esperando ninguém.

— O senhor Nicolo, a esposa dele e a filha estão aqui.

Na mesma hora, meu pai me olhou. Não falamos nada, mas nós sabíamos que essa visita não seria uma coisa boa. Nicolo não sabia que Eduarda e eu estávamos juntos, então continuava tentando empurrar a filha dele para casar comigo. Eu ainda não tinha contado a ninguém da minha família. Eles me viram chegando de mãos dadas com ela e só. O único que sabia era o Lorenzo.

— Deixe que eles entrem — meu pai autorizou.

Olhei para Eduarda e ela estava alheia à situação, pois ainda não conhecia ninguém do nosso mundo por nomes. *Talvez seja melhor evitar um estresse desnecessário.*

— Você quer ir para casa? — perguntei a ela.

— De jeito nenhum. Ainda quero comer mais sobremesa, você sabe que eu amo Tiramisu.

— Gulosa! — falei, dei um beijinho de leve na ponta do nariz dela e sorri, mas eu estava apreensivo.

A campainha tocou, meu pai abriu a porta e as visitas entraram.



Maria Eduarda

Os convidados entraram, e eu comecei a sentir um clima estranho. Raphael ficou tenso. Todos se cumprimentaram e, logo chegaram até onde eu estava, ao lado de Raphael.

— Meu caro, é um prazer revê-lo. Estávamos de passagem e resolvemos fazer uma visita.

— É um prazer receber vocês, Nicolo.

— E essa mocinha quem é, a mãe do seu filho?

Senti que Raphael ficou incomodado com a pergunta e isso me deixou desconfortável também. *Tem alguma coisa muito errada acontecendo aqui.*

— Filhas. São duas meninas. E sim, essa é a Maria Eduarda — ele me apresentou e o senhor, que era bem mais velho que Matheo, beijou minha mão.

— Encantado, senhorita! — ele falou e depois voltou a atenção para Raphael. — É uma jovem muito bonita, vai gerar lindos bebês para você.

— Obrigado — Raphael respondeu.

Antes que eu falasse alguma coisa, uma jovem que devia ser a filha daquele senhor, se aproximou.

— Raphael, como vai? Confesso que fui eu que pedi ao papai para virmos, porque eu queria muito te ver outra vez.

Cacete! Eu não tenho um dia de sossego sem que alguma piranha oferecida se jogue para cima do pau de mel, quer dizer, do pai das minhas filhas. Porra!

— Oi, Graziela, estou bem. Espero que você também esteja bem. Essa é Maria Eduarda...

— Eu sei, a mãe das suas filhas, ouvi vocês falarem — ela o interrompeu e depois se direcionou a mim. — Como vai, Maria Eduarda?

Estou muito bem, mas vou ficar melhor quando tacar a mão nessa sua cara de sonsa. Aquela piranha deu em cima do Raphael,

descaradamente, mesmo ciente de quem eu era, e ainda me olhou com a fuça esnobe e um ar de superioridade que eu detestava. Ela estava muito bem vestida, dava para ver que era rica, mas era só casca.

Mais falsa do que o cabelo loiro dela e os peitos de silicone, abri um sorriso e respondi:

— Eu estou bem, obrigada por perguntar.

Ela não me deu nem um segundo de atenção e já voltou a falar com Raphael.

— Semana que vem é meu aniversário e papai vai fazer um jantar na nossa casa, espero você e sua família lá — ela falou.

Eu tinha certeza de que, quando ela se referiu à família dele, não estava me incluindo. *Quem é essa garota sem noção?* Então, a realização dos fatos me ocorreu. Só podia ser a menina que queria casar com ele a qualquer custo. *Que cachorra, não está nem aí para a minha gravidez.*

— Eu não sei se vou poder, vamos ver — Raphael respondeu.

Aquela foi a primeira vez que eu o vi sem graça com uma situação.

— Maria Eduarda, minha querida, vamos lá comer mais do Tiramisu que você queria — Melissa me chamou.

Eu não queria sair dali e deixar Raphael nas garras daquela vaca, mas não quis dizer não a Melissa. Estava um clima muito tenso, então resolvi ir, antes que eu falasse alguma coisa que envergonhasse Raphael na casa dos pais.



Raphael

Minha mãe, como sempre, foi um anjo que me livrou da saia justa. Ela levou Eduarda para a cozinha, e aquele foi o tempo que eu precisava para resolver aquela situação e acabar com qualquer mal entendido.

— Nicolo, podemos ir até o escritório do meu pai para conversarmos?

— Claro, meu jovem. Vamos.

Ele provavelmente achou que eu queria firmar o compromisso com sua filha, mas não podia estar mais enganado.

Seguimos para o escritório, dei passagem para ele entrar e, em seguida, entrei e fechei a porta. Ele foi o primeiro a falar, ansioso.

— Raphael, desculpe aparecermos assim sem avisar, é que Graziela queria te ver e estávamos passando por aqui, então eu fiz a vontade da minha filha. Você sabe, eu faço muito gosto desse compromisso.

— Nicolo, eu vou ser bem sincero com você. Nós já conversamos algumas vezes e você deixou claro para mim que, tanto você como Graziela, não se importariam se nos casássemos mesmo eu sendo pai dos filhos de outra mulher, entretanto eu nunca disse que me casaria com a sua filha. Mesmo que eu não ficasse com a Maria Eduarda, eu nunca tive a intenção de me casar com outra mulher. Vocês estão perdendo tempo comigo.

— Eu não entendo. Eu lhe disse que minha filha estava apaixonada, que aceitaria o casamento mesmo nessas condições, e perguntei se você estava tendo uma relação íntima com a mãe dos seus filhos e você disse que não.

— E não estava, na época, mas eu sempre deixei claro que não me casaria com ninguém. Eu não quero ser grosseiro, mas nunca disse que me casaria com a sua filha.

— Eu achei que você estivesse reticente por vergonha de ter engravidado outra mulher.

— Eu, envergonhado? Você realmente não me conhece e achou errado. Eu nunca me envergonho ou me arrependo de nada que eu faço.

— Eu sei, mas eu achei que você mudaria de ideia e, depois que suas filhas nascessem, você ficaria com elas e precisaria de uma mulher para te ajudar a criá-las. A mãe biológica poderia voltar para Nova Iorque e continuar com a sua vida normal, já que ela não é do nosso ciclo.

— Eu nunca faria isso. Minhas filhas já têm uma mãe e, mesmo que eu não ficasse com a Eduarda, jamais tiraria as meninas dela, deixando-a sozinha no mundo.

— Raphael, essa menina não é da máfia, não está acostumada com o nosso mundo e nossas regras. Minha filha é a mulher certa para você.

— Como você pode oferecer sua filha para um homem que vai ser pai dos filhos de outra mulher? Que desespero!

— Ora, isso não é incomum de acontecer. Você é um rapaz de boa família que, infelizmente, deu um mau passo, mas quem de nós nunca se meteu com a mulher errada?

Ouvir aquilo me irritou profundamente. Conteí até dez, controlando meu ímpeto de socar a cara dele, antes de responder.

— Mulher errada? Não sabia que existia uma mulher ideal para mim, mas se existisse, você acha que seria o cara ideal para fazer esse julgamento? *A mulher ideal para mim é a que eu escolher.*

— Claro, eu não quis...

— Escuta aqui, o único defeito da Maria Eduarda sou eu. A vida dela era simples e tranquila até eu aparecer, engravidá-la, bagunçar tudo e arrastá-la para esse nosso mundo truculento. Ela não é a mulher errada para ninguém, pelo contrário, eu é que sou o cara errado para ela. Fiz duas filhas nela e agora não posso mais protegê-la de mim, mas sempre vou protegê-la do resto da porra do mundo todo.

Nicolo ficou vermelho de tão espantado com a minha explosão. Percebi que o velho odiou o que eu falei e como falei, mas ele estava na minha casa e sequer tinha sido convidado. Ele era inteligente e sabia que o melhor ali era evitar arrumar um problema comigo.

— Eu não quis falar mal dessa garota, só disse que mafiosos como nós devem casar com mulheres do nosso ciclo. E minha filha é bem-nascida, bem-criada e está preparada para ser uma boa esposa.

— Então procure um cara que possa começar uma família junto com a sua filha, porque eu já comecei a minha família com outra mulher. Graziela merece alguém só para ela, você deveria saber disso — falei.

Saí do escritório pronto para pegar Maria Eduarda e ir para casa, mas quando olhei ao redor, não a vi. *Onde será que ela se meteu?*



Maria Eduarda

Quando voltei da cozinha, Raphael não estava em nenhum lugar. A primeira pessoa que procurei com os olhos foi a Graziela, mas ela estava lá, sentada ao lado da mãe. Resolvi ir até a área externa para ver se ele estava lá, mas como não o encontrei, aproveitei para respirar um pouco.

Eu estava distraída, olhando umas flores, quando uma voz me assustou.

— Elas são lindas! Eu sempre amei flores — Graziela falou.

Eu não respondi. Já tinha entendido quem ela era e não estava a fim de conversa, mas ela parecia que não ia desistir até me irritar.

— Olha, nós não precisamos ser inimigas. Não é porque eu sou a futura noiva do Raphael e você, mãe das filhas dele, que não podemos ter uma convivência pacífica, afinal, eventualmente nos encontraremos.

— Que história é essa de futura noiva? Até onde eu sei, Raphael não aceitou se casar com você.

— Ah, isso foi quando ele pensou que papai não aceitaria o fato de ele ter te engravidado, mas eu deixei claro que quero o Raphael mesmo assim. Eu não deveria estar te dizendo essas coisas, mas eu sou apaixonada pelo Raphael desde que o conheci em um jantar para oficializar a união entre a Cosa Nostra e a Calábria.

— Eu acho que você está muito emocionada. Raphael não vai se casar com você. Para de se iludir, ou vai acabar ficando frustrada e...

— Pode ficar tranquila, eu vou ser uma boa mãe para suas filhas — ela me interrompeu.

Aquela garota estava deslumbrada pelo Raphael, mas ousar falar sobre cuidar das minhas filhas fez meu sangue esquentar. Ouvir aquilo me tirou do sério.

— Ficou louca?! Minhas filhas já têm mãe!

— Na máfia é assim, queridinha, quando nossos noivos já têm filhos, nós cuidamos das crianças após o casamento, nos tornamos suas mães.

Eu me controlei para não voar em cima daquela pilantra. Meu corpo todo tremeu de raiva, mas eu estava grávida e não podia sair no tapa com ela, então apenas respirei fundo e dei o meu recado:

— Olha aqui, sua patricinha metida a besta, loira falsa e siliconada, fica longe de mim e das minhas filhas. Se o Raphael quiser ficar com você, que façam bom proveito um do outro, mas as minhas filhas são minhas e ninguém vai tirá-las de mim. Se você se atrever a chegar perto delas, eu pego a arma do Raphael e mato você.

Ela ficou me olhando chocada, de boca aberta, e não falou nada. Antes que eu fizesse uma besteira, saí dali e fui direto para a casa do Raphael, sem nem mesmo falar com ninguém. Taylor veio atrás de mim, mas eu o ignorei e andei rápido até chegar em casa.

Fui direto para o meu quarto, peguei minha mala e coloquei minhas coisas nela. *Eu vou embora daqui e ninguém vai me segurar.*



Raphael

— Mãe, você viu a Maria Eduarda?

— Não, filho, quando voltamos da cozinha eu me distraí e não reparei que ela não estava mais aqui.

Fui até a frente da casa e perguntei aos soldados se a tinham visto, eles responderam que Maria Eduarda tinha ido embora. *Alguma merda aconteceu.* Andei rápido para casa e entrei chamando-a.

— Eduarda, aonde você está?

Ela não respondeu, então subi as escadas e fui até o seu quarto. Eu a encontrei tirando as roupas do armário e colocando em uma mala.

— O que você está fazendo?

— O que está parecendo? Estou arrumando minha mala para ir embora daqui.

— Não, você não vai. O que aconteceu para te deixar assim?

— Vai perguntar para a puta da sua futura noiva.

— Que futura noiva, Maria Eduarda?

— Deixa de ser cínico, Raphael. Eu estou no meu limite! — ela gritou — Aquela loira oxigenada me falou sobre os planos de vocês.

— Que planos? Eu não tenho plano nenhum com ela.

— Pois ela acha que tem.

— Maria Eduarda, se acalma.

E foi naquele momento que eu aprendi que pedir calma à uma mulher com raiva e com os hormônios alterados pela gravidez, é a mesma coisa que invocar o demônio.

— Eu não vou ter calma merda nenhuma, Raphael! Eu vou roubar a sua arma, matar aquela piranha e, depois, matar você. Sai da minha frente e me deixa ir embora, viver minha vida. Nem você e nem ninguém vai tirar minhas filhas de mim — ela gritou na minha cara, vindo para cima de mim.

— Isso não vai acontecer.

— Ela me falou que vai casar com você e ser mãe das meninas.

— Ela é maluca igual ao pai dela.

— A vaca não ia inventar isso do nada, Raphael.

— O Nicolo quer nos casar, mas eu já disse que não e ponto. Você não precisa se estressar com isso.

— Se você está achando que vai me seduzir, me fazer acreditar em você e depois tirar as minhas filhas e dar para aquela piranha oxigenada criar, você está muito enganado. Eu vou embora daqui agora mesmo.

— Para de falar merda, Maria Eduarda. Você vai acreditar no que essa maluca falou ou em mim, porra?

— Por que você não contou a ela que estamos juntos?

— Porque eu não devo satisfações da minha vida para ela.

— Mas você sabia das intenções deles, tinha que falar para acabar com essa ilusão. Você deixou eles pensarem que você estava disposto a se casar com ela.

— Eu não deixei nada. Desde o início eu disse que não me casaria com mulher nenhuma.

— Eu não quero mais discutir, Raphael, só me deixa em paz, porque eu quero voltar para casa o quanto antes.

— A sua casa agora é essa, porra. Nossos destinos estão ligados, achei que você já tivesse entendido isso. Estou tentando o meu melhor para ficarmos bem, mas você não facilita, no primeiro obstáculo já quer fugir. Eu não consigo te agradar, por mais que eu tente. Eduarda, eu sou o que sou e você tem todo o direito de odiar a vida que eu levo, mas não tem motivos para desconfiar de mim, porque eu nunca fui desonesto com você. Nenhuma mulher teve tanto a minha atenção como você tem. — Eu explodi, pois estava cansado de tanta briga. *Todo dia é uma coisa diferente, porra, a gente não tem paz.*

Virei as costas e saí do quarto, exausto de tudo. Fui para o meu quarto tomar banho e tentar esfriar a cabeça, quando terminei

um pouco mais tranquilo, ela estava na porta do meu quarto.

— Raphael, posso falar com você? Já estou mais calma agora.

— Pode falar, vamos sentar um pouco — falei, apontando para minha cama.

— Eu também não aguento mais essas brigas, elas estão me desgastando muito. É tudo muito confuso para mim, porque há poucos meses eu estava em Nova Iorque, vivendo minha vida tranquilamente e com um emprego que eu gostava. Eu vivia sozinha na minha casa, às vezes solitária, mas me sentia em paz, principalmente depois de superar meu último relacionamento.

Meu corpo todo retesou ao ouvi-la mencionar seu antigo relacionamento.

— Eu só tive um relacionamento na minha vida, Raphael, e nele tive a pior experiência que uma mulher pode ter. Depois de perder minha virgindade com o Brad, ele mudou, e eu achei que era coisa da minha cabeça, então eu sempre arrumava desculpas para a frieza e o descaso com que ele me tratava. Até que um dia, eu fui fazer uma surpresa e o peguei na cama com outra mulher. A partir desse dia, eu jurei não confiar mais em homem nenhum e passei a evitá-los, até conhecer você.

— Eu sinto muito, Duda — falei, sem saber muito o que dizer.

— O que aconteceu naquela noite, entre nós, não era meu estilo e eu me arrependi muito no dia seguinte. Depois daquele dia, tudo começou a dar errado. Eu perdi meu emprego e descobri que estava grávida de um completo estranho. Não posso dizer, agora, que não estou feliz com a gravidez, afinal elas já fazem parte de mim, não tem como não amá-las; mas eu não esperava engravidar tão cedo, foi um susto enorme para mim. E quando eu soube quem de fato você era, eu entrei em pânico. Tente se colocar no meu lugar, é assustador, é muito para assimilar...

Ela parou de falar por um momento, olhou nos meus olhos e suspirou antes de continuar:

— Hoje eu vejo que as coisas não são tão ruins como eu pensava. Você parece ter duas personalidades, na minha opinião. É

um cara justo, de caráter, demonstra que será um bom pai, me trata bem e é carinhoso na maior parte do tempo... mas quando eu penso como você leva a vida lá fora, eu fico muito apreensiva. Não consigo não pensar sobre isso. Não consigo esquecer quem você é e o tipo de coisas que faz. Talvez para as mulheres da sua família seja mais fácil, pois elas foram criadas assim, mas... para mim é difícil aceitar.

Esperei alguns instantes depois que ela se calou, e percebi que ela estava me dando a oportunidade de falar também.

— Eu entendo você. Para mim é natural, porque eu nasci nessa família e aprendi a amar meu pai antes de descobrir quem ele era. Foi fácil aceitar, porque quando amamos muito uma pessoa, amamos mesmo com os defeitos. Você não teve essa experiência, afinal mal me conhecia quando descobriu sobre mim e, desde então, está sendo obrigada a conviver comigo. E, apesar de entender você, eu não tenho como mudar isso. Estou tentando ser bom pra você, mesmo sem ter nenhuma experiência em relacionamentos, e também estou perdido e me sentindo pressionado. Nenhum de nós teve escolha até então, mas agora, Maria Eduarda, você pode escolher. Basta você me dizer e eu vou respeitar.

— Que escolha? — ela me perguntou, ansiosa.

— Quero que você decida, definitivamente, se quer tentar ficar comigo ou se quer que eu seja apenas o pai das meninas. Se você disser que não me quer, eu não vou mais te tocar. Vou respeitar sua decisão e continuarei protegendo você e elas, mas não teremos nenhuma relação íntima. Se você disser que quer tentar ficar comigo, precisará me ver, daqui por diante, como seu homem, e não como um mafioso. Você decide.

— Eu estou tão confusa. O que eu sinto por você e quando estou com você me confunde muito. Quero tentar conviver em paz, mas eu preciso de um tempo.

— Tudo bem, se é isso que você quer, eu vou te dar esse tempo, mas como minha mãe sempre diz: "É ótimo ouvir sua mente, mas nunca se esqueça de ouvir o coração também."

— Não vou esquecer disso.



Maria Eduarda

Naquele dia, eu não fui dormir no quarto de Raphael, e ele também não veio até o meu. Quando deitei na cama, sozinha, senti um vazio enorme no coração e custei, mas dormi.

Acordei assustada, suada e trêmula, por causa de um pesadelo horrível. Nele, eu escutava minhas filhas chorando e, quando eu ia buscá-las, via uma no colo do Raphael e a outra, no colo da lambisgoia oxigenada. Eu gritava, gritava muito, mas minha voz não saía. Eu tentava sair do lugar, mas meu corpo não se mexia, como se eu estivesse afundando em areia movediça. Foi uma agonia horrorosa.

Levantei para beber um copo com água e, quando olhei no relógio do micro-ondas, eram 3h30 da manhã. A casa estava em absoluto silêncio e, naquele momento, senti meu coração ficar muito apertado, como se eu estivesse sozinha no mundo inteiro.

Uma angústia e uma vontade absurda de chorar tomaram conta de mim, e eu me senti sozinha demais. Só tinha um lugar onde eu poderia me sentir segura e eu iria para lá. Coloquei meu copo na pia, subi as escadas, decidida, e fui para o quarto dele. Eu nem bati à porta, apenas entrei e, assim que passei pela porta, Raphael acendeu a luz e se sentou na cama com cara de sono, mas totalmente desperto.

— Aconteceu alguma coisa? — ele me perguntou.

— Aconteceu. Eu não sou mais capaz de ficar longe de você. Tive um pesadelo horrível e tudo o que eu quero agora é que você me abrace para eu poder respirar de novo.

— Vem cá — ele me chamou e levantou a coberta do seu lado.

Eu rapidamente entrei debaixo dela, ele me abraçou forte e foi nos deitando na cama, devagar. Minha cabeça descansou em seu peito e eu pude ouvir seu coração bater disparado, assim como o meu. Aconcheguei meu corpo no dele o máximo que eu pude.

— Está tudo bem, foi só um sonho ruim. Não vai te acontecer nada, eu estou aqui e a minha missão na vida é manter você e nossas filhas seguras e felizes. Eu prometo ser seu fôlego sempre que você não puder respirar — Raphael falou, sussurrando, e beijou minha cabeça.

Eu fechei os olhos e acreditei em suas palavras, então dormi em paz.

Capítulo 16

Raphael

Chegamos em Nova Iorque na tarde de sexta-feira. Eduarda passou muito mal durante o voo e ficou praticamente o tempo todo deitada na suíte do jato. Infelizmente, eu não pude fazer nada além de oferecer minha companhia. Era injusto que nós dois tivéssemos feito nossas pequenas criaturinhas e só ela sofresse com os enjoos, até porque se elas já estavam dando tanto trabalho no ventre da mãe, era porque, provavelmente, puxaram a mim.

Quando o avião pousou, ela ainda estava enjoada. Fomos direto para a casa do meu avô, e ela não falou uma palavra, estava abatida e parecia muito vulnerável. Durante todo o trajeto até a casa dos meus avós, Eduarda se encolheu perto de mim e enfiou a cabeça no meu pescoço.

Quando chegamos, quem nos recebeu foi minha avó, pois meu avô ainda estava no trabalho.

— Raphael, meu amor, que saudade a vovó estava de você. Que bom que trouxe a Maria Eduarda — ela me cumprimentou com beijos, depois se aproximou de Duda. — Olha essa barriguinha como já está enorme! Minhas bisnetinhas vão ser grandes.

— Vó, ajeita o meu quarto para a Eduarda descansar, por favor. Ela passou muito mal no voo, vomitou tudo que tinha no estômago. Por um instante tive medo de ela vomitar até minhas filhas — falei, rindo.

— Não fala besteira, menino — minha avó respondeu, rindo. — O quarto já está pronto.

Olhei para Eduarda, e ela estava pálida, parecia que ia desmaiar. Peguei-a no colo, e ela estava tão fraca que nem falou nada. Subi as escadas com ela nos braços, seguindo minha avó, que foi na frente para abrir a porta do quarto que eu sempre usava

quando dormia lá. Deitei Maria Eduarda na cama e, quase que imediatamente, ela se aconchegou nas cobertas e fechou os olhos.

— Você quer comer alguma coisa? — perguntei a ela

— Agora não, só quero ficar aqui, quieta.

— Tá bom. Eu vou descer para deixar você descansar, mas qualquer coisa me chame.

Ela só balançou a cabeça positivamente como resposta. Desci com minha avó, pois eu estava morrendo de fome.

— Vó, a gente não deveria chamar um médico? Não sei se é normal ela passar mal desse jeito. Eu sei que ela está grávida, mas normalmente ela só vomita de manhã. Hoje foi demais, perdi as contas de quantas vezes ela passou mal no jato, já estava me dando agonia.

— É assim mesmo, Rapha. Isso foi por causa do avião, daqui a pouco ela se levanta mais animada, você vai ver. Vou fazer uma comidinha leve para quando ela acordar.

— Obrigado, vó.

— Fico feliz de vocês estarem se entendendo.

— Ela é complicada, está sempre gritando as coisas na minha cara porque gosta de fazer o que quer, desconfia de mim e me desafia o tempo todo, mas eu também fico feliz. Ela podia ser mais mansa e submissa como a Mia e a Amanda, mas como para mim nada é fácil...

— E é justamente por isso que ela te fisgou. Se ela fosse como sua irmã ou a Amanda você já estaria entediado.

— Talvez. Nós estamos tentando, mas sinto que ela ainda está muito retraída. Vou precisar ter muita paciência e isso é uma coisa que eu não tenho, mas até nisso ela está conseguindo me mudar. Estou fazendo tudo o que posso por ela e pelas minhas filhas, vó... Mentira, isso tudo é porque o sexo vale muito a pena — falei, brincando.

— Deixa de ser descarado, garoto! Não quero saber da sua vida sexual.

— Ué, você e meu avô não transam, não? Aposto que meu avô ainda dá no couro — falei, deixando minha avó vermelha de vergonha, Caí na gargalhada, mas logo resolvi mudar de assunto.
— Meu avô tem chegado tarde?

— Não, daqui a pouco ele está em casa, ainda mais porque já sabe que você chegou.

— Eu viria só amanhã, mas me antecipei para dar tempo de Maria Eduarda rever a amiga.

— E eu fico feliz por ter vocês aqui por mais tempo.

— O que tem de bom aí pra comer? Estou morrendo de fome.

— Tem tudo o que você gosta.

Antes que eu respondesse, ouvi a voz do meu avô.

— E para mim, tem o quê?

Levantei, imediatamente, e fui dar um abraço nele. Eu sentia muita falta. Gostava muito de passar um tempo com eles, mas nem sempre conseguia, então praticamente só nos víamos nessas viagens de negócios ou nas festas de fim de ano.

Comemos juntos e fomos para a sala. Passamos um bom tempo conversando e, apenas no início da noite, vi meu avô olhar atentamente para algo atrás de mim. Quando me virei, vi Maria Eduarda descendo as escadas, timidamente.



Maria Eduarda

Acordei perdida, sem saber que horas eram, mas com a sensação de ter dormido demais. Levantei-me da cama, peguei uma roupa na mala que estava no quarto e fui tomar banho. Quando terminei de me arrumar, ouvi algumas vozes, então desci as escadas e dei de cara com um senhor que deveria ser o avô de Raphael. Ele era bem conservado, um coroa bonitão como toda aquela família.

Na mesma hora que eu o vi, ele também me viu, olhou para o meu rosto e depois para minha barriga. Raphael e Elisabete estavam de costas, mas perceberam o olhar dele e viraram para mim. Parei, ainda na escada, me sentindo tímida com todos os olhares. Quem me salvou foi Raphael.

— Maria Eduarda, venha conhecer o meu avô — ele falou, levantou e me ofereceu o braço.

Fui andando até ele, que estava sentado, levantou e me puxou para perto dele e falou com o avô.

— Vô, essa aqui é a Maria Eduarda, mãe das suas bisnetas. Eduarda esse é o meu avô Bernardo.

— Muito prazer, senhor.

— O prazer é meu Maria Eduarda. Seja bem-vinda à nossa família e pode me chamar de Bernardo. Você é muito bonita, minha mulher não exagerou, meus netos têm bom gosto — ele falou e sorriu para mim, gentilmente.

Eu estava enganada novamente, porque Bernardo não era nada como eu pensava. Ele era simpático e calmo. De todos eles, o que parecia ser mais sinistro era Matheo, no entanto eu já começava a ver que ele não era tão assustador quanto parecia.

Sentamos todos na sala. Raphael em um sofá conversando com o avô, Elisabete comigo em outro, querendo saber tudo da gravidez e animada em me mostrar todos os presentes que já tinha comprado para as bisnetas.

Meu celular tocou, interrompendo a nossa conversa. Eu pedi licença e me afastei para atender. Vi que Raphael, mesmo conversando com o avô, observou quando eu me afastei com o celular na mão. Ignorei-o, fui para o outro cômodo e atendi a ligação.

— Oi, Manu.

— *Garota, você já chegou? Já te liguei várias vezes e você não me atendeu.*

— Desculpa, amiga. Eu cheguei, mas vomitei muito no jato vindo para cá, cheguei fraca e apaguei. Acordei quase agora.

— *Está chique até pra vomitar agora, "vomitando no jato" — ela imitou minha voz. — Está se sentindo melhor?*

Acabei rindo da bobeira dela, e minha amiga riu também.

— Estou sim, agora só preciso comer, estou faminta.

— *Quero te ver, estou ansiosa.*

— Pode ser amanhã? — perguntei.

— *Claro que pode, podíamos ir à boate do seu boy, onde vocês se conheceram. Agora você é a primeira dama, meu amor, tem que aproveitar.*

— Deixa de ser boba. Raphael e eu ainda temos um longo caminho pela frente, nada está certo entre nós. Eu vou falar com ele e te aviso.

— *Vou aguardar ansiosa.*

— Agora deixe eu comer. Beijo.

— *Tá bom. Beijo.*

Desliguei e voltei para a sala. Assim que entrei no cômodo, Raphael me fitou com um olhar interrogativo. Fui andando e me sentei, novamente, ao lado da avó dele. Mesmo conversando com o avô, ele não resistiu à curiosidade.

— Eduarda, quem era ao telefone?

Não quis pirracá-lo na frente dos avós, que nos olhavam atentamente. Elisabete tinha um ar de riso, ela estava claramente gostando de nos ver juntos.

— Era a Manu. Ela queria saber se já cheguei para nos encontrarmos, sugeriu amanhã na boate em que nos conhecemos. O que você acha?

— Acho melhor a gente ir a algum restaurante, a boate fica muito tumultuada aos sábados. No camarote fica muita gente e tem o cheiro de cigarro e bebida, você pode se sentir mal de novo; sem contar que alguém pode esbarrar na sua barriga.

— Você tem razão, é melhor um lugar mais tranquilo mesmo.

— Marque com ela amanhã às 19h30 no restaurante do meu avô, o Hugo sabe qual é.

— Tá, depois mando uma mensagem pra ela.

No minuto seguinte, Elisabete nos chamou para jantar. A comida estava deliciosa, ela cozinhava muito bem. Fiquei surpresa ao saber que ela mesma sempre cozinha, pois só tinha uma equipe para manutenção da casa, esporadicamente, e uma arrumadeira que ia lá dia sim, dia não. Elisabete disse que já se acostumou e que gostava de cuidar de tudo.

As mulheres na família de Raphael eram muito amorosas, um grande contraste com o mundo em que viviam, mas eu me sentia muito acolhida com elas, pois me lembravam a minha mãe.

Mais tarde, subimos para o quarto, juntos. Enquanto eu organizava nossas roupas, Raphael tomou banho. Quando ele saiu, eu fui tomar o meu. Vesti minha camisola e fui para a cama, onde Raphael estava deitado vendo alguma coisa na TV. Deitei ao seu lado e, imediatamente, ele voltou a atenção para mim.

— Passou todo o enjoo?

— Passou sim, já me sinto ótima.

— Que bom. É muito ruim ver você tão debilitada e não poder fazer nada. Está cansada?

— Na verdade, não. Eu dormi muito a tarde, então... — respondi. — E você?

— Estou bem aceso, e o meu pau está ainda mais aceso do que eu. Ele te ama, sabe como é, né?! Eu queria muito deixar você

dormir agora, mas se eu fizer isso, ele vai ficar puto comigo e eu não gosto de contrariar meu garoto.

— Você e o seu pau são sempre tão sinceros assim? — falei, rindo da bobeira dele.

Não tive a minha resposta em palavras, pois Raphael colou a boca na minha e puxou meu corpo para ele, beijando-me com fome. Depois de alguns segundos, ele separou a boca da minha e eu inclinei a cabeça para trás. Sem que eu pudesse controlar, sua boca foi direto para o meu pescoço... Seus lábios, língua e dentes, raspam e beijaram meu pescoço, deliciosamente. Eu mal conseguia pensar, mal respirava.

Pouco tempo depois, Raphael já estava em cima de mim, tirando minha camisola. Meu corpo inteiro se arrepiou quando ele se encaixou no meio das minhas pernas, abocanhou meus seios e chupou-os de um jeito faminto. Em seguida, ele foi descendo a boca pela minha barriga e deu um beijo carinhoso em cada lado dela. Só então ele desceu, abriu mais as minhas pernas e me lambeu. Eu tive que tapar a boca para não acordar os avós dele.

Raphael me lambeu, me chupou e me penetrou com o dedo, e eu queria desesperadamente gozar, então afundei os tornozelos na cama, me contorcendo de prazer na sua boca. Ele repetia os movimentos, e eu estava cada vez mais perto, até que não resisti e gozei. Foi um orgasmo que abalou tudo em mim.

Eu mal tinha recuperado minhas energias quando Raphael levantou, tirou a cueca e disse:

— Vem aqui me chupar, gostosa.

Quando eu olhei para ele, me deu água na boca. Eu rapidamente me aproximei, peguei o pau dele na mão e o masturbei. Senti a pré-ejaculação no meu dedo e aquilo me deixou mais faminta, então coloquei-o na boca o máximo que eu pude e suguei-o com toda minha vontade.

Fiquei ainda mais excitada quando ele fechou os olhos e jogou a cabeça para trás, completamente entregue ao prazer. Eu o chupei, lambi, masturbei; e ele ficou cada vez mais ofegante e cresceu mais na minha boca.

Quando achei que Raphael ia gozar, ele me puxou, colocou-me de quatro na cama e me penetrou de uma vez só. Eu tive que abafar um grito, e ele estocou forte e fundo em mim. Eu já não sabia mais quem eu era, estava completamente louca de prazer, fora de mim.

Minha vagina começou a se apertar, e eu senti que ia gozar, mas ele me virou, deitou-me na cama e, por cima de mim, penetrou-me novamente. Ficamos muito encaixados, grudados, separados apenas pela minha barriga protuberante. Raphael me beijou e iniciou um vaivém delicioso e torturante.

— Raphael.

— O quê?

— Mais forte, por favor.

— Você quer que eu meta mais forte na sua boceta, sua safada?

— Quero.

Ele voltou a me beijar e intensificou os movimentos, metendo forte e fundo como eu pedi. Ele me deixou louca e, dessa vez, não me interrompeu até que eu gozei forte, mordendo o seu ombro para não gritar. Logo depois, senti ele se despejar dentro de mim também.

Raphael caiu ao meu lado, e ficamos um tempo em silêncio, ofegantes. Nesse momento, um pensamento aterrorizante veio à minha cabeça: não tinha mais volta, eu era dele, completamente dele, e nós dois éramos perfeitos demais juntos.

Ninguém jamais seria capaz de me preencher e realizar como Raphael fazia. Quando eu estava nos braços dele, ele era meu mundo. Eu estava completamente apaixonada pelo pai das minhas filhas e não podia negar que, embora ele fosse perfeito comigo e para mim, ele era um criminoso. E o confuso é que, só nos braços dele, eu me sentia segura.

Aconcheguei-me no peito dele, e ele me abraçou. Nada mais importava, pelo menos naquele momento.



Acordei sozinha na cama, olhei para o relógio e já passavam das 10h da manhã. Levantei, tomei banho, escolhi um vestidinho e uma sapatilha confortáveis e descii. Encontrei Elisabete na cozinha, sozinha.

— Bom dia! — cumprimentei.

— Bom dia, minha querida! Dormiu bem?

— Dormi sim, até demais.

— Grávidas dormem mais, é comum.

— Aonde está o Raphael? — perguntei.

— Foi resolver uns assuntos com meu marido. Ele não quis te acordar, mas pediu pra eu te falar que não demora.

— Ah, eles foram trabalhar?

— Nada demais, coisa rápida.

Passei a mão no rosto e suspirei. Eu odiava saber como Raphael trabalhava, porque eu morria de pavor que algo acontecesse a ele e também detestava pensar nas coisas que eu sabia que ele fazia. *Não sei se um dia vou me acostumar.*

— O que está te incomodando, minha filha?

— Fico preocupada quando Raphael sai, porque nunca sei o que ele está fazendo. Uma vez, logo quando eu me mudei para a casa dele, ele chegou em casa machucado, e eu fiquei muito assustada.

— Infelizmente, essas coisas acontecem, mas todos eles são muito bem treinados e, dificilmente, acontece alguma coisa séria.

— Raphael sempre fala sobre ser bem treinado, mas isso não me tranquiliza. Além disso... — titubeei — também não gosto de pensar nele machucando ninguém.

— Com o tempo a gente se acostuma, mas eu imagino que para você, que não nasceu na máfia, deve ser ainda mais difícil.

— É muita coisa para assimilar. Eu não tenho medo do Raphael, mas tenho muito medo da vida que ele leva.

Antes que continuássemos o assunto, eles chegaram. Raphael veio direto na minha direção e me beijou. Quando olhei para o rosto lindo e sorridente dele, esqueci de tudo.

— Que carinha de sono é essa?

— Acordei quase agora.

— Já comeu?

— Ainda não.

— Então vem comer.

Raphael me puxou e fomos para a mesa. Comi de tudo um pouco, e ele tomou um suco de laranja.



A noite chegou e fomos encontrar Manu e Hugo no restaurante combinado. Ao chegarmos, vimos que eles já estavam acomodados nos esperando. Manu ficou eufórica quando me viu e também ficou espantada com o tamanho da minha barriga. Nós choramos abraçadas, matando nossa saudade.

Foi uma noite maravilhosa. Conversamos sobre todos os assuntos, o jantar estava delicioso e fizemos um brinde às gêmeas — eles tomando champanhe e eu, suco de laranja. Pedimos nossa sobremesa quase à meia-noite.

— Quem diria, hein, Raphael?! Era para ser só uma ficada e agora vocês estão morando juntos e vão ser pais. Vocês passaram a perna na gente — Hugo brincou, e nós rimos.

— Porra, nem fala, e ainda por cima fiz duas — Raphael respondeu, orgulhoso. — Vocês sabem, sou um cara muito viril.

— E convencido — falei.

— Isso também.

Continuamos no papo descontraído até minha bexiga pedir socorro. Falei no ouvido de Raphael que ia ao banheiro e ele assentiu. Levantei e fui depressa, pois estava muito apertada.

Quando saí do banheiro, aliviada, dei de cara com a última pessoa que eu queria e imaginava encontrar ali. Encaramo-nos por alguns segundos, e eu percebi que os olhos dele brilharam. Ele tinha um leve sorriso no rosto, até que o seu olhar parou na minha barriga e sua expressão mudou de alegria para raiva.

— Grávida?! — Ele constatou, horrorizado. — Então foi por isso que você sumiu. E eu achando que era pelo que você viu no meu apartamento. Porra, Duda, mal terminamos e você já abriu as pernas para outro igual a uma vagabunda. Quem é o pai?

Eu fiquei em choque com a audácia daquele filho da puta. Queria falar o que ficou engasgado, xingar e reagir, mas a indignação com a ousadia dele foi tão grande que, no primeiro momento, só o olhei com ódio.

Numa fração de segundos, eu não tive mais tempo, antes que eu reagisse, vi Raphael se aproximar e não tive tempo de assimilar mais nada. Seu rosto estava tomado pela fúria quando se lançou como um animal feroz e irracional sobre Brad e o golpeou diretamente no rosto. A cabeça do meu ex foi jogada para trás com o impacto do soco violento, e então Raphael o socou novamente, fazendo sangue escorrer do nariz dele.

Brad caiu no chão com os golpes, e Raphael o puxou pelo colarinho da camisa, ficando cara a cara com ele. Fúria, tensão e poder emanava de Raphael. Ele carregava uma expressão que eu nunca tinha visto, provavelmente era a que usava com seus inimigos.

Naquele momento, eu entendi como ele foi criado. Raphael realmente tinha duas personalidades. Ele era tão diferente comigo que, olhando-o naquela situação, eu vi outro homem. Essa violência, essa vida que ele levava e esse poder, eram naturalmente dele, faziam parte de sua personalidade.

Raphael não possuía apenas isso dentro de si, mas ele sabia exatamente como administrar sua ira e a usava quando queria e quando era oportuno. Vendo sua expressão diabólica, eu temi pela vida do Brad.

Vi, pelo volume embaixo da sua camisa, que ele estava armado e fiquei ainda mais receosa.

— Raphael — chamei, assustada.

Sua expressão suavizou automaticamente quando me olhou. Ele respirou fundo, tentando retomar seu controle, e voltou a olhar para Brad.

— Presta bem atenção como você fala com a minha mulher, seu fodido, porque você não terá outra chance. Ela não está mais sozinha no mundo! Eu sou o pai das meninas que ela carrega, e ela é minha. Sou homem e cuido do que é meu, se você não foi homem o suficiente para manter o relacionamento de vocês, não a culpe, seu verme. É tarde demais para você perceber o quanto foi imbecil de trair uma mulher como ela, pois agora ela está comigo e se você sabe o que é bom para você, vai ficar bem longe. Vou te dar só um aviso, porque eu não quero traumatizar a Eduarda, mas se houver uma próxima vez, eu te mato.

Eu olhei para Raphael enquanto ele falava, e logo em seguida olhei para o Brad e não consegui identificar o que havia no seu semblante.

— Fique longe dela, esqueça que ela existe e não pergunte a ninguém sobre ela, está me ouvindo? Você teve sua chance e só fez merda, agora ela está comigo e, se você chegar perto dela de novo, eu acabo com você em um piscar de olhos.

Brad, que sempre foi um cara esperto, não revidou e nem questionou. Seu nariz estava sangrando e pude identificar ódio e medo no olhar que dirigia ao Raphael. Vendo que meu ex não ia questionar, Raphael largou a gola da camisa dele e se dirigiu a mim.

— Você está bem?

— Estou.

— Então vamos embora daqui.

O restaurante estava lotado, apesar do horário, e todos pararam para olhar o que estava acontecendo, mas Raphael não se importou nem um pouco com essa exposição. Quando chegamos à nossa mesa, Hugo e Manu já estavam de pé nos esperando.

— Vamos — Raphael falou com eles.

— E a conta? — Hugo perguntou.

— Esquece isso, Hugo, esse restaurante é do meu avô.

Saímos do restaurante e, próximo ao carro, nos despedimos. Falei com a Manu que ligaria para ela no dia seguinte e entramos no

veículo. Assim que nos acomodamos, percebi que Raphael ainda estava muito irritado.

— Não vale a pena se estressar com o Brad, ele é um covarde que só fala merda, você viu.

— Ele não vai falar merda para você, Maria Eduarda, porque se ele ousar te importunar novamente, eu vou perder a cabeça. Meu pavio é curto pra caralho. Você não imagina a fúria que estou precisando conter dentro de mim para não voltar lá e matar aquele filho da puta.

— Raphael, você não vai matar ninguém, pelo amor de Deus.

— Ele que fique longe de você, caso contrário eu não te prometo nada.

— Ele é um idiota, mas não é pra tanto.

— Desde que ele fique longe de você, vai ficar tudo bem.

Eu não fiquei com medo de Raphael dessa vez. Percebi exatamente quem ele era, mas também entendi que tem um outro lado que ele guarda para mim e para nossas filhas, um lado que seria incapaz de me machucar.

Fui para mais perto dele e me aconcheguei em seus braços, tentando acalmar a nós dois. Senti seu perfume, ele me abraçou e cheirou meu cabelo, então começamos a nos acalmar.

Capítulo 17

Maria Eduarda

Acordei no domingo e Raphael não estava mais na cama, então levantei, tomei banho e desci. Não vi sinal dele pela casa, mas Elisabete logo apareceu.

— Bom dia, minha querida! Vamos tomar café da manhã?

— Bom dia! Vamos sim. Onde está o Rapha?

— Saiu com meu marido, eles tinham uma reunião de trabalho.

— No domingo?

— Não são comuns, mas foi de última hora e como vocês vão embora amanhã, tiveram que fazer hoje.

— Será que ele demora?

— Nadinha, já já eles estão em casa, não precisa ficar aflita — ela respondeu e, com certeza notando meu olhar incomodado, tentando me consolar.

— Tudo bem.

— Eles estarão aqui para o almoço — ela falou gentilmente, sorrindo como sempre.

Elisabete é uma avó maravilhosa e, com certeza, também é uma excelente mãe. A família dela tem sorte em tê-la.



Eu estava sentada na cozinha, fazendo companhia a Elisabete, quando escutei a voz de Raphael. Surpreendendo a mim mesma, levantei, corri ao seu encontro e pulei em seu pescoço. Bernardo já tinha entrado e estava guardando o casaco, um pouco mais afastado. Raphael ainda estava à porta, distraído olhando alguma coisa, mas me segurou em seus braços e me olhou surpreso.

— Isso tudo é saudade? — ele brincou.

— É alívio. Graças a Deus, você chegou!

— Claro que eu cheguei, você achou que eu ia voltar para a Itália e largar você aqui? — Ele disse, rindo.

— Claro que não, seu bobo, mas é sempre um alívio ver você chegando sem nenhum arranhão.

— Eduarda, você precisa parar de se preocupar tanto, isso faz mal para as meninas. Toda vez que eu saio de casa, você age como se eu estivesse indo para a guerra.

— É mais ou menos assim que me sinto.

— Mas essa não é a realidade. Já te expliquei que na maior parte do tempo vivemos de forma pacífica.

— Eu ainda não me acostumei.

— Tudo bem, vem cá. Se acalma, eu estou bem.

Ele me apertou em seus braços por algum tempo, depois me afastou, segurou meu rosto e disse olhando nos meus olhos: — Eu sempre vou voltar para você e para as nossas filhas. Nada vai acontecer comigo, nem com vocês, confia em mim?

— Confio, mas eu tenho medo. Eu já perdi demais nessa vida, Raphael. Além disso, nós vamos ser pais, eu tenho muito medo de que algo ruim te aconteça.

— Nada vai acontecer, porque agora eu tenho motivos fortes para lutar e voltar para casa inteiro todos os dias — ele falou e me deu um selinho. — Agora vamos deixar esse assunto de lado e aproveitar nosso domingo, *tá bom?*

— *Tá bom* — respondi cheia de dengo.

Raphael me beijou e me abraçou mais uma vez, e então nós fomos para a cozinha, onde estavam seus avós.

— Oi, Bernardo, eu nem falei com você, desculpe.

— Tudo bem, eu entendo sua urgência com Raphael — ele me respondeu, sorrindo.

Senti meu rosto esquentar, ainda não estava muito acostumada com essa espontaneidade da família do Raphael.

Fiquei mais leve quando olhei para o lado e vi que Elisabete também sorria, amorosamente, para mim.

Almoçamos em um clima tranquilo. A comida estava deliciosa como sempre e eu comi mais do que deveria. Quando terminei, Raphael estava me olhando e rindo. Ignorei o deboche, porque tinha algo mais importante para falar.

— Raphael, eu quero ir lá em casa pegar algumas coisas, mas se você não puder ir, eu vou de táxi ou Taylor me leva.

— Eu vou com você, Maria Eduarda.

— Podemos ir logo, então?

— Podemos mas... já acabou seu almoço? Acho melhor você comer mais, não comeu quase nada — ele me provocou.

— Vou comer sua língua grande e debochada daqui a pouco.

— Você realmente come a minha língua e gosta bastante. Ela gosta muito de você também, devo dizer.

— Raphael! — exclamei, mortificada de vergonha por estar na frente dos avós dele. — Com licença, preciso me arrumar — falei.

Levantei-me, sentindo meu rosto queimar, mas antes de sair da cozinha ouvi Elisabete falar: — Não se preocupe, Duda, já estamos acostumados com esse sem-vergonha.

Saí correndo, morta de vergonha. *Raphael vai me pagar por isso.*



No caminho para a minha casa, passamos em frente a um McDonald's e senti minha boca salivar.

— Por favor, parem o carro! — falei, eufórica.

— O que foi? — Raphael me perguntou, alarmado.

— Eu preciso de um hambúrguer com bastante bacon.

— Meu Deus, mulher, você acabou de almoçar — ele falou e me olhou, chocado, já querendo rir.

— Não é fome, é desejo, e não tenho culpa se suas filhas querem hambúrguer.

— Carlos, minhas filhas querem hambúrguer, busque para elas.

— Com bastante bacon, por favor — acrescentei.

O motorista desceu e foi buscar. Fiquei esperando, ansiosa, e quando ele voltou com o pacote, rasguei a embalagem, afoita, e comecei logo a comer. Raphael me roubou uma batata e caiu na gargalhada quando eu o olhei de cara feia.

— Olhudo! Devia ter pedido pra você e não ficar comendo do meu.

— Eu que sou olhudo, Maria Eduarda, sério?!

— Você está tirando da boca das suas filhas.

— Que absurdo! Eu sou o melhor pai do mundo, não é, meninas? — ele falou, fofo, tocando na minha barriga e, automaticamente, as pequenas puxa-sacos se mexeram na mão dele. — Sim, você é o melhor, papaizinho lindo! — ele imitou voz de criança e eu caí na gargalhada.



Senti uma grande vontade de chorar quando chegamos em frente à minha casinha. Não era uma mansão como a de Raphael, mas era a casa onde eu morei durante muito tempo, onde comecei uma nova vida e, muitas noites, sonhei acordada com o meu futuro. Naquela casa, fiz planos que, para o que eu estava vivendo, pareciam muito distantes.

— Tudo bem, Maria Eduarda?

Assustei-me com a voz de Raphael. Taylor já tinha aberto a porta do carro para mim, mas eu estava tão perdida em pensamentos que nem notei.

Quando descemos do carro, vi o outro soldado que nos acompanhava atento, olhando ao redor. Ele era sempre muito sério e parecia disposto a pular na frente de uma bala por Raphael, assim

como Taylor faria por mim. Estávamos quase entrando quando o telefone de Raphael tocou.

— É o meu pai, vai entrando que eu vou atender — ele me disse, em seguida olhou para Taylor e fez sinal para ele me acompanhar.

O segurança foi na minha frente e abriu o portão, mas assim que eu me aproximei da entrada de casa, percebi que não estava com as chaves.

— Pega a minha bolsa no carro, por favor, Taylor.

Enquanto ele foi até o carro, cheguei até a minha porta e percebi que estava apenas encostada. *Que estranho! Não é possível que deixei aberta. Não, só pode ter sido a Manu, aquela louca descuidada.* Eu não tinha nada de valor ali, mas minha amiga não precisava deixar a porta aberta, fazendo um convite aos pivetes que, às vezes, andavam por ali.

Empurrei a porta, entrei e tirei meus sapatos que estavam sujos. A porta atrás de mim se fechou e quando eu levantei a cabeça, nada me preparou para aquela imagem. Minha casinha estava completamente destruída — móveis virados, roupas espalhadas pelo chão e vidros quebrados. Totalmente chocada com a cena, eu gritei apavorada. Alguém invadiu minha casa.

Segundos depois do meu grito, a porta se escancarou e eu não sei o que mais me assustou, se a minha casa toda revirada ou a chegada de Raphael, Carlos e Taylor com armas apontadas em minha direção.

O rosto de Raphael estava transformado e isso me assustou muito, nesse momento eu senti uma tontura forte e, de repente, tudo ficou escuro.



Raphael

Assim que desliguei o telefone e me preparei para entrar, ouvi um grito de desespero que gelou meu corpo. Peguei minha arma —

uma semiautomática com silenciador — e entrei com ela na mão, pronto para mandar alguém direto para o inferno. Quando abri a porta, Maria Eduarda me olhou horrorizada.

Taylor e Carlos já estavam vasculhando a casa, e eu nem tive tempo de raciocinar, pois diante dos meus olhos, Maria Eduarda desabou. Corri até ela, a tempo de conseguir segurá-la antes que atingisse o chão, no entanto meu alívio durou muito pouco quando percebi que ela estava pálida e desacordada.

Os seguranças voltaram para a sala e avisaram que não tinha ninguém, porém a casa estava totalmente revirada. Alguém invadiu a casa de Eduarda e meus instintos me disseram que não foi para roubar.

Com cuidado, coloquei Maria Eduarda deitada no sofá.

— Eduarda, acorda! Está tudo bem, foi só um susto. Acorda, linda.

Ela nem se mexeu. Eu estava decidido que, se ela não acordasse em um minuto, eu a levaria ao hospital. Quando peguei-a no colo para sairmos, ela abriu os olhos, assustada.

— Calma, sou eu. Você está segura, fica tranquila.

Ela piscou algumas vezes e, em seguida, chorou copiosamente segurando no meu casaco. Eu a abracei forte.

— Shii, já passou, eu estou aqui com você.

— Você apontou a arma para mim, Raphael.

— Não, Duda. Entrei para te proteger, me desculpe se te assustei.

Naquele momento, notei que seu olhar estava assustado e completamente perdido.

— É melhor irmos ao hospital para ver como estão as meninas.

— Não, eu só estou assustada, Raphael. Elas estão se mexendo, está tudo bem.

— Tem certeza?

— Tenho.

— Você faz alguma ideia de quem pode ter feito isso? — perguntei.

— Nenhuma. Eu não tenho nenhum inimigo e não acho que foi um assalto, pois não tenho nada de valor.

Eu me levantei, sentindo todo o meu corpo tenso, caminhei pela sala passando por cima dos móveis e olhei todos os outros cômodos. A sala estava completamente destruída, a cozinha cheia de cacos de vidros e o quarto dela estava uma bagunça, com roupas espalhadas pelo chão, maquiagens esfareladas em cima da cama e alguns papéis rasgados.

Enquanto caminhava pelo quarto, me deparei com uma pasta aberta no chão. Abaixei-me para verificar o conteúdo e escutei um soluço vindo da porta, quando olhei para trás, Eduarda estava tampando a boca para abafar o choro, mas seu rosto continuava banhado em lágrimas e isso despertou ainda mais minha ira.

Aproximei-me dela e a abracei forte mais uma vez.

— Calma, vai ficar tudo bem.

— Até as maquiagens foram destruídas. Eu as comprei com tanto sacrifício depois do curso que fiz para tentar uma renda extra.

— Eu vou comprar tudo novo para você, não se preocupe. Vou comprar tudo o que você quiser, mas por favor, para de chorar.

— Não é nada disso, Raphael. Eu nunca fui apegada a bens materiais, mas a questão é o porquê fizeram isso. O que queriam na minha casa? Não quero nem imaginar o que teria acontecido se eu estivesse aqui.

— Eu vou descobrir e o infeliz que fez isso vai pagar caro, não se preocupe.

— Você acha mesmo que isso me conforta? Eu não quero que você faça nada perigoso, Raphael.

— Sentiu falta de alguma das suas coisas? — perguntei, mudando de assunto para não perturbá-la ainda mais.

— Aparentemente, não — ela falou e sentou em sua cama.

Quando olhou para o lado, vi seu semblante mudar e fiquei alerta.

— O que foi?

— As fotos! Levaram as fotos que estavam aqui, nos retratos.

— Que fotos eram essas, Maria Eduarda?

— Em uma estavam minha mãe, o bebê da amiga dela e eu; na outra, minha mãe e meu pai.

— Você tem alguma cópia dessas fotos?

— Não, só tinha elas impressas. Por que eles se interessaram por isso?

— Eu não sei, mas vou descobrir. Agora olhe tudo com calma e veja se sente falta de mais alguma coisa.

Ela se levantou, pegou a pasta que estava jogada no chão e vasculhou os papéis.

— Também levaram minha certidão de nascimento. Eu não entendo...

— Vamos embora daqui! Vou te levar para descansar.

Levei-a para a casa dos meus avós. Minha avó já sabia o que tinha acontecido e esperava por nós. Acompanhei Eduarda até o quarto, esperei ela tomar banho e se deitar, depois pedi à minha avó que chamasse um médico para consultá-la, já que ela se recusava a ir ao hospital. Desci para procurar meu avô no escritório dele, assim que Eduarda cochilou.

— Vô, eles levaram somente a certidão de nascimento dela e duas fotos, uma ela estava com a mãe e outra, tinha a mãe e o pai. Eu não estou entendendo qual o interesse de quem fez isso. Precisamos de uma cópia da certidão de nascimento dela para descobrir quem é o pai da Eduarda. Você pode providenciar essas informações?

— Claro, vou ver isso agora mesmo.

Meu avô pegou o telefone, fez algumas ligações e, minutos depois, disse:

— Eu vou receber essas informações por e-mail, pedi urgência.

— Obrigado.

— Estou aqui pro que você precisar, meu filho. Como a menina está?

— Assustada. Ela tem muita dificuldade em aceitar que eu sou da máfia, pois tem pavor de qualquer tipo de violência e, para piorar, quando eu a ouvi gritar, invadi a casa com a minha pistola a postos e, ao me ver, ela desmaiou. Eu sempre evito que ela me veja armado, mas hoje aconteceu essa merda. Eu quero muito matar alguém por isso.

— Raphael, você tem que esfriar a cabeça para conseguir agir de forma racional agora.

— Como eu posso esfriar a cabeça, vô? Minhas filhas nem nasceram ainda e já estão sob tanto estresse.

— Eu sei, mas você precisa ficar calmo para acalmá-la.



Pouco tempo depois, chegou um alerta no e-mail do meu avô.

— Enviaram a cópia da certidão de nascimento dela, mas não consta o nome do pai, e eles não encontraram nada sobre ele, por enquanto.

— Isso só quer dizer uma coisa: o pai dela não queria ser encontrado. Só nos resta saber por qual motivo. Se pelo menos ela tivesse uma cópia da foto dele.

— Eu vou continuar tentando descobrir a identidade dele, também acho que a questão está aí.

— Eu vou conversar com meu pai e Pietro, tem alguma coisa muito estranha nessa história.

Antes que eu e meu avô falássemos mais alguma coisa, minha avó entrou no escritório me chamando.

— Rapha, o médico que vai ver a Duda chegou.

Subimos até o quarto e eu entrei primeiro.

— Só um momento que eu vou ver se ela está acordada — falei para eles quando chegamos à porta do quarto.

Maria Eduarda estava toda encolhida na cama, ainda dormindo. Aproximei-me devagar, para não assustá-la, e sentei na

beirada da cama.

— Acorda, princesa, eu chamei um médico para te ver.

Ela abriu os olhos, sonolenta, e se espreguiçou antes de falar.

— Eu estou bem, não precisava.

— Vamos deixar o médico dizer isso, está bem?!

Ela se levantou e sentou na cama, eu abri a porta e pedi que ele entrasse. O médico fez algumas perguntas para ela, examinou a barriga, aferiu a pressão, auscultou o coração e se deu por satisfeito.

— Aparentemente a saúde física dela está intacta. Para ter mais precisão, precisaríamos fazer uma ultrassonografia, mas eu acredito que não seja necessário. Vocês precisam pensar na saúde mental dessa mamãe — ele disse, olhando para Eduarda. — Evite estresses, tente levar a gravidez em um ambiente de paz e tranquilidade para evitar um parto prematuro, principalmente sendo uma gravidez gemelar.

— Tudo bem, doutor, nós vamos cuidar disso — respondi.

Maria Eduarda ficou calada durante toda a consulta. Minha avó acompanhou o médico até a porta e ficamos só Duda e eu no quarto.

— Você está melhor?

— Sim, só estou com fome.

Ela riu e eu ri também, apesar de estar muito preocupado com a situação.

— Acho melhor você passar o dia aqui no quarto, descansando, pois amanhã temos uma longa viagem até a Itália.

— Tá bom.

Eduarda estava muito estranha. Ela estava muito tranquila, concordando com tudo o que eu dizia, nem parecia aquela mulher marrenta de sempre. Achei estranho, mas deixei-a quieta.

Passamos o restante do dia em casa. Manuella e Hugo vieram se despedir no fim do dia, e embarcamos para a Itália na segunda-feira à tarde, após a última reunião de trabalho que eu tive.



Já havíamos retornado de Nova Iorque há uma semana, mas Maria Eduarda continuava estranhamente calma. Ela não tinha me enfrentado sequer uma vez e não contestou nenhum dos pedidos que fiz sobre sua segurança. Eu fiz o possível e o impossível para mantê-la calma e afastada de toda a bagunça que era a minha vida e ela, surpreendentemente, cooperou. Dormimos juntos todos os dias e, para minha surpresa, eu estava gostando disso.

Naquela sexta-feira, eu estava na cama relaxando, depois de transar com ela. Há uns meses, àquela hora, eu estaria em alguma boate qualquer, bebendo e fodendo alguma mulher aleatória, no entanto, eu não sentia a mínima vontade de estar em qualquer outro lugar naquele dia, senão ao lado dela.

Levantei para ir ao banheiro e, quando voltei, fiquei observando aquela barriga enorme. Deitei-me novamente na cama e fui conversar com minhas filhas.

— Ei, filhotas, espero não ter acertado vocês — brinquei.

Maria Eduarda riu e a barriga dela tremeu. Dei-lhe um beijo e deitei minha cabeça ali.

— Eu estou apaixonado pela sua barriga, ansioso para que elas saiam daí. Quando isso acontecer, será minha vez de não desgrudar delas nem um minuto. Acho que vou tirar um ano sabático para me dedicar totalmente a vocês.

— Você está falando sério?

— Sim e não. Eu quero muito isso e, se eu puder, não vou hesitar nem um minuto, mas não sei se será possível.

— Seria um sonho.

— Prometo que vou tentar.



Maria Eduarda

Desde o acontecido em Nova Iorque, resolvi tentar viver em paz ao lado de Raphael, pelo bem da minha sanidade mental e das minhas filhas. A verdade era que, de qualquer maneira, minha vida já estava completamente ligada à dele, sem chance de volta. Não adiantava mais eu fazer birra, porque a situação não iria mudar e eu estava, irrevogavelmente, apaixonada por ele.

Eu tinha que admitir que Raphael estava se esforçando muito também e, também por isso, resolvi nos dar uma trégua. Naquela ocasião, vivemos como um casal comum: ele saía para trabalhar, e eu ficava em casa. Eu cuidava da nossa alimentação, pois adorava usar a culinária como uma distração, e Raphael sempre elogiava minha comida. Quando ele chegava do trabalho, eu o recebia com carinho e nunca perguntava nada. Às vezes, quando ele me abraçava, eu sentia a arma na sua cintura e isso ainda me incomodava, mas eu fingia que não percebia.

Raphael fazia todas as minhas vontades. Eu decidi que eu mesma queria decorar e pintar o quarto das meninas, então ele prometeu me levar, na semana seguinte, para comprar os móveis e as tintas. Eu fiquei ansiosa.



Estávamos na cozinha, porque eu fiquei faminta depois que transamos. Raphael me observou, enquanto eu tirei as coisas da geladeira, montei nosso sanduíche e peguei uma jarra com suco de laranja que eu tinha feito mais cedo. Coloquei tudo na mesa e o ouvi perguntar: — Suco para mim também?

— Sim, vamos beber suco.

— Eu queria um vinho.

— Não mesmo. Não é suficiente que nós dois fizemos essas meninas, mas apenas eu tenho que carregá-las? Se eu não posso beber, você também não pode.

— Ah, sua malvada! — Raphael falou, fingindo chateação. — Você está certa.

Assim que terminamos nosso lanche, Raphael se levantou para sair.

— Aonde você vai? — perguntei.

— Escovar os dentes e voltar para a cama, você não?

— Claro que não, nós vamos lavar e guardar a louça!

— Essa gravidez te deixou ainda mais maluca!

— A louça não se lava sozinha, Raphael. Vem, eu lavo e você seca e guarda.

— Não é mais fácil colocar na máquina de lavar louça?

— Eu detesto isso. Lavar na mão é mais rápido. Deixa de ser fresco, tem pouca louça.

— Se tem pouca e é fácil, então lava você — ele falou, rindo.

— Ah, seu cretino! Nós dois comemos. Aliás, eu não vou lavar e nem secar, você vai fazer tudo, já que eu fiz o sanduíche sozinha.

— Sem chance! Eu nunca lavei louça na vida, deixe isso aí e vamos dormir.

— Não vamos sair dessa cozinha até você ter sua primeira experiência, Raphael.

— Não, não, vamos pra cama — ele falou, caminhando na minha direção para me puxar.

— Raphael, eu tenho mania de limpeza, louça suja me deixa nervosa, já está até me dando tontura — falei, fazendo chantagem emocional.

— Mentirosa.

— Sério, aí... — Encostei na mesa, colocando a mão na cabeça.

— Tá bom, Maria Eduarda, não precisa ficar nervosa, eu vou lavar a porra da louça.

— Que bom! Vou sentar aqui para minha tontura passar enquanto você lava — falei e escondi meu sorriso.

— Se você contar isso pra alguém você vai ver — ele falou, puto.

— Não vou contar pra ninguém, prometo. Talvez só para o seu tio Enzo.

Raphael estreitou os olhos para mim, assim que me ouviu falar, em seguida nós dois rimos.

— Sua pequena golpista! Mafiosa! — ele disse.

Eu caí na gargalhada. Depois de um tempo, Raphael terminou de lavar a louça, reclamando, e nós subimos para dormir.

Capítulo 18

Raphael

No sábado, dia do aniversário do Romeu, Mia preparou uma comemoração para ele na área externa do complexo. Seria uma festa para poucas pessoas — apenas nossa família, algumas pessoas da família dele e um ou outro mais chegado do ciclo.

Maria Eduarda passou o dia todo nervosa, pois não sabia o que usar. Ela dizia que a barriguinha, já bem avantajada em decorrência dos cinco meses de gravidez, dificultava a escolha das roupas. Nos últimos dias, ela andava meio insegura, mas se soubesse que eu a considerava a mulher mais linda que já vi em toda minha vida, não se importaria tanto com roupas.

Eu já estava pronto e ela não terminava de se arrumar nunca. Fui até o quarto e, quando entrei, ela ainda estava de roupão e toalha na cabeça.

— Maria Eduarda, você ainda está assim? Pelo amor de Deus, mulher, você é linda de qualquer jeito.

— Cala essa boca e não me apressa, Raphael. É a primeira vez que vamos ser vistos juntos em público. Já coloquei três vestidos e tirei, a barriga não está ajudando.

— Tenho certeza de que você ficou linda em todos eles.

— Qual sandália você acha melhor, a branca ou a dourada?

— A dourada, mas elas são altas demais, não esqueça que você está grávida.

— Você acha que tem como esquecer com uma barriga desse tamanho?

— Sua barriga é linda, exatamente como você. Agora, por favor, coloca logo um vestido e desce, porque já estão todos lá, só falta nós dois.

— Sai daqui, Raphael, você está me deixando nervosa. Já vou descer, me espera lá embaixo.

— Não demore — avisei e desci.

Aproveitei para tomar uma bebida com bastante álcool, já que quando nós estávamos juntos em casa, ela não deixava eu beber.

Mais meia hora se passou e nada de Maria Eduarda descer. Subi a escada correndo e, quando cheguei ao quarto, perdi o fôlego. Parei, chocado e sem palavras, ela estava absurdamente linda.

— Você está.. Uau!

— Uau? — ela perguntou, rindo.

— Muito uau, me faltam palavras. Você está obscenamente maravilhosa. Essa fenda sexy nas pernas é um atentado ao pudor, eu diria até que está um pouco exagerada, mas você nunca esteve tão encantadora.

— Obrigada, você também não está nada mal.

— Vamos, minha princesa?

— Vamos, meu príncipe mafioso.

Ofereci o braço para ela segurar e fomos até o local da comemoração. Todos já estavam lá e, quando Eduarda e eu chegamos, nos tornamos o centro das atenções. Maria Eduarda apertou minha mão, envergonhada, e eu apertei de volta para deixá-la mais segura.

Mia veio nos receber e ela também estava linda.

— Cunhada, você está um arraso! Raphael vai ter trabalho esta noite — minha irmã falou para mexer comigo.

— Não, eu não vou, porque ninguém é louco.

Antes que falássemos mais alguma coisa, Romeu chegou carregando Chase no colo.

— Uau, você é a segunda mulher mais linda da noite, Maria Eduarda — Romeu falou galanteador como sempre. — A primeira é a minha mulher, claro.

— Vamos, todos já estão aqui — minha irmã falou.

Fomos andando e, ainda de longe, avistei a mesa onde estavam meus pais, meu irmão e meus tios. Fomos até lá.

— Boa noite, família! — cumprimentei

— Boa noite! — todos responderam.

— Maria Eduarda, você está lindíssima, minha querida. Senta aqui — minha mãe elogiou e chamou-a para se sentar ao lado dela.

Eu continuei em pé, observando, enquanto elas conversavam um papo interessantíssimo sobre vestidos, bolsas e sandálias. Isso espantou meu pai, Pietro e tio Enzo, que se levantaram e se juntaram a mim. Passamos um tempo conversando sobre banalidades quando meu pai me alertou:

— Nicolo está vindo em nossa direção com a mulher e a filha.

— Porra, Romeu os convidou?

— Claro que sim. Nicolo é amigo do Demétrio há muitos anos e também é parceiro da Cosa Nostra.

— Da última vez que estiveram aqui, eles me colocaram em uma situação difícil.

Bastou eu terminar de falar e eles chegaram. Nicolo nos cumprimentou com aperto de mãos, e sua esposa e filha também. Ao chegar à minha frente, Graziela foi exageradamente simpática.

— Raphael, como você está lindo, ousou dizer que é o homem mais bonito da festa.

— Obrigado, Graziela, mas você ainda nem viu todos os homens. Por falar nisso, acredito que vários deles são solteiros e podem te interessar.

— Eu não acredito nisso, meu coração já fez uma escolha.

Ela estava terminando a frase quando senti uma mão delicada segurar a minha cintura. Não precisei olhar para saber quem era, então apenas estendi meu braço e coloquei a mão em suas costas.

— Graziela, como vai? — Maria Eduarda falou, cheia de rancor na voz.

— Olá, Eduarda, estou ótima e você? Nossa, você cresceu bastante! — ela falou, claramente para provocar. — Vai ter que suar a camisa na academia quando suas filhas nascerem.

— Ah, não, eu tenho uma genética muito boa, querida — Eduarda respondeu, irônica. — Não sou adepta à academia e, graças a Deus, nunca precisei. Quanto a suar, eu faço isso com frequência com o Raphael e essa é a melhor e mais gostosa maneira de perder calorias. Nós sempre perdemos muitas calorias juntos, é uma loucura. Tenho certeza de que, no ritmo que estamos, eu vou voltar rapidinho ao meu corpo de antes.

Eu quis muito rir, mas me contive. Morri de orgulho da Maria Eduarda. *Porra, essa mulher foi feita para mim, eu amo essa língua afiada.* Graziela ficou olhando-a.

— Já escolheram os nomes das meninas? — ela perguntou, sem graça, mudando de assunto.

— Ainda não, mas ainda temos tempo para isso — Eduarda respondeu, sorrindo.

— Eu vou cumprimentar algumas pessoas, com licença — Graziela respondeu e saiu.

— Piranha, vagabunda, oferecida.

— Calma, mulher, deixe de ser brava.

— Você ainda não me viu brava, Raphael.

— Nem quero ver. Tenho medo de você — falei, rindo.

— É bom ter mesmo — ela respondeu, sem achar graça.

— Eduarda, vamos dar uma volta — Nina chamou, animada.

— Uma volta aonde Nina? — perguntei porque a Nina tinha um ímã para confusão, era pior que eu.

— Aqui na festa, ué! Dar uma circulada, ver gente...

— A Maria Eduarda está bem aqui, ela não quer ver ninguém.

— Você responde por mim agora, Raphael? — ela me perguntou com aquele nariz em pé, é claro que ela ia querer me afrontar.

— Seu salto está muito alto, tenho medo de que você se desequilibre.

— Isso não vai acontecer, vira essa boca pra lá. Vamos Nina, vamos dar uma volta.

Ela me deu um selinho rápido e saiu, enquanto eu fiquei olhando as duas se afastarem, meio incomodado.

— Quem te viu e quem te vê, parceiro — Lorenzo falou, aproximando-se de mim.

— Continuo o mesmo, cara.

— Pra cima de mim, Raphael? Você mudou completamente e não tem nada de errado nisso. Além disso, você vai ser pai, é normal essa mudança.

— É, confesso que mudei algumas atitudes sim. É inevitável, cara, um dia você vai entender.

— Acredito que sim — ele falou. — Aquela ali é a Graziela?

— É, ela mesma.

— Ela está insistente com você, olha como ela te encara.

— Eu não sinto a menor atração por ela, na verdade, por nenhuma outra mulher que não seja a Maria Eduarda.

— A sua mulher é mesmo muito linda, mas a Graziela é bonita e gostosa também, não podemos negar.

— Apesar da Maria Eduarda ser a mulher mais linda que já vi, o que a difere das outras vai muito além da beleza. E quanto a Graziela, fica com ela pra você.

— Tô fora! Ela quer um marido, e eu só quero me divertir. Além do mais, o único Esposito que ela quer é você.

— Talvez não, você nem tentou.

— E nem vou tentar. Ela é filha do Nicolo, cara, meu pai me mata se eu transar com essa garota.

— Pode ser — falei, distraído olhando para todos os lados. — Você viu para onde a Nina e a Maria Eduarda foram?

— Não, mas relaxa, cara, os soldados estão por toda parte.

— Eu sei, mas não gosto de perdê-la de vista. Vou dar uma olhada por aí.

Eu estava caminhando entre os convidados, quando escutei alguém me chamar:

— Raphael, espera.

— O que foi Graziela? Estou meio ocupado agora.

— Você pretende se casar com essa menina?

— Qual o motivo da sua curiosidade?

— Ela não é a mulher certa para você, Raphael. Será que você não vê que ela é uma desclassificada? Ela ficou falando sobre a intimidade de vocês comigo e uma dama nunca faria isso.

— Desclassificada é a mulher que fica dando em cima de homem comprometido. Você a provocou, e ela te respondeu à altura, Graziela. Agora me dê licença que eu preciso encontrá-la.

— Eu sei onde ela está. Cuidado, Raphael, parece que ela não sabe seguir as regras.

— Do que você está falando?

— Eu a vi na sala da sua irmã conversando com o David, *sozinha* — ela deu ênfase à última palavra.

— O quê?

Deixei Graziela falando sozinha e fui atrás da Eduarda. Vou matar o David.



Maria Eduarda

— Olha aquele primo do Romeu, ele é lindo demais. So-corro! — Nina falou, eufórica.

— O Raphael é mais bonito.

— O Raphael é meu primo, tem você e vai ser pai, então não me interessa. Eu vou lá falar com ele, me espera por aqui. Sente em algum lugar, não volte sem mim, se não meu pai virá atrás de mim.

— Sério que você me fez largar o Raphael sozinho, correndo o risco da piranha voltar para dar o bote, e agora vai me fazer ficar aqui te esperando?

— Maria Eduarda, relaxa! Se a piranha voltar, a gente arranca o cabelo dela. Prometo que seguro a Graziela para você bater, já que tem que ter cuidado com a sua barriga. Agora me ajuda, nunca te pedi nada.

— Tá bom, mas não demo...

A louca saiu andando antes mesmo de eu terminar de falar. Nós estávamos perto da porta principal da casa, então resolvi sentar no sofá da sala. Mal eu me acomodei, vi um homem vindo na minha direção.

— Boa noite, senhorita. O que uma mulher linda como você está fazendo aqui sozinha?

Fala sério! Ele não está vendo o tamanho da minha barriga? Olhei para ele, mas nem respondi, estava sem paciência.

— Eu sei, frase clichê, desculpe, mas não pensei em nada melhor para te falar. Prazer, eu sou David, primo do Romeu — ele falou, sentando-se ao meu lado.

Eu me afastei um pouco, mantendo uma distância entre nós, ainda assim ele esticou a mão e pegou a minha para beijar. Imediatamente, senti um arrepio ruim.

— Você não vai me falar o seu nome? — ele insistiu em puxar assunto.

— Maria Eduarda — respondi, apenas porque ele era primo do Romeu.

— Lindo nome, tão bonito quanto a dona.

— É, você é bem clichê mesmo!

Ao invés de se mancar, o homem deu uma gargalhada.

— Bem que me disseram que você tem uma língua afiada, deve estar dando um trabalho e tanto para o Raphael.

— Eu e o Raphael nos entendemos muito bem.

— É, imagino que sim, afinal você está grávida. Agora eu entendo o encanto do Raphael, você é realmente muito linda.

Eu não estava me sentindo nada confortável com esse cara, nem com o rumo da conversa, então achei melhor sair dali, a Nina que me perdoasse. Quando levantei e fui passar, ele também se levantou e segurou no meu braço.

— Calma, princesa, vai aonde com tanta pressa?

— Larga ela, seu filho da puta! Tira a mão da minha mulher!

Olhei para trás, assustada, e vi Raphael vindo com tudo em nossa direção. Antes que eu piscasse, ele deu um soco na cara do David, derrubando-o no chão e me arrancando um grito.

— Raphael, para!

Obviamente, ele me ignorou e, antes que David levantasse, desferiu outro soco no rapaz. Por sorte, Nina apareceu na sala com o paquera dela.

— O que está acontecendo aqui? — o outro primo de Romeu perguntou e correu para tirar Raphael de cima de David.

— Me larga, Thomas, eu não quero machucar você — Raphael falou, quando o tal de Thomas o segurou.

Raphael estava com a feição transformada, era o mesmo semblante que vi quando ele bateu no Brad em Nova Iorque.

— Eu também gostaria de saber porque estou sendo agredido — David falou, levantando-se e limpando o nariz sujo de sangue.

— O que está acontecendo aqui? — Romeu chegou também e eu me senti aliviada, pois Thomas não conseguiria segurar o

Raphael sozinho.

— Quando eu cheguei aqui, esse babaca estava segurando o braço da Eduarda, impedindo-a de se afastar — Raphael respondeu para o Romeu e, em seguida, dirigiu-se diretamente ao David — Eu vou te dar só um aviso, fica longe da minha mulher e de qualquer outra mulher da minha família. Eu sei muito bem quais são as suas intenções. Ninguém da minha família tem culpa pela tragédia que aconteceu. Supera, porra! Fica longe de nós!

Esse foi o único momento em que eu vi a expressão cínica de David mudar. A raiva ofuscou o brilho dos seus olhos por alguns segundos, mas rapidamente ele se recompôs.

— Eu não sei do que você está falando, afinal nós estávamos apenas conversando.

— Não converse com ela, porra! — Raphael esbravejou, encarando-o por mais alguns segundos.

Instantes depois, ele caminhou até mim, segurou minha mão delicadamente e chamou a Nina. Ela deu um sorriso fraco para Thomas e correu para o lado de Raphael. Ele segurou a mão dela também e nos tirou dali a passos largos. Quando nos afastamos um pouco da casa, ele parou.

— Nina, volte para a mesa do meu tio, preciso conversar com a Maria Eduarda.

— Raphael, ela não teve culpa de nada, eu...

— Nina, vai!

Ela abriu a boca para falar alguma coisa, mas desistiu e saiu andando, então Raphael olhou para mim e perguntou um pouco mais calmo:

— O que ele te falou antes de eu chegar?

— Apenas coisas idiotas.

— Fala tudo.

— Coisas imbecis do tipo: "O que uma mulher linda como você faz aqui sozinha?", "Seu nome é tão bonito quanto a dona". Essas besteiras, Raphael.

— Eu vou matar esse filho da puta traiçoeiro.

— Não vai matar ninguém! — falei, enfaticamente. — Você está sendo irracional.

— E por que você se importa com a vida dele? Por acaso estava gostando das coisas idiotas que aquele babaca te disse?

— Quem está sendo um babaca é você. Eu já tinha dado um fora nele quando você chegou. E por acaso as coisas que ele me disse são motivos para você matar alguém? Nunca mais insinue que eu estava gostando do que ele estava falando, porque eu respeito você. Quem você acha que eu sou? Se você acha que eu vou sair por aí dando mole para outros caras enquanto estou com você, inclusive carregando suas filhas, você não me conhece e não me merece.

Ameacei sair, mas ele me segurou.

— Solta meu braço, Raphael. Eu não sou obrigada a ouvir ofensas só porque você está com ciúmes.

— Eu não estou com ciúmes.

— Você está sim, seja homem e assuma.

— Merda, por que você faz isso?! Eu estou louco de ciúmes, porra! Está satisfeita?

— Não há necessidade de sentir ciúmes, Raphael, você ainda não percebeu que eu sou sua?

Quando ele ouviu isso, sua expressão se suavizou

— Você é só minha, eu sei.

— Então me peça desculpas.

— Desculpa, eu não quis te ofender.

— Promete que nunca mais vai falar assim comigo?

— Prometo.

— Promete que não vai matar esse cara?

— Prometo que não vou matá-lo, hoje.

— Raphael...

— Desculpa, isso é tudo o que eu posso prometer.

— Então promete que não vai sair por aí matando ninguém só porque o cara me olhou?

— Prometo que vou tentar.

— E que vai sempre lavar e guardar a louça?

— Prome... Aí não, Maria Eduarda, você está jogando sujo, fez igual à minha avó agora.

Eu caí na gargalhada e ele acabou rindo também. *Graças a Deus o clima ficou mais leve.* Voltamos para a festa e eu sentei novamente à mesa com os pais de Raphael. Dessa vez, ele sentou ao meu lado.

— O que você quis dizer sobre a tragédia que aconteceu com o David?

— É uma longa história, muito antiga, de antes de eu nascer. Em casa conversamos sobre isso.

— *Tá bom.*

A festa continuou e eu não vi mais o David e nem a desagradável da Graziela. Eu estava com Chase no colo quando Raphael falou no meu ouvido:

— Já volto, vou ao banheiro. Não saia daqui.

Eu assenti, ele levantou e saiu da mesa.



Raphael

Saí para ir ao banheiro, mas também porque queria falar com Romeu. No caminho, encontrei com Mia.

— Cadê seu marido? — perguntei.

— Eu o vi entrando em casa com o David.

Pelo visto, Mia não sabia de nada sobre os últimos acontecimentos, pois falou tudo o que eu queria ouvir. Fui até a casa deles e entrei sem bater. Eles não estavam na sala nem no andar de baixo, então subi as escadas a tempo de ouvir as vozes de Romeu e David no quarto de hóspedes. Parei um minuto para ouvir o que falavam, antes de entrar e dar o meu recado.

— É melhor você ir embora, David. Aliás, se você não é capaz de esquecer o passado, nem devia ter vindo

— É sempre assim, né, Romeu?! Você nunca fica do meu lado!

— Como eu vou ficar ao seu lado se você só faz merda, caralho?

— Eu não fiz nada demais, só estava conversando com a menina.

— David, você fica totalmente diferente quando se encontra com qualquer um deles. Eu não posso tirar a razão do Raphael, porque nem eu gosto e confio em você perto da Mia.

— Você sabe que eu respeito a sua mulher, ela é uma Velasquez agora.

— Ela é e sempre será uma Esposito também. Não ouse fazer nada, porque eles são a família da minha mulher e do meu filho. Está na hora de você deixar essa porra para trás ou acabará morto igual ao seu pai.

— E quem vai me matar? — David respondeu alterado.

— Se você continuar assim, o Raphael vai atrás de você e eu não vou me meter. Não se mexe com mulher comprometida, cara, principalmente grávida. Coloca sua cabeça no lugar!

— Minha irmã também estava grávida quando se matou!

— Você falou certo, ela se matou, foi escolha dela!

— Por culpa dessa família maldita!

— Dessa família não, David, por causa do Lucca, que por sinal não tinha apoio deles em absolutamente nada! Alguém vai acabar se machucando e, provavelmente, vai ser você. Se for para escolher um lado, eu vou escolher o deles, porque se você machucá-los, vai machucar a Mia também e isso é um problema para mim. De qualquer maneira, Pietro não é só meu cunhado, é o nosso *Don* também, eu e você devemos lealdade a ele.

— Calma, Romeu, eu não ia machucar a garota. Aliás, essa era a última coisa que eu ia fazer.

Quando ouvi aquilo, meu sangue começou a subir, pois percebi a maldade em suas palavras. Eu me preparava para entrar no quarto, quando o ouvi complementar.

— Sabe, Romeu, eu nunca fodi uma grávida, deve ser interessante. Você sabe... essa coisa de hormônios...

Uma fúria assassina se instalou em mim e me deixou cego de ódio. Peguei minha arma, entrei no quarto apontando-a direto na cara do David, e os dois de assustaram quando me viram.

— Repete o que você falou, seu filho da puta.

— Cala a boca, David — Romeu alertou e em seguida se dirigiu a mim. — Raphael, calma. Abaixе essa arma e vamos conversar.

Eu ameacei olhar para Romeu, mas do canto dos meus olhos vi David tentar pegar a arma.

— Nem tente, filho da puta! — falei e ele levantou as mãos em sinal de rendição. — Eu ouvi tudo o que ele falou. Você ia deixar passar se fosse a Mia? Você sabe que não, porque você matou a porra do Enrico — falei, dirigindo-me ao Romeu, mas sem deixar de olhar para o David.

— Você tem razão, cara, mas a casa está cheia de mulheres e crianças, inclusive sua mulher grávida está aqui. Vamos evitar o trauma.

— Se eu deixar esse bastardo sair vivo daqui, ele vai aprontar num outro dia.

— Raphael, pelo amor de Deus! Meu filho está aqui... Você vai ser pai, tenta me entender! David vai embora agora e não vai mais aparecer aqui, eu vou conversar com meu pai para ele se certificar disso. Se ele voltar, eu mesmo te ajudo a matá-lo, mas hoje não é o momento.

— Romeu, eu tenho certeza de que vou me arrepender se fizer isso.

— Esfrie a cabeça e pense racionalmente, por favor.

Pensei na promessa que fiz a Maria Eduarda de não matá-lo hoje, também pensei no Noah, no Chase e nas meninas e decidi que realmente não era o melhor momento. Andei até o miserável, tirei a arma da cintura dele e entreguei para o Romeu. Em seguida, olhei dentro dos olhos dele e dei um último aviso.

— Embora eu saiba que vou me arrepender, não vou te matar hoje, agradeça ao seu primo. Mas se você tem um pinga de juízo, fique longe da minha família, caso contrário, na próxima vez que eu te encontrar, vou matá-lo.

— Eu vou levá-lo até o carro — Romeu falou querendo acabar logo com a situação.

— Vou te esperar lá na sala — falei.

Fui ao banheiro e, em seguida, peguei um uísque enquanto esperava Romeu retornar. Eu ainda estava morrendo de ódio quando ele chegou.

— Qual parte da conversa você ouviu?

— Praticamente tudo. Fiquei satisfeito com sua lealdade.

— Eu fui sincero. Entendo seu lado, cara, mas hoje não era o dia para isso, você fez a escolha certa.

— Espero que sim. Romeu, preciso ser sincero com você também, ele é uma ameaça para a minha família e não vou deixar de eliminá-lo pelo fato de ser seu primo.

— Eu sei, cara. — Ele esfregou o rosto com as mãos e suspirou. Em seguida, me olhou e sorriu. — Já que ninguém vai

morrer esta noite, vamos beber, porra! — meu cunhado falou rindo e me puxando. Ele conseguia ser pior do que eu quando queria apertar o botão do “foda-se”.

Voltei para a minha mesa, sentei ao lado da Eduarda e resolvi seguir o conselho do Romeu.



Maria Eduarda

— Você demorou — falei assim que Raphael sentou ao meu lado.

— Encontrei com Romeu e nós conversamos um pouco. Você está cansada, quer ir pra casa?

— Não, estou bem, podemos ficar.

— Então eu vou beber.

E ele bebeu mesmo. Bebeu até a hora de irmos embora. Lembrei do dia em que nos conhecemos e, assim como naquele dia, nós nos divertimos muito. Por fim, os convidados foram embora e só ficou o pessoal da família, num clima mais leve. Nós dançamos várias músicas, Raphael e Romeu eram os mais animados.

— Raphael, vai tomar banho — falei assim que chegamos em casa às 5h da manhã.

— Só se você for comigo — ele respondeu com a voz arrastada.

— Vai na frente, só vou tirar essa sandália e a maquiagem.

Minutos depois, quando entrei no banheiro, Raphael estava encostado na parede me esperando.

— Minha bebida acabou — ele me disse.

— Você ainda está vestido, Raphael?

— Eu quero fazer um brinde.

— Não, você quer tomar banho.

Peguei a taça da mão dele e, ao invés de ir para o chuveiro, ele entrou na banheira vazia.

— Vem cá, senta no meu pau, minha gostosa.

— Do jeito que você está bêbado, acho meio difícil.

— Ah é? Vem cá que eu vou te mostrar quem está bêbado.

Raphael me puxou e me fez sentar em cima dele.

— Gostosa do caralho — ele falou enquanto beijava meu pescoço e tentava, sem sucesso, abrir meu vestido.

A tentação era grande, mas aquela banheira era pequena demais para mim e minha barriga.

— Raphael, nós precisamos de um banho, vamos para o chuveiro.

— Não, vamos foder primeiro.

— Não, nós vamos tomar banho.

Levantei com dificuldade por causa da barriga, terminei de tirar meu vestido e, quando ele me viu nua, levantou trôpego e veio atrás de mim. no final das contas, transamos no chuveiro e foi delicioso.

Capítulo 19

Raphael

Foi difícil sair da cama na segunda-feira, com a Eduarda nua e enroscada em mim, mas eu precisava trabalhar. Levantei, me arrumei e quando voltei para o quarto ela ainda dormia, toda espalhada na cama. Aproximei-me, coloquei a mão na barriga dela e as meninas se mexeram dando bom dia ao papai. Eu sorri, beijei a barriga de Eduarda e, em seguida, beijei sua boca.

— Já vai? — ela perguntou, ainda de olhos fechados.

— Sim. Volte a dormir que ainda é cedo.

Ela respirou fundo e se virou de lado. Dei um beijo em seu pescoço e saí de casa.

Quando cheguei à empresa, vi que Romeu estava chegando também e esperei por ele no *hall* de entrada.

— Bom dia, cunhado — ele me cumprimentou.

— Bom dia! Que cara é essa?

— Chase está com febre, estou preocupado.

— Vocês não vão levá-lo ao médico?

— Mia já ligou para o pediatra e ele vai até nossa casa para examiná-lo. Eu queria esperar, mas como você tinha marcado a reunião, eu vim e ela vai me ligar assim que o médico disser o que ele tem. Sua mãe está lá com ela.

— Entendi. Então vamos entrar logo para terminarmos o quanto antes, eu também vou precisar sair mais cedo para levar a Eduarda para comprar material para a decoração do quarto das meninas.

Seguimos conversando e quando chegamos à sala de Pietro, todos os outros já estavam nos aguardando.

— Bom dia — eu e Romeu cumprimentamos todos.

Nós nos sentamos e, instantes depois, Pietro se dirigiu a mim.

— Então, Raphael, qual o motivo dessa reunião?

— Aconteceu um incidente no dia do aniversário do Romeu.

Provavelmente meu irmão e meu pai já sabiam, mas mesmo assim contei tudo em detalhes. Percebi a satisfação no rosto de todos, principalmente do meu pai e do Pietro, quando contei sobre a lealdade do Romeu em relação à nossa família — era um alívio para nós saber que entregamos a Mia para um homem honrado.

Também observei a transformação nos rostos deles quando falei sobre o comentário que o David fez sobre a Maria Eduarda e isso me deixou satisfeito. Eles já a viam como da família e era reconfortante saber que se algo me acontecesse, ela estaria amparada.

— Raphael, em primeiro lugar, eu acho que já está na hora de você oficializar as coisas. Todos precisam saber que Maria Eduarda é oficialmente uma Esposito e que precisam respeitá-la como tal, pois ela é valiosa para você e não uma mulher qualquer que está carregando suas filhas. Todos precisam saber que se tocarem em um fio de cabelo dela sofrerão consequências. A essa altura, todos já sabem da existência da Eduarda na sua vida e também da gravidez, não há mais como tentar esconder isso para protegê-la. O mais sensato agora é todos saberem, exatamente, o lugar que ela ocupa na sua vida. Você precisa casar com ela o mais rápido possível — Pietro falou, categórico.

— Isso não é mais um problema para mim, Pietro. Eu só não propus a ela ainda, porque não quero forçá-la a mais nada, ainda mais agora que estamos nos acertando e que ela está começando a confiar em mim. Eu preciso conquistar totalmente a confiança dela, não quero assustá-la novamente. Maria Eduarda ainda tem muitos tabus em relação à máfia.

— Eu não acho que isso vai ser um problema para ela. Ontem, achei-a muito à vontade conosco e ela está nitidamente apaixonada por você, assim como você por ela — meu pai falou.

— Nós realmente progredimos muito em nosso relacionamento, mas ela está apaixonada pelo Raphael que vê em casa. Ela não suporta sequer ver minha arma. Eu tenho certeza de

que se eu a pedir em casamento agora, um lado dela vai ficar feliz e aceitar sem nenhuma ressalva, mas o outro lado vai julgá-la e questioná-la por estar casando com um mafioso.

— Eu entendo, mas é para o bem dela. Resolva essa situação o quanto antes — meu irmão falou e eu assenti. — Em relação ao David... — Pietro disse, virando-se em direção ao meu cunhado. — Romeu você o conhece melhor que todos nós, o que tem a nos dizer sobre isso? Você acha que ele é uma ameaça real?

Quando Romeu ia responder, seu telefone tocou.

— Um minuto, eu preciso atender. É sobre o meu filho, ele estava com febre quando eu saí de casa.

Romeu foi para o canto da sala atender a ligação, e nós ficamos aguardando. Em seguida, ele voltou mais aliviado.

— É só o dentinho nascendo. Bem que eu percebi que ele estava nervoso ontem, me deu uma dentada — ele falou rindo e nós rimos também. — Bom, voltando ao assunto anterior... Eu acho que o David é burro o suficiente para planejar alguma coisa sim, mas já conversei com meu pai, e ele disse que vai colocar um homem de confiança para seguir os passos dele e evitar que ele faça alguma besteira. Há anos notei que o David tem uma obsessão pelas mulheres da família Esposito.

— Eu quero que ele vá pro inferno com essa obsessão dele — falei irritado.

— Com certeza, isso está relacionado ao fato da irmã dele ter sido estuprada pelo Lucca e cometido suicídio após descobrir que estava grávida. O pai dele morreu logo em seguida, mas até o último momento falava em vingança. Apesar de David ser muito pequeno, já era esperto o suficiente para lembrar de como tudo aconteceu — Romeu falou. — Teve uma época que ele estava disposto a investir na Nina, tentar um relacionamento...

— Eu o mato se ele se aproximar da minha filha — tio Enzo o interrompeu.

— Isso já faz tempo, foi antes de eu começar a namorar a Mia. Meu pai tirou essa ideia da cabeça dele, pois nós sabíamos que nunca daria certo, mas enfim... Eu acho que devemos ficar

atentos e reforçar a segurança das mulheres. Eu mesmo não confio nele com a Mia, principalmente depois que ele soube que não pode contar comigo. Então, senhores, a guerra já foi declarada e, embora ele não tenha apoio de Las Vegas, não podemos subestimar o inimigo. David tem muito dinheiro deixado pelo pai, e nós sabemos que o dinheiro compra tudo, inclusive aliados.

— Eu confio nas ações do seu pai, Romeu, mas também vou colocar um dos meus homens na cola desse bastardo.

— Como você quiser, Pietro.

— Eu me pergunto se David está envolvido na invasão da casa da Eduarda em Nova Iorque — falei.

— Meu pai está investigando isso também — Romeu falou.

— Eu também estou vendo isso, nós vamos descobrir. Por enquanto, está resolvido que vamos observá-lo antes de tomarmos qualquer decisão. Desde já decido que, se ele se aproximar da Itália, ele morre — Pietro falou a Romeu.

Continuamos a reunião, debatendo sobre outros tópicos, até que nos demos por satisfeitos. Já era a hora de buscar Maria Eduarda para o nosso compromisso, então me despedi de todos e fui para casa.

Quando cheguei, ela estava terminando de preparar o almoço. Aproveitei para tomar banho, coloquei uma roupa mais informal e descii. A mesa do almoço já estava posta, então comemos e, em seguida, ela foi se arrumar para sairmos. Por incrível que pareça, nesse dia ela estava tão ansiosa que se arrumou rápido.



Chegamos ao estacionamento do shopping e, mal Taylor abriu a porta do carro, ela desceu e foi na frente igual a um foguete.

— Maria Eduarda, não saia assim na frente, me espere.

— Anda logo, Raphael, para de moleza.

Cheguei ao lado dela e segurei sua mão.

— Por que hoje tem um número maior de soldados? Normalmente só Carlos e Taylor nos acompanham.

— Resolvi aumentar sua segurança, por precaução.

— Por quê?

— Porque você é preciosa pra mim e eu não quero que nada te aconteça — respondi. — Acabou a sessão de porquês?

— Acabou — ela respondeu com o nariz empinado.

Seguimos para dentro do shopping e fomos direto para uma loja de móveis e roupas para bebês. Ao entrarmos, Maria Eduarda ficou maravilhada.

— Raphael, socorro! É impossível escolher, são todos lindos — ela disse, andando a passos largos por todos os corredores da loja. — Rapha, olha esses vestidinhos! Eu estou muito apaixonada.

— Compre tudo que você quiser.

— Vou comprar mesmo, você que prepare a carteira.

Eu achei graça. Nas horas seguintes, ficamos dentro dessa loja. Eu nunca tinha visto tantos vestidos, chupetas, mamadeiras e outras coisas mais que a vendedora nos indicou; Maria Eduarda não parava de sorrir. Saímos da loja com uma montanha de bolsas, mas os móveis só seriam entregues nos próximos dias.

Passamos na loja de tintas e compramos o material necessário para a pintura, mas Maria Eduarda quis parar para tomar um sorvete e, quando chegamos em casa, já era noite. Nós tomamos banho e eu pedi uma pizza, porque ela estava cansada para preparar o jantar. Quando a pizza chegou e nos sentamos para comer, ela puxou assunto.

— Rapha, eu estava pensando sobre os nomes.

Há algum tempo, Maria Eduarda pegou a mania de me chamar de Rapha — apenas minha mãe, minha avó e, às vezes, Mia me chamavam assim —, mas eu não me incomodava.

— Você tem algum em mente?

— Se eu te disser, você vai achar que é mentira, mas eu juro que sempre quis esse nome, pode perguntar a Manu.

— Qual?

— Raphaela.

Parei o garfo na metade do caminho até a boca e olhei para ela surpreso. Eu nunca tinha pensado nesse nome, no entanto, ouvi-la sugerir isso me deixou estranhamente emocionado.

— Sério?

— Sim, sério! O que você acha?

— Eu acho muito perfeito, fico lisonjeado. Posso escolher o outro?

— Depende, qual você gosta?

— Eu gosto de Sophia.

— Sophia — ela repetiu. — Peraí, deixa eu testar. "Sophia, vem tomar banho, menina, parece seu pai que não gosta de banho." — ela esbravejou, mas em tom de brincadeira. — É, eu acho que combina.

— Palhaça! — Eu caí na gargalhada e ela começou a rir também. — Você está ficando muito engraçadinha.

— Aprendi com você.

— Deixa eu testar também. "Raphaela, sai já daí ou vai acabar se machucando, teimosa igualzinho à sua mãe."

Nós dois rimos novamente e eu percebi que a risada dela era um dos meus sons favoritos no mundo.

Terminamos nossa pizza, levamos os pratos para a cozinha e os colocamos na pia. Eu já ia saindo quando ela me olhou, erguendo a sobrancelha. Eu estreitei meus olhos para ela, mas acabei lavando a porra da louça, enquanto a cara de pau ficou sentada à mesa, mexendo no celular.

Estávamos em um momento tão tranquilo que, talvez, fosse uma boa hora para falar, despretensiosamente, sobre a possibilidade do casamento, mas quando abri a boca, Maria Eduarda se levantou da mesa e começou a gritar:

— Que merda é essa aqui, Raphael?

Olhei para ela, sem entender, e percebi que o celular que estava na mão dela era o meu.

— Você mexeu no meu celular?

— Estava só dando uma olhadinha nas redes sociais quando vi essa merda aqui — ela falou e apontou o celular na minha direção.

Ela teve a decência de se envergonhar por mexer no meu celular, mas isso durou apenas alguns segundos.

— Quem é essa puta, Raphael? Não tenta inverter a situação. A gente não tem um dia de sossego, cada dia é uma puta diferente, seu safado, mulherengo... — ela voltou a gritar.

— Se você deixar eu ver, eu posso te responder — respondi irônico.

Ela estendeu a mão com o celular, e eu o peguei sob um olhar de quem parecia pronta para dar o bote.

Na tela do celular, tinha uma solicitação para aprovação de uma foto em que eu fui marcado. A foto era de alguns meses antes de eu conhecer Maria Eduarda, era um TBT e tinha a seguinte legenda: *#tbt de um dia que deixou saudades. Vem me visitar, meu amor!*

Nela, Paula estava agarrada no meu pescoço, sorrindo.

Eu não tinha culpa. A foto foi postada na quinta-feira, já era segunda-feira da semana seguinte e eu ainda nem tinha visto, pois quase não entrava em redes sociais e minhas páginas quase não tinham nenhuma postagem. Em resumo, eram fotos que amigos me marcavam, pois eu não gostava de ficar me expondo.

— Você percebeu que isso é um TBT?

— Não interessa, se fosse comigo você já estaria pegando o avião para matar o cara.

— Quem está com ciúmes agora, dona Maria Eduarda? — falei tentando aliviar o clima.

— Eu estou com ciúmes mesmo e admito, não faço tipo. Quem é essa oferecida?

— A menina é legal, Maria Eduarda, ela não sabe que não estou mais solteiro...

Era melhor ter invocado o capeta do que ter "defendido" a Paula.

— Você a está defendendo, Raphael?

— Não, estou falando a verdade. Ela é de Nova Iorque também e a última vez em que a vi foi quando tiramos essa foto, meses antes de te conhecer.

— Você não vai aceitar!

— Não vou aceitar o quê?

— A marcação na foto.

— Eu não vou, Eduarda. Não aceitei na primeira vez que ela postou, quanto mais agora que eu tenho você.

— Sabe por que isso está acontecendo, Raphael? Porque você me esconde! Ninguém sabe da minha existência, muito menos que você vai ser pai. Você nunca postou uma foto nossa.

— Eu tenho meus motivos, Maria Eduarda. E acredite, é para sua proteção, não tem nada a ver com outras mulheres.

— Será que não? Tenho minhas dúvidas.

— Meu passado não é segredo para ninguém. Eu estive com muitas mulheres, sim, mas desde que eu soube que você estava grávida, eu nunca mais saí com nenhuma outra mulher. Você pode me acusar de muitas coisas, mas não pode me acusar de traidor. Eu respeito você, Eduarda, não sou um moleque. Um dos princípios da máfia é nunca trair a mulher, pois se um homem é capaz de trair quem confia em fechar os olhos e dormir ao seu lado, ele não é digno da confiança de ninguém — falei já ficando puto e saí da cozinha.

Subi para o quarto, tomei banho e deitei na cama. Duda não tinha subido ainda, então achei melhor levantar e ver onde ela estava.

No corredor, vi a luz do quarto que seria das meninas acesa e fui andando até lá. A cena com a qual me deparei foi tão linda que voltei, ligeiro, até o quarto, peguei meu celular e tirei uma foto dela no exato momento em que olhou para mim.

Maria Eduarda estava linda como sempre. Ela sorriu, sentada com as pernas cruzadas e a barriguinha totalmente à mostra,

rodeada por todas as coisas que tínhamos comprado para as nossas filhas.

Antes que eu pensasse, me vi fazendo algo que não era do meu feitio, só pra vê-la sorrir. Eu odiava exposição, mas todos já sabiam dela de qualquer forma, então foda-se se me achariam fraco por isso, alguém que ousasse me questionar.

Escrevi a legenda: “Em seu ventre, crescem as luzes da minha vida, nossas crianças”, marquei Maria Eduarda Smith na foto e apertei o botão de concluir. Ela ficou me olhando, em silêncio, e instantes depois eu falei:

— Acho que você tem uma foto para aprovar — falei e voltei para meu quarto.

Alguns minutos depois, ela bateu levemente à porta do meu quarto, e eu disse para entrar. Eu estava sentado na cama quando ela se aproximou, sentou no meu colo, de frente para mim e com as pernas abertas ao meu redor, me beijou.

Segurei sua bunda com uma mão, puxando-a mais para mim, e com a outra segurei sua nuca, beijando sua boca com tanta fome que nós dois gememos. Suguei sua língua com força, e ela se esfregou no meu pau de forma tão sedutora que eu soltei um gemido. Tirei a mão de sua nuca para tocar sua boceta e senti que estava encharcada por cima da calcinha.

Eduarda gemeu também e essa foi a deixa para mim. Enfie a mão por dentro da sua calcinha e empurrei meu dedo para dentro dela, xingando mil palavrões ao sentir o quanto ela estava pingando por mim. Maria Eduarda gemeu enlouquecida. Tirei a mão de sua bunda, abaixei as alças de sua blusa e, como ela estava sem sutiã, os seios que estavam bem maiores por causa da gravidez, pularam para fora.

— Você é gostosa pra caralho — falei, totalmente seduzido e enlouquecido por ela, louco de tesão. — Vou mamar em você.

Ela choramingou, excitada com as minhas palavras sacanas. Suguei seu mamilo, endurecido, com vontade.

— Oh, meu Deus... Ahhh, Rapha... — ela gemeu, com o corpo todo convulsionando.

Tirei meu dedo de sua boceta e chupei seus fluídos que agora eram meus sabores favoritos. Senti seu gosto delicioso e voltei a chupar seus seios. Eduarda segurou minha cabeça e se impulsionou, empurrando mais o seio em minha boca. Sua cabeça pendia para trás, seus olhos estavam fechados e a expressão de êxtase no rosto era linda e sedutora, como uma deusa. Eu fiquei hipnotizado pela sua sensualidade.

Maria Eduarda escorregou uma mão entre nós — com dificuldade por causa da barriga — e pegou no meu pau por cima do moletom. Nós dois gememos com a sensação. Ela enfiou a mão por dentro da minha calça, puxou meu pau muito duro para fora e começou a me masturbar.

— Você é minha e eu sou seu, nada vai mudar isso. Entendeu, Maria Eduarda?! — falei e ela gemeu em resposta, incapaz de falar qualquer coisa, doida de tesão.

Coloquei mais um dedo em sua boceta, deixando-a ainda mais louca, e percebendo que ela já estava totalmente pronta para mim, levantei sua bunda e a sentei no meu pau, sem dó. Esfreguei seu clitóris com o polegar e ela soltou um gemido enlouquecido. Nossos olhares se encontraram e ficamos nos encarando, enquanto nos movemos juntos para dar prazer um ao outro.

Eduarda apertou meu pau com sua boceta, me levando ao limite, e um prazer descontrolado percorreu meu corpo. Senti o corpo dela também estremecendo e gemi, alucinado. Os olhos dela se fecharam, a respiração ficou mais ofegante e suas paredes estrangularam meu pau antes de ela gemer meu nome e gozar lindamente, levando-me junto com ela.

Eu gemi alto, sem o menor pudor, e gozei forte dentro dela. O prazer foi tão enlouquecedor que chegou a doer minhas bolas, enquanto eu despejava tudo. Olhamo-nos, ofegantes, e nos beijamos apaixonados, ainda com as respirações alteradas. Gememos quando os últimos tremores em nossos corpos terminaram. Ficamos assim, parados, nos olhando por algum tempo. Seu rosto estava leve e sua expressão, feliz e saciada.

Como ela consegue ficar mais linda a cada dia? Talvez sua beleza continuasse igual, mas eu estava a cada dia mais apaixonado por ela, não adiantava mais negar. A verdade era simples: eu estava apaixonado e, então, deixei as palavras saírem, libertando-me do meu cativeiro. Sem nenhum orgulho, falo a ela as palavras que eu nunca imaginei que um dia diria a uma mulher:

— Eu te amo, Maria Eduarda.

A princípio, ela só me olhou incrédula, e eu fiquei com medo de ter exagerado, não por amá-la, mas por ter dito isso tão cedo. Não sabia se ela estava pronta para se deixar ser amada por um cara cheio de pecados. Então, finalmente, para acabar com a minha agonia, um lindo sorriso se formou, devagar, em seu rosto.

— Eu também te amo, Raphael Esposito, meu príncipe da máfia. Te amo de todas as formas e amo todas as suas versões — ela falou e me beijou. — E eu amei muito a foto que você postou, mas na próxima, quero você ao meu lado, beijando minha barriga.

— Porra, aí você acaba de vez com a minha reputação de *bad boy*.

Nós dois rimos e eu a beijei, completamente apaixonado, porém agora ela tinha a certeza de que eu era somente dela.

Capítulo 20

Maria Eduarda

Quando a segunda-feira chegou, acordei cedo para preparar nosso café da manhã, e nós comemos juntos entre beijos e sorrisos. Finalmente os enjoos tinham me dado uma trégua e eu voltei a comer bem pela manhã. Naquele dia eu estava me sentindo especialmente feliz e animada, pois ouvir Raphael dizer que me amava foi revigorante, me encheu de forças para lutar pela nossa felicidade.

Eu também o amava e resolvi que não ia mais ficar pensando no trabalho dele, pensaria simplesmente no que ele era para mim. Ia apenas me lembrar de quando ele me olhava apaixonado, de quando fazia carinho e conversava com a minha barriga, do quanto ele cuidava de mim e me protegia. *Não tenho nenhuma dúvida do pai maravilhoso que ele será para as nossas filhas.*

Eu não tive um pai e, saber que as minhas meninas teriam um amoroso como o Raphael, era reconfortante. Olhei para minha barriga e falei com carinho:

— Mamãe promete que vocês nunca vão se sentir sozinhas. Papai e mamãe vão sempre estar pertinho de vocês.

Raphael saiu para trabalhar, e eu resolvi iniciar a decoração do quarto das meninas. Comecei pintando tudo para quando os móveis chegassem. Raphael queria contratar pessoas para pintar e decorar, mas eu fiz questão de fazer tudo eu mesma. Quando me mudei para minha casa em Nova Iorque, ela precisava de muita reforma e, como eu não tinha dinheiro para pagar a ninguém, eu mesma fiz tudo, com a ajuda de Manuella e Hugo, e ficou muito bom.

Vesti uma roupa simples e segui para o quarto. Lá, coloquei o plástico que tínhamos comprado para proteger o piso e fixei-o com fita, peguei os rolos de pintura e fiquei olhando para o ambiente vazio, decidindo como ia fazer. Depois que visualizei tudo em minha

mente, era mãos a obra, mas antes eu precisava de uma ajudinha. Então, desci as escadas e fui para o lado de fora da casa, onde Taylor estava sempre a postos. Cheguei perto e ele rapidamente se prontificou.

— Precisa de alguma ajuda, senhora?

— Preciso que você carregue algumas latas de tinta para mim, elas são muito pesadas.

— Sim, senhora.

Entramos juntos na casa, levei-o até onde as latas estavam e direcionei-o para onde deveria levar.

— Pronto, senhora, precisa de mais alguma coisa?

— Talvez seja bom você ficar por perto já que eu vou precisar mudar as latas de lugar em alguns momentos.

— Quando a senhora precisar é só chamar.

— Ou você pode ficar logo por aqui para facilitar.

— O chefe não quer que eu fique aqui dentro, senhora.

Pensei por alguns segundos... *Será que ele oferecia algum perigo para mim ou era excesso de zelo do Raphael?* Taylor já trabalhava para a família há anos e era considerado um homem de confiança por todos. Ele já tinha idade para ser meu pai e nunca senti nenhuma maldade dele em relação a mim. Por fim, achei que era exagero do Raphael.

— Taylor, você fica, eu preciso da sua ajuda. Pode deixar que eu me entendo com Raphael, mas fique esperto, porque se você ousar qualquer coisa, eu pego a arma que o Raphael deixa guardada em casa e atiro em você! E eu sei atirar muito bem, não me subestime — falei tentando parecer séria e falhei miseravelmente.

Taylor mexeu levemente o canto da boca e, em todos esses meses aqui, foi o mais perto que eu vi de um sorriso.

— Então, vamos ao trabalho! — falei.

— A senhora quer ajuda para pintar as paredes?

— Você pode passar a primeira mão, eu passo a segunda e faço os acabamentos.

— Tudo bem.

Taylor começou seu trabalho e eu fiquei observando.

— Mais leveza, homem. Se você apertar tanto o rolo, a cor ficará mais forte e eu quero tons clarinhos.

— Assim? — ele perguntou, passando o rolo de maneira mais leve na parede.

— Isso mesmo. Parece até que nunca pintou uma parede na vida — eu disse, doida para rir.

Passamos toda a manhã trabalhando e só conseguimos terminar a primeira parede. Eu não queria parar, mas já estava faminta e precisava almoçar.

— Taylor, vamos parar pra almoçar, depois continuamos.

— Sim, senhora.

Largamos os rolos de tinta e saímos do quarto. Quando descemos, eu fui para a cozinha e Taylor foi vigiar a entrada novamente. Optei por preparar uma massa com molho à bolonhesa com muito queijo ralado em cima e coloquei no forno para gratinar, assim seria uma refeição rápida. Lavei minhas mãos e fui até a porta.

Taylor veio andando em minha direção, meio confuso.

— A senhora já terminou de almoçar?

— Claro que não. Preparei uma massa, ainda está no forno gratinando. Vim te chamar para almoçar.

— Oh, não, senhora. Eu agradeço, mas não posso.

— Como não pode? Você trabalhou duro, o mínimo que eu posso fazer é te oferecer um prato de comida.

— O chefe não vai gostar.

— Já te disse que, com Raphael, eu me entendo. Venha, vamos almoçar.

— Mas senhora... — ele tentou argumentar novamente.

— Taylor, você quer mesmo contrariar uma mulher grávida? — eu o cortei. — Se você me deixar zangada, o Raphael vai ficar muito bravo com você. Agora deixa de ser cagão e entre para almoçar.

Mais uma vez, vi a sombra de um sorriso em seu rosto. Ele entrou, mas ficou totalmente sem jeito parado na entrada da cozinha.

— Sente-se, vou colocar a travessa na mesa e você mesmo se serve.

Tirei a travessa do forno e coloquei na mesa, junto com os pratos e talheres. Entreguei um prato para ele e me servi no outro. Taylor esperou eu terminar de colocar o meu e, ainda receoso, se serviu de uma pequena porção que, claramente, não taparia nem o buraco do seu dente.

— Você só vai comer isso? Impossível um homem desse tamanho se alimentar tão pouco. Já vou avisando que, quando você experimentar meu macarrão, vai se arrepender por não ter enchido o prato.

Ele não respondeu, apenas pegou a primeira porção com o garfo e levou à boca. Na mesma hora, percebi a satisfação em seu rosto.

— Confessa, está uma delícia.

— Está realmente muito saboroso, senhora.

— Então, coma mais.

Puxei seu prato, enchi o pegador de massa e servi uma quantidade generosa; ele não reclamou. Comemos em silêncio por um tempo até que fiquei curiosa.

— Taylor, você tem família?

— Sim, senhora. Sou casado e tenho uma filha que deve ter quase a sua idade.

Quando ele falou da filha, vi seus olhos brilharem e achei bonito.

— Você já trabalha para o Raphael há muito tempo?

— Trabalho há muitos anos para a família Esposito, quem me contratou foi o senhor Matheo.

Continuamos conversando algumas amenidades. Eu falava mais do que ele, perguntando tudo, e ele respondia às minhas perguntas com paciência. Repetimos o prato e nos demos por

satisfeitos. Quando eu ia me levantar, assustei-me ao ouvir uma voz bastante familiar.

— O que está acontecendo aqui?

Taylor se levantou da mesa em um pulo, e eu me apressei em explicar, pois Raphael parecia bastante zangado.

— Taylor carregou as latas de tinta para mim e me ajudou a pintar a primeira parede do quarto das meninas, então eu fiz o almoço e o convidei para almoçar. Algum problema? — falei confiante, tentando não dar espaço para um escândalo do Raphael.

Ele desviou o olhar do meu e encarou o Taylor.

— Taylor não tem culpa, na verdade, ele nem queria aceitar, disse que você não ia gostar, mas eu insisti, afinal ele me ajudou com a pintura. Eu quis agradecer oferecendo uma boa refeição.

— Eu quis chamar alguém para pintar o quarto e você não aceitou, disse que queria fazer tudo sozinha. Por que pediu a ajuda dele agora?

— Eu ainda vou pintar, foi só uma ajuda porque eu não posso pegar peso.

— Taylor, pode ir — Raphael dispensou o coitado, friamente.

O segurança se retirou, rapidamente, deixando-nos a sós.

— Raphael, por que esse exagero todo?

— Não é exagero. Você nem o conhece e o chamou para dentro de casa?

— Se você o escolheu para fazer a minha segurança é porque confia nele.

— “A ocasião faz o ladrão”, você não conhece esse ditado? Eu não confio em ninguém, Maria Eduarda!

— Quanto exagero — falei, revirando os olhos. — Ele tem idade para ser meu pai.

— Mas ele não é. E acredite, nem mesmo alguns pais são confiáveis no meu mundo.

— Ele me parece inofensivo.

— Esse senhor inofensivo já matou e torturou tantas pessoas que não é possível contar.

Eu arregalei os olhos, assustada, quando parei para pensar no que ele falou.

— Eu não gostei, não faça mais isso, Maria Eduarda.

— Não faz sentido. Se você confia nele para fazer minha segurança, por que não confia nele aqui, dentro de casa, perto de mim?

— Não confio em absolutamente nenhum homem perto de você, raras as exceções. Não quero essas intimidades. Taylor não é seu amigo, é sua segurança. Se você precisava de ajuda com a pintura, pedisse a mim.

— Tudo bem, Raphael, eu entendi. — Achei melhor evitar a discussão e tentei mudar de assunto. — Por que você veio cedo para casa?

— Vim almoçar com você, mas parece que você já escolheu sua companhia.

— Se você tivesse me avisado, eu teria te esperado.

— Eu queria te fazer uma surpresa e acabou que a surpresa foi minha.

— Para de ter ataque de ciúmes. Não vamos brigar por isso, não foi nada de mais.

— Não é ciúmes!

— Jura pelas suas filhas?

— Você joga sujo.

— Você também. Admita que morre de ciúmes de mim, não vai cair um pedaço seu se fizer isso.

— E o que eu vou ganhar com isso?

— O que você quer?

— Quero cu.

Eu caí na gargalhada. *Esse homem não existe, nunca vi tanta cara de pau.*

— Vai admitir?

— Tudo bem, admito, eu fico louco de ciúmes quando qualquer homem chega perto de você. Satisfeita?

— Muito, mas não vou te dar o cu.

— Como você pode ser tão desalmada assim? — ele perguntou e eu ri novamente. Ele riu também, mas depois ficou sério. — Falando sério agora, que isso não se repita. Nenhum deles é seu amigo, seu amigo sou eu. Ele pode até ser um soldado leal, mas ainda assim eu não o quero dentro de casa com você.

— Tudo bem. Agora venha almoçar, acho que eu vou comer mais um pouquinho.

Peguei na mão dele e o puxei, ele cedeu e veio para a mesa, mas estava emburrado. Comemos, conversamos e, aos poucos, ele foi melhorando o humor.



Raphael

No dia seguinte, cheguei do trabalho um pouco mais cedo. Entrei no quarto e Maria Eduarda tinha acabado de sair do banho, estava de costas para a porta, vestindo a roupa.

— Cheguei, deliciosa!

— Chegou cedo.

— Sim, tenho planos para nós. Você quer sair para jantar comigo hoje?

— Claro que eu quero! Eu sempre quero sair com você e também sempre quero comer.

Eu ri e a abracei por trás, colocando a mão na sua barriga e fazendo carinho. As meninas logo mexeram, era uma sensação indescritível quando elas reagem à minha presença.

— A cada dia que eu te olho, te acho mais bonita — sussurrei em seu ouvido. — Você é a própria deusa da beleza.

— Sério? Mesmo com essa barriga enorme?

— Principalmente com essa barriga enorme. Carregando minhas filhas, você é incrivelmente perfeita.

— Você também até que é bonitinho — ela falou e sorriu. Eu caí na gargalhada.

— Admita que eu sou gostoso pra caralho e tenho um pau irresistível.

— Também é bem modesto.

— Sou realista, confessa.

— Nunca! Você já tem ego demais, nunca vou confessar que você é estupidamente gostoso e tem um pau incrivelmente perfeito — ela falou rindo e eu fiquei mais apaixonado.

— Vamos tomar banho e nos arrumar para o nosso jantar.

— Vai ser um jantar romântico?

— Prometo que vou me esforçar para isso — falei, mordi a orelha dela e fomos andando para o banheiro juntos.



Maria Eduarda

Demoramos mais do que o previsto no banho, porque acabamos transando, e depois Raphael ficou me apressando. *Detesto quando ele faz isso.*

Terminei minha maquiagem, soltei meu cabelo, peguei as sandálias e desci descalça com elas na mão. Cheguei na sala e Raphael estava de costas, mas se virou assim que sentiu minha presença. Ele estava lindo, de babar, com roupas informais.

— Vai ficar aí parado me olhando?

— Eu não consigo parar de te olhar.

Eu sorri igual a uma boba, fui caminhando até ele e dei um beijinho.

— Você pode me ajudar com a sandália? A barriga atrapalha.

Ele colocou a taça que segurava em cima da mesa, pegou-me pela mão e levou-me para o sofá. Sentei, ele se ajoelhou na minha frente e colocou as sandálias nos meus pés.

— Pronto. Vamos?

— Vamos.

Dei a mão a ele e saímos de casa. Entramos no carro com dois soldados — um dirigindo e outro ao lado —, Raphael segurou minha mão por todo o caminho e, às vezes, ele a beijava. Ele escolheu um restaurante bem longe e chegamos quase uma hora depois. Eu estava muito empolgada, pois nunca tive um encontro romântico com ele.

Quando o carro parou, ele desceu primeiro e, em seguida, me ajudou a descer. Ao sair do carro, eu perdi o fôlego. O restaurante era lindo, à beira-mar, e ficava dentro de uma gruta. Fiquei chocada olhando tudo.

— Gostou? — ele perguntou.

— Meu Deus, eu nunca vi nada tão lindo, é perfeito demais.

— Permita-me discordar, afinal você me vê nu todos os dias, não deveria dizer que nunca viu nada tão bonito.

— Idiota! — falei rindo, boba, totalmente encantada com aquele lugar e com ele.

— Vamos entrar.

Ao caminhar pelo restaurante, eu fiquei de boca aberta com a beleza do lugar. Um *maitre* esperava por nós.

— Boa noite, senhor e senhora Esposito. Sejam bem-vindos!

— Obrigado — Raphael respondeu.

Não passou despercebido para mim que ele não o corrigiu, afinal eu não era uma Esposito, mas optei por não comentar. O *maitre* nos encaminhou para uma mesa e eu me sentei, ainda pasma com tanta beleza. Só então me dei conta de uma coisa.

— Raphael, não tem ninguém no restaurante.

— Eu fechei só para nós esta noite.

— Eu não acredito! Meu Deus, você é louco — falei rindo e chocada. As surpresas não paravam. — Olha essa vista, é de tirar o fôlego.

— Você que é — Raphael respondeu.

— Você está mesmo se esforçando para cumprir sua promessa e fazer da nossa noite um encontro romântico.

— Estou conseguindo?

— Está.

— Que bom. Agora eu quero saber um pouco sobre você, Maria Eduarda. Nós pulamos muitas etapas, não namoramos nem noivamos, fizemos nossas filhas e fomos morar juntos, tudo ao contrário. Nós não sabemos quase nada um do outro, nem essas banalidades que os casais sempre sabem. Então, eu quero saber tudo, os seus sonhos, qual sua cor favorita, seu estilo de música, suas manias, o que você não gosta, se prefere frio ou calor, seu filme predileto... Tudo.

— Tudo bem — falei sorrindo, mais feliz do que algum dia eu já estive. — Minha cor favorita é amarelo, banda favorita é o Queen, mas eu amo muito também o Bon Jovi. Eu tinha o sonho de fazer uma faculdade. Gosto de arte, de pintar, fiz um curso de maquiagem e adoro tudo que envolva qualquer tipo de pintura. Eu também

sempre sonhei em ter um cachorro, mas, como sempre morei sozinha, eu teria que deixá-lo muito tempo sozinho para trabalhar e tudo mais, então nunca tive. Detesto injustiça e também pessoas esnobes e arrogantes, detesto mentira e ser enganada. Detesto que algumas pessoas tenham que sofrer e passar fome...

Eu até percebi que estava tagarelando muito, mas era a nossa oportunidade, então aproveitei ao máximo.

— Eu tenho mania de arrumação, amo cozinhar e gosto de agradar as pessoas com comida. Amo bolo de chocolate, aliás, eu amo tudo que tenha chocolate. Prefiro o frio, pois o calor me deixa irritada. Meu filme predileto é *Extraordinário*, mas eu também amo *As dez coisas que eu odeio em você* e muitos outros de comédia romântica, amo filmes de natal...

Eu falei, falei, falei e Raphael parecia prestar atenção em cada palavra, até que fomos interrompidos pelo garçom que nos trouxe o cardápio. Fizemos nossos pedidos e Raphael pediu uma garrafa de champanhe frutado sem álcool que eu não conhecia. Ele levantou, falou algo no ouvido do garçom, depois sentou novamente.

— O que você falou a ele?

— Deixa de ser curiosa, é surpresa.

Meu estômago se agitou de alegria e ansiedade; as meninas mexeram, também estavam felizes.

— Agora me fale sobre você, também quero saber.

Ele respirou fundo e começou a falar.

— Eu não tenho um sonho de fato. Meu pai sempre falou que eu deveria ter planos na minha vida, e eu sempre brinquei que não ter planos também era um plano... Hoje eu tenho alguns desejos e objetivos. Minha cor favorita é o preto e, assim como você, eu prefiro o frio. Eu odeio que tentem me fazer de idiota e odeio mais ainda traidores de qualquer espécie. Meu hobby é colecionar carros esportivos, Pietro e eu temos muitos guardados em uma garagem que você ainda não viu lá no complexo, mas usamos pouco. Eu gosto muito de moto, nós temos algumas, e às vezes eu gosto de pilotar sem destino, mas isso ficou um pouco para trás desde que

me engajei na máfia. Eu não tenho uma comida preferida, amo comer e como de tudo. Não sou muito de ver filmes, prefiro ler, mas gosto muito de *A lista de Schindler* e *O resgate do soldado Ryan*. Eu também gosto de cachorro, cheguei a ter um quando era mais novo, mas fiquei muito chateado quando ele morreu e decidi não ter outro. Meu estilo de música é rock, mas gosto de todos. Descobri recentemente que sou um cara extremamente ciumento e possessivo...

— Nooossa...não me diga! — fingi espanto. Você é ciumento e possessivo?

Nós dois rimos e, em seguida, fomos interrompidos pelo garçom, que trouxe nossos pratos e o champanhe.

Raphael abriu a garrafa, colocou o líquido em nossas taças e propôs um brinde:

— Ao nosso futuro como família! — ele falou e, novamente, meu coração ficou quentinho.

Brindamos, dei um gole e fiquei impressionada com o sabor, era maravilhosa. A comida também era espetacular e eu me esforcei para não comer demais e depois ficar indisposta. Quando terminamos a refeição, Raphael me surpreendeu mais uma vez.

— Dança comigo, Maria Eduarda?

— Mas não tem música.

Imediatamente, ele fez um sinal e a música começou a tocar. Eu mal pude acreditar, era *Always*, uma das minhas favoritas do Bon Jovi.

Eu sorri e enlacei meus braços no pescoço dele, ele segurou na minha cintura e, então, dançamos. Deitei minha cabeça em seu peito, ele levantou uma das mãos e espalmou nas minhas costas, fazendo-me ficar mais perto dele. Eu senti um amor tão grande, como se naquele exato momento ele crescesse ainda mais dentro de mim.

Afastei meu rosto e olhei para ele, seus olhos brilharam ao olhar para mim. Ele chegou mais perto, nossas testas se tocaram e ficamos assim por um longo tempo, até que ele se afastou, roçou o nariz no meu e, em seguida, me beijou. Foi um beijo lento e cheio

de significados, um beijo cheio de amor. Eu queria beijá-lo para sempre, mas, antes da música terminar, ele se afastou, bem na estrofe que dizia:

"Eu te amo, baby, e eu estarei lá para sempre, até as estrelas deixarem de brilhar, até os céus explodirem e as palavras não rimarem e eu sei que quando eu morrer, você vai estar na minha mente. Eu te amo, para sempre"

Eu não consegui segurar as lágrimas, era uma sensação tão intensa que eu não conseguia explicar. Ele secou meu rosto com os dedos, em seguida se afastou e tirou algo do bolso.

Oh, meu Deus, é uma caixinha!

Fiquei paralisada olhando para ele, sem acreditar no que estava prestes a acontecer e, então, ele fixou seus olhos nos meus e disse as palavras que eu jamais esqueceria:

— Eu sei que não sou o cara de quem você se orgulha ou o tipo de homem que você sonhou para você. Sei também que você não aprova o meu estilo de vida e que, provavelmente, se tivesse uma escolha, estaria muito longe daqui. Tivemos um início difícil, mas eu me apaixonei por você como um louco, me apaixonei pela sua língua afiada que me desafia o tempo todo. Eu amo quando você faz pirraça comigo e quando está zangada e fica me olhando com esse lindo nariz empinado. Amo a menina guerreira que você é, a menina que luta pelo que quer e não aceita tudo calada, amo quando você fica com ciúmes e amo quando você treme debaixo de mim antes de gozar. Amo sua bunda maravilhosa e seus peitos tão convidativos e amo mais ainda que você seja só minha. Nós vamos ser pais e eu não aceito mais uma vida sem você, então você aceita ser só minha pra sempre? Quer se casar comigo e ser, oficialmente, a dona do meu coração, Maria Eduarda?

Respirei fundo antes de responder, fazendo uma força imensa para não chorar.

— Raphael, você é tudo. Você me estressa bem rápido, mas me acalma na mesma velocidade, e eu te amo do jeitinho que você é. Uma vez me disseram que quem ama alguém, ama com os defeitos e as qualidades... Você estava certo! Eu não tinha ninguém,

agora eu tenho você e nós vamos ser uma família. E por tudo isso que você me deu, por todos os erros que você transformou em acertos, eu serei eternamente grata.

Uma emoção surreal tomou conta de mim e eu não consegui dizer mais nada.

— Merda, Maria Eduarda, eu estou nervoso. Você ainda não disse o que eu quero ouvir.

Eu ri.

— Sim, Raphael. É claro que é sim. Eu te amo!

Ele me pegou no colo, sorrindo, e me beijou.

— Eu te amo mais!

Capítulo 21

Maria Eduarda

Acordei tão feliz que eu não sabia se estava vivendo ou sonhando. Raphael me surpreendia mais a cada dia... Olhei-o dormindo, tão lindo, tão homem, tão meu... Senti meu coração dar uma cambalhota. *O que ele faz lá fora não importa mais, agora eu só vou olhar para o que ele faz aqui, dentro de casa, dentro de mim.*

Olhei o relógio e ainda era muito cedo. Dali a pouco, Raphael levantaria para ir trabalhar. Resolvi levantar, fui ao banheiro, fiz minha higiene matinal e depois iria preparar o café da manhã e trazer na cama para ele, mas quando saí do banheiro, ele estava acordado e olhando para mim

— Que droga, você estragou meus planos! — falei e me sentei na cama perto dele.

— Nossa, que bom dia mais caloroso, a expectativa era: "Bom dia, meu futuro marido mais que perfeito e do pau grande, que me leva ao delírio, que me deixa louca e, por isso e em forma de agradecimento, só eu que vou lavar e guardar a louça para o resto da minha vida".

Eu caí na gargalhada, ele me puxou e me beijou.

— Ainda está pensando nisso?! Tá bom, vamos começar outra vez: "Bom dia, meu futuro marido mais que perfeito, do pau grande e do ego maior ainda, que me deixa louca e me mata de amor, principalmente, porque prometeu lavar e guardar a louça para o resto da vida".

— Eu nunca prometi isso, sua pequena mentirosa.

— Mas um dia você vai prometer isso, pode ter certeza. Eu sei como te persuadir.

— Veremos — ele disse. — Mas posso saber quais planos eu estraguei?

— Eu ia trazer seu café da manhã na cama.

— Bom, eu acho que podemos consertar isso, eu amo chá pela manhã.

— Chá... que chá? — perguntei, mas depois entendi. — Raphael, você não presta mesmo, não estou falando disso, seu tarado.

— Ah, mas agora eu quero chá de boceta. Vai me deixar salivando?

— Depois, Raphael. Agora eu quero te perguntar algumas coisas, porque nós não acertamos nada ontem.

— Como assim?

— Vai ter festa com bolo e brigadeiro? — perguntei, e ele caiu na gargalhada. — Não ri de mim.

— Desculpa, é que você falou tão bonitinho. Vai ser do jeito que você quiser, amor. Você pode fazer tudo que você quiser, como você quiser.

— A Manuella e o Hugo podem vir?

— Claro que podem, mas eles não devem saber sobre a máfia.

— Não vou falar, prometo. Eles serão meus únicos convidados.

— Eu também prefiro algo mais íntimo, se você não se incomodar.

— Também prefiro assim, para mim está perfeito.

Sorri, feliz da vida, e dei um beijo na bochecha dele.

— Rapha, outra coisa que me lembrei e quero te perguntar. Aquele David, qual é o problema dele?

Raphael fechou a cara, achei até que ele nem ia querer responder.



Raphael

Eu não queria falar nesse assunto em um dia tão especial, mas eu precisava ter essa conversa com Maria Eduarda de qualquer maneira.

— Eu quero aquele cara muito longe de você, ele está proibido de pisar na Itália. David é primo do Romeu e nós temos um passado ruim que nos torna inimigos. Há muitos anos, minha família tinha um membro inescrupuloso, até mesmo para um mafioso. Era um primo do meu pai que eu nem cheguei a conhecer. O cara não valia porra nenhuma, tentou agarrar minha mãe, e meu pai, para não mandá-lo direto para o inferno, mandou-o para Las Vegas. Depois de um tempo lá, ele não só estuprou a filha do *consigliere* da cidade, irmã de David, como também a engravidou.

Olhei para Maria Eduarda e ela estava pálida.

— Você está bem?

— Só estou um pouco chocada, continue.

— Ele fez a merda e sumiu. Tempos depois, reapareceu com a ajuda do pai da tia Lili, sequestrou-a e, por pouco, não a estuprou também. Tio Enzo a encontrou a tempo e o matou. Isso quase gerou uma guerra entre Itália e Las Vegas, o que só não aconteceu porque meu pai e Demétrio são muito amigos e ele entendeu que minha família não tinha culpa de nada.

— Não têm culpa mesmo, esse primo de vocês era um escroto.

— Inclusive, tio Enzo resolveu o problema, mas Giovani, irmão do Demétrio e pai do David, pensava diferente. Ele não se conformou com o que tinha acontecido com a filha e só falava em vingança. De fato ele tinha razão de odiar o Lucca, mas meu pai e meu tio não tinham culpa. Giovani se tornou perigoso para nós, mas o destino resolveu a situação quando ele morreu em um acidente de carro indo para Nova Iorque. Para completar a tragédia, quando soube da morte do pai, a irmã do David se matou.

Maria Eduarda arregalou os olhos e colocou a mão na boca, espantada. Com dificuldade, ela falou:

— Estou bem, quero saber tudo.

— Só restou David na família, um adolescente cheio de ódio e rancor. Demétrio terminou de criá-lo e, apesar de ele ter obedecido às ordens do tio e deixado nossa família em paz, ele nunca se conformou com essa tragédia. Ele sabia e participava de todos os planos de vingança do pai contra nós. Tenho certeza de que ele ainda planeja alguma vingança, pois todas as vezes que nos encontramos, ele demonstra sua raiva e olha para as mulheres da nossa família de uma maneira muito estranha e ruim. Não sei o que se passa na cabeça dele, mas sei que não é nada bom. Por isso, fique longe dele, Maria Eduarda. Nem Romeu, que é parente, confia nele com a Mia. Por isso eu fiquei louco quando vi vocês sozinhos na sala e ele segurando seu braço.

— Meu Deus, que história horrível! Eu realmente senti algo ruim quando ele falou comigo naquele dia.

— De qualquer maneira, Duda, não confie em ninguém. Nunca fique sozinha com nenhum homem e nunca coloque um soldado dentro de casa como você fez com o Taylor, por mais que pareça confiável, pois nunca é. Os únicos em quem eu confio são meu pai, Pietro, Lorenzo e tio Enzo, mais ninguém. Romeu ainda está construindo minha confiança. No nosso mundo existe muita gente podre, então não se iluda por atos de educação e gentileza.

Eu tinha que aproveitar esse momento e contar tudo. Era necessário que a Eduarda soubesse onde estava entrando. Respirei fundo, tomando coragem, e continuei:

— Quero ser totalmente honesto com você, mas não tenha medo de mim, por favor — falei e, apenas quando ela acenou, eu continuei. — Minha família lida com tráfico de drogas e armas, mas não apoiamos e não trabalhamos com tráfico de mulheres e crianças. Temos muitos bordéis, mas as mulheres estão lá por vontade própria. Elas são bem tratadas e respeitadas, recebem um excelente salário, moradia e segurança; não toleramos abusos por parte dos clientes. Isso não faz de nós pessoas boas, a Cosa Nostra

apenas procura liderar com justiça, mas a verdade é que somos todos criminosos. E não ache que toda a máfia é como a minha família, porque o que você vê aqui no complexo é exceção. Muitos mafiosos não respeitam e, muito menos, amam suas mulheres e filhos. O pai da Amanda, por exemplo, é um covarde, Pietro já quis matá-lo várias vezes. Eu não quero te assustar, mas você será minha esposa e, por isso, ficará muito mais visada e precisará de mais segurança. Todo cuidado é pouco, principalmente você estando grávida.

— Como assim, vão tentar me matar? — ela perguntou, visivelmente assustada.

— Nós não podemos descuidar em nenhum momento, Duda. As coisas não são fáceis no nosso mundo. Quando meu sobrinho estava perto de nascer, Amanda foi sequestrada e sofreu um acidente, ela quase morreu. Noah nasceu um pouco prematuro e ela ficou em coma por um bom tempo. Meu irmão quase enlouqueceu, nunca vi Pietro tão abalado e desnortado. Tenho certeza de que foi o nascimento de Noah que o impediu de fazer uma besteira, mas ele quase sucumbiu. Foi devastador para todos nós, na verdade... Eu não posso lidar com isso, nada pode acontecer com você ou as meninas. Você entende que precisa seguir as minhas instruções para que fique sempre segura? — perguntei, angustiado.

Maria Eduarda balançou a cabeça, confirmando, e me abraçou.

— Tudo bem, chega desse assunto chato. Já te contei tudo que precisava, agora exijo meu chá — falei para quebrar o clima tenso.

E deu certo, ela caiu na risada e me beijou.



Depois de tomar café da manhã com a Eduarda, tomei banho e fui para a empresa. Lá, fui direto na sala do meu pai contar a novidade e, quando entrei, dei de cara com tio Enzo e Lorenzo.

— Bom dia, família! Que bom encontrar todos vocês juntos, tenho novidades — falei animado.

— Pela sua cara de satisfação, imagino que essa novidade tenha relação com uma certa morena de olhos verdes e nariz empinado — Lorenzo falou, debochando de mim.

— Acertou, primo. O pedido foi feito e aceito. Nós vamos nos casar.

Meu pai se levantou e veio me abraçar na mesma hora.

— Parabéns, meu filho! Estou orgulhoso de você, fez a coisa certa.

— Obrigado, pai.

— Parabéns, cara! Mais um pro time dos casados. Lorenzo é o próximo! — Tio Enzo falou me abraçando e zoando o filho.

— Acho que ainda falta muito para mim, graças a Deus.

— Relaxa, meu filho, ser casado é maravilhoso — meu tio falou pro Lorenzo.

— As bolas de vocês estão presas em um nó bem apertado mesmo. A do Raphael então... Vai mudar o status das redes sociais para casado também, Raphael? Vocês precisam ver a foto romântica que ele postou recentemente — meu primo falou rindo.

— Nessas horas, eu queria ter redes sociais só para ver vocês passando essa vergonha — Tio Enzo também me zoou.

— Vão cuidar das suas próprias malditas bolas — falei rindo.

— Vocês sabiam que Raphael furou comigo nas duas últimas vezes que marcamos uma bebida na boate?

— Você vai sobreviver sem mim, Lorenzo.

— A única coisa boa nessa história é que, sem Raphael na pista, sobram mais mulheres para mim.

— Pois é, agradeça aos céus pelo primo mais gostoso ter aposentado as chuteiras.

— Babaca! Já que não tem mais jeito, vamos comemorar seu casamento, encontrar o pessoal na boate? O convite está estendido a Maria Eduarda, claro, se não, você não vai.

— Vamos ver, Lorenzo. A barriga dela já está enorme, não sei se é uma boa levá-la pra boate.

— Podemos fazer um jantar em casa para comemorar, sua mãe vai adorar — meu pai sugeriu.

— Por mim tudo bem, vou falar com a Eduarda.

Antes que falássemos mais alguma coisa, Pietro entrou na sala com Romeu.

— O que é isso, estão tendo uma reunião e eu não estou sabendo? — Pietro perguntou.

— Raphael vai casar, acabou de nos contar — meu pai falou, orgulhoso.

Pietro me olhou e parecia satisfeito também.

— Pois é, vou entrar para o time — falei rindo.

Tanto meu irmão quanto Romeu vieram me dar um abraço, mas, logo em seguida, os dois ficaram sérios novamente e isso não passou despercebido aos olhos de nenhum de nós.

— Pietro, o que aconteceu? — meu pai perguntou, desconfiado.

— David não está mais em Las Vegas e, no momento, ninguém sabe o paradeiro dele.

— O quê? — perguntei, completamente alarmado.

— Ele sumiu. Meu pai não conseguiu localizá-lo ainda e o homem que vocês colocaram atrás dele também não sabe onde ele está, ninguém sabe — Romeu falou, resignado.

— Vou colocar mais homens atrás dele, precisamos saber onde ele está e rastrear tudo o que ele está fazendo. Ele está planejando alguma coisa, tenho certeza — Pietro falou e nós concordamos.

— Vamos aumentar a segurança no complexo e as mulheres não saem para nada que não seja necessário e com uma quantidade maior de seguranças — meu pai falou e nós assentimos.

— Meu pai vai mandar alguns soldados de Las Vegas para cá, alguns homens da minha confiança que sempre trabalharam comigo. Precisamos de reforços — Romeu falou.

— David precisa ser eliminado, não podemos viver com essa insegurança. Ele é uma ameaça às nossas mulheres — meu pai falou, avaliando a reação de Romeu, que assentiu em silêncio.

— Eu deveria tê-lo matado no dia do seu aniversário — falei, olhando para Romeu. — Sei que ele é seu primo, mas tem muito em jogo para arriscar, não espere que eu tenha misericórdia na próxima vez.

— A minha prioridade é a segurança da Mia e do meu filho, e vocês são a família deles e também são minha família agora. David fez a escolha dele, eu mesmo o matarei se ele cruzar o caminho da nossa família — Romeu respondeu convicto, e nós ficamos satisfeitos mais uma vez com sua lealdade.



Estava tenso quando cheguei em casa à noite, muito diferente de como me sentia quando começou o dia. Assim que entrei pela porta, vi Maria Eduarda espalhada no sofá assistindo televisão e, ao reparar minha presença, um sorriso lindo irradiou pelo seu rosto e ela se levantou e correu para me abraçar. Segurei-a nos meus braços e apertei-a junto ao peito o máximo que consegui, com cuidado para não apertar a barriguinha dela. Quando nos afastamos, ela me olhava ainda sorrindo.

— Eu te quis desde a primeira vez que te vi, mas eu te amei a primeira vez que você sorriu para mim, assim — falei, completamente rendido e sem me importar em parecer um idiota apaixonado.

— Eu soube que te amava quando você cuidou de mim naquela vez em que passei mal de madrugada, mas eu não conseguia aceitar meus sentimentos.

— Teimosa! Sabia que nunca resistiria ao meu charme e beleza, não sei pra que lutou tanto.

Ela riu e me beijou. Quando nos afastamos, Eduarda me olhou e eu soube ela que tinha percebido minha tensão.

— O que você tem? Está diferente.

— Nada que você precise se preocupar.
— Raphael, eu não gosto que me esconda as coisas.
— Você também não gosta de saber sobre o meu trabalho, então não me peça detalhes. Está tudo bem, basta saber disso.

Mesmo desconfiada de que havia algo de errado, ela sorriu outra vez.

— Terminei o quarto das meninas, agora só falta montar os móveis. Vem ver como ficou! — ela falou e foi me puxando.

Quando chegamos ao quarto, eu fiquei realmente impressionado, pois ela não só tinha pintado as paredes de *rosé* e chá, como havia mencionado que faria, como também fez desenhos em uma das paredes e escreveu os nomes das nossas filhas — Sophia e Raphaela — em traços perfeitos, tudo muito delicado. A Eduarda era muito talentosa.

— Você gostou? — ela perguntou ansiosa.
— Muito! Ficou perfeito, não vejo a hora de elas estarem aqui.
— Eu também.



Maria Eduarda

Eu estava dormindo tranquilamente nos braços de Raphael, quando um barulho alto soou e ele ficou de pé em um pulo. Sentei na cama assustada e o vi colocando um short e pegando a arma na gaveta.

— O que está acontecendo? — perguntei, apavorada.

— É o alarme do complexo. Fique calma e não saia daqui, eu vou ver o que é.

— Não, Raphael, não vai! Por favor, não me deixe aqui sozinha — falei, desesperada.

Comecei a chorar e tremer, segurando no braço dele, e ele me olhou muito dividido, sem saber se me acalmava ou se ia ver o que estava acontecendo.

— Fique calma, ninguém vai chegar até nós. Tem muitos soldados em toda parte, talvez até já tenham pegado alguém.

O barulho ensurdecador não contribuiu em nada. Raphael pegou o celular e discou um número, mas aparentemente ninguém atendeu. Tentou outro e também não conseguiu, apenas na terceira tentativa, ele foi atendido.

— O que está acontecendo, Taylor? — Raphael perguntou, depois ouviu por alguns minutos antes de responder. — Meu pai e Pietro não me atenderam, preciso saber o que está acontecendo ao certo, mas a Maria Eduarda está nervosa e não quero deixá-la sozinha. Ligue-me assim que souber de algo.

Assim que ele desligou, eu quis saber.

— O que foi que aconteceu?

— Ainda não sabemos, mas parece que alguém tentou invadir o complexo. Meu pai, Pietro, tio Enzo e Lorenzo já estão verificando junto com os soldados. Vou te levar para o quarto seguro e depois vou lá para saber o que está acontecendo.

— Que quarto seguro?

— Todas as casas do complexo têm um quarto de segurança, onde a porta só abre por dentro ou com senha e, por fora, nem uma bomba consegue abrir. Você não precisa ficar com medo, porque a casa toda em si é segura, as paredes e vidros são blindados. O complexo todo também é seguro, só foi invadido uma vez, quando eu nem era nascido. Fique tranquila, por favor, eu só preciso sair para verificar.

— Por favor, não vai, Raphael. E se eu passar mal aqui sozinha? Eu estou muito nervosa, por favor, não vá.



Raphael

Merda! Ela tem razão. Eu estava agoniado para sair, mas não podia deixá-la sozinha, mesmo no quarto seguro. Não podia correr o risco de ela passar mal.

— Está bem, eu não vou. Agora fique calma e coloque uma roupa, eu vou colocar também.

Finalmente o alarme parou e isso trouxe um pouco de alívio. Quando terminamos de nos trocar, meu telefone tocou.

— Oi, pai. — Atendi.

— *Raphael, vocês estão bem?*

— Estamos. O que aconteceu? Estão todos bem? A Maria Eduarda está em pânico, não pude sair.

— *Estão todos bem. Alguém tentou invadir o complexo e o alarme foi acionado. Procuramos por toda parte e não encontramos ninguém, mas ainda estamos na busca. A minha teoria é de que alguém tentou nos assustar, afinal ninguém seria tão amador de tentar invadir um local como esse com alarme, cerca de segurança e centenas de soldados. De qualquer maneira, todos os nossos homens estão espalhados e as luzes de emergência estão acesas. Não acredito que tenha nenhum intruso, mas vamos verificar as câmeras.*

— Vou levar a Maria Eduarda para ficar com a minha mãe e encontro vocês.

— *Okay.*

Desliguei e falei com Eduarda:

— Está tudo bem, meu pai acha que foi um alarme falso. Eu vou levar você para a casa da minha mãe e vou conversar pessoalmente com eles. Vem!

Estiquei a mão e ela a segurou. Nós saímos de casa, acompanhados por Taylor e Carlos e, em todo o trajeto, vimos soldados em alerta. O complexo estava tão iluminado que já parecia dia, mas quando olhei no relógio, ainda eram 4h da manhã.

Chegamos à casa da minha mãe, onde encontramos, além dela, Amanda, Noah, Mia, Chase, tia Lili, Nina e alguns soldados. Olhei para Eduarda e ela já parecia menos assustada.

— Mãe, onde está meu pai?

— Eles estão reunidos no escritório, filho.

— Vou deixar a Maria Eduarda aqui com vocês, mas se ela se sentir mal, me chame.

— Tudo bem — minha mãe falou e, logo em seguida, abraçou Maria Eduarda.

— Eu já volto — falei às duas e segui para o escritório.

Quando cheguei lá, o clima estava tenso.

— Acharam alguma coisa? — perguntei.

— Estamos verificando as câmeras, mas sei que não tem ninguém aqui. Pra entrar no complexo é preciso desligar o alarme e apenas um profissional muito qualificado consegue fazer isso. Ainda assim, dificilmente ele conseguiria fazer todo o processo sem ser visto — Pietro respondeu.

Comecei a olhar atentamente as imagens junto com eles, até que surgiu no monitor um homem vestido de preto, encapuzado e com luvas. Ele se aproximou de uma das câmeras, claramente desejando ser visto, colocou algo próximo à cerca elétrica, em seguida, tocou-a com um objeto para acionar o alarme e correu.

Pietro pegou o celular e ligou para o nosso chefe de segurança mandando que ele desligasse a eletricidade da cerca e nos encontrasse no local. Quando chegamos lá, o chefe de segurança pegou o que tinha sido deixado na cerca elétrica, entregou-o ao meu irmão, que abriu e leu em voz alta o bilhete:

"É impossível pensar no futuro sem se sentir ameaçado pelas marcas do passado e pelo que elas podem te tirar no presente."

Não precisava ser um gênio para saber de quem era aquela ameaça. Ninguém falou uma palavra, mas o ódio e a tensão em todos nós podiam ser sentidos a quilômetros de distância. Naquele momento, uma intuição me apavorou: aquela ameaça podia ser para qualquer um de nós, mas eu sabia que era sobre a Maria Eduarda. Aquele filho da puta ia se arrepender de ter feito isso.

Nenhum homem no mundo deve ser mais temido do que um homem apaixonado.

Capítulo 22

Raphael

— Essa ameaça é para mim. Tenho certeza que isso é coisa do David — afirmei veementemente.

— É para todos nós, Raphael. Temos que achar quem fez isso — Pietro falou, pensativo.

— Por que você acha isso, meu filho? David não tem problema com um de nós especificamente, Raphael, ele culpa a todos.

— Eu não sei, pai. Eu só sinto que preciso proteger a Maria Eduarda disso tudo. Estou com uma agonia horrível no peito.

— Essa agonia é medo de perder quem você ama, principalmente porque não nos consideramos merecedores de tê-las. De certa forma, faz sentido sua aflição, afinal ele não se conforma em ver as mulheres da nossa família bem, enquanto a irmã dele, que estava grávida, está morta. Ele pode estar obcecado na gravidez da Maria Eduarda — meu pai falou, sensato como sempre.

Eu senti meu sangue gelar, porque o que ele disse fazia todo sentido. Não era difícil supor o que se passava na mente de uma pessoa atormentada como David.

— E ainda tem a situação do pai dela que não foi resolvida — Pietro falou.

— Temos que cavar mais nisso e descobrir quem é esse pai dela. Tenho certeza de que isso pode nos trazer algumas respostas — Tio Enzo disse.

— Eu posso ir a Nova Iorque tentar descobrir alguma coisa e vocês ficam aqui com as mulheres, não tenho ninguém me prendendo aqui — Lorenzo sugeriu e nós concordamos.

— Vamos voltar para acalmarmos as mulheres e, mais tarde, terminamos essa conversa na empresa para decidirmos tudo —

meu pai falou e nós voltamos para a casa dele.

Peguei a Maria Eduarda e fomos para nossa casa. Deitamos na cama e ficamos abraçados até ela dormir, mas eu não consegui sequer cochilar, pois minha cabeça estava a mil. Depois de algum tempo, levantei para não acordá-la com a minha inquietação, mas não saí de perto da cama vigiando seu sono. Vi o dia clarear e minha agonia não diminuía, eu não podia deixar que nada acontecesse a elas, eu não ia aguentar.



Os dias passaram e eu estava me sentindo exausto. Ficamos o restante da semana empenhados no assunto “David” e o pior foi que, ao final, não tivemos praticamente nenhum progresso.

Demétrio descobriu que um traidor deu cobertura para o David sumir do mapa, mas, mesmo sob tortura, o cara alegou não saber o paradeiro dele e continuávamos sem notícias.

Tínhamos um detetive trabalhando no caso do pai da Maria Eduarda, mas preferimos não ficar de braços cruzados e enviamos Lorenzo para Nova Iorque em busca de mais informações. Em pouco tempo ele encontrou o paradeiro da mulher que era, supostamente, a melhor amiga da mãe da Duda.

A tal mulher que entregou a Eduarda para o orfanato estava morta, mas Lorenzo encontrou a irmã dela, que criou a sobrinha, e o marido. Inicialmente, meu primo não teve muito progresso, porque a mulher parecia muito assustada. A impressão era de que nós não éramos os primeiros a procurá-la, e talvez os outros não tenham sido tão amigáveis quanto nós... Eram muitas suposições.

Lorenzo sentiu que o marido dela, por um bom dinheiro, seria mais receptivo então, quando teve uma oportunidade longe da mulher, deu um cartão a ele e disse para procurá-lo quando estivesse sozinho, pois seria muito lucrativo — o cara parecia ambicioso. Lorenzo estava confiante de que ele ia ligar e estávamos aguardando. Meu avô também estava ajudando Lorenzo nas

buscas, mas não foram juntos à casa da mulher, já que meu avô parecia meio assustador às vezes.

Eu não estava conseguindo nem dormir direito, mas fiz um esforço enorme para Maria Eduarda não perceber. Minha vontade era sumir dali com ela, porém eu sabia que de nada adiantaria e, claro, eu não era homem de fugir de porra nenhuma. *Eu ficarei e enfrentarei o que for.*

Nessa semana, eu quase não fui para a empresa trabalhar, pois não confiava em ninguém para cuidar do que hoje eu tinha de mais precioso. A sensação era que se a Eduarda saísse das minhas vistas, alguém ia levá-la de mim e esse pensamento quase me enlouquecia. Então, eu trabalhei de casa, conectando o tempo todo à empresa.

Essa nova rotina estava cansando meu corpo, eu só conseguia dormir, no máximo, 4 horas por noite. Além disso, todas as noites nós fazíamos amor, Duda se enroscava em mim e só assim eu conseguia dormir um pouco, mas no meio da noite ela se mexia, e eu acordava na mesma hora e não dormia mais. Então, eu levantava, ficava na cama olhando-a dormir e, assim, eu começava todos os meus dias: olhando para a mulher que mudou completamente minha vida.

Maria Eduarda dormia serenamente, alheia a toda situação, e isso me confortava. Quando ela se mexia, eu ia pra cama e a abraçava, então ela despertava nos meus braços. Eu estava sempre por perto quando ela acordava. Gostaria que todas as manhãs fossem assim: quando ela abrisse os olhos, me visse e sentisse que nunca mais estaria sozinha.

— Bom dia, princesa.

— Bom dia, Rapha. Acordei...

Aquilo era um aviso. Ela falava e me olhava, então o silêncio durava alguns segundos. Maria Eduarda era uma força da natureza, nunca vi uma pessoa com tanta energia e bom humor logo pela manhã. Em poucos segundos, ela subia em mim, animada e sorrindo, fazendo planos e mais planos para o dia. Sempre empolgada e ansiosa, ela queria levar a vida livre que levava em

Nova Iorque e era difícil para mim ficar segurando as vontades dela quando eu queria fazer todas.

— Rapha, eu quero ir ao shopping.

— Fazer o que lá?

— Gastar seu dinheiro, é claro!

— Melhor não, Duda.

— Raphael, nós nem casamos ainda e você já está ficando pão duro? Meu Deus, eu preciso repensar sobre esse casamento! Quando queria me conquistar, você me levava para o shopping e deixava eu comprar tudo o que queria, agora que já teve o sim, fica me controlando — ela falou brincando.

— Claro que não, sua boba. Só acho melhor não ficarmos saindo. Vamos comprar tudo o que você quiser de casa mesmo, podemos acessar os catálogos das lojas daqui e eles entregam em casa.

— E perder toda a diversão? Eu quero ver gente, Rapha, quero pegar as coisas na mão, sentir a textura, o cheiro, e pela internet não tem essa graça. Qual o problema de sairmos? Você está me escondendo alguma coisa?

— Claro que não, só estou cansado.

— Cansado? Você nem está saindo pra trabalhar essa semana.

— Justamente. Estou trabalhando de casa, porque quero ficar mais tempo sozinho com você, e você fica querendo sair.

— Nós já ficamos muito tempo em casa sozinhos, estou até assada! Quero ir para a rua só um pouquinho. Vamos? Vamos, por favor.

Era difícil dizer não vendo aquela carinha linda implorando. Como disse Lorenzo, eu estava muito preso pelas bolas mesmo, não conseguia resistir.

— Tudo bem, mas não vamos demorar.

Ela pulou em cima de mim eufórica, me beijou e depois levantou, toda desajeitada com aquela barriga que já estava enorme, e foi para o banheiro. Fui atrás dela, tomamos banho

juntos, nos arrumamos e saímos de casa depois de tomar café da manhã. Abri a porta do carro para ela, depois entrei no banco do motorista, e ela me olhou desconfiada.

— O que foi? — perguntei.

— Vamos só nós dois?

— Aqui nesse carro, sim — respondi.

Eu preferi assim, eu mesmo dirigindo, pois confiava mais em mim mesmo no volante caso acontecesse alguma coisa inesperada. Eu não podia arriscar de acontecer um acidente, como o que ocorreu com a Amanda.

— Mas vão dois carros nos escoltando — completei minha resposta.

— Dois? Que exagero! Pra quê isso tudo?

— Vai ser sempre assim, acostume-se ou fique dentro de casa. Quer voltar? — falei um pouco ríspido e, na mesma hora, me arrependi.

Eu estava saindo contra minha vontade e estava aflito, mas ela não tinha culpa disso, muito pelo contrário.

— Precisa ser tão indelicado? Se for pra você ficar de ignorância comigo, eu prefiro mesmo ficar em casa.

Eduarda mudou o semblante, fechou a cara e empinou o nariz. Eu respirei fundo, coloquei a mão na coxa dela e olhei-a com carinho.

— Desculpa, amor. Não queria ser grosso com você, mas não estou tão empolgado como você para sair de casa, detesto shopping.

— Se não quiser ir, não vá, eu posso ir com os seguranças.

— Nunca! Vamos logo comprar suas coisas.

— Coisas das nossas filhas, Raphael, não minhas.

— Tudo bem. Papai vai levar Sophia e Raphaela pra passear — falei e coloquei a mão na barriga dela.

Apesar de Duda ser birrenta, eu sabia que ela já estava se derretendo, só não queria me dar o gostinho. Então, ela me olhou

com cara de desprezo e depois olhou pra frente, me ignorando novamente. Eu ri e dei partida no carro.

Quando chegamos ao shopping, fomos olhar as lojas de móveis infantis. Assim que entramos, a Maria Eduarda olhou tudo eufórica.

— Nós já compramos os móveis principais, mas depois que pinteí, eu visualizei o quarto na minha mente e ainda faltam algumas coisas. Como os móveis serão entregues amanhã, quis vir comprar logo o restante para montar tudo junto — ela me explicou animada.

Eu me aproximei dela, ainda com a consciência pesada por causa da grosseria no carro, abracei-a e dei um beijo.

— Compre tudo o que você quiser.

Eduarda sorriu para mim satisfeita e foi às compras. Ela escolhia coisas que eu nem sabia que existiam, enquanto uma vendedora, mais do que satisfeita com a comissão gorda que ganharia, mostrava todas as novidades.

— Olha que lindo esses moisés, Rapha.

Que porra é um moisés? Eu não faço ideia. Duda me mostrou empolgada, mas fez uma careta quando olhou a etiqueta.

— Desnecessário gastar tanto dinheiro em uma coisa tão pequena.

Eu ri e a vendedora fez cara de decepção.

— Vamos levar dois desse — eu falei.

A vendedora se reanimou, e Maria Eduarda sorriu e me abraçou.

Ela também comprou algo com nome de ninho e muitas outras coisas. Quando, finalmente, se deu por satisfeita, nós saímos da loja e fomos para casa.



No dia seguinte, eu estava no escritório da minha casa trabalhando, quando o telefone tocou.

— Diga, Taylor.

— *Senhor, os entregadores e montadores dos móveis chegaram.*

— A loja te mandou os dados pessoais e fotos deles como eu pedi?

— *Sim, senhor.*

— Confira tudo e reviste todos eles, antes de permitir a entrada.

— *Okay.*

Desliguei o telefone, peguei minha arma e coloquei na cintura. Fui para o quarto vestir uma camisa, depois fui em busca da Maria Eduarda, e a encontrei na cozinha.

— Os móveis chegaram.

— Sério? Que maravilha! Estou tão empolgada — ela falou e foi para porta aguardar.

Fui atrás dela e, pouco tempo depois, o caminhão parou em nossa porta. Quatro homens desceram e começaram a descarregar os móveis. Eu estava ficando paranóico, pois olhava tudo desconfiado e não estava me sentindo à vontade com a presença de tantos estranhos.

Encaminhamos os homens para o quarto e, assim que eles descarregaram todos os móveis lá, abriram as caixas para montar. Eu queria que Maria Eduarda se afastasse e deixasse os homens trabalhar, mas é claro que ela não estava disposta a fazer isso.

— Moço, cuidado, isso é frágil. Coloca tudo com cuidado — ela instruiu os homens.

— Vamos deixar eles trabalharem — falei, aproximando-me dela e segurando sua mão. — Taylor vai ficar aqui com eles e, quando acabarem, eu venho com você colocar tudo do seu jeito.

Ela me olhou hesitante, mas acabou concordando.

Uma hora depois, quando eles terminaram de montar e foram embora sem nenhum incidente — para o meu alívio —, foi a minha vez de trabalhar. Maria Eduarda me fez trocar os móveis de lugar inúmeras vezes até que ela aprovasse. Perdi as contas de quantas vezes troquei aqueles berços de lugar, depois pendurei as cortinas

e, por último, coloquei os nichos nos lugares que ela queria. Os detalhes finais da arrumação ficaram por conta dela e, no final, eu fiquei feliz porque tudo ficou exatamente como ela queria.



Dois dias depois, Lorenzo nos avisou que o tal cunhado da tutora de Eduarda entrou em contato, e eles iam se encontrar naquela tarde. Fiquei em casa, ansioso por notícias.

No início da noite, fizemos uma videoconferência — Lorenzo de Nova Iorque e nós, na Itália —, para sabermos das novidades. Apenas Romeu não participou, porque Mia está muito resfriada e precisava da ajuda dele com Chase.

— *Boa noite, bonecas* — Lorenzo nos cumprimentou fazendo graça.

— Vá logo ao assunto. Conversou com o cara? — perguntei ansioso.

— *Sim, conversei. O nome do cara é Tony e ele não sabe tanto quanto a gente gostaria, mas ele ouvia conversas entre sua esposa e a Louise, a tutora da Duda. Numa dessas conversas, o Tony ouviu que o pai de Eduarda foi um amor que a mãe dela manteve em sigilo. Ninguém sabia da existência desse cara e ela mesmo só o viu duas vezes bem rápido. Não era um relacionamento convencional, eles eram mais como amantes. O cara vinha na casa dela, de tempos em tempos, mas a Lucy, mãe da Duda, estava muito apaixonada e acreditava que o cara também a amava* — Lorenzo nos contou. — *Nosso informante também me disse que o cara ficou muito puto quando Lucy contou que estava grávida e que, inclusive, pediu que ela abortasse, mas a mãe da Duda defendeu a gravidez com unhas e dentes.*

— Ele agiu exatamente como eu quando soube da gravidez — falei me lembrando de como eu me senti quando soube que a Eduarda estava grávida. E esse Tony sabe onde ele está agora?

— *Não, Tony falou que, quando a Maria Eduarda tinha três meses, foi a última vez que o pai apareceu. Nesse dia, ele disse a*

Lucy que precisaria se afastar por um tempo e que não sabia quando iria voltar, mas que um dia viria buscar ela e a criança para levá-las com ele para bem longe, onde finalmente ficariam juntos. O pai de Eduarda deixou um dinheiro para elas em uma poupança, porém deixou claro que era muito importante que ninguém soubesse quem ele era e que também explicaria tudo a ela quando voltasse, mas isso nunca aconteceu. Lucy dizia a Eduarda que ele estava morto, porque não queria que a filha criasse expectativas como ela fez, mas a verdade é que ninguém nunca mais soube o paradeiro dele.

Quando Lorenzo terminou de falar, todos nós ficamos pensativos.

— *Todo esse mistério só nos leva a pensar em uma estranha coincidência. Esse cara talvez fosse um mafioso como nós — meu pai concluiu.*

— *Ou era envolvido em alguma atividade ilícita, não necessariamente na máfia, e estava fugindo de alguma coisa quando se despediu da mulher e da filha — Pietro falou. — Lorenzo, isso é tudo o que esse cara sabe?*

— *Por enquanto sim, mas ele acredita que a mulher sabe mais e ficou muito feliz e solícito depois do dinheiro que dei para ele descobrir mais coisas e me avisar. Ele pediu um tempo para sondar a mulher, sem que ela desconfie, e entrará em contato. Acertei com ele que, se conseguir uma foto e o nome do pai da Eduarda, ele será muito bem recompensado. Ele ficou muito animado e disse que vai se empenhar.*

— *Ótimo, então vamos aguardar por notícias. Você vai esperar por aí ou vai voltar, meu filho? — tio Enzo perguntou.*

— *Eu vou ficar, pai, deixa eu curtir um pouco Nova Iorque. Vocês ficarão bem sem mim.*

— *Olha lá, hein, Lorenzo! Não vai voltar deixando um filho na barriga de uma mulher aí, como o Raphael fez — tio Enzo brincou.*

— *Fica tranquilo, pai, porque além de bonito, eu sou inteligente. Raphael até é bonitinho, mas é meio burrinho, coitado, por isso se fodeu.*

— Vai se foder, Lorenzo — respondi.

— *Pronto, começou o namoro* — Pietro falou. — *Meu filho está me esperando, vou desligar.*

Meu pai e tio Enzo riram e desligaram também. Lorenzo e eu permanecemos na chamada.

— Como está a noite de Nova Iorque? — perguntei aleatoriamente para tentar distrair um pouco minha mente dos assuntos mais sérios.

— *Já está com saudade da vida de solteiro?* — Lorenzo perguntou, se ajeitando em um sofá.

— Não mesmo. Quem tem todas, não tem nenhuma, um dia você vai entender. As prioridades mudam muito quando a gente se apaixona, cara.

— *Eu entendo, cara. Não tenho nada contra relacionamentos, só não encontrei ainda uma mulher que me fizesse querer ter um.*

— Vai aparecer, pode acreditar.

— *Espero que demore um pouco* — ele disse, e eu ri. — *Agora, mudando de assunto, você acha que o pai da Eduarda é um mafioso?*

— Mafioso, eu não sei, mas um criminoso, com certeza.

— Rapha, está fazendo o quê? Preciso da sua ajuda — Eduarda gritou de um cômodo qualquer e Lorenzo riu.

— *Vai lá, cara, sua mulher está te chamando.*

— É, eu vou. Amanhã nos falamos.

Desligamos a chamada de vídeo e eu fui ver o que Maria Eduarda queria. Encontrei-a na escada segurando uma pilha gigantesca de roupas.

— O que é isso? — falei, pegando as coisas das mãos dela.

— São as roupinhas das nossas filhas. Sua mãe mandou lavar e passar, e me entregaram agora. Vai levando essas que ainda tem mais — ela falou e saiu correndo.

Depois de alguns minutos, Eduarda voltou com outra pilha de roupas e nós subimos para o quarto das meninas. Quando

entramos, depositamos as roupas em cima da cômoda e Maria Eduarda arrumou tudo nos armários.

— Por que lavou se ainda nem foram usadas? — perguntei.

— Tem que lavar antes, porque elas vêm sujas da rua, e a pele dos bebês é muito sensível, pode ter alguma alergia.

— Mesmo assim, não está um pouco cedo pra isso?

— Eu já estou com quase sete meses, e sua mãe falou que gêmeos, às vezes, nascem antes.

— Meu Deus do céu, isso é sério?

— Sim, é sério.

— Precisamos perguntar isso para a médica então. Talvez seja melhor contratar uma enfermeira para passar as noites aqui, para o caso de uma emergência — sugeri, muito assustado.

— Se acalme, Raphael. É só uma precaução, porque a doutora vai levar a gravidez até quando for possível.

— Meu Deus, eu acho que nunca mais vou conseguir dormir uma noite tranquila na vida.

— Exageraaaaado — Duda falou e revirou os olhos.

Ela terminou de arrumar as primeiras pilhas de roupas e nós descemos para buscar mais — eram tantas que precisaria de umas dez crianças para usar. Quando ela concluiu a arrumação já era bem tarde, então nós comemos uma pizza e fomos para a cama.



Raphael

Mais uma semana se passou na mesma rotina: eu trabalhando de casa, e Maria Eduarda para lá e para cá terminando a arrumação do quarto das nossas filhas. Ela ficou totalmente envolvida e empolgada com isso, subindo e descendo as escadas tantas vezes no mesmo dia que me deixava nervoso e com medo de ela cair. Não satisfeita, a teimosa ainda subia correndo, pulando de dois em dois degraus. *Acho que vou ter um infarto antes dos 30 anos.*

Naquela noite, já estávamos deitados quando recebi uma mensagem no celular, era Lorenzo pedindo uma videoconferência. Pelo horário, eu soube que ele tinha descoberto algo importante.

— Vou até o escritório para falar com o Lorenzo, já volto.

— Tudo bem — Eduarda respondeu, sonolenta.

Vesti uma camisa de manga comprida, pois estava uma noite muito fria, e desci. Ao conectar o *notebook*, todos já estavam online.

— Você demorou demais para nos dar retorno, Lorenzo. E aí, o que descobriu? — eu perguntei ansioso.

— *Espero que você tenha informações importantes que justifiquem uma videochamada a essa hora, Lorenzo* — tio Enzo reclamou.

— *Está velho mesmo, hein, pai. Ainda está cedo* — Lorenzo respondeu.

— *Fala logo! Noah não dorme enquanto eu não voltar* — meu irmão apressou.

— *Bom, descobri um fato que pode não ser relevante, mas achei curioso. Maria Eduarda é fruto de uma gravidez gemelar, mas seu irmão nasceu morto. Assim como ela, esse menino não teve o nome do pai no registro, mas foi registrado pela mãe com o mesmo nome do pai para homenageá-lo. O nome do menino era Inácio Smith.*

— *Inácio?* — meu pai e tio Enzo perguntaram juntos.

— *Sim. Esse nome diz alguma coisa para vocês? É alguém conhecido?*

— *Não, mas tendo um nome fica mais fácil* — meu pai respondeu.

— *Concordo, agora sabemos por quem procurar* — tio Enzo completou.

— *Então, vamos começar procurando por esse Inácio na máfia. Lorenzo, obrigado, você está fazendo um ótimo trabalho, cara* — meu irmão elogiou.

— *Meu filho, você já pode voltar, sua mãe está reclamando da sua ausência. Agora que temos um nome fica mais fácil, seu trabalho aí acabou* — tio Enzo falou e Lorenzo assentiu.

Nós desligamos a chamada, e eu voltei para o quarto. Maria Eduarda já estava dormindo, toda linda. Suspirei e sentei no mesmo lugar de sempre, tentando colocar meus pensamentos em ordem.

Ela teve um irmão, um irmão que nem chegou a nascer vivo, mas é uma parte da história dela. Eu senti que deveria contar, mas tinha receio de como ela reagiria àquilo. *Por que a mãe de Eduarda nunca lhe contou isso? Será que foi para esconder o nome do pai?* Tudo estava cada vez mais estranho.

De repente, Maria Eduarda se mexeu e chamou por mim:

— Raphael...

Eu me aproximei e vi que ela continuava dormindo, então fiz um carinho no cabelo dela e sussurrei:

— Estou aqui, meu amor, pode dormir tranquila.

Ela suspirou e virou de lado. A barriga dela estava enorme, tão esticada que me dava nervoso. Dei um beijo nela, me deitei ao seu lado e tentei dormir também.

Bônus Matheo

Eu continuei no meu escritório com o celular na mão, sentado no mesmo lugar, depois de desligar a chamada de vídeo. Instantes depois, Enzo me ligou, como eu já previa.

— *Matheo...*

— Calma, Enzo. Não vamos falar nada até que a gente tenha total certeza.

— *Será que é ele? Talvez seja só uma coincidência, mas cara... Será que é o mesmo Inácio?* — Enzo perguntou afobado.

— É... Talvez seja, não podemos descartar nenhuma hipótese. Amanhã, eu vou dividir essa dúvida com Pietro, afinal, ele é o *Don*, tem o direito de saber. Com Raphael e Lorenzo, nós falaremos apenas quando tivermos certeza.

— *Tudo bem. Então, qualquer coisa, você me liga, irmão. Boa noite!*

— Boa noite, Enzo.

Desligamos e eu voltei para o meu quarto.

— Você demorou — Melissa falou, deixando de lado o livro que estava lendo.

— Não precisava ter me esperado, mas que bom que esperou.

Eu deitei na cama, e ela logo se aconchegou no meu peito.

— Por que você está tão tenso?

— Nada de importante, outra hora eu te conto, porque agora tenho outros planos.

— Que interessante! E você pode me contar quais são esses planos?

— Eu vou fazer melhor, vou te mostrar.

E eu a beijei intensamente.

Podiam se passar quantos anos fossem, Melissa nunca deixaria de ser tentadora e perfeita para mim e era nos braços dela

que eu esquecia de tudo. Isso nunca mudaria.

Capítulo 23

Raphael

Acordei antes de Maria Eduarda, tomei banho e desci para montar uma bandeja de café da manhã para comermos juntos.

— Bom dia, bela adormecida — falei, assim que voltei para o quarto.

— Bom dia, meu príncipe! Isso tudo é pra mim?

— É para nós, esfomeada.

— Vou ao banheiro e já volto. Não coma nada, me espere — ela falou rindo e levantou da cama. Minutos depois, voltou animada como sempre. — Raphael, acho que tomei uma decisão.

— Você acabou de acordar. Tomou uma decisão enquanto estava dormindo?

— Mais ou menos. Eu li muito sobre isso ontem e essa noite eu sonhei e foi lindo. Quero ter as meninas de parto natural.

— Parto o quê? — perguntei.

— Esses partos em casa, dentro da banheira, sem anestesia.

— Aqui em casa?

— É.

— Não sei se estou pronto para isso.

— Quem tem que estar pronta sou eu, Raphael, afinal sou eu que vou parir.

— Mas tê-las aqui, sem estrutura médica, acho muito perigoso.

— É claro que teria uma estrutura, é tudo muito planejado. Eu quero muito, mas não sei se vai ser possível porque parto de gêmeos é mais complicado. Vou conversar com a médica sobre isso.

— Falando nisso, quando é a próxima consulta?

— Essa semana, provavelmente a médica já vai me dar uma previsão para a data do parto.

— Eu estou muito ansioso.

— Eu também. Não vejo a hora de ver as carinhas delas, saber com quem vão parecer, ver a cor dos olhinhos... Eu vou conversar com a doutora sobre essa possibilidade do parto natural e já vou avisando que você terá que ficar na banheira comigo.

— Que Deus me ajude com as suas ideias — falei. — Amor, mudando de assunto, hoje eu vou ter que ir à empresa. Por favor, fique quietinha aqui, nada de ficar subindo escadas. Você já arrumou tudo no quarto delas, então não inventa nada pra fazer na minha ausência, tá bom?

— Eu fico muito entediada, Raphael. Minha vida era muito ativa e agora ela se resume a ficar dentro de casa. Preciso arrumar o que fazer ou vou enlouquecer.

— Sei disso, Maria Eduarda, mas você está com uma barriga grande demais para o seu tamanho. Você não se cansa? Eu me lembro da Amanda e da Mia reclamando do peso da barriga, e olha que elas carregavam um só, já você carrega duas e não sossega.

— Elas pesam sim, mas não é nada que eu não possa aguentar. Eu só evito fazer algumas coisas porque minhas pernas incham. Por falar nisso, sua mãe disse que é bom fazer massagens para diminuir a retenção de líquido nas pernas e ela marcou uma sessão para hoje com o massagista dela. Ele virá aqui mais tarde.

— O quê? Nem fodendo, Maria Eduarda! Nenhum homem, além de mim, vai tocar nas suas pernas. Que porra é essa?! Meu pai sabe que minha mãe tem um massagista?

— Se sabe, eu não sei, mas aceitei as massagens de bom grado. Minhas pernas estão inchando muito, Raphael, eu preciso de um alívio.

— Maria Eduarda, só quem te dá alívio sou eu. Filho da puta nenhum vai fazer massagem em você, está me ouvindo?! Se você precisa de massagens, eu faço.

— Deixa de ser infantil, garoto. O cara é profissional e sempre cuidou das mulheres da sua família. Melissa disse que ele cuidou da

Amanda e da Mia na gravidez delas.

— Eu duvido que Pietro e Romeu saibam disso. Eles nunca permitiriam, assim como eu não permito. Esse cara não vai fazer massagem nenhuma em você, não me atente!

— Ele vai sim. E eu vou aproveitar e pedir uma massagem nas costas, às vezes elas doem.

— Você está querendo me ver maluco, Maria Eduarda? Não me testa, porra! Se esse cara entrar aqui para tocar em você, eu vou matá-lo, estou te avisando.

— Não vai matar ninguém! — ela gritou. — Tudo que acontece, você quer matar as pessoas! O cara só vai fazer o trabalho dele, deixa de ser homem das cavernas.

— Homem das cavernas é o caralho. Não vai fazer e ponto. Eu mesmo faço massagem em você ou arrumo uma profissional que seja mulher.

— Você está morrendo de ciúmes! — ela falou e ainda teve a audácia de rir.

— Eu estou com ciúmes e muito. Quero ver você achar engraçado quando eu me descontrolar e matar ele na sua frente.

— Por Deus, Raphael, isso é assassinato! Chega desse assunto. Você não vai atender seu telefone?

Só quando ela falou, percebi que meu celular estava vibrando em cima da cama.

— Oi, pai. Foi bom você me ligar.

— *Você não virá para a empresa? Estou te esperando e você está atrasado.*

— Eu só vou colocar uma roupa e já vou, estava resolvendo um assunto com a Maria Eduarda. Pai, você sabia que minha mãe tem um massagista?

— *Claro que sei, sua mãe não faz nada escondido de mim. Qual é o problema?*

— E você permite isso?

— *Raphael, quando você chegar na empresa conversamos, temos assuntos mais importantes a tratar.*

Ele desligou sem nem se despedir. *Meu pai não está em seu juízo perfeito, tenho certeza.*

— Maria Eduarda, para que horas minha mãe marcou essa massagem?

— Às 15h.

— Eu vou resolver isso, mas agora tenho que ir.

Troquei de roupa rapidamente para ir à empresa saber que assunto era esse tão importante que meu pai queria falar comigo.



Meu pai, Pietro e tio Enzo estavam me esperando na empresa quando eu cheguei. Assim que entrei na sala de Pietro, onde todos estavam reunidos, percebi que o assunto era sério. Eu estava com o celular na mão, a ponto de pedir para minha mãe arrumar uma massagista do sexo feminino para a Maria Eduarda, mas isso ia ter que esperar.

— Por que vocês estão com essas caras?

— Nós temos uma desconfiança de quem pode ser o pai da Maria Eduarda e precisamos dividir com você, meu filho.

— Então falem logo!

Meu pai e tio Enzo me falaram da suspeita deles, e eu escutei tudo perplexo. Eu não podia acreditar que o destino fosse tão traiçoeiro.

— Se vocês estiverem certos, a situação é pior do que pensávamos — respondi, chocado.

— Ainda não temos certeza de nada, mas estamos trabalhando nisso. Se for realmente ele, o bastardo escondeu a filha muito bem, e não é de se estranhar, já que ela não seria uma filha legítima, fruto de um casamento. Eu queria te contar tudo depois que tivéssemos certeza, mas Pietro achou melhor te deixar ciente da situação. — meu pai falou.

Eu não respondi nada, pois não consegui formular uma resposta coerente para aquele momento. O choque de pensar em

quem poderia ser meu sogro estava me deixando inerte. *Como o mundo pode ser tão grande e tão pequeno ao mesmo tempo?*

Passamos o dia trabalhando em informações que nos levassem a alguma certeza sobre o pai da Eduarda, no entanto não obtivemos avanços significativos. Ainda nem tinha chegado o final do dia e minha cabeça já estava explodindo. Olhei o relógio e me dei conta de que já eram 15h15.

— Puta que o pariu! — falei, me levantando apressado. — Eu tenho que ir!

— O que foi, Raphael? — meu pai perguntou, alarmado.

— Eu me admiro você deixar outro homem fazer massagem na minha mãe e você, Pietro, deixar um filho da puta tocar a Amanda, mas na Maria Eduarda não. Vocês estão ficando malucos, porra? — perguntei indignado. — Deus me livre de eu deixar outro homem tocar na minha mulher.

Para minha surpresa, os três riram muito.

— Raphael, senta aí e se acalma, porra — meu pai falou, ainda rindo.

— Eu não vou sentar e nem me acalmar. Se você acha isso engraçado, eu não acho, e não vou permitir que nenhum filho da puta coloque as mãos na minha mulher.

— Deixa de ser ciumento. Puxou ao seu tio Enzo em tudo mesmo, até nos ciúmes — meu pai falou, zombando de mim.

— Puxou a mim, Matheo? E você não é ciumento, né? Não sei quem é pior, você ou Pietro. Eu até que sou tranquilo.

— Não tenho tempo para ficar aqui conversando com vocês, tenho que ir.

— Ele é *gay*, porra! Muito *gay*, na verdade. Você acha que eu ia deixar outro homem tocar na sua mãe assim? Pelo amor de Deus, Raphael, não me subestime.

— *Gay*?

— Claro. Agora senta aí e se acalma. A Maria Eduarda é quem deveria sentir ciúmes, afinal o cara é o *gay* mais *gay* que eu já vi na vida.

Naquele momento tudo fez sentido. *Ufa, eu já estava me decepcionando com meu pai. Que papelão eu fiz. E a safada da Maria Eduarda com certeza sabe de tudo e se divertiu às minhas custas.*

— De qualquer maneira, eu vou indo, tenho que passar em um lugar antes. Vou fazer uma surpresa para a Maria Eduarda, qualquer coisa vocês me ligam.

Despedi-me e saí da empresa, pois eu tinha uma missão.



Maria Eduarda

— Que horas o seu bofe vai chegar? — meu novo amigo perguntou, enquanto fazia uma massagem deliciosa nas minhas costas.

— Está muito interessada no meu noivo? Tira o olho, sua sirigaita.

Clô, como gostava de ser chamada, riu escandalosamente antes de me provocar.

— Garota, nessa família só tem deus grego, fico passada. É um melhor que o outro. Socorro, que calor! Essa família é o verdadeiro significado de tanto faz. O único que ainda não conheço é o seu, mas tenho certeza de que é um homão também, está na genética Esposito.

— Ele é o mais bonito de todos, mas tira o olho porque já tem dona. Ele está morrendo de ciúmes de você, acha que você é homem. Aposto o que você quiser que daqui a pouco ele chega por aqui.

— Ciúmes de mim? Eu sou mais mulher do que você, queridinha.

Nós estávamos rindo quando escutamos passos se aproximando.

— Boa tarde — Raphael nos cumprimentou, muito sério, com aquela voz grossa deliciosa dele.

Eu tive vontade de rir com a cara que Clô fez, mas me contive.

— Raphael, vem conhecer minha massagista. Essa é a Clô. Clô, esse é meu noivo, Raphael.

— Madonna mia! No útero da Melissa tem um pincel, não é possível. Aquela mulher só faz obra de arte, estou chocada com tanta beleza. Será que foi teu pai que usou o pincel mágico dele, ou tua mãe que tem o útero de ouro? Meu Deus!

— O quê? — Raphael perguntou, espantado, e eu só queria rir.

— Nada, esquece. É um prazer te conhecer, meu querido. Estou cuidando da sua bela noiva, mas, se você quiser, eu posso fazer umas massagens em você também, e nem vou cobrar extra. Aliás, você quem deveria me cobrar para isso.

Raphael olhava tudo embasbacado, e eu não aguentei mais segurar o riso.

— Maria Eduarda, eu vou tomar banho e te espero lá embaixo.

— Tá bom — respondi e ele saiu depressa. Clô ainda estava se abanando. — Para de babar no meu homem, sua safada. Vem cuidar de mim.

— Menina, estou me recuperando. Não sei quem é mais bonito, Pietro ou esse aí. Melissa é a própria deusa da beleza e da fertilidade, e o Mat com certeza é o deus grego da beleza, então as crias não podiam ser diferentes. Socorro!!! E o Lorenzo, meu Deus, que neném é aquele?! Entre ele e o pai não dá nem pra escolher — ela falou e nós rimos.

Meia hora mais tarde, terminamos a massagem e eu me senti aliviada. Vesti uma roupa, acompanhei Clô até a porta, e não vi Raphael em lugar algum, mas quando voltei, ele surgiu na minha frente.

— Ele já foi?

— Já sim. Você tinha que ver a sua cara, foi muito engraçado.

— Eu não achei graça nenhuma. E você me enganou, me deixou pensar que era um homem que faria massagem em você. Vai ter troco! — ele falou, fingindo cara de bravo. — Mas agora eu tenho uma surpresa para você.

— Surpresa? — perguntei, muito empolgada. — Eu amo surpresas!

— Eu sei. Fica aqui, eu vou buscar — Raphael falou.

Ele saiu da sala por alguns minutos e eu quase morri de amor quando ele voltou segurando o cachorrinho mais lindo que já vi na

vida.

— Oh, meu Deus! É pra mim? É minha?

— É seu, é um macho. Você disse que sempre sonhou com um cachorro, mas antes não tinha tempo porque não ficava em casa, então, agora que você tem tempo de sobra, eu trouxe uma companhia para você.

— Ele é lindo! Eu amei, me dá ele aqui.

Corri até eles e peguei meu cachorrinho nos braços. Ele era lindo e fofo, uma bola de pelos. Eu fiquei apaixonada.

— Muito obrigada, amor. Você é o melhor noivo do mundo! Eu te amo.

— É, eu sei que eu sou — ele falou, se gabando. — Como você vai chamá-lo?

— Deixe eu ver cara de quê ele tem. — Olhei bem para o meu doguinho e tomei minha decisão. — Ele vai se chamar Tobias.

— Tobias?

— Sim, é um nome fofo e combina com ele.

— Fofo até demais, mas se você quer assim, ele é seu, a escolha é sua.

— Obrigada, Rapha.

Coloquei Tobias no chão e fui até aquele homem que eu aprendi a amar. Enlacei meus braços em volta do seu pescoço e o beijei.

— Você está tão cheirosa, eu amo o seu cheiro — ele falou quando nos afastamos. — Sabe que vai pagar caro por ter me feito de idiota com essa história do massagista, né?!

— Estou contando com isso — respondi, ousada, mordendo os lábios.

Rafael me puxou para o sofá que estava mais perto e me beijou com vontade. Ele estava mais afoito do que nunca, quando tirou minha roupa, e não parou até que eu estivesse completamente nua. Tirei a roupa dele também, não com a mesma rapidez e habilidade, mas o mais rápido que pude.

Eu quis chupá-lo quando Raphael também ficou completamente nu, mas não tive a chance, porque ele atacou minha boca novamente e me deitou no sofá. Antes que eu pudesse formar um pensamento, ele já estava com a cabeça no meio das minhas pernas, me chupando de um jeito que me fez gritar. *Esse homem é mestre nisso. Ele tem uma língua dos céus.*

Raphael abocanhrou meu clitóris e o sugou levemente, levando-me cada vez mais perto do orgasmo. Ele estava com dois dedos enterrados em mim, quando levantou os olhos para me observar. A combinação dos seus olhos azul-esverdeados penetrantes com o toque excitante foi fatal para mim.

Ele parecia um anjo, obscenamente lindo e profundamente obscuro, e seu cabelo todo desgrehado — de tanto que eu tinha puxado sem poder me controlar de prazer — apenas completava o pacote. Meu estômago apertou, uma sensação inebriante tomou conta e minhas costas arquearam quando eu gozei forte na boca dele, mas eu nem tive tempo de recuperar o fôlego, pois ele logo me inclinou no sofá e me penetrou por trás. Raphael começou devagar, como sempre cuidadoso, com medo de machucar a mim ou às meninas.

— Rebola pra mim, Eduarda — ele pediu, sussurrando no meu ouvido, e eu o fiz. — Porra! — falou com a respiração ofegante.

Eu olhei para trás e vi quando, de olhos fechados, ele apertou a minha cintura e acelerou os movimentos, me penetrando de uma forma quase rude. Naquele momento, eu perdi toda e qualquer capacidade de pensar, só queria sentir. Ele me penetrou, segurando meu cabelo, beijando e mordendo meu pescoço. Eu gemi e também me deleitei com seus gemidos roucos de prazer.

Raphael beijou meu ombro e minhas costas, deslizou suas mãos grandes para o meus seios, cobrindo-os e apertando-os de leve.

— Eles estão enormes — ele disse e, em seguida, apertou meus mamilos entre os dedos e eu gemi.

— E muito mais sensíveis ao toque — falei, alucinada.

— Sensível é bom.

Ele mordeu meu pescoço, escorregou as mãos para baixo e alisou minha barriga; as meninas logo se mexeram nas mãos do pai.

— Elas estão bem agitadas agora — ele disse.

— Com certeza estão felizes iguais à mamãe.

Não consegui falar mais nada, pois a boca dele explorou todos os lugares da minha pele sensível e, quando sua mão tocou minha vagina, foi o meu fim.

— Raphael... — Eu gemi seu nome.

— Estou bem aqui — ele respondeu.

— Você está me matando...

Nem completei a frase, porque o orgasmo chegou e levou todas as minhas forças, eu mal conseguia respirar. Raphael intensificou os movimentos e eu senti quando ele gozou dentro de mim, caindo ao meu lado no sofá, suado e ofegante.

— Porra, estou acabado!

— Acabado?

— Sim. Eu me sinto sugado cada vez que gozo em você, parece que perco todas as minhas forças, nunca foi assim.

— Vou entender como um elogio.

— Sua bruxa! Você me enfeitiçou pra caralho, eu não via a hora de chegar em casa e foder você.

— Seu romantismo realmente me toca.

— Admita que você também ama meu lado sujo e pervertido.

— Eu amo tudo em você, Raphael.

— E eu amo você, Maria Eduarda. E amo nossas filhas. Eu as vejo crescendo dentro de você e sinto milhões de outras emoções que nunca imaginei sentir antes de te encontrar — ele declarou, olhando nos meus olhos.

Meu coração se aqueceu, eu me levantei e sentei no colo dele, com meus seios pesados bem perto do seu rosto. Ele levou a mão até eles, apertando e massageando-os, antes de tomar um em sua boca.

— Eu amo seus peitos — ele falou e, literalmente, mamou.

Não aguentando a sensação de sua boca em mim, contorci-me em seu colo, buscando algum alívio. Percebendo que eu fiquei totalmente excitada novamente, ele sorriu e puxou seu pau para fora da cueca, me encaixou nele e me sentou sem muita delicadeza. Raphael, definitivamente, não tinha consciência do seu tamanho. Ignorei a dor — eu ainda estava sensível —, me entreguei de bom grado a ele e, mais uma vez, foi delicioso.

Além de bonito, Raphael era forte e gostoso demais. Ele sabia o que e como fazer. Eu não tinha muito com quem comparar, mas tinha certeza de que ele era o dono do melhor beijo do mundo e também tinha a melhor pegada.

Capítulo 24

Raphael

Um mês depois

Saindo da empresa, no final do dia, ouvi o barulho de um carro cantando pneus. Foi tudo muito rápido. Meu pai estava a poucos metros de mim, quando vi o vidro do carro abaixar e o cano de uma arma ser apontado na minha direção. Na mesma hora, tirei minha arma da cintura e tentei me esquivar, mas como se tudo acontecesse em câmera lenta, vi meu pai gritar, se jogar na minha frente e ser atingido. Ele caiu, aos meus pés, e antes que eu pudesse reagir o carro fugiu.

— Paaaaai! — gritei, apavorado demais, ao ver meu pai ferido.

Em poucos segundos, Pietro e tio Enzo chegaram perto de nós.

— O que aconteceu? — Pietro perguntou tão nervoso quanto eu, já tirando o paletó do meu pai para olhar o ferimento.

— Foi um filho na puta em um SUV preto, o final da placa era 7896. O tiro foi direcionado a mim, mas meu pai entrou na frente.

Em segundos, estávamos cercados por soldados.

— Eu vou pegar o carro, precisamos levá-lo ao hospital — Tio Enzo gritou e saiu correndo.

— Vão atrás desse carro, porra! Estão esperando o quê? — meu irmão gritou para os soldados.

— Pai, por que você fez isso? Essa bala era pra mim, porra.

— Acalmem-se, eu vou ficar bem — meu pai falou com certa dificuldade.

Manter a calma era uma tarefa difícil, pois alguém tentou me matar e, ainda por cima, atingiu meu pai. Eu fiquei fodidamente furioso.

Tio Enzo chegou com o carro e, imediatamente, eu ajudei a colocar meu pai dentro do veículo; Pietro foi em seu próprio carro.

Quando chegamos ao hospital, toda a atenção foi voltada para o meu pai.

— Raphael, sua mãe está me ligando, ligue de volta para ela, mas diga que eu estou bem — meu pai falou, entregando-me o celular dele.

Só então lembrei que meu celular ficou no carro, quase sem bateria, e se Maria Eduarda ligasse, ela ficaria preocupada, mas achei melhor não falar nada para ela. Quando eu chegasse em casa, nós conversaríamos.

O médico avisou que levaria meu pai para o centro cirúrgico para remover o projétil, mas que aparentemente não era grave. Nesse momento, consegui respirar aliviado e acompanhei o tio Enzo até a sala de espera.

Liguei para minha mãe e tentei tranquilizá-la, mas foi em vão. Ela, como eu previ, ficou histérica e disse que estava indo para o hospital com os seguranças; Lorenzo e Romeu chegaram logo depois.

— Como está meu tio? — meu primo perguntou ao me ver.

— Retirando a bala, mas o médico disse que aparentemente não foi grave.

— Alguma ideia de quem fez isso?

— Apenas suspeitas. A única certeza que tenho é de que a bala era para mim. Eu vou descobrir quem foi o filho da puta que fez isso.

Meia hora depois, minha mãe chegou ao hospital desesperada. Ela encontrou Pietro na entrada da sala e se agarrou a ele chorando, depois veio na minha direção com os braços estendidos.

— Rapha, você está bem, meu filho? Sua camisa está toda suja de sangue. — ela falou e me abraçou, chorando novamente.

— Calma, mãe, eu estou bem. Esse sangue não é... meu, mas meu pai também está bem, não se preocupe.

— Impossível não me preocupar, eu só vou ficar tranquila quando vir o Matheo.

— Daqui a pouco você vai poder vê-lo, fique tranquila.

— Mãe, a Amanda ficou sabendo de alguma coisa? — Pietro perguntou.

— Não. Eu não falei para nenhuma delas, mas já está passando do horário que normalmente vocês chegam, é melhor avisá-las.

— Vamos esperar ele sair do centro cirúrgico — Pietro falou e minha mãe assentiu.



Uma hora depois, o médico entrou na sala de espera para avisar que a bala já tinha sido removida e meu pai estava fora de perigo. Eu respirei fundo, um pouco mais tranquilo, mas o ódio ainda borbulhava em mim.

— Eu posso vê-lo, doutor? — minha mãe pediu ao médico.

— Ele já vai ser encaminhado ao quarto, então todos vocês poderão vê-lo.

— Obrigada — Minha mãe respondeu.

— Raphael!

Escutei um grito desesperado e, quando olhei para trás, Maria Eduarda vinha correndo em minha direção com o rosto banhado em lágrimas. Taylor estava logo atrás dela.

— Raphael, você está todo sujo de sangue! Está tudo bem? — ela perguntou, alarmada.

— Calma, o sangue não é meu, eu estou bem.

— Senti tanto medo — ela disse e me abraçou. — Eu fiquei apavorada com a possibilidade de ter acontecido alguma coisa com você, quase morri de susto.

— Não aconteceu nada comigo. Meu pai foi atingido, mas o pior já passou, fica calma. Quem te contou? — perguntei, enquanto abraçava forte seu corpo trêmulo.

— Ninguém me contou, eu que ouvi um dos soldados falando com Taylor.

Olhei para Taylor de cara feia, e ele compreendeu que depois eu ia acertar as contas com ele por ter deixado ela ficar sabendo

assim.

— Para com isso, Raphael. Ele tentou negar, mas eu já tinha escutado tudo e exigi que ele me trouxesse aqui. Eu precisava te ver e ter certeza de que você estava bem. A princípio ele se negou, tentou te ligar e não conseguiu. Eu até fiz um escândalo, mas não funcionou, então eu fui dentro de casa, peguei uma arma sua e aponte pra ele.

— Chefe... — Taylor tentou falar, mas foi interrompido pelo olhar feio de Maria Eduarda.

— Eu disse que ia atirar se ele não me trouxesse e que se ele tentasse me tomar a arma ou alguém se aproximasse de mim, eu ia me machucar e você é quem ia matá-los. Ele não teve muita opção e também não teve culpa. Toma, guarda essa coisa — ela falou com naturalidade, entregando-me a arma que tirou da bolsa.

Eu teria uma conversa bem séria com Taylor. *Como pode um homem, com tanta experiência, ser ludibriado por uma menina como a Maria Eduarda?* Depois daquele episódio, ele se tornou inapto a fazer a segurança dela, pois eu não confiava mais nele. Contudo, naquele momento, eu precisava ter uma conversa séria com ela.

— Maria Eduarda, presta atenção — falei baixo, para que só ela escutasse. — Eu não quero você pegando nas minhas armas. Você não sabe manuseá-las, pode acabar se ferindo ou ferindo alguém e, apesar das suas ameaças, eu sei que não é isso que você quer. Eu deixo as armas em lugares estratégicos da casa, porque eu posso precisar em algum momento de emergência, mas não é pra você mexer. Nunca mais faça isso, ouviu? — falei sério.

Ela me olhou com cara de choro, e meu coração apertou, mas eu não cedi. Aquilo era muito sério, era para a sua própria segurança. Se ela se machucasse, eu ia enlouquecer.

— Você entendeu? — insisti, pois ela não tinha respondido.

Ao invés de responder, um gemido dolorido saiu de sua boca e, em seguida, suas mãos cravaram em meus braços, com força, e seu rosto ficou pálido.

— Oh, meu Deus! Eu acho que a minha bolsa estourou.

Em um primeiro instante, eu não entendi sobre o que ela estava falando, mas no segundo seguinte, senti meu sangue gelar ao ver o líquido ainda escorrendo em suas pernas.

— Oh, Deus! Não é muito cedo para elas nascerem?

Perguntei em pânico, enquanto olhava pela sala procurando alguma enfermeira. Ao perceberem minha aflição, minha mãe e Pietro se aproximaram.

— A bolsa da Maria Eduarda estourou! Chamem um médico.



Menos de uma hora depois, eu já estava segurando sua mão na sala de parto, tentando acalmá-la, mas a verdade é que eu mesmo estava totalmente em pânico. Não houve tempo para anestesia ou cesariana, pois as meninas queriam nascer e o médico disse que a melhor opção, àquela altura, era o parto normal.

— Vamos lá, Maria Eduarda, seja forte. Empurre mais, agora. Estamos quase lá — O médico que estava de plantão no hospital incentivou-a diversas vezes, concentrado na tarefa de trazer nossas filhas ao mundo.

Eduarda empurrou mais uma vez, quase sem forças, apertando minha mão e gemendo. Nunca me senti tão insignificante como naquele momento, porque eu não podia fazer nada para diminuir sua dor. Meu coração doeu e ficou apertado, ao testemunhar o esforço dela. Para o meu próprio espanto, meus olhos ficaram cheios de lágrimas ao ver seu sofrimento e, ao mesmo tempo, sua coragem. Mais uma vez eu constatei o quanto a Duda era forte.

Senti-me angustiado, com medo, ansioso... Confesso que tive medo de ela não conseguir. Duda estava pálida, com os cabelos grudados na testa e no rosto por causa do suor, e com lágrimas escorrendo dos olhos. *Ela é tão pequena, tão frágil.*

Olhei para Maria Eduarda e ela pareceu exaurida. Minha agonia só aumentava quando, de repente, apertando minha mão

mais forte do que nunca, ela soltou mais um grito de dor. Foi ensurdecedor!

— Vamos, Maria Eduarda, só mais um pouco. Já estou vendo a cabecinha! — o médico falou animado.

Eu senti meu coração pular freneticamente no peito e uma mistura de emoções tomou conta de mim. *Estou apavorado e morrendo de empolgação ao mesmo tempo, minhas filhas vão nascer, porra!*

Maria Eduarda apertou, mais uma vez, a minha mão e, em seguida, soltou mais um grito de agonia. Olhei para ela e fiquei apavorado ao perceber que ela estava perdendo as forças... mas, então, um grito forte e estridente encheu a sala, roubando completamente minha atenção. Virei naquela direção e senti meu mundo girar... Uma das meninas estava nas mãos do médico, cheia de sangue. *É minha primeira filha, meu pequeno bebê.*

Quando, enfim, voltei minha atenção para Maria Eduarda, eu ria e chorava, e ela olhava para nossa filha também. Nós estávamos encantados pela magia da vida.

— Venha cortar o cordão, papai — o médico me chamou.

Eu me aproximei cambaleando, meio desorientado, e, tomado por uma emoção inexplicável, cortei o cordão onde ele indicou. O médico enrolou minha filha em um pano azul e me entregou o pacotinho.

Eu fiquei tão fascinado olhando para aquele rostinho que, por um momento, esqueci que tinha outra a caminho. Apenas me dei conta quando escutei novos incentivos do médico para Maria Eduarda. Eu não sabia o que fazer, pois queria continuar segurando minha filha, mas também queria ficar ao lado da Duda. Antes que eu pensasse no que fazer, uma enfermeira pegou a bebê de mim e eu voltei para segurar novamente a mão de Maria Eduarda.

Ela deu mais um grande empurrão e minha segunda filha nasceu, chorando alto como a irmã. Cortei mais uma vez o cordão umbilical e, quando o médico me entregou minha segunda filha, eu a levei para perto da mãe.

Eduarda pegou nosso bebê, rindo e chorando, e a enfermeira me entregou novamente minha outra filha. Coloquei-a também nos braços da mãe, e as duas ficaram quietinhas, como se reconhecessem aquele colo.

Olhando a cena diante de mim, percebi a dádiva que recebi e me declarei o súdito delas. *Minha vida nunca mais será a mesma, porque agora eu sou pai.*



Eu ainda estava observando minhas filhas no colo da Maria Eduarda, quando a enfermeira se aproximou.

— Nós precisamos levá-las para serem limpas e fazerem alguns exames, depois elas ficarão pelo menos algumas horas na incubadora, o tempo exato só o médico pode dizer.

— Elas estão bem? — perguntei preocupado.

— Sim, esse é o procedimento normal já que elas nasceram prematuras.

— Ah, tudo bem.

Quando foram tiradas do colo da mãe, elas automaticamente começaram a chorar, e eu me segurei para não interceder. Com o coração apertado, vi a enfermeira levar minhas filhas. Olhei para Maria Eduarda e, apesar de exausta, ela estava com uma carinha bem melhor.

— Você está bem? Passou toda a dor?

— Estou bem e me sentindo incrível. Não acredito que elas já nasceram — ela falou, sorrindo para mim, e eu me derreti todo por ela.

— Eu estou muito orgulhoso de você, obrigado por isso. Eu não sabia que seria possível te amar mais. Obrigado, estou muito feliz — falei e dei um beijo na testa dela.

Eles terminaram de cuidar de Eduarda e disseram que a levariam para o quarto em seguida, então eu saí da sala de parto para me trocar e avisar a todos que eu me tornei pai.



Informei-me na recepção e soube que todos estavam no quarto do meu pai esperando por notícias. Dirigi-me até lá e quando abri a porta do quarto, todos me olharam na expectativa.

— Rapha, minhas netas nasceram? Elas estão bem? — minha mãe foi a primeira a falar.

— Nasceram, mãe, e são tão perfeitas que eu não sou capaz de descrever! — respondi com um sorriso enorme no rosto.

Todos no quarto se alegraram, me abraçaram e parabenizaram. Olhei para a cama e vi meu pai, pálido, ainda um pouco grogue, mas sorridente. Aproximei-me dele, sentindo uma emoção enorme. *Dizem que a gente só aprende a ser filho quando se torna pai, talvez isso fosse verdade, pois agora eu sou totalmente capaz de entender a atitude do meu pai de se jogar na frente da bala para me proteger.* Minhas filhas tinham nascido há poucos minutos e eu já as amava tanto que seria capaz de qualquer coisa pelo bem-estar delas.

— Como você está, pai?

— Estou bem, meu filho. Não se preocupe comigo, aproveite seu momento — ele respondeu. — Como você se sente?

— Estou morrendo de amor, não sei explicar — falei sorrindo, e ele sorriu também. — Obrigado, pai, você salvou minha vida. Se você não tivesse levado esse tiro por mim, eu não teria visto minhas filhas nascerem. Te amo, cara.

— Eu também te amo, Raphael, e estou muito orgulhoso de você.

— Obrigado, pai — falei novamente com vontade de chorar. *A paternidade me tornou um cuzão.* — Vou ver se já levaram a Maria Eduarda para o quarto.

Saí dali, rápido, e quando cheguei ao quarto, eles tinham acabado de acomodar Maria Eduarda e ela parecia bem.



Maria Eduarda

Sempre ouvi que o momento mais sublime da vida de uma mulher era dar à luz. Naquele instante, eu já podia dizer que realmente era. Não negaria que foi a pior dor que já senti na vida, pois em alguns momentos achei que não ia aguentar, mas a mão forte de Raphael, segurando a minha e me mostrando o tempo todo que estava ao meu lado, deu-me forças para continuar.

Saber que Raphael era um dos chefes e herdeiro de uma organização criminosa não me assustava mais. O que me assustava era o que eu sentia por ele. Quando soube que ele e o pai tinham sofrido um atentado, eu quase enlouqueci e, mesmo Taylor dizendo que ele estava bem, não consegui ter paz até vê-lo com meus próprios olhos.

Eu nunca fui dependente de ninguém, afinal praticamente era sozinha no mundo, de repente me vi totalmente dependente do Raphael e se algo acontecesse a ele, eu não saberia o que seria de mim. Foi tomada por esse desespero, pela necessidade de ver com meus próprios olhos que o homem que eu amava estava bem, que eu apontei uma arma para o Taylor. Eu não pensei direito, eu só fiz! E quando Raphael chamou minha atenção mais cedo, ele estava certo, pois o que eu fiz foi muito irresponsável e prejudicaria Taylor. *Conhecendo Raphael como eu conheço, tenho certeza de que ele está culpando o homem pela minha rebeldia.*

De repente, a porta do quarto se escancarou e o motivo de toda minha insanidade apareceu na minha frente.



Raphael

— Você está confortável? — perguntei.

— Estou ótima, doida pra que eles tragam logo nossas filhas para mim.

— Eu também.

— Meu Deus, Rapha, como vai ser? Como vamos cuidar de dois bebês?

— Minha mãe, com certeza, vai nos ajudar e também contratar alguém para cuidar da casa e da nossa alimentação.

— Eu vou aceitar de bom grado, porque quero me dedicar totalmente às meninas.

— E eu vou te ajudar. Não tenho nenhum jeito com bebês, mas prometo que vou aprender. Você merece descanso, pois carregou-as por muito tempo na barriga, então agora é a minha hora de entrar em ação.

— Na verdade, nós vamos aprender juntos, porque eu também não tenho experiência.

Fomos interrompidos por uma batida suave na porta. Como eu sabia que Taylor estava vigiando a entrada do quarto, mandei entrar.

— Olá, senhor e senhora Esposito — o médico que fez o parto de Eduarda nos cumprimentou. — Vim saber se minha paciente está bem acomodada ou se sente algum incômodo.

— Estou muito bem, doutor, não sinto nada. Quando poderei ficar com minhas filhas.

— As bebês estão bem e, apesar de prematuras, todos os exames estão bons. O Apgar delas está em 10, o que é considerado ótimo, e elas têm por volta de 40 cm e 1.760 kg. Ficarão na incubadora até ganharem o peso necessário para terem alta, mas estão respirando sem a ajuda de aparelhos. Você terá alta amanhã.

— Eu não quero ir embora sem elas — Maria Eduarda falou, quase chorando.

Fui para o seu lado e segurei a sua mão.

— Elas correm algum risco? — perguntei ao médico.

— Não, como eu disse elas estão bem, só precisam chegar a 2 kg para terem alta.

— Raphael, eu não vou pra casa sem elas, vou ficar aqui — Maria Eduarda me falou, tremendo.

— Calma, princesa. Você ficará mais confortável em casa, eu posso ficar aqui no hospital com elas, se você quiser. Você precisa se recuperar.

— Eu não me importo, eu quero ficar.

— Depois resolvemos isso.

Assim que o médico saiu do quarto, depois de esclarecer todas as nossas dúvidas, alguém bateu à porta. Minha família entrou. Amanda e Mia também já tinham chegado, assim como a tia Lili e Nina, elas queriam ver Maria Eduarda.

Minha mãe nos avisou que meu pai estava bem, mas que o médico pediu que ele passasse a noite no hospital por precaução, porém aquele teimoso não quis e decidiu que ia para casa naquele mesmo dia.



Depois que minha família foi embora, eu entrei na UTI neonatal para ver minhas filhas. Elas estavam separadas apenas pelo espaço entre as incubadoras e dormiam sem entender o que acontecia. Olhei-as, tão pequenas e frágeis, elas caberiam em uma caixa dos meus sapatos. Mais uma vez, senti vontade de chorar.

Aproximei-me da incubadora e segurei a mãozinha de uma delas e, automaticamente, ela apertou meu dedo. Fiquei por aproximadamente 30 minutos olhando-as, sem conseguir sair dali. Tão pequenas e desamparadas... Olhando para elas, aproveitei que a Maria Eduarda não estava por perto e me permiti chorar e chorei como um bebê.



Vinte e um dias foi o tempo que Sophia e Raphaela ficaram no hospital e, enquanto isso, nossa rotina foi muito dolorosa e desgastante. Maria Eduarda não queria ir para casa de jeito nenhum e eu também não. Ela não parava de chorar, então tivemos que enfrentar isso juntos.

Alívio e medo, felicidade e tristeza, frustração e esperança, fé e desespero. Tudo acontecia ao mesmo tempo para quem era mãe e pai de um bebê na UTI neonatal. Maria Eduarda chorava, rezava e fazia promessas todos os dias, e até eu, que não era um cara religioso, pedia a Deus para que aquela agonia passasse logo.

A paternidade me transformou em outra pessoa, passei a dar valor a coisas simples como ter minhas filhas nos meus braços, na hora e pelo tempo que quisesse.

Nós víamos nossas filhas através de um acrílico, só as tocávamos com as mãos bem higienizadas e ficávamos sem saber se olhávamos para elas ou para o monitor para ter certeza de que estava tudo bem. Meu pior pesadelo era receber uma ligação de madrugada...

Sempre que eu as visitava, me assustava com os apitos dos monitores. Comemorávamos em um dia, porque ganhavam 15 gramas, e desmoronávamos no dia seguinte, porque perdiam 10. Batia novamente o desespero.

A dor de não ter o bebê o tempo todo perto, a agonia de somar os gramas e diminuir os dias, o desespero de contar os mililitros de leite que minhas filhas precisavam e que não saíam com facilidade dos seios da Maria Eduarda; a angústia de ver minha mulher sofrer, chorar e sentir dor, os seios inchados precisando de um alívio, o leite que deveria alimentar diretamente nossas bebês sendo tirado por uma bomba e armazenado, a casa agora parecia vazia demais só para nós dois...

Aqueles foram os 21 dias mais difíceis da minha vida. Maria Eduarda chorava muito antes de dormir e eu, sem ter o que fazer, segurava-me para não chorar junto. Não tivemos, durante esse tempo, uma noite de sono tranquila. *Hoje essa agonia terá fim, elas terão alta e irão para casa, é o dia mais feliz de nossas vidas.*

Capítulo 25

Raphael

A primeira noite das meninas em casa foi tensa. Se antes, eu e Maria Eduarda não conseguíamos dormir direito porque elas estavam no hospital, nessa noite nós não dormimos nada com elas em casa. Elas acordavam chorando toda hora e tinham pulmões muito resistentes. Nunca imaginei que coisinhas tão pequenas pudessem fazer tanto barulho.

Sophia, a mais nova, era a mais mal humorada. Ela sempre acordava primeiro e gritando, e a agitação dela acabava acordando a irmã. Raphaela era mais tranquila, bastava eu pegá-la no colo para ela parar de chorar. Elas mamavam muito e a toda hora e, assim como o pai, estavam completamente apaixonadas pelos peitos da Maria Eduarda.

Quando amanheceu o dia, elas tinham acabado de mamar, então ajudei a Eduarda e nós deitamos, mas eu não consegui mais dormir, porque sabia que elas acordariam novamente dali a pouco. Ao contrário de mim, Maria Eduarda estava exausta e dormiu no mesmo instante em que caiu na cama.

Eu resolvi levantar e tomar um café para ver se amenizava a dor de cabeça que eu estava sentindo. Estava distraído na cozinha, quando Gorete, a ajudante da minha mãe, chegou.

— Bom dia, meu filho. Já está acordado tão cedo? — ela perguntou.

— Bom dia, Gorete. Na verdade, eu nem dormi. Foi minha mãe que pediu para que você viesse?

— Foi sim. Como ela ainda não arrumou ninguém para cá, pediu que eu viesse fazer um café da manhã reforçado para vocês. Depois que o seu pai sair para o trabalho, ela virá aqui também.

— Tá bom. Obrigado por ter vindo.

— Foi uma noite difícil?

— Elas não gostam de dormir à noite.

— É assim mesmo, no início, elas trocam o dia pela noite.

— Eu vou tomar banho para ver se melhora um pouco minha dor de cabeça.

— Vai sim, meu filho. Quando você descer, a mesa já estará pronta.

— Obrigado.

Subi para o quarto, tomei banho e, assim que saí do banheiro, vi que Sophia tinha acordado e seria questão de segundos para ela abrir o berreiro.

Fui até minha filha e olhei-a no berço. Quietinha, ela ficou me olhando. Eu tinha até medo de me mexer e acionar a sirene, então fiquei parado só olhando, até que vi o biquinho começando a se formar. Antes que ela chorasse, peguei-a do berço e saí do quarto. Sophia não estava com fome — tinha mamado recentemente —, mas se ela chorasse, acordaria a irmã e a mãe, então resolvi dar um passeio com ela. A safadinha ficou quietinha no meu colo.

— Você só queria o colinho do papai, não é?! Agora que está aqui, vai ficar quietinha como uma mocinha comportada, porque se você chorar, o papai vai ficar desesperado, não vai saber o que fazer e vai acabar acordando a mamãe. Ela está exausta e precisa descansar, então fique quietinha, combinado?

— Tenho quase certeza de que ela não vai te responder.

Olhei para frente e vi minha mãe rindo de mim, e ri também.

— Ela pode até não responder, mas tenho certeza de que entendeu tudo — falei brincando e minha mãe riu.

— Bom dia, meu filho — ela falou dando um beijo no meu rosto. — Como foi a primeira noite das princesas em casa?

— Difícil, mas era pior sem elas aqui, então, não vou reclamar.

— Com certeza, filho. Agora, deixa a vovó pegar ela para você ir colocar uma roupa.

— Pois é, não tive nem tempo. Saí do quarto de toalha mesmo, antes que ela acordasse a irmã e a mãe.

Deixei Sophia com a avó, subi para vestir uma roupa e, antes de descer, fui olhar a Raphaela. Ela também já tinha acordado, mas ficou quietinha no berço.

— Você acordou, meu docinho? — falei baixinho para não acordar a Maria Eduarda.

Olhei para a cama e Duda dormia serenamente, então peguei Raphaela e desci com ela para evitar que ela acabasse chorando.

— Mãe, essa princesinha aqui também já acordou. Ainda tem um tempo até a hora delas mamarem, vou deixar a Eduarda dormir mais um pouco.

— Fez bem, meu filho, amamentar é muito cansativo. Maria Eduarda precisa descansar e se alimentar bem. Pega o carrinho que eu vou levá-las para pegar um pouquinho de sol da manhã, faz bem para elas. Enquanto isso, tome seu café em paz.

— Tá bom. Obrigada, mãe — falei dando um beijo nela.

Eu acomodei as meninas no carrinho, e minha mãe as levou para o jardim. No mesmo instante, mandei Carlos e Taylor ficarem por perto e fui tomar meu café da manhã.

Meia hora depois, eu estava na sala, trabalhando no meu *notebook*, quando elas voltaram.

— Pronto, essas mocinhas já pegaram o solzinho da manhã. Tem que ser só um pouquinho a cada dia — minha mãe falou e sentou no outro sofá.

— Obrigado, mãe — agradei e voltei a olhar para o meu *notebook*.

— O que você tem, meu filho?

— Nada. Eu estou bem, mãe — respondi, olhando para ela.

— Não está, eu te conheço.

— Eu estou bem, mãe, só estou agoniado. Preciso voltar ao trabalho, não posso ficar em casa mais tempo.

— Por que? A Maria Eduarda precisa de você.

— Eu sei, por isso estou aqui, mas... eu sinto que não estamos seguros, mãe, preciso tomar alguma atitude. A senhora é a

última pessoa com quem eu deveria ter essa conversa, mas sempre percebe quando não estou bem.

— Raphael, deixa seu pai e seu irmão resolverem isso, você está com duas filhas pequenas agora...

— Mãe, essa responsabilidade é minha, é a minha família, é justamente pelas minhas duas filhas pequenas que eu preciso agir — falei, interrompendo-a. —. E outra coisa, Pietro também tem o Noah e Deus me livre de acontecer alguma coisa novamente com meu pai por minha culpa.

— Deus me livre de acontecer com qualquer um de vocês, mas Pietro é o *Don*, não tem jeito, e seu pai nunca vai largar a máfia totalmente. Rapha, agora você tem uma função fundamental dentro dessa casa, elas estão muito pequenas ainda. Eu sei como é difícil lidar com gêmeos, por isso digo que a Maria Eduarda precisa de você.

— Eu sei, mãe, e não estou fugindo das minhas responsabilidades como pai e marido. Embora eu ainda não tenha casado com a Eduarda, ela é minha mulher e eu vou fazer tudo o que ela precisar. No entanto, eu também não posso fugir dos filhos da puta dos meus inimigos. Eu preciso colocar minhas mãos neles e acabar com essa ameaça à minha família.

Minha mãe suspirou, resignada, e mudou de assunto, pois sabia que não iria me convencer a adiar minha volta ao trabalho.

— Eu vou lá na cozinha instruir a Gorete sobre o almoço, a Maria Eduarda precisa comer bem para aguentar esse período de amamentação. Dê uma olhadinha nelas enquanto isso.

— Claro. Obrigado, mãe.



Maria Eduarda

Acordei assustada com o silêncio, sentei na cama e olhei para os moisés, ambos estavam vazios. Raphael também não estava na cama. *Será que ele está com elas?*

Fui rapidamente ao banheiro para escovar os dentes, nem penteei o cabelo e, descabelada mesmo, fui verificar. Desci e, quando estava chegando na sala, ouvi a voz de Raphael. Ele estava sentado no sofá, com o *notebook* ao lado e o carrinho delas à sua frente. Meu coração se derreteu de tanto amor, ao notar que ele estava conversando com elas, então fiquei quietinha ouvindo.

— O que você quer, meu amorzinho? Os peitos da mamãe, não é?! Eu sei, também gosto muito deles, mas a mamãe está muito cansada, vamos deixá-la dormir mais um pouquinho, *tá?* Por enquanto serve o papai?

Uma delas — de onde eu estava não deu para saber qual — resmungou e ele voltou a conversar.

— Filha, olha sua irmãzinha como está quietinha esperando a mamada, siga o exemplo dela. Ela puxou ao papai, está sempre de bem com a vida, tranquila... já você, sempre nervosa e impaciente, não é, senhorita Sophia? Puxou à mãe.

O incrível foi que ela parou de resmungar e ficou ouvindo o pai atentamente. Resolvi entrar na sala.

— O papai está maltratando vocês, fazendo passarem fome? Mamãe chegou!

Raphael riu. Fui até ele e dei um beijo de bom dia, cheio de amor e gratidão pelo homem que ele era.

— Bom dia, papai.

— Bom dia, princesa.

— Essas mocinhas se comportaram enquanto eu dormia?

— Muito. Elas amam ficar com o papai e a vovó está aqui, lá na cozinha — Raphael respondeu. — Minha mãe as levou para tomar sol.

— Ah, que bom, eu li que isso era bom. Me dá a Sophia aqui, que meus seios já estão vazando — pedi.

Raphael pegou, cuidadosamente, nossa filha e me entregou. Eu coloquei o seio para fora e Sophia sugou-o com vontade — ela era a mais agitada e também a mais gulosa. Pouco tempo depois, Raphaela também começou a resmungar. Raphael pegou-a no colo para acalmá-la e nessa hora minha sogra entrou na sala.

— Maria Eduarda, minha querida, como você se sente?

— Estou bem, sogra, só cansada e, nesse momento, morrendo de fome e sede.

— Mãe, segura ela aqui pra eu pegar água pra Duda.

Raphael entregou a nossa filha para a mãe e foi para a cozinha. *Ele não podia ser mais perfeito, me trata como uma rainha e nossas filhas como princesas.*

Um dia, eu cheguei a pensar que o destino estivesse brincando comigo quando colocou Raphael na minha vida, lamentei quando percebi que estava me apaixonando e lutei o máximo que pude contra esse sentimento. Nesse momento, eu lamentava o tempo que perdi longe dos seus braços.



A noite chegou e eu já estava me sentindo exausta. Amamenteei as meninas, e Raphaela dormiu, enquanto Sophia continuou acordada e se negando a ficar no berço. Então, Raphael ficou com ela para que eu pudesse tomar banho, mas quando saí do banheiro, eles não estavam no quarto. Desci para procurá-los e os encontrei no escritório. Quando cheguei perto, aparentemente Raphael estava ao telefone e eu ouvi a conversa.

— Semana que vem eu volto a trabalhar, preciso resolver essa situação de uma vez por todas. Independente de quem é a porra do pai dela, eu tenho que descobrir aonde David está, antes que ele dê algum passo na direção da minha família.

Houve um silêncio e, em seguida, ele voltou a falar baixo, mas com a voz mortal:

— Quando eu colocar as mãos nele, vou fazê-lo se arrepender do dia em que nasceu. Ele queria me atingir e, se nosso pai não tivesse entrado na frente daquela bala, eu nem teria visto minhas filhas nascerem. Como você quer que eu esfrie a cabeça?

— O quê?! — Acabei me denunciando.

Não pude me conter ao ouvir que o tiro era para o Raphael. Ele me olhou espantado, sentado em sua cadeira. Sophia dormia tranquilamente em seu peito, enquanto ele a segurava com uma mão e o telefone com a outra.

— Pietro, eu preciso desligar, depois terminamos essa conversa.

Raphael encerrou a chamada e me deu atenção.

— Maria Eduarda, se acalme.

— Raphael, eu ouvi tudo! O tiro não era para o seu pai, era para você. Como você quer que eu me acalme?

— Fala baixo, vai assustar nossa filha.

— Me conte o que está acontecendo e que história é essa de descobrir quem é meu pai. Por que o interesse?

— Se acalme! Senta aí que eu vou te explicar. Você está com a babá eletrônica?

— Estou, pode falar, se ela acordar nós vamos ouvir.



Raphael

Eu não tinha outra saída a não ser contar pelo menos parte da história para a Maria Eduarda. Eu não queria preocupá-la, mas também não queria mentir.

— Nós achamos estranho o fato de não ter o nome do seu pai no seu registro de nascimento. Se o seu pai chegou a te conhecer, por que não te registrou?

— Eu não sei, nunca pensei nisso.

— Mas eu sim. Quando invadiram sua casa e só levaram as fotos que aparecia o seu pai e sua certidão de nascimento, eu suspeitei que o seu pai não queria que ninguém soubesse que ele tinha uma filha. Começamos a investigar, e ainda não temos certeza de quem ele é, mas já sabemos que o nome dele era Inácio.

— Sim, isso mesmo. Agora que você falou, eu lembrei que minha mãe, apesar de não falar muito nele, mencionou esse nome uma única vez, mas senti que ela não queria ter dito. Achei que era porque era difícil para ela lembrar.

— Alguma vez sua mãe mencionou que você teve um irmão?

— O quê?! Como assim? — Ela arregalou os olhos assustada.

Sophia se mexeu no meu peito. Eu dei um beijo na cabecinha dela e esfreguei suas costas, então ela continuou dormindo e eu voltei minha atenção para Eduarda.

— Nas nossas investigações, descobrimos que sua mãe teve uma gravidez gemelar. Você era gêmea de um menino, mas infelizmente ele morreu no parto.

Maria Eduarda tampou a boca com a mão e começou a chorar. Eu queria abraçá-lá, mas seria difícil com a Sophia no meu colo.

— Não chore, por favor. Eu vou colocar Sophia no berço e nós continuaremos essa conversa, tá bem?

Ela só balançou a cabeça, assentindo.

— Espere aqui, já volto.

Subi para o quarto e acomodei Sophia no bercinho, com cuidado para não acordá-la, conferi se a babá eletrônica estava realmente ligada e desci novamente. Eduarda estava no mesmo lugar que eu a deixei. Aproximei-me, sentei de frente para ela e fiz um carinho em seu rosto.

— Você está bem? — perguntei.

— Estou assimilando, termina de me contar.

Suspirei e continuei. Contei a ela uma parte do que sabia e ela ficou muito magoada, porque a mãe nunca lhe disse sobre a existência de um irmão. Duda se sentiu traída e lamentou por ele ter morrido assim que nasceu.

— E por que tentaram atirar em você naquele dia?

— Eu não sei exatamente o porquê, mas, como eu já te contei, David está sumido e... — titubeei sobre a necessidade de contar isso a ela, mas achei melhor falar logo. — Ele tem essa obsessão pelas mulheres da nossa família e você, ainda por cima, estava grávida, como a irmã dele estava quando morreu. O tiro não era para me matar, era mais como um aviso para me assustar. Se quisessem me matar, não tinham dado um único tiro e fugido, eles teriam ficado para terminar o serviço. Ainda que acontecesse um tiroteio, eles não teriam desistido tão fácil.

Maria Eduarda de repente ficou em pé e disparou a falar:

— Por que eles querem assustar você? Por que não nos deixam em paz? Como eu vou ficar se alguma coisa te acontecer? E as meninas, elas são tão pequenas ainda...

Ela estava desesperada, falando sem parar. Um caroço gigante se formou na minha garganta, sufocando-me. Levantei-me, segurei seu rosto delicadamente e olhei em seus olhos.

— Lamento muito te dizer que a realidade é que sempre estaremos em perigo de alguma forma, mas, por favor, não me peça para desistir de você porque eu não posso. Eu queria ser altruísta o suficiente para levar você e as meninas para longe de mim e colocá-las em segurança, mas eu não sou assim... Eu não posso ficar longe de vocês, embora eu saiba que deveria.

— Eu, eu... — ela tentou falar algo, mas não conseguiu.

— Você está em choque. Acalme-se, por favor.

Uma lágrima deslizou pela sua bochecha, parando sobre meu polegar. Eu a sequei, depois beijei de leve seus dois olhos e seu nariz. Ela colocou as duas mãos no meu peito e fechou os olhos.

— Não podem tirar você de mim! Você vai resolver isso. Você sempre resolve, não é?!

Eu não respondi de imediato. Continuei traçando cada contorno do seu rosto perfeito, depois suspirei e encostei minha testa na dela.

— Eu deveria ter escondido você em Nova Iorque, longe disso tudo. Deveria ter dado um jeito de manter você longe de toda essa merda.

— Desde quando viver longe de você seria bom pra mim?

— Eu simplesmente não pude me afastar de você. Eu me apaixonei tão facilmente — sussurrei no ouvido dela e fechei os olhos, lembrando quão rapidamente ela se tornou viciante para mim. — Nunca pensei que ia cair de joelhos por uma mulher como caí por você. Foi tão rápido que nem percebi. Eu te fiz um filho, ou melhor duas, mudei totalmente sua vida, destruí seus sonhos e trouxe você para esse mundo sombrio. Você tinha razão quando quis me deixar e...

Antes que eu terminasse, ela me interrompeu.

— Eu te amo, Raphael. Essa realmente não é a vida que eu sonhei, mas você me deu novos motivos para sonhar. Como você se atreve a pensar em desistir agora? Nós não vamos a lugar nenhum, porque nosso lugar é aqui, com você. Ninguém vai nos separar, nunca. Eu te amo.

Ouvir isso foi bom pra caralho. Eu estava morrendo de medo de que, quando soubesse dos fatos, ela me rejeitasse, surtasse e novamente quisesse me afastar, mas ouvi-la dizer que não iria a lugar algum porque me amava, foi o suficiente para recarregar minha bateria.

— Ninguém vai machucar vocês, eu prometo. Você confia em mim?

— Eu confio, mas preciso que você me prometa que também não vai se machucar.

— Eu prometo que sempre vou voltar inteiro pra vocês.

— Tudo bem, eu posso me contentar com isso.

Nós rimos e eu a beijei. Contar a verdade a ela tirou um peso enorme das minhas costas e saber que ela me apoiava e, independente das circunstâncias, me amava e não vai me deixaria fez com que eu me sentisse invencível e, mais do que nunca, pronto para a guerra.



Nós subimos e olhamos para as meninas dormindo tranquilamente. Elas eram um sonho. Beijei a cabecinha de cada uma delas e senti o cheirinho gostoso de bebê.

— Se você acordá-las, eu vou te castrar — Maria Eduarda falou rindo.

Os olhos dela estavam inchados pelo choro, mas foi um alívio vê-la sorrir.

— Eu acho melhor você repensar sobre essa questão de me castrar, afinal a maior prejudicada será você.

— Você tem razão — ela respondeu sorrindo.

Comecei a tirar a roupa e ela me olhou chocada.

— O que você está fazendo?

— Tirando a roupa pra... dormir, claro — falei e me deitei, completamente nu.

— Você estava dormindo vestido nas últimas semanas.

— Porque eu tinha medo de acontecer alguma emergência enquanto elas estavam no hospital, mas agora já está tudo bem.

— Raphael, você não presta. Você não pode dormir assim. É muita tentação pra mim e eu ainda não posso.

— Você não pode ser penetrada, mas com certeza eu posso te fazer sentir melhor. Vem cá, vem.

Ela se aproximou e, assim que sentou na cama, eu a puxei e a beijei. Maria Eduarda era perfeita em todos os sentidos. As meninas ainda iam fazer um mês e ela já tinha praticamente voltado ao seu corpo normal. Beijei sua boca com tesão e ela retribuiu da mesma maneira.

Duda usava uma camisola fina, que eu tirei do seu corpo, deixando-a apenas de calcinha e sutiã.

— Perfeita pra caralho — falei, admirando-a por alguns segundos, e voltei a beijá-la.

Beijei seu pescoço, seus ombros e seus seios — enormes, pesados e cheios de leite. Eu não me importei, suguei seus mamilos e logo senti o gosto do leite na minha boca, enquanto Duda se contorcia de prazer embaixo de mim, sempre entregue. Aquilo me deixava louco.

Depois que suguei os dois mamilos, descii os beijos por sua barriga e suas coxas, até que cheguei onde mais desejava. Enterrei um dedo nela e, para o meu deleite, ela estava encharcada. Comecei a masturbá-la e, enquanto minha língua trabalhava em seu clitóris, ela se arqueava, se contorcia e gemia cada vez mais, deixando-me maluco.

Instantes depois, senti seus músculos se contraírem, ela gozou lindamente na minha boca, e eu a chupei até que não restasse mais nada. Quando os espasmos terminaram, eu me joguei na cama ao lado dela e, sem que eu esperasse, ela subiu em mim, olhou-me com a cara de deusa sexy que ela tinha e falou:

— Sua vez...

Capítulo 26

A segunda-feira havia chegado e eu estava ansioso pelo retorno à ação. As meninas me acordaram antes mesmo do despertador, então ajudei Maria Eduarda a dar banho nelas, esperei elas mamarem para colocá-las para arrotar, deitei as duas na cama e fiquei perto delas enquanto Duda foi ao banheiro.

Sophia e Raphaela me olhavam atentas, e eu precisava sair para trabalhar, mas não sabia como conseguiria parar de olhar para aquelas princesas. Elas eram moreninhas como a mãe, mas os olhos pareciam com os meus; de resto eram uma mistura perfeita de nós dois.

E eu, que até saber da existência delas nunca cogitei a ideia de ser pai, estava louco de amor por elas. Muito se ouve falar sobre a força da paternidade na vida de um homem, mas ninguém nunca saberá expressar em palavras o que se sente quando olha para a nossa criação. Eu, particularmente, custava a acreditar que elas foram concebidas por Maria Eduarda e eu em uma noite que nenhum de nós imaginava como terminaria. Se, no primeiro momento, eu me desesperei quando soube da gravidez, depois eu só conseguia agradecer aos céus por termos nos encontrado naquela ocasião.

Maria Eduarda saiu do banheiro, sentou ao meu lado na cama e deitou a cabeça nas minhas costas.

— Me mande embora para o trabalho ou eu nunca vou sair daqui — falei e ela riu.

— Como eu posso te mandar se eu não quero que você vá?

— Eu preciso ir.

— Então vá, meu amor. Lute por nós, mas não se esqueça de que, aqui, você tem três mulheres que precisam de você para viver.

— Eu nunca vou esquecer, porque agora eu tenho incontáveis motivos para voltar.

— Nós vamos estar aqui te esperando no fim do dia — ela falou e me beijou.

Com dificuldade, encerrei nosso beijo, olhei para as meninas e dei um beijo na pequena testa de cada uma. Com o coração apertado, saí do quarto e, quando cheguei na sala, Tobias veio correndo na minha direção para se despedir; Ele passou uns dias sob os cuidados da minha mãe. Passei a mão na cabecinha da bolinha de pelos e saí de casa.

— Bom dia, senhor — Carlos me cumprimentou, abrindo a porta do carro para mim.

— Bom dia. Avisou ao Juliano e ao Franco que eles farão a segurança da Maria Eduarda e das minhas filhas a partir de agora?

— Avisei sim, senhor, e os dois já estão a postos na sua casa.

— Ótimo.

— Se me permite opinar, senhor, eu não acho que o senhor deva deixar de confiar no Taylor. Eu estava com ele no dia em que a senhora Maria Eduarda o ameaçou e foi uma situação muito complicada. Ela estava em pânico e tinha uma arma apontada para ele, senhor. É claro que fisicamente ele é mais forte do que ela, mas um movimento errado e ela poderia disparar a arma e machucar a si mesma. Nenhuma atitude foi tomada para evitarmos um acidente.

Eu suspirei resignado. *Ele tem razão, Maria Eduarda não é fácil e eu sei bem disso.*

— Eu avaliei a situação de cabeça fresca e, por isso, não o afastei. Ainda assim, coloquei mais dois homens, porque agora também tem as duas meninas, ficaria difícil para ele dar conta. Eu sei que minha mulher não é fácil.

— Ela é um tanto rebelde, mas com todo respeito, se o senhor me permite falar, ela é uma boa garota e será uma boa esposa para o senhor.

— Eu sei, Carlos, obrigado. Eu sei que ela já conquistou você e o Taylor, seus bananas.

Ele sorriu, levemente, com certeza pensando que eu também era um banana, afinal também me rendi aos encantos de Maria Eduarda. Carlos raramente sorria, mas minha garota tinha esse poder de arrancar sorrisos das pessoas.

— Como estão suas meninas, senhor?

— Elas são um sonho. Estão lindas, saudáveis e manhosas, só querem saber de colo. Elas não me deixam dormir, pois dormem durante o dia e querem ficar acordadas à noite, mas eu as amo como um louco.

— Eu sei como é. Logo eles crescem e passam a dormir melhor.

— Espero que sim.

Nós rimos e encerramos o assunto.

Quando cheguei à empresa, fui direto para a sala de Pietro. Bati à porta e entrei.

— Bom dia, irmão! — cumprimentei.

— Bom dia, cara! Nossa, você está cheio de olheiras, está tão ruim assim? — ele me perguntou, rindo de leve.

— Eu quase não durmo, mas vou sobreviver, afinal nenhum de vocês morreu até agora — respondi. — Onde está meu pai?

— Na sala dele ou na do tio Enzo. Eles estavam juntos, resolvendo alguma coisa.

— Vamos nos reunir, quero ficar a par de tudo o que aconteceu nesses trinta dias em que estive ausente.

Pietro pegou o telefone, ligou para a secretária e pediu para ela convocar a reunião. Quinze minutos depois, estávamos todos na sala de Pietro discutindo o assunto.



— A última informação que tivemos, e que você ainda não sabe, é que David foi visto na Suécia em um almoço com um homem de identidade Russa, mas que não tem nenhum papel importante na Bratva — meu irmão falou.

— Porra! David está buscando aliados russos? Eu não posso acreditar nessa porra. Mesmo que ele não tenha entrado na Rússia, ele se arriscou muito, foi direto na boca do lobo. Qualquer idiota sabe que a Bratva é a inimiga número um da Cosa Nostra e, automaticamente, de Nova Iorque e Las Vegas — falei, chocado com a burrice dele.

— Para ele ter se arriscado tanto, algo muito importante está em jogo — tio Enzo falou pensativo.

— Já levantaram a ficha do homem que estava com ele? — perguntei.

— Estamos trabalhando nisso. Ele é conhecido como Logan e é um membro da Bratva, mas não possui cargo efetivo. Parece que ele não nasceu na Rússia — Pietro falou.

— Meu pai também está nessa investigação — Romeu informou.

Nós tínhamos informantes muito bem pagos, e fiéis, em todas as partes do mundo, e isso nos beneficiava muito, pois não éramos pegos de surpresa, o que era muito importante. Tínhamos homens na Bratva e, provavelmente, logo teríamos respostas.

— E depois da Suécia, para onde David foi? — perguntei.

— Ele ainda está lá — Pietro respondeu.



Maria Eduarda

Eu tinha acabado de almoçar quando a campainha tocou. Ao abrir a porta, me deparei com as meninas e sorri feliz com a visita delas.

— Entrem! Que bom que vieram, estou tão sozinha aqui sem Raphael. Vocês deviam ter vindo almoçar.

Elas entraram e nos acomodamos na sala. Tobias ficou muito animado com as visitas, não parava de correr para lá e para cá.

— Minhas netas estão dormindo? — Melissa perguntou.

— Estão, mas já já acordam para mamar. Vocês querem vê-las?

— Sim, vamos lá ver essas fofuras — Nina falou animada.

Levei-as até o quarto e passamos alguns minutos admirando minhas bonequinhas.

— Oh, meu Deus, vovó está tão apaixonada. Elas são tão lindas — Melissa falou toda derretida.

— São mesmo, me deu até saudade dos meus pequenos — Lili falou.

— Você já está quase na idade de ser avó também, tia, não se preocupe — Mia brincou.

— Não sei quando. Nina está encalhada e Lorenzo foge de casamento igual o diabo foge da cruz. Eu nunca vou ter netos, já estou conformada. Vejam, Melissa já tem quatro, e eu não tenho nem unzinho. É uma falta de respeito dos meus filhos comigo — Lili falou, fingindo indignação.

— Encalhada uma ova! — Nina falou. — Eu é que não quero um babaca machista como marido. Vou me casar quando achar um cara gostoso e sensível.

— Gostoso tudo bem, minha filha, mas um mafioso sensível é pedir demais — Lili retrucou. — Já vi que vou morrer sem ser avó mesmo.

Nós rimos.

— Raphael, aqui dentro de casa, é um cara muito sensível, eu dei muita sorte. — falei, sem me importar em parecer uma boba apaixonada.

Eu realmente sou uma boba apaixonada. Não faço tipo e não tenho vergonha dos meus sentimentos.

— Meu filho é um príncipe, sempre foi. Eu sabia que ele seria um excelente pai e marido. O Rapha era impossível quando pequeno, mas depois que cresceu, apesar de um pouco rebelde, sempre foi o mais carinhoso, além de ter sido uma criança tão linda — Melissa falou toda coruja.

— *Era* mesmo, eu vi nas fotos, não sei o que aconteceu — Nina falou rindo, e nós rimos também.

— Ele continua lindo. É o homem mais lindo do mundo — falei orgulhosa.

— Maria Eduarda está caidinha. Parece que ninguém resiste ao charme dos Esposito — Amanda falou rindo. — Não julgo, porque eu também morro de amor pelo meu marido. Pietro é perfeito pra mim.

— Papai — Noah falou assim que escutou o nome do pai, foi muito fofo.

— É o papai, meu amor. Você está com saudades do papai? — Amanda falou com o filho e deu um beijo na bochecha dele.

Todo fofo, Noah devolveu um beijo carinhosamente na bochecha da mãe.



Quando minhas filhas acordaram, peguei-as para amamentar, enquanto as meninas e eu ficamos conversando no quarto. Depois que mamaram e arrotaram, deitei Sophie e Raphaela na cama, aproveitando que estavam acordadas, e ficamos todas babando nelas.

— Elas estão tão gordinhas, nem parece que nasceram de 8 meses — Lili comentou.

— Elas engordaram muito rápido, uma semana fez toda diferença — falei.

— Elas têm o tom de pele parecido com o seu, mas os olhos são do Rapha. E eu acho que o cabelinho também vai ser claro igual ao dele — minha sogra falou.

— Elas já sabem rir? — Nina perguntou.

— Estão começando a querer rir agora — respondi.

— Como você sabe quem é quem? Notei que você e o Raphael sempre se referem a elas pelo nome, mas para mim elas são idênticas — Amanda perguntou.

— Elas realmente são idênticas, mas eu não sei como, quando as olhamos, sabemos distingui-las.

— Eu com certeza ia confundir se fossem minhas. Vamos apostar quem é quem? — Nina propôs, animada.

— Eu acho que Sophia é a da esquerda — Melissa arriscou.

— Eu acho que é o contrário — Nina falou.

— Eu também acho que Raphaela que é a da esquerda — Lili concordou com a filha.

— Eu estou com a minha mãe — Mia falou.

— E você, Amanda, o que acha? — perguntei.

— Sinceramente, não faço a menor ideia, mas vou chutar igual a Melissa.

— Acho que a vovó Melissa já nos conhece bem — falei, fazendo voz infantil. — Ela acertou.

— Ah, merda! Elas são muito iguais — Nina falou, frustrada.

— Com o tempo vocês se acostumam — falei. — Meninas, vou aproveitar que vocês estão aqui e vou tomar banho, pode ser?

— Claro, vai tranquila — minha sogra respondeu.

Eu precisava tomar um bom banho e lavar o cabelo, pois sozinha em casa e com elas isso era impossível.



Passei o dia todo com saudades do Raphael. Estivemos durante o último mês mais juntos do que nunca, então depois que ele voltou a trabalhar, eu fiquei contando os minutos para ele voltar para casa. Minha sogra e as meninas passaram boa parte da tarde aqui e isso ajudou muito, tanto para eu descansar como para me distrair, pois eu só pegava as meninas para mamar, todo o resto do tempo quando elas não estavam dormindo, estavam no colo da vovó ou das tias.

Depois que elas foram embora, fiz uma chamada de vídeo para conversar com Manu e para ela ver as meninas. Assim como todo mundo, minha amiga era apaixonada pelas minhas filhas. Quando desliguei a ligação, deixei as meninas dormindo no berço, peguei a babá eletrônica e desci para esperar Raphael.

Assim que entrei na sala, Tobias correu na minha direção. *Ele é tão fofo*. No último mês, eu mal dei atenção a ele por causa de tudo o que passamos com as meninas internadas, então abaixei, peguei meu *doguinho* no colo e, enquanto estava apertando-o, ouvi o barulho da porta e olhei empolgada imaginando quem era.

Raphael entrou e ao me ver abriu um enorme sorriso. Coloquei Tobias no chão, corri para os braços dele e o beijei.

— Senti tanto sua falta, Rapha. Esperei o dia inteiro por esse momento.

— Eu também senti a sua — ele respondeu e me apertou em seus braços. — Cadê as meninas?

— Estão dormindo.

— Dormem agora para ficarem acordadas à noite.

— Hoje elas ficaram bastante tempo acordadas, porque sua mãe, sua tia e as meninas vieram aqui e ficaram a tarde toda babando nelas.

— Vamos subir, eu quero vê-las.

Fomos para o quarto e as encontramos acordadas.

— Olha quem chegou... — falei para as meninas.

— Papai chegou! — Raphael disse animado e elas o olharam atentamente.

— O hospital ligou para confirmar a primeira consulta de revisão delas.

— Ah, é verdade, a consulta de um mês, eu tinha me esquecido — Raphael falou. — Eu vou levar vocês e depois vou trabalhar.

— Se você estiver ocupado, eu vou com os seguranças e sua mãe, não se preocupe.

— Impossível, Maria Eduarda, eu não teria um segundo de paz se não estivesse nesse momento. Eu levo vocês e depois vou para a empresa.

— Tá bom. Vai tomar banho pra jantar, eu te espero aqui.

Ele me deu mais um beijo e saiu, enquanto isso eu coloquei as meninas na cama e me deitei ao lado delas, porque sabia que logo elas iam querer mamar. Poucos minutos depois, Raphael saiu do banheiro enrolado na toalha e todo descabelado. *Que homem absurdamente gostoso*. Olhei para ele, babando.

— Está me secando, Maria Eduarda? — ele falou para me provocar.

Se Raphael queria provocação, ele teria.

— Prepara-se, Raphael. Quando esse resguardo acabar, eu vou te destruir.

— Estou ansioso por isso, vamos ver quem vai destruir quem. Agora deixa eu colocar uma roupa para jantarmos, você está com cara de faminta.

— Estou sempre faminta — falei, provocando-o.



— Alguma novidade sobre David? — abordei o assunto quando estávamos jantando.

— Não muitas. Soubemos que ele está na Suécia e estamos acompanhando os passos dele. Assim que ele chegar aqui na Itália, nós saberemos.

— Eu não entendo essa obsessão dele.

— Você já conheceu seus novos seguranças? — Raphael perguntou, claramente encerrando o assunto.

Percebendo isso, deixei para lá, pois não queria estressá-lo com minha insistência.

— Sim, eu os vi lá fora e achei um exagero.

— Vocês são três agora.

— Elas ainda nem andam, Raphael.

— Não importa. São três seguranças aqui no complexo e, para sair daqui, terão muitos mais. E não diga que é exagero, porque eu não vou baixar a guarda com a segurança de vocês.



No dia seguinte, acordei cedo pela manhã, dei banho e arrumei as meninas com a ajuda de Raphael, depois deixei as duas com o pai para poder tomar banho e, quando saí do banheiro, fui amamentar antes de me arrumar. Enquanto elas comiam, Raphael tomou banho e se arrumou, só então eu fui colocar a roupa e fazer uma maquiagem leve. Quando precisávamos sair era assim, todas as ações sincronizadas e, sem a ajuda dele, eu não daria conta das duas.

Estávamos prontos, então descemos com elas no colo e, lá embaixo, Raphael montou o carrinho para acomodarmos nossas filhas. Tomamos nosso café da manhã, depois esperamos na entrada de casa, enquanto Carlos foi buscar o carro.

Raphael comprou um carro novo, enorme. Atrás havia dois bancos — um de frente para o outro —, onde as cadeirinhas delas já estavam fixadas de frente para nós. Na época, o Rapha falou que aquele era o carro mais seguro da categoria — era mais seguro contra acidentes e blindado.

O carro parou em frente à casa, Rapha acomodou as meninas em suas cadeirinhas e eu fiquei esperando. Quando elas estavam seguras, nós partimos. Carlos e Taylor estavam no mesmo carro que a gente, mas tinham mais dois veículos nos escoltando.

Instantes depois que o carro começou a andar, Raphaela dormiu. *Minha filha é tão boazinha*. Sophia era mais agitada e fez todo o percurso acordada.

Minutos depois, chegamos ao hospital e fomos encaminhados para o consultório da pediatra. Não precisamos esperar porque ela já nos aguardava. Passamos pela consulta e ficamos muito felizes em saber que as meninas estavam muito bem, tinham engordado mais que o previsto e os resultados dos exames que elas tinham feito antes de ter alta estavam ótimos.

Estávamos indo em direção à saída do hospital quando passamos pela ala ginecológica e eu tive a ideia de falar com a minha ginecologista. Ela não fez meu parto, pois não estava planejado para aquela data e, na ocasião, ela estava viajando.

Pedi para o Raphael esperar um pouquinho, deixei as meninas com ele e fui até a recepção perguntar se era possível falar um momento com a doutora Gianni. A recepcionista perguntou meu nome, em seguida ligou para o consultório e me avisou que, assim que a paciente saísse, eu poderia entrar. Agradei e fui avisar ao Raphael.

— Eu vou falar com a ginecologista, não vou demorar, prometo.

— Você está sentindo alguma coisa?

— Não, só perguntas de rotina.

Ele não pareceu muito convencido, mas, talvez por Carlos e Taylor estarem por perto, não falou mais nada. Quando a paciente saiu, eu me levantei para entrar, e Raphael também levantou.

— Espera aqui com as meninas, eu não demoro.

— Por quê?

— Porque esse carrinho é muito grande, Raphael. Não tem necessidade de entrarmos juntos, eu já volto.

Pela cara dele, senti que não havia gostado, mas ele assentiu, foi sentar e eu entrei no consultório.

— Bom dia, doutora. Obrigada por me receber.

— Bom dia, Maria Eduarda, é um prazer atender um membro da família Esposito. Eles são nossos maiores colaboradores, é o mínimo que podemos fazer. Sinto muito por não ter conseguido fazer o seu parto, eu estava em uma convenção. Então, em que posso ajudá-la?

— Então, eu tenho algumas dúvidas.

— Fique à vontade para perguntar.

— Quantos dias após o parto o casal pode voltar a ter relações sexuais?

— De 30 a 40 dias. O interior do útero estará se refazendo das mudanças ocasionadas pela gravidez, então o prazo mínimo é esse.

— Faz 30 dias e eu me sinto bem, a senhora acha que já estou liberada?

— Você gostaria de fazer um exame transvaginal para ter certeza de que está tudo bem? Estou com um horário livre agora, podemos verificar.

— Seria ótimo.

Doutora Gianni me encaminhou para a sala anexa e fez o exame. Para minha alegria, o colo do meu útero estava perfeito. *Raphael que me aguarde, ele terá uma surpresinha.*

Agradei e saí do consultório satisfeita e cheia de planos. Ao me ver, Raphael veio ao meu encontro.

— Você demorou. O que está acontecendo, Maria Eduarda?

— Huuum... Não vive um minuto sem mim. Muito apaixonado, eu gosto assim! — falei brincando, mas ele não riu, estava realmente preocupado. — Não está acontecendo nada, Raphael. A médica me examinou para saber se estava tudo bem, só isso.

— E está?

— Sim, ela disse que com 40 dias já posso voltar às minhas atividades normais.

— 40 dias, é?! Ainda faltam 10 — ele falou, desanimado, e eu senti vontade de rir.

— Quem esperou até hoje pode esperar um pouquinho mais.
— Quem esperou até hoje está com um enorme caso de bolas roxas, porra! Eu nunca fiquei tanto tempo sem transar.
— Está arrependido?
— Claro que não, porra, apenas estou quase explodindo, mas eu aguento. Vamos embora, ainda tenho que trabalhar.
Fomos andando até onde Carlos e Taylor estavam com as meninas e seguimos para casa.



Raphael

Cheguei em casa mais tarde do que o normal, cansado e estressado, mas assim que entrei pela porta e vi Maria Eduarda sentada no sofá, me acalmei. As meninas estavam perto dela, dormindo no carrinho. Dei um beijo de leve na cabecinha de cada uma das minhas filhas, depois fui até Eduarda e a beijei antes de falar qualquer coisa.

— Oi, princesa.

— Oi, meu amor. Está tudo bem? Você não estava com uma cara muito boa quando entrou.

— Agora estou bem melhor. Hoje o dia foi puxado, estou cansado, com fome e dor de cabeça.

— Então vamos jantar, também estou com fome. Depois você toma banho, e elas logo acordarão para mamar.

Tirei o paletó e sentamos à mesa para jantar. Conversamos amenidades enquanto comíamos e, logo depois que acabamos, as meninas acordaram. Maria Eduarda pegou Sophia para amamentar, e eu segurei Raphaela para acalmá-la enquanto esperava sua vez. Eu estava tão cansado que me deitei com minha filha aconchegada no meu peito, e ela gostou tanto que dormiu outra vez.

Depois que Duda amamentou as duas, nós subimos. Nossas princesas ficaram acordadas por mais alguns minutos, depois dormiram. Maria Eduarda foi tomar banho primeiro, e eu fiquei olhando-as pegar no sono deitadas nos moisés; elas ainda dormiam no nosso quarto.

Quando Eduarda saiu do banheiro, eu entrei. Ainda era cedo para dormir, mas eu estava louco por um banho para relaxar um pouco. Demorei um tempo embaixo do chuveiro e me senti renovado. Sequei-me, vesti uma cueca boxer e saí do banheiro.

Ao sair, a visão que eu tive me deixou sem palavras. Maria Eduarda estava de costas para mim, passando hidratante no corpo.

Ela vestia apenas uma lingerie, com a porra da calcinha toda enfiada naquela bunda deliciosa.

— Puta merda, você quer me matar?

Ela terminou de passar o hidratante, tranquilamente, em seguida colocou o frasco no lugar e virou levemente a cabeça na minha direção.

— Na verdade, eu quero você bem vivo para que eu possa te agradecer.

— Agradecer pelo quê? — perguntei, quase hipnotizado pela visão à minha frente.

— Por ser o melhor homem e o melhor pai desse mundo.

— Eu não faço nada demais, mas se quer me agradecer, mostre sua gratidão da melhor forma, dê o seu melhor.

Não tive tempo de pensar em nada, porque ela avançou em mim e pulou no meu colo, entrelaçando as pernas na minha cintura.

Nós nos beijamos por um longo tempo antes de eu levá-la para nossa cama. Ela era uma visão. Linda, toda gostosa com aquela *lingerie sexy* e minúscula, e o cabelo espalhado pela cama. Perdi alguns segundos admirando-a.

— Raphael — ela me chamou, excitada —, não me faça esperar mais!

Fui para cima dela, beijei seu pescoço cheiroso, seus ombros e depois seus seios. Ela gemeu baixinho. *Deus me livre de as meninas acordarem nesse momento.*

Me dediquei um bom tempo naqueles seios deliciosos e, sem poder esperar mais, desci até sua boceta perfeita. Quando a toquei, ela estava molhada, pronta para mim. Enterrei um dedo nela, e ela gemeu e se contorceu, em seguida lambi seu clitóris, e ela segurou forte no meu cabelo. Eu a chupei até que ela tivesse seu primeiro orgasmo, suguei até seus últimos espasmos e, só então, levantei para beijá-la e me enterrei nela.

Eu me senti pleno dentro dela. Os sons que escapavam de sua garganta, abafados pelas nossas bocas juntas, eram tão eróticos quanto sua expressão de prazer.

Ela rebojava no meu pau e gemia. Peguei suas pernas para colocar em meus ombros, abrindo-a para mim tanto quanto consegui e penetrei mais fundo nela. Dava para ouvir o barulho de nossos corpos se chocando. Eu ia cada vez mais fundo e forte.

Eduarda gritou quando o orgasmo chegou, eu tapei sua boca e continuei investindo. Eu sabia que, pelo tempo que eu estava sem sexo, não ia durar muito, e quanto mais ela gemia, mais eu queria gozar. Investi mais algumas vezes até que me derramei dentro dela, completamente louco, seduzido e apaixonado por aquela mulher.

— Eu te amo... Porra, como eu te amo! — falei sem ar, tentando normalizar minha respiração.

— Eu também te amo, muito — ela respondeu, também ofegante.

Descansamos um pouco nos braços um do outro e, pouco tempo depois, transamos novamente. Levaria um tempo até recuperarmos todo o desejo acumulado durante o resguardo.

Capítulo 27

Raphael

Um mês depois

Peguei minha filha do berço e ela se derreteu em sorrisos para mim. Raphaela tinha acabado de tomar banho, e Sophia ainda estava no banheiro com a Eduarda. Eu criei um vínculo forte com minhas filhas, e eu tinha certeza de que elas me conheciam e me amavam tanto quanto eu as amava. *É incrível, eu renasci quando me tornei pai há dois meses.*

Elas estavam enormes e gordinhas, nem pareciam ter nascido prematuras.

— Ei, minha doçura! Mamãe já te deu banho, nem esperou pelo papai, hein?! — falei e ela riu, enfiando a mãozinha na boca. — Tire essa mão da boca. Você está com fome, sua gulosa? A mamãe já está vindo te dar mama.

Seu sorriso saiu com um gritinho, como se ela entendesse a notícia de que já seria alimentada e ficou feliz. Sorri também, todo bobo, aconcheguei seu corpinho contra meu peito e fui até a sacada para tomarmos um pouco do ar da manhã. Dei um beijo na sua cabecinha e olhei para o complexo onde tudo parecia calmo naquela manhã bonita de sábado. O clima estava bom, bem fresquinho.

Olhei para baixo e vi Pietro saindo de casa de mãos dadas com Noah. Amanda saiu logo depois, e eles foram para a casa da minha mãe. Todos íamos almoçar lá naquele dia, pois Pietro pediu que nos reuníssemos. Fiquei orgulhoso de ver a família bonita que meu irmão formou e ainda mais feliz de saber o quanto eles eram felizes juntos. Pietro morreria por Amanda e Noah, assim como eu morreria por Maria Eduarda, Raphaela e Sophia.



Eduarda e eu decidimos nos casar em uma cerimônia bem simples, só para a família. Queríamos oficializar nossa relação, mas ainda não era o momento para festas, talvez quando as coisas se

acalmassem eu daria a festa que ela merecia, mas por enquanto tudo o que eu poderia oferecer era meu sobrenome.

Não podíamos relaxar na segurança, pois o David não estava mais na Suécia, mas também não estava morando no complexo do Demétrio em Las Vegas. Eu sentia que, independente do que fosse, ele já havia orquestrado seu plano e só estava esperando o momento certo para agir. Tentamos contato com o homem com quem ele esteve conversando na Suécia, mas não tivemos sucesso, o cara simplesmente evaporou.

Voltei para o quarto e Eduarda estava na cama, colocando a fralda em Sophia. A danadinha estava com as mãozinhas agarradas no cabelo da mãe, puxando-o. *Maria Eduarda sofre com elas.* Sempre que elas tinham oportunidade, puxavam os cabelos da mãe. Duda até pensou na hipótese de cortá-los, mas desistiu.

— Raphael, estou em um relacionamento abusivo há dois meses, não aguento mais ser agredida. Estou quase ficando sem cabelo, me ajuda!

Eu achei graça e fui até elas. Deitei Raphaela na cama e tirei o cabelo de Eduarda da mão da nossa filha.

— Pietro e Amanda já foram para a casa da minha mãe, só falta a gente.

— Eles estão na vantagem porque Noah é um só, nós temos duas pra cuidar.

— Isso é verdade. Deixa que eu termino de vestir a roupa nela, vai logo se trocar — ofereci.

Eduarda me deixou no quarto com nossas filhas e foi se arrumar. Eu terminei de vestir a Sophia, desci com elas, coloquei-as no carrinho e fiquei esperando Duda. Pouco depois ela chegou — linda como sempre — e nós saímos.

Quando chegamos, todos estavam reunidos na sala.

— Bom dia, família! — cumprimentei a todos, e eles responderam.

— Bom dia, pessoal — Maria Eduarda falou um pouco tímida.

Mesmo depois de tanto tempo, ela ainda não ficava muito à vontade na presença do meu pai.

— Bom dia, meus queridos! Vocês demoraram — minha mãe reclamou.

— Nós estávamos transando — falei naturalmente.

— É mentira dele, gente! — Maria Eduarda rapidamente me desmentiu com os olhos arregalados. — Nós estávamos arrumando as meninas.

Todos na sala irromperam em uma gargalhada.

— Calma, Duda, todo mundo sabe que a gente transa e que eu sou uma máquina, não precisa ficar envergonhada. Pode admitir, amor, possivelmente você já deve ter mais dois aí na barriga.

— Raphael, eu te mato se você me engravidar outra vez! E vou te matar quando a gente chegar em casa também — ela falou com raiva de mim. — Não acreditem nele — ela disse, virando-se para os outros.

— Tão linda quando fica com raiva. Não resisto! — falei, dando um beijo nela.

— Vamos almoçar — minha mãe chamou ainda rindo.

Fomos todos para a mesa e comemos tranquilamente. Meu pai e Pietro eram os únicos mais calados, de resto falávamos todos juntos, brincando e rindo. Quando terminamos a refeição, fomos para a área externa da casa tomar um café — como de costume nos almoços da nossa família.

Raphaela estava no colo do avô e Sophia, no da avó, ambas acordadas e muito risonhas. Meu pai conversava com minha filha, e ela se derretia toda para ele. Era incrível ver o quanto ele também estava derretido por ela. Não me lembro de ver meu pai assim. Com Noah e Chase ele também era carinhoso, mas com as minhas filhas ele era muito babão, talvez por serem meninas, pois me lembrava que ele sempre foi mais derretido com a Mia também.

Noah estava no colo de Pietro e Chase, com tio Enzo; Mia e Romeu estavam agarrados como sempre. A família cresceu e momentos tranquilos como aquele eram difíceis de acontecer. Nem

sempre conseguíamos nos reunir, mas eu gostava muito quando acontecia.

— Eu tenho algo a dizer a vocês. — Pietro levantou e chamou nossa atenção. Todos nós prestamos atenção nele. — Nós teremos um acréscimo na família, Amanda está grávida.

As mulheres da família ficaram loucas, como sempre, e foram correndo abraçar minha cunhada. Os homens foram cumprimentar o Pietro, que sorria abertamente.

— Parabéns, cara! — falei, abraçando meu irmão.

— Agora vem menina, Pietro, não tem jeito— tio Enzo brincou.

— Não sei se estou pronto para ser pai de uma menina, meu coração não aguenta.

— E você, garotão, está feliz com o irmão? — perguntei ao Noah.

— Eu vou ajudar mamãe a cuidar do neném porque já sou um rapaz, né, papai? — ele falou sorrindo, todo empolgado.

Nós rimos, Pietro deu um beijo no filho e concordou com ele.

Passamos o resto do dia no jardim da minha mãe, em um clima agradável em família.



Maria Eduarda

Eu estava uma pilha de nervos. Meu casamento seria no sábado e, apesar de não haver uma grande festa, teríamos uma pequena recepção no complexo após a cerimônia. Infelizmente, Manu e Hugo não poderiam vir por causa do trabalho, mas prometeram nos visitar nas férias.

Amamentei minhas filhas e, assim que elas dormiram, resolvi tomar banho, pois estava quase na hora do Rapha chegar. No banheiro, tirei a roupa e, ansiosa, entrei debaixo da água morna. A rotina como mãe de gêmeas era bem cansativa, embora as coisas terem ficado muito mais tranquilas depois de um tempo. Nós já tínhamos pegado o jeito para cuidar delas e criamos uma rotina que ajudava nesse processo.

Raphaela e Sophia estavam com quase três meses, e eu quase explodia de amor por elas todos os dias. *Raphael, então, nem se fala. Nunca pensei que ele fosse ser um pai tão dedicado.* Ele não conseguia deixá-las chorar nem por um segundo, então quando elas ameaçavam fazer beicinho, ele já corria para mimá-las. Elas seriam muito mimadas, e ele morreria de ciúmes.

Noutro dia, Rapha trouxe o Noah para ficar uma tarde com a gente, porque Amanda estava com muitos enjoos por conta da gravidez e Pietro também não estava em casa. O garoto ficou encantado com as meninas, indo para onde elas estivessem, exceto quando eu fui trocar a fralda de uma delas. Noah até me acompanhou ao quarto, mas Raphael não deixou que eu a trocasse na frente do Noah, alegando que o sobrinho era um pequeno homenzinho e que não ficava bem deixá-lo ver as meninas sem roupas.

Eu não acreditei no que ouvi e tive uma crise de risos. Achei mesmo que ele estivesse brincando, mas quando o olhei, ele estava bem sério. Raphael pegou Noah no colo e o levou para fora do quarto. *Tadinha das minhas filhas quando crescerem.*



Todos os detalhes do casamento estavam prontos, pois minha sogra cuidou de tudo. Faltavam cinco dias e eu estava mais do que ansiosa.

Ao terminar o banho, fui me vestir no *closet* e, em seguida, desci para ver se o jantar já estava pronto, aproveitando que as meninas continuavam dormindo.

Coloquei a babá eletrônica na mesa da cozinha e, nesse instante, meu celular tocou. Estranhei, pois quase ninguém tinha meu número.

— Alô — atendi.

— *Maria Eduarda?*

— Quem está falando?

— *Um amigo.*

— Eu não tenho amigos, você ligou errado.

— *Por favor, não desligue. Sou um velho conhecido da sua mãe, Lucy.*

— O que você quer?

— *Eu também sou de Nova Iorque, mas não moro mais lá. Estou ligando porque tenho muitas coisas a te contar sobre sua mãe. Não se preocupe, eu não sou um inimigo. Gostaria de te conhecer para conversarmos. Será que podemos nos encontrar?*

— Você é louco! Não vou me encontrar com um desconhecido só porque você disse que conhece minha mãe. Raphael também nunca permi...

— *Não conte nada a ele sobre a minha ligação* — o homem me interrompeu.

— Se eu não posso contar é porque você não tem boas intenções. Olha só, eu vou desligar.

— *Não desligue! Eu tenho informações muito importantes sobre o seu irmão.*

— O quê? Do que você está falando? Meu irmão morreu.

— *Eu só posso falar pessoalmente, mas se seu marido souber da minha ligação, ele vai te impedir de falar comigo. Maria Eduarda, tem muita coisa que você não sabe. Você precisa me ouvir. Não conte nada ao seu marido, eu vou entrar em contato novamente para marcarmos um encontro* — ele disse e desligou.

Meu coração estava batendo descompensado, e eu estava trêmula porque fui pega totalmente de surpresa por essa ligação. *O que será que esse homem quer comigo?*

Ainda pensativa, caminhei pela sala com o celular e a babá eletrônica nas mãos. De repente, a porta se abriu e Raphael entrou. Ele colocou os olhos em mim e logo soube que algo tinha acontecido.

— O que foi? O que você tem?

— Não foi nada demais. Eu levantei rápido e me deu uma tontura, mas já estou melhor.

— Você está gelada — ele falou, segurando minhas mãos, e me conduziu até o sofá. — Vem, senta aqui. Eu vou chamar um médico.

— Não precisa, eu estou bem — falei e sorri para tranquilizá-lo.

Nessa hora, a babá eletrônica acusou o choro de uma das meninas e isso tirou a atenção do Raphael de mim por alguns minutos.

— Pega ela pra mim, por favor, antes que acorde a outra.

Raphael subiu, pegou Sophia e me entregou. Amamenteei-a novamente e, em pouco tempo, ela logo voltou a dormir e nós fomos jantar.

— Tem certeza de que não tem nada pra me dizer? Você está muito estranha — Raphael me questionou.

— Não é nada, só estou nervosa com o casamento e triste porque Manu não poderá vir.

— Você está arrependida?

— Claro que não, Rapha. Se eu tenho uma certeza na vida é a de que eu te amo e quero me casar com você. Só estou nervosa

mesmo, coisas de noiva.

Ele me observou por alguns segundos, olhou profundamente nos meus olhos, provavelmente buscando a verdade, mas eu desviei o olhar e mudei de assunto, antes que ele percebesse que eu estava mentindo.



Raphael

O dia do casamento chegou e eu percebi que Maria Eduarda deixou suas inquietações um pouco mais de lado e se concentrou naquele momento que era tão importante para nós.

No início da manhã, eu fui para a casa da minha mãe a fim de dar privacidade para Maria Eduarda se arrumar em casa. Deixei uma equipe de profissionais com ela e as outras mulheres, e trouxe minhas filhas comigo, já arrumadas, assim como eu.

Na sala da minha mãe, distraí-me olhando Lorenzo brincar com as minhas filhas. Raphaela era sempre muito sorridente e ria para qualquer pessoa, não estranhava ninguém, já Sophia era mais contida, sorria só para quem conhecia e estranhava pessoas que não eram da família, as duas amavam o Lorenzo.

A porta da casa se abriu e minha avó chegou com a cerimonialista contratada.

— Vamos, Rapha. Chegou a hora de você ir para o altar.

Levantei rapidamente, coloquei as meninas no carrinho e fomos para a área onde seria realizada a cerimônia.

— Deixe essas meninas lindas comigo, eu vou levá-las para mamar e já volto. Fiquem por aqui que a cerimonialista vai organizar a entrada de vocês — minha avó falou comigo e com Lorenzo, depois se retirou.

Instantes depois, meu pai chegou com Pietro e tio Enzo. Olhei mais à frente e avistei Romeu brincando com Chase.

— As mulheres ainda estão lá em casa? — perguntei ao meu pai.

— Sim, mas já estão todas prontas. Assim que a Maria Eduarda terminar de amamentar, elas virão para entrarmos.

— Entendi.

— Está nervoso, meu filho?

— Não sei explicar o que estou sentindo, pai. Só sinto que a Duda é a mulher da minha vida e demorei demais para tomar essa

atitude — respondi, e meu pai tocou meu ombro em sinal de apoio.

Sim, eu estava nervoso. Aquele era, sem dúvidas, um dos dias mais importantes e felizes da minha vida.



Maria Eduarda

Eu estava muito nervosa quando terminei de amamentar minhas filhas. Entreguei-as aos cuidados de Melissa e Elisabete, e elas foram se organizar para a entrada do casamento. A cerimonialista pediu que eu esperasse ali e, na hora certa, ela voltaria para me buscar.

Eu senti uma vontade enorme de chorar, pois queria muito que minha mãe estivesse ali comigo. Na verdade, eu queria que tudo fosse diferente. *Se meu irmão não tivesse morrido, talvez ele quisesse me levar ao altar.*

Distraída com meus pensamentos, demorei a perceber quando a cerimonialista chegou para me chamar.

— Está na hora, Maria Eduarda.

Enquanto eu caminhava para o altar — sozinha por opção minha — um mix da marcha nupcial com *All of me* começou a tocar. Fazendo um esforço imenso para não chorar, eu me aproximei, passo a passo, do altar.

Quando finalmente consegui olhar para a frente, vi Raphael em pé no altar me esperando e meu mundo parou. Ele estava lindo, perfeito como sempre. Olhei em seus olhos e busquei a calma que eu precisava, porque aquele homem me trazia paz. Então, sem me importar com mais ninguém à volta, andei decidida até ele.

Raphael não esperou que eu chegasse até ele, porque nós realmente não ligávamos para os costumes. Ele deixou o altar e veio me buscar com um enorme sorriso, segurou minhas duas mãos e as beijou.

— Você está espetacular — ele falou olhando nos meus olhos.

— Você também está — respondi, sorrindo feito uma boba.

— Vamos? — ele disse, nos conduzindo até o altar.

Posicionamo-nos no altar, e o padre começou seu sermão.

— Bom dia a todos! Estamos aqui reunidos para celebrar a união deste jovem casal, Raphael e Maria Eduarda. Existe uma crença japonesa chamada *Akai Ito*, que diz que um fio vermelho invisível une as almas gêmeas, e que ele pode se embaraçar ou distanciar, mas nunca se romper. Maria Eduarda e Raphael estiveram separados por um longo tempo antes de, finalmente, se conhecerem, mas um dia esse fio os uniu e desse amor foram geradas duas vidas, no milagre da criação. Raphaela e Sophia são os frutos desse amor que hoje celebramos.

Nós olhamos para nossas filhas, que estavam no carrinho perto dos avós, e sorrimos.

— Estamos aqui para receber as bênçãos de Deus para esta família e unir esses dois jovens em matrimônio — o padre falou. — Raphael e Maria Eduarda, é de livre e espontânea vontade que o fazes?

— Sim — respondemos juntos.

— Assim sendo, por favor, dêem as mãos e preparem-se para dar e receber os votos de amor, que estão entre os maiores presentes da vida.

Nessa hora, começou a tocar a música *Always* do Bon Jovi, minha favorita. Noah entrou andando, e Raphaela e Sophia foram empurradas no carrinho pela cerimonialista para levar as alianças. Foi lindo!

Foi impossível conter a emoção no momento em que eles foram até nós e entregaram as alianças para o Raphael.

O padre mandou que estendêssemos as mãos sobrepostas, benzeu as alianças e conduziu o restante da cerimônia.

— Raphael, repita comigo — o padre orientou. — Maria Eduarda, receba esta aliança como sinal de que a escolhi como minha esposa e minha melhor amiga.

Ele repetiu as palavras do padre olhando nos meus olhos e acrescentou:

— E saiba que eu te amo.

Eu vi os olhos dele brilharem. Ele colocou a aliança no meu dedo e beijou a minha mão com carinho. Então, foi a minha vez.

— Raphael, receba esta aliança como sinal de que eu o escolhi como meu esposo e meu melhor amigo — repeti a orientação do padre e, em seguida, retribui a declaração. — Eu também te amo.

Mal consegui terminar de falar e já estava chorando. Coloquei a aliança no dedo dele tremendo, e ele sorriu lindamente para mim.

— Pelo poder conferido a mim e diante de todos os seus familiares e testemunhas, eu vos declaro marido e mulher. Pode beijar a noiva.

Raphael me beijou, apaixonadamente, e todos aplaudiram. Eu não conseguia parar de sorrir.



Ao final da cerimônia, iniciamos uma pequena comemoração. Além da família mais chegada, estavam presentes a família de Romeu, a mãe de Amanda e a dona Pérola, tia do Matheo.

Depois de recebermos os cumprimentos, chegou a hora da nossa primeira dança. A música foi escolhida pelo Rapha e ele disse que, no nosso casamento, não teriam músicas melosas e tristes.

— Essa música é a nossa cara e eu a dedico a você, Maria Eduarda — Raphael falou e beijou, delicadamente, os meus lábios.

Eu não fazia ideia de qual era a canção, até começar a tocar *Can't take my eyes off you*:

*Você é boa demais para ser verdade
Não consigo tirar meus olhos de você
Tocar você seria o paraíso
Quero tanto te abraçar
Até que enfim o amor chegou
E agradeço a Deus por estar vivo*

Rapha segurou minha mão e nos levou para o meio da pista de dança. Eu não parei de sorrir um só minuto enquanto nossos

corpos se balançavam, e ele também sorria e cantava junto com a música, olhando para mim. Foi um momento perfeito. Nós dançamos animados nas partes mais agitadas da música. Ele me girava por toda a pista de dança, depois me puxava para perto, colando nossos corpos e nos balançando junto com a música. Raphael dançava muito bem.

Nossa família sorria nos admirando. Até meu sogro sorria, contemplando a nossa animação. Lorenzo e Romeu assobiavam, e todos batiam palmas. Depois do nascimento das minhas filhas e do dia que elas chegaram em casa, esse era, sem dúvida, o dia mais feliz da minha vida.



A festa terminou de madrugada, com Raphael e todos os outros homens meio bêbados. Minha sogra fez questão de ficar com as meninas para Raphael e eu termos privacidade na nossa noite de núpcias, então eu tirei leite do meu peito com a bombinha e, com o coração apertado, permiti que elas fossem.

Quando chegamos em casa, fomos tomar banho juntos. Eu saí primeiro do banheiro, pois queria me preparar para ele. Ao chegar no *closet*, eu vi meu celular, que tinha ficado abandonado desde cedo, piscando com mensagens. Dei uma rápida olhada e me deparei com dezenas de mensagens da Manu, mas depois eu responderia. O que chamou mesmo minha atenção foi uma mensagem de um número desconhecido.

Você estava encantadora vestida de noiva, a mais bonita que já vi. Gostaria de poder te cumprimentar, mas só pude ver de longe. Não tenha medo de mim porque eu não quero te machucar, muito pelo contrário, em breve você saberá quem eu sou. Para o bem de todos, não conte nada ao seu marido.

Capítulo 28

Maria Eduarda

Fiquei olhando meu celular, sem reação. Quando tudo parecia ficar em paz, apareceu alguém para perturbar minha vida. *Quem será que está por trás dessas mensagens?* Muitas vezes eu quis contar ao Raphael o que estava acontecendo, mas eu tinha medo de que ele se envolvesse em uma situação de perigo por causa disso. *Não sei o que fazer, estou perdida. Será que é David tentando me atrair até ele?*

— Maria Eduarda, onde você está? — Ouço Raphael me chamar e jogo o celular entre algumas roupas.

— Espera um minuto, estou indo.

Antes que ele viesse atrás de mim, passei hidratante no corpo e vesti a *lingerie* que comprei especialmente para aquele dia. Era um conjunto de sutiã, calcinha e meia calça-branca com liga e renda; e o conjunto era acompanhado de uma delicada tiara branca, dando um ar de ninfeta sexy.

Vesti tudo e me olhei no espelho. Nada mal! Sorri satisfeita com o resultado e saí do *closet* cheia de planos. Quando cheguei no quarto, Raphael estava sentado na cama, olhando o celular dele enquanto tomava alguma bebida. Ele levou o copo aos lábios mais uma vez e, quando levantou os olhos, percebi seu choque ao me olhar.

— Caralho! Parafraseando a música do nosso casamento: Você é boa demais para ser verdade, não consigo parar de olhar para você... Eu realmente não consigo agora.

Eu sorri e caminhei em sua direção. Ele colocou o celular e o copo em cima da mesinha de cabeceira e sussurrou enquanto me olhava.

— Deliciosa!

Senti minha vagina latejar ao ouvir essa palavra. *Não sei que atração louca é essa que sinto pelo Raphael, basta ele me olhar que eu fico quente e ofegante.*

Parei no meio de suas pernas e suas mãos grandes foram diretamente para minha bunda, amassando-a e me puxando para ele. Raphael subiu uma das mãos, tirou meus seios do sutiã, e eu senti sua boca, ainda gelada pela bebida, e me arrepiei toda. Ele chupou meus seios com voracidade e eu arqueei meu corpo, oferecendo-me mais para ele, totalmente sem pudor.

Não consegui conter os gemidos, e ele gemeu também. Em um movimento rápido, Raphael segurou na minha cintura e me jogou deitada na cama. Ele afastou minhas pernas com o joelho e se encaixou em mim. Eu senti seu membro rígido contra meu estômago e ansiei por tê-lo dentro de mim. Gemi enlouquecida com a sensação e, no mesmo instante, ele enterrou um dedo em mim. Eu gritei de prazer.

— Tão quente e apertada... Porra, eu quero muito você.

Rapha enterrou mais um dedo em mim e, com o polegar, esfregou meu clitóris já sensível, era o paraíso. Em segundos eu gozei, gemi e me arqueei. Ele tirou os dedos de mim e, antes que eu tivesse tempo de me recuperar do orgasmo recente, ele me chupou e me lambeu. Meu corpo todo tremeu com a sensação.

Ele afastou mais minhas pernas, deixando-me completamente arreganhada para ele, e quando eu estava prestes a gozar novamente, ele levantou o corpo e se posicionou. Senti a cabeça de seu pênis passando pela minha fenda e ofeguei de prazer. Raphael me penetrou lentamente, depois ficou uns segundos parado, mas logo começou a entrar e sair.

Seus movimentos aceleraram, e eu senti que ia gozar outra vez quando ele bateu num ponto sensível, num lugar que ele sempre encontrava tão facilmente. Explodi em um orgasmo enquanto ele investia, sem dó, em mim. *Eu adoro essa fome e essa ânsia que nós compartilhamos.*

Ele continuou com seus movimentos, cada vez mais rápidos e necessários, e de repente ele me virou de costas para me penetrar

por trás. Meu nível de excitação se elevou quando ele deu um tapa na minha bunda enquanto metia em mim. Raphael pegou um punhado do meu cabelo, colocou-o para o lado para beijar e morder meu pescoço e, um tempinho depois, gozou forte dentro de mim, fazendo com que eu me sentisse dele, só dele.

Caímos exaustos na cama e ele me puxou para os seus braços. Deitei no peito dele e me senti em paz, tão protegida que ali mesmo eu dormi.



Acordei assustada e olhei o relógio, já passavam das 10h da manhã. *Meu Deus, minhas filhas!*

Levantei rápido e fui tomar banho. Assim que entrei embaixo do chuveiro, Raphael abriu a porta com a cara toda amarrotada de sono.

— Por que você levantou às pressas, Maria Eduarda?

— Já viu a hora? As meninas precisam de mim. Meus seios estão inchados e vazando, elas devem estar com fome.

— Você deixou muitas mamadeiras cheias com a minha mãe, não é possível que elas já beberam tudo.

— Não sei, Raphael. Elas são gulosas iguais a você, então não quero arriscar.

— Você está certa, nada substitui seus peitos. Vamos tomar banho e ir lá verificar.

Raphael entrou no box, abraçou-me por trás, e eu senti seu pênis duro encostar na minha bunda.

— Agora não, Raphael. Temos que ir ver as meninas.

— Eu não falei nada.

— Mas me cutucou, sonso.

— Ele tem vontade própria — Rapha falou, caiu na gargalhada e eu também.



Raphael

Entramos na casa da minha mãe e, a princípio, não vimos ninguém.

— Mãe — chamei.

— Oi, filho, estamos aqui.

Seguimos a voz e encontramos minha mãe com as netas no quarto dela.

— O papai chegou! — falei com minhas filhas, e elas automaticamente sorriram para mim.

— Elas deram muito trabalho, Melissa? — Maria Eduarda perguntou.

— Nenhum. Elas são tão boazinhas — minha mãe respondeu, toda derretida.

— Puxaram a mim nisso aí. Maria Eduarda provavelmente era uma pestinha quando era bebê — falei rindo e levei um tapa no braço.

— Pois saiba que eu era um bebê muito comportado.

Eu achei graça da forma como ela falou e dei um beijo em sua bochecha.

— Cadê meu pai?

— Está lá fora com seus avós e a tia Pérola.

— Eu vou lá falar com eles.

Deixei Maria Eduarda com minha mãe e fui até a área externa da casa.



Maria Eduarda

Quando terminei de amamentar minhas filhas, coloquei-as no carrinho e fui com elas e minha sogra para a área externa procurar Raphael. Quando chegamos lá, eles estavam conversando. Parei o carrinho perto deles, Patrícia logo pegou Sophia no colo e Romero pegou Raphaela.

Eles estavam encantados com as bisnetas. Quando elas tiveram alta do hospital, Elisabete e Bernardo vieram conhecê-las, mas Patrícia e Romero só puderam vir agora para o casamento.

— Olha, Pérola, como elas são lindas. Elas têm os olhos do Rapha — Patrícia falou animada com a irmã.

Eu mal vi a dona Pérola no casamento. Nós fomos apresentadas um pouco antes da cerimônia, mas não trocamos nem duas palavras. Ainda assim, observei que ela tinha sempre um semblante triste e era muito calada.

— Posso segurá-la um pouquinho? Será que ela vai me estranhar? — Pérola me pediu enquanto olhava, toda derretida, para as meninas.

— Claro, pode pegar, Raphaela não estranha ninguém.

Pérola pegou minha filha no colo, ficou olhando encantada e brincou com ela. Raphaela era um bebê muito simpático e se derreteu em sorrisos para a tia-avó.

Olhei para o Raphael, e ele também olhava a cena, mas parecia incomodado. Ele havia mencionado que, às vezes, sentia que a tia Pérola tinha uma mágoa de todos os homens da família, já que o filho dela, Lucca, foi morto pelas mãos de Enzo depois de sequestrar e quase estuprar a Lili. Eu entendia os motivos que levaram Enzo a fazer o que fez, mas como mãe também entendia a dor dessa mulher. Por pior que o filho dela fosse, era quase impossível superar.

Depois de algum tempo, todos os outros chegaram e a família almoçou em um clima tranquilo.



Raphael

Segunda-feira chegou e eu voltei ao trabalho, pois não teríamos lua de mel até que eu tivesse certeza de que minha família estava protegida. À noite, fui para casa de cabeça quente, porque o dia não foi fácil.

Assim que entrei em casa, Tobias veio correndo me receber, e eu fiz um carinho na cabeça dele. Subi atrás da Maria Eduarda, e ele veio atrás de mim. Encontrei a Duda no nosso quarto com as meninas, as três estavam dormindo, então encostei-me na parede e fiquei observando-as.

Ser pai trouxe sentimentos novos e muito exclusivos para mim, um deles foi que o mundo podia estar explodindo lá fora, mas quando eu chegava em casa e olhava para elas, eu sentia uma paz que jamais experimentei, junto com tantas novas vontades, como a de querer dividir a cama e fazer sexo somente com uma mulher para toda a vida, e acordar de madrugada ao escutar minhas filhas chorando querendo mamar.

Sempre me levantei primeiro para deixar Eduarda descansar, já que era ela quem cuidava das nossas filhas o dia inteiro. Eu amava pegá-las nos braços e levá-las para o banho, amava ver os sorrisos infantis sem dentes ou vê-las segurando os próprios pezinhos para satisfazer sua curiosidade. *Enfim, eu amo ser pai.*

Eu não poderia explicar o tamanho do arrependimento que ainda sentia ao me lembrar de que sugeri que Eduarda abortasse, pois foi um pedido egoísta e sem cabimento. E a cada vez que olhava para aquelas duas pequenas criaturas, pensava que a melhor forma de contornar a besteira que fiz no começo de minha história com as mulheres da minha vida era amando-as incondicionalmente.

O meu amor por elas não caberia em palavras, mesmo quando Eduarda ficava de TPM e fazia birra comigo ou afastava Taylor e os outros dois soldados somente com um olhar irritado. Naqueles dias, eu a mimava ainda mais.

Desencostei da parede, sentindo-me feliz, porém cansado do dia cheio. Peguei Sophia com cuidado e a coloquei no berço, em seguida peguei Raphaela e ela sorriu ainda dormindo e segurou na minha camisa. Coloquei-a no seu berço, beijei sua testa e a cobri, assim como fiz com Sophia.

Desci para comer um sanduíche, depois tomei um banho quente e rápido antes de deitar ao lado da Eduarda.

— Raphael — ela murmurou sonolenta.

— Estou aqui, amor — digo e puxo-a para meus braços.

— As meninas? — ela perguntou vendo que elas não estavam na cama.

— Coloquei-as no berço.

Na mesma forma repentina como Duda acordou, ela voltou a dormir. Eu suspirei, beijei sua cabeça e fechei os olhos para tentar descansar também.



Maria Eduarda

Olhei a tela do meu celular e vi um número que eu já conhecia bem. "Logan" piscava na tela — era assim que ele dizia se chamar. Tocou até cair na caixa postal, não atendi, mas não era como se ele fosse desistir, afinal ele nunca desistia. Durante aquele mês, ele me mandou inúmeras mensagens e me ligou algumas vezes, sempre dizendo as mesmas coisas: *"Precisamos conversar pessoalmente"*, *"Seu marido não está sendo honesto com você"*, *"Eu não quero te fazer nenhum mal, só estou pensando no seu bem"* e *"Eu tenho muito a lhe dizer, apenas confie em mim."*

Eu já estava farta de tudo isso. Estava curiosa, claro, mas também estava sensível, emotiva e cansada dessa falta de sossego, de todo esse joguinho.

O telefone parou de tocar pela terceira vez e apareceu uma mensagem na tela:

O tempo está se esgotando. Eu preciso que você me ouça, é muito importante e para o seu bem. Diga que sim, e eu digo o local e o horário.

O telefone voltou a tocar na minha mão e, dessa vez, eu atendi.

— O que você quer de mim? Para de me importunar.

— *É muito importante. A sua vida, a vida das suas filhas e até a do seu marido estão em jogo.*

— Eu nem te conheço, por que devo acreditar que você quer nos ajudar?

— *Eu não estou interessado em ajudar seu marido, mas você.*

— Se você é inimigo do Raphael, você é meu inimigo também. Eu amo meu marido e qualquer coisa que você faça contra ele vai me ferir.

— *Maria Eduarda, eu só preciso de uma oportunidade. Não vou fazer mal a você, se eu quisesse já teria feito.*

— Eu vou pensar.

— *Pense, mas não demore. Eu vou te mandar uma mensagem com o dia e a hora.*

Eu não respondi, apenas desliguei. Meu coração estava acelerado, minha respiração ofegante e minhas mãos tremiam. Era sempre assim quando eu falava com ele, sentia tudo bagunçar na minha vida.

Eu ainda estava olhando para o celular quando escutei o chorinho dengoso de Sophia pela babá eletrônica. Larguei o telefone e fui ao encontro das minhas filhas — Sophia e Raphaela já tinham três meses e já estavam dormindo no quarto delas.

Entrei no quarto e assim que Sophia me viu, parou de chorar. Raphaela também estava acordada, mas continuou quietinha. Olhei o relógio e vi que já estava quase na hora do pai delas chegar.

— Oi, amor da mamãe. Por que você está chorando?

Minha filha passou do beicinho para um sorriso enorme e sem dentes. Peguei-a no colo, dei um cheiro em sua cabecinha e sentei na cadeira de amamentar que tinha no quarto delas. Assim que Sophia ficou satisfeita, coloquei-a para arrotar e repeti todo o processo com Raphaela.

Eu estava colocando Raphaela no berço junto com a irmã quando Rapha chegou, e bastou elas verem o pai para começar a fazer festa, sorrir e levantar a barriguinha querendo que ele as pegasse. Era sempre assim quando ele chegava em casa.

— Papai chegou, princesas! — ele falou animado.

— Elas estavam calminhas, foi só você chegar e começou a agitação.

— Elas amam o papai! Vou tomar banho e já volto para pegá-las.

Ele jogou beijos para elas, me deu um selinho e saiu do quarto. Com muito sacrifício, eu peguei as duas no colo — era difícil para mim segurá-las juntas —, mas levei-as para nosso quarto e deitamos na cama para esperar o Rapha.

Quando ele saiu do banho, deitou na cama para dar atenção às filhas e, enquanto isso, eu desci para ver se o jantar já estava pronto. Nós estávamos com uma cozinheira nova que minha sogra tinha contratado. Ela era ótima e eu gostei dela logo de cara, pois além de cozinhar muito bem, era muito educada.

Ajudei-a com os últimos detalhes do jantar e chamei Raphael para comermos.



Uma semana depois, enquanto conversava com Manu pelo celular, recebi uma mensagem com o endereço de um hotel. Logan havia marcado o encontro para a próxima sexta-feira à tarde. Eu não respondi a mensagem, mas ele continuou dizendo que, no dia e hora marcados, estaria lá à minha espera e que era importante eu não contar nada ao Raphael.

Passei a semana aflita. Uma parte de mim queria muito ir a esse encontro, mas a outra parte queria correr para bem longe. Eu não sabia que tipo de homem eu iria encontrar, então era um grande risco, mas essa história toda tinha que terminar e minha ideia era propor algum acordo para ele me deixar em paz.

No dia marcado, ainda pela manhã, eu recebi outra mensagem.

O que você disse ao seu marido?

Dessa vez eu respondi:

Disse que tinha uma consulta médica. Meu segurança pessoal vai me levar ao hospital e de lá eu vou dar um jeito de chegar até você.

Ótimo, estarei te esperando.

Não nos falamos mais até a hora combinada.



Logan marcou às 15h e, pontualmente nesse horário, eu estava em frente à porta do quarto em que ele estava hospedado, num hotel luxuoso da Itália. Meu coração batia mil vezes por minuto, meu estômago estava agitado e minhas mãos suavam e tremiam.

Respirei fundo e bati à porta, em poucos segundos um homem a abriu e, ao me ver, abriu um enorme sorriso.

— Maria Eduarda, é um enorme prazer te conhecer pessoalmente — ele disse.

Entretanto, segundos depois, seu sorriso murchou e deu lugar a um olhar mortal que fez meu corpo inteiro se arrepiar.

Capítulo 29

Raphael

— Maria Eduarda, é um enorme prazer te conhecer pessoalmente — ele falou, sorrindo para minha mulher.

— O prazer é todo meu, Inácio — respondi, apontando a arma para ele.

A expressão daquele bastardo mudou em uma fração de segundos quando eu apareci em seu campo de visão. Ele estava todo derretido com a minha mulher, mas ficou surpreso ao me ver. Ele podia até esperar que Maria Eduarda fosse burra o suficiente para ir ao encontro de um estranho sem me dizer nada, mas sendo um mafioso, foi ingênuo ao pensar que ela conseguiria driblar nossa segurança.

Imediatamente, quatro dos meus soldados surgiram atrás de mim, e Maria Eduarda que estava ao meu lado, ficou ainda mais tensa, como se não conseguisse respirar.

— Onde estão meus seguranças? Eles estavam aqui na porta — ele perguntou.

— Não se preocupe, eles foram dar uma voltinha, mas não vão morrer, aliás, isso vai depender de você — falei, encarando-o com desdém. — Onde está sua educação, não vai convidar sua irmã e seu cunhado para entrarem?

Ele engoliu em seco e, em seguida, abriu mais a porta e deu passagem para entrarmos. mas antes dei a ordem aos soldados.

— Revistem tudo e certifiquem-se de que não há câmeras, escutas ou armas escondidas — ordenei aos meus soldados. — Comecem por ele.

Os soldados revistaram Inácio e encontraram uma arma e uma faca, em seguida vasculharam minuciosamente o quarto. Apenas quando me deram certeza de que não havia mais nada, eu entrei com Maria Eduarda.



Um mês antes

Assim que cheguei na empresa, fui convocado para uma reunião.

— Pela cara de vocês, imagino que tenham descoberto algo muito importante.

— Nós identificamos o homem com quem David estava conversando na Suécia — Pietro falou.

— O tal do Logan?

— Ele não se chama Logan, na certidão de nascimento seu nome é Inácio Smith.

— O quê? Que porra é essa?! — exclamei.

— É isso mesmo Raphael, esse homem é o irmão “morto” da Maria Eduarda — meu pai respondeu.

— Mas como...?

Minha cabeça deu mil voltas tentando entender aquela informação.

— Isso foi o que o pai dele quis que todos pensassem. Ele o escondeu, mas o garoto acabou parando na mão da máfia russa depois que o pai morreu, onde o transformaram em um executor. Ele nunca teve vínculo permanente, sempre foi livre para ir embora quando quisesse, mas nunca pensou em sair de lá até que soube, por David, que tinha uma irmã.

— Inácio veio para a Itália em busca da Maria Eduarda. Ele está aqui, Raphael — meu pai falou.

Quando ouvi meu pai falar isso, meu sangue gelou. O fato de ele ser irmão da Eduarda não significava nada para mim, principalmente depois de descobrir esse fato através de um dos nossos inimigos.

— Ele não vai chegar perto da Maria Eduarda! — falei, levantando da cadeira. — Eu não vou deixar, porque não sei o que exatamente ele quer com ela.

— Logo logo nós iremos descobrir. O exame de DNA da sua esposa fica pronto até o final do mês, as duas amostras de cabelo já estão sendo analisadas.

Eu tinha pegado alguns fios de cabelo da Eduarda — na escova dela — e entregado ao meu pai para que o exame fosse feito; meu pai se encarregou de obter o material genético do suposto pai dela.

— Eu preciso preparar a Maria Eduarda para todas essas descobertas, não vai ser fácil para ela.

— Converse com ela hoje, Raphael. Conte pelo menos sobre o Inácio. Sobre a paternidade, podemos esperar o resultado do DNA.

— Eu vou conversar com ela. E quanto ao Inácio, coloque alguém vigiando-o 24h por dia, eu quero saber todos os passos dele.

— Eu já fiz isso — Pietro falou e eu assenti.



Naquela noite, cheguei em casa decidido a ter uma conversa séria com a Maria Eduarda, no entanto fui pego de surpresa ao encontrá-la na sala, esperando-me com o semblante misterioso.

— Raphael, eu quero te contar uma coisa, mas preciso que você me prometa que não vai ficar nervoso.

— Onde estão as meninas? O que aconteceu?

— Calma, não foi nada com elas.

— Onde elas estão?

— No quarto, dormindo — ela falou e levantou a babá eletrônica para eu ver.

— Você me assustou! — eu disse. — Pode falar.

— Vá tomar banho primeiro.

— Quero saber agora, Maria Eduarda. Não me esconda nada, você não precisa ter medo de falar comigo.

— Eu sei, só tenho medo de que você se machuque.

— Eu já sou grandinho e sei me cuidar, então, por favor, conte logo o que você tem para contar.

— Eu tenho recebido ligações e mensagens de um desconhecido.

— O quê? Como assim, o que ele quer com você? — Naquele momento eu entendi porque ela queria que eu promettesse não ficar nervoso.

— Calma, não é nada de tão preocupante. Ele disse que era um amigo e que tinha coisas a me dizer, inclusive sobre a minha mãe. No dia do nosso casamento, ele mandou essa mensagem — ela falou e me entregou o celular.

Você estava encantadora vestida de noiva, a mais bonita que já vi. Gostaria de poder te cumprimentar, mas só pude ver de longe. Não tenha medo de mim porque eu não quero te machucar, muito pelo contrário, em breve você saberá quem eu sou. Para o bem de todos, não conte nada ao seu marido.

Quando terminei de ler a mensagem, meu sangue ferveu de ódio. O filho da puta foi rápido. *Miserável! Se ele encostar um dedo na minha mulher, eu acabo com ele.*

— Raphael, fala alguma coisa — ela disse com os olhos arregalados e uma expressão tensa.

— Eu já sei quem está te mandando essas mensagens.

— O quê?

— Fique calma, eu vou te contar tudo — falei. — Vamos nos sentar.

Levei-a para o sofá e nos sentamos de frente um para o outro.

— Hoje, na empresa, meu irmão convocou uma reunião para me contar que descobriu algumas coisas. Há meses nós estamos atrás do David e, depois de muitas investigações, descobrimos que ele estava na Suécia, se encontrando com um membro da máfia russa conhecido como Logan. Nós trabalhamos para desvendar a identidade desse tal "Logan" e qual poderia ser o assunto entre eles.

Parei de falar e olhei para Eduarda. Eu sabia que aquela revelação a deixaria muito abalada, mas era inevitável contar toda a verdade.

— Raphael, você está me deixando mais nervosa. Fala logo! Quem é esse cara?

— O nome verdadeiro dele é Inácio Smith, seu irmão gêmeo, Duda. Ele não está morto como pensávamos.

— Como assim, não está morto? — Maria Eduarda perguntou, ficando de pé rapidamente.

— Seu pai o levou quando ainda era bebê e fez com que todos pensassem que ele estava morto, mas ele está bem vivo e faz parte da máfia russa.

— Você está dizendo que eu tenho um irmão mafioso?

— Sim, exatamente isso.

Ela me olhou pálida. Com medo de ela desmaiar, aproximei-me e a abracei. Ela correspondeu o abraço, mas estava em choque.

— Calma, respira...

— Eu não consigo — ela respondeu em um fio de voz.

— Consegue sim. Vem cá, você está tendo um ataque de pânico.

Sentei-a novamente no sofá e segurei suas mãos.

— Olha para mim. Está tudo bem, eu estou aqui. Respira bem fundo e solta o ar devagar.

Ela fechou os olhos e fez o que eu falei.

— Isso. Mais uma vez, inspira e expira...

As mãos dela ainda tremiam muito, mas aos poucos, ela foi se acalmando.

— Eu vou pegar um copo com água para você. Espera só um minuto, eu já volto.

Ela assentiu e eu fui rápido à cozinha e voltei. Entreguei a água e enquanto ela bebia, sentei novamente à sua frente e segurei suas mãos que já tremiam menos.

— Está se sentindo melhor?

— Estou, obrigada. Você já teve um ataque de pânico?

— Eu tive alguns e Pietro me ensinou esse exercício com a respiração. Sempre funciona.

— Não achei que mafiosos também entrassem em pânico.

— Nós também somos humanos, Duda. Quando somos iniciados na máfia, é difícil, então...

Ela respirou fundo, fechou os olhos por alguns segundos e depois voltou a me olhar.

— Raphael, se esse Logan é meu irmão e é um mafioso, então... meu pai é um mafioso?

— Sim. Nós estamos esperando o resultado do exame de DNA para ter certeza de quem é seu pai.

— Vocês fizeram DNA?

— Sim, peguei alguns fios de cabelo da sua escova e entreguei para comparar com o material genético do homem que suspeitamos. Desculpa não ter te falado nada antes, mas eu só queria fazê-lo quando tivesse certeza.

— Mas vocês o conhecem?

— Sim.

— Ele... Ele está vivo?

— Vamos pegar o resultado do exame e confrontar com nossas suspeitas, depois prometo te contar tudo.

— Meu Deus, eu não posso acreditar nisso. As histórias se repetem, afinal minha mãe também se apaixonou por um mafioso. Seria cômico se não fosse trágico. Meu destino sempre esteve ligado à máfia e eu te julguei tanto no início, Rapha — ela falou triste, enquanto uma lágrima deslizou em seu rosto, e eu a sequei com o dedo.

— Pessoas ligadas pelo destino sempre se encontrarão. Você nasceu para ser minha mulher, mãe dos meus filhos, a mulher que eu vou amar e adorar para sempre. Tinha que ser assim, cedo ou tarde você entraria na minha vida, hoje eu sei.

Ela me olhou e começou a chorar.

— Ei, não chora. Eu achei que você já tivesse compreendido a vida que eu levo. É tão ruim assim fazer parte do meu mundo?

— Não é isso, é que a cada dia que passa eu descobro que não sei quem eu sou. Minha vida toda é uma mentira. Antes éramos minha mãe e eu, pois meu pai tinha morrido vítima de um assassinato, aí eu descobro que tive um irmão que morreu no nascimento e agora fico sabendo que ele está vivo e é um mafioso. Como se fosse pouco, descobro que meu pai também era um mafioso... É muita coisa para assimilar!

Ela mal conseguia falar, então eu a segurei firme nos meus braços, e assim ela chorou até cansar. Eduarda soluçava e tremia... Deixei que ela chorasse até conseguir dissipar tudo de ruim que estava em seu peito e, depois, levei-a para tomarmos um banho juntos.

Cuidei dela até que, levada pela exaustão do choro, ela adormeceu agarrada ao meu pescoço. De madrugada, quando nossas filhas acordaram para mamar, eu as peguei e entreguei para Maria Eduarda, depois as fiz arrotar e as coloquei novamente no berço para dormir, enquanto Maria Eduarda já havia adormecido outra vez. Os momentos difíceis que ela passou com todas aquelas descobertas minaram todas as suas forças.

Na manhã seguinte, eu acordei e não fui trabalhar. Não sabia como Maria Eduarda acordaria e não queria deixá-la sozinha, então tomei banho, me vesti e fui para o escritório da minha casa para fazer uma videoconferência com todos. Contei a eles o que Eduarda me contou e, antes que eles falassem alguma coisa, escutei uma batida leve na porta e pedi para entrar. Maria Eduarda apareceu, tímida e ainda com os olhos inchados do choro da noite anterior.

— Vem aqui — falei e estiquei a mão.

Duda entrou e eu a puxei para sentar no meu colo. Ela não havia percebido que eu estava em uma chamada de vídeo, então, quando Romeu deu bom dia, cumprimentado-a, ela levou um susto e tentou se levantar, mas eu a segurei.

— Oi, bom dia! Desculpem, eu não sabia que vocês estavam em reunião — ela falou timidamente.

— Não tem problema, você está na sua casa — meu pai falou e ela assentiu.

— Nós estávamos falando da situação do seu irmão. Eu acabei de contar a eles sobre a ligação e a mensagem. — Deixei-a a par do que estávamos conversando.

— Raphael, eu acho que a Maria Eduarda deve continuar falando com ele, como se não soubesse de nada e, principalmente, como se nós não soubéssemos de nada. Enquanto isso nós ganhamos tempo para descobrir as intenções do David ao procurá-lo — Pietro falou e eu assenti.

— Eu acho uma boa. Na hora certa, Maria Eduarda pode aceitar o encontro com ele e nós vamos também para fazer uma surpresa — Romeu falou.

— Mas ele não pode desconfiar que o Raphael sabe de alguma coisa. Ele tem que achar que você está decidindo se o encontra ou não. Você acha que pode fazer isso, Maria Eduarda? — meu irmão perguntou.

— Vocês vão machucá-lo? — ela respondeu com outra pergunta.

Eu tomei a frente de Pietro e respondi, pois não queria preocupá-la.

— Amor, nós não sabemos quais são as intenções dele. Não é por ele ser seu irmão que ele é bom. Ele faz parte da máfia Russa, Eduarda, e os russos são nossos maiores inimigos. Mas não se preocupe, nós não faremos nada com ele sem saber sua verdadeira intenção.

— Tudo bem, então vocês prometem que não vão machucá-lo se ele realmente não quiser me machucar?

— Eu prometo que nós vamos avaliar tudo antes de tomar qualquer atitude contra ele. Nós também não sabemos se o David o envenenou contra nós.

— Vamos conversar com ele e falar que é tudo mentira do David...

— Não é tão simples assim, Eduarda, mas não se preocupe, eu prometo que vou descobrir tudo.

— Eu confio em você — ela falou, levantando do meu colo. — Eu vou cuidar das meninas, com licença.

Maria Eduarda saiu do escritório, encostou a porta e, logo em seguida, meu pai falou:

— Raphael, você precisa ficar atento. Agora que Eduarda sabe quem ele é, vai ficar mais sensível em relação a ele e pode querer encontrá-lo às escondidas. Sua mulher não conhece a máfia e pode achar que ele não oferece risco pelo grau de parentesco.

— Eu vou conversar com ela com mais calma, pai.

— Faça isso o quanto antes — meu pai me aconselhou.

Encerrei a conversa com eles e saí do escritório à procura da minha mulher. Ela estava no quarto das nossas filhas, preparando a Sophia para o banho.

— Bom dia, meu bebê! — falei primeiro com minha filha. — Vai tomar banho com a mamãe, hein?

Sophia sorriu para mim e eu dei um beijo no seu pezinho e me dirigi a Eduarda.

— Eu poderia pegar seu celular escondido e fazer o que tenho que fazer, mas não quero que seja assim, não quero mentir pra você, então vou ser honesto. Eu preciso do seu celular para o Francis, nosso técnico de TI, configurar para que eu também receba todas as suas ligações e mensagens.

— Por que isso? E a minha privacidade, Raphael?

— Eu só quero te proteger, Duda. Você tem alguma coisa para me esconder?

— Não, mas...

— Mas?

— Tudo bem. Está ali na mesinha, pode levar.

— Ótimo, mas antes vou te ajudar a dar banho nelas.

Depois do banho das meninas, liguei para Francis e pedi que ele fosse até minha casa. Ele atendeu ao meu pedido, fez o procedimento lá mesmo e, depois disso, eu fiquei mais tranquilo.

Os dias se passaram e as ligações e mensagens chegaram. Na primeira ligação, após Maria Eduarda saber de toda a verdade,

eu a senti apreensiva e um pouco emocionada. Temi que ela entregasse o jogo e deixasse suas emoções transparecerem, pois o cara poderia desconfiar, no entanto e para minha surpresa, ele aparentava também estar mexido com ela e isso, com certeza, alterava a percepção de ambos.

Eduarda falava firme com ele, mas eu sabia que era só fachada. Ela andava muito sensível e fazê-la passar por isso me incomodou muito, mas foi para o seu bem. Quando ele falava qualquer coisa sobre mim, ela me defendia com unhas e dentes, sempre deixando claro que me amava, e isso me deixou muito satisfeito.

Eu estava no escritório quando o telefone tocou, então ouvi a ligação enquanto saía em busca dela pela casa. Cheguei perto quando ela desligou a chamada, pálida.

— Você está bem? — perguntei.

— Estou, só fiquei um pouco nervosa.

— E um pouco emocionada, não é?! Eu senti na sua voz enquanto ouvia a ligação e também vi nos seus olhos quando cheguei aqui. Tive medo de que ele desconfiasse de alguma coisa.

— Eu fui mal, então?

Cheguei mais perto e a puxei para o meu peito, onde ela descansou. Beije a cabeça dela e a acalmei.

— Você foi muito bem. No início, ficou emocionada, mas depois seguiu firme. Estou muito orgulhoso de você, meu amor.

— Não fique, porque eu não estou orgulhosa de mim.

— Como assim?

— Eu estou manipulando alguém e, ainda por cima, ele é meu irmão.

— Eduarda, você está fazendo isso por um motivo justo. Não é porque vocês têm o mesmo sangue que ele vai ser bom para você. Já te falei que na máfia nem sempre o sangue conta.

— Eu sei, Raphael, mas ele é o único parente que me restou. Ele é meu irmão gêmeo.

— E eu sou seu marido, pai das suas filhas, o homem que mais te ama no mundo. Sou sua família também, Eduarda. Acredite em mim, estou apenas te protegendo, porque você é boa e inocente.

— Eu acredito em você. — Foi só o que ela disse, abraçando-me novamente.

Os dias foram passando e nós decidimos que, quando ele ligasse novamente, ela cederia ao pedido de vê-lo. Os planos para pegá-lo já estavam traçados, mas era claro que Maria Eduarda não se conformaria em esperar em casa.

— Eu vou com vocês — ela falou decidida.

— Já falei que você não vai.

— E eu já falei que vou! — ela repetiu, firme. — Eu fiz tudo o que vocês queriam, tenho o direito de ir.

— É muito perigoso, Maria Eduarda. Eu prometo que vou deixar você conhecer seu irmão, mas é muito arriscado agora. Primeiro eu preciso saber de tudo.

— Raphael, você vai estar comigo e vamos estar cercados por seguranças, nada vai acontecer, mas se eu ficar em casa, vou enlouquecer. Faça o que for necessário, coloque dez ou vinte seguranças conosco, mas não me prive de ir, por favor.

Eu suspirei, sabendo que não adiantava tentar convencê-la.

— Eu vou tentar. Verei como será o esquema de segurança e, se eu achar que é seguro, deixo você ir.

— Obrigada, meu amor. Obrigada! — ela falou, pulando no meu pescoço e me enchendo de beijos.

No dia seguinte, ficaríamos frente a frente com Inácio e saberíamos o que ele queria com minha esposa.



Momento atual

Entramos no quarto sob o olhar fulminante de Inácio. Os seguranças mantiveram suas armas apontadas diretamente para nosso anfitrião, enquanto nós sentamos em um sofá grande e luxuoso; meu cunhado sentou em uma cadeira à nossa frente.

— Você contou para ele? Eu disse para não contar — Inácio falou, olhando para Maria Eduarda. Ele não estava com raiva, mas parecia chateado.

— Não ouse questioná-la — respondi antes dela. — Eu sou o marido da Eduarda, e ela sabe que deve me contar tudo porque minha missão nessa vida é proteger ela e minhas filhas do mundo, e isso inclui você.

— E você, cunhadinho, será que conta tudo para ela?

— Eu a amo, protejo e sou completamente honesto com ela. Você deveria saber que não conseguiria tirar minha mulher de casa sem que eu soubesse.

— Uma hora essa brincadeira de ser deus do mundo vai acabar, e eu estarei lá para ver a derrota de todos vocês, Esposito — ele falou, mostrando todo seu ódio.

— Você está ameaçando a minha família? — Maria Eduarda perguntou, mostrando uma firmeza que, naquele momento, eu sabia que ela não tinha.

— Eu também sou sua família. Sou seu irmão. Sou tudo o que te resta.

— Não! Raphael é meu marido e nós temos duas filhas, *e/les* são minha família — ela respondeu um pouco alterada. — Eu agora também sou uma Esposito.

Eu fiquei orgulhoso da minha mulher ao ouvir aquilo.

— Se você soubesse tudo o que eles já fizeram e são capazes de fazer, você não pensaria assim.

— Não seja tão idiota de tentar colocar minha mulher contra mim — falei. — Eu só quero saber o que você e David estão

planejando. Por que ele foi atrás de você e o que ele pretende fazer?

— Eu acho que você já sabe a resposta — ele respondeu, seco.

— Não testa a minha paciência, porra!

— A Maria Eduarda sabe de absolutamente toda a verdade, cunhado? — ele me perguntou, sarcástico. — Você já contou a ela quem era o nosso pai?

Filho da puta! Ele está tentando colocá-la contra mim! Eu não havia contado nada, porque o exame de DNA só ficaria pronto no dia seguinte, e eu queria ter certeza antes de falar.

— Não falou, não é? Eu sabia! — ele disse rindo, e eu me levantei perdendo o controle.

— Raphael, o que está acontecendo? Quem é meu pai? — Eduarda perguntou e puxou meu braço, aflita.

Não tinha mais jeito, eu teria que falar a verdade a ela.

Capítulo 30

Raphael

— Maria Eduarda, eu não queria te contar assim. Eu ainda não tenho certeza absoluta, porque o resultado do exame de DNA só sai amanhã.

— Não precisa de DNA, nós dois sabemos disso! — O babaca do Inácio se meteu na conversa, deixando-me mais irritado.

— Cala a boca, caralho! Essa conversa é entre minha esposa e eu.

— Não! Cala a boca você, seu merdinha. Você teve todas as oportunidades de contar e não fez. Além disso, trata-se da minha vida também, então é um assunto que me diz respeito.

— Inácio, se você não calar a porra dessa boca agora, eu mesmo vou calar — falei entredentes.

— Fale isso quando eu não tiver três armas apontadas para minha cabeça.

— Você é muito corajoso em tirar o pouco de paciência que eu tenho — falei, encarando-o.

Eu sabia que só não tinha perdido o controle por causa da Eduarda.

— Raphael, você pode me falar agora? Eu quero saber por você — Maria Eduarda falou, puxando-me mais uma vez para sentar ao lado dela.

— Você lembra do primo do meu pai, aquele que eu te contei que fez todas aquelas coisas no passado contra a minha mãe e a tia Lili?

— Sim, o que tem ele?

— Nós achamos que ele é o seu pai.

— Ele é o pai dela. Ele é o pai que sua família tirou de nós. Não tem achismo, é ele e ponto — Inácio novamente se meteu —

Como assim? Meu pai se chamava Inácio, como ele — ela falou, ficando de pé e apontando para o babaca do irmão.

— Seu pai se chamava Lucca Inácio Esposito — eu esclareci.

— Não, não não... Eu não posso acreditar. Meu Deus, essa história só piora. Eu sou filha de um estuprador — Maria Eduarda falou, totalmente chocada.

Ela caiu de joelhos no chão, chorando compulsivamente. Eu a levantei e puxei seu corpo para um abraço. Inácio fez menção de se aproximar, mas os seguranças não deixaram.

— Maria Eduarda, a história não é bem assim. Tem muita coisa que você não sabe, porque só conhece um lado da história — Inácio falou.

— E você só sabe a versão que o David te contou. Aquele bastardo nos odeia e odeia seu pai, seu babaca. Ele está te usando porque, com certeza, também odeia você.

— Você acha que eu sou algum idiota, Raphael?

— Acho, mas realmente espero estar enganado. Estou aqui justamente para saber que tipo de acordo vocês fizeram.

Maria Eduarda levantou a cabeça do meu peito, secou as lágrimas do rosto e olhou para o irmão.

— Em primeiro lugar, pare de tentar me colocar contra o meu marido, porque isso não vai acontecer — ela falou, indo na direção dele com o dedo em riste. —. Eu confio plenamente no Raphael, sei que ele me ama e quer o melhor para mim. Não sei qual a sua intenção em me procurar, mas se você veio para me machucar física ou emocionalmente, o Raphael vai te matar e eu vou deixar.

Nessa hora, senti vontade de rir, mas eu me segurei. Maria Eduarda não parava de me surpreender e me deixar cada dia mais orgulhoso.

— Eu não quero machucar você, muito pelo contrário, quero te proteger. Não confio no seu marido, mas, se você confia tanto nele, vou respeitar a sua posição. Eu vim porque sei que o David oferece perigo. Ele me achou na Suécia e me contou uma longa

história, mas eu não acreditei em uma palavra, porque já sabia de toda a verdade.

Fui pego de surpresa e passei a dar mais atenção ao que aquele homem estava falando para minha mulher.

— Quando nosso pai morreu, eu ainda era um bebê. Eu ia ser morto pelos russos, mas fui salvo por um homem que me criou como filho. Depois de um tempo, ele me contou que meu pai biológico fugiu de Las Vegas por ter estuprado a irmã de David e se abrigou na Rússia. Ivan, o capo da Bratva, morreu pelas mãos do Matheo Esposito, quando tentou acertar suas contas com Enzo, e o irmão dele ficou em seu lugar com um enorme desejo de vingança. Os russos deram abrigo e dinheiro para que nosso pai planejasse uma vingança contra a família Esposito. Nosso pai se uniu ao Álvaro, sogro do Enzo Esposito, para matar Liliane e Melissa, assim todos seriam vingados.

— Meu Deus, eu não estou acreditando que isso está acontecendo — Eduarda falou baixinho, como se conversasse consigo mesmo.

E o Inácio continuou explicando que o Lucca ainda veio algumas vezes para a Itália e Nova Iorque para executar os planos. Também esclareceu que os pais da Eduarda já se conheciam há tempos e tinham um romance secreto. Parece que o Lucca amava a Lucy, mas não podia levá-la com ele, porque muita gente o odiava e ela seria um alvo perfeito.

Quando os pais da Duda estiveram juntos pela última vez, o Lucca descobriu que a Lucy estava grávida e ficou enlouquecido, porque os filhos seriam alvos certos... Então, quando eles nasceram, Lucca levou o Inácio para a Rússia, com o intuito de criá-lo e treiná-lo para que, futuramente, o filho protegesse a irmã e a mãe, mas ele não teve tempo para isso.

Os planos deram errado e Lucca acabou morto, deixando Inácio sozinho na Rússia, aos cuidados desse homem e sua esposa, que supostamente eram seus amigos na Rússia.

Antes de viajar, Lucca mentiu para o Iuri, contando que Lucy e Eduarda tinham sido mortas por Matheo Esposito. Até David

procurá-lo, o Inácio não sabia que a irmã estava viva e ficou louco quando soube.

Inácio ainda tentou procurar Duda, mas David o convenceu a esperar, alegando que eu só havia me aproximado dela por saber quem ela era.

— Isso é um absurdo! Raphael e eu nunca tínhamos nos visto. E nós nos amamos, Inácio! — Eduarda esbravejou.

— Maria Eduarda, o David me contou que o Raphael queria se vingar pelo que o nosso pai fez a Melissa e Liliane e, por isso, ele estuprou você e a engravidou, trazendo-a para morar na Itália, como uma prisioneira na casa dele. Ele ainda disse que você era infeliz e que o Raphael era violento com você. Como eu não sabia se isso era verdade, deixei-o pensar que acreditei.

— Então o plano dele era que você me confrontasse? — perguntei já sem paciência.

— Mais do que isso, ele queria que eu o ajudasse a matar você e então resgatarmos Eduarda e as meninas. Eu disse a ele que aceitava e ficou acertado que eu aguardaria ele me avisar que eu poderia vir para a Itália. Óbvio que eu não esperei e vim para a Itália logo depois dele, porque queria ver com meus próprios olhos tudo o que estava acontecendo. Cheguei aqui poucos dias antes do seu casamento e soube que seguranças extras seriam contratados para esse dia, então infiltrei um dos meus homens entre eles e, com uma câmera, ele filmou alguns momentos.

Filho da puta! Meus seguranças, mais uma vez, vacilaram! Quando eu chegar em casa, terei uma conversinha com eles!

— Ao ter acesso às filmagens, eu soube que parte da história do David era mentira, porque deu pra notar que você estava completamente feliz no altar. E com o passar dos dias, você sempre afirmava amar o Raphael, então eu tive mais certeza, mas eu queria conversar sozinho com você primeiro, te contar e entender tudo o que aconteceu. O David nem sabe que estou aqui.

Ele terminou de contar a história e não me pareceu que estivesse mentindo, mas obviamente eu não confiei nele nem um pouco.

— Você já sabe o porquê do seu pai ter sido morto. Sendo da máfia, o que ele fez não tem perdão. Meu pai e meu tio não tiveram escolha.

— Meu pai nunca foi aceito pelos Esposito, mas talvez se tivesse sido, as coisas seriam diferentes. Ele contou tudo para o Iuri, o homem que me criou.

— Seu pai agarrou minha mãe em uma boate. E, antes disso, ele já tinha histórico de abuso de outras mulheres. Como ele poderia ser aceito? Ele fez a escolha dele.

— Ele também era um Esposito, mas nunca foi tratado com respeito.

— Porque não honrava nosso sobrenome! — respondi um pouco alterado.

— Calma, Raphael! — Maria Eduarda interferiu para me acalmar. — Por favor, vocês dois, parem de brigar. Todos nós sabemos tudo o que esse Lucca... nosso pai fez. Não tente passar pano, Inácio, porque eu vou achar que você é como ele. Na minha opinião, ele deveria ser preso por seus crimes e não morto, mas eu já aprendi que na máfia as coisas não funcionam assim e você, que foi criado nesse mundo, também deveria saber. Se a sua intenção é boa e se você quer se aproximar mesmo de mim, terá que respeitar meu marido e a nossa família, porque não tem como você respeitar só a mim e odiá-los. Por causa desse ódio o nosso pai foi morto e nós dois fomos criados separados. Eu fui parar em um orfanato, você sabia? Raphael me escolheu, me amou, me deu uma família e a família dele me recebeu de braços abertos. Matheo e Melissa são avós das minhas filhas... Somos uma família! Você pode aceitar isso e fazer parte da minha vida e da vida das suas sobrinhas ou pode voltar para a Rússia e esquecer que eu existo. O que você decide?

Ele olhou para a irmã pensativo e, depois de alguns minutos quieto, respondeu:

— Eu fico. Você é muito importante pra mim, Maria Eduarda.

— Ótimo, então seja bem-vindo.

— Será que você pode mandar esses trogloditas pararem de apontar a porra da arma para minha cabeça? — ele indagou

olhando para mim.

— Raphael, por favor — Maria Eduarda pediu e então eu fiz sinal para os seguranças abaixarem as armas.

— Posso te dar um abraço? — ele pediu olhando para a Duda.

Eu fiquei tenso. Ela fez menção de dar um passo para perto dele, mas eu a segurei.

— Está tudo bem, meu amor. Ele não vai me machucar, eu sei, eu sinto.

Contra a minha vontade, ele a abraçou, mas eu nem pisquei e fiz sinal para os seguranças ficarem em alerta. Inácio deu um forte abraço nela e depois se afastou um pouco, sorrindo.

— Você é tão pequena, quem diria que é minha irmã gêmea.

— Pois é, você cresceu primeiro na barriga da nossa mãe e não deixou espaço para eu crescer também — ela respondeu rindo e ele a abraçou mais uma vez.

Em seguida, eles se afastaram e eu puxei Eduarda para o meu lado novamente.

— Eu não vou machucá-la, Raphael, nem armado eu estou e, mesmo que estivesse, ela e as filhas de vocês são a única família que eu tenho no mundo. Eu também morreria por ela. Eu sei que você não acredita em mim, mas com o tempo...

— Isso não é verdade. Vocês também têm uma avó — falei, sob o olhar assustado dos dois. — A tia Pérola, mãe do Lucca.

Maria Eduarda já a conhecia, embora só nesse momento se deu conta de quem ela era; mas Inácio, provavelmente, nem sabia.

— A mãe do nosso pai está viva? — ele perguntou, chocado.

— Está. Ela mora na Grécia perto da minha avó Patrícia.

— Iuri nunca mencionou nada sobre ela. Ele me contou que o meu pai dizia que eram só ele e eu no mundo.

— Provavelmente ele também não sabia, mas agora você já sabe.

— Eu quero conhecê-la — ele falou decidido.

— Ela está na Grécia, mas futuramente vocês terão tempo para isso.

— Eu quero conhecer as meninas hoje, posso?

— Não — respondi sem precisar pensar, ao mesmo tempo em que Maria Eduarda disse um “sim”.

— Por que não? Elas são minhas sobrinhas — ele falou indignado.

— Raphael, nós ficamos cercadas de segurança no complexo, ele não vai fazer nada. Vamos fazer isso, por favor.

— Maria Eduarda, eu não acho...

— Rapha, por favor.

— Porra, seu irmão mal chegou e já está fazendo você ir contra mim? Bem que dizem que os cunhados não prestam — falei puto.

— Deixa de ser bobo, ninguém pode me colocar contra você. Ele só quer conhecer as sobrinhas. Você vai estar presente e os seguranças também — ela falou e, em seguida, olhou para o irmão. — Confiança se constrói aos poucos.

— Tudo bem, Maria Eduarda — respondi de má vontade e depois me dirigi a ele. — Mas antes, nós vamos nos reunir na empresa, porque você tem muito o que nos explicar.

Inácio assentiu.

— Você pode devolver meus seguranças, por favor? Eu só tenho esses.

— Eles serão devolvidos mais tarde, quando você voltar para cá. Enquanto isso, não se preocupe, você estará seguro — falei.

Nós saímos do hotel em dois carros. Eu fui com a Maria Eduarda e os nossos seguranças particulares em um e, no outro, Inácio e mais quatro seguranças. Passei pelo complexo e deixei Maria Eduarda em casa.

— Eu vou para a empresa com ele e mais tarde ele vem comigo para conhecer as meninas. Estou fazendo isso por você, mas eu não confio nesse cara. Espero não me arrepender — falei, enquanto me despedia dela na porta de casa.

— Você não vai se arrepender. Obrigada — ela falou e me abraçou. — Eu te amo.

— Eu também te amo. Até mais tarde.

— Rapha... — ela me chamou quando eu já estava abrindo a porta para sair. — Já parou para pensar que nós somos parentes?

— Sim, você é minha prima de terceiro grau.

Ela sorriu lindamente com a minha confirmação e disse:

— De repente eu tenho minhas filhas e meu marido, que é o amor da minha vida, o pai das minhas filhas, meu melhor amigo e também meu primo. E tenho um irmão, avó e muitos primos. Passei de órfã para uma menina com uma grande família italiana, como nos filmes.

— É verdade, princesa.

Ela sorriu novamente e entrou saltitante. Eu fiquei olhando-a, sorrindo bobo. *Ela é muito perfeita.*

Bônus Inácio

Eu estava aturando uma porrada de coisas para estar perto da Maria Eduarda, mas estava convencido de que Raphael realmente a amava, isso não tinha como negar. O cara era louco por ela e isso me confortava.

Ele não confiava em mim e nem eu nele, porém eu não tirava sua razão, afinal de contas eu era filho do inimigo. *É louco pensar que somos primos!* Eu sabia que meu pai não era um homem de honra, mas eu tinha o sangue dele e era impossível não lamentar sua morte.

Quando chegamos na empresa dos Esposito, todos nos esperavam. Era a primeira vez que eu os via de perto. Matheo, Enzo e Pietro pareciam os mais desconfiados comigo, embora Lorenzo e Romeu também estivessem cautelosos, mas eu sentia que no futuro talvez pudéssemos nos dar bem.

Passei a porra do resto do dia sendo analisado e respondendo a perguntas. Eu odiava aquela situação, mas se era para proteção da Eduarda e das gêmeas, eu iria cooperar com tudo o que pudesse.

Eles ficaram muito putos por eu ter conseguido infiltrar um dos meus no complexo e, com certeza, haveria consequências para o responsável pela segurança.

Depois de exaustivas horas, eles se deram por satisfeitos e encerraram o interrogatório. Ainda bem, porque eu não via a hora de sair dali e conhecer minhas sobrinhas.

Raphael cumpriu com sua palavra e me levou para o complexo. Quando chegamos, eu fui revistado mais uma vez, enquanto Raphael foi para casa na frente. Só depois que constataram que eu não tinha nenhuma arma, tive permissão para entrar, escoltado por quatro soldados.

No caminho, meu celular tocou e o nome de Iuri brilhou na tela. Eu estava distraído, preparando-me para atender, quando

trombei em alguma coisa e meu celular voou para longe.

Só então percebi que tinha tropeçado em alguém. *Putá merda, a garota caiu no chão!* Um dos soldados ajudou-a a levantar, mas mesmo assim fui até eles para ver se ela tinha se machucado.

— Me desculpe, eu não te vi. Você se machucou? — perguntei preocupado.

Ela parecia tão delicada, mas bastou abrir a boca para eu ver que, de delicada ela não tinha nada.

— É claro que não, seu brutamontes idiota! Não olha por onde anda e fica mexendo no celular, todo alienado. Olha o que você fez, arreventou minha pulseira, seu imbecil!

Porra, que garota abusada, desbocada e maluca. Fez esse escândalo todo por causa de uma pulseira.

— Se o problema é a pulseira, eu compro outra pra você, sua mal educada.

— Não é pelo dinheiro, seu escroto, é pelo valor sentimental. Foi minha avó que me deu e ela já morreu.

— Bom, eu sinto muito por isso, mas não precisa dar esse chique todo.

— Chique? Você ainda não me viu dar chique! Você arreventou minha pulseira e sujou minha roupa.

— Ah, me desculpe... A princesa só tem essa roupa? Se for o caso, eu posso te dar um guarda-roupas novinho.

— Quem é você, seu abusado? O que você está fazendo aqui? Nem tudo é sobre dinheiro.

— Eu sou Inácio Smith. E você, quem é?

— Nina Esposito, e eu continuo sem saber quem você é.

— Eu diria que sou um primo distante.

— Do que você está falando?

— Eu sou irmão da Maria Eduarda, filho de Lucca Esposito.

— O quê?

Nessa hora, eu vi que ela se assustou, pois deu um passo para trás e me olhou espantada. Eu não quis assustá-la, mas me

deu vontade de rir. Meu pai era realmente muito mal visto por eles e eu não podia dizer que não tinham razão.

— Fica tranquila, Fiona, eu não pretendo te fazer mal algum.

— Fiona?! Eu vou te mostrar a Fiona — ela gritou, vindo para cima de mim, mas os seguranças a impediram. — Você é um idiota mesmo, fica longe de mim! — ela disse e saiu correndo.

— Ela é sempre assim? — perguntei aos soldados, que estavam tão espantados quanto eu.

— Ela é um pouco arisca, mas é uma boa menina — um deles respondeu e eu assenti.

Arisca e bonita. Muito bonita eu diria. Sorri comigo mesmo, e nós caminhamos em direção à porta da casa da Maria Eduarda.



Maria Eduarda

Eu estava ansiosa pela chegada de Inácio. Ele ainda era praticamente um estranho para mim, mas de alguma maneira, eu sentia que podia confiar nele. Quando bateram à porta, eu corri para abrir.

— Você demorou — falei, convidando-o a entrar.

Quando ia fechar a porta, Taylor e Franco entraram também e estranhei.

— Vocês podem ir descansar.

— Nós vamos esperar o chefe nos dispensar.

Achei melhor não discutir. Raphael fazia tudo por mim, não custava nada fazer também as vontades dele, principalmente porque eu sabia que era tudo pelo nosso bem.

Olhei para frente e Inácio estava parado observando tudo.

— Bela casa, digna de uma princesa como você — ele falou e sorriu gentilmente.

Eu me senti estranha ouvindo elogios de outro homem além de Raphael, mas eu precisava me acostumar com a existência de um irmão.

— Obrigada! — agradei. — Sente-se. Raphael já vai descer com as meninas.

— Obrigado.

Nos sentamos na sala, ambos tímidos na presença um do outro. De repente, o celular de Inácio tocou, mas ele recusou a ligação assim que olhou o visor.

— Você pode atender, se quiser.

— É o Iuri, mas ele pode esperar.

— Iuri é o homem que te criou?

— Sim. Ele sabe que eu vim conhecer minhas sobrinhas hoje, deve estar preocupado.

— Você deveria atendê-lo, então.

— Vou mandar uma mensagem — ele falou e começou a digitar.

— Você não o chama de pai?

— Eu o chamo de pai e à sua esposa Avani, de mãe. Eu só soube que não era filho deles quando fiz 18 anos.

— Você nunca desconfiou?

— Sim, porque eu sou moreno e eles, muito brancos, mas eu nunca dei importância a isso — ele respondeu e, em seguida, seu semblante ficou triste. — Provavelmente eu nunca mais os verei.

— Como assim?

— Eu escolhi você.

— Você não precisa fazer essa escolha. Eu sou sua irmã, mas eles são como seus pais.

— Eu já fiz a minha escolha, mas não se preocupe, eles estão bem com isso e me apoiaram desde o início — meu irmão falou. — Rússia e Itália são inimigos desde sempre, Eduarda, e ao assumir minha identidade de Inácio Smith Esposito e vir para cá atrás de você, eu escolhi um lado. Não posso mais voltar pra lá.

— Eu não sabia de nada disso.

— Não fica com essa carinha, porque eu estou feliz em ter escolhido você. Eu nunca poderia ignorar sua existência, até porque era o desejo do nosso pai que eu protegesse você e nossa mãe, então eu vou honrar sua vontade.

— Estou feliz que você esteja aqui, mas o Raphael já me protege, você não precisa se preocupar comigo. Também não quero que você fique triste longe dos seus pais adotivos.

— Não duvido que o Raphael a proteja, mas eu não estou triste, pelo contrário, estou muito feliz de ter te encontrado e não quero mais me afastar.

— Mas você pode sair assim da máfia Rússia? O Raphael sempre fala que quem nasce na máfia, morre na máfia.

— Eu não faço parte de nenhuma máfia, sou apenas um executor que trabalhava para a máfia russa. Não tenho obrigação de fidelidade a eles.

— Executor? — perguntei assustada.

— Esse não é um assunto para eu discutir com você, vamos falar sobre outra coisa — Inácio mudou de assunto. — Eu trombei com uma mulher, lá na calçada, quando estava vindo para cá... Ela disse que se chama Nina.

— Você conheceu a Nina?

— Sim. Eu me distraí com o celular quando nós trombamos. Ela me xingou de todos os nomes e faltou pouco para me bater. Ela é sempre assim?

Eu dei uma gargalhada. *Nina é uma figura.*

— Ela é meio louca às vezes, mas é um amor. Ela é filha do Enzo e da Lili.

— Ela é muito bonita, por sinal.

— Hum, acho que alguém está interessado.

— Nem pensar, ela é braba demais, e eu gosto de mulher mansa.

— Sei...

Quando eu ia brincar novamente com ele, vi seus olhos brilharem. Olhei na mesma direção e lá estava Raphael, parado no pé da escada segurando nossas filhas no colo. Fui até ele, peguei Sophia e viemos para a sala.

— Essas são nossas meninas, Sophia — falei, mostrando a princesinha que estava no meu colo. — E aquela é Raphaela.

— Elas são lindas — ele falou, visivelmente encantado.

— Obrigada — respondi sorrindo, enquanto Raphael continuava sério.

— Posso pegar?

— Não — Raphael respondeu de imediato.

Eu me virei em sua direção, pedindo com o olhar para ele ser um pouco mais maleável.

— Tudo bem, mas se ela chorar, você me devolve.

Muito receoso, ele entregou Raphaela para Inácio. Quando ele levantou os braços para entregar nossa filha, percebi que ainda

estava armado. Taylor e Franco também estavam com a mão nas armas.

— Venham, vamos nos sentar — falei.

Inácio sentou na ponta do sofá com Raphaela no colo, Raphael sentou no meio e eu, na outra ponta com Sophia.

— Oi, eu sou o tio Inácio. — Meu irmão sentou Raphaela de frente para ele e conversou com ela.

Raphael observava a cena como um falcão prestes a atacar para salvar seu filhote, mas, para o seu descontentamento, Raphaela abriu um enorme sorriso para o tio.

Capítulo 31

Raphael

Inácio já estava há mais de meia hora babando nas minhas filhas e não demonstrava nenhum interesse em ir embora... *Cara folgado!*

— Vem cá, você não tem casa, não? Já deu a hora das meninas dormirem.

— Raphael! — Maria Eduarda me olhou chocada, mas aparentemente Inácio não se incomodou, pelo contrário, riu debochado.

— Na verdade, eu ainda estou ficando no hotel, mas, como pretendo me estabelecer aqui na Itália, vou comprar uma casa.

— Só falta querer se hospedar aqui, aí você já está abusando da minha hospitalidade.

— Obrigado pelo convite, querido cunhado, mas eu gosto de ter a minha privacidade. Por mais que me agrade estar na presença da Maria Eduarda e das minhas sobrinhas, eu gosto de ter meu próprio lugar — ele falou com aquela sua cara de sonso.

— Ah, que pena — falei, usando o mesmo tom irônico. — Então, acho melhor você ir, porque já está ficando tarde e é perigoso andar por aí sozinho.

— Eu sou o perigo, cunhado. Falando nisso, será que você pode devolver meus seguranças?

— Eles estão esperando por você lá fora.

— Ótimo! — ele falou e, em seguida, se virou para minha mulher. — Maria Eduarda, eu já vou. Apesar de toda a hospitalidade do seu marido, realmente já está tarde.

— Tudo bem, mas volte quando quiser — minha mulher respondeu e eu olhei para ela indignado.

— Bom, deixa eu me despedir dessas princesas.

Inácio foi até as meninas, que estavam deitadas no sofá perto da mãe e se agachou.

— O titio já vai, princesas, mas eu volto pra ver vocês — ele falou e olhou para mim antes de continuar — muitas e muitas vezes. Eu não vou mais sair de perto de vocês, bonecas.

Para a minha desgraça, elas se derreteram para ele — até a Sophia que era mais séria. Tobias também olhava a cena, abanando o rabinho.

Inácio fez um carinho na cabeça do Tobias e, finalmente, se levantou.

— Eu te acompanho até a porta — Maria Eduarda se ofereceu, e eu ocupei o lugar dela ao lado das minhas filhas, para não correr o risco delas caírem do sofá. Taylor e Franco acompanharam os dois e depois saíram junto com Inácio.

Eu estava brincando e mordendo o pezinho das meninas, quando Maria Eduarda voltou com uma cara raivosa.

— Precisava ser tão mal educado com ele?

— Eu fui educadíssimo, Eduarda. Você nunca me viu sendo mal educado e nem vai querer ver.

— Não quero mesmo, porque o que eu vi hoje já bastou.

— Fique sabendo que eu me comportei muito bem e fiz isso por você.

— Você tem que dar um voto de confiança a ele, Rapha. O inácio está tentando ser um bom irmão e tio.

— Antes de tudo, ele vai ter que conquistar minha confiança, Maria Eduarda. Eu não confio em ninguém até que me prove o contrário e Inácio é um estranho para mim. Não basta dizer que é seu irmão para que eu confie. Por mim, ele não tinha nem vindo aqui hoje.

— Eu o achei confiável e ele é meu irmão.

— Não se esqueça de que ele também é um executor e, até bem pouco tempo, prestava serviço para a máfia Russa, nossa maior inimiga. Não me peça para confiar nele tão rápido.

— Ele largou a Rússia e escolheu ficar aqui por minha causa Rapha, mas tudo bem, tudo no seu tempo. Ele disse que voltará amanhã para nos ver.

— Porra, já?

— Talvez ele queira recuperar o tempo perdido.

— Infelizmente, o tempo perdido não volta e isso não é culpa de nenhum dos dois... — falei, mais seco do que eu pretendia. — Maria Eduarda, por favor, me escute. Eu sei que você está empolgada por ter um irmão, que tem um milhão de sentimentos se misturando dentro de você, e eu quero muito que ele realmente seja confiável e que possa fazer parte da sua vida, mas vamos com calma. Não crie muitas expectativas, não confie demais e, acima de tudo, confie no que eu te disser.

— Tudo bem, Raphael. Eu não vou me precipitar, mas por favor, não o afaste. Que seja sempre sob os olhos dos seguranças ou quando você estiver em casa, mas não me prive da nossa convivência — ela falou e me olhou com expectativa.

— Quem resiste a um pedido feito com essa carinha aí? — falei sorrindo.

Segurei o rosto dela e dei um beijinho de leve em seus lábios.

— Eu não vou afastar vocês, mas também não vou entregar você e nossas filhas de bandeja para um estranho. Vamos com calma.

— Tudo bem.



Eu estava rolando na cama sem conseguir dormir, preocupado, então depois que Maria Eduarda dormiu, eu levantei e fui tomar uma bebida para relaxar.

Inácio ainda era uma incógnita para mim e, apesar de parecer sincero, eu ainda tinha muitas dúvidas sobre ele, mesmo identificando, através das nossas investigações, que a história que ele contou tem muitos fatos verdadeiros.

Quando o interrogamos na empresa, Inácio deixou claro que pretendia ficar de vez na Itália e manifestou interesse em nos ajudar a pegar David, que fugiu novamente e provavelmente já sabia da chegada do rapaz.

Meu pai e tio Enzo disseram que, aparentemente, Inácio não tinha a personalidade parecida com a de Lucca, mas só o tempo nos mostraria isso de verdade e, a princípio, preferimos não confiar.

Ele queria muito conhecer a avó, tia Pérola, e eu também queria dar isso a Maria Eduarda. Por isso, meu pai fez uma vídeo chamada com meu avô, deixando-o a par de toda a situação. Ficou acertado que o jato iria buscá-los na Grécia até o final do mês, mas meu avô achou melhor não falar nada para minha avó nem para tia Pérola com antecedência, pois elas ficariam loucas e iam querer vir para a Itália imediatamente, o que não seria possível.

A vida é mesmo cheia de surpresas, tudo muda de um instante para outro.

Terminei minha bebida, subi e, antes de ir para o meu quarto, passei no quarto das meninas. Elas estavam dormindo tranquilamente. Meu mundo inteiro estava ali, elas eram a razão de tudo, um pedacinho de mim, o maior amor da minha vida. Abaixei, dei um beijinho de leve na cabecinha de cada uma delas e senti o cheirinho delicioso que elas tinham.

— Suas pequenas traidoras, ficaram rindo para um estranho. Fiquem sabendo que todos os sorrisos de vocês são apenas para o papai, nunca se esqueçam disso. Vocês não vão se casar nunca, tenho pesadelos só de pensar...

Conferi se a babá eletrônica estava ligada e voltei para o meu quarto. Maria Eduarda ainda dormia, linda como a porra de uma deusa. Puxei-a mais para mim e ela resmungou, se ajeitou e esfregou aquela bunda gostosa no meu pau, que acordou na mesma hora. Abracei-a por trás e encaixei-a mais em mim.

— Rapha, o que você quer? — ela resmungou de olhos fechados.

— Quero fazer mais um filho.

Ela abriu os olhos e me olhou sonolenta, mas já bem acordada.

— Se você falar isso novamente pelos próximos três anos, nunca mais você vai tocar em mim.

Eu ri e dei um selinho nela.

— Acho três anos muito tempo, precisamos fazer logo um garotão para ele tomar conta das meninas quando eu não puder.

— Pensamento machista uma hora dessa?

Eu sorri outra vez e dei um beijo na ponta do nariz dela.

— Podemos deixar essa coisa de filho pra depois, mas eu ainda quero você agora.

Baixei a cabeça e provei sua boca. Era tão perfeita, macia e quente que, por alguns segundos, apenas quis beijá-la. Quando ela começou a corresponder e colou mais o corpo no meu, eu desisti da sutileza e substituí o beijo lento por movimentos esfomeados, que me fizeram gemer.

Ela me empurrou, deitando-me de costas na cama e, tomando o controle da situação, deitou sobre mim sem que sua boca abandonasse a minha. Deslizei minhas mãos, enfiando-as sob a camisola que cobria seu corpo, percorri sua pele sedosa e cheirosa, coloquei minhas mãos em sua bunda e esfreguei-a no meu pau. Nós dois gememos com a sensação.

Eduarda levantou o corpo, manteve-se sentada em cima de mim, tirou sua camisola e ficou só de calcinha. Seus seios perfeitos e empinados ficaram totalmente ao meu alcance e minhas mãos foram para eles como ímã. Apertei um em cada mão e passei o polegar no biquinho, ela gemeu e jogou a cabeça para trás. Levantei um pouco o corpo, levei um e depois o outro à boca e mamei nos dois. Ela gemeu descontrolada, depois me empurrou para deitar meu corpo novamente na cama.

Ela rebolou no meu pau e eu gemi deliciado com a boceta quente dela. Levantei um pouco seu corpo, coloquei sua calcinha de lado e, segurando a base do meu pau, direcionei-o para sua abertura quente e molhada.

— É assim que você gosta? — eu sussurrei.

Duda desceu devagar, engolindo alguns centímetros do meu pau e rebolando lentamente, me torturando.

— Sua safada...

Abracei seu corpo, novamente deliciando-me com o seu calor.

— Hoje quem vai te foder sou eu — ela sussurrou e escorregou de uma vez, arrancando-me um gemido.

Eduarda voltou a me beijar, daquele jeito faminto que devorava toda a minha sanidade, e eu deixei que ela nos conduzisse. Com as duas mãos no meu peito, ela subia até o fim e descia com tudo sem parar. Eu já estava no limite, fazendo um esforço desgraçado para não gozar, e os barulhos da nossa foda insana, dos nossos corpos se chocando, dos nossos gemidos e respirações estavam me deixando ainda mais enlouquecido.

— Você é tão gostoso, Raphael — ela sussurrou de olhos fechados, ainda quicando em cima de mim.

Levantei um pouco, fazendo com que meu pau entrasse ainda mais fundo nela, segurei em sua cintura e coordenei nossos movimentos. Em poucos segundos, ela gozou, gemendo enlouquecida, e me levou junto com ela.

Minutos depois, quando nossas respirações se estabilizaram, tomamos banho juntos e voltamos para o quarto. Maria Eduarda se aconchegou em mim, e eu adormeci sem perceber. Acordei horas depois com o chorinho de Sophia na babá eletrônica. Eduarda já estava levantando e, tonto de sono, levantei atrás dela.

Quando cheguei no quarto, ela pegou Sophia para dar de mamar, mas Raphaela ainda dormia.

— Você precisa de mim? — perguntei, esfregando os olhos.

— Não, pode ir dormir, amanhã você vai acordar cedo para trabalhar.

— Se precisar, me chame — falei e voltei para o quarto, porque eu estava realmente muito cansado.



O resultado do DNA havia saído e confirmado que Maria Eduarda era realmente filha de Lucca — não que eu já não soubesse disso de qualquer maneira. Inácio também se dispôs a fazer o exame para provar que era seu irmão, então nós colhemos o material, mas eu já sabia que daria positivo, pois notava muita semelhança no jeito dos dois — apesar dele ser mais feio do que o Freddy Krueger e a minha mulher ser a própria deusa da beleza.

Uma semana havia se passado e Inácio estava trabalhando conosco à procura de David. Durante uma das reuniões na empresa, ele perguntou:

— Vocês tem algum fornecedor de armas fixo aqui na Itália?
— Nós somos os fornecedores — Pietro respondeu.
— Ótimo, porque eu gostaria de comprar, preciso de armas novas.

— Nós vamos te mostrar nosso estoque e você escolhe, não há necessidade de pagamento, afinal estamos trabalhando juntos — meu pai falou e Inácio assentiu.

— E sobre a minha avó, quando vou poder conhecê-la?
— Ela chega da Grécia amanhã junto com meus pais. Minha esposa está preparando um almoço para que vocês sejam apresentados. Ela ainda não sabe de nada.

— Obrigado, Matheo — meu cunhado agradeceu.

Nós ainda não confiávamos nele, mas já que ele era da família, estávamos dando um voto de confiança.



Maria Eduarda

Acordei nervosa. Muitas coisas estavam acontecendo na minha vida em tão pouco tempo. Primeiro Inácio apareceu, depois eu tinha uma avó, era muito para assimilar. Fui até o quarto das meninas e elas já estavam acordadas.

— Bom dia, minhas bonequinhas, estão prontas para conhecer a bisá? Mamãe vai arrumar vocês bem lindas porque é um momento especial.

Peguei Sophia para tirar a roupa e Raphaela começou a chorar. Fui até a porta do quarto, chamei Raphael e ele logo veio me atender.

— Dê banho na Raphaela, enquanto eu vou dar na Sophia, porque ela não quer esperar.



Raphael

Fui até minha filha no berço e a peguei.

— Pelo visto, ela acordou tão ansiosa quanto você.

— Eu não estou ansiosa.

— Claro que não — ele falou sarcástico. — Eduarda, você é mais transparente que um cristal e eu conheço você.

— Droga! Eu estou sim. E se ela não gostar de mim?

— E isso é possível?

— Claro que é!

— Claro que não é. Todo mundo sempre vai gostar de você, meu amor, e quem não gostar, eu mato — falei brincando, mas não deixava de ser uma verdade.

— Raphael, você não pode matar minha avó, ela é sua tia.

— Eu não vou precisar, porque ela vai te amar. Não tanto quanto eu te amo, claro, mas ela vai te amar, não se preocupe.

Ela me olhou derretida e Raphaela soltou um dos seus gritinhos de bebê querendo participar da conversa. Nós rimos.

— Viu, ela concorda comigo — falei tentando acalmar minha mulher e depois brinquei com as minhas filhas. — Quem ama a mamãe, levanta a mão.

Levantei a mãozinha das duas e elas se derreteram toda; Maria Eduarda também sorriu. Ver as três sorrindo era sempre o ponto máximo do meu dia.

Quando terminamos de nos arrumar, fomos para a casa dos meus pais, onde meus avós e tia Pérola estavam no Jardim. Meu pai conversava com meu avô em um canto enquanto minha avó e tia Pérola conversavam sentadas em um banquinho mais afastado; minha mãe ainda não estava por ali.

Empurrei o carrinho das meninas com uma mão e segurei a mão da Eduarda com a outra a fim de tranquilizá-la — era possível sentir sua mão tremer e suar. Caminhei para perto da minha avó e da minha tia e, quanto mais a gente se aproximava, mais eu sentia a tensão de Maria Eduarda. Eu mesmo já estava ficando nervoso com a aflição dela.

— Bom dia, vó, tia...

— Bom dia, Rapha. Bom dia Eduarda. Como vocês estão? — minha avó perguntou e se levantou para ver as meninas, mas elas estavam cochilando.

— Estamos bem — respondi.

Maria Eduarda apenas deu um pequeno sorriso. Ela nem conseguia falar de tanto nervoso. Coloquei-a para sentar em um banco ao lado.

— Rapha, o que está acontecendo? Por que me chamaram aqui? Sua avó diz que não sabe de nada — tia Pérola me perguntou aflita.

— Eu realmente não sei, Pérola — minha avó falou, também tensa com a falta de informação. — Esses meninos não me falam nada, e meu filho nunca foi um homem de muitas explicações. Matheo apenas mandou o jato nos buscar e disse que precisava conversar com você.

— Vocês duas se acalmem, porque não aconteceu nada de ruim. Pelo contrário!

Quando eu estava falando, Inácio entrou no jardim acompanhado de Pietro, e eles vieram na nossa direção. Maria Eduarda levantou quando o viu, e Inácio veio abraçá-la. Ele acenou para mim, em seguida olhou para minha avó e tia Pérola, que observavam tudo sem entender nada.

— Bom dia, senhoras — ele as cumprimentou.

— Bom dia. Quem é você? — minha avó perguntou desconfiada.

— Sou Inácio Smith, irmão da Maria Eduarda — ele respondeu.

— Irmão? Eu achei que ela fosse filha única. — Minha avó estranhou.

— Nenhum de nós sabia, nem eles próprios sabiam. Vocês já vão entender tudo, vamos lá para dentro — meu pai falou.

Todos nós andamos em direção à casa e nos acomodamos na sala. Minha mãe chegou nessa hora.

— Vejo que todos já chegaram, então vamos conversar e depois almoçar. O restante da família vai se juntar a nós na hora do almoço — minha mãe anunciou sorrindo e se sentou ao lado do meu pai no sofá.

Quando meu pai começou a falar, minha mãe segurou a mão dele, carinhosamente.

— Tia Pérola, eu não vou fazer rodeios sobre a situação, vou resumir a história indo direto ao fato mais importante.

Ela assentiu e meu pai continuou:

— Maria Eduarda nunca conheceu o pai. A mãe dela contava que ele tinha sido assassinado, vítima de um assalto, quando ela tinha apenas três meses de idade. Por causa de alguns acontecimentos, descobrimos que não havia registro dele na certidão de nascimento da Eduarda e passamos a suspeitar que o pai dela não queria ter sua identidade revelada. Iniciamos uma investigação e descobrimos que Maria Eduarda tinha um irmão

gêmeo que, supostamente, havia nascido morto e tinha sido registrado com o mesmo nome do pai. Diante das nossas suspeitas, fizemos um exame de DNA e, antes de sair o resultado, descobrimos que esse irmão gêmeo ainda estava vivo e estava aqui na Itália. Nós o encontramos, ele nos contou a história e tivemos a confirmação pelo DNA de que nossas suspeitas estavam corretas. Pérola, a Maria Eduarda e o Inácio são filhos do Lucca, seus netos.

Quando meu pai terminou de falar, tia Pérola estava pálida, com uma mão na boca e lágrimas escorrendo pelo rosto. Minha avó também estava chorando e segurando a mão da irmã. Maria Eduarda, que estava sentada ao meu lado, segurou firme a minha mão e parecia nem conseguir respirar.

Ficou um silêncio absoluto na sala e, uns segundos depois, tia Pérola olhou para os dois, mal conseguindo falar por causa do choro.

— Vocês... Vocês são filhos do Lucca? Meus netos? Não entendo...

Ela não conseguia elaborar uma frase inteira, só soluçava de tanto chorar.

— Lucca escondeu muito bem a mãe deles, tia. Ninguém nunca soube desse romance, muito menos dos frutos dele — eu falei e ela me olhou.

— Você casou com a minha neta, então as gêmeas...? — ela falou e olhou para as minhas filhas que ainda dormiam no carrinho.

— Sim, elas são suas bisnetas — afirmei.

Maria Eduarda já estava chorando também, mas se manteve quieta.

— Eu não posso acreditar, pois já não tinha mais esperança de nada nessa vida. Quando Lucca começou a demonstrar um caráter duvidoso, eu sabia qual seria o fim do meu filho e, mesmo sabendo das coisas que ele fazia, eu não podia deixar de amá-lo. Então, meu sofrimento de mãe começou muito antes de ele morrer. Deus é testemunha de que eu tentei de tudo para tirá-lo do caminho errado. Como mafioso, apesar de ter muitos pecados, ele podia ter honra e lealdade e, assim, teria sempre a proteção de Matheo.

Vi meu pai balançando a cabeça, em concordância com o que tia Pérola falou. Ela respirou, enxugou as lágrimas e prosseguiu:

— Infelizmente, meu filho não me ouvia. O ódio e a inveja cresciam cada dia mais dentro dele, e Lucca se perdeu. Foi aí que eu perdi meu único filho e morri junto com ele. Depois, eu só pedia a Deus todos os dias para me levar, pois eu não tinha mais ninguém, mas hoje eu agradeço a Ele por não ter ouvido minhas preces.

Ela já tinha controlado um pouco o choro quando olhou para Inácio com um sorriso fraco.

— Você me lembra um pouco o meu filho. Lucca tinha um olhar sério, assim como o seu — ela falou.

Inácio engoliu em seco, visivelmente tentando controlar suas emoções.

— Eu não tenho lembranças dele, apenas algumas fotografias — ele respondeu.

— Eu posso dar um abraço em vocês? — tia Pérola perguntou.

— Senta aqui, tia — ofereci meu lugar entre Duda e Inácio.

Ela se levantou, sentou no meio dos netos e, naturalmente, eles a abraçaram. Maria Eduarda chorou copiosamente, assim como a avó, mas Inácio, apesar de emocionado, ficou mais contido.



Nós resolvemos sair da sala para dar mais privacidade a eles. Peguei o carrinho das meninas e fui para o jardim junto com meus pais, Pietro e meus avós. Logo em seguida, o restante da família chegou e ficamos todos no jardim, contando como tinha sido a conversa.

Quando eles finalmente se juntaram a nós, o clima parecia bem mais leve, embora a primeira coisa que me chamou a atenção foram os olhos inchados de Eduarda. Meu instinto acolhedor me mandava correr até ela e segurá-la em meus braços, mas eu me contive.

Eu nunca precisei compartilhar a atenção de Maria Eduarda com mais ninguém, então naquele momento meu lado egoísta e extremamente possessivo sentiu um pouco o fato de ter que dividi-la com mais duas pessoas e não ser mais o único em sua vida — além das nossas filhas. No entanto, meus lados racional e apaixonado estavam muito felizes por ela.

Maria Eduarda veio na minha direção e me abraçou, descansando a cabeça no meu peito; eu beijei seu cabelo e senti o cheiro cítrico do seu shampoo. *Eu amo esse cheiro, é o que sinto quando entro no nosso quarto e indica que ela está lá.*

— Está tudo bem agora? — sussurrei para que só ela ouvisse.

Duda balançou a cabeça em concordância e falou:

— Inácio contou toda a história a ela e tirou suas dúvidas. Nossa avó disse que está muito feliz e emocionada em nos conhecer.

— Que bom, meu amor. Estou feliz por você.

Minha mãe interrompeu o nosso momento, chamando a todos para almoçar. Nos reunimos na sala de jantar, com a mesa totalmente ocupada. Nossa família estava cada vez maior.



Depois da refeição, nós nos reunimos na área externa num clima de paz. Tia Pérola ficou o tempo todo rondando Eduarda, Inácio e as minhas filhas. Eu dei espaço a eles, mantendo-me afastado e conversando com os caras, mas meus olhos estavam constantemente nas minhas garotas, era mais forte do que eu.

A maneira como Eduarda sorria com os olhos sempre prendia a minha atenção, porque o sorriso dela sempre tinha um som gostoso de ouvir e ela sempre colocava o cabelo atrás da orelha quando ficava tímida. Eu nunca me acostumaria com a maneira com que seus olhos brilhavam ao olhar para mim ou para nossas filhas.

Eu fico feliz ao perceber que, mesmo tão absorta em seus assuntos com o irmão e a avó, de tempos em tempos ela me

procura com os olhos.

Estávamos sempre conectados e nos comunicando pelo olhar. Ela me olhava como se dissesse: "*Eu preciso que você sempre esteja por aqui.*", e eu retribuía como se respondesse: "*Sim, eu sempre estarei aqui por você.*" E, então, o mundo parecia em paz para nós dois.

Conexões físicas são comuns, conexões mentais são raras. Eduarda e eu gostávamos das mesmas coisas e pensávamos em conjunto. Eu amava tudo nela: como ela se derretia quando eu a beijava, o jeito como ela se aconchegava em meus braços antes de dormir, como ela colocava seus braços e pernas em cima de mim enquanto dormia e como se agarrava no meu pescoço quando tinha pesadelos.

Acima de tudo, eu amava chegar em casa e ouvi-la contar sobre seu dia e me atualizar sobre as coisas fofas que as meninas fizeram e, mais ainda, como o seu sorriso se iluminava quando ela falava de amor, do nosso amor e das nossas filhas.



Depois de um tempinho, avó e netos se aproximaram de nós. As meninas estavam acordadas e tinham acabado de mamar, então minha avó pegou a Sophia, enquanto tia Pérola segurou a Raphaela, e ambas se afastaram de nós e levaram nossas filhas para passear pelo jardim.

Maria Eduarda e Inácio sorriram com a cena. Nina, Lorenzo, Romeu e Mia se juntaram a nós, com Noah no colo do meu pai e Chase no colo da minha mãe; conversando com meu avô estavam tio Enzo, tia Lili, Amanda e Pietro.

Passamos um tempo conversando sobre banalidades e, por fim, ficamos apenas eu, Lorenzo e Romeu.

— Por que o Inácio está rondando tanto a Nina? — Lorenzo perguntou, cortando nosso assunto sobre política.

Nós olhamos na direção em que Nina e Inácio estavam, e percebemos que a conversa deles era um tanto acalorada.

— Para mim eles parecem estar brigando. Será que você deve se preocupar? — eu questionei.

— Meu pai vai adorar isso — Lorenzo falou emburrado.

— Vou falar para você a mesma coisa que eu disse ao Raphael um tempo atrás... As irmãs crescem, parceiro! — Romeu falou, zombando de Lorenzo, mas meu primo não achou a menor graça.

Eu ri, pois já tinha visto aquela história antes!

Capítulo 32

Raphael

Seis meses depois

Meu dia começou muito cedo. Ainda sonolento e com Sophia e Raphaela também acordadas e dentro do berço, vi Maria Eduarda correndo de um lado para o outro do quarto, agitada. Levantei e, quando ela passou ao meu lado, segurei-a pela cintura. Ela bateu com as costas no meu peito, e eu a encostei junto a mim e beijei o seu pescoço.

— Bom dia, princesa aniversariante. Posso saber o motivo dessa agitação toda? — perguntei, mordendo a orelha dela.

Duda se encolheu, toda arrepiada, e me olhou com aquele sorriso lindo que tirava meu fôlego.

— Hoje é o meu dia, preciso aproveitar cada segundo dele. Não posso perder tempo dormindo e, você sabe, eu vou para o SPA com as meninas.

— Sim, hoje é o seu dia, mas ainda está muito cedo. Vamos voltar pra cama que eu quero te dar seu primeiro presente: eu e meu corpinho.

— Por mais tentador que seja usar seu corpinho gostoso, marido, eu não posso, tenho que me arrumar. Além disso, nossas meninas já estão acordadas.

— Você está rejeitando seu marido? Eu sou um homem carente que precisa de atenção.

— Nunca, príncipe, só estou com pressa. Mais tarde resolvemos essa sua carência.

— Nem um sexo rápido matinal? Eduarda, é melhor você não fugir de mim porque, com o tesão que eu estou, vou te destruir quando te pegar.

— Promessas, Raphael, quantas promessas... Sinto muito, mas só mais tarde, agora vamos tomar café.

— Primeiro, vou te dar um dos seus presentes, espera aqui.

Larguei-a no quarto, fui ao *closet* e peguei a bolsa com um dos presentes.

— É meu presente?

— Sim, um deles.

— Tem mais de um? — ela perguntou com um largo sorriso no rosto.

— E ainda será menos do que você merece.

— Eu vou ver esse — ela falou ainda sorrindo e abriu a bolsa.

Vi seu rosto se iluminar quando ela viu o que era, igual a uma criança recebendo seu presente de Natal.

— Raphael, é uma bolsa Prada? Eu não acredito! Meu Deus, quando a Manu vir isso, ela vai pirar. É linda demais, amor, muito obrigada. Eu amei — ela falou e pulou no meu pescoço, enchendo-me de beijos. — Foi você quem escolheu? Estou impressionada com a perfeição!

— A Mia me ajudou. Ela disse que toda mulher ama uma bolsa e me indicou essa marca, mas fui eu que escolhi.

— Eu amei, Rapha, mas deve ter custado uma fortuna. Não precisava.

— É claro que precisava e esse não é seu presente principal. Eu vou colocar uma roupa para te levar para ver o outro. Foi ideia minha e eu mesmo escolhi.

Maria Eduarda ainda me fez esperar. Depois que tomamos café da manhã juntos, ela subiu para se arrumar e eu fiquei com as meninas. Quando ela desceu arrumada, sua agitação estava me deixando zozinho.

— Tem certeza que você vai ficar bem, sozinho com elas? Nem sua mãe, sua avó ou a minha estarão aqui. Estou preocupada.

— Relaxa, você sabe que sou o melhor pai do mundo.

— O Inácio está vindo te ajudar.

— Porra, qual a necessidade disso, Eduarda? Eu dou conta de cuidar das minhas filhas sozinho.

— Ele se ofereceu, além disso uma ajuda é sempre bem-vinda.

— Ninguém merece aguentar seu irmão o dia todo, já não basta mais tarde.

— Para de reclamar, Raphael. Eu sei que você o adora e hoje também é aniversário dele, por isso seja gentil.

— Eu o *aturo* já que ele não desgruda mais de vocês, é diferente. Eu gosto de você e ele, sendo seu irmão, infelizmente vem no pacote. Eu odeio ter que dividir a atenção de vocês com ele.

— Deixa de ser chato e ciumento, no fundo eu sei que você gosta dele. Agora já posso receber meu segundo presente.

— Então, vamos — falei, indo em direção à porta.

— Vamos, aonde?

— Ver seu presente, ele não está aqui.

Coloquei Sophia e Raphaela no carrinho e saímos de casa.



Maria Eduarda

Raphael estava aprontando alguma coisa e eu fiquei muito empolgada com isso. Assim que saímos de casa, encontramos Nina e ela veio correndo me abraçar.

— Duda, feliz aniversário!

Ela me abraçou forte, sorrindo e animada como sempre.

— Obrigada. Estou indo receber meu segundo presente e estou ansiosa.

— Posso ir com vocês?

— Claro, vamos.

Continuamos andando, com Nina super entusiasmada e fazendo planos para mais tarde sem parar. Mais à frente, vi o carro do Inácio parado e ele na porta esperando.

Corri até ele, deixando Nina, Raphael e as meninas para trás.

— Irmão, você chegou! Feliz aniversário para nós.

— Claro que cheguei, princesa. Você acha que eu ia deixar você sair sem te dar um beijo no dia do nosso aniversário?

Eu me joguei nos braços dele, e ele me abraçou forte e me tirou do chão. Era tão bom ter um irmão que me amava. *Sem dúvidas esse está sendo o melhor aniversário da minha vida.*

— Aonde vocês estão indo? — ele me perguntou.

— Estamos indo ver meu presente, mas não sei onde. Vamos também?

— Claro.

Ele fechou o carro e quando Nina, Rapha e minhas filhas chegaram perto de nós, percebi que Nina e meu irmão ficaram se encarando. Eles viviam em pé de guerra, brigando o tempo todo, e eu achava graça.

— Vai ficar me olhando? Devo ter emagrecido uns cinco quilos, só com essa secada que você está me dando — Nina falou e eu ri.

— Não se ache tanto, Nina Esposito. Não vai me parabenizar, mal-educada?

— Parabéns, Inácio querido. Que manhã maravilhosa, que dia feliz, que maravilha encontrar você aqui, não acha? — Nina falou debochando.

— Que estranho você ser gentil. Por acaso está tentando ser fofa? Saiba que eu prefiro sua versão encapetada — Inácio falou rindo.

— Você vai ver a encapetada quando eu enfiar a mão nessa sua cara, seu nojento, insuportável.

Meu irmão deu de ombros, sem se importar.

— Pronto, já voltou a ficar possuída. Assim está melhor! Eu adoro esse seu vasto vocabulário de caminhoneiro.

— Seu idiota, troglodita...

— Já fui chamado de coisas piores, isso soa quase como um elogio pra mim. — ele retrucou.

— Dá pra vocês dois pararem? — falei rindo.

Raphael quase nem falava mais, pois não tinha a menor paciência com o jogo de gato e rato dos dois.

— Podemos ir ou vocês vão gastar nosso tempo aqui brigando? Parecem duas crianças, porra! — meu marido finalmente se manifestou.

Ele começou a andar e nós o seguimos pelo complexo, indo em uma direção que eu nunca fui. Em certo momento, Raphael parou e disse que ia me vender, pois era uma surpresa.

— Vou infartar de tanta curiosidade, Raphael — falei.

Ele colocou a venda nos meus olhos, me deu um selinho e me guiando pelo que pareceu alguns metros. De repente, paramos.

— Está pronta? — Raphael me perguntou.

— Prontíssima — falei empolgada.

Ele tirou a venda dos meus olhos, e eu não pude acreditar no carro lindo que estava parado à minha frente, enfeitado com um laço vermelho enorme e alguns balões em forma de coração. Meus olhos se encheram de lágrimas.

— Eu não acredito! Você comprou um carro para mim, Rapha? Meu Deus, eu não estou acreditando nisso — gritei eufórica, olhando para ele embasbacada. — Me diz que eu não estou sonhando.

— Não, você não está sonhando. É seu, comprei para você — ele falou e me entregou a chave do carro, sorrindo.

Mais uma vez eu pulei no pescoço dele e o abracei emocionada, não pelo valor do presente, mas pelo ato, por ele me amar ao ponto de me dar um presente tão valioso.

— Muito obrigada, amor. Eu não mereço tanto.

— Eduarda, tudo o que você me deu não tem preço. Ainda que eu te compre a porra da lua, não será o suficiente. Eu nunca me senti tão completo e feliz. Na verdade, eu nunca estive realmente completo. Olho para você e nossas filhas e não consigo sequer comparar com alguma outra época da minha vida. Hoje eu sei que antes eu não tinha nada, você me deu tudo.

Olhei para ele emocionada e o beijei.

— Você gostou desse modelo e dessa cor?

— Se eu gostei? Eu amei, é muito lindo! Agora só preciso aprender a dirigir.

— Eu vou te ensinar.

— Muito obrigada, amor. Eu te amo! Não precisava ter gastado tanto dinheiro comigo.

— Deixa de besteira, você é a minha mulher, mãe das minhas filhas, merece o melhor.

Eu o beijei novamente e olhei para o meu irmão, que não tinha falado nada.

— Inácio, olha o meu carro. Não é lindo?

— Muito lindo, fiquei até com vergonha de te dar meu presente agora.

— Deixa de ser bobo, o melhor presente que você pode me dar é fazer parte da minha vida — falei, abraçando-o.

— Cunhado, e eu não vou ganhar um carro? Também é meu aniversário — Meu irmão brincou com meu marido.

Raphael nem teve tempo de responder, porque Nina tratou de implicar com Inácio.

— Meu primo é um príncipe mesmo, sabe exatamente como tratar uma mulher. Você tem muita sorte, Duda, porque tem um marido maravilhoso, um homem que sabe valorizar uma mulher, não é como uns e outros por aí.

— Eu sei valorizar as mulheres sim, minha querida. Fique sabendo que eu sou um amante maravilhoso, mas nem todas as mulheres merecem. Tem algumas que são muito bocudas, não merecem a cortesia de caras como eu — meu irmão automaticamente rebateu.

— Inácio, olha como você fala com a minha prima! Parem de brigar o tempo todo, conviver com vocês está insuportável. Hoje é aniversário da Eduarda e ela não merece ficar ouvindo essa ladainha — Raphael falou e me puxou para ver o carro.

Quando ele abriu a porta, eu fiquei ainda mais encantada.



Raphael

— Mamãe já vai — minha mulher se despediu das nossas filhas, quando voltamos para casa.

— Rapha, coloca uma sandália nelas e qualquer coisa me ligue.

— Maria Eduarda, não saia de perto dos seguranças. Onde você estiver eles também estarão. Se você fizer malcriação e mandá-los embora, eu vou saber.

— Tá bom, papai.

— Debochada! Você sabe muito bem que consegue ser assustadora e escorregadia com essa sua rebeldia.

Ela me deu língua, me beijou e saiu de casa apressada. Levantei do sofá, peguei as meninas nas cadeirinhas e subi para trocar de roupa e colocar a sandália nelas. Quando retornei para a sala, o folgado do Inácio estava jogado no sofá.

— Cadê as princesas lindas do titio? — ele falou com as minhas filhas, fazendo voz infantil.

Era ridículo, mas, infelizmente, elas tinham um gosto meio duvidoso e sorriram para ele.

— E aí, querido cunhado, o que faremos até as mulheres voltarem? — Inácio perguntou animado.

Eu sentei no chão e coloquei as meninas junto comigo, porque elas não gostavam mais de colo desde que aprenderam a engatinhar.

— Você não precisava ter vindo, eu ficarei bem. Não é a primeira vez que eu fico sozinho com elas.

— Eu vim mesmo sem você gostar, porque eu quero passar um tempo com as minhas sobrinhas.

— Você é um cara muito grudento. Pelo amor de Deus!

— Eu perdi muito tempo da minha vida sem conhecê-las, não posso perder nem mais um dia. Você sabe tão bem quanto eu que,

com essa vida que levamos, a gente nunca sabe quando será a última vez — Inácio falou, ficando sério de repente.

— Sim, eu sei, mas se depender de mim, eu lutarei mil guerras e passarei por cima de qualquer coisa para voltar sempre para casa. Agora eu tenho um motivo maior.

— Tenho certeza disso — ele disse. — Como é a sensação de ser pai, Raphael?

— Porra, é impossível descrever totalmente em palavras. Eu olho para elas e não consigo acreditar que fui eu quem fiz. Elas e sua irmã são as criaturas mais lindas que existem no mundo, e eu tive parte nisso. Maria Eduarda e eu as concebemos. Provavelmente foi a melhor coisa que fiz na vida, aliás, com toda a certeza foi! É um amor muito louco, a gente só entende a dimensão quando sente.

— Elas são muito lindas, são a sua cara, no entanto.

— Está dizendo que eu sou feio, babaca?

— Minha irmã é mais bonita que você, a lógica era elas parecerem com ela.

— Disso eu não posso discordar. Talvez, se eu pedir perdão o suficiente por todas as merdas que já fiz na vida com garotas, Deus faça com que elas não sejam tão bonitas como a mãe, e eu não precise matar um garoto a cada esquina.

— Não se preocupe, eu vou te ajudar com isso.

Eu ri, afinal, Inácio nem sempre era tão insuportável.

— Já que estamos sozinhos aqui, vamos para a casa do meu pai, aqui fica muito silencioso sem a Maria Eduarda. Isso me dá angústia.

Pegamos as meninas e saímos de casa. Quando chegamos no meu pai, Pietro estava lá com Noah e Romeu com Chase.

Falei com todos e sentei no sofá com a Raphaela. Inácio cumprimentou a todos e sentou ao meu lado com Sophia. Como elas já estavam engatinhando e não paravam mais quietas, logo quiseram descer para brincar com Noah. Chase não ficou atrás e largou Romeu para se juntar a eles.

O dia se arrastou. A realidade era que nós homens, que nos achamos autossuficientes, ficamos perdidos na ausência das nossas mulheres.



As mulheres voltaram para casa depois de passarem praticamente o dia todo no SPA, e nós nos reunimos na casa dos meus pais para um jantar em comemoração ao aniversário de Eduarda e Inácio. Elas trouxeram um bolo, nós cantamos os parabéns e, depois, fomos comemorar em uma das boates da família, deixando as gêmeas por conta da minha mãe, minha avó e tia Pérola.

Assim que chegamos ao camarote da boate, pedi um uísque para mim e uma taça de coquetel sem álcool para Eduarda. A pediatra a liberou para tomar uma taça de champanhe em ocasiões especiais, mesmo no período de amamentação, entretanto ela prefere não beber, com medo de que faça mal para as meninas. *Eu morro de orgulho dessa mulher e da mãe maravilhosa que ela é para as nossas filhas.*

Todos fizeram seus pedidos e nós nos sentamos em uma área reservada só para nós. O camarote foi lotando aos poucos, conhecidos e parceiros de negócios vieram nos cumprimentar — alguns acompanhados das esposas ou namoradas, outros com suas amantes. Era incrível como isso passou a me incomodar, chegando a achar uma falta de respeito com a minha mulher o fato de alguns caras levarem suas amantes para o mesmo ambiente em que ela estava.

Antes, eu pouco me importava quando via algo assim, até porque eu era um cara totalmente promíscuo, mas depois que conheci a Duda, fiquei com uma visão completamente diferente do que é prazer e felicidade. *Minha mulher e minhas filhas me salvaram de uma existência vazia e sem objetivos, e eu não quero que isso mude nunca.*

Lorenzo se encarregou de encher o camarote de mulheres solteiras, Eduarda grudou em mim desde que as viu, e eu estou bem com isso.

— Vamos dançar? — ela falou no meu ouvido.

Não pensei duas vezes em fazer o que ela queria, porque aquela noite era dela, e eu faria todas as suas vontades. Claro que eu já fazia, eu era a porra de um fantoche na mão dela e não me incomodava nem um pouco com isso.

— Aonde vocês vão? — Lorenzo perguntou.

— Vamos dançar — respondi.

Nina pulou do sofá para nos acompanhar e fomos os três para a pista. Em pouco tempo, Inácio se juntou a nós e, depois veio Lorenzo com mais duas mulheres. Uma delas parecia estar interessada em Inácio e, mesmo ele não demonstrando o mesmo interesse, a garota grudou nele de maneira que não teve escapatória, ele acabou dançando com ela. Nina não ficou muito feliz com a presença da garota, e eu desconfiei que estivesse rolando alguma coisa entre ela e Inácio. Qualquer um podia ver isso, exceto eles dois que brigavam na maior parte do tempo.

Depois de quase duas horas na pista de dança, voltamos para a mesa para beber alguma coisa, e as duas meninas nos acompanharam. Eu sentei em um dos sofás com Maria Eduarda no meu colo, Nina sentou ao nosso lado e, ao lado dela, a garota que grudou em Inácio; Lorenzo e a outra menina não chegaram na mesa, sumiram pelo caminho; e Inácio pediu licença e foi ao banheiro.

Maria Eduarda estava usando um vestido creme que deixava suas coxas de fora, e eu estava louco para me enterrar nela. *Gostosa pra caralho! Não aguento mais dividir a atenção dela com ninguém.*

— Está gostando da noite? — perguntei enquanto alisava sua coxa e beijava seu pescoço.

— Sim, meu dia está sendo perfeito.

— Eu estou louco para voltar para casa e te comer o resto da madrugada toda ou, se você preferir, podemos ir ao banheiro para

aliviar meu tesão.

— Você é um safado! Nós vamos resolver isso em casa depois.

— Acho melhor irmos logo, não falta tanto tempo para as meninas acordarem e eu quero passar um tempo a sós com você esta noite, com calma.

— Vamos ficar só mais um pouquinho, depois eu cuido da sua carência.

Antes que eu respondesse, escutei a Nina soltando uma pérola. Não ouvi o que ela disse antes, porque eu estava concentrado na minha mulher, mas eu sabia que, sem dúvida, ela falava do Inácio.

— Ele não te contou? Que sacana! — Nina disse. — Usem camisinha, porque ele tem muitas doenças sexualmente transmissíveis. Ele sempre foi meio irresponsável e promíscuo, você sabe como são os homens.

A menina olhava para minha prima com o semblante horrorizado.

— A esposa dele não aguenta mais ir ao ginecologista e usar tantos medicamentos, coitada, mas ela o ama e não consegue deixá-lo. Eu tenho muita dó dela... Deus me livre de ser apaixonada por um homem assim. Aliás, eu não entendo porque, mesmo ele batendo nela, a coitada não desiste.

— Ele é casado e bate na mulher? — a menina perguntou com os olhos arregalados.

— Sim, mas no fundo ele não é tão ruim assim. Eu acho que ele também gosta dela, mas ele é muito explosivo...

— Eu tenho que ir, Leona já sumiu com Lorenzo e está ficando tarde, então vou pegar uma carona com um amigo — a menina falou, levantou no mesmo instante e saiu correndo de lá.

Nina explodiu em uma gargalhada ao meu lado, e eu achei aquilo uma sacanagem com o Inácio, mas Maria Eduarda riu. Aquela era a tal da fidelidade feminina, ainda que a vítima fosse seu irmão.

— Coitada da garota, Nina. Por que você fez isso? Por acaso está interessada no meu cunhado?

— Está louco, Raphael? — ela respondeu, fechando a cara na mesma hora. — Não quero nada com aquele troglodita imbecil.

— Pois eu acho que quer sim, se não quer porque espantou a menina?

— Eu não espantei.

— Não?

— Não, eu... Eu... Ah, cala a boca, Rapha! — ela disse. — Maria Eduarda, vamos dançar.

Nina se levantou, puxando Eduarda do meu colo, e as duas foram um pouco mais à frente dançar, ali mesmo no camarote. Eu fiquei sentado de olho nelas e fiz sinal para Taylor e Franco ficarem de olho também. Maria Eduarda e Nina juntas eram um perigo, fogo e palha.

— Pietra foi embora? — Inácio perguntou quando retornou.

— Sim, acho que você vai ter que procurar outra para terminar a noite.

— Eu não estava realmente interessado, ela não faz meu tipo — ele respondeu e deu de ombros.

— E quem faz seu tipo?

— Por aqui, ninguém.

— Tem certeza?

— Tenho! Mas, cara, eu preciso arrumar uma mulher para foder.

— Espero que você seja capaz de distinguir quem é só para foder e quem é para casar — dei um aviso sutil que, com certeza, ele entendeu.

— Falou o cara que transou com a minha irmã e a engravidou na primeira noite.

— Pois é, mas eu dei meu sobrenome a ela, estamos casados e eu a amo, então não me questione.

— Você está certo, preciso admitir que você é bom para ela.

— Mulher para sexo casual é o que não falta aqui, afinal Lorenzo fez questão de convidar todas as amigas solteiras dele.

— Eu sou um cara meio seletivo. Não quero compromisso, mas também não sou muito chegado a foder com mulheres aleatórias, prefiro uma foda boa e fixa. Eu acredito na química e, quanto mais intimidade você adquire com uma mulher, melhor fica a transa.

— Não sabia que você era um cara tão romântico — falei zombando.

— Não tenho nada de romântico, sou apenas seletivo.

— Eu estou achando que essa sua seletividade tem nome.

— O que vocês dois estão falando, hein? — Maria Eduarda chegou perto de nós e me abraçou.

— Eu estava contando ao seu irmão o quanto você está linda hoje.

— Nos outros dias estou feia?

— Nunca, você é linda todos os dias — falei e ela sorriu.

— Porra, alguém me socorra, acabei de ficar diabético — Inácio falou com cara de nojo e nós rimos.

— Cadê meu irmão? — Nina perguntou.

— Por aí — respondi.

— Lorenzo é nojento, aposto que já sumiu com alguma piranha daqui. Raphael, eu vou embora com você.

— Então comece a se preparar, nós já vamos.

— Já? Poxa, Rapha, eu nunca saio e, por um milagre divino, meu pai nem me deu horário para voltar, vamos ficar mais um pouco...

— Nina, meu amor, nós agora somos pais, então temos que aproveitar a madrugada.

— Será que o Lorenzo ainda volta? — ela perguntou desanimada.

— Não conte com isso.

— Se você quiser eu levo você, também gostaria de ficar mais um pouco — Inácio se ofereceu.

Nina olhou para ele esperançosa. Eu estava pronto para dizer que não ia deixar, mas Maria Eduarda me beliscou e sussurrou no meu ouvido: — Se você se meter nisso, vai ficar sem sexo por uma semana.

— Porra, que covardia! — sussurrei de volta. — Eu não posso permitir isso, Maria Eduarda. Qualquer um vê que está rolando faísca entre os dois e isso é perigoso, inclusive tio Enzo está enlouquecendo com isso.

— Por que? Meu irmão é um homem respeitável como qualquer um de vocês.

— Eu não estou dizendo o contrário, meu amor, mas como pai, eu entendo a preocupação do meu tio.

— Raphael, vamos para casa resolver nossa situação. Nina já é adulta, não vai acontecer nada demais, deixa eles se divertirem. Se formos para casa agora, posso pensar em um agrado para você.

— Que agrado? — perguntei ansioso.

— Aquilo que você quer já faz um tempo.

— Puta merda! Anal?

— Se você fizer por merecer...

— Nina, estou indo embora, você vai ficar? — perguntei, levantando rápido.

— Se não for um problema para você...

— Inácio é inteligente, ele sabe que se não cuidar de você e não te respeitar eu ou meu tio Enzo iremos matá-lo.

— Tudo bem, então eu vou ficar — ela falou, sorrindo de orelha a orelha.

— Eu vou mandar uma mensagem para o tio Enzo, avisando que você vai dormir na minha casa — falei a ela e, depois, me virei para meu cunhado. — Inácio, leve-a para minha casa e não demorem tanto. Estou te dando um voto de confiança, não me decepcione.

— Eu não vou — ele respondeu.

Maria Eduarda e eu nos despedimos e saímos da boate.

— Eu não sei se estou fazendo a coisa certa, se tio Enzo e Lorenzo descobrirem, vão ficar putos comigo.

— Eles não vão descobrir, e Inácio jamais vai desrespeitar a Nina. Ele vai cuidar bem dela, tenho certeza.

— Basta saber que tipo de cuidado será esse.

Capítulo 33

Raphael

Mal entramos em casa e Maria Eduarda já estava arrancando minha roupa e eu, a dela. Quando já estávamos nus, encostei-a em uma parede da sala e beijei cada parte do seu corpo.

Segurei a cintura dela, puxando-a para mais perto de mim, pressionei suas costas na parede e a beijei com fome e ansiedade enquanto ela gemia. Eu senti meu pau ficar ainda mais duro, como acontecia sempre, pois minha mulher nem precisava se esforçar para me despertar, bastava um toque seu ou, às vezes, apenas um olhar para eu ficar aceso.

— Me come, Raphael — Ela falou, afastando meu rosto do seu e olhando para minha boca.

Porra, eu nunca me acostumaria com o quanto ela era diferente quando estava excitada. Se no dia a dia Eduarda era quietinha, na hora do sexo ela era totalmente livre e selvagem, perfeita para mim. Éramos fogo e pólvora. Eu nunca entenderia o efeito que aquelas palavras sujas faziam no meu corpo. Costumava ser sempre eu falando baixarias para as mulheres, no entanto Maria Eduarda sempre me surpreendia.

Eu a virei, encostando seu rosto na parede, e me abaixei. Separei as bochechas da sua bunda e, ao ver como já estava molhada, meu tesão aumentou.

— Porra, Eduarda, você já está pronta — falei e ela gemeu.

— Eu sempre estou pronta para você. Agora para de falar e vem logo matar a fome que eu estou de você.

Enfiei minha língua nela e provei seu sabor delicioso. Enquanto ela rebojava no meu rosto, senti sua respiração ficar mais ofegante. Ela ia gozar, e eu amava vê-la gozar.

Maria Eduarda gozou na minha boca, gemendo e falando sacanagens. Então, sem poder esperar nem mais um minuto, fiquei

de pé, dei um tapa com força na bunda dela e posicionei meu pau na sua entrada. Coloquei as duas mãos na parede ao lado da sua cabeça e me inclinei, sussurrando em seu ouvido:

— Abra as pernas e empine essa bunda para mim, que eu vou meter na sua boceta gostosa.

Ela resmungou, fazendo exatamente o que eu disse e, quando eu já estava posicionado, me afundei nela. Aquele era meu paraíso particular. Cada vez que eu estava dentro dela era ainda melhor, porque ela era apertada, quente, macia e escorregadia. Perfeita demais.

Suas mãos vieram para trás e encontraram o meu cabelo. Ela o puxou, e seus gemidos aumentaram conforme eu estocava mais rápido e forte. Eu estava descontrolado. Queria fazer amor com ela devagar e delicadamente, mas ela era uma tentação do caralho e me fazia perder o autocontrole. O desejo que eu sentia por ela me deixava desorientado, sem raciocínio e louco aos seus pés.

— Rapha... — ela me chamou entre respirações ofegantes.

— Quieta — falei e continuei metendo.

Eu sabia que ela gostava disso. No dia a dia, eu sequer podia olhar feio que ela já ficava possuída, no entanto ela gostava de hostilidade e brutalidade no sexo.

Desci minha mão até sua garganta e segurei ali com cuidado para não machucá-la. Ela continuou gemendo mais e mais, e eu senti seu corpo começar a tremer. Intensifiquei as estocadas porque sabia que ela estava perto e, logo, ela gozou, gemendo, quase me levando junto com ela, mas eu resisti porque tinha outros planos. Esperei ela se acalmar e sussurrei em seu ouvido:

— Agora é minha vez e eu vou comer seu cu.

Ela gemeu e se empinou mais ao me ouvir. Tirei o pau de sua boceta encharcada e, com seus próprios fluidos, eu a lubrifiquei e posicionei meu pau, devagar, em sua entrada apertada. Quando comecei a empurrar, ela se contraiu e eu parei.

— Você tem que relaxar para não te machucar. No início, vai doer, mas depois vai ficar gostoso.

Ela não respondeu, mas relaxou e se empinou um pouquinho mais, liberando o acesso. Eu comecei a entrar devagar, com dificuldade. Ela era apertada pra caralho. Sem poder mais resistir, dei um pequeno impulso e entrei nela até a metade. Eduarda deu um grito, mas não tentou fugir.

— Shii, calma, vai melhorar — sussurrei.

Levei minha mão ao seu clitoris e massageei do jeito que eu sabia que ela gostava. Senti ela relaxar um pouco mais e gemer. Intensifiquei os movimentos dos meus dedos em sua boceta e fui entrando mais nela, até que estava totalmente enterrado. Nós dois gememos enlouquecidos.

A boceta dela ficou cada vez mais molhada, e seu cu estrangulando meu pau. Meti mais forte e ela gemeu mais alto. Meus dedos não paravam de trabalhar em sua boceta, e meu pau se enterrou em seu cu até o talo. Eu já estava por um fio e, quando ela começou a se contrair, me apertando e gemendo, avisando que ia gozar, o fio se rompeu e eu me despejei dentro dela.

Quase perdemos completamente a força das pernas, mas me mantive firme, segurei-a no colo e levei-a para nosso quarto. Tomamos banho juntos, entre beijos e carícias, e assim como eu, ela era insaciável, então transamos mais uma vez no chuveiro. O dia já estava clareando quando saímos do banheiro e caímos na cama, exaustos e saciados.



Maria Eduarda ainda dormia tranquilamente, quando levantei horas depois. Fui ao banheiro e, ao me olhar no espelho, vi o quanto estava cansado. Meu rosto estava amassado e cheio de olheiras, mas a noite tinha sido maravilhosa. De repente, uma lembrança veio à minha cabeça e eu fui às pressas até o quarto de hóspedes.

— Puta merda! Cadê a Nina? — falei baixo comigo mesmo.

Voltei para o meu quarto e peguei meu celular para ver se tinha mensagens dela ou, pior, do tio Enzo ou Lorenzo, mas não

tinha nada. Tentei ligar para ela e Inácio, porém nenhum dos dois atendeu. *Ah caralho, vai dar merda!*

Tomei um banho rápido, vesti uma roupa e descí às pressas. Quando abri a porta da cozinha que dava para a área externa, lá estavam os dois agarrados e se beijando, já de roupas trocadas.

— Que porra é essa? — falei irritado.

Os dois me olharam assustados e, em seguida, sorriram.

— Calma, cara, está tudo sob controle — Inácio falou com cara de idiota.

Ele já estava caidinho pela Nina, estava estampado na cara dele.

— Eu espero que sim. Nina, meu tio sabe que você está aqui?

— Sabe sim. Já fui em casa para tomar banho, me troquei e disse a ele que dormi aqui como combinamos. Ele sabe que estou aqui com vocês, só não sabe que Inácio também está. Ele não pode saber de nós dois, Raphael — ela me falou com um tom de súplica.

— Vocês querem me foder, caralho?! Eu não posso esconder esse segredinho sujo de vocês.

— Não aconteceu nada demais, Raphael. Nós vamos te explicar, mas não queremos falar nada por enquanto, porque você sabe que meu pai vai surtar.

— Então entrem, antes que alguém veja vocês. Quero que me expliquem o que está acontecendo, porque quem já está surtando sou eu. Eu vou buscar minhas filhas na casa do meu pai e já volto, não saiam daqui.

— Sim, senhor — Nina respondeu sorrindo.

Pelo jeito, não era só o Inácio que já estava caidinho.

Cheguei na casa dos meus pais e Gorete me falou que eles estavam na área externa com as meninas. Quando cheguei lá, meu tão temido pai estava deitado no chão com minhas filhas subindo nele, e minha mãe observava aquela cena sorrindo. Se alguém o visse daquele jeito até duvidaria que, durante muito tempo, ele foi o

primeiro no comando da organização criminosa mais poderosa do mundo.

Eles não me viram chegar, então eu fiquei observando-os durante alguns minutos. Esses momentos, onde estavam só a nossa família, eram os únicos nos quais meu pai baixava a guarda — nem na frente de Romeu e Inácio ele costumava ser assim.

Raphaela colocava a mão na boca do avô, ele fingia que ia morder o dedinho dela e minha filha gargalhava. Do outro lado, Sophia o mordida, pois como estavam nascendo os dentinhos, ela tentava morder tudo o que via pela frente.

— Você está mordendo o vovô? Eu vou morder você também.

Meu pai pegou o bracinho da Sophia, fingiu mordê-lo, e ela se desmanchou para o avô. Minhas filhas o amavam, mas eu ficava envaidecido de saber que, embora o amassem, elas me amavam muito mais, pois bastou eu chegar perto para elas voltarem a atenção totalmente para mim. Raphaela esticou os bracinhos pedindo meu colo.

— O pai chegou e vocês esquecem de mim, não é? — meu pai falou rindo.

Segurei Raphaela no colo, e ele segurou a Sophia.

— Papai estava com saudades — falei beijando e apertando Raphaela. Em seguida, dei um beijo na Sophia, e ela se jogou para mim, então segurei-a também. — Eu só vim buscá-las. Sei que elas ficam bem com vocês, mas eu já estava com saudades e elas também devem querer mamar.

— Raphael, antes de você ir, podemos falar um minuto?

— Claro, pai.

— Conversaremos outra hora com calma, mas já quero deixar você ciente de que eu estou sabendo da situação e fiquei muito preocupado. Eu vi Nina chegar mais cedo com Inácio e ir para sua casa.

Não me surpreendi ao ouvir isso, afinal meu pai sempre via e sabia de tudo.

— Enzo não vai aceitar... — meu pai falou e fechou os olhos.
— Porra, nem eu sei se aceito. Inácio se mostrou ser um cara digno, mas não tem nem um ano que o conhecemos, não sei se podemos confiar nele a esse ponto.

— Eu sei disso, pai, e também não estou confortável com essa situação, mas o que eu posso fazer?

— Você chegou em casa bem antes deles. Por que não a trouxe com você?

— Eu deveria ter trazido, mesmo ela não querendo vir, mas não ia adiantar, porque eu ia atrapalhar hoje e eles iam se encontrar outro dia. Está na cara que está rolando alguma coisa entre os dois, vai dizer que nunca percebeu?

— É claro que eu percebi, e seu tio também, ninguém é idiota. Mas Enzo está disposto a fazer qualquer coisa para manter Inácio longe da Nina.

— Se eles resolverem ficar juntos, ninguém vai conseguir impedir. Nós dois sabemos que quando a gente se apaixona por uma mulher não tem mais jeito. Você não desistiu da minha mãe, e eu nunca desistiria da Maria Eduarda.

— Inácio não está apaixonado pela Nina, nem ela por ele, acho que é apenas atração pelo proibido.

— Talvez seja, mas eu arrisco a dizer que eles estão realmente apaixonados.

— Prevejo muitos problemas pela frente.

Eu suspirei cansado. *Cada hora é um problema diferente.*

— Vamos dar uma chance a ele, pai. Eu não posso afirmar, mas o cara parece ser confiável.

— Eu já estou dando uma chance a ele desde que o recebo na minha casa, mas entregar minha sobrinha na mão dele é outra história. Não me julgue, Raphael, porque eu vi de perto as coisas que Lucca fez.

— Inácio não é o Lucca pai, ele é diferente.

— Como você pode ter tanta certeza?

— Você acha que eu pisco quando ele está por perto? Eu sou o mais interessado no caráter dele, porque ele está dentro da minha casa, perto da minha mulher e das minhas filhas. Estou sempre analisando o cara, sempre, e até agora não vi nada que possa macular a imagem dele, muito pelo contrário, ele tem demonstrado todos os dias seu amor pelas minhas garotas. Se eu sentisse que ele oferecia um mínimo de perigo a elas, ele já estaria morto.

— Eu também acho que ele não é como o pai, mas conheço Enzo, ele não vai querer arriscar com a filha dele.

— E o que ele vai fazer, matar o Inácio? Eu não serei a favor disso, porque ele é irmão da minha mulher e isso vai destruí-la, pois ele é importante para ela. Além disso, na minha opinião ele não fez nada para merecer esse destino.

— Eu sei que não, porra. Eu também não concordo com isso, mas sei como Enzo pensa. Nós pagamos para ver com o Lucca, deixando-o vivo mais de uma vez e, no final, ele quase estuprou sua tia. Enzo nunca esquecerá isso.

— Então esperem Inácio errar para tomar uma atitude..

— Só estou te preparando para a reação do seu tio.

— Pai, vamos com calma, a gente nem sabe o que aconteceu. De repente, eles só se pegaram hoje — falei. — Eu vou voltar para casa e conversar com eles, então não conte nada ao meu tio e nem ao Lorenzo.

— Tudo bem, eu não vou contar, mas dependendo do que você ouvir hoje, na segunda-feira terei uma conversa com Inácio.

— Certo, eu te mantenho informado.

Me despedi dos meus pais e fui para casa. Minha intenção era entregar as gêmeas para Eduarda e ter uma conversa com aqueles dois.

Bônus Nina

Na madrugada

Quando Raphael saiu da boate com Maria Eduarda, fiquei um pouco sem graça de estar sozinha na presença de Inácio. Embora eu nunca fosse admitir, ele me intimidava.

Como eu não era mulher de fugir de nada, encarei-o. *Gostoso pra cacete*. Mas ele não me enganava, eu sabia que o assassino criminoso estava lá dentro, a fachada gostosa era apenas um disfarce. Eu sabia que ele poderia ser tão ruim quanto meu irmão, meu pai, meu tio e meus primos, ou pior, como seu próprio pai. Eu tinha ouvido as histórias sobre ele, mas eu gostava do perigo.

Ele me olhou sorrindo. Era raro ele sorrir assim para mim, já que vivíamos brigando. *Eu odeio admitir, mas ele é ainda mais bonito sorrindo*.

— O que você acha de sairmos daqui? — Inácio sugeriu.

Será que era uma boa ideia? Ali era uma boate da família, onde eu sabia que estava protegida. Além disso, eu ainda não sabia se podia confiar nele. Pensei durante alguns segundos e respondi, levada pelo meu péssimo instinto de proteção.

— Acho uma boa ideia, já estou enjoada das boates da família. Aonde você quer ir?

— Eu conheço um bar bem legal, não muito longe daqui, acho que você vai gostar.

— É da máfia?

— Não, não é, mas eu vou te proteger, não se preocupe.

Ele tinha um sorriso diabólico nos lábios, como se o que estava prestes a fazer deixasse-o com pico de adrenalina; eu me sentia da mesma maneira.

— Vamos logo, então — falei empolgada.

Quando chegamos ao bar, de cara eu gostei do ambiente. Era um lugar elegante, mas não tão formal como a maioria dos que eu costumava frequentar. Tinha muita gente bebendo e dançando, uma mulher cantando ao vivo e um homem tocando guitarra, isso me animou.

Inácio e eu nos aproximamos do palco, nos acomodamos e pedimos uma bebida.

— Como você conheceu esse bar? — perguntei.

— Eu sou um cara solteiro e novo na Itália, então preciso explorar os lugares, porque não gosto muito de frequentar os bares e boates da máfia. Achei esse aqui por acaso e gostei, pois é um ambiente tranquilo. De vez em quando aparece uns bêbados sem noção, mas nada alarmante — ele respondeu. — E você, Nina, o que gosta de fazer?

— Gosto de muita coisa, mas não posso quase nada, porque meu pai me prende muito e me trata como uma boneca de vidro. Eu gostaria de viajar, conhecer o mundo e pessoas de todos os lugares, mas isso me parece impossível. Meu pai diz que é muito perigoso, e eu reconheço que é. Você já viajou muito?

— Menos do que eu gostaria, mas conheço alguns países.

De repente, a música parou e a cantora anunciou:

— Pessoal, o karaokê vai começar. Quem quiser se aventurar é só se aproximar do palco

— Inácio, vamos cantar — falei eufórica. — Vamos, por favor, eu amo karaokê.

— O quê? Não, eu não. Vá você, vou ficar aqui te observando.

— Eu vou mesmo.

Num impulso que nem eu mesmo entendi, dei um beijo na bochecha dele e me aproximei do palco.

Bônus Inácio

Nina era linda pra caralho, linda mesmo, do tipo que você não consegue parar de olhar, do tipo que deixa um cara experiente, como eu, de joelhos. No início, eu tentei ignorar a atração que senti por ela, porque eu sabia que Enzo não confiava nem um pouco em mim por conta do histórico do meu pai, e eu respeitava e entendia o lado dele, afinal meu pai fez muitas merdas.

Nesses meses, desde que cheguei na família, fui sendo aceito aos poucos. No início, as únicas que importavam para mim eram Maria Eduarda e as gêmeas, depois minha avó, mas aos poucos fui me afeiçoando a cada um deles. Melissa é a delicadeza em pessoa e Mia era parecida com ela. Lili era encantadoramente maluca e Lorenzo era um cara tranquilo, e eu achava que tinha certa consideração comigo, apesar de também não me querer perto da irmã dele; Romeu era uma figura, me aceitou totalmente e nos dávamos muito bem.

Um cara de quem eu realmente gostava era o Raphael. Ele era contido, mas me tratava bem, apesar de morrer de ciúme da Maria Eduarda e das gêmeas comigo. Pra mim, era muito importante perceber que ele amava minha irmã e a tratava como a rainha que ela era. Eu nem me importava que ele não gostasse muito de mim, pois já tinha meu respeito pelo marido e pai que ele era.

Uma maior resistência eu sentia de Pietro, porque era um cara realmente fechado e muito equilibrado — a posição de *Don* exigia isso, e o cara parecia ter nascido para essa função —; de Matheo e Enzo, que eu sabia que era porque presenciaram toda a merda que meu pai fez. Eu não os culpava e sentia que, aos poucos, eles estavam começando a confiar em mim.

Entretanto, em relação a Nina, não tinha conversa com o Enzo e isso me afastou. Eu sentia que ela não era imune a mim, até quando nós brigávamos — que era na maioria do tempo —, mas quando ela baixava a guarda, eu podia ver que ela era uma menina

incrível. Uma pena que a paz durava pouco, pois logo ela engrossava para o meu lado e era emocionante assistir suas mudanças de humor. Eu nunca me diverti tanto na vida.

Quando ela subiu no palco, a menina rebelde que causava e fazia o que lhe desse na telha deu lugar a uma garota muito relaxada, nem um pouco envergonhada e que gostava de cantar. Os acordes da guitarra começaram a soar e, quando ela começou a cantar, eu me surpreendi. Nina cantava bem e era afinada. A música era *Crash! Boom! Bang!* do Roxette e essa foi outra surpresa, porque eu gostava dessa música, mas não achei que ela gostasse. Era uma música meio romântica, não parecia muito com o perfil dela.

Fiquei totalmente absorvido pela voz de Nina, mas me distraí quando um babaca gritou um "gostosa" para ela, e eu lancei um olhar de morte para ele. O cara foi esperto e caiu fora, ainda bem, porque eu não queria matar ninguém e estragar nossa noite.

Ela desceu do palco minutos depois, e nós continuamos bebendo e conversando como um casal normal que tinha acabado de se conhecer. Descobri que gostava de conversar com ela e ouvi-la falar sobre seus sonhos e seus pequenos atos de rebeldia. Ela me contou as muitas vezes que Raphael e Lorenzo entraram em brigas por causa dela e eu os entendia, porque Nina tinha um jeito natural de provocar os homens. *Ela é sexy pra caralho.*

Resolvi encerrar nossa noite, pois embora ainda não fosse tão tarde, ambos já estávamos um pouquinho alterados pela bebida. Chamei-a e ela concordou, então paguei a conta e levantamos.

— Eu quero ir ao banheiro, vem comigo?

— Você não quer que eu entre no banheiro com você, não é?

— ela disse.

Eu ri antes de responder. *Até que não seria ruim*, pensei.

— Não, mas não é seguro você ficar aqui sozinha. No banheiro tem divisórias, você pode me esperar do lado de fora.

— Vai ficar tudo bem, vai lá.

Eu hesitei por um momento, pois meus seguranças estavam esperando no carro, mas olhei ao redor e não vi nenhum perigo

eminente.

— Eu vou rápido, não saia daqui.

— *Tá* bom.

Bônus Nina

Estava dançando perto do bar e esperando Inácio, quando senti braços rodearem minha cintura. Fiquei tensa imediatamente e tentei me esquivar, mas me desequilibrei.

— Opa! Cuidado, princesa.

O cara me segurou mais forte, colando o corpo no meu, e a primeira coisa que senti foi o cheiro forte de bebida.

— Me solta, seu idiota!

— O que foi, sua mal agradecida? Eu te impedi de cair.

— Me solte, eu não preciso de você.

Ele ignorou meu pedido e me segurou ainda mais forte. Com dificuldade, virei e fiquei de frente para encarar o imbecil, e ele sorriu, achando que eu estava caindo na dele. *Tolo!*

Quando eu estava me preparando para dar uma joelhada nele, vi um punho atingir seu rosto com muita violência. O cara caiu no chão, quase me levando junto com ele. Instantes depois, ele levantou assustado, limpou o sangue que escorria do nariz e tentou questionar Inácio.

— Ei, cara! Você não pode bater nas pessoas assim, está maluco?

— Me impeça.

O cara nem teve tempo de responder, pois Inácio desferiu outro soco na cara dele, derrubando-o novamente, depois foi até ele e deu um chute em suas costelas, fazendo-o se curvar de dor... *Porra, ele vai matar o cara.*

— Inácio, larga ele! Está tudo bem.

Inácio hesitou, mas parou as agressões.

— Vem, vamos sair daqui.

Ele estava com as feições do rosto demoníacas, muito diferente da expressão leve de minutos atrás.

Eu cresci nesse meio e era esperta o suficiente para não questionar um homem nesse estado, então apenas o segui, tropeçando nas pernas por causa da pressa que ele andava e porque ele me puxava pelo braço.

Quando chegamos ao carro, Inácio abriu a porta, eu sentei no banco de trás e ele entrou logo depois, sentando ao meu lado. Seu segurança, então, deu partida.

— Para onde você está me levando?

— Para a casa do Raphael, como ficou combinado.

— Eu não quero ir para casa.

— Você quer ir para onde então?

— Me leve para conhecer sua casa.

— Nina, não acho uma boa ideia.

— Por que não? — Você não confia em mim, acha que vou te atacar?

— Eu não confio em mim mesmo, na verdade.

— Deixa de ser frouxo, vamos logo.

Fiquei impressionada quando chegamos à casa de Inácio, ele tinha muito bom gosto.

— Quer beber alguma coisa?

— Um vinho!

— Acho que nós dois já bebemos demais.

— Então por que perguntou?

Ele riu antes de responder:

— Vou reformular. Quer uma água, um suco?

— Uma água, por favor.

Ele foi até a cozinha ainda rindo e me trouxe água. Eu bebi de uma vez só e devolvi o copo a ele.

— Quer mais?

— Não, obrigada — respondi. — Sua casa é muito bonita.

— Obrigado. Venha conhecer

Ele me mostrou quase todos os cômodos e, assim que entramos na sala de jogos, o lugar me encantou com a mesa de

sinuca.

- Podemos jogar? — perguntei empolgada.
- Você joga sinuca?
- Sim e jogo bem, meu pai me ensinou.
- *Tá* brincando?
- Não, é sério. Quer fazer uma aposta?
- Claro — ele disse com os olhos brilhando.
- Quem ganhar tem direito a fazer um pedido ao outro.
- Não sei. Vindo de você, acho perigoso.
- Deixa de ser covarde, Inácio Smith.
- Então, vamos nessa, Nina Esposito.

Começamos a jogar uma partida e percebi que Inácio se surpreendeu com a minha habilidade no jogo. Eu sempre amei jogos e fui muito competitiva. Meu pai me ensinou quando eu era ainda uma criança e, desde então, eu não parei mais. Eu ganhava muito dele e de Lorenzo, também de Raphael e Pietro. Então, ganhar de Inácio foi fácil.

— Olha, eu já perdi as contas de quantas vezes você me surpreendeu essa noite.

— Eu sou uma caixinha de surpresas.

— Estou vendo — ele me respondeu, oferecendo um daqueles lindos sorrisos.

Não resistindo mais, fui até ele e enlacei meus braços volta do seu pescoço. Fiquei perto, muito perto, e ele olhou para os meus olhos, depois para a minha boca e me puxou para mais perto, beijando-me de um jeito que tirou meu fôlego.

Nosso beijo foi demorado e delicioso e, quando nos afastamos, nos olhamos e sorrimos.

— Agora eu tenho direito a um pedido.

— Qual? — ele perguntou.

— Quero conhecer seu quarto — falei e o beijei novamente.

Inácio segurou na minha bunda e me puxou para ele, intensificando nosso beijo. Senti seu pau muito duro na minha barriga e meu corpo todo se arrepiou, então dei um impulso e ele

me segurou no colo. Enlacei minhas pernas em sua cintura, e ele foi andando comigo até chegarmos ao seu quarto. Ele me colocou no chão, encerrando nosso beijo e disse:

— Aqui estamos.

Olhei em volta, sem prestar muita atenção, porque eu não queria ver quarto nenhum, eu o queria.

— É lindo — falei, olhando diretamente para ele.

— Acho melhor eu levar você para casa, agora — Inácio disse, engolindo em seco.

— De jeito nenhum, eu tenho outros planos.

— Pelo amor de Deus, mulher, não me coloca nessa situação, porque eu não vou resistir a você. Eu não sou um canalha, mas eu sou homem, Nina, é difícil para mim. Não vai ter mais volta se eu não te levar para casa agora.

— E quem disse que eu quero que você resista?

— Caralho de mulher danada — ele resmungou mais para si do que pra mim.

— Eu quero você, Inácio.

— Porra, eu também te quero muito, mas o seu pai vai me matar e... — ele respirou fundo, passando as duas mãos no rosto.

— Eu tenho certeza que, apesar da sua espontaneidade, você ainda é virgem.

— Eu não me importo com essa coisa de virgindade, não dou tanto valor a isso.

— Mas eu me importo, Nina. Nós temos um código de honra.

Me aproximei novamente e passei os braços em volta do seu pescoço. Eu estava decidida.

— Vai ser nosso segredinho, então — falei, piscando o olho para ele.

— Tá maluca?! Eu não vou tratar você como uma amante — ele falou. — Eu vou te assumir, mas seu pai nunca vai me aceitar. Está pronta para essa guerra?

— Se você tiver segurando minha mão, eu estou.

— Pode apostar que eu vou segurar e não vou largar, mas você sabe que todos vão ficar contra nós e vão querer nos afastar.

— Então é melhor a gente transar, assim ninguém vai poder nos impedir.

— Porra, não tenho mais dúvidas de que eu vou para o inferno, mas por você, eu até sento no colo do capeta.

Nós avançamos um em direção ao outro, ele me beijou e eu me perdi no beijo. Inácio me levou para a cama e tirou minha roupa devagar, me torturando com a expectativa.

Fiquei completamente nua e ele ficou em pé e apenas me admirou por alguns segundos. Não senti um pinga de vergonha. Ele tirou a camisa, colocou a arma que estava em sua cintura na mesinha ao lado da cama e, em seguida, tirou a calça e ficou só de cueca. Ele era o cara mais gostoso que já vi na vida, não tinha um defeito sequer.

Olhei cada pedacinho do corpo dele e fiquei com água na boca, quando cheguei em seus olhos, notei que ele ainda me observava, então abri as pernas em um convite silencioso. Ele sugou uma respiração profunda, deitou em cima de mim, cuidadosamente, e olhou nos meus olhos.

— Você tem certeza? A partir de agora vai ser impossível parar.

— Tenho certeza absoluta, Inácio. Cala essa boca e me bei...

Ele nem esperou eu terminar de falar e me beijou, cheio de desejo. Eu me agarrei a ele o máximo que pude, envolvi minhas pernas em volta de sua cintura, puxando-o para mais perto de mim e, quando nossos corpos se chocaram, nós dois gememos. Inácio parou de beijar minha boca e investiu em beijos por outras partes do meu corpo. Ele beijou meu pescoço e, quando chegou aos meus seios, eu me arqueei, oferecendo-me para ele. Aquela foi a primeira vez que eu senti a língua de um homem no meu corpo, e não queria parar nunca mais.

Inácio beijou, lambeu e chupou meus seios com maestria, e eu me senti dopada de tanto prazer. Não imaginava que podia ficar ainda melhor, mas ficou quando ele chegou ao meu sexo e eu

experimentei a sensação mais deliciosa da minha vida. Ele me lambeu com vontade, circulando meu clitóris com a língua e, em seguida, chupou-o delicadamente. A sensação do seu toque foi incrível. Eu já tive um orgasmo me tocando, mas nada comparado ao que se construiu dentro de mim naquele momento.

Sem nenhum controle sobre o meu corpo, eu convulsionei em sua boca sem pudor nenhum, gemendo enlouquecida, e mesmo quando estava gozando, ele não parou de me chupar até que eu terminasse. Quando a sensação foi passando, Inácio subiu o corpo, encontrando minha boca e me beijou por alguns minutos, depois colocou a testa na minha e sussurrou:

— Eu vou entrar em você agora, bem devagar, mas se ficar insuportável, você me avisa.

Eu apenas balancei a cabeça, sem forças para falar nada naquele momento. Eu estava totalmente seduzida e enfeitiçada por aquele homem.

Senti quando ele esfregou o membro na minha entrada, para cima e para baixo, espalhando a minha lubrificação. Em seguida, ele começou a entrar devagarinho. Eu logo senti uma ardência, mas ao invés de recuar, me esforcei para relaxar e ele foi entrando cada vez mais. De repente, ele parou e me olhou, deu um beijo no meu nariz, no meu queixo, olhou nos meus olhos outra vez e sussurrou:

— Desculpe, princesa.

Eu não consegui assimilar a tempo o porquê de ele estar me pedindo desculpas, apenas senti ele dar um impulso e entrar em mim de uma vez só, abrindo minha carne para recebê-lo e me preenchendo totalmente. Sem poder me controlar, eu gritei e ele parou para me olhar. Eu voltei a beijá-lo, porque mesmo doendo eu não queria que ele parasse. Nenhum vídeo pornô que assisti, livros *hot* que li, a imaginação fértil que eu tinha e as pesquisas que já fiz me prepararam para o que eu estava sentindo. Aquela mistura de dor e prazer parecia roubar o ar de nós dois.

— Você está bem? — ele perguntou, ainda parado.

— Estou. O pior já passou.

— Vou me mexer, devagar.

Ele, então, fechou os olhos e começou um vai e vem lento. Eu me esqueci totalmente da dor ao olhar para ele, tão lindo e sexy de olhos fechados, sentindo prazer. Foi incrível saber que eu estava proporcionando esse prazer a ele. Eu tinha lido o suficiente para saber que, na primeira vez, eu não ia atingir o orgasmo com penetração, mas recebê-lo dentro de mim e perceber o quanto eu o afetava já era um prazer indescritível.

Inácio continuou se movimentando devagar e dando beijinhos leves por todo o meu rosto, depois encontrou novamente minha boca, mas dessa vez não me deu um beijo faminto, mas um delicado, cheio de sentimentos. Eu sentia como se ele tivesse adorando todo o meu corpo e meus lábios.

Alguns minutos depois, ele parou de me beijar e abriu os olhos.

— Você toma pílulas anticoncepcionais?

— Não.

— Eu quero muito gozar, mas não vou fazer isso dentro de você.

— Tá bom — respondi num fio de voz.

Naquele momento, eu concordaria com qualquer coisa que ele me dissesse, por mais absurdo que fosse.

Senti quando ele aumentou um pouco os movimentos, ficou com a respiração mais ofegante e, logo depois, ele saiu de dentro de mim e gozou por toda a minha barriga e um pouco no lençol, que a essa altura também já estava manchado com meu sangue. Eu achei que ia sentir nojo, mas isso não aconteceu. Nós dois olhamos a bagunça que fizemos e acabamos rindo.

— Vem, vamos tomar banho — ele falou, levantando e pegando-me no colo.

Tomamos um longo banho quente e relaxante, sem falarmos nada, pois não conseguíamos largar a boca um do outro. Quando terminamos, nos secamos e ele me deu um roupão para sairmos do banheiro.

— Vamos comer alguma coisa, estou morrendo de fome.

Inácio me puxou e eu o segui até a cozinha. Lá, ele me sentou à mesa, abriu a geladeira para pegar algumas coisas e montou uns sanduíches. Ele colocou os dois pratinhos na mesa, pegou uma jarra de suco de laranja, dois copos e nos serviu. Eu não me fiz de tímida, peguei logo o meu sanduíche e comi, estava delicioso.

— Você é bonito, rico, gostoso, sabe cozinhar e tem o pau grande. Deus é meu amigo mesmo, certeza! — Eu parei de comer só para elogiá-lo.

Inácio explodiu em uma gargalhada e é claro que, de todas as coisas que eu falei, ele só gravou uma parte.

— Pau grande, hein? — ele disse com uma cara sacana.

— Grande, grosso e delicioso.

— Deliciosa é você, linda. Tão perfeita e gostosa como eu imaginei que seria.

— Então você andou se imaginando comigo?

— Toda maldita noite, desde que te vi pela primeira vez.

— Essa seria a hora em que eu deveria confessar que também te quis desde a primeira vez que te vi, mas não vou, porque você já é convencido demais.

Ele riu, me deu um selinho e nós continuamos comendo. Eu terminei primeiro, pois ao invés de comer, Inácio ficou me olhando, espantado com o meu apetite. Como dizia Lorenzo, eu era magra de ruim, porque comia muito bem.

— Ei, para de olhar. Você não vai comer não? Se você não quiser mais, pode me dar que eu como.

— Sério? Que menina gulosa.

— Eu sou muito gulosa. Quer ver?

— Nina, sua safada. Já vai amanhecer, eu preciso te levar para casa antes que seu pai entre aqui, junto com o exército dele, para te resgatar.

— Meu Deus, você tem razão, eu perdi completamente a noção do tempo.

Corri para o quarto, peguei minha roupa no chão e, quando peguei a calcinha, vi que ela estava ensopada, então resolvi deixá-la de brinde para Inácio. Desamarrotei e coloquei o vestido, depois aproveitei para arrumar um pouco da bagunça enquanto Inácio não chegava no quarto. Peguei lençóis limpos no *closet*, troquei os que sujamos e, para mostrar que eu era uma menina prendada, forrei a cama e coloquei minha calcinha dobrada embaixo do travesseiro dele. *Quando ele for dormir, terá uma surpresinha!*

— Não precisava ter arrumado a cama, tenho uma pessoa para fazer isso — ele falou, entrando no quarto assim que terminei a arrumação.

— Não me custou nada, ninguém precisa ver o meu sangue.

— Ela ia achar que matei alguém. A moça já morre de medo de mim, ia ficar pior. — Nós dois rimos.

Em seguida, ele foi para o *closet* e voltou vestido com jeans e jaqueta de couro. *Que homem lindo do cacete!*

— Vamos — ele chamou.

Quando chegamos na sala ele pegou uma chave e, em seguida, dois capacetes.

— Nós vamos de moto, você tem medo?

— Não, na verdade, eu vou adorar — falei sorrindo e ele também sorriu.

Quando chegamos do lado de fora, lembrei-me de um detalhe importante.

— Só tem um probleminha. Eu estou de vestido e sem calcinha.

A cara que ele me olhou foi hilária.

— Onde está sua calcinha?

— Arruinada e totalmente molhada por sua culpa.

— Porra, você ainda vai me matar! Melhor irmos de carro então.

— Ah, não! Eu quero andar de moto.

— Sem calcinha?! De jeito nenhum.

— Me empresta uma cueca sua, então.

— O quê? — Inácio me olhou e caiu na gargalhada.

— Estou falando sério, vai ficar como um shortinho para mim.

— Nina, Nina... você é inacreditável.

Entramos em casa novamente. Fiquei aguardando na sala, e ele foi até o *closet* e voltou com uma cueca branca na mão.

— Vista essa, é a menor que tenho, nem me serve direito. Pode ficar de presente.

— Adorei o presente — falei e mordi os lábios, provocando-o.

Dei um beijo nele e vesti a cueca, que se ajustou bem no meu corpo, depois desfilei de cueca pela sala enquanto ele gargalhava.

— Para de rir de mim — dei um tapinha no peito dele. — Vamos embora.

Abaixei o vestido e corri para fora, empolgada, pois eu nunca tinha andado de moto.



Inácio voou pelas ruas da Itália até chegar ao complexo, com os seguranças atrás, tendo trabalho para acompanhá-lo. Eu me agarrei a ele com todas as minhas forças, não por medo, mas porque eu queria aproveitar cada minuto sentindo o calor do seu corpo.

Chegamos ao complexo e não entramos pelo portão principal, pois essa era mais perto da casa dos meus pais, mas pela lateral, perto da casa do tio Matheo. Inácio foi para a casa do Raphael e, como o dia estava praticamente claro, eu fui direto para minha casa.

Entrei na ponta dos pés e não vi ninguém. Passei em frente ao quarto do Lorenzo e ele ainda não tinha chegado, então segui para o meu quarto, tomei banho, vesti um jeans e uma jaqueta também de couro combinando com a de Inácio e, quando ia sair, dei de cara com meu pai. *Putá merda!*

— Bom dia, paizinho lindo — falei com minha voz mais dengosa, corri até ele, abracei-o e beijei.

Meu pai retribuiu o carinho, mas percebi que ele estava desconfiando.

— Bom dia, bebê. Por que acordou tão cedo?

— Raphael e Maria Eduarda acordam cedo por causa das gêmeas, acabei acordando também e vim pra casa tomar banho e trocar de roupa.

— Engraçado, aqui em casa o teto pode cair e você não acorda.

— Porque, aqui, eu estou em casa. Lá não é minha casa, pai.

— Você está estranha, Nina.

— Claro que não, pai, estou normal. Você que é neurótico.

— E aonde você está indo?

— Vou voltar no Raphael para tomar café da manhã com eles.

— Aqui em casa não tem comida, mocinha?

— Tem, mas eles me convidaram e seria falta de educação recusar. Agora chega de interrogatório, seu Enzo. Isso é só comigo. Lorenzo nem apareceu em casa e você não está preocupado.

— Lorenzo é homem, sabe se cuidar.

— Pai, eu não vou ficar aqui ouvindo esse papo machista, estou indo.

Dei mais um beijo nele e, antes que ele me impedisse de sair de casa, corri para a casa do meu primo.



Encontrei Inácio na área externa e ficamos lá namorando, até que Raphael abriu a porta e nos pegou no flagra. Depois que ele nos deu um sermão, saiu para buscar as filhas, e Inácio e eu ficamos conversando.

— Nina, hoje foi o Raphael, mas amanhã pode ser seu pai. Vamos abrir logo o jogo com ele — Inácio falou.

— Você ficou louco? Não vamos falar nada pra ninguém. Contaremos ao Raphael apenas até a parte do bar, ninguém vai saber que nós transamos.

— Tudo bem, mas vamos dizer ao seu pai que estamos juntos. Eu vou pedir permissão para namorar você.

— Inácio, de que máfia você veio? Não é assim que funciona aqui não. Eu sou filha do subchefe, e a nossa família está no comando. Aqui não tem namoro, é noivado e casamento.

— Podemos conversar com seu pai, talvez ele abra uma exceção para nós.

— Ele não vai. Meu pai não me quer com você, ele deixou isso bem claro — falei triste.

Apesar de não querer magoar meu pai e amá-lo demais, eu não estava preocupada com as vontades dele. A vida era minha, então eu escolheria o que era melhor para mim e ele ia ter que entender isso, mas eu sabia que seria um longo caminho a percorrer.

— Eu não tiro a razão do seu pai. Tem certas coisas que um homem presencia e que nunca mais esquece. Enzo nunca vai esquecer o que meu pai fez com a sua mãe.

— Mas você não é seu pai.

— Mas eu sou a lembrança — Inácio falou com um ar sério.
— Seu pai me conhece há pouco tempo, ele ainda não confia em mim.

— Por isso mesmo não podemos falar nada, ele vai me trancar em casa.

— Eu não vou desistir de você, Nina, não se preocupe. Eu tenho dimensão de tudo o que aconteceu e ainda está acontecendo entre a gente, então seu pai só vai me parar se ele me matar.

— Não fala assim, você não pode morrer.

— Se eu morrer você vai sentir falta de mim? — ele perguntou convencido.

— Não! — respondi de pirraça. — Só do seu corpo, da sua língua e, claro, do seu pauzão.

— Nunca me senti tão usado — ele falou, se fingindo de ofendido.

Eu o beijei e, de repente, ouvimos uma voz e nos afastamos.

— Vocês vão ficar se beijando na minha casa o dia inteiro? —
Raphael perguntou com Sophia e Raphaela no colo.

Capítulo 34

Raphael

O jeito como Nina e Inácio se olhavam deixava claro que o que eles estavam vivendo não era algo passageiro. Eles me contaram o que aconteceu na noite anterior, mas eu não era idiota e tinha certeza de que eles deixaram boa parte da história de fora. Não que eu quisesse saber os detalhes, mas eu sabia que faziam toda a diferença. Depois de conversarmos, entrei com as meninas e deixei-os no jardim, em uma área na parte de trás da minha casa, onde ninguém costumava ir.

Para o meu espanto, ao chegar no quarto, Maria Eduarda ainda estava dormindo, então deixei-a descansar mais um pouco enquanto dei banho, vesti e dei mamadeira às minhas filhas. Voltei com as meninas para o jardim e, pouco tempo depois, Eduarda nos achou lá.

— Bom dia, bela adormecida!

— Bom dia — ela cumprimentou a todos nós. — Acordei, mas ainda queria estar na cama.

— Por que levantou, então? — perguntei.

— Você não estava lá e fiquei preocupada com as meninas.

Maria Eduarda foi direto nas gêmeas e se sentou com elas. As duas se jogaram no colo da mãe e, por alguns minutos, ela se dedicou apenas às filhas, mas logo percebeu o clima.

— Por que vocês estão com essas caras?

— Inácio e Nina têm novidades para você.

— Qual? — ela perguntou, sorrindo.

— Nós estamos juntos — Inácio respondeu.

Como eu esperava, Maria Eduarda levantou correndo e abraçou o irmão.

— Eu sabia que estava rolando algo entre vocês, eu tinha certeza. Estou tão feliz, irmão — minha mulher falou, abraçou

novamente o irmão e se virou para Nina. — Você agora é minha cunhada, que maravilha. Estou tão feliz por vocês.

Nina também sorriu de orelha a orelha. *Essas meninas são duas inconsequentes*. Inácio, no entanto, tinha um semblante preocupado, pois sabia como as coisas funcionavam e já imaginava o que o esperava.



Um tempo depois, Eduarda e Nina entraram com as meninas e nos deixaram à sós no jardim. Nós dois estávamos tensos, então ficamos em silêncio por alguns minutos até que Inácio puxou assunto.

— Você vai nos apoiar?

— Você sabe que, independente do meu apoio, tio Enzo vai querer te matar.

— Minha pergunta não foi essa, Raphael. Eu quero saber se nós podemos contar com o seu apoio?

— Depende — falei e ele me olhou, interrogativo. — Ontem na boate, você me disse que não gostava de compromisso, mas sim de uma foda fixa, e eu te alertei sobre saber escolher. É isso o que você quer com a Nina?

— Claro que não. Eu não sou um moleque, Raphael. Sei que ela não é mulher pra isso. Eu falei aquilo da boca pra fora — Inácio respondeu em sua defesa. — Olha, eu já estava interessado nela, aliás eu sempre estive, desde a primeira vez que a vi.

— Vocês transaram?

— Que porra de pergunta é essa, cara? Eu não vou falar da nossa intimidade com você.

— Caralho, fodeu! Vocês transaram, cacete! Você tem noção da merda que você fez? — perguntei, quase perdendo o controle.

— Tenho e não me arrependo — ele falou, seguro de si. — Você se arrepende de ter transado com a minha irmã e a engravidado no primeiro dia?

— Porra, vai jogar isso na minha cara eternamente, caralho? É diferente, porque Maria Eduarda não tinha um pai mafioso com um passado ruim com a minha família — falei e ele me olhou de esguelha. — Quer dizer, tinha, mas ninguém sabia. Isso não importa, Inácio. Estou falando para o seu bem, cara, meu tio não vai aceitar isso, mesmo sendo irmão da minha mulher. Conhecemos você há menos de um ano. Eles deram uma chance ao seu pai e olha a merda que deu.

— Eu não sou meu pai, caralho! — ele esbravejou. — Eu jamais tocaria em uma mulher sem o consentimento dela. A Nina me quis, parceiro, eu não a forcei. Ela é linda pra caralho, desafiadora e cheia de si, então eu não resisti porque também já a queria. Quer me condenar por causa disso? Então, me condene. Eu fui irresponsável? Fui, mas não me arrependo e faria tudo de novo. Não quero te afrontar, Raphael, mas estou sendo sincero com você. Eu estou apaixonado por ela! O que você quer que eu faça? Seu tio pode não gostar e eu dou razão a ele por isso, mas nada que ele faça vai me afastar da Nina se ela não quiser isso.

— Porra, a Nina só me fode, e agora com a sua ajuda...

— Minha intenção não é prejudicar ninguém, Raphael, mas eu estou pronto para a guerra.

— Mas vai acabar prejudicando, porque se meu tio fizer alguma merda com você, a Eduarda vai sofrer e aí, parceiro, eu vou ser obrigado a intervir. Vocês têm noção da posição em que estão me colocando?

— Me desculpe, eu não tinha a intenção de causar problema para você, muito menos de fazer minha irmã sofrer, mas eu não pude me controlar. Na verdade, a Nina é incontrolável.

— Agora vai culpá-la. Por acaso ela te estuprou? Só falta você falar isso.

— Claro que não, mas ela é bem... persuasiva quando quer alguma coisa.

— Inácio, eu não quero saber.

— Não se preocupe, que eu não tenho intenção de contar.

— Ótimo — falei. — Vocês têm meu apoio, mas se você magoá-la, se prepare para o inferno.

— Obrigado, cara. Eu não vou magoar uma garota de quem eu realmente gosto.

Inácio colocou a mão no meu ombro, e eu me afastei, pois ainda estava puto.

— Não fique todo sentimental, porra — ele disse rindo e se afastou.



Eu estava deitado, quando Maria Eduarda entrou no quarto saltitante, pulou na cama e se aconchegou em mim.

— Enfim elas dormiram, estavam cansadas da farra o dia todo com Nina e Inácio — ela falou. — Estou tão animada em vê-los juntos.

— Eu não estou. Na verdade, estou preocupado.

— Por que? — ela perguntou se levantando subitamente e me olhando, alarmada.

— Meu tio não vai gostar disso.

— Por que não?

— Porque seu irmão é quase um desconhecido para nós e é filho do Lucca, o cara que quase fodeu minha família.

— Eu também sou filha dele, no entanto nós dois estamos aqui, casados.

— Pois é, eu até esqueço disso.

— Qual o problema com meu irmão? Ele não é pior que nenhum de vocês, afinal todos cometem os mesmos pecados.

— Meu tio tem um trauma com o pai dele, Duda, e é difícil superar essas coisas.

— É o mesmo pai que o meu, Raphael. Além disso, o que mais Inácio tem que fazer pra vocês acreditarem que ele não é como nosso pai? Basta olhar como ele trata a mim e as gêmeas — ela falou chateada.

— Eu sei, fica calma. Mais cedo ou mais tarde meu tio vai entender isso.

— Você está dizendo isso só para me acalmar, eu te conheço. Fala a verdade, Raphael, meu irmão está em perigo?

— Desde que ele não faça nenhuma merda, acredito que não, mas meu tio vai ser contra o relacionamento deles de qualquer maneira — falei, sincero. — E para piorar a situação, eles transaram.

— Quem te contou? Ela me fez jurar que não ia te contar.

— Ninguém precisou me dizer nada, eu simplesmente sei.

— E qual o problema disso, Raphael? Todo mundo aqui transa — Eduarda falou, afrontosa. — Nina é adulta e era a única virgem, ela deu o que é dela.

— Eduarda, na máfia, primeiro os casais se casam, depois transam, é assim que acontece.

— Com a gente não foi assim.

— Você não era filha de mafioso, até então.

— Então só por isso você podia transar comigo, ficar dois meses sumido e voltar querendo só transar de novo? — ela me questionou.

— Porra, você quer brigar?

— Quero, porque você me irrita com o seu machismo. Fique ciente de que, com as gêmeas, não será assim, elas é que vão decidir o momento delas.

— Nem fodendo! — respondi. — Só se eu estiver morto.

— Você não fala em morrer ou eu vou te bater, Raphael! Você vai estar vivíssimo e elas vão namorar o quanto quiserem antes de casar.

— Porra, você só pode estar ficando maluca.

— Maluca não, meu amor, os tempos são outros. Hoje em dia, as mulheres são independentes e empoderadas, desiste desse seu machismo que não vai dar certo comigo, e eu também não vou criar minhas filhas reféns disso.

— Eu não vou obrigá-las a casarem cedo e vou dar opções a elas, como meu pai fez com Mia, ela se casou com o cara que amava, mas as coisas vão acontecer dentro dos nossos costumes.

— Essa é uma briga para daqui uns anos, Raphael. Agora eu quero falar do meu irmão. Se alguma coisa acontecer com ele, eu não vou te perdoar, eu pego minhas filhas e sumo daqui.

— Que merda é essa que você está falando?

— É a mais pura verdade. Eu já perdi muito na vida e não vou perder meu irmão de novo, porque ele não está fazendo nada de errado. Se aqui não tem lugar pra ele, também não tem pra mim e pra minhas filhas, afinal nós também temos o sangue do Lucca.

Aquelas ameaças fizeram meu sangue subir e me deixaram completamente insano.

— Você que ouse fazer isso. Você não conseguiria nem sair da Itália. — falei, levantei da cama e olhei sério para ela. — Eu te amo muito, Maria Eduarda, mas nunca mais ameace fugir e, muito menos, tirar minhas filhas de perto de mim e da minha proteção. Não tem lugar na porra desse mundo que eu não iria te achar.

Eu nunca tinha falado assim com Eduarda e percebi que ela ficou assustada, mas eu estava muito irritado. Odiava ser ameaçado e ela estava preferindo proteger o irmão dela a mim, isso me magoou pra caralho.

— Você já parou pra pensar na porra da situação em que eu me encontro? Eu tenho honra, Maria Eduarda. Quando tio Enzo souber que estou escondendo isso dele, ele vai ficar puto comigo. Estou entre ele e você, pois se ele engrossar com seu irmão, eu vou ter que interferir para te proteger do sofrimento, porque eu jamais vou deixar alguém na porra do mundo machucar você. Não posso sequer suportar a ideia de ver você sofrendo, por isso estou acobertando toda essa merda e estou disposto a bater de frente com meu tio quando ele descobrir, tudo pensando em você. Estou entrando numa guerra, que não é minha, para proteger seus sentimentos. E o que você faz? Me ameaça!

— Meu irmão não fez nada de ruim — ela falou em um fio de voz.

Eu não respondi, apenas fui até o *closet*, troquei de roupa e voltei para o quarto. Ela arregalou os olhos quando me viu vestido e perguntou:

— Aonde você vai?

— Refrescar a cabeça.

— Raphael, se você sair por essa porta e me deixar aqui sozinha...

— Vai me ameaçar, novamente? — falei e ela se calou. — Eu não demoro.

Peguei minha arma, meu celular, as chaves do carro e saí de casa. Quando cheguei na porta, Carlos veio ao meu encontro.

— Vai aonde, chefe?

— Ainda não sei, mas fique aqui e cuide da minha casa.

Entrei no meu carro, saí cantando pneus e, no caminho, disquei o número.

— *Raphael, aconteceu alguma coisa?* — Ele atendeu no primeiro toque.

— Precisamos conversar.

— *É só dizer o local.*

— Vou te enviar por mensagem.

Desliguei o telefone, enviei a mensagem e fui encontrar o Inácio.

Capítulo 35

Raphael

Inácio já estava me esperando no local combinado, e só de olhá-lo eu me irritei. Eu estava com um mau humor do caralho.

— Veio voando? — falei ao me aproximar da mesa em que ele estava.

— Minha casa é aqui perto e eu vim de moto. Boa noite pra você também, Raphael.

— Não tem nada de boa nessa noite, Inácio — respondi, puxando a cadeira grosseiramente para sentar. — Por causa de você, eu briguei com a sua irmã. Suas aventuras com a Nina estão afetando meu casamento.

— Eu sinto muito se a minha situação está causando atrito entre vocês dois, nunca foi minha intenção. E... o meu lance com a Nina não é só uma aventura.

— Por acaso você pensa em alguma coisa ou em alguém antes de agir?

— É claro que eu penso, por isso resisti tanto tempo. Eu não investi ou provoquei a Nina, pelo contrário, alimentei as picuinhas dela comigo para que me achasse um idiota, mas não deu certo, porra. Eu já não conseguia mais ficar tão perto e tão longe dela ao mesmo tempo. Eu me apaixonei de verdade, caralho, de uma hora para outra. O que você quer que eu faça?

— Poderia ter feito tudo da maneira correta: primeiro convencer meu tio de que gostava dela, se aproximar aos poucos para ganhar a confiança dele, pedir em namoro... Mas não, você saiu com a menina e tirou a virgindade dela sem nem pensar duas vezes.

— Você não sabe do que está falando, Raphael. Eu fiz o meu melhor para resistir, mas a Nina não facilitou em nada pra mim, ela é foda. Você no meu lugar também não teria resistido, tenho certeza

— ele falou. — Tudo o que eu fiz até hoje foi tentar ganhar a confiança de todos vocês, mostrando que sou digno, leal e confiável. Não fiz nada que desabonasse a minha conduta, ainda assim ninguém confia em mim.

— Você tem ideia do problema que me causou? Eu vou ficar entre o meu tio, que também é meu subchefe, e a mulher que eu amo. Eu escolho e sempre escolherei a Maria Eduarda, mas isso me coloca em uma situação muito ruim com a Cosa Nostra.

— Eu quero conversar com o Enzo para resolver tudo isso o quanto antes. Não quero ninguém carregando a culpa pelo meus atos.

— Meu tio não vai aceitar seu relacionamento com a Nina.

— Talvez se ele souber que eu transei com ela, ele aceite.

— Ele vai querer te matar se souber disso, Inácio.

— Eu estou disposto a correr o risco.

— Ah é? E se você morrer, o que será dela? Você diz que está apaixonado, mas nem pensa nela!

— Você acha que o Enzo pode ser violento com ela? — ele perguntou, perdendo a calma pela primeira vez.

— Claro que não, meu tio nunca tocaria em um fio de cabelo da Nina. Nossa família abomina violência contra mulheres.

— Então ela está salva.

— Se você morrer, quem vai querer casar com ela desonrada?

— Eu não quero pensar em ninguém com ela e não quero morrer, pelo contrário, meu desejo é viver e quero que ela seja minha.

— Então você vai ter que fazer as coisas da maneira certa.

— O que é o certo pra você?

— Você vai se afastar da Nina, para começarem do zero. Meu tio não deve saber que vocês já estiveram juntos e você tem que ganhar a confiança dele para depois fazer um pedido oficial.

— Sem chance de eu me afastar dela, Raphael.

Ao ouvir isso, eu explodi. Levantei da mesa, batendo forte com as duas mãos nela e derrubando o copo de bebida nele, e apontei o dedo na cara dele — para não apontar o cano da minha arma. Eu cheguei no meu limite, a ameaça da Eduarda me deixou por um fio, e ele tinha acabado de se romper.

— Você está sendo impulsivo e inconsequente querendo fazer as coisas do seu jeito sem pensar em ninguém. Eu estou te mostrando o melhor caminho, mas você não quer me ouvir, então aguarde as consequências, você fará todo mundo sofrer. Sua irmã ameaçou pegar minhas filhas e sumir no mundo se algo acontecer com você e, se ela tentar fazer isso, eu vou baixar o inferno na porra da Terra e você vai conhecer um Raphael que nunca viu. Você tem que entender que essa confusão que vocês arrumaram não afeta apenas vocês dois, caralho.

Inácio não reagiu e não tentou me enfrentar como eu achei que faria, como eu queria que ele fizesse. Eu não ia matar o irmão da minha mulher, no entanto enfiar a porrada nele me deixaria mais leve. Perdi-me na minha fúria e só saí do transe quando Inácio suspirou resignado antes de me responder.

— Como eu posso me afastar dela agora, cara? O que ela vai pensar de mim? Ela vai sofrer. Num dia, eu tiro a virgindade dela e prometo não deixá-la, no outro eu me afasto... Não conseguirei fazer isso, Raphael.

Eu respirei fundo, me acalmei e sentei novamente. Algumas pessoas que estavam prestando atenção em nós voltaram para suas conversas.

— Eu entendo você, Inácio...

— Será que entende mesmo?

— Claro que entendo. Eu não tenho intenção de separar você da Nina, pelo contrário, eu já aceitei vocês dois, mas eu quero evitar um confronto. Seria algo temporário. Você conversa com ela, e ela vai entender que é pelo bem de todos.

— Se você me ajudar, eu posso continuar vendo a Nina, enquanto conquisto a confiança do seu tio.

— Se eu fizer isso vou estar traindo a confiança dele. E outra, meu pai já sabe sobre vocês, ele os viu chegando no complexo mais cedo.

— Ele sabe? O que ele pensa sobre isso? — Inácio perguntou, arregalando os olhos.

— Pensa como eu, que você é confiável até que prove o contrário, mas que meu tio não vai aceitar isso. Eles foram compassivos com seu pai, deram a ele uma chance e ele fodeu tudo. Meu tio não vai esquecer o que seu pai fez com minha tia no cativeiro.

— Eu sei... — ele respondeu. — Tudo bem, eu vou conversar com a Nina.

— Eu vou te ajudar. Ainda não sei como, mas vou te ajudar a conquistar a confiança do meu tio.

— Obrigado, cara. Você tem a minha palavra de lealdade.
Depois disso, tomamos uma bebida e eu voltei para casa.



Quando cheguei em casa, estava tudo escuro e silencioso. Passei no quarto das meninas, que dormiam serenamente, e meu coração apertou quando olhei para elas. Eu enlouqueceria se ficasse longe delas. Maria Eduarda podia ter dito qualquer coisa, mas nunca me ameaçar com isso. Ela foi longe demais.

Quando cheguei no meu quarto, minha mulher estava dormindo, então fui tomar banho e, em seguida, me deitei na cama de costas para ela. Assim que deitei, ela se mexeu e logo ouvi sua voz.

- Raphael, eu não quis dizer aquilo.
- Boa noite, Maria Eduarda. Vamos dormir, está tarde.
- Aonde você foi?
- Amanhã conversamos.
- Vai ficar me ignorando?
- Eu não estou te ignorando, só quero dormir agora.

Senti uma movimentação na cama e, em seguida, os braços dela abraçaram meu corpo por trás e sua mão foi direto para o meu pau.

— Eduarda, pare!

— Por que? — ela perguntou e começou a tirar a camisola.

— Deixe a roupa no lugar, Eduarda!

— Qual o seu problema? Você nunca negou sexo, Raphael.

Preferi não responder, porque não tinha nada de bom para falar naquele momento e não queria dizer algo que a magoasse. *Como ela pode ter me ameaçado com algo tão sério e depois querer transar?* Mas ela não desistiu, colocou novamente a mão no meu pau e, dessa vez, fui mais ríspido.

— Eduarda, já disse que nós não vamos foder — falei e tirei a mão dela.

— Não seja um babaca grosseiro e frouxo — ela tentou me provocar, mas eu não entrei no jogo dela, não naquele dia.

— Eu não sou frouxo, sou homem o suficiente para dizer não. Eu não quero transar agora.

Meu pau, diferente de mim, não estava nem um pouquinho indisposto, pois já estava duro pra caralho. *Maldito traidor!*

— Chega, Eduarda!

Ela me olhou com cara de safada e sussurrou:

— Por que parar? Eu quero sentir seu pau gostoso entrando em mim e depois, se você fizer por merecer, talvez a gente faça um anal.

Eu fechei os olhos, quase perdendo a batalha, mas novamente suas ameaças vieram à minha mente.

— Pare de querer usar sexo para conseguir as coisas de mim — falei, tirando forças do quinto dos infernos e afastando a mão dela de mim.

Eduarda paralisou por um instante, antes de me olhar com toda sua frustração.

— Qual é o seu problema, Raphael? Você está excitado, louco pra transar comigo. Seu pau está duro como uma rocha e

você fica se fazendo de ofendido e me rejeitando.

— Será que é demais querer apenas dormir para esfriar a cabeça, porra?! É claro que estou excitado, você é linda, gostosa pra caralho e eu te amo, mas sexo não conserta tudo. Eu não vou esquecer tão cedo o que você falou.

— Não temos nada para consertar. Eu falei uma besteira e já me arrependi. Eu nunca deixaria você, Raphael, muito menos o privaria de ter contato com as nossas filhas, falei da boca pra fora.

— Da boca pra fora também magoa. Para defender seu irmão você não se importou em me magoar.

— Defendi porque é ele que está correndo risco de morte, não você.

— Eu estou fazendo tudo o que posso para ajudar. Quando meu tio souber, a bomba vai explodir e eu vou entrar na sua frente para que nenhum resquício te atinja. Eu vou contra a porra do mundo todo por você se for preciso, Maria Eduarda. Estou disposto a entrar em qualquer guerra e você me agradece com ameaças. Quer saber, eu vou dormir em outro quarto, talvez sozinha você tenha tempo para pensar e entender que tudo o que eu faço é para te proteger.

Levantei da cama com meu travesseiro e fui para o quarto de hóspedes. Eu precisava de um pouco de espaço, pois não queria ficar brigando a noite toda, então era melhor me afastar.



Maria Eduarda

Raphael nunca tinha me tratado daquela maneira. Eu sabia que tinha pegado pesado quando ameacei de sumir com as meninas, mas foi da boca para fora, eu nunca faria isso com ele, com elas ou comigo, afinal eu não conseguiria passar uma semana sequer longe dele.

O fato de ele ter ignorado até o sexo só demonstrava que algo realmente o preocupava muito. *A situação deve ser mais séria do que ele está me dizendo.* Não achei que Nina e Inácio juntos fossem gerar um problema tão grande, mas pelo visto eu estava enganada.

Olhei para a porta do quarto, por onde ele saiu há alguns instantes, e pensei em ir atrás dele, mas achei melhor dar o espaço que ele precisava. Senti vontade de chorar quando me vi deitada na cama sozinha, mas engoli o choro e me esforcei para dormir, assim, no dia seguinte e de cabeça fresca, eu consertaria as coisas.



Mal cochilei e acordei outra vez, eu não estava conseguindo dormir sem ele. Rolei na cama a noite quase toda e tudo o que consegui foi cochilar por alguns minutos. Desistindo de lutar contra o meu coração, levantei-me da cama e saí do quarto à procura do meu marido. Não adiantava ficar com o coração quebrado para manter o orgulho inteiro.

Encontrei Raphael no quarto ao lado do das gêmeas e entrei o mais silenciosa que pude. Ele nem se mexeu, mas tenho certeza de que escutou, pois nada escapava dos ouvidos dele. Deitei na cama de mansinho, de frente para ele, levantei o seu braço e me aconcheguei no seu abraço. Ele não me rejeitou, então me ajeitei, abraçando-o com meus braços e pernas, e respirei fundo para inalar aquele cheiro que tanto me acalmava.

Instantes depois, ele finalmente se mexeu e me abraçou, então como mágica o meu sono chegou, eu fechei os olhos e

adormeci.



Na manhã seguinte, acordei e Raphael não estava mais na cama, então me levantei e fui atrás dele. Encontrei-o na cozinha com as meninas, pois ainda era cedo e ele demoraria um tempo para ir trabalhar. Nossas filhas estavam em suas cadeiras de alimentação, recebendo colheres voadoras cheias de banana amassada. Raphael conversava com elas e as duas riam toda derretidas para o pai. Naquele momento, minha consciência pesou mais do que nunca sobre o que eu falei.

— Está gostosa a banana? Comam tudinho para ficarem fortinhas igual ao papai.

Sophia que estava com a boca cheia de banana, sorriu e cuspiu, espalhando banana para todo lado, inclusive no rosto, cabelo e terno do pai. Não resisti àquela cena e ri.

— Caramba, filha, você sujou o papai todo — ele falou.

— Bom dia.

— Bom dia — ele respondeu sem olhar para mim.

Fui até ele, coloquei as mãos em seus ombros e dei um beijo em seu rosto, depois fui até as minhas filhas, dei um beijo na cabecinha de cada uma delas e me sentei para tomar o café da manhã. Raphael continuou dando comida a elas, mas dessa vez em silêncio. Quando terminou, ele limpou a boquinha delas, deu a mamadeira com água, depois deu um beijo em cada uma e saiu da cozinha.

Minutos depois, meu marido voltou vestindo uma roupa limpa e me olhou pela primeira vez.

— Estou indo, mais tarde estarei em casa.

— Tudo bem — respondi, desanimada com a frieza dele.

Ele veio até mim, me deu um selinho e saiu. Nada de abraços ou de “eu te amo”, nada de me cheirar e apertar minha bunda como fazia todos os dias. Raphael sequer sorriu.



Raphael

Escutei alguém me chamando quando cheguei na entrada da empresa e, ao ver que era Inácio, parei para esperá-lo.

— Bom dia, Raphael.

— Bom dia. O que você está fazendo aqui? Não sabia que tinha algum serviço para você hoje.

— Aparentemente temos uma reunião marcada agora pela manhã.

— Não sabia que você também tinha sido chamado.

— Seu pai me ligou e, para mim, isso é um bom sinal. Quero mostrar a vocês que eu não sou mau-caráter.

Quando entramos na sala de reuniões, todos já estavam lá. A primeira pessoa para quem eu olhei foi o tio Enzo, ele estava sorrindo enquanto falava alguma coisa para meu pai. Rapidamente, desviei o olhar, pois me senti muito culpado. Cumprimentamos a todos e nos sentamos.

— Já que estamos todos aqui, podemos começar — Pietro falou. — Recebemos informações de que o David está fazendo conexões e buscando aliados no México. Ainda não sabemos exatamente para quê, mas suspeitamos que o alvo principal será Maria Eduarda, que é filha do Lucca.

Os cabelos da minha nuca se arrepiaram imediatamente. Ouvir aquilo foi como um pesadelo sem fim.

— Inácio, você também deve ficar ligado, afinal você atrasou os planos do David, e ele vai querer se vingar — Pietro alertou.

— Ele pode vir com tudo que eu vou estar esperando, estou ansioso por esse reencontro. Vocês já sabem quais são as conexões dele no México?

— O bastardo contatou o Santino, mas ele recusou a oferta e me telefonou logo em seguida para dar essas informações e dizer que acha que o Gonzalez pode ter aceitado a proposta.

— Eu posso ir até lá e acabar com essa parceria antes mesmo de ela começar — Inácio se ofereceu.

— Eu acho que é o que devemos fazer — Pietro concordou.

— Eu vou com você — manifestei-me.

— De jeito nenhum, Raphael. Se eu não voltar, a Maria Eduarda ainda terá você. Eu sempre trabalhei sozinho, não será nenhuma novidade para mim.

— Eu posso ir, acho que será melhor do que você ir sozinho — tio Enzo se ofereceu.

— Melhor não — respondi, tenso. — Você tem a Nina e a sua esposa para cuidar.

Inácio queria mostrar serviço e estava indo bem. Naquele dia, eu tive certeza de que ele ganhou pontos com a família.



Ficou decidido que Inácio iria para o México na semana seguinte, e meu pai o convenceu a levar três soldados da nossa confiança.

Quando eu estava indo embora da empresa, meu cunhado me chamou.

— Raphael, eu queria ver Maria Eduarda e as gêmeas, tudo bem pra você?

— Tudo bem, estou indo pra lá agora.

— Ótimo, estarei logo atrás.

Assenti e fui para o meu carro, onde Carlos já estava me esperando. Minutos depois, entramos no complexo e fomos direto para minha casa; Inácio estacionou logo em seguida. Quando cruzamos a porta, vimos Maria Eduarda na sala brincando com as minhas filhas. Ela tinha colocado um cobertor no chão e as três estavam nele. Meu coração se encheu de amor ao ver aquela cena. *Voltar para casa é sempre o auge do meu dia, porque elas são o meu mundo de paz.*

Minha mulher não nos viu de imediato, então ficamos assistindo àquela cena como dois babões que éramos. Quem nos

viu primeiro foi Raphaela e, assim que seus olhinhos encontraram os meus, ela sorriu, deu um de seus gritinhos gostosos de bebê e, no mesmo instante, colocou suas perninhas ágeis para funcionar. Ela engatinhou rapidamente em nossa direção, então eu sorri e me abaixei para esperar por ela; Sophia veio logo atrás. Segurei as duas em meus braços e levantei, apertando-as no meu peito e enchendo-as de beijos.

— Deve ser o paraíso chegar em casa e ser recebido assim — Inácio falou.

— Você não faz ideia — respondi com a atenção totalmente voltada para as minhas filhas.

Maria Eduarda se levantou do chão, veio ao meu encontro e me beijou. Por mais que eu ainda estivesse puto com ela, eu retribui o beijo com amor.

Ficamos na sala, vendo as meninas brincarem — dessa vez era Inácio quem estava no chão com elas —, quando a campainha tocou. Maria Eduarda foi abrir a porta e voltou com uma Nina não tão sorridente como de costume.

— Boa noite a todos — ela falou.

— Nina! — Inácio exclamou.

Ele rapidamente se levantou e foi abraçá-la, ela retribuiu o abraço se agarrando a ele, depois deitou a cabeça no seu peito e fechou os olhos. Naquele momento, eu percebi que era uma luta perdida para o meu tio, eles estavam realmente apaixonados. Nina era sempre tão independente e espevitada, no entanto ali, abraçada ao Inácio, minha prima parecia quase uma criança frágil e perdida.

— Aconteceu alguma coisa? — Inácio perguntou, ao perceber que ela realmente parecia sensível.

— Eu contei tudo para minha mãe, ou melhor, quase tudo — ela respondeu. — Ela disse que ficará ao nosso lado, mas me alertou de que meu pai vai ter uma reação muito ruim.

Eu nunca vi a Nina com os olhos tão perdidos.

— Ela vai contar a ele? — Inácio perguntou.

— Não. Ela disse que vai nos deixar contar quando acharmos que é o momento certo.

— E por que você chorou?

— Porque tenho medo de que você desista de mim e se afaste por causa do meu pai, eu não quero ficar longe de você, Inácio.

Eles falavam entre si como se estivessem sozinhos na bolha deles, então ele a beijou na testa, aconchegou-a novamente em seus braços e me olhou. Nada precisava ser dito, eu compreendi o que ele me disse no bar sobre não poder se afastar dela.

Aquele olhar deixou claro que ele não se afastaria, nem se eu o torturasse

Capítulo 36

Raphael

Nina e Inácio ficaram até tarde conosco, pois tia Lili ajudou a despistar o meu tio. Eles jantaram na nossa casa e, depois daquele momento tenso, tudo foi tranquilo.

Antes do Inácio ir embora, nós tivemos uma pequena conversa a sós no escritório da minha casa.

— Eu não vou mais te pedir para se afastar dela.

— Eu não faria de qualquer maneira. Não tem mais volta, Raphael, se for preciso, eu me caso com ela. Eu prometi a Nina que não ia largar a mão dela e não vou.

— Fico feliz de ouvir isso. Eu vou apoiar vocês, mas se preparem para a reação do meu tio.

— Obrigado, cara — ele agradeceu. — Desde que ela esteja comigo, estou preparado para qualquer coisa.



Naquela noite, Maria Eduarda estava deitada de bruços na cama, gostosa pra caralho, com uma camisola preta transparente e uma calcinha minúscula de renda toda enfiada na bunda. *Inferno de mulher provocadora*. Um dia sem senti-la e eu parecia um viciado em drogas na fase de abstinência. *Meu corpo todo anseia pelo dela*.

Tomei banho, vesti uma cueca e fui para a cama; ela fingiu que estava dormindo, mas me deu vontade de rir, porque ela era uma péssima atriz. Minutos depois que eu deitei, Eduarda fingiu se mexer dormindo e empinou a bunda para o meu lado. Minha mão pareceu ter vontade própria, pois sem que eu pudesse controlar, ela foi direto para aquela pele macia. Vi pelo canto dos olhos ela sorrir, sentindo-se vitoriosa, sabendo que eu perdi a batalha. Ela fez menção de se virar, mas eu a segurei.

— Quietinha aí.

Ela adorava ser submissa na cama, então obedeceu. Tirei sua camisola, devagar, deixando-a só com a minúscula calcinha, e comecei a beijar os seus ombros e dar pequenas mordidas em suas costas.

— Você vai fazer amor comigo? — ela sussurrou.

— Não, hoje eu vou te foder, mas vai ser com amor — respondi e mordi a orelha dela.

A pele dela inteira se arrepiou. Maria Eduarda era muito sensível ao meu toque e eu, fodidamente, amava isso. Ela adorava uma foda sacana e ficava louca quando eu falava sacanagens em seu ouvido.

Minha mulher se empinou mais para mim e gemeu quando eu segurei o seu cabelo e mordi seu pescoço. Distribuí beijos por toda suas costas e, quando cheguei em sua bunda, dei um tapa forte, puxei a calcinha para o lado e enfiei um dedo nela. Eduarda estava encharcada.

— Já está com a boceta pingando, né, sua cachorra?

Ela resmungou alguma coisa que eu não entendi. Estava de olhos fechados e respirando de maneira ofegante, totalmente entregue ao nosso momento.

— Sabe qual será o seu castigo por ter me ameaçado?

— Não — ela sussurrou, safada, rebolando no meu dedo e esfregando a bunda no meu pau.

— Eu vou comer sua bunda novamente e você vai ficar quietinha, sem reclamar.

Dei outro tapa na bunda dela, e ela gemeu novamente. Sem preliminares, tirei meu pau da cueca, guiei até a entrada da boceta dela e me afundei nela por trás. Ela soltou um gemido mais alto.

Estoquei rápido e forte, com meus dedos cravados em sua cintura, nossos corpos se chocando e ela gemendo cada vez mais ofegante. Depois de um tempo, levei minha mão até sua boceta e estimulei seu clitóris enquanto metia fundo naquela boceta deliciosa

e escorregadia. Em poucos minutos, ela gozou no meu pau, gritando enlouquecida.

Esperei ela se acalmar e puxei meu pau para fora, voltando a beijar o pescoço dela e a dar leves mordidinhas em seus ombros — meus dedos nunca deixando de estimular seu clitóris. Quando percebi que ela estava completamente molhada outra vez, pinchei meu pau em sua boceta para aproveitar seus fluídos e me posicionei para entrar na sua bunda.

— Aiii, devagar — ela falou se contraindo.

— Relaxa, não quero te machucar. Nosso objetivo é sempre o prazer — sussurrei.

Ela se derreteu, e eu aproveitei para empurrar um pouco mais. Quando ela reclamou da dor, intensifiquei os movimentos em seu clitóris até senti-la relaxar mais. Então, fui entrando aos poucos e, ao mesmo tempo que reclamava, ela rebojava e se empenava para mim. Continuei entrando até que estava todo enterrado nela.

— Tão apertada e gostosa pra caralho — falei no ouvido dela.

A safada rebojou no meu pau, arrancando-me um gemido e levando-me ao limite. Continuei metendo até que se tornou impossível não gozar, e Maria Eduarda, já me conhecendo, não facilitou para mim. Ela rebojou com mais intensidade e começou a falar sacanagens no meu ouvido, foi o meu fim.

Gozei forte, enchendo-a com meu sêmen, e caí na cama totalmente sem forças e ofegante.



Uma semana depois

A semana passou tranquila. Inácio e Nina não saíram da minha casa e o fato da tia Lili acobertá-los facilitou muito as coisas. Eu decidi parar de me preocupar antes da hora, não adiantava sofrer de véspera.

Inácio e eu estávamos jogando xadrez com as gêmeas perto de nós no chão brincando enquanto as meninas estavam preparando um lanche na cozinha. Como Inácio embarcaria para o México no dia seguinte, ele quis passar o dia com as garotas.

— Raphael, você está roubando!. No jogo também tem que ter honra.

— Você que não sabe perder. Aceita que dói menos.

— Não vou jogar mais, cansei de olhar pra essa tua cara feia. Quero a Nina.

— A Nina está aqui e ela também quer você — minha prima falou toda derretida, chegando na sala com a Maria Eduarda logo atrás.

Elas colocaram alguns lanches na mesa, e nós nos levantamos para comer.

— Rapha, tenho uma novidade maravilhosa — Eduarda comentou empolgada. — Manu e Hugo vão se casar e nos querem como padrinhos.

— Que maravilha! Fico feliz pelo meu amigo.

— E tem mais... Manu está grávida.

— Mais um para o time. Depois vou ligar para dar os parabéns ao Hugo, pelo casamento e pelo bebê.

— A Manu falou que ele está todo bobo com a gravidez.

— Imagino, ele sempre comentou que queria ser pai.

— Irmão, ela convidou você também para o casamento, pois gostaria de te conhecer — Eduarda falou com Inácio.

— Claro, eu vou adorar, mas só se a Nina for comigo — ele falou.

— Eu adoraria, mas não sei se isso será possível, já que o meu pai não sabe sobre a gente — Nina respondeu.

— Eu acho que já está na hora dele saber. Me sinto um moleque namorando escondido — Inácio falou.

— Ele está certo, Nina. Sem contar que se tio Enzo descobrir, vai ser muito pior do que se vocês contarem — concordei com ele, dando minha opinião sincera.

— Por enquanto, é melhor não. Eu conheço meu pai, ele vai reagir muito mal se souber agora. É mais seguro esperarmos ele se acostumar mais com o Inácio.

— Ele nunca vai achar ninguém bom o suficiente para você, Nina.

— Você está exagerando, Raphael.

— Não, eu não estou. Eu sou pai de duas meninas, sei do que estou falando. Eu vou ter que engolir quando o momento chegar, mas sei que nunca vou aceitar totalmente.



Depois do almoço, as gêmeas dormiram e Eduarda e eu subimos para colocá-las no berço. Quando descemos, ficamos na sala conversando — Nina sentada no colo de Inácio em um sofá e nós no outro. De repente, a porta da minha casa se abriu violentamente — Tira as mãos da minha filha, seu desgraçado! — tio Enzo gritou.

Foi tudo muito rápido. Nina deu um pulo e saiu do colo de Inácio, que também ficou de pé. Meu tio não perdeu tempo, deu um soco em cheio em Inácio, e ele não revidou.

O que eu mais temia estava acontecendo, ele descobriu a porra toda.

— O que você pensa que está fazendo? Acha mesmo que vai conseguir se vingar de mim por eu ter matado seu pai, usando minha filha?

— Eu não quero me vingar de ninguém. Meu pai está morto e pagou pelos erros que cometeu. O que está feito, está feito e, para

mim, ficou tudo no passado.

— A quem você quer enganar com esse seu papinho de bom moço? A única pessoa que você conseguiu enganar foi a minha filha, mas eu não permito mais.

— Eu não quero enganar ninguém. Enzo, eu estou apaixonado pela Nina — Inácio tentou explicar para o meu tio.

Na mesma hora, Nina foi para o lado dele e segurou sua mão. Ao ver esse contato, meu tio fechou os olhos e trincou os dentes, visivelmente transtornado e tentando se controlar.

— Nina, vá pra casa e me espere lá — Tio Enzo ordenou.

— Eu não vou, pai. Não vou deixar vocês dois brigarem.

— Você não sabe o que está fazendo, esse sujeito está seduzindo você, querendo se vingar pela morte do pai dele, filha.

— Você que não sabe o que está falando. Inácio e eu estamos apaixonados, não tem nada a ver com mais ninguém.

— Você está se iludindo, Nina. Eu sou seu pai, sei o que é melhor pra você.

— Se você sabe o que é melhor pra mim, não vai tentar me afastar dele.

— Eu não posso permitir isso.

— Você não pode me impedir — ela o enfrentou.

— Eu sou seu pai, você tem que me respeitar — meu tio falou um pouco mais ríspido.

Eu nunca tinha visto meu tio levantando a voz com a Nina, mas ele estava se descontrolando com a resistência dela.

— Você é meu pai, mas não pode decidir a minha vida por mim.

— Você é praticamente uma criança, não sabe o que é bom para você. Esse canalha te seduziu!

— Não chame meu irmão de canalha, ele tem caráter! — Maria Eduarda defendeu Inácio.

Estava demorando para ela se meter.

— Não se meta, esse assunto é entre Inácio e eu — tio Enzo respondeu sem olhar para ela.

— Ele é meu irmão e eu não vou deixar você tratar ele assim na minha casa. Eu também sou filha do Lucca, e você nunca pareceu se importar com isso.

— Maria Eduarda... — eu a adverti.

Não queria que ela se metesse, porque meu tio estava muito nervoso e poderia dizer algo que pudesse magoá-la.

— Raphael já é um homem feito e sabe o que faz da vida dele, não precisa da minha interferência, mas a situação da minha filha é diferente. E, de qualquer maneira, você não é um perigo para ninguém.

— Não é diferente, eles estão apaixonados.

— Você não sabe nada da vida, menina, então não se meta nos meus assuntos.

— Não fala assim com ela, porra — eu interfeiri.

Meu tio me olhou por alguns segundos, surpreso, e ficamos nos encarando em silêncio. Por instinto, eu puxei Maria Eduarda para trás de mim. Ele voltou novamente sua atenção para Inácio e Nina.

— Nina, vá pra casa, eu estou mandando.

— Eu não vou, pai.

Antes que meu tio perdesse a paciência, eu achei melhor interferir mais uma vez.

— Nina, pelo menos vá lá para o quarto com a Maria Eduarda. Eu vou ficar aqui com eles, pode ir, está tudo bem.

— Mas, Raphael...

— Nina, por favor, não piora as coisas.

Minha prima olhou para o Inácio e, com o olhar, ele a incentivou a ir. Então, relutante, ela soltou a mão dele e veio andando para perto de mim e da Maria Eduarda. O clima estava tenso demais, e eu estava nervoso porque meu tio estava armado.

— Vá com ela, Maria Eduarda.

Ela me olhou com aquele semblante de quem ia questionar, mas eu não dei tempo a ela.

— Vai agora, porra.

Ela me olhou de cara feia, doida para me responder, mas não o fez. Ao invés disso, segurou a mão de Nina e as duas saíram de má vontade. Voltei minha atenção para os dois à minha frente.

— Será que podemos nos sentar e conversar civilizadamente?

— Não haverá conversa nenhuma, Raphael. Inácio vai se afastar da Nina e ponto final.

— Eu não posso fazer isso, Enzo, é tarde demais — Inácio falou.

Meu sangue gelou. *Ele não é tão suicida a ponto de contar para o meu tio que transou com ela. Ou é?! Olhei para ele com os olhos arregalados, suplicando para que não fizesse isso, mas foi em vão.*

— Tarde demais, por quê? — meu tio perguntou, perdendo o controle.

— Porque eles já estão apaixonados, tio — respondi, olhando de cara feia para o Inácio.

Se ele ousasse foder com tudo, falando a verdade, eu mesmo iria matá-lo.

— Eu estou muito decepcionado, Raphael, você acobertou tudo e ajudou todos eles a me enganarem. Eu só soube porque o Malone me falou, então para o meu espanto, meu soldado é mais fiel a mim do que meu próprio sobrinho.

— Eu não queria te esconder nada, tio. Só soube quando eles já estavam juntos e também não fiquei satisfeito com a situação.

— Mas acobertou mesmo assim.

— E você queria que eu fizesse o quê? Eles são adultos, tio.

— Você deveria ter me dito desde o início. Você agora tem duas filhas, deveria ter se colocado no meu lugar.

Nessa hora meu tio não parecia mais tão enfurecido, mas sim magoado, e isso pesou na minha consciência.

— Eu me coloquei no seu lugar diversas vezes... e quando chegar o momento para Raphaela e Sophia, eu vou surtar, mas terei que aceitar, é a vida. Eu sinto muito.

— Enzo, nenhum deles tem culpa de nada, eu assumo toda a responsabilidade — Inácio se manifestou.

— Eu não quero que você assuma responsabilidade nenhuma, só quero que você se afaste da Nina — meu tio falou, se alterando outra vez.

— Eu não posso me afastar dela! — Inácio respondeu decidido. — Eu me apaixonei desde que esbarrei com ela aqui no complexo pela primeira vez, meses atrás. Eu tentei ficar longe e tirá-la da minha cabeça, mas não pude. Enzo, eu tenho as melhores intenções com a sua filha, eu quero me casar com ela.

Nessa hora, meu tio surtou de vez. Ele ficou de pé em um pulo, levantou Inácio, segurando-o pelo colarinho da camisa, e o empurrou até a parede; meu cunhado não reagiu.

— Nem por cima do meu cadáver, você entendeu? — ele gritou furioso, na cara do Inácio.

Descontrolado, tio Enzo deu outro soco no meu cunhado. Não aguentando mais ficar inerte, Inácio revidou, meu tio se lançou em cima dele e os dois caíram no chão.

Eu me aproximei para afastá-los antes que algo pior acontecesse, mas nesse instante, Nina e Maria Eduarda apareceram na sala para piorar minha situação.

Quando viu aquela cena, Nina se desesperou.

— Parem com isso vocês dois! — Nina gritou desesperada e chorando. — Vocês não percebem que brigando assim me machucam? Eu não quero ver o homem que eu amo e o meu pai se socando. Parem agora ou eu vou sumir da vida dos dois!

Os dois ficaram paralisados imediatamente.

— Vamos embora, pai. Eu vou com você — ela chamou e meu tio atendeu. — Quando você voltar dessa viagem a gente conversa, Inácio.

Nina olhou para meu cunhado ao falar, em seguida virou as costas e saiu com meu tio no encalço dela.

— Porra, que inferno! — Inácio falou e se sentou esfregando o rosto.

Maria Eduarda se sentou ao lado dele e segurou sua mão para consolá-lo.

— Calma, cara, os ânimos já estarão menos exaltados quando você voltar de viagem — falei, tentando amenizar a situação.

— Você acha que ele vai fazer alguma coisa com ela? — Inácio perguntou preocupado.

— Não, claro que não.

— Menos mal, mas eu não queria viajar e deixar as coisas assim, é como se eu estivesse fugindo e deixando todo o peso nas costas da Nina.

— Irmão, quem está criando problema é o Enzo, você não fez nada de errado — Eduarda tentou consolar o irmão.

— Nina sabe o motivo da sua viagem e meu tio também, então ninguém vai pensar nada disso. Na verdade, acho que essa viagem veio a calhar, porque meu tio vai esfriar a cabeça e voltar atrás. Ele só tem medo, e eu não acho incompreensível depois de tudo o que ele passou.

— Eu até entendo o receio e a desconfiança, Raphael, mas ele está sendo radical demais em querer me afastar dela.

— Inácio, se acalme. Faça a sua viagem, termine seu trabalho e, quando você voltar, tenho certeza de que as coisas estarão mais calmas — falei para tranquilizá-lo, mas não tinha tanta certeza.

— Tudo bem — ele respondeu resignado.

Bônus Lili

Quando saí do banheiro, Enzo já não estava mais no quarto. Desci para procurá-lo, mas só encontrei Lorenzo na sala.

— Bebê, cadê seu pai?

— Não sei, mama. Está por aí.

— Que milagre é esse, você em casa?

— Estou cansado de ontem, a noite foi bem agitada. Uma mulher é bom, duas é o paraíso, mas três é cansativo até para um cara viril e na flor da idade como eu.

— Lorenzo, eu não quero saber os detalhes da sua promiscuidade. Você que não me arrume um filho com uma prostituta dessas que você sai, eu quero muito ser avó, mas não quero um neto de uma mãe piranha.

— Coitadas das moças, mãe. Tão julgadas. Elas apenas gostam de se divertir e não conseguem resistir à gostosura do seu filho.

— Você é um príncipe, Lorenzo Esposito, deveria ser mais seletivo e arrumar uma menina decente para casar.

— Esquece, mãe, eu não sou pra casar.

— Ah, Lorenzo, eu ainda verei você pagando a língua, igualzinho ao seu pai.

Quando terminei de falar, levei um susto com a porta se abrindo violentamente. Nina entrou chorando e passou correndo por nós como um foguete, logo depois Enzo entrou com uma cara nada boa; Lorenzo pulou do sofá tão espantado quanto eu.

— O que aconteceu, Enzo? — perguntei.

— Aconteceu que sua filha resolveu se envolver justamente com a porra do filho do Lucca. Peguei-a sentada no colo dele lá na casa do Raphael, Lili. Você tem noção do quanto eu tive que me controlar para não matar aquele desgraçado?

Putá merda, ele descobriu tudo!

— Enzo, você precisa se acalmar. Eles não têm culpa das coisas ruins que o Lucca fez.

— Você já sabia! — ele afirmou, olhando-me chocado.

— Não vou mentir, eu sabia — respondi com cuidado.

— Eu não estou acreditando nisso! Como você pôde esconder isso de mim, Lili? Você não tinha esse direito. É a segurança da minha filha em jogo, a Nina é inocente e não sabe o que é bom para ela. Você foi a maior vítima dessa história, como pode apoiar isso? O fruto nunca cai longe da árvore, porra!

— Enzo, o Inácio me parece um bom rapaz — falei tentando acalmá-lo, mas surtiu o efeito contrário.

— As aparências enganam, Liliane! — ele falou explosivo. — Durante muito tempo, eu achei que o Lucca era um cara legal, até ele começar a mostrar sua verdadeira face. Você acha que eu posso confiar nesse moleque? Ele tem o sangue ruim do Lucca. Não esqueça que eu matei o pai dele, porra! Quem me garante que ele não está se aproximando da nossa filha para se vingar de mim? Nós não somos boas pessoas, nenhum de nós e eu me incluo nisso, se alguém tivesse matado meu pai, eu ia querer vingança. É assim que nós somos criados, a vingança está no nosso instinto.

— Embora o Inácio saiba de onde veio, ele não foi criado por Lucca, não tem o mesmo amor por ele que você tem pelo seu pai.

— Eu não posso arriscar, é a vida da minha filha.

— Sua filha está apaixonada, Enzo.

— Besteira, ela só está encantada, logo passa, até porque ela não vai mais vê-lo.

— Não vai passar, eu conheço nossa filha. Nina não se deslumbra à toa, ela nunca teve expectativas de se apaixonar, mas aconteceu.

— Eu não aceito!

— Você vai perder sua filha então.

— Quer me deixar maluco, porra? Eu não posso permitir isso, eu não posso arriscar. Acabou, eles não vão mais se ver.

— Você não pode afastar os dois.

— Não só posso como vou, porque eu sou o pai dela. Mais cedo ou mais tarde Nina vai entender que é para o bem dela.

Resolvi não discutir mais com Enzo, afinal ele estava nervoso e não adiantaria. Quando ele estivesse de cabeça fresca, nós conversaríamos novamente. Prefiri ir consolar minha filha e virei as costas para sair.

‘ — Onde você vai? — Ele quis saber.

— Vou ver a minha filha.

— Vai, aproveita e coloca algum juízo na cabeça dela.

Saí da sala sem lhe dar uma resposta e fui atrás de Nina em seu quarto.

Bônus Nina

Assim que cheguei no meu quarto, meu telefone apitou com uma notificação de mensagem do Inácio.

Não quero viajar sem saber que você está bem, que nós estamos bem. Eu não vou desistir de você, Nina. Seu pai vai ter que me aceitar.

Eu sorri em meio às lágrimas. Inácio derrubou todas as minhas barreiras, logo eu que nunca entendi porque as mulheres ficavam tão bobas quando estavam apaixonadas. Respirei fundo para me acalmar um pouco mais e respondi:

Eu estou bem, nós estamos bem. Meu pai vai ter que aceitar você. Ele é meu herói e o melhor pai do mundo pra mim. Sempre me identifiquei com ele e aceitei suas decisões em relação ao que ele achava que era bom, pois sei que ele me ama e quer me proteger, mas dessa vez não vou desistir, eu não vou desistir de nós. Se ele não aceitar, eu sumo no mundo com você.

Logo, a tela do meu celular brilhou com a resposta:

Eu tenho muitas coisas pra te dizer, mas quero falar olhando nos seus lindos olhos, quando eu voltar de viagem, nós vamos conversar. Voltarei direto pra você, minha bocuda favorita.

Eu sorri toda boba, antes de responder:

Estarei esperando por você, meu amor.

Alguém bateu à minha porta. Sequei minhas lágrimas e fui abrir, era a minha mãe. Dei espaço, ela entrou, fechando a porta atrás de si, e nos sentamos na cama.

— Filha, eu sinto muito pela reação do seu pai. Ele está com a cabeça quente, mas logo vai aceitar o relacionamento de vocês.

— Eu queria muito que ele me apoiasse, mas se ele não o fizer, quem sente muito sou eu. Eu não vou deixar o Inácio só porque ele quer.

— Eu entendo que você está apaixonada, Nina, mas se coloca no lugar do seu pai. O Lucca fez coisas muito ruins e morreu pelas mãos do seu pai e, no meio em que nós vivemos, esse tipo de vingança é muito comum. O medo do seu pai tem fundamento.

— Inácio me ama, mãe, eu sei disso. Eu não sou uma garota emocionada, não estou iludida.

— Eu não duvido da sua intuição, nós mulheres sentimos essas coisas. Só dê um tempo ao seu pai, ele vai entender e vai se acostumar. Ele não está fazendo por mal, filha, ele te ama muito.

— Eu sei, mãe, e eu também o amo muito, por isso está me machucando ainda mais tudo que ele está fazendo. Meu pai sempre me apoiou, sempre foi meu parceiro e, agora, ele simplesmente não se importa com meus sentimentos — falei e recomecei a chorar.

Minha mãe se aproximou, me puxou para um abraço e acariciou minha cabeça.

— Não, Nina, você está errada. Justamente por te amar muito é que ele tem tanto medo de que o Inácio só queira te usar para se vingar dele. Seu pai morreria por você, não seja injusta. Em uma noite qualquer, quando você tinha 3 anos, nós te levamos às pressas para o hospital porque você teve uma febre muito alta, ficamos desesperados. Foi tudo muito rápido, em um dia você estava completamente saudável e no outro, os médicos nos disseram que você estava com uma pneumonia grave. Nós dois, pais de primeira viagem, ficamos loucos — minha mãe falou, pensativa. — Eu fiquei apavorada e achei que seu pai ia enlouquecer. Você ficou internada 7 dias, e seu pai fez questão de ficar comigo. Quando você teve alta, eu acordava para te dar o antibiótico de madrugada e sempre o encontrava no seu quarto, com você no colo te ninando. Você odiava tomar os medicamentos, então ele te balançava até você se acalmar e voltar a dormir. Eu não precisava me preocupar com nada, ele já fazia tudo. Você era mais agarrada com ele do que comigo, sempre foi...

Minha mãe enxugou as lágrimas que teimavam em rolar pelo meu rosto.

— Seu pai sempre te protegeu de tudo e agora é difícil para ele aceitar que você cresceu, mais difícil ainda aceitar que você se apaixonou e que, talvez, seu coração seja partido e ele não poderá fazer nada. Não é só porque é o Inácio, esse é um risco que qualquer um de nós corre, com qualquer pessoa. Ele tem pavor que um homem qualquer faça você sofrer como um dia ele fez comigo, mas disso, infelizmente nem eu e nem ele podemos proteger você, porque é a vida. Ele ainda não aceitou isso, mas vai aceitar, não se preocupe.

Minha mãe ficou no quarto comigo até eu me acalmar. Depois ela saiu, dizendo que teria uma conversa com meu pai para tentar amenizar as coisas. Eu apenas assenti, pois estava cansada pelo choro e só queria dormir.



Ainda muito cedo, acordei no dia seguinte com meu telefone tocando. Eu costumava acordar tarde, mas quando vi o número de Inácio na tela, todo o sono se foi.

— Oi.

— *Bom dia, princesa Nina. Estou ligando pra te dizer que você esteve a noite toda nos meus sonhos e também estará comigo todos os dias nos meus pensamentos.*

— Assim você derrete meu coração de gelo.

— *Seu coração não é de gelo, ele só precisava de um motivo para se aquecer, agora você o tem.*

— Inácio, eu estou muito apaixonada por você. Por favor, não quebre meu coração — falei sem rodeios.

Meu pai sempre me ensinou a me impor, a não ser uma menina fraca e insegura, então eu nunca tive medo de dizer o que eu sentia. Um silêncio de alguns minutos pairou entre nós e meu coração acelerou.

— *Bem, eu pretendia te dizer essas coisas pessoalmente, mas já que você se antecipou... Eu também estou muito apaixonado*

por você, Nina Esposito, e não tenho nenhuma intenção de quebrar seu coração, muito pelo contrário, é mais fácil você quebrar o meu.

— Eu não vou quebrar, pois sei exatamente o que eu quero. Eu nunca fui uma iludida, mas meu pai tem medo de que você esteja apenas me usando para se vingar pela morte do Lucca.

— *No seu íntimo, dentro do seu coração, todas as vezes que eu te toquei, te beijei e fiz amor com você... Você acha que estou te usando?*

— Não, eu não acho — falei totalmente segura do que Inácio sentia por mim.

— *Pois então, acredite na sua intuição. Eu te amo e vou me casar com você.*

Puta merda, ouvir aquilo me deixou sem palavras.

— *Nina, você ainda está aí?*

— Estou — respondi emocionada. Eu só... Não imaginava que alguém me tocaria tão fundo um dia.

— *Você ouviu o que eu disse?*

— Ouvi.

— *E você não tem nada a me dizer?*

— Poxa, muito obrigada — falei e fiquei segurando o riso.

— *Obrigada? Isso é tudo o que você tem a dizer?* — ele perguntou chocado.

Eu não aguentei mais prender e caí na gargalhada.

— *Ainda por cima está rindo de mim. Você é muito cruel, Nina Esposito, quebrou meu coração!*

— Desculpa, amor, estou brincando. Eu também te amo e vou me casar com você, pode marcar a data.

Ele deu uma risada gostosa antes de me responder:

— *Isso é música para os meus ouvidos.*

— Volta logo, meu amor. Estarei esperando por você — falei com o coração apertado, deixando todo o bom humor de lado.

— *Feche os olhos e, quando você os abrir, eu estarei de volta.*

Instantes depois, ele desligou a chamada e eu fiquei sentada na minha cama, assimilando tudo o que havíamos dito. Meu amor por ele era tão forte e profundo que eu o sentia em cada célula do meu corpo. Nunca pensei que existisse algo nessa proporção, era assustador e refrescante ao mesmo tempo.

Levantei muito mais animada e desci para tomar café da manhã. Meu pai e Lorenzo já tinham saído e só estava minha mãe à mesa. Era melhor assim, eu estava muito bem humorada e ninguém iria estragar meu dia.

Capítulo 37

Raphael

Tio Enzo ficou muito calado e mais sério do que o habitual, ele mal falava comigo. Lorenzo me contou que o clima na casa deles ficou péssimo; Nina quase não saía do quarto e só falava o essencial, tia Lili se chateou muito em ver a filha assim e também não ficou contente com meu tio.

Inácio já tinha embarcado para o México para conhecer o território e se preparar para o serviço. Ele o executaria no início da noite e, provavelmente, voltaria para a Itália no dia seguinte. Eu dei graças a Deus por isso, mas Maria Eduarda estava me agonizando de preocupação com o irmão.

Quando eu saí da empresa, Inácio me ligou para avisar que o serviço estava feito e que tudo correu como o esperado; eu fiquei satisfeito em saber. Minutos depois, assim que cheguei em casa, meu telefone tocou outra vez. Dessa vez era o Pietro. Mal atendi e ele já foi falando:

— *Raphael, Inácio me ligou agora. Tivemos um problema no México, pegaram nosso soldado, o Frederico. Eles vão torturá-lo até ele abrir a boca para dizer quem mandou matar o chefe deles. Temos que nos preparar para a guerra. Inácio e Aluísio vão tentar resgatar o Frederico ou acabar de matá-lo, dependendo da situação, só não podemos arriscar que ele fale.*

— Porra, Pietro, só os dois? É quase suicídio.

— *Eu sei, falei isso para o Inácio. Já mandei preparar o jato para levar reforços para o México e só não vou pessoalmente porque a Julie está resfriada e o Noah está com pneumonia. Eu não tenho cabeça para mais nada no momento, estou muito preocupado com meu filho e não posso deixar Amanda sozinha agora.*

— Se for preciso eu vou.

— *No momento, vão os soldados, acho que vai ser o suficiente.*

— *Tá certo, me mantenha informado.*

Não contei para Eduarda o que estava acontecendo, pois ela ficaria ainda mais preocupada.



As gêmeas estavam dando trabalho para dormir ultimamente, já era bem tarde e ainda estavam acordadas. Maria Eduarda estava no banho e eu fiquei no quarto delas, tentando mantê-las no berço para que dormissem. Como elas já engatinhavam, só queriam ficar no chão, a energia delas era infinita e, se eu não as deixasse no berço, elas não dormiriam nunca.

Mas não estava adiantando muito, eu as deitava, cobria e, na mesma hora, elas levantavam e sorriam para mim.

— Eu sei que vocês são irresistíveis e o papai baba muito, mas agora não vai adiantar jogar charme para mim. Papai está cansado e vocês precisam dormir.

Elas não davam o menor sinal de sonolência. *Estou ferrado essa noite.* Quando estava decidido a pegá-las e levar para o meu quarto, meu telefone tocou e tive um pressentimento ruim.

— Fala, Pietro. Tudo bem com Noah e Julie?

— *Estão melhor. Não foi por isso que eu liguei. Perdemos o contato com seu cunhado.*

— O quê?

— *O celular dele está desligado e não conseguimos a localização, nem do celular dele, nem do Aluizio. Eu já enviei o jato com os reforços, teremos mais notícias assim que eles chegarem lá.*

— Puta merda! Tudo bem, é melhor não falarmos nada para Maria Eduarda e Nina, por enquanto — falei. — Me mantenha informado.

— *Okay, boa noite.*

Desligamos a chamada, e eu não sabia o que pensar. *Se algo tiver acontecido ao Inácio, Maria Eduarda vai sofrer demais. Porra!*

Saí dos meus pensamentos quando ouvi o gritinho da Raphaela querendo chamar minha atenção. Ela sorria e me olhava, tão inocente, mal sabia que o tio que ela tanto adorava podia estar morto.

Peguei as duas do berço e levei para o meu quarto. Maria Eduarda já havia saído do banho, estava sentada na cama e me olhou assim que entrei no quarto.

— Elas não querem dormir?

— Não, estão super acesas, então desisti e trouxe-as para cá.

— Que cara é essa, Raphael?

— Estou cansado, Eduarda.

Ela me olhou, avaliando a veracidade do que eu tinha dito. Era incrível, eu era muito bom em esconder sentimentos do mundo inteiro, mas minha mãe e Eduarda sempre percebiam a realidade.

— Você está com cara de preocupação.

— Noah está com pneumonia e Julie está resfriada.

— Ah, verdade. Parece que tem uma virose se espalhando, estou preocupada com as meninas.

— Elas vão ficar bem, minhas filhas são fortinhas.

Coloquei as meninas sentadas na cama e me deitei. Rapidamente as duas vieram para cima de mim, como se vissem um brinquedo em tamanho gigante.

Muito mais tarde, Pietro me mandou uma mensagem avisando que o jato tinha chegado ao México e que, assim que tivesse uma posição, me avisaria.

Sophia e Raphaela foram vencidas pelo cansaço e estavam dormindo, Maria Eduarda também, mas eu não conseguia me desligar, minha cabeça não parava.

Bônus Lili

Acordei cedo, como sempre. Eu odiava o fato de não conseguir mais ficar na cama até tarde, afinal era tão bom quando eu era uma preguiçosa. Quanto mais maduros ficamos, mais manias idiotas íamos adquirindo, como acordar cedo, por exemplo.

Levantei da cama indignada comigo mesma, vesti meu hobby e desci para tomar café da manhã com meu marido, mas antes passei no quarto da Nina e vi que ela ainda dormia. Quando passei pelo de Lorenzo, ele já não estava lá. Meu bebê ainda era novinho, mas tinha hábitos de velho: acordava cedo e ia correr pelo complexo. Ele adquiriu essa mania com o pai, que nem sempre ia, mas meu filho nunca deixava de ir.

— Bom dia, marido

Dei um beijo no Enzo, que estava sentado na cabeceira da mesa, como sempre e, assim que me sentei ao lado dele. Vi que ele estava com uma cara péssima.

— O que aconteceu, Enzo?

— Nada.

— Vai mentir para mim?

— Mais tarde nós conversamos.

— Não, senhor, eu quero saber agora. Cadê o Lorenzo?

— Ele está correndo. Não aconteceu nada, nossos filhos estão bem, estamos todos bem.

— Não estamos não, eu conheço você, tem algo de errado acontecendo.

— Lili, mais tarde.

— Você quer me deixar nervosa?

— Porra, você não desiste!

— Ainda bem que você sabe.

— Não quero falar sobre isso aqui.

— Estamos só nós dois. Fala logo, Enzo.



Nina

Assim que minha mãe fechou a porta do quarto eu acordei, porque era o dia em que, provavelmente, Inácio chegaria do México, e eu estava ansiosa. Levantei, fui ao banheiro para escovar os dentes e lavar o rosto, depois desci com a mesma roupa que dormi. Meu pai não gostava que eu andasse pela casa assim, pois dizia que os soldados iam me ver pelas janelas, mas como eu não estava muito bem com ele e meu *baby doll* era comportado, não me importei.

Quando me aproximei da sala, ouvi um papo estranho pelo qual me interessei e fiquei escondida ouvindo.

— Não quero falar sobre isso aqui — meu pai falou.

— Estamos só nós dois. Fala logo, Enzo — minha mãe insistiu.

— Porra, você é insistente pra caralho, Liliane.

— Olha como você fala com a sua deusa, rainha do seu coração, da sua vida e do seu lar, primeira dama da máfia Italiana. Cuidado, eu sou perigosa, Enzo Esposito!

Eu ri baixinho e ouvi meu pai rindo também. *Minha mãe é uma figura!* Quando ouvi a próxima frase que meu pai disse, meu sorriso morreu.

— Eu estou rindo, mas a situação é muito séria. Perdemos o contato com Inácio, no México. Estamos sem comunicação com ele há algumas horas.

Um sentimento de pavor tomou conta de mim, uma dor que nunca senti se alojou no meu peito e um grito de desespero escapou pela minha garganta. Eu perdi as forças nas pernas, mas antes que eu caísse no chão, senti meu pai me segurando.

— Filha, o que está acontecendo?

Ele me olhava desesperado, com minha mãe ao seu lado.

— Onde está o Inácio? — perguntei entre gritos e soluços.

— Nina, calma! Ainda não sabemos de nada, apenas não conseguimos falar com ele — Meu pai respondeu, já me levando para o sofá.

— Apenas?! Apenas não conseguiram?! Ele está sumido em outro país e você acha normal? — perguntei gritando e chorando com todas as minhas forças.

— Eu não disse que era normal, apenas disse que ainda não sabemos. Pode não ser nada, talvez ele só tenha ficado sem celular.

— Ele disse para eu fechar os olhos e, quando eu abrisse, ele já estaria de volta... Ele mentiu, ele quebrou meu coração. Inácio não pode morrer, ele não pode fazer isso comigo.

Bônus Enzo

Uma dor rasgou meu peito quando eu vi o desespero da minha filha. Ela mal conseguia falar, sua voz saía dolorida e fraca, claramente desnorteada. Naquele momento, percebi que aquela era uma batalha perdida, ela realmente estava apaixonada por ele e eu não tinha o direito de impedi-la de tentar ser feliz.

Nina sempre foi uma menina forte, destemida e ousada, que nunca abaixava a cabeça para nada nem ninguém, mas ela estava ali, à minha frente, totalmente quebrada, chorando desesperada por causa de um homem; Lili chorava junto com ela. Eu fiquei sem palavras diante da reação da minha filha e, automaticamente, lembrei das palavras de Matheo no dia anterior.

“É difícil saber que nós não somos mais o único homem na vida das nossas filhas. Enzo, por mais que a gente não queira aceitar, elas crescem, se apaixonam e nós já não temos mais o papel principal na vida delas, deixamos de ser o protagonista para sermos coadjuvantes e isso é difícil de aceitar pra caralho, é um ciúme doentio. Mas eu te digo uma coisa, cara, ou você aceita o Inácio ou você perde a Nina.”

Matheo tinha razão, minha filha se apaixonou de verdade e eu não podia mais lutar contra isso.

Olhei novamente para ela, chorando agarrada à mãe, e pedi a Deus em pensamento para que Inácio estivesse vivo.

— Você está feliz agora? Você queria afastá-lo de mim e conseguiu! — ela gritou, tirando-me dos meus pensamentos e despejou toda sua raiva em mim. — Ele viajou sem se despedir por culpa sua. O plano era passarmos o domingo todo juntos, mas você chegou na casa do Rapha impondo sua autoridade de macho alfa, agredindo-o e me mandando vir para casa. Você sequer tentou entender, você não se importou com os meus sentimentos.

Eu abri a boca para falar, mas não saiu nada, apenas tristeza por ver a dor da minha filha.

— Você nem deu uma chance a ele para mostrar que me ama, apenas apontou o dedo e fez exigências. Você me impediu de ficar perto dele por algumas horas e, agora, eu nem sei se o verei outra vez.

Ela mal conseguiu falar a última frase, porque o choro a impediu. Eu senti um nó na minha garganta e uma dor no peito, como se uma faca entrasse.

— Filha, me perdoe! Eu estava errado, mas tudo o que fiz foi para te proteger. Eu não posso arriscar quando se trata de você e do seu irmão. Um dia você vai ter um filho e vai entender.

Foi nesse momento que, movida pela raiva, Nina jogou uma bomba no meu colo e terminou de enfiar a faca no meu coração.

— Pois eu espero já estar grávida! Espero que Inácio já tenha deixado um pedaço dele em mim, porque se ele não estiver mais aqui, pelo menos eu terei comigo uma lembrança dele pelo resto da minha vida.

Ela jogou tudo na minha cara e se levantou do sofá. Eu fiquei sem palavras. Não senti ódio, na verdade, eu nem mesmo sei explicar o que senti naquele momento.

Minha vida se dividiu entre alguns dias atrás — quando eu ainda não tinha ciência de nada que estava acontecendo — e o que viria a partir do que a Nina disse. As coisas mudariam, na verdade, as coisas já tinham mudado e eu precisava aceitar isso!

Minha reação foi muito ruim, eu admitia, mas não era fácil para mim, como pai, sentir na pele o susto de ver a menininha, que pulava no meu colo com suas tranças balançando quando eu chegava do trabalho e que segurava a minha mão o dia inteiro, andar independente, atrair olhares maliciosos e se apaixonar.

Pela primeira vez, tomei oficialmente o choque de saber que minha bebê estava incendiando a vida de um cara qualquer, com sua paixão, alegria, intensidade e beleza, assim como a mãe dela fez comigo um dia.

E que mulher linda a minha pequena Nina se tornou. Uma mulher estonteante, eu diria. Forte, determinada, empoderada e

destemida! Nunca teve medo de dizer o que sentia, doesse a quem fosse.

Entretanto não importava sua idade, eu estaria sempre ao lado dela, a pegaria no colo a hora que ela precisasse e a colocaria de pé novamente.

— Nina, aonde você vai? — Lili gritou quando ela chegou à porta.

— Vou na casa do Raphael, preciso ver a Maria Eduarda — ela respondeu sem nos olhar e saiu de casa.

— Enzo — Lili me chamou, se aproximou e me abraçou.

Eu retribuí o abraço ainda atordoado.

— Eu sinto muito por tudo, amor. Não leve em consideração as coisas que a Nina falou, ela está desesperada, você não tem culpa de nada.

— Lili, eu... eu não estou raciocinando direito. Vou para a empresa tentar saber alguma notícia.

— Enzo, você não pode sair assim. Procure saber notícias daqui. O que você vai fazer lá?

— Eu preciso ir, Lili. Nem que eu tenha que ir para o México, eu vou trazer o Inácio de volta. Se ele pensa que vai morrer e deixar minha filha assim, ele está muito enganado. Ele me disse que iria casar com ela e agora vai. Ele que não morra!

Saí de casa ainda meio perdido e encontrei Lorenzo chegando.

— O que aconteceu, pai?

— Muitas coisas. Vá se arrumar e me encontre na empresa, porque eu preciso de você. Não demore

Lorenzo seguiu para casa e eu fui para o meu carro. Eu ia trazer Inácio de volta e fazer minha filha sorrir outra vez. *Ele vai assumir suas obrigações ou eu não me chamo Enzo Esposito.*

Capítulo 38

Raphael

Estava em frente ao espelho, arrumando a gravata, quando a campainha tocou. Desci e Maria Eduarda já estava abrindo a porta. Eu vi a Nina parada à porta de *baby doll*, com o rosto vermelho e inchado de tanto chorar.

Inicialmente me assustei com o seu estado, mas levei apenas um segundo para entender e prever o que ia acontecer. Não tive tempo de reagir e nem teria mais nada que eu pudesse fazer, no entanto.

— Duda, alguma notícia dele? — ela perguntou chorando, agitada, e já foi entrando.

— De quem, meu Deus? — Eduarda perguntou assustada e as duas me olharam.

Aproximei-me e, prevendo a tempestade, esclareci:

— Nós perdemos o contato com seu irmão desde ontem, Maria Eduarda.

— O quê?

Minha mulher ficou pálida e, instantaneamente, começou a chorar. Eu a abracei e, durante alguns minutos, ela só chorou. Quando conseguiu se acalmar um pouco, Duda quis saber o que realmente estava acontecendo. Expliquei toda a situação às duas e fiquei sem saber a quem consolar primeiro.

Felizmente, tia Lili chegou logo depois, com minha mãe e Mia. Eu precisava ir para a empresa para decidir o que faríamos. Então, me despedi das mulheres e saí de casa.



Quando cheguei à empresa, o clima estava tenso. Fui à sala de Pietro e ele gritava com alguém ao telefone; fui à do meu pai e,

quando entrei, ele estava conversando com meu tio.

— Eu não sei se vai ajudar em alguma coisa, Enzo.

— É claro que vai, Matheo. Eu tenho que ir para ver de perto o que aconteceu, minha filha está arrasada.

— Você não tem culpa, não foi a sua reação que levou o Inácio a essa situação. Nós não podemos baixar a guarda aqui também, afinal David está solto por aí, só esperando o momento certo para agir. De qualquer maneira, o jato está no México.

— Eu vou fretar um jato particular, então.

— Você tem certeza, Enzo?

— Tenho.

— Então, leve o máximo dos seus homens que você puder.

— Você vai atrás do Inácio? — perguntei ao meu tio.

— Vou, e vou trazê-lo de volta.

— O que aconteceu? O que te fez mudar de ideia tão radicalmente?

— A Nina realmente o ama, Raphael. E ainda por cima gritou na minha cara que pode estar grávida desse moleque safado, aproveitador de filhas alheias.

— Porra, Inácio não sabe o que é preservativo, não? — falei, fingindo surpresa.

— Sério que estou ouvindo isso de *você*, Raphael? — meu pai falou ironicamente, mas sem achar graça.

— Você fez três filhos, pai, e que eu saiba nenhum foi planejado — falei para mexer com ele e tentar melhorar o clima.

— Acontece que eu já era casado com a sua mãe, eu nem mesmo a beijei antes do casamento.

— Escutem aqui, vocês dois, eu não estou interessado em saber quem meteu mais sem camisinha ou fez mais filhos. Meus problemas agora são maiores. Se ele pensa que tem o direito de morrer e deixar minha filha assim, ele está muito enganado — meu tio falou sério e eu quase ri.

Horas depois ele embarcou para o México.

Bônus Inácio

Frederico e Aluísio morreram e era um milagre eu ainda estar vivo. Eles queriam me matar mais devagar, para aumentar o meu sofrimento e parar tentar arrancar de mim quem era o mandante da morte do capo do México. No entanto, a dor não me assustava, eu já sabia lidar com ela e não ia ceder, por lealdade à família Esposito, minha família por ações, não somente por DNA. Eles me receberam e depositaram confiança em mim, eu não podia decepcioná-los.

Se eu falasse, eles me matariam e eu não podia me dar ao luxo de morrer. Eu tinha uma mulher para levar ao altar e sempre cumpria minhas promessas, só precisava ganhar tempo para voltar para a Nina.

Eu sempre gostei de trabalhar sozinho, pois já tinha meus métodos e eles sempre davam certo. Dessa vez não foi diferente, fiz o serviço dentro do esperado e, depois de tudo, voltei para o hotel. A única coisa que eu queria era que as horas passassem rápido para eu voltar para Itália e reencontrar as mulheres da minha vida que lá me esperavam: Maria Eduarda, Raphaela, Sophia e a minha rainha louca, Nina.

Eu nem sabia que tinha um tipo de mulher até encontrar a Nina, mas descobri que ela é exatamente tudo o que me atrai. Precisava confessar que, no primeiro momento, foi a sua aparência que me chamou atenção, afinal ela era dona de uma beleza fora do comum, mas bastou ela abrir a boca para eu me apaixonar por sua personalidade do caralho. Uma boca esperta, sempre com palavras na ponta da língua. Eu adorava encontrá-la e provocá-la só para vê-la nervosa.

Nina era destemida, segura de si, forte e bem resolvida. Ela não abaixava a cabeça para ninguém, não estava nem aí para as convenções e se entregou para mim sem nenhum pudor. *Essa mulher sabe o que quer e vai atrás.* Isso me enlouquecia e me deixava cada dia mais convicto de que ela foi feita para mim.

Minha rainha louca esperava por mim na Itália e eu aqui, preso na porra deste lugar, sem saber se voltaria para ela, por causa da porra dos soldados da Cosa Nostra que resolveram sair para conhecer o México e se meter em confusão.

Depois do chefe da máfia ter sido inexplicavelmente morto, a porra da máfia mexicana estava atrás do culpado, então nós precisávamos ser discretos e sumir de vista. Aqueles imbecis nos entregaram de bandeja e, como se não fosse o suficiente, Aluísio achou que tinha conseguido fugir e veio direto até mim. Isso foi apenas uma tática dos mexicanos para pegar o verdadeiro culpado, pois não muito tempo depois, fomos surpreendidos pelos caras. Aluísio foi morto e eu estava esperando a minha sentença.

A atitude deles foi de um amadorismo surreal, e eu mal pude acreditar que Pietro trabalhava com esse tipo de homem. Atualmente, a Cosa Nostra era a maior organização criminosa do mundo, não deveria haver espaço para amadores.

Bônus Enzo

Cheguei ao México, horas depois, e me reuni com alguns homens que Pietro já tinha enviado para descobrir o paradeiro de Inácio. Os soldados me contaram que ele estava preso em um galpão e que já tinham estudado todas as possibilidades de invadirem o local, mas não sabiam se ele ainda estava vivo. Inácio já tinha matado o capo, então àquela altura nós precisávamos correr contra o tempo.

Nós teríamos que resgatar Inácio sem causar muito alarde, mas estávamos em menor número e fora do nosso território, então seria um resgate muito arriscado.

— Eu não vim aqui para me tornar um prisioneiro junto com o Inácio, nosso objetivo é resgatá-lo e sair do país o quanto antes, com o menor número de baixas possível e fazendo o mínimo de estrago que pudermos.

Os homens que tinham chegado algumas horas antes de mim e estavam vigiando o local me disseram que durante a noite ficava um número mínimo de homens lá. Então, esse seria o melhor momento para entrarmos e pegarmos Inácio.

Começamos a preparar todo nosso arsenal de armas e bombas. O objetivo não era usá-los, mas se precisasse, não fugiríamos da guerra.

Depois que preparamos tudo e só estávamos esperando a hora certa, afastei-me dos homens e liguei para Lili, pois eu precisava ouvir sua voz antes de tudo. Ela atendeu no segundo toque.

— *Enzo, amor, você está bem?* — ela perguntou, aflita.

— Estou, nós vamos buscar Inácio daqui a pouco. Estou ligando para saber como a Nina está.

— *Muito triste. Chora, depois para, depois chora novamente, não quer comer e está no quarto deitada desde cedo. Acho que*

vamos ficar na casa do Raphael para ver se ela se anima um pouco perto da Eduarda.

— Lili, você acha que ela está grávida mesmo?

— *Eu não sei, mas espero que não. Eu não quis tocar no assunto por enquanto. Se você vai buscar Inácio, então ele está vivo?*

— Eu espero que sim, parece que ele está preso em um galpão do Cartel. Eu só quero que isso acabe logo.

— *Eu também, Enzo. Não se atreva a se machucar ou eu mato você!*

— Sempre amei essa sua sutileza para dizer que ama.

— *Cala a boca, Enzo. A Nina também está muito preocupada com você.*

— Está? — perguntei, realmente surpreso.

— *Claro que está, ela também te ama. Depois que soube que você tinha ido atrás de Inácio, ela ficou muito mais nervosa.*

— Eu precisava fazer alguma coisa, não podia ficar parado vendo o sofrimento da minha filha. De qualquer maneira, Inácio é da família, algum de nós viria.

— *Eu sei. Toma cuidado, amor. Eu te amo.*

— Eu sempre tomo. Agora eu preciso desligar, vamos sair em alguns minutos. Lorenzo vai cuidar de vocês enquanto eu estiver fora. Eu te amo, Lili. Me espera, minha feiticeira.

Desliguei o telefone, chamei os homens e partimos para nossa missão.

Chegamos ao galpão e, inicialmente, tinham dez homens fazendo a ronda e nós teríamos que pegá-los, não teria jeito. O desafio seria fazer isso sem chamar a atenção de quem estava dentro do galpão, pois não podíamos arriscar dar tempo de eles chamarem reforços.

Nossas armas tinham silenciadores, mas precisávamos nos aproximar cautelosamente. Nós tínhamos estudado, minuciosamente, o local, então eu instruí dois soldados a subirem no telhado para tentar ver dentro do galpão, enquanto nos

esconderíamos e ficaríamos esperando o contato. Instantes depois, meu telefone vibrou com a mensagem:

8 homens. Inácio está vivo, mas bastante ferido.

Okay, nos deem cobertura daí de cima mesmo e, quando invadirmos, podem atirar.

Entendido.

Instruí os homens que estavam comigo e nos preparamos para a invasão. Ao meu sinal, avançamos e pegamos os soldados que estavam do lado de fora. Essa parte até foi fácil, mas quando invadimos o galpão, já fomos recebidos com tiros. Nós tínhamos pouco tempo até chegarem reforços.

De longe, avistei Inácio, desacordado e amarrado em uma cadeira. Meus homens me deram cobertura e, mesmo no meio do tiroteio, consegui chegar até ele. Pela minha visão periférica vi alguns dos meus soldados sendo feridos, eu precisava terminar aquilo rápido.

— Inácio, acorda, porra! — falei batendo no rosto dele e pegando minha faca para cortar as cordas.

Ele não acordou, e eu percebi que ele estava realmente bastante ferido. Quando terminei de desamarrá-lo, ele caiu no chão, desacordado.

— Acorda, seu filho da puta. Está pensando que vai morrer e deixar minha filha sofrendo? Você está muito enganado! Só quem pode te matar sou eu e não vai ser agora. Deixa de ser frouxo e acorda, se não aguenta uma surra, não está pronto para ser meu genro.

O estado dele era grave, eu teria que carregá-lo. À minha volta, meus soldados estavam em vantagem. De repente, senti um zumbido no meu ouvido... *Porra!!!* Uma bala passou muito perto da minha cabeça. *Eu preciso sair logo daqui ou morrerei junto com Inácio.*

Olhei para o meu lado esquerdo e Malone, um dos meus soldados mais antigos, estava lá e nos entendemos pelo olhar. Posicionei-me para pegar Inácio e, imediatamente, ele nos deu cobertura. Meu soldado fez sinal para o Nico e o Andreolli — que estavam próximos a ele — e em seguida ele fez sinal de positivo para mim. Com certa dificuldade, porque Inácio era pesado pra caralho, comecei a sair dali o mais rápido que pude. Tiros soaram por todos os lados.

Depois do que pareceu uma eternidade, chegamos à área externa do galpão, ainda sob a cobertura de alguns soldados. Entrei em um dos carros que já estavam estrategicamente nos esperando e fomos para a casa que tínhamos alugado para nossa breve estadia no México; meus outros soldados ficaram lá terminando o serviço.

Inácio chegou ainda desacordado e os médicos, que já esperavam por nós, começaram a examiná-lo.

Capítulo 39

Raphael

Havia mulheres chorando por todos os lados na minha casa e Lorenzo parecia tão perdido quanto eu no meio de tanta progesterona. De um lado, Maria Eduarda estava com o rosto vermelho de tanto chorar, agarrada a mim como se eu fosse sua salvação. Do outro lado, Nina estava chorando, deitada no colo da tia Lili. Até as gêmeas estavam mais chorosas naquele dia, como se pressentissem o caos que estávamos vivendo.

Ficamos sem notícias do meu tio por quase 4 horas, desde a última vez que tia Lili nos contou que ele ligou. Por isso, a sala da minha casa se transformou em um palco de lamentações, choros e soluços e, no meio daquele caos, os únicos que se mantiveram sensatos foram Lorenzo e eu.

Pietro, meu pai e Romeu estavam trabalhando no escritório de suas casas, tentando controlar as coisas. Minha mãe estava na casa de Pietro com Amanda, pois Noah e Julie estavam doentes, e ela se dispôs a ajudar.

Não tínhamos muito o que fazer por enquanto, somente quando Inácio e tio Enzo voltassem, saberíamos o tamanho do problema que tínhamos nas mãos.

— Bebê — Tia Lili chamou Lorenzo com a voz chorosa.

— Oi, mama — ele respondeu.

— Tenta ligar novamente para o seu pai.

— Mama, não se preocupe, eu já te falei que meu pai é safo. Ele está bem e, quando puder, vai te ligar. Deixa ele terminar as coisas por lá. Vamos pra casa, seria bom vocês dormirem um pouco, o Raphael e a Duda também precisam descansar.

— Eu não quero dormir, quero meu irmão de volta são e salvo
— Maria Eduarda falou desanimada.

— Então, pelo menos vão as três para o quarto, deitem um pouco. Eu e Lorenzo vamos para o escritório tentar ter alguma notícia, prometo que assim que soubermos de algo, avisaremos a vocês — eu pedi.

Mesmo relutantes, elas cederam ao nosso pedido e subiram. Fui com elas até o quarto e desci, minutos depois, com a babá eletrônica nas mãos.

— Por que você está com a babá eletrônica? — Lorenzo me perguntou.

— Eduarda está muito cansada, tenho medo de que as gêmeas acordem e ela não ouça. Também quero que ela durma um pouco, então se as meninas chorarem, eu vou cuidar delas para a Duda descansar — respondi. — Alguma notícia do seu pai?

— Ainda não.

— Vamos para o escritório.



Maria Eduarda

Estávamos deitadas no meu quarto, conversando e sem conseguir dormir, preocupadas.

— Algum dia a gente se acostuma com isso? — perguntei desanimada.

— Gostaria de dizer que sim, mas infelizmente não! A gente até se acostuma, mas nunca deixa de se preocupar. Olhem pra mim, tenho mais de 25 anos de casada com o Enzo e estou aqui sofrendo, esperando por ele. E depois que a gente tem filho e ele é iniciado, a coisa só piora. Eu quase morro quando fico sabendo que Lorenzo vai fazer algum serviço. Prefiro nem imaginar as coisas que ele faz no trabalho — Lili se lamentou.

— Pelo menos, eu tive meninas e dessa preocupação não vou compartilhar. Mas a cada vez que o Raphael sai para trabalhar, eu sinto um aperto horrível no peito e só volto a respirar em paz quando ele entra em casa. Eu nunca imaginei fazer parte desse mundo. Hoje em dia eu me conformei, mas é muito difícil pensar que até meu pai era um assassino da máfia. E meu marido também é um.

Bônus Inácio

Eu ainda nem tinha conseguido abrir os olhos, mas sentia que tudo em mim doía. Ouvi vozes que me pareciam muito distantes e, de repente, lembrei onde estava. Tentei abrir os olhos e a claridade quase me cegou.

Eu estava me sentindo muito fraco, com frio e sem camisa, com meu ombro e braço enfaixados. Também senti uma faixa em volta das minhas costelas. Não quis chamar atenção, pois eu não sabia quem estava à minha volta, então tentei reconhecer de quem eram aquelas vozes. Com minha visão periférica, percebi alguém se aproximando e tentei me mexer, mas de qualquer maneira eu não estava armado, não adiantaria muita coisa. De repente, ouvi uma voz muito familiar.

— Finalmente a bela adormecida acordou!

Eu achei que estava delirando quando ele apareceu no meu campo de visão.

— O que você está fazendo aqui? Onde nós estamos?

— Relaxa, garotão! — Enzo respondeu. — Eu não vou terminar de te matar, embora a tentação seja grande.

Ele me olhou, e eu não consegui distinguir se ele realmente estava falando sério ou se era uma de suas piadas.

— O que aconteceu? — perguntei novamente.

— Aconteceu que eu salvei sua vida — ele falou, puxou uma cadeira e se sentou ao meu lado. — Você estava fodido, amarrado naquele galpão. Eles iam te matar, mas eu tirei você de lá, porque temos contas a acertar.

— Você me salvou apenas para ter o gosto de me matar?

— Na verdade, não. Embora eu não goste de admitir, minha filha está realmente apaixonada por você. Ela ficou inconsolável quando soube que você estava desaparecido, por isso eu vim.

— Nina... — Foi tudo o que eu consegui dizer, pois um nó se formou em minha garganta ao pensar no sofrimento que eu estava

causando a ela.

Quando o olhei, ele me observava, claramente me analisando.

— Eu amo a sua filha, Enzo. Embora você não acredite, eu estou muito apaixonado por ela...

— Eu sei, eu sei... Eu odeio ter que admitir, mas eu acredito em você. Homens como nós conseguem esconder facilmente as emoções, afinal fomos treinados para isso desde cedo, mas quando perdemos a postura ao falar de uma mulher, significa que já estamos fodidos de amor por ela. Você não consegue mais disfarçar, Inácio, e eu já entendi que eu perderei minha filha se não aceitar vocês dois.

— Você está errado. Sei reconhecer o amor quando vejo e é perceptível que ela te ama e te admira com fervor.

— Agradeço as palavras, mas apesar de todo amor que eu sei que ela sente por mim, ela agora também ama você, então eu não vou mais me opor. Mas... não vou permitir que vocês continuem em um relacionamento informal, principalmente depois das coisas que ela jogou na minha cara em um momento de raiva, coisas que eu nem quero mencionar agora. De qualquer maneira, pra vocês ficarem juntos, ela precisará dizer sim, só então vocês terão minha benção.

— Ela vai dizer sim.

— Veremos.

— Ela *já disse* sim!

— Inácio, não me irrita. Há coisas que você precisa saber sobre a Nina, antes de tudo.

— Que coisas?

— Ela nunca será uma esposa submissa, como a maioria das mulheres na máfia, porque eu não a criei assim.

— Eu não quero uma mulher assim.

— Ela será uma esposa leal e estará sempre ao seu lado, mas nunca ficará na sua sombra e muito menos será uma esposa troféu porque a Nina tem luz própria. Ela não aceita ordens e odeia

machismo, ela é inteligente, independente e capaz de pensar por si própria, então não espere obediência. Minha filha é segura, não abaixa a cabeça para nada, muito menos para um homem; ela tem um gênio forte, pavio curto e não tem muito senso de autoproteção, então ela entende o mundo em que vivemos e respeita, mas não tem medo de viver nele. Ela não tem travas na língua e, por último, mas não menos importante, tem um pai que vai te matar se você magoá-la.

— Ela é perfeita pra mim, Enzo. Todas essas coisas fazem de Nina uma mulher única, diferente e especial. Eu amo cada traço na personalidade dela, nunca vou magoá-la e sempre vou protegê-la, não se preocupe.

— Eu me preocupo e isso nunca vai mudar. Eu a criei como uma princesa, Inácio, justamente para que ela nunca aceite menos do que isso de outro homem. Então, não me decepcione e, principalmente, não magoe minha filha ou eu não vou me importar que seja um Esposito e vou acabar com você.

— Eu quero falar com ela e com a Maria Eduarda. Quando nós vamos para a Itália?

— Partiremos em algumas horas, porque o médico achou melhor você fazer um exame mais minucioso antes de ir. Vou deixar ele cuidar de você agora, enquanto eu ligo para o Pietro. Quando chegarmos na Itália, discutiremos sobre tudo o que aconteceu aqui.

— Tudo bem.

Fechei os olhos e a imagem da Nina ocupou toda minha mente. *Ah, Nina Esposito, você é minha, agora com o consentimento do seu pai. Feche os olhos, meu amor, e quando você os abrir, eu estarei aí.*



Raphael

Assim que Inácio e tio Enzo voltaram para a Itália, nós nos reunimos para saber o que de fato tinha acontecido. Inácio nos contou sobre a imprudência dos soldados que os levou direto para a boca do lobo, e todos nós ficamos enfurecidos com o comportamento amador dos dois. Certamente, se eles já não estivessem mortos, morreriam.

Meu cunhado teve muita sorte de ter sobrevivido. Ele levou uma boa surra, no entanto provou novamente sua lealdade ao não entregar a Cosa Nostra. Inevitavelmente, eles descobririam que fomos nós, mas nossa intenção não era facilitar em nada para a máfia mexicana.

Inácio virou o queridinho das mulheres Esposito. Inicialmente, não contamos a elas que ele já estava em solo italiano, pois não conseguiríamos chegar nem perto dele se disséssemos, no entanto, no dia seguinte quando souberam, elas ficaram loucas.

Maria Eduarda, minha vó, tia Pérola e Nina correram para a casa dele para paparicá-lo, e eu acreditava que, se Raphaela e Sophia já soubessem andar e pudessem sair sozinhas, também teriam ido. Minha mulher não quis levá-las para que pudesse se dedicar mais ao irmão, então minhas filhas ficaram em casa comigo, mas a carinha de tédio que elas fizeram quando perceberam que a mãe delas saiu demonstrava a insatisfação.

Pequenas traidoras! Inácio chegou na vida delas outro dia e já estão assim.

— Vocês não ousem ser mais agarradas com o tio do que comigo, que sou o pai. Foi eu que fiz vocês, eu que estava na sala de parto quando vocês nasceram, eu que cuido, mimo vocês e quase morri ao ter que deixá-las no hospital por terem nascido antes do tempo. O tio Inácio nem sabia da existência de vocês até pouco tempo, vocês têm que me amar muito mais — falei, fingindo uma voz autoritária.

Não surtiu o efeito esperado, pois elas sorriram para mim e eu me derreti. Passei o dia cuidando delas e trabalhando de casa; Maria Eduarda chegou no final da tarde.

— Como está seu irmão? — perguntei.

— Bem, na medida do possível, ele vai sobreviver. Nina e minha avó ficaram lá com ele.

— Achei que você ia querer dormir lá também. Agora só lembra que tem irmão e esqueceu do marido.

Ela se aproximou de mim, sorrindo, e colocou os braços em volta do meu pescoço.

— Deixa de ser bobo, você não precisa ter ciúmes do Inácio. Ele é meu irmão, mas você é meu marido, pai das minhas filhas e, acima de tudo, o amor da minha vida — ela falou e me beijou.

Eu retribuí o beijo, cheio de saudades. *Finalmente aquele momento difícil terminou e eu tenho minha mulher de volta.*

Bônus Nina

Meu pai entrou em casa anunciando que Inácio estava vivo e já em casa, e eu não me contive, corri para ele e pulei em seus braços, assim como fazia quando era criança. Ele se surpreendeu com a minha atitude, mas me segurou forte e não me deixou cair — ele nunca deixaria. Enchi meu pai de beijos e ele sorriu.

— Pai, me desculpe por ter te culpado, foi um momento de insanidade. Eu sei que você me ama e só quer me ver feliz — falei olhando em seus olhos.

Ele se emocionou com as minhas palavras, me olhou com os olhos brilhando e suspirou, em seguida deu um beijo demorado na minha testa e me abraçou forte.

— Eu te amo tanto, minha filha. Foi insuportável ver a sua tristeza — ele disse. — Não posso negar que o garoto te ama também, ele nem consegue disfarçar.

— Eu sei, pai. Eu amo o Inácio, mas te amo muito também, paizinho, para sempre. Vou ficar muito feliz se o senhor nos apoiar.

— Se é o que você quer, vocês têm minha benção, mas eu não vou deixar as coisas correndo livres. Já que vocês se amam, então vão se casar.

Eu não soube o que falar e não queria chorar, então apenas o abracei apertado, dei um beijo nele e me despedi.

— Eu vou trocar de roupa para visitar o Inácio — falei eufórica e corri para o meu quarto, mais feliz do que nunca.



Quando cheguei na casa de Inácio junto com a Duda, vó Patrícia e tia Pérola, eu quase infartei ao ver o estado dele, muito machucado.

Passamos o dia com ele e ficamos sabendo, por alto, o que aconteceu. Nenhuma de nós aguentaria ouvir os detalhes, e ele não

contaria de qualquer maneira.

Quando Duda e Vó Patrícia disseram que iam embora, eu decidi ficar.

— Nina, é melhor você voltar conosco, seu pai não vai gostar que você durma aqui — minha avó falou, tentando me fazer mudar de ideia.

— Já conversei com meu pai, vó, e ele nos deu sua benção, Inácio agora é praticamente meu noivo — falei animada. — Ele precisa de mim e eu vou ficar.

Minha avó sabia que não adiantava insistir, então se despediu e foi embora com a Duda. Pouco tempo depois, meu telefone tocou. Quando atendi, minha mãe disse que meu pai não ficou feliz por eu ter ficado na casa do Inácio, e eu respondi que ele ia ter que superar.

Tia Pérola arrumou um quarto para eu dormir, mas é claro que eu fugi e me enfiei debaixo das cobertas de Inácio assim que ela foi se deitar.

— Eu sabia que você viria — ele falou rindo.

— Você já me conhece mesmo.

Sorrimos um para o outro e eu dei um beijinho nele, com cuidado para não machucá-lo. Apoiei o peso do meu corpo no cotovelo e fiquei admirando o rosto dele que, apesar de ter sido tão judiado, ainda era lindo.

Com o braço bom, ele afastou uma mecha de cabelo do meu rosto e colocou atrás da minha orelha.

— Eu vou me casar com você, Nina Esposito. Quando eu estava preso no México, pensar nisso era o que me dava forças.

— Se você não voltasse para mim, eu nunca te perdoaria — falei e, mais uma vez, ele sorriu.

— O que você falou para convencer seu pai a nos aceitar?

— Ele percebeu que nós nos amamos e... talvez eu tenha insinuado que posso estar grávida.

Inácio arregalou os olhos e me deu vontade de rir.

— Você... Você está...? — ele perguntou chocado, mal conseguindo falar.

— Se eu estiver, você vai gostar?

— Porra, eu vou amar! — Ele respondeu empolgado.

Por um momento, desejei realmente estar carregando uma sementinha daquele homem maravilhoso.

— Eu não estou. Falei porque queria que meu pai também sentisse um pouco da minha dor, mas é bom saber que você ficaria feliz. Eu vou te dar um filho em breve, Inácio Esposito.

Ele abriu o maior sorriso do mundo e eu o beijei com todo meu amor, mas antes que o fogo nos consumisse, eu interrompi o beijo porque ele não podia se esforçar. Então, cuidadosamente deitei minha cabeça em seu peito e, ao som das batidas do seu coração, eu dormi em paz.

Capítulo 40

Maria Eduarda

Um mês depois

Embarcamos para Nova Iorque no fim da tarde de sexta-feira, rumo ao casamento da Manu e do Hugo. A cerimônia seria simples e no sábado, e eu estava muito feliz por minha amiga. Eu gostaria de ter ido antes, mas não pude por causa dos compromissos de Raphael com o trabalho.

Inácio se recuperou bem, mas não pôde ir, pois tinha muitas coisas para resolver, depois de tanto tempo de repouso. Ele e Nina ficaram noivos há pouco tempo. Tivemos um jantar para toda a família na casa do Enzo, e o pedido foi lindo e muito emocionante. Eles se casariam dali a seis meses. Meu irmão estava muito apaixonado e eu, radiante com a felicidade dele. Nina e ele não se largavam mais, e Enzo morria de ciúmes, mas era um ótimo sogro.

Era a primeira vez que as gêmeas voariam, e eu tive medo que elas estranhassem a experiência, no entanto elas dormiram assim que decolamos e Raphael também aproveitou para cochilar. Ele estava dormindo muito pouco nos últimos dias, porque David foi visto na Itália e isso lhe tirou o sossego.

Acabei ficando acordada sozinha, então coloquei uma música no meu fone e tentei relaxar, afinal tínhamos muitas horas de voo até chegar em Nova Iorque.

Quando o avião pousou, desci carregando Raphaela e Raphael carregando Sophia. Bernardo, Elisabete e alguns soldados estavam à nossa espera e as meninas acordaram com a euforia dos bisavós delas.

Assim que chegamos em casa, troquei a roupa das gêmeas por uma mais confortável e depois fui me trocar. Deixei-as na sala com o pai e os bisavós; a essa altura elas já estavam completamente acesas — seria uma noite longa.

Tomei um banho rápido e me senti muito melhor. Queria mesmo era vestir uma das camisas do Raphael, como fazia em casa, mas não seria possível ficar tão à vontade por causa do Bernardo, então optei por uma roupa confortável e comportada.

Mandei uma mensagem para a Manu, avisando que já estávamos em Nova Iorque, e desci.

No meio da escada, eu já podia ouvir a bagunça que ocorria lá embaixo. Elisabete e Bernardo eram apaixonados pelas gêmeas.

— Eu sinto tanta saudade de todos vocês. Falei ao Bernardo que, qualquer hora dessas, eu largue tudo aqui e vou para a Itália. Já passou da hora de ele se aposentar, não é porque não temos um filho homem que ele tem que passar o resto da vida trabalhando — Elisabete se lamentou.

Eu parei para pensar e, realmente, sem um filho quem seria o substituto de Bernardo? Meu sogro era muito mais jovem e já passou a cadeira para Pietro.

— Realmente, vô. Já está na hora de desapegar. Você fez sua parte durante muitos anos, agora é hora de vocês aproveitarem um pouco a vida. Meu pai trabalha muito menos agora, fica bastante em casa com a minha mãe e com os netos, que são apaixonados por ele. Noah diz que quer ser igual o vovô "Theteo" quando crescer, e a gente morre de rir, mas Pietro fica com ciúmes, embora não admita.

— Eu preciso colocar alguém digno no meu lugar, não posso largar tudo assim de uma hora para a outra.

— Não só pode como deve, vô. Sophia, não morde sua irmã!
— Raphael falou, tentando usar sua autoridade de pai.

Eu morri de rir. Raphael nunca conseguia, porque elas o olhavam sorrindo, sempre que ele usava um tom mais sério, e ele se derretia para elas.

— Cuidado, vô, ela morde, é igual a mãe. Raphaela sofre na mão dela, tadinha — Raphael me caluniou.

Cheguei ao último degrau da escada a tempo de me defender.

— Eu mordo, Raphael? Você para de me caluniar para os seus avós — falei entrando na sala e sentei ao lado dele.

— Falei no sentido figurado. Sophia puxou toda sua personalidade, é mais séria, implicante, valentona e cheia de

vontades. Já Raphaela é carinhosa, bem humorada, paciente e calminha igual a mim.

— Ah, você é um poço de virtudes. Até me espanta tamanha perfeição.

— Você está engraçadinha hoje, não é? Vou acabar com essa sua marra em dois tempos lá em cima, quando as gêmeas dormirem.

— Raphael, você não presta! Respeita seus avós, garoto.

— Eu respeito, amor. Aqui nessa sala, graças a Deus, todos os adultos sabem o que é sexo — ele falou rindo, me puxou para mais perto dele e deu um beijo no meu ombro.

Eu dei um tapa nele e ri. Seus avós também riram da cena, pois já estavam acostumados com o neto sacana que eles tinham.

Por fim, o sono me pegou. Desisti de esperar as gêmeas dormirem e fui me deitar, deixando-as com o pai e os bisavós. Raphael também estava elétrico depois das horas de sono no voo, além de ter pouca necessidade de dormir. Eu detestava dormir pouco, então larguei tudo e fui descansar, queria estar bem para o casamento da minha amiga no dia seguinte.



Raphael não estava na cama quando eu acordei, nem as gêmeas no berço. Levantei preocupada com minhas filhas, fiz rapidamente minha higiene matinal e descii. Encontrei-as com Elisabete na sala.

— Bom dia — cumprimentei-a e depois fui falar com as minhas meninas. — Bom dia, amores da mamãe, cadê o papai?

Beijei a cabecinha cheirosa delas e dei um abraço apertado em cada uma; Raphaela sorriu para mim e Sophia reclamou quando a apertei.

— Ele saiu com o Bernardo, mas daqui a pouco está de volta. Elas já tomaram banho e comeram as frutas. Antes de sair, Raphael me explicou a rotina delas. Estou tão orgulhosa do meu neto, ele se tornou um paizão.

— Ele realmente é, e eu tenho que agradecer muito a Deus. Ele não deixa faltar nada para elas, principalmente amor, que é o mais importante.

— É verdade — ela falou. — Que horas é o casamento?

— Às 18h, mas precisamos chegar uma hora antes porque somos padrinhos.

— Eu ajudo você a arrumar as meninas, não se preocupe.

— Vocês poderiam ir conosco, tenho certeza que a Manu ia adorar.

— Bernardo é chato, não gosta de casamentos, e eu já fui em tantos na minha vida que, agora, só vou nos da família, mas obrigada pelo convite.

Pouco tempo depois, Raphael e Bernardo chegaram e nós almoçamos juntos. A hora do casamento ia se aproximando e Elisabete estava cuidando das meninas, então pude me dar ao luxo de me arrumar sem pressa. Comecei tomando um banho bem demorado, depois sequei o cabelo, arrumando-o solto, e fiz minha maquiagem. Por último, coloquei meu vestido vermelho longo, com uma fenda enorme e bem justo, e estava em dúvida sobre qual sandália usar quando Raphael entrou no quarto.

— Nós vamos nos atrasar, Maria Eduarda, você tem um problema sério com horário.

— Amor, você chegou bem na hora. Qual sandália devo usar, essa dourada ou a *rosé*?

— Use a *rosé* e vamos logo, por favor.

Aceitei a sugestão, peguei minha bolsa e descemos. As meninas já estavam prontas na sala com Elisabete e Bernardo. Do lado de fora, quatro soldados e uma babá nos esperavam

O casamento aconteceria no salão do hotel onde o pai do Hugo era gerente. Chegamos ao local com o dia ainda claro e, assim que entramos, vimos Hugo conversando com alguns amigos e fomos falar com ele.

— Parabéns, cara — Raphael foi o primeiro a falar.

— Obrigado, estou muito feliz que vocês vieram.

Eu o cumprimentei com dois beijos, e ele pegou Raphaela do meu colo. Conversei um tempinho com eles e depois resolvi procurar Manuella.



Raphael

— Cara, como elas estão enormes! — Hugo falou admirado com o tamanho das minhas filhas.

— E é incrível como crescem rápido, parceiro. Outro dia, eu estava segurando as duas no hospital quando nasceram, e agora já estão assim, enormes, engatinhando a casa toda e já ficam em pé segurando nas coisas.

— Eu estou morrendo de ansiedade para o meu nascer. Não foi planejado, mas Manu e eu estamos muito felizes.

— Ser pai é incrível! Eu nunca me imaginei pai, mas depois que a gente se torna um é que percebe como é maravilhoso.

Antes que Hugo me respondesse, alguém que eu não queria encontrar chegou.

— O que esse cara está fazendo aqui?

Hugo virou para trás, vendo Brad, ex namorado da Eduarda, acompanhado de uma mulher.

— Eu não sabia que vocês eram amigos — comentei, olhando para o babaca.

— Nós não somos. Ele está namorando uma amiga da Manuella, veio acompanhado dela.

— Espero que ele não se aproxime da Maria Eduarda.

— Ele não é maluco, cara, você já deu seu recado da última vez.

— Você ficaria espantado com a quantidade de gente maluca que existe por aí, Hugo.

— Relaxa, cara, ele está acompanhado, vai ficar tudo bem.

— Estou relaxado. É como eu disse, desde que ele fique longe da Maria Eduarda, vai ficar tudo bem.



Maria Eduarda

Cheguei à suíte da Manu e não pude deixar de me emocionar ao ver minha amiga vestida de noiva. Ainda estava encantada olhando-a, quando ela me viu.

— Duda, você chegou!

— Sim, estou aqui. Você está tão linda, estou sem palavras, amiga.

Fui até ela e nos abraçamos, emocionadas.

— Não vamos chorar, vai borrar toda nossa maquiagem — falei, secando as lágrimas que ameaçavam cair.

— Cadê as meninas? Estou louca para apertá-las.

— Elas estão com o pai e com o seu noivo, ele já está treinando. — Nós duas rimos.

Eu olhei para a minha amiga com os olhos brilhantes de tanto amor.

— Manu, eu me lembro quando nós vivíamos lá no orfanato e sonhávamos com nossos príncipes encantados, mas em nenhum dos meus sonhos eu pensei em um dia ser tão feliz e te ver assim também. Eu fiquei muito assustada quando engravidei do Raphael e vi minha vida mudar completamente, porque não imaginava que eu ganharia uma família como sempre sonhei. Deus me deu um marido que me ama, que cuida de mim, me protege, me mimar e, ainda, é o melhor pai do mundo para as minhas filhas...

Olhei para a Manu e, assim como eu, ela já chorava.

— Hoje, te vendo vestida de noiva, esperando um bebê e prestes a construir sua família e ser feliz assim como eu sou, eu posso dizer que nós chegamos ao auge da felicidade. Eu não tenho palavras para expressar minha gratidão a Deus por tudo o que Ele me deu, inclusive sua amizade. Foi através de você que eu conheci o homem da minha vida, o homem que mudou tudo. Depois dele, tudo começou a dar certo, até um irmão eu ganhei!

Eu não conseguia mais falar, as lágrimas tomaram conta de mim e Manu veio me abraçar. Ficamos abraçadas por longos minutos.

— Agora, chega de lágrimas, vou consertar nossas maquiagens — falei.

Retoquei nossa maquiagem e, logo depois, a cerimonialista chegou para dar instruções para a Manu, pois já estava quase na hora. Despedi-me da minha amiga e saí da suíte que tinha sido reservada para a noiva. Resolvi ir ao banheiro antes de voltar para o Raphael e, quando saí, dei de cara com a pessoa que eu menos queria encontrar em um dia tão feliz.

— Maria Eduarda, que prazer revê-la.

— Boa noite, Brad. Pena que eu não posso dizer o mesmo.

— Você costumava ter prazer em me ver e mais ainda em me sentir — ele falou, aproximando-se de mim

Eu dei um passo para trás para me afastar, mas logo senti a parede às minhas costas.

— Não seja idiota e saia daqui antes que o Raphael te veja.

— Seu marido psicopata está distraído conversando com o Hugo, não vai nos ver.

— Raphael nunca está distraído. A qualquer momento ele vai me procurar e se ele te encontrar aqui...

— Ele vai me bater, covardemente, como fez da última vez?
— ele respondeu um pouco alterado, com o orgulho ferido.

— Não, Brad, da última vez ele fez um carinho em você. Aquilo não foi nada perto do que ele vai fazer se te encontrar aqui, agora, me importunando. Ele já te avisou...

— Eu não tenho medo daquele engomadinho. Da outra vez ele me pegou desprevenido, mas isso não vai acontecer novamente.

Eu ri. Ele não me assustava mais, e eu estava começando a não me importar com o que Raphael faria com ele.

— Você nunca vai ser páreo para o meu marido, você seria como um brinquedinho fácil de quebrar na mão dele.

Meu ex me fitou com os olhos pegando fogo, dava para ver todo seu ódio e despeito.

— Você está se achando muito, né? Só porque deu o golpe da barriga em um cara rico, acha que virou princesa, mas nunca vai passar de uma vagabunda interesseira.

Eu não queria perder o controle, mas foi mais forte do que eu, porque jamais permitiria que alguém me tratasse assim. Antes que eu pudesse me conter, dei um tapa forte no rosto dele, mas em seguida ele segurou meu punho com força. Tentei me desvencilhar usando a outra mão, porém ele também segurou-a forte.

— Me larga! Você está me machucando, seu idiota, vai me deixar marcada.

— Cadê seu maridinho? Onde ele está que não vem te ajudar? Eu poderia fazer o que eu quisesse com você agora.

— Basta eu gritar e ele estará aqui em dois segundos. Você, além de babaca, é suicida, Brad. Eu só não vou fazer um escândalo aqui e deixar Raphael te dar o que você merece, porque eu não quero estragar o casamento da minha amiga. Agora tira essas mãos de mim, seu imbecil — falei entredentes.

Dei uma joelhada nas partes íntimas dele e, na mesma hora, ele me largou e se encolheu de dor. Aproveitei a oportunidade para sair dali o mais rápido que pude e, quando estava chegando na área externa, dei de cara com Raphael; ele estava com as duas meninas no colo.

— Rapha, onde você estava indo? — falei pegando Sophia do seu colo.

— Atrás de você. Aonde você estava?

— Eu estava com a Manu, na suíte da noiva. Vamos voltar para a festa — respondi e ameacei andar, mas ele me segurou.

— Você está estranha, o que aconteceu?

— Nada. Manu e eu acabamos nos emocionando, só isso

Raphael não falou nada, apenas ficou me olhando, como sempre me avaliando. Eu sorri para ele e nós fomos ao encontro dos seguranças e da babá. A cerimônia já estava perto de começar,

então precisávamos nos preparar. Quando chegamos onde eles estavam, Raphael montou o carrinho das gêmeas e nós as acomodamos nele.

— Eu quero que vocês fiquem nas primeiras cadeiras perto do altar, onde eu sempre consiga vê-los durante a cerimônia. Não quero que nenhum desconhecido se aproxime ou pegue-as no colo e, assim que acabar a cerimônia, me esperem no mesmo lugar que eu vou até vocês.

— Sim, senhor — o segurança respondeu.

Raphael instruiu Taylor, Jason, os outros soldados e a babá que Elisabete tinha nos indicado, e fomos nos posicionar para a entrada dos padrinhos.

A cerimônia foi linda. Hugo chorou quando viu Manu sendo conduzida até o altar por seu pai, e eu também chorei de felicidade pela minha amiga. Eu voltaria para a Itália tranquila sabendo que ela estaria bem cuidada em Nova Iorque.

Depois do incidente na porta do banheiro, eu só vi Brad de relance. Ele não se aproximou mais de mim, mas percebi que Raphael já tinha notado a presença dele, pois a todo momento em que o avistávamos, meu marido ficava tenso. Felizmente, tudo correu bem até o final da festa.



No dia seguinte, acordei e estava sozinha na cama. Rapha e as gêmeas sempre acordavam antes de mim, então meu marido, como o príncipe que era, me deixava dormir mais um pouco. Levantei-me para tomar um banho rápido e, quando saí do banheiro, Raphael estava entrando no quarto.

— Bom dia, mulher da minha vida!

— Nooossa... com um bom dia desses não tem como o dia ser ruim.

Ele sentou na cama e me puxou para ele. Entrei no meio de suas pernas e ele abraçou minha cintura e beijou minha barriga.

— Preciso dizer que você ontem era a mulher mais linda da festa, conseguiu até superar a noiva.

— Não me mime tanto, marido. Isso não é verdade, Manu estava linda demais.

— Ela estava, mas ninguém supera você.

— Eu te amo tanto, seu peste!

— E eu amo você, sua abusada.

Meu marido tinha acordado atacado na fofura, e eu não podia resistir, então empurrei-o na cama e me sentei em cima dele.

— O que você está querendo para estar tão romântico assim?

— Eu sempre fui romântico com você. Não estou querendo nada, mas se você quiser me recompensar com sexo matinal, eu não vou reclamar.

Eu ri e o beijei. Ele me jogou na cama, ficando por cima de mim, e eu fiz menção de abraçá-lo, mas ele segurou meus punhos e me prendeu na cama segurando minhas mãos acima da cabeça. De repente, seu olhar amoroso se transformou em um olhar de aço.

— Quem fez isso com você? — ele perguntou com um semblante transformado, totalmente diferente de antes.

Eu me assustei, pois não me dei conta do que ele estava falando até olhar meus punhos e ver as marcas deixadas por Brad no dia anterior.

— Quem fez isso com você, porra?

— Raphael, se acalme, não foi nada demais. Você sabe que minha pele é muito sensível e marca à toa.

— Eu não vou me acalmar. Ele marcou você, caralho. Foi o filho da puta do seu ex, não foi? — Raphael perguntou exaltado. — Responde, Maria Eduarda!

Eu o olhei assustada, sem saber o que dizer e temendo sua reação, pois ele estava enfurecido demais. Apenas balancei a cabeça afirmando.

— Eu mato aquele bastardo!

Ele pulou da cama, vestiu rapidamente uma roupa, pegou sua arma na gaveta da mesa de cabeceira e saiu do quarto. Eu saí

correndo atrás dele, sem ligar para o que estava vestindo.

— Raphael, espera!

Ele desceu correndo as escadas, enquanto eu tentava alcançá-lo. Quando chegamos lá embaixo, Elisabete dava papinha para as gêmeas e olhou assustada para o Raphael.

— O que aconteceu? — ela perguntou alarmada.

— Vó, cuida delas até eu voltar.

E, sem dizer mais nada, ele saiu de casa me deixando nervosa.

— O que aconteceu, Maria Eduarda?

— Meu ex-namorado estava no casamento da Manu ontem. Ele veio falar comigo, nós discutimos, ele segurou com força meus punhos e me deixou essas marcas. Eu não falei nada para o Raphael ontem, mas hoje ele as viu e ficou enfurecido — contei tudo a Elisabete com vontade de chorar.

— Ah, meu Deus, Raphael vai matá-lo.

Eu sentei no sofá aflita e passei a mão no rosto sem saber o que fazer.



Raphael

Eu estava vendo vermelho, não conseguia acreditar que aquele desgraçado tinha machucado a Maria Eduarda bem debaixo do meu nariz. *Como ele ousou encostar na minha mulher, porra?!* Eu estava irado pra caralho, uma fúria assassina tomou conta de mim quando eu vi as marcas nos punhos dela.

Peguei um dos carros na garagem do meu avô e saí sem nenhum soldado. Com o ódio que eu estava sentindo, eu não precisava de ninguém. Os soldados que estavam por perto me olharam, mas ninguém me questionou.

Quando saí pelos portões, liguei para o nosso TI e pedi a ele que descobrisse a localização do filho da puta e me mandasse com urgência. Minutos depois, meu celular apitou com a mensagem contendo o endereço.

Dirigi como um louco pelas ruas de Nova Iorque, com a imagem das marcas nos punhos da Eduarda martelando na minha cabeça. Quando finalmente cheguei ao prédio em que ele morava, estacionei o carro de qualquer maneira e me aproximei da portaria. Aproveitei a distração do porteiro com algumas pessoas e entrei. *Bom pra ele não tentar me parar!*

A cada andar que o visor do elevador acusava, minha fúria aumentava. Quando cheguei no andar do infeliz, caminhei com passos fortes até a porta do seu apartamento e toquei a campainha repetidamente. Logo uma mulher abriu a porta e me olhou surpresa.

Com a maior delicadeza que fui capaz de ter naquele momento, afastei a mulher para o lado e entrei no apartamento.

— Ei, você não pode entrar aqui assim — ela falou enquanto eu procurava o filho da puta pelos cômodos do apartamento. — Eu vou chamar a polícia.

— Se eu fosse você, ficava quietinha e não testava a porra da minha paciência, que está por um fio. Cadê o covarde do seu namoradinho? — gritei.

— Paloma, que confusão é essa? — O filho da puta saiu do quarto, distraído.

Eu vou matá-lo! Meu sangue ferveu ainda mais quando olhei para a cara dele. Quando ele me viu, ficou pálido imediatamente. Eu dei um passo em sua direção e ele deu um passo para trás. A cada passo eu me irritava mais.

Eu queria torturá-lo por dias e, depois, mandá-lo para o inferno. Ele sabia que Eduarda era minha esposa, mãe dos meus bebês. *Filho de uma puta!* Ele nem piscou quando encostei nele, ficou sem reação. Quando deu por si, o cano da minha arma estava encostado na sua cabeça, e seus olhos se arregalaram.

— Dê-me um motivo.

— Motivo para quê?

— Para eu não puxar a porra do gatilho e te matar agora.

— Você ficou louco?

Ele me olhava claramente apavorado, e isso me deu prazer, era gratificante de ver. Minhas mãos latejavam para sentir seu sangue e meu coração batia muito forte por causa da adrenalina, da sede de vingança.

— Eu estou *completamente* louco. Você não faz ideia do que eu sou capaz, não faz ideia das coisas que estão passando na minha cabeça, do que eu quero fazer com você. Você deixou os punhos da minha mulher marcados, você a machucou e agora eu vou machucar você também... e muito!

Dei o primeiro soco. Com o impacto, ele tropeçou para trás, colidindo com a parede.

— Você é maluco, porra...

Eu bati de novo. Não lhe dei tempo de reagir e segurei sua camisa, pressionando-o contra a parede. Olhei diretamente em seus olhos, vendo o sangue escorrendo pela sua boca e nariz.

— Você não vai sequer tentar se defender? Não vai tentar argumentar? Eu gosto de ser desafiado, gosto que meu oponente, ao menos, tente me deter. Covarde como você é, prefere desistir da própria vida do que lutar como um homem. Você só é machão com

mulheres indefesas, não é?! Mas você mexeu com a mulher errada, com a minha mulher, porra! Ninguém toca em um fio de cabelo da Maria Eduarda, ninguém causa sequer um arranhão na pele dela e sai impune.

Ele abriu a boca, mas eu não queria ouvi-lo mais. Eu nunca quis, na verdade. As marcas que eu vi na minha mulher eram motivos mais do que suficientes para eu acabar com ele, então envolvi minhas mãos em torno de seu pescoço e apertei.

Os olhos e a pele dele ficaram vermelhos. O bastardo já tinha aceitado que ia morrer e, naquele momento, nada me faria mais feliz do que tirar sua vida. Eu comecei a apertar meus dedos mais forte em torno de sua garganta e ver seus olhos começarem a perder o foco, mas então, as palavras que vieram a seguir me desestabilizaram:

— Por favor, não! Não faça isso, eu estou grávida. Por favor, não deixe meu bebê sem um pai.

Eu o soltei e, imediatamente, seu corpo caiu aos meus pés. Eu me abaixei e, não satisfeito por tê-lo deixado viver, soquei o rosto do bastardo enquanto ele ainda lutava por ar e voltava a respirar. Ele estava quase perdendo a consciência, mas tive tempo de olhar dentro de seus olhos e avisar:

— Eu vou deixar que você viva para que, pelo menos uma vez na vida, seja homem e assuma o seu filho. Sua vida para mim importa menos do que nada, mas a criança precisa de um pai e essa menina precisa do seu apoio, então se eu souber que você a deixou sozinha para criar a criança ou que você renegou seu filho, eu volto aqui e te mato. E mais uma coisa, nunca mais olhe na direção da Maria Eduarda, muito menos se aproxime dela, pois se você ousar, nada mais vai me segurar, nem mesmo essa criança inocente que acabou de salvar você e não faz ideia do pai covarde que vai ter. A Maria Eduarda tem um marido e eu cuido do que é meu.

Eu não podia mais olhar para ele ou o mataria, por isso virei as costas e caminhei em direção à porta. Precisava de um tempo para esfriar a cabeça antes de voltar para a minha família.



Quando cheguei à casa da minha avó, Eduarda e ela estavam na sala com as gêmeas.

— Raphael, o que você fez? — Maria Eduarda correu em minha direção e me perguntou, aflita.

— Eu não o matei! — falei ainda com raiva.

— Graças a Deus! Ele é um idiota, mas fico feliz por você ter poupado a vida dele. Uns socos, tudo bem.

— Eu não poupei a vida dele, poupei uma criança de crescer sem pai. A mulher dele está grávida.

— Seja como for, fico aliviada.

— Mas eu não fiquei. Não sinto nada em relação a ele, muito menos alívio e misericórdia, porque ele não merece. Não lembre, sequer, que ele existe. Eu também preciso esquecer ou eu perderei a cabeça — falei, tentando controlar minha raiva.

Meu corpo todo ainda estava muito tenso, até que ouvi o som dos anjos, um que facilmente me tirou da escuridão em que eu estava e me levou ao céu naquele momento, que me preencheu com o mais puro e verdadeiro amor que existe no mundo.

— *Papa...*

Eu automaticamente olhei para o lado e vi Raphaela no colo da minha avó, me olhando. Quando ela percebeu que minha atenção era toda dela, repetiu:

— *Papa.* — E esticou os bracinhos para mim.

Em um segundo, eu esqueci tudo de ruim que estava acontecendo naquele dia, olhei para ela e sorri. Ela sorriu de volta para mim e eu a peguei no colo e a abracei, transbordando de amor. Olhei para seus pequenos olhinhos, tão azuis quanto os meus, e percebi como ela me olhava cheia de amor também.

— Você falou, papai, meu amor?

— *Papa...* — ela repetiu sorrindo.

Eu dei uma gargalhada e a apertei em meus braços. Minha avó e Maria Eduarda também sorriram animadas; até Sophia estava

sorrindo também e nem sabia de que.

Depois desse momento, eu resolvi deixar aquele infeliz para trás e focar na minha família, em tudo de valioso que eu tinha.

À tarde, depois de almoçarmos com meus avós, voltamos para a Itália.



Uma semana depois

Era sábado e eu tomei a pior decisão da minha vida: resolvi que começaria a ensinar Eduarda a dirigir. Ela estava ansiosa e me cobrando a promessa, então reuni alguns soldados para fazer nossa segurança, deixamos as meninas em casa aos cuidados de Inácio e Nina e fomos para um local seguro e com pouco movimento.

Foi um pesadelo! Mal ela ouviu a técnica, já achou que estava pronta e foi com tudo, deixando-me apavorado. Além disso, ela se distraía facilmente, era atrapalhada e não entendia o limite de velocidade.

— Eduarda, diminui a velocidade — eu falei baixo e pacientemente para não deixá-la nervosa.

— Raphael, você tem que entender que eu nasci para ser piloto de fulga.

— Você vai matar nós dois, porra!

— Achei que você não tinha medo de morrer.

— Eu não tinha, agora eu tenho. Minhas filhas precisam de mim.

— Merda, para de ser fofo, assim você me distrai.

— Mais? Para esse carro, Eduarda!

— Tá bom, calma, vou reduzir a velocidade.

— Porra, parece uma louca. Não vai dirigir sozinha por aí nunca se continuar assim.

— Quero ver você me segurar.

— Não faça eu me arrepender de ter te dado a droga do carro.

— Deu está dado, não reclame.

— Chega de aula por hoje, vamos embora. Eu vou voltar dirigindo.

— Não, o carro é meu, eu dirijo.

Porra, essa mulher tira a paciência até de um santo! Voltamos para casa e dessa vez ela dirigiu com calma. Maria Eduarda entrou em casa se sentindo vitoriosa, beijou o Tobias quando ele veio recebê-la abanando o rabo e foi se sentar no sofá, perto de Inácio e Nina e de onde nossas filhas estavam brincando.

— Gente, vocês tinham que ver a cara do Raphael, morrendo de medo, sentado no carona.

— *Papa* — Raphaela falou assim que ouviu meu nome.

Eu me aproximei e me sentei no chão junto com minhas filhas, imediatamente as duas vieram para cima de mim.

— É isso mesmo, filha, o papai ficou morrendo de medo da mamãe dirigindo. Agora repete comigo ma-mãe — Eduarda falou com nossa filha.

— *Papa* — Raphaela falou rindo.

Eu ri e Eduarda me olhou indignada.

— Isso é um absurdo! Sophia ainda não fala nada e Raphaela só sabe falar o tempo todo “papai”, me sinto tão injustiçada.

Desde Nova Iorque, nossa filha não parava de repetir sua primeira palavra, que eu tive a honra de ser “papa”. Eu morria de amor cada vez que ouvia e já estava ensinando Sophia a falar também — longe dos olhos da Eduarda, claro. Aproveitei o momento para irritá-la um pouquinho.

— Calma, amor, elas gostam de você um pouquinho também. Nada que se compare ao amor que elas sentem por mim, mas é claro que elas gostam de você, afinal, você as alimenta com seu leite.

— É só pra isso que eu sirvo, Raphael? Por acaso eu sou uma vaca leiteira? — ela me indagou, séria.

— Claro que não. Deixa de ser ciumenta, logo logo a Sophia também vai falar sua primeira palavra e eu tenho certeza que será...

— Dei uma pequena pausa fazendo suspense. — Será “papa” também, óbvio!

Nina e Inácio caíram na gargalhada, e eu também. Maria Eduarda acabou rindo, mas antes disso eu ganhei um tapa.

Passamos a manhã juntos. Os fins de semana eram os dias em que reuníamos toda família — inclusive meus avós paternos e tia Pérola, que tinha vindo passar um tempo com os netos — para almoçar na casa dos meus pais.

Após o almoço, deixamos nossos filhos na casa dos meus pais, e eu e Pietro fomos jogar basquete. Nossas mulheres, Inácio, Nina e Lorenzo foram nos assistir. Basquete era o nosso jogo favorito, no entanto quase nunca praticávamos, pois os compromissos com a máfia não nos permitia muito tempo para o lazer.

Eu era mais rápido, no entanto Pietro era mais estrategista. Ele ganhou a primeira rodada, em seguida demos um intervalo e ele zombou de mim:

— Raphael, Raphael... Não adianta rapidez sem estratégia. Seu corpo tem apenas que obedecer, mas quem vence a batalha no final de tudo é sua mente, pense antes de agir.

— Está me dando dicas para te vencer?

— Não, estou te dando dicas para a vida, não as use contra mim.

— Tudo bem, papai!

— Meus filhos ainda são pequenos, não tenho idade para ser pai de um marmanjo como você.

— Tudo bem, meu *Don*.

— Assim está melhor!

Nós rimos e disputamos uma segunda partida, dessa vez eu venci.

Quando terminamos o jogo, fui para casa com Maria Eduarda. Aproveitamos que as meninas estavam com meus pais, tomamos um banho juntos e transamos no chuveiro.

Era impossível estar sozinho com a Duda e não a querer. Ela era a mulher mais linda que eu já tinha visto na vida, nua ou completamente vestida, descabelada ou totalmente alinhada. E não era só beleza, minha mulher era poderosa, ela me colocava aos

seus pés só com um olhar. Era absurda a dependência que eu sentia por ela, que quase me assustava.

Saí do banheiro antes dela e avisei que ia buscar as meninas. Cheguei na casa do meu pai e estavam todos na sala, menos ele, minha mãe e as gêmeas. Cumprimentei a todos e eles me disseram que meus pais estavam lá em cima.

Subi as escadas e, no corredor, vi minha mãe parada na porta do quarto que meu pai tinha montado para os netos. O quarto era o paraíso das crianças, todos os brinquedos imagináveis tinham ali. Aproximei-me e ela fez sinal com o dedo para eu não fazer barulho. Ela estava espiando por uma pequena fresta da porta e, lá dentro, meu pai estava sentado no chão com Sophia, Raphaela e muitos brinquedos em volta.

— Você já sabe falar papai — ele disse olhando para Raphaela. — Agora está na hora de aprender a falar vovô. Repitam comigo: "vô-vô."

Elas sorriram para ele, mas não falaram nada.

— "Vovô" é fácil, meninas, mais fácil que papai. Vamos lá: vô-vô. Não conseguem? Tá certo, vocês falam quando estiverem prontas, tudo a seu tempo. Mas não aceito que falem vovó primeiro.

Ele riu para elas e elas retribuíram, animadas, o sorriso do avô. Sophia se segurou nele para levantar, ele a ajudou e ela se jogou nos braços dele quando ficou em pé. Raphaela gritou com ciúmes da irmã, meu pai riu e a abraçou também. Nessa hora nós entramos no quarto, minha mãe avisou que o jantar já ia ser servido e, logo depois, nos deixou a sós com as meninas.

— Engraçado, eu não me lembro de momentos assim na minha infância, aliás, nós não tínhamos um quarto exclusivamente de brinquedos!

— Quando vocês eram crianças, eu trabalhava como um louco, não tinha o tempo que eu tenho hoje. Sem contar que, se eu construísse um quarto desses pra vocês, você o teria destruído no primeiro dia, o Pietro ia ficar puto com você e a Mia ia ficar chorando. Você era impossível, Raphael.

— Estou brincando, pai. Você sempre foi um ótimo pai, é a sua referência que me faz ser o pai que eu sou hoje.

— A gente sempre acha que poderia ter sido melhor, meu filho. Eu gostaria de ter tido mais tempo com vocês quando eram pequenos, por isso hoje eu passo o máximo de tempo que posso com meus netos.

— É, eu sei. Eu também gostaria de passar mais tempo com elas — falei admirando minhas filhas. — Eu fico o máximo que posso, mas nunca é o bastante. Eu tenho a sensação de que preciso aproveitar mais, afinal a gente nunca sabe...

— Para de falar isso, Raphael. Eu criei vocês e estou aqui até hoje. Você também sempre estará com as suas filhas. Nós nos protegemos e cuidamos uns dos outros para que nada aconteça.

— Eu sei, mas com o David solto por aí, me sinto ameaçado o tempo todo.

— Nós vamos pegá-lo — ele disse confiante, colocando a mão no meu ombro. — Você está pensando sobre outra coisa. O que foi?

— Eu guardo comigo um sentimento muito ruim, pai, um peso que vou carregar para sempre.

— Do que você está falando?

— Eu não consigo me perdoar por ter proposto a Maria Eduarda...

Um nó se formou na minha garganta, como todas as vezes em que eu pensava nesse assunto. A lembrança era difícil, e colocá-lo em palavras era terrível.

— Por ter sugerido que ela interrompesse a gravidez? — Meu pai me ajudou com as palavras.

— Sim — respondi, sentindo um aperto no peito.

— Eu conheço muitos pais que comemoraram por dias a notícia da gravidez de suas esposas, deram festas regadas a bebidas e charutos quando seus bebês nasceram, no entanto maltratavam suas mulheres quando elas ainda estavam grávidas, chegando a agredi-las fisicamente. Esses mesmos pais não

olhavam para os seus filhos quando estavam em casa, não ajudavam suas mulheres em absolutamente nada e não se importavam com a criação das crianças, até que chegasse o momento de iniciar o menino ou casar a menina...

Eu percebi o que meu pai estava fazendo, ele queria amenizar a minha dor. *Confesso que nunca tinha pensado por esse lado.*

— A felicidade deles com a gravidez era, exclusivamente, por ter um sucessor ou porque iam conseguir casar uma filha com nomes importantes na máfia, gerando mais riqueza e poder. Nesses casos, a paternidade em si, o contato entre pai e filho e o laço de amor era a última coisa que importava. Eu criei você, Raphael! Você é uma parte boa de mim e eu conheço seu caráter, sei que você nunca teria levado essa ideia adiante se a Maria Eduarda tivesse concordado com a interrupção. Eu vi a felicidade nos seus olhos quando elas nasceram e vi sua dor quando elas ficaram internadas, porque você chegava em casa derrotado cada vez que as deixava. Meu filho, você quase perdeu a cabeça, mal comia, não conseguia trabalhar e, naquele momento, nada era mais importante do que suas filhas. Se isso não é o mais puro e verdadeiro amor de um pai, então eu não sei o que é.

Sem que eu pudesse controlar, uma lágrima rolou pelo meu rosto e rapidamente a sequei, pois não queria que meu pai me visse chorar.

— Você vai se esconder de mim? Eu sou seu pai, Raphael.

— Eu nunca vi você chorar.

— Porque eu precisava ser forte para vocês e sua mãe, mas eu não sou de ferro e você também não precisa ser. Eu aprendi com as situações da vida que, por mais que sejamos fortes, não há como não se quebrar quando aqueles que amamos são ameaçados. Foi assim quando Mia e Pietro foram sequestrados, quando você sofreu o acidente no lugar do seu irmão... eu me vi em pedaços.

— Eu não sabia.

— Não há força maior no mundo do que o amor. Nem o ódio, nem o medo... absolutamente nada é capaz de nos deixar de

joelhos como o amor faz — meu pai falou olhando fundo nos meus olhos. — Você ama sua mulher e suas filhas, então não há nada para se arrepender. Nós dizemos coisas que não pensamos o tempo todo. Eu já magoei sua mãe incontáveis vezes, mas no fim de tudo, o que é contabilizado são as nossas atitudes. Não importa o que você disse, importa o que você faz.

— Obrigado, pai.

— *Papa* — Raphaela gritou e sorriu.

— Papai está aqui, princesa — falei, pegando minha filha no colo e abraçando-a.

Em seguida, Sophia gritou com ciúmes e eu também a enchi de beijos enquanto meu pai nos olhava rindo.



Na segunda-feira, eu estava trabalhando na empresa quando *A thousand miles* da Vanessa Carlton começou a tocar. *Que música ridícula!* Eu demorei a perceber que a música ridícula era, na verdade, o toque do meu celular. Maria Eduarda tinha mania de mexer no meu telefone e colocar toques exclusivos para ela, o problema era que ela sempre escolhia músicas completamente fora do meu estilo. Na semana anterior, ela colocou uma da Beyoncé e, quando meu celular tocou no meio de uma reunião aqui na empresa, eu fui motivo de piada por uma semana. Na verdade, tio Enzo, Lorenzo e Romeu não esqueceram mais daquele episódio.

Minha mulher é mesmo encapetada, eu desisto. Ri sozinho antes de atender a ligação.

— Oi, amor — falei. — *A thousand miles*?! É sério isso, Maria Eduarda?

— *Aaah, eu amo tanto essa música. Ela é do filme As branqueiras, não tira, amor* — ela pediu dengosa. — *Mas vamos ao que interessa, eu preciso ir ao shopping e o Taylor se recusa a me levar. Por mais que eu goste do meu segurança, estou com vontade de dar na cara dele, Raphael.*

— Maria Eduarda, pelo amor de Deus, você não vai dar na cara de ninguém. Cadê aquela mulher que eu conheci e que tinha aversão à violência? — falei, fingindo indignação. — Ele está só cumprindo ordens, meu amor. Taylor sabe que eu não quero que você saia de casa.

— *Você sabe que domingo é o batizado das gêmeas, e eu preciso comprar os vestidos delas e algo para mim também. A Nina vai comigo.*

— Nooossa, agora sim eu fiquei mais tranquilo, a Nina indo com você...

— *Sério?* — ela perguntou mais animada.

— Claro que não, Maria Eduarda, muito pelo contrário, a Nina indo é pior. Duas loucas soltas por aí, nem pensar.

— *Nem pensar é o caramba. Eu não sou uma prisioneira, Raphael Esposito. Não tem nada de mais irmos ao shopping se levarmos os soldados, além disso eu nem vou levar as gêmeas.*

Eu respirei fundo e esfreguei o rosto. Eduarda era a mulher mais teimosa que eu conhecia e não aceitava respostas negativas. Antes que eu respondesse, ouvi batidas na porta e autorizei a entrada.

— Raphael, aquele carregamento da Ásia, que saiu de lá hoje de manhã... — Inácio começou a falar, mas mudou o teor da conversa quando viu a expressão no meu rosto — Que cara é essa?

— *Raphael, você está aí?* — Eduarda perguntou. — *Estou esperando, autoriza logo o Taylor a me levar.*

— Um minuto, Maria Eduarda — Pedi e voltei minha atenção a Inácio. — Algum problema com o carregamento?

— Não, nada sério. — ele respondeu. — Aconteceu alguma coisa no complexo?

— Minha mulher e a sua querem ir ao *shopping*.

— Melhor não.

— Diga isso à teimosa da sua irmã.

— Diga a ela que nós as levaremos mais tarde.

Antes que eu passasse o recado, Eduarda gritou no meu ouvido:

— *Eu ouvi! Inácio está ficando neurótico igual a você. Pelo amor de Deus, nada vai acontecer, é só uma ida rápida ao shopping. Nina e eu estamos entediadas, ninguém aguenta mais ficar trancada em casa.*

— Eduarda, eu não vou ter sossego aqui sabendo que você está na rua.

— *Para com isso, Raphael. Quando sairmos do shopping, nós passamos na empresa para visitar vocês e voltamos os quatro juntos para casa. O que você acha? Por favor, amor.*

Olhei para o Inácio, e ele deu de ombros. Suspirei resignado. A minha incapacidade de dizer não a Maria Eduarda, às vezes, me irritava.

— Tudo bem, Eduarda, mas não demore e fique com o celular. Quando saírem, venham direto para cá.

— *Sim, senhor. Te amo. Beijo.*

— Também te amo. Juízo, maluca.

Ela desligou e eu olhei para o Inácio para falar sobre o carregamento, mas ele já estava com o celular na orelha. Percebi que ele estava falando com a Nina e ri. *Não sei quem estava mais fodido com a mulher teimosa, ele ou eu.*

Três horas já haviam se passado desde que Maria Eduarda me ligou. Depois disso, ainda liguei para Taylor, há exatos 45 minutos, e ele me informou que elas já tinham terminado as compras e estavam se preparando para virem à empresa.

Peguei meu celular e disquei o número de Maria Eduarda, mas deu caixa postal; disquei o número dos seguranças e eles também não atenderam. Minha última opção, antes de me desesperar, foi ligar para Nina. A voz da caixa postal me deixou com um aperto no peito e uma intuição ruim tomou conta de mim.

Levantei-me no momento em que a porta do meu escritório se abriu e Pietro não precisou dizer nada, pela cara dele eu já sabia que algo muito ruim tinha acontecido.

Bônus Pietro

Olhei para o relógio no meu pulso e dei graças a Deus que já eram quase 18h, pois eu estava com uma dor de cabeça do caralho, doido para voltar para casa e ficar com minha esposa e meus filhos. Estava digitando, furiosamente, no meu *notebook* para terminar o quanto antes um relatório que faltava, quando bateram à minha porta.

— Entra.

— Don Pietro — meu soldado chamou.

Imediatamente, o tom de sua voz me fez levantar a cabeça e encará-lo. Meu coração já estava batendo mais forte no peito, porque as primeiras pessoas em quem pensei foram Amanda, Julie e Noah.

— O que aconteceu?

— Levaram a senhora Maria Eduarda e a senhorita Nina.

Putá merda, Raphael vai perder a cabeça.

— Interceptaram o carro em que elas estavam, mataram a maioria dos nossos soldados e as levaram.

— Já descobriram quem foi o responsável?

— Ainda não, mas reuni todos os homens, e eles estão esperando as ordens.

— E minhas sobrinhas, Sophia e Raphaela?

— Elas estão na casa dos seus pais.

Levantei e respirei fundo, já prevendo a tempestade. Dirigi-me diretamente até a sala do Raphael e, quando entrei, ele me olhou com uma expressão preocupada. Meu irmão já me conhecia, sabia que algo ruim tinha acontecido.

— O que aconteceu, Pietro?

— Levaram sua esposa, irmão — falei de uma vez só, porque não tínhamos tempo para rodeios.

Raphael vacilou e, em seguida, deu dois passos na minha direção. Eu sabia bem como era essa dor e lamentei muito ter que dar essa notícia a ele.

— O quê? Diz que é uma brincadeira de mau gosto, cara. Pelo amor de Deus, me diz que isso não está acontecendo.

— Levaram a Maria Eduarda e a Nina.

Ele fechou os olhos, passou as mãos pelo cabelo e, logo depois em um ataque de fúria, jogou no chão tudo o que estava em cima de sua mesa.

— COMO ISSO ACONTECEU, PORRA? — meu irmão gritou desesperado.

Ele saiu da sala e eu fui atrás, pois sabia que ele ia perder a cabeça e eu precisava controlar a explosão. Naquele momento, eu precisava de Raphael com a cabeça fresca para, juntos, resolvermos aquela situação. Quando estava saindo atrás dele, tio Enzo e Inácio chegaram com um semblante aterrorizado. *O inferno desceu à Terra. Eles também já sabem.*

Capítulo 41

Raphael

Eu mal consegui raciocinar, e Inácio ficou tão maluco quanto eu. Tio Enzo apesar de transtornado, ainda conseguiu agir mais racionalmente, muito provavelmente os anos de experiência com as merdas da máfia lhe proporcionaram essa vantagem sobre nós.

Resolvemos trabalhar diretamente de casa, então estávamos na casa do meu pai. Eu me encostei na parede do escritório, calado, pois uma pressão enorme tomou conta do meu peito desde que eu soube que levaram minha mulher.

Tirei meu paletó, joguei-o em um canto qualquer do escritório e afrouxei minha gravata tentando respirar um pouco, pois me sentia sufocado. O escritório parecia pequeno demais para todos nós. Estávamos Pietro, meu pai, tio Enzo, Romeu, Lorenzo, Inácio e eu em um clima completamente tenso.

Do lado de fora do escritório, tia Lili, minha avó e tia Pérola estavam inconsoláveis, já minha mãe e Mia estavam mais calmas e cuidavam das meninas para mim.

Nosso funcionário de TI trabalhava incansavelmente no *notebook*, checando todas as câmeras da cidade para localizar o carro que as levou. Eles fugiram no próprio carro, deixando o nosso para trás. Taylor, Malone e Franco sobreviveram, mas estavam hospitalizados, pois precisaram passar por procedimentos cirúrgicos para retirada das balas e ainda não tinham acordado.

Nossos carros tinham escutas e foi uma tortura ouvir os gritos de Eduarda e Nina enquanto estavam sendo capturadas. Eu senti como se fosse morrer e mil cenários ruins passaram pela minha cabeça a todo momento.

— Conseguimos as imagens da hora do sequestro — o rapaz de TI anunciou.

Corri para a frente do computador e vi os dois carros envolvidos no sequestro, ambos SUV's pretos com vidros escuros.

— Foquem nas placas — meu irmão falou.

A cada minuto que a cena se desenrolava à minha frente, eu sentia a pressão aumentar no meu peito. Um dos carros bateu no veículo em que elas estavam, forçando-o a parar, e cinco homens — nenhum deles conhecido para mim — desceram atirando. Eles mataram o soldado que dirigia e mais alguns, depois feriram os outros. Dois bastardos abriram as portas do carro e as pegaram brutalmente, ambas tentaram lutar e espernearam, mas os filhos da puta obviamente eram muito mais fortes. Minha agonia triplicou ao ver a forma como elas foram levadas.



Mais uma hora tinha se passado e nós continuávamos sem a localização do carro. Estávamos atrás de David também, mas como num passe de mágica ele evaporou.

— Eu não aguento mais esperar — falei.

Só de pensar no que minha mulher poderia estar passando, eu sentia meu peito se comprimindo, era pior do que levar um tiro. Levantei aflito, sentindo um misto de raiva, medo, angústia e preocupação.

— Aonde você vai, Raphael? — meu pai perguntou.

— Vou sair para procurar, pai. Eu não consigo mais ficar aqui parado, preciso fazer alguma coisa. Vou revirar a porra da cidade atrás delas e vocês ficam aqui tentando localizá-las, qualquer novidade me avisem. Se eu achar algo, também aviso a vocês.

— Eu vou com você — Inácio falou já se levantando.

Rodamos a cidade inteira. Fomos a todos os buracos possíveis e improváveis, mas não conseguimos nada. *Minha família comanda a porra do país e duas mulheres da nossa família somem sem que ninguém veja nada.* Eu tive vontade de explodir o caralho da cidade. Inácio estava tão perturbado quanto eu, na verdade nenhum de nós sabia mais o que fazer. Precisávamos estar com a

cabeça boa para tomarmos decisões, no entanto não sei qual de nós estava mais insano.



Maria Eduarda

Nina e eu fomos levadas para uma casa enorme e cheia de portas no meio do nada. Dois homens nos empurraram em um quarto com apenas um colchão e saíram trancando a porta.

— Quem será que são esses homens? — Nina sussurrou.

— Eu não sei. Estou com muito medo, quero o Raphael.

— Não podemos deixar eles perceberem o nosso medo, Duda. Vamos ser duronas, logo logo os rapazes vão nos achar, não se preocupe.

— Você não está com medo?

— Por dentro eu estou toda me tremendo, mas por fora vou manter a pose. Eu não vou deixar que eles percebam minha fraqueza, e nem você. Homens assim se alimentam do nosso medo, então eles vão gostar se ficarmos acuadas, meu pai sempre me ensinou isso.

Suspirei desanimada, com vontade de chorar, e fui me sentar no colchão que tinha no canto do quarto.

— Levanta daí! — Nina gritou antes que minha bunda encostasse no chão.

— O que foi? — perguntei assustada.

— Você nem sabe quem deitou aí antes de nós, pode pegar uma doença.

— Que susto, pensei que era algo pior.

— Isso é terrível! Imagina pegar uma doença nessa sua pele de pêssego.

— Como você ainda consegue pensar nessas coisas? — questioneei incrédula.

— Ué, eu sou otimista. Quero acreditar que vou sair daqui viva, então preciso estar linda.

— Eu quero um pouco desse seu otimismo.

— Eu confio nos Esposito. Eles estão acostumados com o caos, vão nos salvar.

— Eu acho que nós deveríamos tentar fugir.

— Como? Não tem uma janela neste quarto dos infernos.

— Quando um deles entrar, a gente tenta roubar a arma dele.

— Certamente tem muitos outros homens lá fora, Duda.

— Podemos pelo menos tentar.

— Você tem razão. Vamos lutar até o fim, não vamos esperar os meninos de braços cruzados — ela disse e fez uma pose de super heroína. *Ou seria mafiosa?* — Tive uma ideia.

— Tenho até medo de perguntar qual.

— Vamos usar a única arma que temos — ela falou me encarando e esperando aprovação, mas o que encontrou foi um olhar interrogativo, afinal não tínhamos nenhuma arma. — Meu Deus, como você é devagar, amiga.

Nina tirou uma das suas sandálias de salto 15 centímetros finíssimo e me entregou. Realmente aquilo era uma arma.

— Eu fico com uma e você com a outra. Quando algum deles entrar aqui, a gente enfia esse salto nele, depois pega a arma e corre atirando em quem entrar no nosso caminho.

— Genial! Mas... você vai correr descalça?

— Não temos outra saída.

— E... você sabe atirar?

— Não, mas nós somos mulheres Esposito, querida, temos sangue mafioso nas veias.

— Eu devia ter pedido ao Raphael para me ensinar a atirar, agora seria muito útil.

— Pietro ensinou a Amanda e também deu aulas de autodefesa a ela, mas eu nunca liguei para aprender isso, agora me arrependo.

Passaram umas três horas e ninguém apareceu. Eu já estava agoniada de ficar ali, pensando o tempo todo no Raphael e nas minhas filhas. Só de pensar em morrer e não voltar para eles, meu peito se apertou e a vontade de chorar aumentou.

De repente, escutamos um barulho na fechadura. Levantamos rapidamente e nos posicionamos perto da porta como

já tínhamos combinado. Quando o cara entrasse, nós iríamos atacá-lo e fugir com a arma dele.

Meu corpo todo tremeu de medo e adrenalina, e quando olhei para Nina, percebi que ela também estava nervosa. Nós nos olhamos, buscando coragem uma na outra e, assim que a porta se abriu, nós atacamos, mas nosso plano não poderia ser mais frustrado porque sequer tivemos força para furar a pele do brutamontes. O máximo que conseguimos foi causar um arranhão em seu rosto, antes de ele tomar as sandálias das nossas mãos e nos empurrar para longe com um olhar cheio de ódio.

— Desculpa, moço. Foi sem querer — falei, tentando amenizar a situação.

— Sem querer porra nenhuma. Vocês são duas pestes e, pior de tudo, são burras. Acharam mesmo que iam conseguir me furar com isso? — ele falou debochado.

— Pior é você que tem um casco no lugar da pele, nunca vi... Aposto que essa sua pele nunca viu sequer um creme hidratante. Que horror! Tenho pena da sua esposa.

Nina soltou desaforada, e o capanga olhou para ela incrédulo com a ousadia da maluca.

— Vocês são duas vadias mimadas! Vou amarrar vocês até o patrão chegar, assim evitamos qualquer gracinha — ele falou e depois gritou na direção da porta. — Carlos, traga as cordas pra mim.

O cara trouxe o que foi pedido e Nina foi amarrada primeiro, e o outro capanga me amarrou também. Eu não reagi, porque via nos filmes de ação que era sempre pior, só ia me machucar; mas ao meu lado a Nina se debateu e tentou arranhar o gorila.

— Me solta, seu brutamontes! — ela gritou com o cara. — Eca, você está fedendo! Aposto que nem sabe o que é um desodorante, e ainda vai me impregnar com esse seu odor fétido.

— Cala a boca, sua vadia fresca. Quem você pensa que é?

— Eu não penso, eu sou! Sou a filha de Enzo Esposito, irmã de Lorenzo, noiva de Inácio Smith, sobrinha de Matheo Esposito e prima de Raphael e Pietro Esposito, o *Don da Cosa Nostra*! — ela

falou e eu pensei que nunca mais fosse parar. — Você mexeu com as garotas erradas. Nossa família comanda a Itália e você vai morrer, seu babaca suicida. Meu pai vai te matar!

— Seu papai não está aqui agora, está? Agora fica aí na sua, porque se você não ficar quietinha vou colocar um esparadrapo na sua boca.

— Nina, por favor... — pedi quase chorando.

Não adiantava ficar discutindo. Talvez a Maria Eduarda de antes estivesse agindo igual a Nina, no entanto eu era mãe, não podia me arriscar. Nina me olhou e, provavelmente vendo meu desespero, finalmente se calou.



Raphael

O dia já havia amanhecido quando olhei para o relógio no meu pulso. Tinham dezoito horas que elas haviam sido levadas, dezoito horas que eu não conseguia comer nada e muito menos dormir, dezoito horas sem ver e escutar a voz da mulher que eu amava, sem sentir seu cheiro e seu toque. *Eu não vou aguentar isso por mais tempo.*

Eduarda me aceitou mesmo com tantos motivos para me rejeitar. Ela definitivamente me amava tanto quanto eu a amava, porque apenas o amor lhe fez superar tudo o que ela odiava na minha família. Apenas aquele amor lhe permitia ignorar o quão errado eu e minha família éramos, quão abominável nossas ações podiam ser. Era aquele amor que começou por acaso, mas que se tornou tão forte, que a faria me dar o seu perdão por não ter conseguido protegê-la de todos os perigos como eu havia prometido. Apenas o amor que ela sente por mim permitiria que ela me perdoasse por não estar lá quando ela precisou de mim.

Eu estava vivendo no purgatório. Minha cabeça não parava de pensar no que já poderiam ter feito com ela e com a Nina a essa altura. Eu estava exausto, e esse cansaço não tinha nada a ver com a privação de sono. A raiva que eu carregava era fisicamente esgotante. Eu me sentia atormentado.

Fui ao banheiro para lavar meu rosto e me olhei no espelho, eu estava destruído. Respirei fundo e fui ver minhas meninas, que dormiam tranquilamente no quarto da minha mãe. Entrei devagar e me aproximei da cama, silenciosamente, para não acordá-las.

Elas estavam alheias ao caos que vivíamos, tinham a bênção da inocência, de ainda não saber nada sobre o mundo em que nasceram, sobre o pai fodido que elas tinham. Minhas princesinhas dormiam em paz porque sabiam que seu pai faria tudo por elas, no entanto não sabiam que com a mãe delas, ele tinha falhado.

Cheirei a cabecinha delas e saí em direção à cozinha. Peguei uma xícara no armário para tomar pelo menos um café e, alguns

minutos depois, meu pai apareceu querendo o mesmo. Tomamos nosso café e ele me disse que ia subir para tomar um rápido banho. Fui com ele para ver se as meninas já tinham acordado, afinal elas passaram a noite toda sem mim e a mãe, eu estava preocupado.

Assim que entrei, vi Raphaela deitada na cama, ao lado da minha mãe, tomando a mamadeira e segurando o próprio pé no alto; Sophia estava sentada com um brinquedo na mão e, assim que me viu, esticou os bracinhos para mim. Eu a peguei no colo, abracei seu pequeno corpinho, dei um beijo na sua cabecinha e senti seu cheirinho de bebê; ela me olhou e sorriu.

— Bom dia, meu amor — falei carinhoso.

— Alguma novidade, Rapha?

— Ainda não, mãe. Elas dormiram direitinho? Deram muito trabalho?

— As princesas da vovó não dão trabalho — ela respondeu olhando para minhas filhas com carinho. — Eu já tinha deixado a mamadeira aqui para quando elas acordassem, Raphaela quis logo mamar, mas Sophia rejeitou.

— Ela é igual a mim, não gosta de comer imediatamente quando acorda, mas daqui a pouco a senhora tenta de novo que ela aceita.

— Tá bem, filho. Não precisa se preocupar, não com isso, pelo menos.

Quando voltei para o escritório, Pietro nem piscava na frente do computador junto com o técnico em informática. Lorenzo, tio Enzo e Inácio estavam em contato com outras fontes, enquanto Romeu saiu para atender uma ligação de Demétrio, que também estava tentando localizar David.

— A última câmera que mostra o carro é na Catânia. A placa dos carros é fria, então nossa única chance é localizarmos todas as imagens. Demétrio está tentando localizar David também, não tenho dúvidas de que ele está envolvido. — Pietro me atualizou.

De repente, a porta do escritório abriu e Noah entrou.

— Papa, o senhor não vai mais parar de trabalhar? —
ele perguntou, inocentemente, ao meu irmão.

— Vem cá, filho. —

Noah foi até ele rapidamente, sentou em seu colo e recebeu um beijo em sua bochecha gordinha. Pietro era um pai incrível, eu me espelhava muito nele.

— O papai está ocupado agora, mas assim que eu terminar aqui eu vou para casa. Onde está sua mãe?

— Na sala com a Julie.

— Então você vai voltar pra lá e vai cuidar delas até eu acabar aqui, tá bom?

— *Tá* bom, papa.

Noah sorriu para o meu irmão e ganhou outro beijo, antes de ser colocado de volta no chão. Meu sobrinho voltou para a companhia da mãe, e eu só consegui pensar que a Maria Eduarda também precisava voltar para as nossas filhas.



Maria Eduarda

— Duda, você está tentando soltar a corda?

— Claro que estou, mas parece impossível.

— Nó apertado dos infernos! Não basta estar presa nesse quarto horróroso, ainda por cima estamos amarradas e descabeladas.

— A culpa é sua que não para de falar. Você chamou o homem de fedorento, sua maluca.

— Só falei a verdade.

— Então seja menos sincera ou nós vamos morrer aqui.

— Ah... que saudade do Inácio e do seu cheiro delicioso de homem limpo e gostoso... Inácio cheira a poder e dinheiro, e eu sou uma princesa, estou acostumada com isso, não vou deixar esse fedorento me encostar.

Nesse momento, novamente a porta fez um barulho e eu congelei. A primeira coisa que percebi foi que o dia já tinha amanhecido, mas a segunda coisa foi o que realmente me fez paralisar.

— Então é você? Eu já imaginava! — Nina foi a primeira a falar, claro.

— Nina e Maria Eduarda Esposito, que prazer tê-las aqui — ele falou com um ar de cinismo. — Estão sendo bem tratadas?

— Só podia ser você.

— Claro que sou eu. Finalmente estamos aqui juntinhos. Maria Eduarda, a filha de Lucca Esposito, o cara que matou toda a minha família e Nina Esposito, a noivinha do traidor do Inácio, o babaca que não quis colaborar com a minha vingança.

David parecia transtornado, algo muito ruim emanava dele. Eu nunca senti tanto medo na vida, mas tentei me manter firme como Nina tinha me orientado.

— David, pensa bem, nós duas não temos culpa de nada que aconteceu no passado. Aliás, o único culpado de tudo está morto.

— Eu poderia citar a culpa de cada membro dessa família! — ele gritou. — Matheo tem culpa por ter mandado Lucca para Las Vegas, afinal ele se livrou do problema, mandando-o para nós. Enzo tem culpa por ter matado Lucca tão facilmente, ele não tinha o direito de privar minha família dessa vingança. Raphael entrou na lista quando me agrediu e me humilhou no dia do aniversário do meu primo. E Inácio... esse filho da puta traiu minha confiança. Eu contei que ele tinha uma irmã e duas sobrinhas, no entanto ele me virou as costas e, na primeira oportunidade, se bandeou para o lado dos Esposito. Vocês são peças fundamentais no meu plano. Aposto que Raphael e Inácio já estão loucos, imaginando que suas meninas possam estar sendo tocadas por mim.

Nessa hora ele fez uma pausa e, depois de uma risada demoníaca, que arrepiou até os cabelos da minha cabeça, ele continuou:

— Eu tenho tanta sorte que nem vai ser um sacrifício, vocês são absolutamente lindas, como todas as mulheres da família Esposito. Sabe, Nina, houve uma época em que eu até me interessei, genuinamente, por você, mas claro que não tive o apoio do tio Demétrio e do Romeu. Sempre gostei de mulheres espevitadas e vocês duas são exatamente esse tipo de mulher, muito tentadoras. Vai ser um prazer ter vocês duas — ele falou calmamente como se nos contasse uma historinha para dormir.

Eu e Nina nos olhamos aflitas, porque David estava completamente louco. *Os meninos precisam chegar logo ou será tarde demais.*

— O que você vai fazer? — Nina perguntou e, embora ela tentasse manter a postura, era óbvio que estava assustada.

— Minha irmã foi estuprada pelo Lucca e se matou de desgosto porque engravidou do desgraçado, meu pai morreu tentando se vingar, então eu fui o único que sobreviveu pra fazer com que os Esposito sintam na pele o que eu e meu pai passamos com minha irmã.

A calma tinha ido embora, agora ele parecia ainda mais transtornado, a pele do rosto vermelha, as veias saltando... Meu

corpo inteiro começou a tremer e suar. *Se Raphael não vier logo me buscar, algo muito ruim vai acontecer.*



Raphael

Assim que saí do escritório, escutei o choro alto de uma das minhas filhas. Subi as escadas correndo para chegar até ela, mas quando entrei no quarto, minha mãe já estava com ela no colo, tentando acalmá-la.

Raphaella estava sentada no berço, olhando tudo assustada. Assim que Sophia me viu, o choro se intensificou e ela me olhou com o rostinho sofrido e cheio de lágrimas. Naquele instante, meu coração se quebrou em mil pedaços.

Dessa vez não era um choro de manhã, tinha algo errado com a minha filha. Ela esticou os bracinhos para mim, eu a peguei imediatamente e, assim que minha pele entrou em contato com a dela, eu senti o quanto ela estava quente. Ela acalmou um pouco o choro e deitou a cabecinha no meu ombro.

— Ela está quente, mãe.

— Eu também senti e medi a temperatura dela, 37.8°C. Já dei a ela o antitérmico.

— Você já ligou para a pediatra?

— Ainda não, eu ia falar com você primeiro. Fique calmo, meu filho, provavelmente não é nada.

— Prefiro ter certeza, mãe. Ligue para a pediatra e peça que ela venha aqui, por favor.

— Tá bem.

Enquanto eu tentava acalmar Sophia, minha mãe saiu do quarto para fazer a ligação. Minha filha estava quente e molinha no meu colo, e eu estava aterrorizado.

Sempre foi um martírio para mim vê-las doentes, mas o fato de ela estar possivelmente doente e a Maria Eduarda não estar por perto me deixou completamente em pânico.

Comecei a andar de um lado para o outro do quarto, esfregando as costas dela, até que ela foi se acalmando e cessando o choro aos poucos. Comecei a conversar baixinho com a Sophia e

ela ficou ainda mais quietinha, como se estivesse atenta ao que eu falava.

— Por favor, filha, não faça isso comigo, o papai não vai aguentar. Você tem que ficar boa para esperar a mamãe voltar.

De repente, Sophia levantou a cabecinha do meu ombro. Seus olhinhos estavam vermelhos, os cílios molhados pelas lágrimas, as bochechas muito ruborizadas pelo choro e também pela febre. Eu parei de andar e fiquei olhando-a. Ela olhou nos meus olhos e disse sua primeira palavra, partindo ainda mais meu coração.

— *Mama.*

Eu parei de respirar naquele momento, e logo depois de chamar a mãe, sem desviar os olhos dos meus, ela começou a fazer beicinho anunciando o choro. Sophia parecia se comunicar comigo, como se dissesse: "Onde está minha mãe? Eu a quero!" Então, ela começou a chorar forte e eu chorei junto com ela. Poucas vezes na minha vida eu me senti tão perdido



Quando a pediatra entrou no quarto com a minha mãe, Sophia já tinha se acalmado um pouco, mas ainda estava quente. Raphaela continuava quietinha no berço, brincando com alguns de seus brinquedos.

A pediatra deitou Sophia para examiná-la e, na mesma hora, minha filha voltou a chorar. Eu me retorci, querendo pegá-la de volta, mas ela precisava ser examinada e a médica o fez minuciosamente. Tirou a roupinha dela, olhou a garganta, o ouvido, auscultou os pulmões e minha filha não parava de chorar, deixando-me ainda mais agoniado.

Assim que ela terminou e me entregou a Sophia, eu coloquei a roupa de volta nela e me levantei.

— E então, o que ela tem? — perguntei aflito.

— Senhor, ela não tem nada — a pediatra me respondeu.

— Como não tem nada? Ela está com febre.

— É febre emocional, senhor — a médica me respondeu receosa.

Eu não entendi completamente, então continuei a olhá-la, esperando uma explicação melhor.

— Alguns bebês ficam assim na ausência de suas mães. Quando as mães voltam a trabalhar, por exemplo, os bebês "adoecem" de saudade, mas eles logo melhoram quando entendem que no fim do dia elas voltam para casa.

Eu fiquei sem palavras, arrasado demais para falar qualquer coisa. Segurei mais forte minha filha em meus braços e apertei-a contra o meu peito; ela já não chorava mais. Minha mãe conversou alguma coisa com a pediatra, que eu já não ouvi mais, depois voltou para o quarto e sentou ao meu lado na cama.

— Rapha, ela vai ficar bem. Quando a Mia era pequena, seu pai às vezes viajava por alguns dias e ela sempre ficava amuada e, algumas vezes, também chegava a ter febre, por isso seu pai evitava viajar e, sempre que podia, seu tio Enzo ia no lugar dele. A Maria Eduarda vai voltar e a Sophia vai ficar bem.

— Ela queria tanto ouvir nossa filha dizendo "mamãe". E agora que Sophia disse, ela não está aqui.

— Eu sei, Rapha — minha mãe respondeu chorando.

— Cuida dela pra mim, mãe — falei, dando um beijo na cabecinha da minha filha e entregando-a para a avó.

— Aonde você vai, Raphael? — minha mãe perguntou aflita.

— Eu vou buscar a minha mulher! — respondi.

Saí do quarto decidido. Eu não voltaria para casa sem a Maria Eduarda.

Capítulo 42

Maria Eduarda

— Enfim, sós. Eu esperei pacientemente por esse momento, Maria Eduarda Smith Esposito — David falou, olhando-me com os olhos brilhando.

Eu estava tão nervosa que meu estômago revirou. David tinha mandado seu capanga levar Nina para outro cômodo, pois se ocuparia comigo e não conseguiria vigiar Nina. Do jeito que ela era ardilosa, poderia aprontar alguma coisa enquanto ele estava distraído.

Mesmo apavorada, eu me lembrei das palavras de Nina e tentei não demonstrar minhas fraquezas.

— Você está cavando a própria cova, seu covarde de merda! Eu não gostaria de estar na sua pele quando meu marido pegar você. E eu não tenho nenhuma dúvida de que ele vai.

— Olha só, a tigresa finalmente colocou as garras para fora. Eu não tenho medo do seu maridinho e de nenhum homem da corja dos Esposito. Eu não tenho mais porra nenhuma a perder, eu já perdi tudo! — ele gritou e eu me assustei.

David perdeu a pose e demonstrou sua irritação. Ele abaixou a cabeça, como se lembrasse de algo ruim, e seu rosto transpareceu ódio e frieza.

— Eu sei que vou morrer, ou você acha que sou idiota? São quase nulas as chances de eu conseguir escapar vivo, mas se eu morrer depois de ter conseguido me vingar, morrerei feliz e irei direto para o inferno encontrar o seu papai e o meu! A sua família de merda tirou tudo o que eu tinha. Primeiro foi meu pai e minha irmã, agora meu tio e meu primo. Demétrio e Romeu têm mais consideração pela sua família do que por mim, parecem dois capachos.

— O Raphael jamais permitirá que você toque em mim, tenho certeza de que ele já deve estar bem próximo daqui.

— Infelizmente, terei que te decepcionar. Eu duvido que o Raphael chegue antes de eu deixar minha marca em você. Vai ser um prazer quebrar o coraçãozinho do seu maridinho — ele falou apertando meu rosto com uma das mãos. — Eu poderia matar você e a Nina, mas prefiro devolvê-las quebradas, com o corpo violado e a mente fodida, como aconteceu com a minha irmã. Talvez eu até devolva vocês com a minha semente, igualzinho seu papai fez. Hum... isso vai ser muito mais interessante.

Sua risada era sempre diabólica e cada palavra que saía de sua boca exalava o ódio que ele sentia do meu marido e de toda nossa família. Eu nunca tive um pai para me amar e cuidar de mim, no entanto iria pagar pelos erros de um homem que eu sequer conheci.

Meu pavor aumentou quando David se acariciou por cima da calça. Meu estômago embrulhou fortemente, me fazendo ter ânsias, e ele se deliciou ainda mais com minha reação.

— Sabe, Maria Eduarda, eu andei muito ocupado planejando essa vingança, então faz tempo que não tenho uma boceta quente só pra mim. Perdoe-me se, por acaso, eu for bruto demais — ele falou sorrindo de canto. — Você é realmente muito bonita e gostosa, entendendo a fascinação do Raphael.

— Não se aproxime de mim! — gritei.

Ele ignorou meu terror, se abaixou até a altura do meu rosto e alisou-o com o dedo.

— Tão linda e braba. Acho que, se eu tivesse no lugar do Raphael, eu também me apaixonaria. Te comer todos os dias não seria nenhum sacrifício.

Ele colocou as duas mãos nas minhas coxas e abriu minhas pernas. Eu não conseguia acreditar que aquilo estava acontecendo, parecia um pesadelo.

Eu não tinha como lutar com ele porque estava amarrada, então fiz a única coisa que podia para aliviar um pouco o meu desespero. Eu não facilitaria nada, por isso comecei a me debater e

a gritar com todas as forças que eu tinha. Foi quando eu ouvi um barulho alto e a porta foi aberta de repente.



Raphael

Encontrei Romeu no início da escada da casa dos meus pais quando eu descia para sair.

— Raphael, nós encontramos o lugar — meu cunhado falou eufórico. — Há muito tempo, prevendo alguma merda, meu pai colocou rastreadores em todos os carros do David. Ultimamente ele vinha usando um carro mais novo que ele comprou há pouco tempo, no entanto hoje, para nossa sorte, ele pegou um dos carros antigos, talvez por ser blindado. Enfim, ele está com um dos carros com rastreador e nós já o localizamos.

— Caralhoo! Então vamos.

Corri até o galpão com Romeu, e todos já estavam lá, separando as armas e colocando silenciadores.

— Aonde está o endereço? — falei me aproximando de Pietro.

Ele estava carregando sua arma e guardando mais munições, mas colocou a mão no bolso e me entregou um pedaço de papel.

— Eu vou na moto que é mais rápido — avisei.

— Nós estaremos logo atrás — ele me respondeu.

Eu quase não andava mais de moto. Quando eu era mais novo, essas máquinas me fascinavam e, embora meu pai não gostasse e dissesse que ficávamos muito expostos a um possível ataque, eu pilotava sempre que podia. No entanto, depois que descobri que ia ser pai, eu me tornei muito mais prudente e adotei de vez os carros. Mantivemos as motos apenas para o caso de uma emergência como a daquele dia, onde cada minuto era precioso.

Cheguei na garagem, tirei minha jaqueta de couro e vesti um dos coletes à prova de balas que ficavam guardados, estrategicamente, na garagem. Eu estava disposto a tudo para resgatar minha mulher e minha prima, mas ainda queria viver por elas também.

Vesti novamente minha jaqueta, peguei a chave de uma moto que eu gostava e um capacete qualquer. Antes de eu dar a partida, Inácio entrou na garagem indo em direção à sua moto também, então joguei um colete para ele e saímos praticamente juntos; meu pai e os outros também já estavam saindo com os carros do complexo.

Pilotamos alguns quilômetros até chegarmos próximo ao endereço. Paramos um pouco antes para não chamar a atenção, jogamos a moto no chão de qualquer maneira e, com a adrenalina a mil e sem nenhum plano, seguimos andando. Nos deparamos com uma casa velha sendo vigiada por, aproximadamente, oito homens e, antes que alguém sequer nos visse, eu puxei minha pistola com silenciador e atirei em cada um deles. Eu estava possuído pela fúria, mas isso não interferia na minha boa mira.

Nos aproximamos e mais alguns capangas surgiram no nosso caminho, mas Inácio cuidou desses, enquanto eu derrubei a porta de entrada com um pontapé, causando um estrondo. Entrei na casa de peito aberto, como se nada pudesse me atingir. A angústia que eu estava sentindo me consumia tanto quanto o ódio e a hostilidade; Inácio seguia ao meu lado, me dando cobertura.

Quando entramos no primeiro cômodo, percebemos que estávamos sendo encurralados por vários outros capangas que apareceram do lado de fora da casa, mas felizmente os carros chegaram e meu pai e os outros já desceram atirando. Começou uma guerra lá fora, o que deu a Inácio e eu a oportunidade de continuarmos procurando pela casa. Não tínhamos um plano, mas como estávamos acostumados ao caos, então eu sabia que eles dariam conta enquanto nós procurávamos as meninas.

Assim que entramos em um outro cômodo, um homem que estava lá se assustou e apontou a arma para nós.

— Quem são vocês?

— Eu sou o cara que vai te mandar direto para o inferno! Vocês mexeram com as mulheres erradas. Onde elas estão? — perguntei.

Não me intimidei com a arma dele apontada para nós, porque éramos dois apontando as armas para o homem também. Eu seria capaz de acabar com aquele bastardo em dois segundos, tamanha era a ira que fluía em mim. A princípio, eu só queria respostas, então andei para perto do capanga que, ainda com a arma em punho, deu dois passos para trás.

— Onde elas estão, porra? — gritei.

— Não se aproximem, eu vou atirar! — o homem nos ameaçou.

Em um movimento rápido, empurrei-o violentamente contra a parede e Inácio tomou a arma de sua mão. Levantei minha arma, engatilhei e apontei para a cabeça dele.

— Estou no meu limite, porra! Onde elas estão?! Fala, antes que eu estoure os seus miolos, seu filho da puta!

Antes que o cara abrisse a boca, ouvi gritos vindos de um cômodo mais afastado. Meu coração parecia que ia sair do peito de tanta adrenalina. *É a voz dela. Minha mulher está viva!* Isso era um alívio, mas em que condições ela estava me afligia.

A casa era enorme e tinha muitas portas, então não perdi mais tempo e, cego de ódio, empurrei o cara para o lado e corri na direção dos gritos a tempo de ouvir Inácio atirando no capanga e vindo atrás de mim.

Quando abri a porta do quarto, Maria Eduarda estava sendo encurralada num canto por David; ele estava agachado com as mãos em cima dela. Nunca senti uma ira tão grande em toda a minha vida. Eu não só ia matá-lo, mas primeiro ia torturá-lo até conseguir esquecer aquela cena e, depois, cortá-lo em pedaços.

Mal deu tempo de ele olhar para trás e me ver. Puxei David de cima da minha mulher, joguei-o no chão com violência, desarmando-o e apontando minha arma na cara dele, embora naquele momento eu não fosse usá-la. Um tiro seria fácil demais, e eu ainda queria que ele sofresse muito!

— A Nina não está aqui. Eu vou atrás dela, cuida da minha irmã, Raphael — Inácio falou e saiu correndo do quarto.

No primeiro soco, o sangue já espirrou do nariz de David, mas não parei. Embora eu tivesse muitos planos para ele, precisava aliviar um pouco da minha raiva. Bati nele até que ele perdeu os sentidos. David era um frouxo sem uma arma na mão, sequer tentou me impedir e, ainda que tentasse, nada me pararia, tamanho era o ódio que eu sentia. Quanto mais eu o socava e via sangue, mais eu queria bater.

Olhei para o canto do quarto e me dei conta de que Maria Eduarda ainda estava encolhida, amarrada e paralisada de medo. Seus olhos estavam vidrados em mim, e o rosto em choque. Minha mulher parecia totalmente desorientada, então corri até ela, limpei o sangue da minha mão na calça e comecei a desamarrá-la. Assim que a soltei, um soluço alto escapou de sua garganta. Puxei seu corpo em direção ao meu, abraçando-a, e ela chorou no meu peito.

— Eu tive tanto medo — ela falou, me apertando.

Eu a segurei mais forte nos meus braços, tentando lhe transmitir alguma segurança.

— Eu sei, amor, eu também, mas agora estou aqui. Me perdoa por não ter chegado antes — falei. — Eu vou cuidar de você, amor. Nós vamos para casa, você vai ver nossas meninas e nunca mais vai passar por isso, eu prometo. Fica aqui só um pouquinho, eu vou ver como estão as coisas lá fora.

— Não, não, não... Por favor, não me deixe aqui — ela falou desesperada, agarrando minha jaqueta.

Eu fechei os olhos, tentando não pensar em tudo o que ela tinha passado para estar assim tão traumatizada.

— Calma, fica calma! Eu nunca mais vou sair de perto de você.

Do lado de fora não se ouvia mais barulho de tiro — nossas armas estavam com silenciadores, a deles não.. Tirei minha jaqueta, depois o colete e coloquei nela. Quando estava vestindo a jaqueta novamente, abriram a porta do quarto e, automaticamente, coloquei Maria Eduarda atrás de mim e me virei com a arma em punho.

— Cadê a Nina? Cadê minha filha? — Tio Enzo perguntou nervoso, baixando a arma.

— Eu não sei, Inácio foi procurá-la.

— Podem sair, a situação está controlada aqui fora — meu tio falou, antes de sair correndo para procurar Nina.

Olhei para a Maria Eduarda e ela estava muito pálida.

— Ele machucou você, amor?

— Fisicamente, não, mas ele me disse tantas coisas ruins. Eu tive muito medo.

Abracei-a novamente e olhei o corpo de David desacordado no chão. Eu queria cortá-lo em pedaços, pois meu ódio por ele não tinha limite, mas primeiro eu precisava cuidar da minha mulher.

Segurei a mão da Maria Eduarda e seguimos para a porta. Quando chegamos no outro cômodo, nos deparamos com um verdadeiro cenário de guerra — vários corpos no chão e muito sangue espalhado por toda parte — e um cheiro forte. Senti Maria Eduarda tremer, então peguei-a no colo e sussurrei em seu ouvido:

— Feche os olhos e só abra quando eu mandar.

Ela se encolheu nos meus braços como um bebê e escondeu o rosto no meu peito. Eu nunca a vi tão vulnerável.. Aquela não era a maneira ideal de sair dali, afinal eu precisava das mãos para nos defender caso aparecesse alguém, mas eu não queria que ela visse aquilo e ficasse ainda mais traumatizada. A arma estava em minha mão, mas meus movimentos estavam limitados. Escutei um barulho e fiquei tenso, porém logo em seguida Lorenzo se aproximou e eu respirei aliviado.

— Ela está bem? — ele perguntou.

— Sim, só está assustada. Eu preciso que você me dê cobertura até o carro, mas alguém precisa pegar o David antes que ele acorde e fuja. Ele está naquele quarto.

Indiquei a localização para Lorenzo, ele correu até a porta e chamou um dos nossos soldados.

— Pegue o verme que está desacordado lá naquele quarto e leve-o para o nosso galpão. Chame mais homens para ir com você, não podemos correr o risco dele fugir.

— Sim, senhor.

O soldado saiu em direção ao quarto e eu fui para fora da casa com Maria Eduarda em meus braços. Passamos por um outro cômodo, onde encontrei meu pai perto de Dante, que tinha sido atingido e estava no chão desacordado. Ele era um dos soldados mais antigos e fiéis do meu pai.

— Ele está morto? — perguntei.

— Não, mas a situação é grave. Precisamos levá-lo logo daqui, chame alguns soldados.

Nos dirigimos rapidamente à saída, e, assim que chegamos do lado de fora, Lorenzo chamou os soldados para começarem a limpar a bagunça. Vi que Nina estava mais à frente com tio Enzo e Inácio e respirei mais aliviado por ver que todos estavam bem.

— Pode abrir os olhos — sussurrei para Maria Eduarda.

Então, ela me olhou com aqueles lindos olhos verdes que eu tanto amava, eu a coloquei no chão e a abracei sentindo que meu corpo todo, enfim, começava a relaxar depois de tanto estresse. *Finalmente eu a tenho em meus braços outra vez.* Segurei o rosto dela e a beijei.

— Você está bem?

— Ele não chegou a me tocar, estou bem. Eu só quero ir pra casa ver as minhas filhas.

Inácio se aproximou de nós e puxou Maria Eduarda para os seus braços.

— Como você está? Eu quase morri quando soube que tinham levado vocês.

— Eu estou bem, só um pouco assustada.

— Eu sei, mas já passou, vocês estão seguras agora.

Nina veio andando para o nosso lado e abraçou Maria Eduarda.

— Eu senti tanto medo quando me tiraram do quarto. Eu gritei e me esperneeiei tanto que o imbecil me amordaçou, mas eu não facilitei nada e dei umas belas mordidas nele enquanto tentava me amordaçar.

— Eu ouvi você gritando, e também tive muito medo —
Eduarda respondeu.

— O importante é que agora as duas estão bem — tio Enzo
falou.

— Cadê o meu irmão? — perguntei. Eu tinha visto meu pai lá
dentro, mas não vi Pietro.

— Está lá dentro organizando a bagunça e vendo as baixas
que tivemos. Foram poucas, mas tivemos algumas, inclusive o
Dante foi ferido — tio Enzo respondeu e em seguida olhou para a
Nina — Vamos embora, filha, sua mãe está enlouquecendo de
preocupação.

— Tem certeza de que a situação está controlada, tio? Meu
pai e Pietro não vão precisar de ajuda? — perguntei ao meu tio
antes de entrar no carro, pois eu fui direto atrás de Maria Eduarda e
não vi nada do que aconteceu.

— Está tudo sob controle, Lorenzo e Romeu também vão
ficar para ajudar com a bagunça.

Eu assenti e nós entramos no carro.



Maria Eduarda

Durante todo o caminho de volta para casa, fui agarrada em Raphael tanto quanto eu podia. Eu não confiava em mais ninguém para me proteger tanto quanto eu confiava nele. Eu senti muito medo, mas no meu íntimo, sempre soube que ele ia me salvar.

Eu ainda me sentia entorpecida com tudo, meu corpo tremia e meus músculos estavam tensos, então eu só queria chegar em casa, ver minhas filhas e saber que estávamos seguras.

Quando entramos no complexo, Lili e vó Pérola estavam em pé na entrada da casa dos meus sogros. Quando o carro parou, nós descemos e foi uma choradeira. Minha avó me abraçou forte e Lili agarrou Nina; as duas choravam. Enzo foi até elas e as abraçou, foi uma cena bonita.

— Preciso ver minhas filhas — falei olhando para o Raphael, assim que minha avó encerrou o abraço.

— Elas estão com a Melissa, vamos entrar — vó Pérola respondeu.

Entramos na casa da minha sogra e fomos direto para o quarto onde as gêmeas estavam. Assim que eu as vi na cama com minha sogra, sentadas com alguns brinquedos em volta, desabei de chorar, e elas ficaram eufóricas.

— A mamãe voltou! — falei e corri para abraçá-las.

As duas vieram para cima de mim quando sentei na cama, e eu as segurei no colo como pude. Raphael e Melissa nos olhavam.

— A mamãe nunca mais vai sair de perto de vocês — prometi, enchendo minhas filhas de beijos.

Então, para minha surpresa e emoção, Sophia me olhou sorrindo e disse o que eu tanto quis ouvir nos últimos dias:

— Mamã.

Eu olhei para ela sem acreditar e chorei mais ainda, completamente emocionada.

— Raphael, você ouviu? Ela falou mamãe.

— Ouvi, amor.

Eu sorri toda boba, abracei mais minhas filhas e as enchi de beijos. *Meu coração está leve outra vez.*



Raphael

Depois do que me pareceu um tempo longo demais, eu me senti totalmente lúcido. Deixei Maria Eduarda dormindo na nossa cama, agarrada às gêmeas, coloquei um bilhete na mesinha de cabeceira para o caso de ela acordar e ver que eu não estava, e avisei aos soldados para me ligarem caso ela procurasse por mim. Eu não queria sair e deixá-la sozinha, mas eu não conseguiria ficar parado em casa, precisava acertar minhas contas com o David.

Maria Eduarda me contou tudo o que aconteceu e isso só aumentou minha sede de vingança. Ele estava preso em um de nossos galpões, já tinha recebido a visita dos outros integrantes da família e, finalmente, era minha vez. Olhei no meu relógio e eram 2h30 da manhã, eu não dormia há muito tempo, no entanto a adrenalina que eu sentia me deixava cheio de energia.

Não tinha mais ninguém da minha família no galpão quando eu cheguei, só os soldados. Aproximei-me de David e vi que ele já estava bastante machucado. Ao ouvir meus passos, ele levantou a cabeça e me fitou, sem qualquer expressão no olhar.

— Eu disse que ia pegar você, David — falei, puxando uma cadeira que estava próxima, e me sentei de frente para ele. — Eu te avisei para não se meter com a minha família, mas você não me ouviu, agora vai se arrepender. Você vai pagar pela ousadia de ter sequestrado minha mulher e minha prima, e pelo inferno que causou na minha vida nas últimas horas.

— Me mata logo, seu filho da puta.

— Não, matar não. Acho que, para começar... você merece uns ossos quebrados.

Levantei-me, peguei a barra de ferro que solicitei aos soldados e olhei ansioso para David amarrado ali na minha frente. Ele ia pagar por tudo o que fez e também pelo que pensou em fazer com Maria Eduarda.



Depois de algumas horas me divertindo com David, fui para casa. Ele continuou vivo, porque tive o cuidado de não agredi-lo a ponto de matá-lo. Eu não estava satisfeito, pois ainda queria um tempo com ele e tinha certeza de que Inácio e tio Enzo também.

Cheguei em casa com o dia já clareando. Maria Eduarda e nossas filhas dormiam tranquilamente em nossa cama. Eu as observei por alguns segundos e suspirei aliviado por tê-las ali sob minha proteção outra vez.

Fui para o banheiro da nossa suíte, tomei banho, vesti um *short* e deitei na beirada da cama, no pequeno espaço que estava sobrando.

Raphaela se mexeu e virou para o meu lado, e eu fiquei imóvel para não acordá-la, mas aqueles lindos olhinhos foram abrindo lentamente e me fitaram. Ela suspirou e colocou a mãozinha no meu peito, buscando algum contato comigo — minha filha gostava de dormir assim. Eu a puxei mais para perto e dei um beijo em sua cabecinha.

— Dorme, bebê, o papai está aqui — sussurrei.

— Papa — ela disse muito sonolenta e com a voz rouca pelo sono.

Eu ri, abracei ainda mais o seu corpinho e dei mais um beijinho em sua cabecinha cheirosa.

— Isso, papai tá aqui e sempre vai te proteger. Agora dorme, minha princesa.

Ela fechou os olhinhos e dormiu outra vez. Pela primeira vez, depois de tudo o que aconteceu, eu fechei os olhos, relaxei e dormi também.

Capítulo 43

Raphael

Algum tempo depois

Sophia caminhou meio cambaleante até os braços da Maria Eduarda, e eu filmei tudo embasbacado. *Putá merda, que emoção do cassete!* Minha filha estava dando seus primeiros passinhos e eu, morrendo de amor.

Raphaella foi a primeira a falar, mas Sophia andou primeiro. Eu era um pai muito bobo, completamente apaixonado pelas minhas crias.

Além de "papa", Raphaella também já falava "mamã" e, para alegria do meu pai, aprendeu "bobô". Ela também adorava o Noah e o chamava de "Oa".

Sophia por enquanto só falava "papa" e "mamã", mas começou a dar seus primeiros passos.

— Vem, filha, vem para a mamãe — Maria Eduarda incentivou-a.

Devagarinho e meio desengonçada, ela foi andando até a mãe e eu filmei tudo, mesmo apreensivo com medo de ela cair. Quando ela finalmente chegou aos braços da Eduarda, nós fizemos festa e ela sorriu muito satisfeita com seu feito. Larguei a câmera e peguei-a no colo, joguei-a para o alto comemorando, e ela gargalhou, aquecendo meu coração bobo de pai.

Existiam dois Raphael: dentro de casa, não havia um marido e pai mais derretido e apaixonado do que eu, participava de tudo, banho, papinha e colocava para dormir. *Elas são tudo para mim, meu mundo inteiro.* Lá fora, eu era outra pessoa, não que eu me divertisse com a violência e a morte, mas quando se nascia dentro

de uma organização criminosa, não existia uma escolha, era matar ou morrer.

Eu não tinha prazer em tirar vidas, mas admitia que tinha um instinto ruim dentro de mim. Se alguém ameaçasse quem eu amava, eu matava sem hesitar. Nossa família controlava a maior organização criminosa do mundo e isso exigia frieza e crueldade de nós, éramos homens da máfia e tínhamos nossas obrigações, nunca abaixávamos a guarda e, para proteger nossas mulheres e filhos, éramos capazes de qualquer coisa.

A Cosa Nostra sempre teve honra, na medida do possível. Éramos impiedosos com nossos inimigos e exigentes com nossos parceiros, mas, acima de tudo, éramos justos. Meu pai sempre comandou tudo com honra e justiça, e Pietro seguiu os mesmos passos.

Saí de meus pensamentos ao ouvir a voz de Maria Eduarda. Ela estava com Raphaela no colo e Sophia continuava no chão.

— Raphael, você precisa me ajudar a arrumá-las ou vamos nos atrasar para o casamento.

Duda já não estava mais serena como minutos atrás, o modo furacão tinha sido ativado e ela ia me enlouquecer.

— Maria Eduarda, o casamento é mais tarde, você só precisa ir para a casa da tia Lili se juntar às outras mulheres para se arrumar. Deixa que eu me viro com as gêmeas. Inácio já está vindo para cá, se acalma.

— Eu estou calma, Raphael Esposito, mas se você continuar mandando eu me acalmar, aí eu vou ficar nervosa. Não me atenta! Eu vou logo para a casa da sua tia antes que você me irrite. Só precisa dar banho nas meninas, eu volto para arrumá-las.

Não falei mais nada, porque quando ela falava "Raphael Esposito" era melhor eu não provocar. Ela me deu um selinho, beijou nossas filhas e saiu de casa.

Sentei Raphaela junto com Sophia no chão e Tobias logo se juntou a elas para brincar. Espalhei alguns brinquedos ao redor delas e me sentei em paz na minha poltrona. Instantes depois de eu pegar o jornal para dar uma olhada no caderno de negócios e de

esportes, a campainha tocou. Olhei o que as meninas estavam fazendo e fui rápido abrir a porta.

Voltei apressado porque eu as tinha deixado sozinhas, e Inácio veio atrás de mim.

— Oi, bonecas, chegou o homem que vocês mais amam na vida — ele falou se aproximando das meninas e sentando no chão com elas.

— Vai sonhando. Você é só um coadjuvante, o papel principal é meu.

— O pai de vocês morre de ciúmes do titio, ele sabe que vocês me amam.

As meninas se derreteram em sorrisos para ele, e eu fiquei enciumado pra caralho. *Pequenas traidoras!*

— Cadê minha irmã?

— Está se arrumando junto com sua noiva, na casa dela.

— Porra, a Nina deve estar um sonho. Cara, eu estou muito ansioso.

— Eu também fiquei quando me casei, mesmo já morando com a Duda. É uma emoção diferente.

Passamos a tarde juntos e, um pouco antes da hora do casamento, Maria Eduarda chegou, maquiada e com o cabelo arrumado. *Linda!*

Eu já tinha dado banho nas meninas, então ela as levou para colocar a roupa e se vestir também. Eu aproveitei para tomar banho, vesti minha roupa e desci; Inácio já estava pronto.

— Como estou? — meu cunhado perguntou.

— Normal.

— Porra, Raphael! Normal porra nenhuma, estou bonito pra caralho.

— O seu ego não precisa de elogios, Inácio, você já se acha o suficiente.

— Isso tudo é para não admitir que estou lindo?

— Está pintoso, 10% da beleza foi para você, os outros 90% foram para a Maria Eduarda.

Antes que ele falasse qualquer coisa, fomos interrompidos por minha mulher

— Raphael, eu preciso de você! — ela gritou do quarto.

Eu teria me assustado se já não conhecesse a peça. Como já sabia do que se tratava, fui calmamente ao encontro dela, entrei no quarto e ela estava já com seu vestido no corpo, porém com o zíper aberto. As meninas estavam sentada na cama já vestidas também.

— Do que você precisa, Eduarda?

— As suas filhas estão me enlouquecendo!

— Minhas filhas, hein?! Agora são só minhas... O que elas estão fazendo?

— Eu já coloquei o sapato na Sophia mil vezes e, quando eu me viro para ajeitar o cabelo da Raphaela, ela arranca um pé e joga longe. Parece que quer ir descalça ao casamento do tio.

— Simples, deixa a menina ir descalça, ela não vai ficar no chão de qualquer maneira.

— Claro que não, Raphael. Eu vou levar minha filha descalça, toda arrumada, igual a uma princesa, nesse vestido maravilhoso que sua mãe deu?

— Qual o problema? Ela quer ficar confortável.

— Uma mulher tem que aprender desde cedo a usar sapatos, de preferência com saltos!

— Ela é um bebê, Maria Eduarda, falta muito ainda para ser uma mulher, graças a Deus. Deixa ela ir sem nada no pé.

— Não me enche, Raphael. Coloque logo o sapato nela e a distraia enquanto eu termino de prender o cabelo da Raphaela.

Fiz o que ela pediu, e dei meu celular na mão da Sophia. Na mesma hora, o sapato perdeu a graça e ela começou a brincar com o aparelho.

Maria Eduarda terminou de prender o cabelinho da Raphaela e foi ao banheiro, enquanto eu fiquei com elas na cama, mas logo o furacão saiu do banheiro reclamando.

— Você não está vendo isso não, Raphael?

— Vendo o quê?

— Sophia arrancou o laço do cabelo da Raphaela que eu custei a colocar.

— Deve ser protesto. Elas são quase carecas e você puxa os poucos fiapinhos que têm para prender, isso deve doer. Elas ficaram revoltadas — falei rindo e Maria Eduarda acabou rindo também.

— Idiota! Elas têm pouco cabelinho, mas já dá para prender.

— Deixa elas à vontade, Eduarda. Elas não precisam disso, já nasceram perfeitas. Elas são apenas bebês, não têm obrigação de nada.

— Sempre podem ficar melhor. Leva a Sophia lá pra baixo, eu vou terminar aqui com a Raphaela e já desço. Mas antes de ir, fecha o meu vestido, por favor — ela falou e virou de costas.

Eu subi o zíper, dei um beijo em seu ombro e um tapa naquela bunda gostosa, depois peguei Sophia e descí com ela. Inácio estava andando de um lado para o outro na sala.

Sentei na poltrona com Sophia e ela logo quis ir para o chão, deixei ela descer e olhei para Inácio, incomodado.

— Dá pra você parar de andar e se sentar. Essa sua inquietação está me irritando?

— Deixa de ser chato, Raphael. Eu estou nervoso, caralho!

— Nervoso com o quê? A Nina não vai fugir, cara, ela tem mal gosto, é louca por você.

— Eu nem sei com o quê estou nervoso, acho que estou ansioso.

— Também não tem motivos para estar, já que comeu o bolo antes de cantar parabéns, seu filho da puta!

— Você também comeu, não sei porque está me julgando!

— Nossa, vocês estão regredindo, achei que essas discussões já tinham acabado há tempos. Vocês homens são tão infantis — Maria Eduarda falou, chegando na sala com Raphaela no colo. Finalmente as duas estavam prontas.

— Podemos ir logo? — Inácio perguntou.

— Eu não acredito, Raphael! — Maria Eduarda falou brava olhando para o chão ao meu lado.

Olhei naquela direção e Sophia estava sentada no chão, sem sapatos e sem laço na cabeça.

— Você deixou ela tirar! — ela me acusou.

— Eu não deixei nada, ela é malcriada e tirou por conta própria. Deixa ela ir assim, tadinha, ela não quer usar.

Maria Eduarda se aproximou bufando, me entregou a Raphaela e pegou Sophia para colocar novamente o sapato e o laço. Ela era mais teimosa do que nossas filhas.



Maria Eduarda

O casamento seria no complexo. Tínhamos muito espaço e as cerimonialistas contratadas, assim como no meu casamento, fizeram mágica. *Está tudo muito lindo.*

Quando chegamos no local da cerimônia, todos já estavam lá. Os convidados já tinham sido direcionados para os seus lugares e nossa família estava reunida em uma área reservada. Logo vi minha avó conversando com minha sogra, Elisabete, Mia e Patrícia, enquanto os homens estavam em um outro canto; Raphael e Inácio foram até eles.

A cerimônia ia começar e fomos todos posicionados na entrada, enquanto as crianças ficaram com as babás contratadas e com os soldados fazendo a segurança. Inácio entrou com a minha avó, em seguida toda a família foi para o altar.

Meu irmão estava aflito demais, aguardando a noiva. De repente, a marcha nupcial começou a tocar e eu me arrepiei toda. Nina entrou, deslumbrante em seu vestido de noiva, de braços dados com os pais, um de cada lado. Normalmente as noivas entram só com o pai, mas Nina nunca se importou com tradições e eu achei incrível que ela tenha escolhido entrar com os dois. Minha cunhada tinha sorte de ter os pais ao seu lado em um momento tão importante como esse, fiquei emocionada.

Quando chegaram ao altar, Lili e Enzo abraçaram Nina e a entregaram para o meu irmão. A cerimônia foi muito emocionante, Enzo fez um discurso falando de seu amor por sua esposa e filhos, arrancando lágrimas de todas nós, foi muito lindo.

Depois da cerimônia, nos dirigimos ao salão para cumprimentar os noivos. Logo teve a primeira dança do casal, depois a pista de dança foi liberada. A festa estava muito animada e eu estava muito feliz, na verdade todos nós estávamos.



Depois de dançar até a exaustão com Mia e Amanda, me sentei um pouco em uma mesa com algumas mulheres da família. Tirei os sapatos e foi um alívio, imediatamente lembrei de Sophia que nunca queria usar sapatos e ri sozinha.

Instintivamente, procurei Raphael e as gêmeas com os olhos e os encontrei em um canto mais reservado, onde tinham alguns sofás e poltronas mais confortáveis. Já era tarde, Sophia dormia no colo de Raphael, e ele a segurava com muito zelo enquanto estava distraído conversando com os outros homens. Raphael era um pai incrível e nossas filhas tinham muita sorte.

Raphaella dormia no colo do Matheo, que também a segurava com o mesmo cuidado que Raphael. Quem olhava aqueles homens ali, em uma conversa calorosa, segurando nossas crianças, não diriam que eles faziam parte da maior organização criminosa do mundo. Antes, era só nisso que eu conseguia pensar quando olhava para qualquer um deles, no entanto eu já os via de maneira totalmente diferente.

Entre todos, meu sogro foi o mais difícil de desvendar. Eu me lembrava que tinha muito medo dele assim que cheguei, achava que ele não gostava de mim. Raphael sempre dizia que não era nada pessoal e realmente não era. Matheo era cauteloso e como um falcão, nada era imperceptível para ele, que ainda se sentia responsável por todos da família. Minhas filhas amavam demais o vovô delas, e ele se derretia por elas também.

Matheo, assim como Pietro, era mais fechado e reservado, não tinha o bom humor e a leveza do Enzo ou do Raphael, do Lorenzo e do Romeu, no entanto eu sabia que ele tinha uma capacidade enorme de amar, eu via isso em seus olhos cada vez que ele olhava para as minhas filhas.

Ele podia até mandar na Itália inteira, mas quem mandava nele era a minha sogra. Melissa o tinha nas mãos, era a única que questionava as ordens dele e, quando necessário, o fazia mudar de ideia. *Eu espero que meu casamento com Raphael seja exatamente como o deles.*

Olhei para o Raphael novamente e meu coração se encheu de amor... Quando ele chegou à boate na noite em que nos conhecemos, pensei que nunca tinha visto um cara tão bonito em toda minha vida. Além de lindo, Raphael cheirava a poder e dinheiro e sua presença era muito forte. Talvez meu coração soubesse, antes mesmo que minha razão, que aquele seria o homem da minha vida.

Como se sentisse meu olhar, ele me olhou e sorriu. Eu retribuí para o meu homem, fechei meus olhos e fiz um agradecimento silencioso a Deus pela família perfeita que Ele me deu.



No dia seguinte, acordei mais animada do que o normal. Raphael ainda estava dormindo, mas quando me mexi, ele acordou.

— Bom dia, meu amor — falei me sentindo mais apaixonada do que nunca.

— Bom dia, minha princesa. Acordou feliz? — ele perguntou e me puxou mais para perto, me abraçando.

— Acordei mais apaixonada. Casamentos deixam as mulheres mais românticas.

— Ah é? Então acho que devo aproveitar esse momento de romantismo...

Raphael me colou mais nele e já pude sentir sua ereção feroz. Ele pegou minha mão e levou ao seu pau.

— Eu também acordei romântico, veja.

— Acordou safado, isso sim — falei rindo e massageando seu pau.

Ele deu um pequeno gemido e fechou os olhos, suas mãos já passeando pelo meu corpo. Ele segurou minha bunda, me puxou mais para ele, levantou minha coxa, colocou-a em cima da sua e começamos a devorar a boca um do outro, nos tornando uma bagunça de mãos, dentes e língua, grudados um no outro. Ele me virou, deitou por cima de mim na cama e disse no meu ouvido: —

Maria Eduarda, porra... Você me deixa maluco... Abre as pernas para mim, amor.

Eu me abri para ele e meu marido se acomodou no meio das minhas pernas. Ele afastou minha calcinha para o lado e esfregou seu membro na minha lubrificação, a sensação foi deliciosa. Sem aviso, ele entrou em mim de uma vez só — não tínhamos muito tempo antes que as meninas acordassem.

Em um ritmo delicioso, Raphael iniciou os movimentos de vai e vem, nós dois gemendo baixinho, e eu me sentindo no paraíso. Ele escorregava para dentro de mim com facilidade, então eu preendi minhas pernas em volta de sua cintura e puxei-o mais para mim, fazendo ele ir mais fundo.

— Porra, Eduarda, assim eu não vou aguentar!

— Me faz gozar, Raphael!

Quando eu fiz o pedido, ele perdeu a cabeça e aumentou o ritmo dos movimentos, entrando forte e fundo em mim. Meu marido abriu mais minhas pernas e me penetrou com mais avidez. Sem conseguir mais me controlar, senti um orgasmo feroz crescendo em mim e, em seguida, Raphael intensificou mais os movimentos e gozou junto comigo.

Foi delicioso. Nós ainda não tínhamos recuperado o fôlego, quando ouvimos um resmungo vindo da babá eletrônica, nossas filhas tinham acordado.



Começamos o dia da melhor maneira possível. Depois de cuidarmos das meninas e tomarmos banho, fomos tomar café da manhã na casa dos meus sogros. Combinamos, no casamento, de comermos todos juntos, aproveitando que nossos avós estavam aqui.

A família estava toda reunida ao redor da mesa quando chegamos, exceto Nina e Inácio que já tinham viajado em lua de mel.

— Bom dia, meus amores! — minha sogra nos cumprimentou, amorosa como sempre. — Sentem-se.

Nós cumprimentamos a todos e Raphael deu um beijo na testa da mãe, enquanto ela pegava Sophia do colo dele.

— Família, eu tenho um comunicado a fazer — ele falou alto, chamando a atenção de todos. — Essa mocinha aqui deu seus primeiros passinhos ontem — falou apontando para Sophia. — Minha filha começou a andar!

A sala explodiu de felicidade. Melissa encheu nossa filha de beijos e Raphaela começou a bater palma no meu colo.

Depois do café da manhã, fomos para a área externa da casa onde, além do jardim, tinha uma área de lazer que meu sogro mandou fazer para as crianças. Ficamos lá conversando até que Lorenzo deu uma ideia.

— Por que não caímos na piscina? O sol hoje está quente.

— Até nos trocarmos e arrumarmos as crianças, o sol já terá ido embora — Raphael respondeu.

— Deixem-nas aqui com a gente, o sol está quente demais para elas — minha sogra sugeriu.

Me deu vontade de aceitar, pois fazia tempo que não tínhamos um momento de lazer só nosso e eu amava a água, mas eu nunca tinha usado a piscina dali.

— Vamos, Rapha. Eu quero ir — falei, sorrindo e animada.

— Então vamos.

— Vamos também, Pietro — Amanda chamou e meu irmão se levantou junto com ela.

Romeu e Mia também já estavam de pé. Então, deixamos as crianças com os avós e fomos para casa trocar de roupa.



Raphael

Vesti um short, peguei meus óculos escuros e já estava pronto. Eduarda demorou, como sempre, então eu fiquei esperando na parte externa da nossa casa. Quando ela chegou, eu quase tive uma parada cardíaca.

— Você vai assim?

— Claro que não, vou colocar um short e uma camiseta até chegar na piscina.

— Maria Eduarda, esse biquíni não cobre nada. Quer me matar?

— Claro que cobre, o principal está escondido. Para de drama, Raphael, você vai sobreviver.

— Está mostrando demais, Maria Eduarda.

— Raphael, estamos em casa, deixa de ser ciumento.

— Porra, está cheio de homens espalhados pelo complexo.

— Por isso eu só vou ficar de biquíni quando chegarmos na piscina, lá estaremos só nós.

— Lorenzo, Romeu e Pietro também são homens, caso você não lembre.

— São da família e, com exceção do Lorenzo, todos são casados e sua irmã e a Amanda são lindas e têm um corpão.

— Tudo bem, Maria Eduarda, usa a porra do biquíni.

— É claro que vou usar.

Ela colocou um short e uma camiseta, e nós saímos de casa. quando chegamos na piscina os outros já estavam lá. Caímos na água e ficamos um bom tempo lá, depois as meninas foram tomar sol e eu e os caras continuamos na água conversando.

Por um momento, me distraí do assunto olhando Maria Eduarda deitada no sol. Minha mulher era a deusa da beleza, cada dia ficava mais linda.

— Com todo respeito, a Duda é realmente muito bonita — Lorenzo falou quando me viu hipnotizado por ela.

— Eu sabia que não era para ela ter colocado a porra desse biquíni — respondi incomodado com o elogio.

— Relaxa, cara, não olho com maldade, só admiração. A Amanda também é muito bonita — ele respondeu rindo.

— Lorenzo, para o seu bem é melhor não falar da Amanda — Pietro se manifestou.

— Caralho, vocês são muito ciumentos — ele falou rindo mais ainda.

Eu e meu irmão não estávamos achando a menor graça.

— Engraçado, não ouvi sua admiração pela Mia, que é sua prima. Você só admira as mulheres que não têm seu sangue? — Pietro falou sério.

— Eu admiro sim, são todas lindas. Mia e Nina também são espetaculares.

Romeu só o fitou com um olhar mortal, nem chegou a se manifestar.

— Puta merda, desisto! Vou dar um mergulho antes que vocês me deem um tiro. Bando de inseguros — ele falou e saiu de perto, indo nadar.

— Você merece, Raphael. Pensa que eu esqueci que você ficava secando a Amanda quando nos casamos?

— Era brincadeira, Pietro — falei rindo.

— O Lorenzo também está brincando — meu irmão jogou na minha cara e eu acabei rindo.

— Mas deixa, a hora dele está chegando. Deixa ele aproveitar os últimos momentos da vida de solteiro, seus dias estão contados... — Pietro falou e eu ri.

Lorenzo amarrado? Essa eu quero ver!

Epílogo

Maria Eduarda

Três anos depois

Eu estava mais empolgada do que me lembrava de ter estado um dia na vida, pois nós estávamos indo viajar em família para comemorar as bodas de casamento dos meus sogros. E quando eu falo família, me refiro a toda ela: meus sogros, os avós do meu marido, minha avó, meu irmão, Nina e Vincenzo, meu sobrinho lindo que estava prestes a completar 1 ano... enfim, todo mundo. Estávamos indo para uma ilha da família que, até pouco tempo, eu nem sabia que existia.

Raphaela e Sophia também estavam muito empolgadas, pois quando passamos pela porta da nossa casa, elas me largaram para trás e foram na frente em direção ao pai, que estava guardando as malas no carro.

Fomos para o aeroporto, nos acomodamos no jato e seguimos para o nosso destino. Para onde íamos era verão, muito diferente do gelo que fazia na Itália em dezembro.

Muitas horas depois, pousamos e entramos em um carro que nos levou ao porto, de onde embarcamos em um iate enorme e muito luxuoso, nomeado com letras grandes e majestosas: *Melissa*.

— O iate tem o nome da sua mãe. Que lindo! — comentei com Raphael enquanto ele me ajudava a entrar na embarcação. Raphaela e Sophia já tinham entrado com Matheo e Bernardo.

— Sim, foi um presente do meu pai para ela quando eles completaram dez anos de casados. A ilha também foi um presente pra ela.

— Puta merda! — falei espantada. — Seu pai sabe como agradar uma mulher.

Raphael riu da minha reação e eu ri também.

— E como a ilha se chama? Ilha da Mel?!

— Exatamente isso — Raphael respondeu rindo.

Eu fiquei ainda mais encantada ao constatar que, por trás da fachada de durão, meu sogro era um cavalheiro.

Duas horas depois, chegamos à ilha que era de perder o fôlego, sensacional. Linda, paradisíaca e deserta, com uma mansão toda de vidros escuros, que não dava para ver nada lá dentro, mas a vista de dentro para fora era surreal.

Eu olhava para tudo encantada, pois nunca tinha visto um lugar tão bonito e... quente. Nós tínhamos trocado nossas roupas de frio por roupas mais leves no jato, antes de desembarcar, mas ainda assim estava fazendo muito calor. Com a ajuda de alguns soldados que já estavam na Ilha quando chegamos, levamos nossas malas para dentro da mansão.

Raphaela e Sophia entraram com os avós, e Raphael me deu a mão nos levando para dentro. Perdi o fôlego com a beleza da sala de estar. Ela era enorme, com móveis claros e muitos sofás que acomodariam todos nós confortavelmente. Do lado de fora, eu já tinha visto que a casa tinha quatro andares.

— Gostou? — Raphael perguntou.

Eu estava empacada no meio do caminho olhando tudo admirada.

— É muito linda. Eu amei.

— Vamos conhecer nosso quarto, então.

Ele me puxou pela mão e nós subimos as escadas. Meu marido abriu uma das portas no terceiro andar e era tudo muito lindo, mas o que me chamou a atenção mesmo foram as janelas com vista para o mar. Fiquei maravilhada com aquela paisagem, porque era muita perfeição de Deus. Eu sempre amei o mar, mas fui muito pouco à praia. *Serão dias muito alegres.*

Nós ainda estávamos na sacada, admirando tudo, quando bateram à porta. Raphael foi atender e eu vi que era um soldado com nossas malas.

— Pode deixar tudo naquele canto — meu marido falou.

O soldado obedeceu e, rapidamente, saiu do quarto.

— E as malas das meninas? — perguntei.

— Meu pai mandou construir um quarto só para os netos no primeiro andar. Elas ficarão lá sob a supervisão das babás, claro.

— Talvez fosse melhor elas ficarem com a gente — falei preocupada.

Desde o meu sequestro, eu me tornei ainda mais cautelosa, não apenas comigo, mas principalmente com minhas filhas.

— Elas vão ficar bem. Essa ilha é muito bem protegida, meu amor, ninguém sabe da existência dela. O único jeito de chegar aqui é pelo mar e nenhum barco consegue se aproximar sem ser detectado, por conta dos radares e alarmes por toda parte. Além disso, tem muitos soldados espalhados pela região, desde o porto até aqui. Meu pai transformou isso aqui em uma fortaleza, foi tudo programado para ser nosso lugar de segurança e paz, pode ficar tranquila.

— Se você que é o mais neurótico está dizendo, eu confio — falei e ele sorriu pra mim. — Peça à babá para dar um banho nelas e colocar uma roupa mais fresca, enquanto isso eu arrumo nossas coisas no *closet*.

Raphael assentiu, deu um beijo no meu pescoço e desceu. A noite já tinha chegado e, da varanda do nosso quarto, vi o quanto o céu estava lindo e cheio de estrelas.

Meia hora depois, eu já tinha organizado todas as nossas coisas no *closet* e no banheiro, só faltava tomar banho, quando Raphael apareceu no quarto correndo e rindo com nossas filhas já de banho tomado.

Raphaela e Sophia pulavam na nossa cama sob o olhar descontraído de Raphael, que parecia outra criança. Ele fazia cócegas nelas, e os três bagunçaram toda a cama. Deixei-os na bagunça e fui para o banheiro da suíte. Tomei um longo banho, coloquei um vestido leve e fresquinho, calcei sandálias baixas e saí do banheiro; só o Raphael estava na cama.

— Cadê as meninas? — perguntei.

— Minha mãe passou por aqui e as levou. Ela já vai mandar servir o jantar. Vamos.

Rapha pulou da cama, me abraçou, beijou meu pescoço e apertou minha bunda. Nós descemos abraçados e todos já estavam no primeiro andar, em um clima tranquilo. Ali éramos apenas uma

família. Uma grande família cheia de avós, filhos e netos, uma família que acima de tudo se amava. Meu coração ficou aquecido ao olhar para aquelas pessoas, elas eram minha família, eu nunca mais estaria sozinha.

O jantar de comemoração das bodas seria nesse mesmo dia, mas ainda ficaríamos uma semana na ilha comemorando.

— Que bom que desceram, estávamos só esperando vocês, vamos jantar — Melissa falou, tirando-me dos meus pensamentos.

Elisabete, Patrícia e minha avó vieram da cozinha trazendo as travessas cheias de comidas deliciosas, o cheiro estava divino. Foi um jantar tipicamente Italiano. Todos sentamos à mesa, comendo, rindo e falando ao mesmo tempo. Até meu sogro, que costumava ser mais contido, estava mais falante.

Em determinado momento, Matheo se levantou e fez um brinde à minha sogra:

— Um brinde à mulher mais perfeita do mundo, a mulher que me ensinou a viver e que, mesmo eu não sendo merecedor, me amou, me deu filhos, que me deram netos e me tornaram, quando possível, uma pessoa melhor. Ela é a razão de tudo! Melissa Esposito, eu amo você para sempre.

Foi lindo, principalmente vindo de um homem como Matheo. Minha sogra se emocionou e, levantando-se, se jogou nos braços dele e o beijou. Nesse momento, nenhum dos dois se importou por não estarem sozinhos.

— Hoje teeem! — Enzo gritou e todos nós rimos, até Matheo.

Estávamos todos muito felizes, não só por estarmos reunidos, mas pelo mais importante: sem faltar ninguém. Nossa família já tinha sobrevivido a muitas coisas e eu só podia agradecer a Deus por estarmos todos juntos em um momento de paz.



Acordei no dia seguinte sozinha na cama, a casa parecia estranhamente silenciosa. Acabei bebendo muito vinho na noite anterior e, depois do jantar, apaguei.

Levantei, tomei banho para espantar a ressaca, vesti biquíni e vestido e descii. Encontrei todos sentados à mesa para o café da manhã. As meninas estavam sentadas no chão junto com as outras crianças, ainda de pijamas, super comportadas. Se estivessem sozinhas comigo, já estariam colocando fogo em tudo, mas com Raphael e nossa família, elas agiam como duas princesinhas. Eles não me viram chegar, então fiquei quietinha observando a cena.

— Sophia, o que você vai querer comer, filha? — Raphael perguntou com um prato na mão.

— Quero chocolate, papai.

— Chocolate não é para comer no café da manhã.

— Então, pra que perguntou?

— Malcriada, tem resposta afiada pra tudo, igual à mãe.

Todos à mesa riram e eu ri também.

— Bom dia, coisas mais lindas e malcriadas da vida da mamãe — entrei falando e indo direto beijar minhas filhas.

Elas se assustaram, mas logo se agitaram ao me ver. Apesar de bastante levadas, eu não podia negar que minhas meninas eram muito carinhosas. Abracei e beijei as duas, depois fui até o Raphael, que estava sentado à mesa, e o beijei também.

— Bom dia, amor. Bom dia a todos.

Todos me cumprimentaram e eu me sentei ao lado do meu marido. Ajudei-o a arrumar um prato para as meninas e entregamos a elas para que comessem.

Depois do café da manhã, subi para colocar um biquíni nas meninas, pois todos íamos à praia. Quando cheguei no topo da escada, escutei as vozes de Inácio e Nina na sala, pareciam estar em uma discussão.

— Se você fosse pelada não ia chamar tanta atenção como está chamando com esse biquíni minúsculo — meu irmão reclamou carrancudo.

— Você vai superar, marido. Eu estou na praia, o sol está quente, e eu quero pegar uma marquinha — ela falou desafiando-o.

Eu continuei descendo as escadas, rindo. *Esses Esposito são todos iguais, só mudam de endereço.*

— A porra da Ilha está cheia de soldados, não quero nenhum desses filhos da puta babando em você. — meu irmão falou, já sem paciência.

— Inácio, o que mais tem nessa ilha é mulher para eles olharem. Todas as meninas vão usar biquíni e ninguém está reclamando.

— Eu aposto que nenhuma delas vai usar um biquíni tão minúsculo quanto o seu.

— Bom, então você que lute. Ah... e se reclamar muito eu faço *top less*.

— Nina, volta aqui — meu irmão gritou e as vozes foram sumindo. Cheguei ao último lance de escadas, rindo com as meninas, e vi que a casa estava totalmente vazia. Todos já estavam na praia, então saí e me juntei a eles.

Quando cheguei à areia, vi Inácio com Vincenzo no pescoço e ainda reclamando com Nina, que não parecia estar dando a mínima importância aos protestos do meu irmão.

Pietro estava na água com Noah, Romeu, Chase e Raphael.

Meu sogro, Bernardo, Romero e Enzo estavam em uma mesa ali perto tomando alguma bebida e as meninas estavam deitadas em cadeiras, umas ao lado das outras. Juntei-me a elas, passei mais uma camada de protetor solar nas minhas filhas e elas foram correndo para onde Julie estava fazendo castelos de areia com sua babá.

Sentei em uma cadeira ao lado da Amanda, e Nina logo se sentou ao meu lado.

— Meu irmão está atacado?

— Ele vai superar. Achei que depois que o Vincenzo nascesse, ele ficaria menos ciumento, no entanto nada mudou — ela falou, olhando meu irmão entrar na água com o filho pendurado no pescoço.

— Raphael também é muito ciumento, mas eu nem posso reclamar, eu também sou — comentei.

— Ah, eu também sou, inclusive estou quase fazendo ele tirar essa sunga branca que deixa ele delicioso e pauzudo. Só não vou mandar porque aqui só tem mulheres da família — Nina falou rindo e eu ri também. Ela era uma figura.

Passamos a manhã inteira na praia, os homens na água com as crianças a maioria do tempo e nós, mulheres, aproveitando para pegar um bronzado. Entramos em casa para almoçar e, depois de um tempinho, voltamos para a praia novamente. Foi um dia maravilhoso, e eu me senti uma garota normal, passando férias na praia com a família. *Isso é reconfortante.*

À noite, caminhei na praia com Nina e Mia, e foi gostoso sentir o cheirinho do mar e a textura da areia nos pés. Andamos e conversamos um pouco, mas não demoramos pois já era tarde.

Quando voltamos para a mansão, encontrei Raphael, Inácio e Romeu na sala, aparentemente os outros já tinham ido para seus quartos. Raphaela e Sophia estavam dormindo em cima do pai. Eu não sabia como ele ainda conseguia segurar as duas de uma vez no colo, pois elas estavam enormes, e eu já não conseguia mais há algum tempo. Tentei pegar Sophia para levar para a cama, mas ela se agarrou mais no pai e ameaçou chorar.

— Deixe elas dormirem mais pesado que eu as coloco na cama — Rapha falou e eu concordei.

— Tudo bem, vou tomar banho e te espero lá em cima.

Dei um beijo nas minhas filhas e subi.



Raphael

Entrei na suíte e Maria Eduarda estava na sacada olhando o mar. Ela era linda todos os dias, mas nesse momento estava estonteante. Ela tinha se bronzeado, estava com uma cor linda e seus olhos pareciam ainda mais verdes. As marquinhos, que eu lamperia mais tarde, estavam uma tentação naquele corpo escultural. Fui caminhando devagar e abracei-a por trás. Ela deu um pulo.

— Que susto, Raphael! Quer me matar?

— Desculpa — falei rindo.

Ela se assustava à toa e ficava irritada, eu adorava.

— Não tem graça!

— Tem sim — falei e dei um beijo no ombro dela.

Minha mulher colocou a cabeça para trás e encostou no meu ombro.

— Esse cheirinho de mar é maravilhoso.

— Prefiro o seu cheiro — sussurrei e esfreguei meu pau, já duro, na bunda dela.

Duda riu e virou de frente para mim, colocando os braços em volta do meu pescoço.

— As meninas já dormiram?

— Já sim, acabei de sair do quarto delas.

— E agora quais são os planos?

— Meu plano é você gemendo embaixo de mim.

— Mal posso esperar — ela respondeu e me beijou.

Instantes depois, minha mulher pulou no meu colo e entrelaçou braços e pernas ao meu redor.

Deitei-a na cama e me permiti admirá-la por alguns minutos. Nós estávamos casados há quase quatro anos e eu não me acostumava com sua beleza. *Ela é a própria deusa da beleza. Linda demais!*

Sem aguentar ficar mais um minuto sem colocar as mãos nela, subi na cama e beijei cada parte do seu corpo. Comecei pelas pernas, depois levantei a camisola e, devagar e torturando a nós dois, tirei sua calcinha. Subi minhas mãos por suas coxas, abri suas pernas e olhei para aquela boceta deliciosa. Senti o corpo dela se agitar em antecipação.

Porra, o tesão que eu sinto por Maria Eduarda é tão intenso, que quase me deixa sem ar.

Subi em direção à sua boca e a beijei. Eu precisava disso antes de tudo. Ela retribuiu o beijo, com nossas línguas fazendo uma dança gostosa, e nós nos agarrando, com fome um do outro.

Parei de beijá-la e olhei em seus olhos, cheios de tesão e ansiedade. Saindo devagar da cama, puxei o corpo dela para perto de mim, mais na beirada, e me ajoelhei entre suas pernas. Eu as abri até o limite e comecei a chupá-la devagar.

Maria Eduarda segurou no lençol da cama e gemeu com o meu toque. Eu senti seu corpo tremer, brinquei com seu clitóris, rodeei minha língua nele várias e várias vezes, enquanto ela arqueava a coluna e gemia enlouquecida.

Minha mulher já estava ensopada, escorrendo, então desci mais a boca e provei seu gosto delicioso. Ela segurou no meu cabelo e gemeu ainda mais, me deixando no limite da sanidade. Voltei minha língua para o seu clitóris e seu corpo tremeu novamente. Reconheci os movimentos involuntários e soube que ela ia gozar, então intensifiquei meus movimentos e ela enlouqueceu, seu corpo todo se contraiu e tremeu. Ela levantou parte do corpo, ainda segurando meu cabelo, e depois caiu novamente na cama, entorpecida.

Depois de sugar todo o seu gosto viciante, levantei e com cuidado arrastei seu corpo ainda mole para cima, até deitar sua cabeça no travesseiro. Ela abriu os olhos e praticamente implorou:

— Vem, Raphael, eu preciso de você agora!

Era impossível recusar, pois eu estava tão duro que doía. Ajoelhei-me na cama, entrei no meio de suas pernas, segurei meu pau pela base e o guiei até sua entrada quente e escorregadia.

Preparei-me para entrar, mas ela não esperou, abraçou minha cintura com as pernas e me puxou pela bunda, me fazendo entrar nela de uma vez só.

— Porra, Maria Eduarda...

Coloquei minhas duas mãos, uma de cada lado da cabeça dela, me apoiando para não soltar o peso e fechei os olhos. Enquanto eu a sentia me engolindo, nós gememos juntos na primeira estocada. Meu pau entrava até o fundo, de início lentamente. Logo fui ficando mais exigente, mais rápido, indo mais fundo e ela gemia enlouquecida de olhos fechados. Eu não conseguia fechar os meus, louco de tesão, com a imagem dela gemendo e tomando meu pau, isso era afrodisíaco para mim.

Meti tudo, fundo, várias vezes. Nossos corpos se chocavam sedentos e nossas peles grudavam. Eu metia fundo e me esfregava na boceta dela ao mesmo tempo, e ela me apertava com sua boceta quente e escorregadia. Em um movimento rápido, virei-a de bruços e entrei nela novamente, ela gritou e eu continuei metendo, lutando para não gozar.

Senti novamente ela se retesar, gemendo mais alto, totalmente alucinada, então parei de me conter e, quando ela começou a gozar, eu fui junto, explodindo com força, meus gemidos se misturando com os dela.

Quando nossas respirações estabilizaram, eu saí com cuidado de dentro dela e deitei ao seu lado, totalmente satisfeito. Duda colocou a cabeça no meu ombro, me abraçou com braços e pernas e suspirou. Depois, nos levantamos, tomamos banho juntos e voltamos para a cama.

Assim que deitamos, começou uma tempestade, com chuva muito forte, raios e trovões. Prevendo que as gêmeas acordariam, coloquei uma roupa e levantei.

— Você está indo ver as meninas? — Eduarda me perguntou, levantando também e pegando sua camisola.

— Sim, elas vão acordar em breve, assustadas.

— Eu sei, traz elas pra cá.

Assenti e saí do quarto em direção ao quarto das crianças. Quando entrei, vi que uma das babás tentava acalmar uma Raphaella já chorosa, e Sophia estava sentada na cama com os olhinhos arregalados.

A babá estava tão concentrada em acalmar minhas filhas, que nem me viu entrar e se assustou com a minha voz. Primeiro ela deu um pulo e arregalou os olhos, depois ficou vermelha quando me viu sem camisa. Senti vontade de rir, mas segurei.

— Pode deixar, Paola, eu vou levá-las para o meu quarto.

— Sim, senhor — ela respondeu, abaixou a cabeça e saiu para ver Julie, que também acordou assustada.

Aproximei-me das minhas filhas e sentei na cama delas, as duas vieram para cima de mim na mesma hora.

Julie começou a chorar e Noah acordou no mesmo instante. Eu queria acalmar minha sobrinha, mas Raphaella e Sophia estavam tão enroladas em mim, que eu mal conseguia respirar. Então, Noah fez seu papel de irmão mais velho, se levantou da cama e foi para perto da irmã.

— Calma, irmãzinha, eu te protejo, não chora — ele falou e abraçou a irmã, que, automaticamente, se acalmou um pouco.

Achei bonitinha pra caralho a atitude dele, pena que meu sobrinho ia crescer e perder toda sua inocência ao ser iniciado, mas enquanto não chegava o momento, meu irmão fazia questão de proporcionar ao Noah uma infância normal, na medida do possível.

Chase também acabou acordando e sentou na cama. Eu ri, porque a noite tinha acabado para os casais.

— Eu *que*lo a mama e o papa — Julie falou chorosa.

— Calma, o irmão tá aqui. — Noah continuou tentando acalmá-la, e ela deitou a cabecinha no ombro dele, mas continuou chorosa.

— Eu vou levar minhas filhas para dormir comigo e depois vou no quarto do meu irmão para chamá-lo — falei a Paola.

— Sim, senhor.

Olhei para Chase sentado na cama e perguntei:

— Você quer que eu chame sua mãe também, carinha?

Ele só balançou a cabeça afirmativamente.

Peguei Raphaela e Sophia no colo e saí. Levei-as para o meu quarto e coloquei-as na cama com a mãe.

— Aonde você vai? — Eduarda me perguntou.

— Vou chamar Pietro e Romeu, porque as crianças acordaram.

Maria Eduarda assentiu e eu fui no quarto do meu irmão e bati à porta, mas ninguém me atendeu. Bati novamente e, dessa vez, chamei:

— Pietro, sua filha está assustada com a chuva.

Como eu imaginei, no segundo seguinte, meu irmão abriu a porta do quarto, todo descabelado.

— Raphael, se você estiver mentindo...

— Claro que não, porra. Você acha que eu deixei minha mulher no meio da madrugada, sozinha, para vir aqui atrapalhar sua foda? Eu fui até o quarto das crianças para pegar as gêmeas, porque sei que elas têm medo de trovão, e a Julie acabou acordando assustada também. Em seguida, Noah e Chase também acordaram.

— Ela nunca teve medo de chuva.

— Deve ter se assustado com o choro da Raphaela. Noah ainda tentou acalmá-la, mas não surtiu muito efeito.

— O que está acontecendo? — Amanda perguntou preocupada, chegando atrás do meu irmão.

— Julie está chorando com medo da chuva. Eu vou lá ver, já volto — meu irmão falou à esposa e saiu do quarto.

— Vou chamar a Mia — avisei a ele e saí.

Quando cheguei no quarto da minha irmã, chamei por ela, mas quem me atendeu foi Romeu e, para meu desgosto, ele estava só de cueca.

— Vai colocar uma roupa, seu filho da puta.

— Eu estou no meu quarto, imbecil. Você bate na porta uma hora dessas e ainda quer ficar de exigência?! — ele falou rindo.

— Eu vim falar do seu filho.

— O que tem meu filho? — ele perguntou assustado.

Repeti a história e ele foi vestir um short para buscá-lo.

Voltei para o meu quarto rindo, porque a chuva tinha empatado a foda de todo mundo, menos a minha. Quando entrei no meu quarto, meu peito se encheu de paz.

Maria Eduarda estava dormindo no meio da cama, Raphaela de um lado e Sophia do outro, ambas praticamente em cima da mãe. Elas dormiam serenamente, sentindo a proteção da mãe. Eu poderia ficar ali para sempre, admirando minhas meninas em seu sono.

Andei até a cama e ri quando me dei conta de que elas não tinham deixado lugar para mim. Devagarinho, deitei e mal pude me mexer, até que Raphaela sentiu minha presença, virou para o meu lado e me abraçou com seus pequenos bracinhos. Eu abracei meu bebê de volta e em poucos minutos dormi satisfeito.



Acordei sentindo uma mãozinha no meu cabelo. Quando abri os olhos, vi que era Raphaela me fazendo um carinho.

— Bom dia, bebê — falei baixinho para não acordar Eduarda e Sophia.

— Bom dia, papa — ela respondeu baixinho também.

— Por que você já está acordada? — perguntei ainda sussurrando.

— Eu quero brincar.

— Já, filha? Você nem tomou café.

— Eu quero tomar café também.

— Certo, então vamos levantar.

Me espreguicei, saí devagar da cama, peguei Raphaela no colo e levei-a para o banheiro comigo. Ajudei-a a escovar os dentes e, quando saí do quarto, de mão dada com a minha filha, percebi que aquele dia não estava tão quente quanto os anteriores. Pelo visto, a chuva da noite anterior tornou o clima bem mais fresco.

e, provavelmente, o mar mais agitado. Quando cheguei à sala de jantar, meus pais, tio Enzo e tia Lili estavam à mesa tomando café da manhã.

— Bom dia — cumprimentei a todos.

Raphaela soltou minha mão, foi correndo abraçar os avós e meu pai a colocou no colo. Ocupei a cadeira ao lado do tio Enzo e tomamos nosso café da manhã enquanto o restante da casa ainda dormia.



Maria Eduarda e o restante do pessoal só acordaram mais tarde. Resolvemos levar as crianças à praia, mesmo que não fosse para tomar banho de mar, para eles brincarem na areia.

Minha mulher foi molhar os pés no mar e eu fiquei, da areia, admirando-a. Quem diria que aquela morena gostosa da boate, que conheci no dia do aniversário do Hugo, se tornaria minha esposa, mãe das minhas filhas e, acima de tudo, a mulher que eu amo com toda força do meu coração?

Ela continuava linda, é claro, mas eu passei a enxergar outro tipo de beleza nela. Tinha que reconhecer todos os dias a mulher maravilhosa que ela era, forte, decidida, obstinada, honesta, uma mãe incrível, dedicada, zelosa, e uma esposa amorosa e leal. Esse reconhecimento me deixava de joelhos por ela, cada dia amando mais e com uma certeza maior de que ela era a mulher da minha vida. *Eu a quero para sempre.*



Naquela mesma noite...

Estávamos deitados na cama, nus e saciados. Já era bem tarde, mas estávamos sem sono.

— Raphael, eu tenho uma pergunta — ela falou sem me olhar, com a cabeça deitada no meu peito.

— Você sempre tem muitas perguntas — falei beijando sua cabeça e rindo. — Pode falar.

— Se você quiser, um dia, por mim e pelas nossas filhas, você pode largar a máfia?

— Eu faria qualquer coisa por você e nossas filhas, eu até morreria, mas isso não é uma opção, porque a máfia não é uma escolha minha, é um estilo de vida e eu nasci nesse mundo — respondi, fazendo um carinho de leve no cabelo dela.

— Eu ainda sinto muito medo. Não posso te perder.

— Tira isso da cabeça, Maria Eduarda. Não vai acontecer, eu prometo.

— Aí é que está o problema, você não pode me prometer isso. Tem coisas que não estão totalmente sob nosso controle. Você anda sempre com uma arma na cintura, mas ela pode tanto te defender como tirar a sua vida. Eu vivo com medo.

— Não tenha medo. O amor que eu sinto por vocês me torna muito mais cauteloso, muito mais prudente, mas... Você tem razão, eu não posso te prometer isso, porém prometo que sempre vou evitar ao máximo colocar minha vida em risco e, quando for inevitável, vou dar tudo de mim para sempre voltar para vocês.

— Para o resto da minha vida, eu vou temer e rezar quando você sair de casa, e vou me encher de gratidão e amor quando você chegar.

— É bom ouvir isso, mas por que você está tão sensível assim?

— Porque eu te amo mais do que sou capaz de expressar em palavras. Você é meu amor, meu marido, meu melhor amigo e eu

confio e preciso de você, mais do que qualquer pessoa nessa vida. Agora, eu estou nua com você na cama, deitada em seu peito e com mais um bebê seu em meu ventre. Acho que isso tudo está me deixando mais sensível.

Porra... Meu coração na mesma hora disparou e eu sentei rapidamente na cama, tentando processar aquelas palavras.

— O que você disse? — perguntei a ela, sorrindo.

— Isso mesmo que você ouviu. Eu não sei se rio ou se choro, Raphael, mas eu estou grávida — Eduarda falou muito emocionada.

Eu não consegui falar mais nada. Levantei da cama em um pulo, puxei-a para ficar em pé também e a abracei com todo meu amor e cuidado. Eu ia ser pai novamente e, dessa vez, eu não cometeria o mesmo erro.

Eduarda e o nosso bebê iam sentir, a cada segundo do dia, o quanto eram amados por mim. Dessa vez eu ia ser melhor... o melhor pai e marido do mundo desde o primeiro momento.

FIM



Leitora compulsiva, escritora por amor.

Formada em Farmácia bioquímica, carioca, 38 anos, ama ler e estar mergulhada no universo literário.

Seu romance de estreia foi publicado online em uma plataforma digital no ano de 2018, conquistando milhares de leitores, o que culminou na realização do sonho de publicar seu livro em ebook na Amazon e a inspirou a escrever ainda mais. Atualmente, alcançou mais uma conquista que foi publicar a versão física dos dois primeiros livros da série Chefes da máfia, que podem ser adquiridos no site da autora.

Até o momento, possui mais 7 romances, e desses, 4 são spin-off de sua obra inicial.

Sua maior motivação como escritora é a satisfação de poder levar um pouco de alegria e leveza para o dia a dia de seus leitores.

Acompanhe a autora:

Wattpad: www.wattpad.com/user/AryNascimentoAutora

Instagram: www.instagram.com/arynascimento_autora

Site: www.arynascimento.com

